

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ (UFC)
FACULDADE DE EDUCAÇÃO (FACED)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO BRASILEIRA

LEVADOS POR ANJOS:
MODOS DE VIDA, EDUCAÇÃO E SEXUALIDADES JUVENIS

Alexandre Martins Joca

Prof^ª. Dr^ª. Celecina de Maria Veras Sales
(Orientadora)

FORTALEZA/2013

ALEXANDRE MARTINS JOCA

LEVADOS POR ANJOS:
MODOS DE VIDA, EDUCAÇÃO E SEXUALIDADES JUVENIS

Texto apresentado ao Curso de Doutorado em Educação Brasileira do Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará, como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em Educação Brasileira.

Orientadora: Prof^a. Dr^a Celecina de Maria Veras Sales.

FORTALEZA

2013

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca de Ciências Humanas

-
- J591 Joca, Alexandre Martins.
Levados por anjos : modos de vida, educação e sexualidades juvenis / Alexandre Martins Joca. – 2013.
351 f. : il. color., enc. ; 30 cm.
- Tese (doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Fortaleza, 2013.
Área de Concentração: Sociologia da Educação/Antropologia Educacional.
Orientação: Profa. Dra. Celecina de Maria Veras Sales.
Coorientação: Prof. Dr. Miguel Vale de Almeida.
- 1.Jovens – Comportamento sexual – Fortaleza(CE). 2.Identidade de gênero – Fortaleza(CE). 3.Vida urbana – Fortaleza(CE). 4.Espaços públicos – Aspectos sociais – Praça Portugal(Fortaleza,CE). 5.Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura. I. Título.

CDD 306.70835098131

ALEXANDRE MARTINS JOCA

LEVADOS POR ANJOS:

MODOS DE VIDA, EDUCAÇÃO E SEXUALIDADES JUVENIS

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira na Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Educação Brasileira.

Aprovada em: ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA:

Prof^a. Dr^a. Celecina de Maria Veras Sales – UFC – Orientadora

Prof^o. Dr. Miguel Vale de Almeida – ISCTE – Orientador (exterior)

Prof^a. Dr^a. Kelma Socorro Alves Lopes de Matos – UFC

Prof. Dr. Antonio Cristian Saraiva Paiva – UFC

Prof. Dr. Geovani Jacó de Freitas – UECE

*Aos anjos que cruz(ar)am os meus caminhos,
com quem nos seus também me faço.*

DEDICO.



AGRADECIMENTOS

Esta pesquisa fala de encontros, de amigos e amigas, de celebrações, de movimentos e de passagens, de relações e de situações, da busca de si e do outro, de contato e de corpo... Fala dos modos juvenis de se (re)fazer, de se (re)inventar e de dar significado a esse turbilhão de coisas. Durante os últimos quatro anos, também estive imerso nesses movimentos que não se fizeram solitários. Agradeço aqui àquele(a)s com quem os compartilhei:

Aos jovens da “*galera da PP e do DM*” que participaram desta pesquisa com os desprendimentos e despojamentos de quem não se priva do encontro com o outro. Por compartilharem comigo suas aventuras, tramas, histórias, trajetórias, suas formas existenciais. Foram eles que, ao longo do trabalho de campo, me guiaram pelos caminhos das ruas, das praças, a apontarem os rumos a serem tomados. Em especial, aos jovens do Jangurussu e à “*galera da DNA*”, pela confiança e disponibilidade para conversas formais e informais.

Aos Prof^{es}. Dr^{es}. Cristian Paiva, Geovani Freitas e Kelma Matos, pelas valiosas contribuições e pelo carinho nos encontros de qualificação e defesa da tese.

À Prof^a Dr^a Maria Nobre Damasceno, pelo acolhimento e carinho de sempre.

Ao Prof^o. Dr. Miguel Vale de Almeida, pelo acolhimento e atenção em terras lusitanas e pelas leituras dos textos e conversas ainda em fase inicial da escrita.

À Prof^a. Dr^a. Celecina de Maria Veras Sales (Celé), com quem, nos últimos oito anos, venho compartilhando saberes e afetos na academia e fora dela. Obrigado pela confiança e por ter, desde o início, acreditado que tudo ia dar certo. Que continuemos a nos encontrar.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo apoio financeiro.

Aos companheiros do GRAB, pelas lutas e aprendizados compartilhados.

Aos amigos Ana's (Klein e Robrigues), Ângelo, Adriano Caetano, Camila Castro, Cíntia (irmã), Chico (Chicão), Bruna, Dediane Souza (Dedi), Elzanir, Hirley Pinheiro, Irena,

Inambê, Jaqueline Bastos, Jerônimo, Kenned, Leonardo, Lídia (Marida), Lidiane, Matheus, Márgila, Mayara, Monalisa's (Soares e Dias), Marcos Paulo, Natália (Ioteada), Olavo, Paulim, Raulino (VGB), Rômulo Soares, Rodrigo (Digo), Simone, Tânia, Valdiran... anjos e demônios com quem compartilho, nos trânsitos pelas ruas da Cidade, os movimentos da vida.

Aos amigos Adilson (um presente lusobrasileiro), Bruno, à “maravilhosa Camila Raiza”, Prof. Gustavo (fogueteira), “*Menino Ricardo*” e Murilo Guimarães, pelos momentos inesquecíveis de zucas - “*Óh Pá!*” - e por me suportarem nos momentos de aflições iniciais desta escrita.

À Ednar Diniz, Dani (Bruxa) e Tarlanny, parCEiras, pelos momentos de descontração entre cafés, cigarros, bombons, bolachas, relatórios e viagens. Espero nos reencontrarmos por aí.

À Ana Klein, Dayane, Dani, Verônica, Isabella, Marina, Rafaela, Rodrigo, Rosilea Wille e, “*pero si pero no*”, ao “camarada” Carlos Santander, pelo agradável e prazeroso convívio no Ministério da Educação. Saudades muitas de vocês.

A Camila Castro (Bruxa também), F^{co}. Roberto, “*Menino Ricardo*” e Monalisa Soares (irmã), interlocutores e leitores iniciais desta tese, que me acompanharam, mesmo que em alguns momentos à distância, durante todo o percurso da pesquisa, nas praças, nas conversas, pelo “facebook”, nos cafés e esplanadas, nos aeroportos, nas estradas, nas viagens pelo mundo e interiores do Ceará, mas também, entre um brinde e outro, nas mesas dos bares. Agradeço a escuta, as leituras, as sugestões e a força para seguir em frente.

À minha família pelo apoio incondicional, mesmo que, por vezes, em silêncio. Em especial à Dona Socorro e Doris (mães), por tudo.

Ao F^{co}. Roberto, companheiro em todas as horas e situações. Que o “*oi estranho*” esteja sempre presente para que possamos nos (re)encontrar nesses estranhamentos.

Ao Luís Palahano Loiola (*in memoriam*), de quem o tempo não me tira as boas lembranças e quem, em muitos momentos deste trabalho, esteve presente, pois foi com ele que descobri esta cidade, os prazeres da rua e a importância de compartilharmos e comemorarmos a vida. Sempre que me encho de felicidade, te sinto próximo, te (re)encontro. Brindemos.

*Por tanto amor
Por tanta emoção
A vida me fez assim
Doce ou atroz
Manso ou feroz
Eu caçador de mim.*

*Preso a canções
Entregue a paixões
Que nunca tiveram fim
Vou me encontrar
Longe do meu lugar
Eu, caçador de mim.*

*Nada a temer senão o correr da luta
Nada a fazer senão esquecer o medo
Abrir o peito a força, numa procura
Fugir às armadilhas da mata escura.*

*Longe se vai
Sonhando demais
Mas onde se chega assim
Vou descobrir
O que me faz sentir
Eu, caçador de mim.*

Caçador de Mim (Milton Nascimento)

Resumo

Esta pesquisa objetiva conhecer os percursos e interações juvenis em Fortaleza/CE, a partir das experiências de ocupações de espaços públicos, procurando compreender como essas sociabilidades mobilizam-se por marcadores (dispositivos) de gênero e sexualidades. Investiga as interações vividas pelos jovens frequentadores do Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura e/ou da Praça Portugal, no período de julho/2011 a abril/2012. Os métodos, técnicas e instrumentos de investigação estão amparados por estudos da etnografia urbana e foram realizados por meio de observação participante, grupos de discussão e entrevistas individuais, diário de campo e registro fotográfico, contando com a colaboração de um grupo de referência composto de 26 jovens interlocutores. O resultado da pesquisa aponta que as relações juvenis entre pares, longe do alcance institucional, lançam pistas de como os jovens negociam e mobilizam saberes e práticas sobre sexualidades. Os circuitos e as culturas juvenis pela (e na) Cidade revelam os modos como articulam relações afetivo/sexuais em negociações com os demais processos de identificações e modos de vida juvenis. Os “tempos de misturas”, sob uma diversidade de estilos e orientações sexuais, mobilizam-se, especialmente, tomando como referência a produção de estéticas e/ou perfórmanes corporais, demarcadoras de aproximações e distanciamentos nas relações afetivo/sexuais. Estão situados em um campo de tensões paradoxais no qual, apesar de subverterem normas hegemônicas de gênero e orientação sexual, ainda elaboram dinâmicas de interações respaldadas por dispositivos heteronormativos. A sociabilidade e grupalidade juvenil se mostram diversas, empreendidas pela busca de semelhanças, mas também por significativas diferenças juvenis, mostrando-se eminentemente educativos. Dessa forma, considera-se que a relação experiência/educação ajuda a entender os conflitos e tensões contemporâneas sobre a educação sexual da juventude e desvenda, os processos educativos empreendidos pelos jovens a partir de suas experiências e experimentações na vida cidadina. Assim, os modos de vida e sexualidades se complementam, e moldam-se num jogo afetivo/sexual marcado pela multiplicidade de identificações juvenis em meio a descobertas, escolhas e experimentações de prazeres e desejos tão fluidos e instáveis quanto o espaço/tempo da sociabilidade da rua.

Palavras-chaves: juventudes; sexualidades; educação; cidade; modos de vida.

Abstract

This research aims to know the youngsters' paths and interactions in Fortaleza-CE, from the public spaces occupation experiences, searching to comprehend how these sociabilities are moved by gender devices and sexualities. It investigates the interactions lived by the youngsters *Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura e/ou da Praça Portugal* regulars, during July/2011 and April/2012. The methods, techniques and investigation instruments are based on urban ethnography studies and were done by participating observation, discussion groups and individual interviews, field journal and photographic record, counting on the collaboration of a reference group of 26 young interlocutors. The research's result points that the juvenile relationships, between pairs, far from the institutional reach, indicate how the youngs negotiate and mobilize knowledges and practices about sexualities. The youngs' circuits and cultures by (and in the) city reveal how they articulate their sexual/affective relations. The "mixing times", under a sexual orientation and styles diversity, mobilize, specially, referring to an esthetics production and/or corporal performances, which delimit approaches and distances in their sexual/affective relationships. They are situated in a paradoxal tensions field, in which, despite of subverting hegemonic gender norms and sexual orientation, there are still an interaction dynamics based on heteronormatives devices. The juvenile sociability and grupality are multiple, undertaken by the search of similarities, but also of significant juvenile differences, being mostly educatives. That way, it is considered that the relation experience/education helps to comprehend the contemporary tensions and conflicts about the youngs' sexual education and shows the educative process undertaken by the youngters from their experiences and experimentations in the city's life. So, the life ways and sexualities are complemented and forged to an affective/sexual game, marked by the multiplicity of juvenile investigations between choices and pleasures experimentations; such fluid and unstable desires as the street's sociability time/space

Keywords: youth, sexualities, education, city, ways of living.

Résumé

Cette recherche vise à étudier les voies et les interactions des jeunes à Fortaleza / CE, basées sur les expériences des occupations des espaces publics, en essayant de comprendre comment ces sociabilités se mobilisent pour les marqueurs (appareils) des sexes et des sexualités. Les interactions vécues par les jeunes participant à la Dragao do Mar Centre d'Art et de la Culture et / ou carrées Portugal, de Juillet/2011 à Avril/2012 sont étudiées. Les méthodes, techniques et outils de recherche sont soutenus par des études d'ethnographie urbaine et ont été réalisées par le biais de l'observation participante, des groupes de discussion et des entretiens individuels, carnet de terrain et enregistrement photographique, avec la collaboration d'un groupe de référence composé de 26 jeunes interlocuteurs. Le résultat de la recherche montre que la relation entre deux jeunes, hors de la portée institutionnelle, démontre la façon dont les jeunes négocient et mobilisent les connaissances et pratiques concernant la sexualité. Circuits et cultures de la jeunesse par (et dans) la ville révèlent leur façons d'articuler les relations affectives / sexuelles en négociation avec les autres processus d'identification et de modes de vie des mineurs. Les «périodes de mélanges" sous une variété de styles et d'orientations sexuelles, elles se mobilisent, notamment, en référence à la production de spectacles esthétiques et / ou performances corporales, qui marquent les similitudes et les différences dans leurs relations affectives / sexuelles. Ils sont situés dans un champ de tensions dans lequel, bien que les normes hégémoniques de genre et l'orientation sexuelle soient subverties, il y a encore l'élaboration des interactions dynamiques, basées en dispositifs hétéronormatives. La socialité et la vie en groupe de la jeunesse sont plusieurs, entrepris par la recherche de similitudes mais aussi des différences juvéniles importantes, en se montrant plutôt éducatives. De cette façon, c'est considéré que la relation expérience/ éducation aide à comprendre les conflits et les tensions de l'éducation sexuelle contemporaine de la jeunesse et découvre les processus éducatifs menés par les jeunes à partir de leurs expériences et des expériences dans la vie en ville. Ainsi, les modes de vie et la sexualité sont complémentaires, et s'expriment dans un jeu affectif / sexuel marqué par la multiplicité des jeunes des identifications parmi les découvertes, les choix et les épreuves de plaisirs et désirs si fluides et instables comme l'espace / temps de la sociabilité en rue.

Mots-clés: Jeunes, Sexualités, Éducation, Ville, Modes de vie.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	15
2	ENTRE ANJOS: UMA ETNOGRAFIA SOBRE JUVENTUDES E SEXUALIDADES NA PESQUISA EM EDUCAÇÃO	38
2.1	O(s) Ponto(s) de Partida	39
2.1.1	Identificações de um Jovem Pesquisador com o objeto estudado	40
2.2	Etnografando Modos de Vida e Sexualidades Juvenis na Cidade	43
2.2.1	A Inserção no Campo: A etnografia como possibilidade de (re)construção coletiva dos caminhos da pesquisa	48
2.2.2	O Cotidiano nas Praças: Um caminho traçado por múltiplos atalhos	65
2.2.3	O itinerário da Cidade dos Anjos para além das Praças	76
2.2.4	Os Anjos Interlocutores: escolhendo e/ou sendo escolhido	78
2.2.5	Discursos e Narrativas Juvenis em Entrevistas e Grupos de Discussão	80
3	DA CIDADE DOS ANJOS AOS ANJOS DA CIDADE: PERCURSOS E INTERAÇÕES JUVENIS EM FORTALEZA	88
3.1	A Cidade dos Anjos: A mistura da cidade na cidade que se mistura	91
3.1.1	A Praça Portugal: Resistências e (Re)significações Juvenis	98
3.1.2	O Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura: E por falar em liberdades... os espetáculos juvenis	116
3.2	Os Anjos da Cidade: Trânsitos e interações juvenis em Fortaleza	129
3.2.1	Passos Livres pela Cidade: A Jovem Tittiz	133
3.2.2	Na Sintonia do Rock: O Jovem Tchuco	138
3.2.3	Fazendo e Usando “ <i>o que der na telha</i> ”: O Jovem Hirley	144
3.2.4	De “ <i>menino de mamãe</i> ” ao “ <i>estiloso From UK</i> ”: O Jovem Beto	147
3.2.5	Estranhamentos e conflitos sobre o “ <i>fazer nada</i> ”: A Jovem Ana	151
3.2.6	Da arte circense ao mundo underground do rock: O Jovem Digo	157
3.2.7	De “ <i>panelinha</i> ” em “ <i>panelinha</i> ”, o “ <i>Dono da Praça</i> ”: O Jovem De Menor	162
3.2.8	Sem Medo do Demônio: O Jovem Ângelo	168
3.3	Cartografia de Circuitos Juvenis por Mapas Socioafetivos	172

4	ANJOS DE SI: ESTILOS E GRUPALIDADES JUVENIS EM “TEMPOS DE MISTURAS”	185
4.1	“Espelho, espelho meu...”: Imagens e narrativas juvenis	198
4.2	Estilos Juvenis: Estética e Performances identitárias	203
4.2.1	Os Estilos Juvenis sob (In)Compreensões Conceituais e Empíricas	223
4.2.2	Marcas que se Desmarcam: estilos, sexualidades e estética corporal juvenil	226
4.3	Grupaldades Juvenis: Aproximações e Distanciamentos em “Tempos de Misturas”	229
4.3.1	Entre Anjos e Demônios: A “Galera da DNA”	239
4.3.2	Do Jangurussu à Aldeota: Cruzando e (re)descobrimdo a(s) cidade(s)	253
5	O “SEXO” DOS ANJOS	256
5.1	Masculinidades, Orientações Sexuais e Relações Afetivo/Sexuais entre Garotos	263
5.1.1	O que separa o “Boy bafom do skate” das “bichas pintosas”?	264
5.1.2	Quando o “boyzinho” vira “emo”	269
5.1.3	O “fica” do Roqueiro/Punk Gay com o “boy Hetero”.	273
5.1.4	Do “homem” à “Bicha Pintosa”: Masculinidades, Estética e Performatividade corporal	277
5.2	Em Trânsitos: Experiências e identificações afetivo/sexuais de garotas	283
5.2.1	Os percursos afetivo/sexuais: De “hetero” à “sapatona”	284
5.2.2	Refazendo Percursos: Três caminhos entre multiplas possibilidades	286
5.3	Entre Meninos e Meninas: Trânsitos afetivo/sexuais em descobertas e experimentações juvenis	287
5.3.1	A paquera e o trânsito de beijo em beijo...	289
5.3.2	O encontro da lésbica com o “homem de verdade”	291
5.3.3	A onda de “ficar” com a “Sapatão”	292
5.3.4	A “modinha” da bissexualidade feminina	293
5.3.5	Quando o “machão” vira gay	295
5.4	Sexualidades Anunciadas: Expressões afetivo/sexuais em blusas e placas	296
5.4.1	“Disponível” versus “Ausente”	297
5.4.2	Ela é o cara	298
5.4.3	“Sorry Girls, I suck Dicks”	298

5.4.4	⇐ Ele é Gay ⇒	298
5.4.5	I'm not emo	299
5.5	A Formação Sexual da Juventude Rompendo Silêncios e Fronteiras	300
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	307
	REFERÊNCIAS	318
	APÊNDICE A - Cidade e os Anjos em imagens etnográficas	327
	APÊNDICE B - “O Grande Encontro”: O SANA Fest em imagens notas etnográficas	335
	APÊNDICE C - O SANA em Imagens Etnográficas	344

LISTA DE SIGLAS

CDS	Coordenadoria da Diversidade Sexual
CDMAC	Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura
CUCA	Centro Urbano de Cultura, Arte, Ciência e Esporte
DM	Dragão do Mar
DST	Doenças Sexualmente Transmissíveis
GLS	Gays, Lésbicas e Simpatizantes
GRAB	Grupo de Resistência Asa Branca
PMF	Prefeitura Municipal de Fortaleza
PI	Praia de Iracema
PN	Praça do North Shopping
PV	Praça Verde
PP	Praça Portugal
PV do DM	Praça Verde do Dragão do Mar
LGBT	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 – Jovens nos degraus e gramados da PV do DM	38
Figura 02 – Casal de Jovem na galeria da PV do DM	44
Figura 03 – Jovens garotos na galeria da PV do DM	51
Figura 04 – Jovem transitando pela Galeria Pedro Jorge	76
Figura 05 – Vista Panorâmica de Fortaleza da Galeria Pedro Jorge	78
Figura 06 – Jovens garotas na galeria da PV do DM	85
Figura 07 – Jovens na Praça Portugal (PP)	88
Figura 08 – Planta de Situação do CDMAC	117
Figura 09 – Jovens nos degraus da PV do DM	119
Figura 10 – Mapa sócio-afetivo dos Percursos Juvenis de Tittiz	136
Figura 11 – Mapa sócio-afetivo dos Percursos Juvenis de Thuco	140
Figura 12 – Mapa sócio-afetivo dos Percursos Juvenis de Hirley	146
Figura 13 – Mapa sócio-afetivo dos Percursos Juvenis de Beto	149
Figura 14 – Mapa sócio-afetivo dos Percursos Juvenis de Ana	156
Figura 15 – Mapa sócio-afetivo dos Percursos Juvenis de Digo	161
Figura 16 – Mapa sócio-afetivo dos Percursos Juvenis de De Menor	167
Figura 17 – Mapa sócio-afetivo dos Percursos Juvenis de Angelo	171
Figura 18 – Territórios de Interações Juvenis em Fortaleza	175
Figura 19 – Bairros e cidades metropolitanas onde moram os jovens pesquisados	176
Figura 20 – Mapa dos bairros onde moram jovens freqüentadores da Praça Portugal	177
Figura 21 – Grupos de jovens na Praça Portugal (PP)	185
Figura 22 – Grupo de Jovens dançarinos de <i>Free Step</i> na PV do DM	216
Figura 23 – Jovens <i>Bboys</i> na Arena do DM	217
Figura 24 – Jovem <i>Otaku</i> na Arena do DM	219
Figura 25 – Jovens da Galera da DNA na PP	240
Figura 26 – Jovens do Jangurussu com amigos na PP	253
Figura 27 – Casal de jovens garotos namorando na galeria da PV do DM	256
Figura 28 – Jovem Skatista na PP	265
Figura 29 – Grupos de Jovens <i>Gays</i> na PP	267
Figura 30 – Jovens sentados na PV do DM	288

INTRODUÇÃO

Praça Portugal (PP). São 20h30min. Há mais de 100 jovens na praça, que voltou à movimentação de meses atrás, com uma diferença: uma quantidade menor de jovens. Eles parecem não se incomodar com isso. Encontrei Tânia (16 anos) e Kenedy (17 anos), que estavam com outros garotos e, dessa vez, sem a “galera da DNA”, como era de costume. Estavam, também, em outro local, embaixo das carnaubeiras, sentados em círculo no gramado. Enquanto Kenedy (17 anos) organizava a compra de cachaça, “*as intera*”, com a qual fui intimado a colaborar novamente, Tânia (16 anos) sentou em um banco próximo e ficamos a conversar. Ela, como sempre, muito falante, contava-me que agora estão noivos, mostrando a aliança com orgulho. [...] Falou que o pessoal está deixando de ir pro Dragão do Mar (DM): “*Só tem pirangueiro lá agora!*”. Pergunto sobre o roteiro da noite e ela responde: “*Agora é: PP, Fafi, PI (Praia de Iracema) e depois véi... já de manhã, quanto todo mundo já tá cansado, é ir pra casa... levados pelos anjos*” (Diário de Campo, 21 de abril de 2012).

Os anjos são personagens emblemáticos do imaginário religioso cristão. Demarcam fronteiras dualistas entre o bem e o mal, o céu e o inferno. Na leitura católica, dividem-se entre os anjos da guarda e os anjos decaídos, binarismo conhecido popularmente por “anjos” e “demônios”¹. “*Levados por anjos*” parece-me a expressão que melhor sintetiza, metaforicamente, os percursos e as interações juvenis pesquisados. Remete-nos a construções socioculturais de estigmas atribuídos aos modos de vida juvenis não convencionais e, de uma maneira genérica, a imaginários simbólicos – também socialmente construídos – acerca das categorias de análise principais dessa pesquisa: juventudes e sexualidades.

A nota etnográfica inicial desta introdução data o último dia da pesquisa de campo que dá vida a este trabalho científico desenvolvido no âmbito do Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira da Universidade Federal do Ceará (UFC)². ***Levados por Anjos: Modos de vida, educação e sexualidades juvenis*** objetiva conhecer os percursos e interações juvenis em Fortaleza, a partir das experiências de ocupações de espaços públicos, procurando compreender como essas interações são mobilizadas ou mobilizam-se por marcadores (dispositivos) de gênero e sexualidades.

Entendendo essas interações como processos educativos, o estudo insere-se no âmbito da problemática sobre a formação sexual da juventude e seus mecanismos de

¹ Segundo o catolicismo, os anjos são espíritos incorpóreos e imortais que possuem conhecimentos e poderes limitados. As religiões baseadas na Bíblia, como o judaísmo, o cristianismo e o islamismo, creem que Deus os teria criado para adorá-lo. No entanto, alguns, liderados por Satanás, se rebelaram contra uma vida de submissão e foram expulsos do céu. Esses anjos maus foram mandados para o inferno e são conhecidos como demônios.

² No Programa de Pós-graduação da Faculdade de Educação (FACED/UFC), estive entre 2006 e 2013 integrado à Linha de Pesquisa “Movimentos Sociais, Educação Popular e Escola”, no Eixo Temático “Educação ambiental, juventude, arte e espiritualidade” sob a orientação da Prof^a Dr^a Celecina de Maria Veras Sales.

apreensão de saberes sobre gênero e sexualidade. Apesar dos significativos avanços no campo da sexualidade, as instituições formadoras da juventude – família, escola, igreja – continuam empreendendo mecanismos pedagógicos/institucionais - “pedagogias da sexualidade”³ (LOURO, 2001) - que reforçam padrões hegemônicos heterossexistas, negligenciando outras possibilidades de viver a sexualidade. Interpela-se, aqui, como essa formação se dá para além daqueles espaços tradicionais. Como, na sociabilidade entre pares, os jovens mobilizam práticas afetivo/sexuais e vivenciam experiências e experimentações de apreensão da sexualidade nos espaços públicos da Cidade?

A pesquisa de campo foi realizada na Praça Portugal e no Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura (CDMAC), considerados espaços de interações juvenis na Cidade. A inserção no campo foi marcada pelo confronto entre as questões pré-projetadas e aquelas instigadas pela sociabilidade juvenil estudada. A “mistura” de “tribos”, de grupos juvenis diversos, que caracterizam essas interações, trouxe para a pesquisa a necessidade de uma abordagem sobre os modos como estilos e orientações sexuais são acionados e acionam mecanismos de sociabilidades juvenis.

Tomando os estilos e as sexualidades como eixos de análise dos modos de vida juvenil, algumas questões norteiam esta pesquisa: Os modos de vida dos/as jovens seriam as formas, as maneiras, os agenciamentos (materiais e simbólicos) e os caminhos pelos quais os/as jovens anunciam sua(s) existência(s) e, conseqüentemente, vivenciam e (re)significam saberes e valores sobre a sexualidade? Como estilos e sexualidades juvenis são mobilizados nesse jogo marcado pela fluidez das sociabilidades juvenis na Cidade? Os modos de vida do(a)s jovens seriam um campo permeado de possibilidades experienciais com potenciais educativos? No processo de movimentos e identificações entre estilos e grupos juvenis, como suas interações mobilizam-se por marcadores de gênero e sexualidade? Como as questões de

³ A expressão “pedagogias da sexualidade” é utilizada por Louro (2001) ao referir-se, especialmente, às estratégias reguladoras da sexualidade empreendidas nas instâncias sociais (família, escola, mídia, igreja, lei). Em “*O Corpo Educado: pedagogias da sexualidade*”, sua análise, apesar de centrada nas práticas escolares de disciplinamento dos corpos e na produção de sujeitos femininos e masculinos, a autora defende o argumento de que todas essas instâncias realizam uma pedagogia da sexualidade. No entanto, afirma que “na construção de mulheres e homens, ainda que nem sempre de forma evidente e consciente, há um investimento continuado e produtivo dos próprios sujeitos na determinação de suas formas de ser ou ‘jeitos de viver’ sua sexualidade e seu gênero” (p. 25-26). Entendo que, ao reconhecer esses “investimentos” individuais ou coletivos - que podem se fazer (ou não), em certa medida, à revelia das normatizações sociais, ou seja, das “pedagogias da sexualidade” hegemônicas e institucionais, Louro (2001) anuncia a existência de “pedagogias da sexualidade” que se constroem nas margens, nos espaços/tempos onde o poder regulador daquelas instituições são coagidos (ou desafiados) pelo desejo de viver e experienciar outras “formas de ser” mulheres e homens. Quando evidencio o potencial educativo das experiências juvenis entre pares na Cidade, parto, também, do reconhecimento de que nelas (ou por meio delas) se constituem “pedagogias de sexualidade”. Retomo essas questões no capítulo V desse estudo.

gênero e sexualidade traçam contornos às múltiplas identificações juvenis? Como as (re)significam e como por elas são (re)significadas?

Os sujeitos da pesquisa são Jovens Roqueiros/as, Punks, Skatistas, Emos, Dançarino(a)s de Free Step, Bboys, Otakus, “*Coloridos*”, “*Piranguinhos*”, “*Comuns*” ou “*Normais*”⁴ que protagonizam as interações juvenis apresentadas, independente de gênero, da orientação sexual ou do estilo. Entendi que somente assim seria possível compreender os modos como essa “*mistura*” se faz em meio a uma diversidade de identidades e identificações juvenis. Assim, optei por não centralizar a pesquisa em um estilo específico, tampouco por orientação sexual. Entendi ser necessário adentrar a “*mistura*”, transitar por uma diversidade de olhares juvenis, tentar compreendê-la por diferentes focos, seja por aqueles que a fazem pelos ritmos e danças (*break, free step, rock*) seja pelos que tomam simplesmente a estética e/ou a orientação sexual como campos demarcatórios de suas identificações.

O encontro com os jovens participantes da pesquisa ocorreu em 2011 e, no decorrer dos oito meses frequentando as praças, fui, aos poucos, estreitando laços, de modo que um grupo de referência foi constituído por oito jovens. Eram aqueles que se mostravam mais disponíveis e que, de alguma maneira, apresentavam questões pertinentes à investigação. Não procurei entre eles pontos de convergência, pelo contrário, buscava suas singularidades, suas formas específicas de olhar e viver entre diferenças e semelhanças juvenis. Com eles, realizei entrevistas individuais e os acompanhei com maior proximidade e por um período mais longo. Tomando a importância da grupalidade juvenil no processo de interações na rua, realizei três grupos de discussão, nos quais dois tiveram a grupalidade como referência: a “*galera da DNA*” e os “*jovens do Jangurussu*”.

A fluidez, o trânsito juvenil entre estilos e práticas afetivo/sexuais, se mostrava inicialmente como um desafio. A diversidade de modos e de referenciais de interações afetivo/sexuais parecia confundir-me, escapar-me às mãos. Talvez porque buscasse, a princípio, pontos de convergência, similaridades. Aos poucos, tornava-se perceptível que são sociabilidades e interações que não se fazem por homogeneidades, mas por saberes e fazeres díspares. Atribuo isso à dimensão da mobilidade, do movimento, do trânsito, da busca, da experiência que se faz no coletivo, mas individualmente, de maneiras singulares.

A relação experiência/educação, ou seja, o entendimento de educação para além da formalidade pedagógica das instituições educacionais em nossa sociedade, também nos ajuda a entender os conflitos e tensões contemporâneas sobre a educação sexual juvenil.

⁴ Trago entre aspas e em itálico as categorias êmicas surgidas no trabalho de campo. No Capítulo 4, entre as páginas 206 e 223, faço uma breve apresentação desses estilos juvenis.

Desvenda, ainda, os processos educativos empreendidos pelos jovens a partir de suas experiências e experimentações que se fazem também no âmbito das instituições formadoras, mas se estendem, sobretudo, à vida na rua, nas praças, na Cidade, à vida cotidiana.

Se os anjos, na visão da jovem Tânia (16 anos), assumem o papel de protetores – guardiões – durante o itinerário juvenil de retorno ao lar, no amanhecer fortalezense, por diversas vezes, nesta pesquisa, os demônios foram mencionados na descrição dos modos de vida juvenis e suas interações entre pares vividas nas noites da capital da “*terra do sol*”⁵. “*Se eu vou pra PP, dizem que eu sou gay! Se eu tô na PP, dizem que eu sou do demônio!*”, diz o jovem Ângelo (19 anos), um dos colaboradores deste trabalho⁶.

O estigma de “demoníaco” atribuído aos jovens pesquisados, por quem com eles interage em determinadas situações, decorre tanto da construção sociocultural sobre seus modos de vida (associados às múltiplas identificações: estilos musicais, indumentárias, ideologias e práticas consideradas pelos marcos legais normativos como ilícitas) quanto das suas práticas afetivo/sexuais vividas nos espaços de interações juvenis investigados, ou melhor, a suposta “liberdade” de expressões da sexualidade que se fazem à margem dos ornamentos esperados e desejados socialmente. Falar de sexualidade, nos lembra Paiva (2011, p. 93), ainda “é apontar para a divergência entre o que se é esperado do sujeito e as produções desejantes que se processam em seu ser, o desconhecimento radical do sujeito em relação à sua própria subjetividade, ao seu próprio desejo”.

O conceito analítico de “modos de vida” será utilizado como um “fio condutor para a análise das práticas sociais, a construção simultânea e articulada de relações sociais, das representações e do campo simbólico” (LOBO, 1992, p. 14), nos ajuda a compreender as relações entre as experiências cotidianas juvenis nos espaços públicos da Cidade (micro) e as estruturas sociais hegemônicas (macro) determinantes das relações de gênero e sexualidades. Além da dimensão da vida cotidiana, “difícilmente a análise dos ‘modos de vida’ pode ignorar a hierarquia das redes de poder que estabelecem relações entre as diferentes “esferas” do social” (GUERRA, 1993, p. 64).⁷

Se, por parte da sociedade brasileira, os modos de vida juvenis não convencionais

⁵ Perífrase atribuída ao estado do Ceará em virtude do clima tropical. A expressão, que inicia o primeiro verso do Hino do Estado, é bastante utilizada, também, no âmbito da especulação turística.

⁶ Chamo de colaboradores os oito jovens que participaram das entrevistas individuais e os dezoito que formaram os três grupos de discussão. Para identificá-los, resguardando suas identidades, opto por utilizar codinomes seguidos da idade.

⁷ Guerra (1993) destaca que a proposta das análises dos modos de vida tem a pretensão de conciliar três níveis analíticos: o sistema e os atores, a História e o cotidiano, o objetivo e o subjetivo na percepção do real. Cf: “*Modos de Vida: Novos percursos e novos conceitos*”.

– estilos juvenis que rompem com os padrões estéticos e com práticas sociais hegemônicas – e a vivência da diversidade de orientação sexual ainda são entendidos como pertencentes a um submundo, uma subcultura, hierarquicamente desprivilegiada ou marginalizada, para os jovens colaboradores desta pesquisa são maneiras distintivas contemporâneas das expressões existenciais juvenis do século XXI.

O olhar para esses jovens e seus modos de vida como “*coisas do demônio*” em confronto com a perspectiva de “modernidade” atribuída nos adjetivos de “*descolados*”, “*moderninhos*”, “*transados*”, “*cabeças*” exemplifica os conflitos e os paradoxos vividos na contemporaneidade em torno dos modos de vida juvenis e a vivência de orientações sexuais diversas para além da norma heteronormativa. Confrontos emergentes no contexto sociocultural do espaço/tempo desta pesquisa, mas que envolvem dimensões históricas e singulares da sociedade brasileira, importantes para o avanço das discussões sobre a sexualidade juvenil e seus processos educativos vividos entre pares (para além das instituições formais), temática marcada ainda por uma lacuna nos estudos das Pós-graduações em Educação Brasileira. Isto atribui a este estudo, portanto, singular relevância social e científica.

No Brasil, a pesquisa em educação sobre juventudes e sexualidades vem caminhando/transitando inevitavelmente sobre três campos de estudos: a sociologia de educação, a sociologia de juventude e os estudos sobre sexualidade. No caso dos estudos sobre sexualidade juvenil, são campos simultaneamente conectados por um pressuposto de base que, segundo Sposito (2010, p. 101):

[...] reside na idéia de um domínio teórico – a Sociologia – que tenta compreender como ocorrem os (des)encontros, conflitos e tensões em torno das relações de indivíduos ou grupos com o mundo social a partir de alguns protagonistas privilegiados, os jovens.

A autora propõe a articulação das interfaces dos campos da sociologia de educação e da sociologia de juventude a partir da retomada de orientações teórico-metodológicas pautadas na historicidade e totalidade da realidade brasileira. Considera tais pressupostos como interfaces entre esses campos de pesquisa, por estarem, ambos,

[...] voltados para a compreensão das singularidades que constituem os jovens, sem deixar de levar em consideração o registro simultâneo dos processos globais do desenvolvimento capitalista contemporâneo, os denominados tempos da globalização. (SPOSITO, 2010, p. 101).

Dessa maneira, estabeleceria, assim, um diálogo direto com os temas “clássicos da sociologia”, o que para Sposito (2010) constitui-se, ainda, como um desafio ao campo de estudos sobre juventude.

A sociologia da educação no Brasil teve como campo de atenção primordial os estudos sobre a instituição escolar e os processos de socialização vividos em seu ambiente, com ênfase “nos processos de desigualdades escolares, embora [...] pudesse recobrir um campo extremamente vasto, para além da forma escolar” (SPOSITO, 2012, p. 397). Nesse contexto, o aluno não aparecia como objeto de investigação nos estudos sobre a escola, o que veio a ocorrer a partir do processo de democratização do País, fruto da intensificação do debate sobre a importância da educação escolar.

Assim, em torno da investigação da condição do aluno e múltiplos agenciamentos que constituem na contemporaneidade o seu processo de socialização escolar, são retomadas algumas investigações em torno da juventude no Brasil, sobretudo na área da educação. (SPOSITO, 2012, p. 398).

No âmbito dos estudos sobre sexualidade juvenil, a incipiente literatura desenvolvida no campo da educação brasileira demonstra o quão complexa tem sido a produção científica sobre a sexualidade juvenil em interface com a educação, se considerarmos as diversas possibilidades de cruzamentos dessas categorias. Vale lembrar que, apenas nos últimos 10 anos tem-se realizado esforços para apreender os elementos implicados nos processos educacionais de formação da juventude com foco nas temáticas de gênero e diversidade de orientação sexual⁸. Em levantamento realizado sobre estudos e pesquisas desses temas no Brasil⁹, constatei que a produção científica de conhecimento sobre a formação da juventude e suas implicações com a diversidade de orientação sexual na educação dedica-se quase que exclusivamente ao processo ensino-aprendizagem desenvolvido nos espaços escolares.

⁸ Em: “*O Estado da Arte sobre Juventude na pós-graduação brasileira: Educação, Ciências Sociais e Serviço Social (1999 – 2006)*”, no capítulo 5, “*Jovens, sexualidade e gênero*”, Carvalho, Souza e Oliveira (2009) revelam que, entre 1999 e 2006, dos 133 trabalhos (dissertações e teses) localizados, 76 (57%) foram produzidos no âmbito dos programas de pós-graduação em educação. Como trabalhos pioneiros em juventude sobre heterossexismo e a homofobia, “as dissertações de Steibel (1999) e Loiola (2001). O primeiro foi defendido na área de Ciências Sociais (Antropologia) e o segundo, na educação”. (p. 243).

⁹ Refiro-me à realização da produção técnica “*Estudos e Pesquisas sobre Concepções Pedagógicas, Currículos, Rotinas, Atitudes e Práticas Adotadas no Ambiente Escolar diante da Diversidade de Orientação Sexual e de Identidade de Gênero*”, no qual realizo um levantamento, em âmbito nacional, de produções acadêmicas (teses e dissertações) desenvolvidas em Programas de Pós-Graduação em educação sobre diversidade de orientação sexual e identidade de gênero.

Dessa maneira, esta pesquisa adentra campos não convencionais aos estudos sobre a educação sexual da juventude, de modo que adoto uma concepção ampliada de processo educativo, por meio do que Carrano (2003) denomina de uma “mestiça composição do campo educacional”¹⁰, por trazer os espaços públicos da cidade como cenário dos estudos sobre formação sexual da juventude, ou seja, as ruas e praças da cidade, e como objeto de análise as interações juvenis nas quais os jovens vivenciam experiências sobre gênero e sexualidades. Acredito que tais vivências são capazes de nos informar sobre mecanismos socioculturais e educacionais da formação sexual juvenil.

As questões, levantadas no âmbito dos estudos sobre sociabilidade juvenil me levam à problematização da condição juvenil, “sua cultura, suas demandas e necessidades próprias”, sugerida por Dayrell (2007b, p. 1107). O autor nos lembra que cada jovem “é fruto de um conjunto de experiências sociais vivenciadas nos mais diferentes espaços sociais” (p. 1118), de maneira que a compreensão da juventude passa pela compreensão da dimensão da “experiência vivida” e da pluralidade das posições ocupadas nos espaços de sociabilidade. Essa compreensão vai ao encontro do conceito de “sujeito plural” de Lahire (2002, p. 36) como “produto de experiências – cada vez mais precoces - de socialização de contextos sociais múltiplos e heterogêneos”.

Para Scott (1998), estudar a experiência, em sua dimensão ubíqua, implica na abordagem dos processos de produção identitária, pautado em sua natureza discursiva e na dimensão política de sua construção, pois ela, diz Scott (1998, p. 324/325),

[...] serve como uma forma de se falar sobre o acontecido, de estabelecer diferença e similaridade, de postular conhecimento que é “inatacável”. [...] Experiência é sempre e imediatamente algo já interpretado e algo que precisa de interpretação. O que conta como experiência não é auto-evidente nem direto; é sempre contestado e, portanto, sempre político. [...] Experiência, neste enfoque, não é a origem de nossa explicação, mas sim o que queremos explicar. Este tipo de enfoque não debilita a política negando a existência de sujeitos; em vez disso, interroga os processos de sua criação.

Desse modo, a experiência que se faz pela interpretação discursiva; que se faz “política” e sobre os processos existenciais de criação dos sujeitos, é entendida aqui como

¹⁰ Partindo do pressuposto da educação como prática cultural, Carrano (2003, p. 10), em uma crítica às fronteiras disciplinares que separam as noções de educação e cultura, defende uma compreensão da educação para além dos espaços formativos institucionais, propondo uma pluralidade dialógica entre campos diversos do conhecimento, de modo a “melhor perceber a complexidade do processo da educação social”.

campo eminentemente educativo, portanto, constitutivo da formação juvenil, inclusive aquela que diz respeito à sexualidade¹¹.

Sobre a abordagem da relação experiência/educação na formação juvenil, Klein (2011, p. 90) nos lembra que “desta relação intrínseca decorre a educação ao longo da vida e em diversos contextos que incluem e extrapolam o âmbito escolar, uma vez que a educação se relaciona com experiências humanas”. Ela recorre a Dewey, que utiliza a ideia de experiência para definir a educação como um processo de reconstrução e organização da experiência. Uma filosofia da experiência na qual a “relação íntima e necessária entre os processos de nossa experiência real e a educação” (DEWEY, 1971, p. 08) seja pressuposto fundamental, ou seja, uma “conexão orgânica entre educação e experiência pessoal, estando, portanto, a nova filosofia da educação comprometida com uma espécie de filosofia empírica e experimental” (p. 13). Assim,

A educação não é simplesmente a soma de diferentes experiências é, sobretudo, a combinação de diferentes experiências que interagem entre si e são significadas pelos sujeitos. Esse conceito amplo de experiência é indissociável da vida cotidiana e nos possibilita compreender a educação para além dos limites escolares. (KLEIN, 2011, p. 92).

Partindo dessa relação experiência/educação, entende-se que os percursos de sociabilidades juvenis estão relacionados a diversos espaços sociais, ou seja, às experiências vividas nas relações sociais. Dessa maneira, no cotidiano do bairro, nas amizades, no convívio familiar, escolar e nos espaços de lazer, entre outros – experienciam-se vivências educativas e de formação juvenil “através das quais podem elaborar uma cultura própria, uns ‘óculos’ pelo qual vêm, sentem e atribuem sentidos e significados ao mundo, à realidade onde se inserem” (DAYRELL, 2007a, p. 6).

Ao adotar juventudes e sexualidades como categorias centrais do saber científico, a pesquisa em educação pode inserir-se no âmbito dos processos vividos tanto nos espaços institucionais quanto nos espaços não-institucionais da educação, explorando lugares, contextos e papéis sociais diversos, em espaços públicos e/ou privados. No intuito de dar continuidade à pesquisa empreendida sobre a formação juvenil, as questões postas nesta pesquisa voltam-se aos jovens, especialmente, àqueles que, a partir das experiências

¹¹ Para Foucault (1988, p. 10), “falar da “sexualidade” como uma experiência historicamente singular suporia, também, que pudesse dispor de instrumentos suscetíveis de analisar, em seu próprio caráter e em suas correlações, os três eixos que a constituem: a formação dos saberes que a elas se referem, os sistemas de poder que regulam sua prática e as formas pelas quais os indivíduos podem e devem se reconhecer como sujeitos dessa realidade”.

afetivo/sexuais vividas na cena urbana da cidade de Fortaleza, (re)constroem e ressignificam os espaços e as práticas sociais, empreendendo uma nova dinâmica ao cotidiano e à sexualidade juvenil.

Apesar de concordar com Carrano (2005, p. 154) quando este afirma que “seria errôneo pressupor a existência de uma única cultura juvenil na escola que não fosse também originária de uma cultura do entorno, no caso, cultura da cidade” (p. 154), considero que os espaços de sociabilidade juvenil, para além da escola, ainda carecem de maior atenção dos estudos em educação. Dessa maneira, o estudo das interações juvenis no cotidiano da Cidade e sua interface com os marcadores/dispositivos da sexualidade podem nos oferecer subsídios importantes para a compreensão das implicações da sexualidade na sociabilidade juvenil, até porque “na metrópole fervilham os imprevistos e os previstos, isto é, o que perturba a ordem e o que a afirma, não raras vezes com preconceito ou estereótipo” (PAIS, 2010, p. 22). O autor lembra ainda que “as cidades são criativas, festeiras, lúdicas, pulsam arte, fomentam cultura, irradiam sociabilidades, são palco da ação política e afirmação da cidadania” e “mesmo na cotidianidade amorfa [...] a rotina cruza-se frequentemente com a ruptura” (p. 22).

Assim, a discussão da sociabilidade juvenil e suas representações no campo da sexualidade têm como um dos pontos de referência a territorialidade, ou seja, os espaços de sociabilidade do(a)s jovens na Cidade. Isso nos remete a um olhar sobre a Cidade e sua relação com os/as jovens que dela fazem parte e vice-versa. O intuito é descobrir brechas, abrir caminhos, por meio de reflexões sobre saberes (epistemológicos/teóricos/metodológicos), fazeres e espaços educacionais da juventude, vislumbrando uma educação baseada em uma “pedagogia da sexualidade” que se distancie do cartesianismo heteronormativo e binário do sexual e se aproxime do potencial de subjetividade da vida humana. Foram esses alguns pontos de partida desta pesquisa que se centra nas experiências e modos de vida juvenis como campos estruturantes de uma “pedagogia da sexualidade” que se aprende no saber da vida vivida.

O contexto sociopolítico e cultural brasileiro, de meados do século XX à primeira década do século XXI, está permeado por dualismos que sinalizam para um espaço-tempo de profundas transformações socioculturais: ditadura/democracia, repressão/liberdades, tradicional/moderno, igualdades/diferença. No âmbito da sexualidade, esses paradoxos são mobilizados por tensões sociais nas quais o gênero, o sexo, a afetividade, o prazer, o desejo, a orientação sexual, a identidade estão na berlinda. Os binarismos “homem/mulher”, “masculino/feminino”, “heterossexual/homossexual”, “cultura/natureza” são postos em xeque,

numa queda de braço entre o biológico e o cultural, entre o essencialismo binário do sexo e a dimensão cultural do desejo, do gênero, do prazer.

Reivindicam-se liberdades sexuais nas ruas como homossexuais ainda são assassinados em razão da orientação sexual. Transexuais fazem cirurgias transgenitais enquanto o “ser homem” ou “ser mulher” ainda demarca espaços/tempos no mercado de trabalho. O conceito de família, antes instituição afirmadora da heteronormatividade, é redefinido pelo reconhecimento da união civil entre pessoas do mesmo sexo - como o casamento -, fazendo com que os novos arranjos familiares encontrem-se cada vez mais presentes em detrimento do modelo nuclear - pai, mãe e filhos.

Esse contexto, portanto, lança sobre a educação juvenil o desafio de compreender e conviver simultaneamente com paradoxos que constantemente invadem o cotidiano das instituições formais e permeiam as relações sociais dentro e fora delas. Lança também, sobre os/as jovens, o desafio de encontrar-se, de construir-se, de fazer e refazer seus próprios caminhos, como seres sexuados, “homens” e “mulheres” que estão chegando à juventude, mesmo que nessa chegada traga consigo um arsenal de informações – e formações – advindo da experiência familiar, escolar e religiosa. Assim, “por não ocupar posições semelhantes em todos os espaços sociais, vivem experiências variadas, diferentes, às vezes contraditórias” (LAHIRE, 2002).

No Brasil, a educação sexual da juventude tem sido atravessada por conflitos diversos acerca de valores, crenças, percepções. Na cultura ocidental, as instituições formais (família, escola e igreja) tem ocupado papel central nesse debate há séculos. A família e a igreja pautam-se nos valores cristãos sob a perspectiva essencialista da sexualidade. A escola, como reflexo da sociedade em que está inserida, adota em seu cotidiano os mesmos preceitos. No entanto, enquanto espaço da educação formal, no currículo, a sexualidade está fadada às recomendações do Ministério da Educação como uma temática transversal, o que a tem excluído de práticas educativas reflexivas e pedagógicas, estando restritas às vivências cotidianas escolares (JOCA, 2008a).

Estudos e pesquisas recentes têm apontado a hegemonia da heteronormatividade nos processos formativos da juventude. Mesmo a escola, apesar da carência da temática no currículo, pauta as relações cotidianas e a vida a partir de normas binárias definidoras de padrões de feminilidade e masculinidade que desconsideram a diversidade de orientação sexual¹². No entanto, a sexualidade, sob a perspectiva construcionista, como uma dimensão

¹² Ver: Loiola (2001, 2005, 2006, 2008); Joca (2008a, 2008b).

importante da vida humana, está para além das convenções sociais e dos processos formais educacionais, pois permeia as experiências de vida dos sujeitos, estando envolta em subjetivações e relativismos que a caracterizam como plural, instável e contínua (LOURO, 1997, 2001). A partir dessa premissa, estaria a educação sexual para além dos processos pedagógicos institucionais, de modo que incorpora os saberes a uma dimensão empírica, o que não exclui dimensões pedagógicas, políticas e sociais que permeiam os processos relacionais estabelecidos com a sexualidade no âmbito social e individual.

Apesar dos avanços advindos dos estudos de Sigmund Freud, no século XX, historicamente, a sexualidade na juventude, em especial na adolescência, teve como ênfase o biológico, vinculando-a aos momentos de descobertas, em virtude da associação da juventude a transformações corporais¹³. A ideia de sujeito em processo de passagem da infância para a vida adulta – em formação – condicionou a juventude como período das descobertas e das experimentações sexuais, permeada por incertezas, dúvidas e angústias. No entanto, tais descobertas e experimentações dificilmente são reconhecidas ou consideradas, como dimensão educativa, pelos processos pedagógicos de educação sexual. Quando tratamos da abordagem da sexualidade na escola, por exemplo, as experiências juvenis ficam geralmente em segundo plano, ou são desconsideradas, em detrimento dos saberes pré-definidos sem a participação juvenil (LOIOLA, 2006; JOCA, 2008a).

No campo da produção científica, as categorias centrais desta pesquisa – juventudes e sexualidades – estão imersas nas últimas décadas em pluralismos constantes e nas mobilidades conceituais e teóricas, tornando o “*fazer ciência*” um campo de transformações, um *dever*, de múltiplos saberes. Ambas construíram campos científicos próprios, percorrendo caminhos distintos. No entanto, assemelham-se pelo encontro (ou descoberta) do caráter diverso do objeto de estudo.

Os estudos sobre juventude, inicialmente restringindo-a a uma fase da vida¹⁴ descobrem que “*ser jovem*”, além do referencial etário, está relacionado a uma multiplicidade de fatores socioculturais e a pluralidade ganha contorno cada vez mais significativo na sociologia da juventude como uma “categoria sociológica” (PAIS, 2003a). O mesmo caminho foi tomado nos estudos sobre gênero e sexualidade quando o essencialismo dos binarismos

¹³ Ver: “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” (FREUD, 2002).

¹⁴ Em “*A “Juventude” é apenas uma palavra*”, Bourdieu (1983, p. 112-113) ressalta o caráter manipulador do referencial etário como determinante da categoria “juventude” lembrando que “as divisões entre as idades são arbitrárias [...] um dado biológico socialmente manipulado e manipulável; e que o fato de falar de jovens como se fosse uma unidade social, um grupo constituído, dotado de interesses comuns, é relacionar estes interesses a uma idade definida biologicamente já constitui uma manipulação evidente”.

“homem/mulher”, “heterossexual/homossexual”, “masculino/feminino” vê-se confrontado por estudos que questionam e ressignificam essas polaridades, dando ênfase a outras tantas formas de vivenciar fantasias, prazeres e desejos. A dimensão sociocultural em detrimento ao biológico toma a sexualidade como um “dispositivo histórico” (FOUCAULT, 1988) e o gênero, uma construção social (BUTLER, 2003)¹⁵. O que está em discussão nesses campos são as identidades do “ser” em confronto com uma perspectiva mais próxima do debate sobre identificações, que são múltiplas, fluidas, inconstantes e transitórias. A abordagem de Stuart Hall (1999) sobre o caráter fragmentado, ou “descentrado” das identidades modernas nos ajuda a compreender as facetas das misturas juvenis e suas múltiplas dinâmicas de sociabilidades.

Para além do caráter de diversidade/pluralidade das questões investigadas, esses estudos se entrecruzam quando o foco de pesquisa é a sexualidade juvenil, ou, como prefiro designar, a formação sexual da juventude. Vale lembrar que comumente, nas últimas décadas, no Brasil, os estudos voltados à sexualidade juvenil no campo da educação (formal e informal) vêm sendo denominados como “orientação sexual”, “educação sexual” e, recentemente, “formação da juventude para a sexualidade”. Entendo que essas expressões nos remetem a questões fundamentais acerca dos processos epistemológicos empreendidos sobre juventude e sexualidade. A primeira e a segunda nos condicionam a pensar em processos pedagógicos e educativos sob uma perspectiva estritamente metódica, mecânica, “bancária” na qual a sexualidade estaria restrita a um campo “orientação”, de repasse de informações e saberes. O jovem visto como “tábua rasa”, alguém a ser orientado, educado, sobre o desconhecido. Isso porque, por muito tempo, no Brasil, a “educação sexual” ou “orientação sexual” tem restringido a sexualidade à dimensão biológica e heteronormativa negando sua dimensão cultural e subjetiva (LOIOLA, 2006; JOCA, 2008a).

Na tentativa de romper com essa perspectiva mecânica e restrita sobre a sexualidade e incorporar um novo olhar sobre os processos educativos da sexualidade juvenil, nos últimos anos, os estudos vem utilizando a expressão “formação da juventude para a sexualidade”. No entanto, entendo que “formar para” nos remete inevitavelmente à compreensão de preparar alguém para algo a posteriori, de modo a ignorar os saberes já adquiridos nas experiências da infância e da juventude e condicionar a sexualidade a um campo formal de aprendizagem. Opto, neste trabalho, por utilizar a expressão “*formação sexual da juventude*” ou “*formação sexual juvenil*” por entender que, assim, atribuo ao

¹⁵ Refiro-me aqui aos estudos com referenciais pós-estruturalista e à Teoria *Queer*, que têm, respectivamente, Michel Foucault e Judith Butler como principais estudiosos.

próprio jovem o lugar de protagonista dos seus processos educativos e reconheço como dimensão formativa não apenas os saberes adquiridos nas instituições formais, como também aqueles vividos nas experiências da vida cotidiana. Desse modo, a formação sexual da juventude incorpora uma diversidade de experiências, saberes e práticas juvenis. Tanto aqueles apreendidos na educação formal quanto os oriundos da vida cotidiana.

Assim, a educação surge como uma categoria transversal, seja a educação formal – adquirida na escola, na família e na igreja –, seja a educação adquirida no âmbito da experiência dos sujeitos, para além dessas instâncias, em suas relações de afetividade, de amizade, na rua, no bairro, nos espaços de lazer. A educação compreendida a partir da relação experiência/educação. Desse modo, os campos de estudo dessa pesquisa se faz num espaço de interseção, portanto, na recusa de uma segmentação destes domínios.

Para a análise de como as interações juvenis são mobilizadas ou mobilizam-se por marcadores/dispositivos de sexualidades, opto por centrar-me nos processos da dinâmica social das culturas juvenis, ou seja, volto-me aos “modos de vida específicos e práticas quotidianas que expressam sentidos e valores não apenas ao nível das instituições, mas também ao nível da própria vida quotidiana” (PAIS, 2003a, p. 69). Recorro novamente a Pais (2003) – quando caracteriza os modos de existência juvenil como uma “série de rupturas e percursos” marcada por significativas diferenças – para tomar a dinamicidade, o pluralismo e a mobilidade dos modos de vida juvenis e das sexualidades como fatores centrais para a compreensão das experiências educativas vividas entre jovens.

Retomando a metáfora “*dos anjos*” da jovem Tânia, para além do sentido conotativo, na qual “*levados*” significaria “protegidos”, o verbo pode assumir, também, múltiplos significados. *A priori*, remete-nos, inevitavelmente, à ideia de movimento, de trânsito, de deslocamento, de modo que, neste estudo, “*levados*” anuncia os diferentes tipos de mobilidade caracterizados pela fluidez dos modos de vida e das sexualidades juvenis.

Outra possibilidade de leitura semântica é possível quando imaginamos que “*levados*” possa referir-se a quem “*está sendo levado por...*” ou “*que se deixa levar*”, de maneira que somos acometidos pela ideia de sujeitos em inércia, que têm na metáfora do navegador à deriva o exemplo clássico. No entanto, “*Levados por anjos*” não atribui aos/às jovens pesquisados/as o estado de quem está à mercê das circunstâncias da vida, pelo contrário, retrata experiências de jovens que conduzem seus caminhos. Sujeitos desse movimento de (re)construções de si em constante diálogo com o “outro” (em suas semelhanças e diferenças). Jovens imersos em negociações, tramas, conflitos, e tensões em

torno de múltiplas identificações juvenis e sexuais. Jovens frente a paradoxos e conflitos de tempos em que as afirmações de diferenças pautadas na igualdade de direitos e liberdades individuais, coexistem cotidianamente com a negação desses valores ditos “modernos”. Circunstâncias históricas e culturais do “*viver a vida*” como jovens nessa primeira década do século XXI.

É verdade que as últimas décadas do século XX, com o aparato tecnológico e a diminuição de fronteiras de espaço/tempo por meio de mobilidades tecnológicas, apresentam novos desafios à educação. Tratando-se da educação sexual, fatores advindos da modernidade estão no centro desse debate. A década de 1990 é considerada um divisor de águas, em virtude do uso do preservativo como ação preventiva e do sexo não reprodutivo a partir da epidemia do HIV-AIDS registrada na década anterior; da publicização da sexualidade nos meios de comunicação; da atuação dos movimentos sociais – feminista e LGBT – em prol de direitos civis e sociais; do crescente avanço e acesso, via instrumentos tecnológicos, à internet – as redes sociais como vias de acesso e recriação de modos de afetividades e/ou sexualidades; da cooptação da sexualidade – do corpo, do desejo, da sensualidade – como ferramenta de sedução do “consumidor”, pela lógica capitalista, entre outros.

Assim, os jovens da primeira década do século XXI, desde crianças, vislumbram esse cenário que os conduz a uma educação sexual cada vez mais precoce. Não estou aqui a afirmar que muitos desses elementos não estariam presentes em outras temporalidades, mas a ressaltar a eminência de como alguns aspectos têm se destacado nas últimas décadas, desenhando contornos e trilhas diversas para o percurso de formação sexual da juventude.

Entre essas trilhas, as relações vividas em percursos e espaços de sociabilidades juvenis na Cidade, longe do alcance institucional da família, da escola e da igreja, podem lançar pistas de como os jovens negociam e mobilizam saberes e práticas sobre sexualidade? Como essa produção (ou reprodução) de saberes desenha interações, articula relações afetivo/sexuais? Como gênero e sexualidades são negociados (em grupo e/ou individualmente) com os demais processos de identificações e modos de vida juvenis?

Se pensarmos nas transformações sociais relacionadas à emergência de novas tecnologias que anunciam a “*morte dos lugares*” em detrimento da mobilidade virtual, questionamos: *O que os leva às ruas, às praças? De onde vêm esses/as jovens? Quais caminhos percorrem e como? Quais sentimentos os mobilizam? O que procuram?* Em tempos de vidas em redes sociais, onde estar “*online*” significa a possibilidade de mobilidades por múltiplas interações e relações virtuais; em tempos de descobertas de prazeres virtuais, do

“sexo virtual” definindo novos modos de sociabilidades e de experiências afetivo/sexuais, enveredo nos percursos juvenis pela Cidade tentando desvendar os modos de (re)significação dos espaços públicos nos processos de ocupações, estabelecendo uma estreita relação entre os campos socioculturais e circunstanciais das experiências juvenis com a cartografia urbana de Fortaleza. Para a imersão nesses percursos, recorro aos estudos de Magnani quando o autor explora a relação juvenil na cidade a partir dos “circuitos de jovens”¹⁶. A abordagem privilegia a inserção juvenil “na paisagem urbana por meio da etnografia dos espaços por onde circulam, onde estão seus pontos de encontro e ocasiões de conflitos, além dos parceiros com quem estabelecem relações de troca” (MAGNANI, 2007, p. 19).

Assim, pensar em “*jovens levados*” (independente se por “*anjos celestiais*” ou “*demônios*”) pelas ruas e praças de Fortaleza me remete à observação de seus movimentos, fluxos, de suas transições, de estilos, de modos de vida ou de identificações e práticas afetivo-sexuais. Embora entrelaçadas na dinâmica da vida, e aqui, especialmente, nas interações juvenis em espaços públicos de Fortaleza, a mobilidade territorial é categoria central na abordagem sobre o trânsito juvenil na Cidade, ou melhor, na descoberta da Cidade para além do bairro de morada. Na Cidade que se mostra múltipla, onde o “*viver a vida*”, associado aos perigos, aventuras e rebeldias, dá sentido a possíveis identidades juvenis, expressas tanto nos itinerários quanto nas ocupações nômades dos espaços públicos.

A mobilidade é entendida na pesquisa como categoria transversal, por tratar-se de práticas, de fazeres e de saberes marcados pelo caráter experimental, fluido e inconstante de identificações com as culturas juvenis, com as sexualidades e a vida na cena urbana. Assim, a mobilidade é abordada sob dois importantes aspectos trazidos por Borelli, Rocha e Oliveira (2009). O primeiro diz respeito à mobilidade espacial e geográfica que corresponderia aos deslocamentos juvenis pela cidade, aos trânsitos, (bairro de morada/prças/bairro de morada) dando ênfase às relações dos jovens com a (e na) Cidade, na qual nomadismo e gregarismo se entrecruzam. O segundo, a mobilidade temporal de “viver tempos de passagem, alternância momentânea, simultaneidade” (BORELLI; ROCHA; OLIVEIRA, 2009, p. 46). Tempos de descobertas e experimentações em diversos campos, no entanto, neste estudo, a ênfase recai sobre os empreendimentos estéticos e performáticos com os quais estilos e sexualidades mobilizam marcadores de identificações diversos e (re/des)ordenam a lógica de ocupação de

¹⁶ “*Circuito* trata-se de uma categoria que descreve o exercício de uma prática ou a oferta de determinado serviços por meio de estabelecimentos, equipamentos e espaços que não mantém entre si uma relação de contigüidade espacial, sendo reconhecido em seu conjunto pelos seus usuários habituais. A noção de *circuito* também designa o uso de espaço e de equipamentos urbanos – possibilitando, por conseguinte, o exercício da sociabilidade por meio de encontros, comunicação, manejo de códigos” (MAGNANI, 2007, p. 21).

espaços públicos da cidade e as sociabilidades juvenis. Assim, para compreender as interações nas praças, era necessário refazer seus percursos pela Cidade, apreender os elementos motivadores que os levam para além do bairro de morada e à descoberta de uma outra cidade: a “cidade dos anjos”.

Ao (re)significarem a cena urbana em círculos itinerantes por praças, bares e ruas, tanto os espaços quanto os jovens, que se mobilizam em constantes circulações, vão se (re)desenhando de tempos em tempos, em cartografias afetivas e demográficas pela Cidade. Assim, esta pesquisa versa sobre as interações vividas pelos jovens frequentadores das tardes e noites de sábados do Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura (CDMAC) e das noites dominicais da Praça Portugal, no período de julho de 2011 a abril de 2012. Rompo com essa delimitação espacial quando trago vínculos interativos vividos nos bairros de morada, em eventos juvenis e outros espaços de sociabilidade de alguns dos jovens “*levados por anjos*”.

A sociabilidade é entendida por Simmel (1983) como “uma forma lúdica de sociação”. Segundo ele, é por meio da sociação que o indivíduo encontra uma diversidade de modos de interagir visando atender a “interesses e finalidades específicas”. No entanto, a sociabilidade seria uma forma de sociação que tem na própria dimensão relacional sua motivação. Uma forma de conviver desvinculada dos conteúdos.

Aqui, a “sociedade” propriamente dita é o estar com o outro, para um outro, contra um outro que, através do veículo dos impulsos e dos propósitos, forma e desenvolve os conteúdos e os interesses materiais ou individuais. As formas nas quais resulta esse processo ganham vida própria. São liberados de todos os laços com os conteúdos; existem por si mesmo e pelo fascínio que difundem pela própria libertação desses laços. É isto o fenômeno a que chamamos sociabilidade. (SIMMEL, 1983, p. 168).

No âmbito das interações entre pares aqui estudadas, as sociabilidades empreendidas pelos jovens pesquisados adentram os trânsitos de identificações e/ou identidades (ou não) com estilos em negociações entre grupos juvenis. Seriam, como afirmam, jovens sob “*misturas*”, ou melhor, em “*tempos de misturas*”. A “*mistura*”, ou os “*tempos de misturas*”, expressão utilizada pelos jovens, surge então como um achado do trabalho de campo. A maneira dos jovens de expressar as formas como a sociabilidade se faz pela afirmação de semelhança e diferenças. Se misturar é juntar coisas diferentes, é embaralhar, é confundir, estar misturado seria estar próximo, em contato com o que difere de si. Nesta pesquisa, a dimensão da “*mistura*”, para além de uma conotação espacial (geográfica ou material), consiste no reconhecimento (consciente ou não) de um processo de afirmação de diferenças,

semelhanças, portanto, processo de identidades que se passa nas interações movidas por uma diversidade de identificações juvenis, produzindo “o sujeito pós-moderno [...] fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não-resolvidas” (HALL, 1999, p. 12). No campo da sexualidade, ou melhor, das identidades sexuais, Seffner (2004, p. 88) opta pela expressão “identidades culturais” para definir aquelas “que não são fixas, não derivam diretamente do corpo, são fluidas, podem ser contraditórias, são relacionais, não designam indivíduos prontos e acabados”.

No Brasil, nos últimos anos, França (2009) e Facchini (2009) têm se voltado a estudos sobre os processos de construção de identidades e subjetividades com foco nas sociabilidades empreendidas em locais de frequência de LGBT em São Paulo, locais conhecidos como “*guetos LGBT*”. “O lugar que o consumo e o mercado desempenham na constituição de significados e categorias a respeito da homossexualidade” (FRANÇA, 2009, p. 398), os mecanismos relacionais e as categorias identitárias sexuais acionadas nos processos demarcatórios de diferenças estão no foco de suas pesquisas. Enquanto França (2009) identifica que o “gueto” vem se espalhando para outros territórios da cidade, essa “diversificação e espraiamento”, afirma ela, é “um cenário e ao mesmo tempo peça fundamental na construção de uma variedade de estilos relacionados à homossexualidade – e à masculinidade de modo geral” (FRANÇA, 2009, p. 395). Neste estudo, no âmbito das territorialidades do cenário urbano, o caminho se faz inverso, uma vez que não se trata de espaços voltados a públicos específicos que têm a orientação sexual como referencial primordial, tão pouco às sociabilidades que têm o consumo e o mercado sob o campo prioritário de análise. No entanto, os mecanismos acionados pelos jovens na construção de identidades ou identificações sobre gênero e sexualidade são tomados, também, como foco de análise de suas interações.

Ao centrarem-se nas “*misturas*” juvenis, as dimensões, estilos e sexualidades, tomadas como campo de observação de seus modos de vida, podem nos fornecer pistas sobre os mecanismos socioculturais, agenciados pelos jovens, nas sociabilidades experienciadas nos espaços públicos da Cidade. Envolto às dinâmicas sociais de aproximações e distanciamentos entre esses estilos juvenis e a tensões e conflitos de disputas de espaços, identificam-se, também, táticas de pertencimento a grupos e espaços de interações, por meio da adoção (ou não) de um estilo, ou da “*camuflagem*”, simulação de uma identificação. Esses processos põem na berlinda a fixidez da identidade que vem historicamente marcando os estudos sobre

tribos juvenis que tomam o pertencimento a um grupo como referência identitária juvenil¹⁷. *O que é ser roqueiro? Existe emo? Quem são os piranguinhos?* Perguntas passíveis a múltiplas respostas, frente à diversidade interpretativa dessas identidades e aos movimentos nos quais marcadores simbólicos dos estilos juvenis passam a transitar entre grupos distintos, por um jogo, em certa medida, evidenciado por interações entrelaçadas por dispositivos de gênero e sexualidade.

Apesar das trocas simbólicas e materiais de marcadores identitários, o estilo continua a ser marca registrada de pertencimento a determinados grupos, espaços e interações, mesmo que isso não se constitua uma regra intransponível. Os jovens “*normais*” ou “*comuns*”, por exemplo, ao adotarem a política dos “*sem estilo*”, aparecem como quem (re)criam negociações e temporalidades sobre modos de vida nas sociabilidades juvenis. A fluidez de uma imagem corporal momentânea e travestida e o ecletismo para gostos musicais e danças são exemplos dessa categoria nativa, da qual a mobilidade estética (ou corporal) torna-se referência principal. “*Usando o que der na telha*”, transitam por possibilidades múltiplas de identificações e estilos juvenis, sem se fixar às amarras que a identidade atribui aos sujeitos. Ora um camaleão a camuflar-se forjando, por meio da pele, da indumentária, uma adequação ao espaço e às interações ali vividas, ora um Frankenstein, um corpo customizado por marcadores de estilos diversos, num movimento de identificação superficial e momentânea, adequando-se ao que lhe é oportuno. Transitam, mesmo superficialmente, por vários estilos e grupos juvenis sem fixar-se numa perspectiva de pertencimento a nenhum. Processo semelhante ocorre no campo da sexualidade quando se forja uma orientação sexual em nome do rótulo de “*descolada*”, “*moderna*” em espaços onde, especialmente para as meninas, a bissexualidade surgiria como lugar mais valorizado. Transeuntes a forjar, a brincar com marcadores identitários juvenis.

No processo de movimentos e identificações entre estilos e grupos nas sociabilidades juvenis, como suas interações são mobilizadas ou mobilizam-se por marcadores de gênero e sexualidade? Ao voltar-se a atenção às dinâmicas da sociabilidade juvenil, onde gênero e sexualidade são negociados na esteira das relações afetivo/sexuais entre os jovens, as relações entre estilos e grupos parecem nos fornecer elementos importantes para este estudo. Como modos de vida e sexualidades juvenis são mobilizados nesse jogo marcado pela fluidez das sociabilidades juvenis?

Ainda no âmbito das questões de gênero e sexualidade, como elas traçam

¹⁷ Sobre o conceito de “*tribo*”, ver Magnani (1992) e Pais (2004).

contornos às múltiplas identificações juvenis? Como as (re)significam e como por elas são (re)significados? Tais questões me levam a observar nas relações afetivo-sexuais as aproximações e distanciamentos entre estilos e orientações sexuais; as experimentações de relações entre pessoas do mesmo sexo e/ou heteronormativas; os trânsitos por práticas afetivo/sexuais independente do gênero e da orientação sexual.

Parto da perspectiva de que modos de vida e sexualidades não são campos segmentados do tecido social, mas, sobretudo, complementares, pois, reciprocamente, se apropriam de elementos materiais e simbólicos da vida social. Assim, as interações de jovens sob misturas e identificações diversas (de modos de vida e sexualidades) é um campo fértil para a reflexão sobre como tais apropriações estabelecem relações; definem fronteiras (geo-espaciais e afetivo/sexuais); delineiam formas de sociabilidades e interações (aproximações e distanciamentos); determinam as ocupações dos lugares, o uso dos espaços, em uma tentativa de delegar, legitimar ou questionar padrões e normas sociais. É nesse campo fronteiriço que esta pesquisa se situa e tenta elucidar os modos como os jovens articulam esses elementos. Como os questionam ou rendem-se às prerrogativas das determinações sociais vigentes.

Dessa maneira, os modos de vida juvenis estão intrinsecamente relacionados à adoção de estilos e à vivência da sexualidade. Ambos, mobilizados por uma diversidade de referenciais socioculturais que, conseqüentemente, estão carregados de significados e sentidos sociais. Os estilos juvenis se constituem por campos diversos de identificações, nos quais a estética corporal; a variedade de gostos (estilo musical, estilo de dança, referências à cultura *pop* japonesa) e as representações sociais (de classe, por exemplo) são tomadas como referenciais de identificações e pertencimentos. A sexualidade, como “dispositivo histórico” (FOUCAULT, 1988), “plural e instável” (LOURO, 2001) versa sobre um espaço/tempo juvenil de descobertas, experimentações e conflitos vivenciados em interações com as normas sócio, e culturalmente, instituídas. As questões de gênero, frente à perspectiva binária, e a diversidade de orientação sexual, entre outras, constituem um paradoxo, um conflituoso campo de formação sexual da juventude, onde as “verdades” hegemônicas sobre o sexual se confrontam com saberes, desejos e experiências que as questionam e ameaçam.

A escolha metodológica pela etnografia e a diversidade de procedimentos empreendidos – observação participante, diário de campo, entrevistas e grupos de discussão – viabilizou a elaboração de um arcabouço empírico com descrições de espaços investigados e registros etnográficos e episódios de sociabilidades juvenis, aliados aos discursos sobre estilos de vida e sexualidades. Desse modo possibilita a leitura de mobilizações mútuas entre estilos

e grupos juvenis e dispositivos de gênero e sexualidades.

O campo empírico da pesquisa foi fundamental para a definição do objeto de estudo, da escolha dos espaços de sociabilidades juvenis à (re)definição dos sujeitos e estratégias de abordagem. O exercício de escuta prevaleceu sobre a inevitável busca por respostas às perguntas previamente elaboradas, sem que aquele eliminar por completo, ou destoar das questões iniciais traçadas pela pesquisa.

A compilação e análise das descobertas do campo e a sistematização inicial da escrita desta pesquisa deu-se durante o estágio de doutoramento realizado em Lisboa/Portugal no Instituto Universitário de Lisboa – ISCTE¹⁸, onde, para além da orientação específica, tive a oportunidade de participar de diversos eventos, viabilizando uma rica trocas de conhecimento e contatos com pesquisadores portugueses e estrangeiros.

Assim como os jovens se utilizam, entre outros, do artifício da imagem corporal para a anunciação de sua existência, em meio a múltiplas identificações e experimentações de si, o texto apropria-se também da estética juvenil por meio do recurso visual da fotografia, apesar de não ter pretensões em ter a etnografia visual como recurso prioritário. Por vezes, recortes de imagens etnográficas atravessam os textos, sob efeitos tecnológicos utilizados com o intuito de inviabilizar a identificação dos jovens. Aproprio-me, também, de recursos visuais da antropologia da imagem, que valoriza, estrategicamente, atributos estéticos e visuais dos registros do campo, por entender a imagem fixa como um texto visual e intencional (do pesquisador) que dialoga com as reflexões debatidas em léxico. Assim, o texto etnográfico que se faz, majoritariamente, pela palavra, toma, também, o visual como recurso antropológico ampliando seu tradicional caráter meramente ilustrativo à “ferramenta de representação social” (FEIXA; PORZIO, 2008). A utilização das imagens juvenis passa por um campo de comprometimento entre pesquisador e jovens, uma vez que muitos desses expressaram, por diversas vezes, o desejo de terem suas fotografias publicadas.

Apresento, a partir daqui, o ordenamento metodológico de divisão do estudo por capítulos, apesar de atribuir ao leitor a liberdade de construir seu próprio roteiro, isento, portanto, do risco de incompreensões cognitivas e conceituais.

Em *Entre Anjos: Uma Etnografia sobre Juventudes e Sexualidades na Pesquisa em Educação* (Capítulo 2), num entrelaçar da teoria com a prática do trabalho científico, transito entre o “fazer ciência” sobre as categorias centrais do estudo – juventudes e sexualidades – no campo da educação e os caminhos desta pesquisa, considerando os

¹⁸ No ISCTE, estive diretamente vinculado, como investigador visitante, ao Centro em Rede de Investigação em Antropologia - CRIA, sob a orientação do Prof^o Dr^o Miguel Vale de Almeida.

múltiplos aspectos que o constituem. Os processos metodológicos empreendidos dão ênfase à etnografia e às especificidades dos espaços, dos sujeitos investigados e das circunstâncias da pesquisa.

Ao refazer os percursos desta pesquisa, as escolhas de métodos, técnicas e instrumentos de investigação são amparadas por estudos da etnografia urbana e em recursos auxiliares da antropologia visual, esta, em virtude do uso da imagem fotográfica e aquela, por ter, especialmente, a rua como *lócus* principal da investigação.

No Capítulo 3 – *Da Cidade dos Anjos aos Anjos da Cidade: Percursos e interações juvenis em Fortaleza* –, faço um passeio etnográfico pela cidade de Fortaleza, no qual se entrecruzam dois tempos distintos. Tomo as décadas dos anos de 1980, 1990 e os anos 2000 como recorte para contextualizar marcadores históricos e culturais da Cidade com as juventudes e as sexualidades. Esse recorte atravessa e é atravessado pelo tempo da pesquisa de campo, a partir das descrições dos espaços, percursos, itinerários e trânsitos dos jovens investigados.

A “*cidade dos anjos*” leva-me à Fortaleza dos trânsitos juvenis, onde tomo como ponto de partida o “coração da Aldeota” – a Praça Portugal – e os degraus em curvas da Praça Verde do CDMAC. De lá, seguindo seus rastros, passo pelo “Bosque da Branca de Neve” da Praça do *North Shopping* (Região Oeste) e pelos corredores da *Galeria Pedro Jorge*, no Centro da Cidade; da brisa do calçadão iluminado da Praia de Iracema à penumbra da Praça do Tamandaré, no bairro Jangurussu (Região Sul). Utilizando-me da etnografia das sociabilidades juvenis, passeio por esses espaços tomando como pontos de referências os mapas sócio-afetivos de oito jovens colaboradores.

Esses percursos desenham mapas de circuitos juvenis pela Cidade e seus pontos de cruzamentos, de interseção, onde se situa o espaço prioritário de investigação desta pesquisa. São eles que demarcam os espaços/tempos vividos pelos jovens em seus processos de sociabilidades nas descobertas de si e da Cidade sob “*misturas*”. Para além de uma cartografia demográfica da sociabilidade juvenil, os mapas vão revelando como os modos de vida e as sexualidades (re)desenham-se em constantes mobilizações nessas cenas urbanas e juvenis.

O quarto Capítulo, *Anjos de Si: Estilos e Grupalidades em “Tempos de Misturas” Juvenis*, é um mergulho nos modos de vida juvenis a partir da sociabilidade caracterizada pela mistura de estilos (Roqueiros, Punks, Skatistas, Emos, Dançarinos de FreeStep, Bboys, “*Coloridos*”, Otakus, “*Piranguinhos*”, “*Comuns*” ou “*Normais*”). Os processos de negociações

frente a (re)construções de si e suas múltiplas identificações com estilos, grupos juvenis e sexualidades. Concentro-me em identificar os marcadores materiais e simbólicos dos estilos juvenis e a dinâmica afetivo/sexual de distanciamentos e aproximações acionada por dispositivos de gênero e sexualidades. As formas de agrupamentos, e construção de mitos, ritos e identificações dessa sociabilidade são reveladas a partir do acompanhamento de dois grupos juvenis – “*os jovens do Jangurussu*” e “*a galera da DNA*” – que, de formas singulares, transitam por identificações com estilos e sexualidades.

No último e quinto Capítulo, *O “Sexo” dos Anjos*, trago recortes etnográficos da sociabilidade juvenil entre pares, ou seja, suas dinâmicas sociais de vivências/experiências afetivo/sexuais e seus conflitos e tensões em espaço/tempos de “*misturas*” juvenis, pano de fundo de um debate sobre gênero e sexualidades juvenis. Suas experimentações e vivências, coletivas e/ou individuais nas praças vão revelando, a partir da leitura de uma variedade de categorias êmicas (“*boy*”, “*boyzinho*”, “*colorido*”, “*gayzinho sem estilo*”, “*sapatona*”, “*bi*”, “*homem de verdade*”, entre outras) as formas e os processos juvenis de reprodução e/ou ressignificação da sexualidade em meio às suas múltiplas identificações e experiências vividas nas praças e ruas da Cidade.

Sexualidade e gênero são categorias abordadas sob o olhar construtivista e cultural, em detrimento à perspectiva essencialista centrada nos aspectos biológicos. Entendida como um “dispositivo” sociocultural (FOUCAULT, 1988), as questões de gênero, sob a ótica relacional e social, dão base às reflexões elaboradas a partir das interações juvenis à luz de autore(a)s como Judith Butler (2003), Guacira Louro (1997, 2001), Michel Foucault (1988) e Miguel Vale de Almeida (1995). As polaridades feminilidade/masculinidade, homem/mulher, homossexualidade/heterossexualidade são revisitadas tendo como foco de análise as categorias êmicas elaboradas (ou ressignificadas) nas experiências educativas juvenis entre pares na cidade de Fortaleza.

A fluidez e mobilidade das experiências juvenis entre pares, nos espaços públicos da Cidade, que se fazem sob o empreendimento de estilos e sexualidades diversas, nos conduzem a uma dinâmica formativa da juventude. Assim, as notas etnográficas nos aproximam de saberes e práticas juvenis, elaborados por processos dialógicos entre o instituído socialmente e o vivido no cotidiano da rua e da cidade. Esse diálogo é, por vezes, tensionado por conflitos dualistas entre o certo/errado, o permitido/proibido, o escondido/revelado, o reproduzido/ressignificado que caracterizam o campo deste estudo e situa os jovens em um movimento de descobertas, escolhas e experimentações de prazeres e

desejos tão fluidos e instáveis quanto o espaço/tempo da rua.

Finalizo esta introdução convidando-o à leitura e ao encontro com jovens “*levados por anjos*” nas ruas fortalezenses e a segui-los, como o fiz, por seus percursos educativos fora dos domínios pedagógicos formais instituídos em nossa sociedade. Jovens que fazem dos processos de (re)construção de si a possibilidade do encontro com o outro em suas semelhanças e diferenças e das dinâmicas sociais de sociabilidades, espaços/tempos de aprendizagem, de formação, portanto, espaços educativos. Espaços/tempos onde os conceitos socioculturais sobre diferenças, semelhanças e identidades, pré-elaborados nas experiências contemporâneas são postos em xeque pela fluidez das culturas juvenis. Fluidez e mobilidades expressas em seus modos de vida e experimentações afetivo/sexuais que, distanciando-se das significações do binarismo cristão, transitam entre “arcanjos” e/ou “demônios”, levados por si.

CAPÍTULO 2

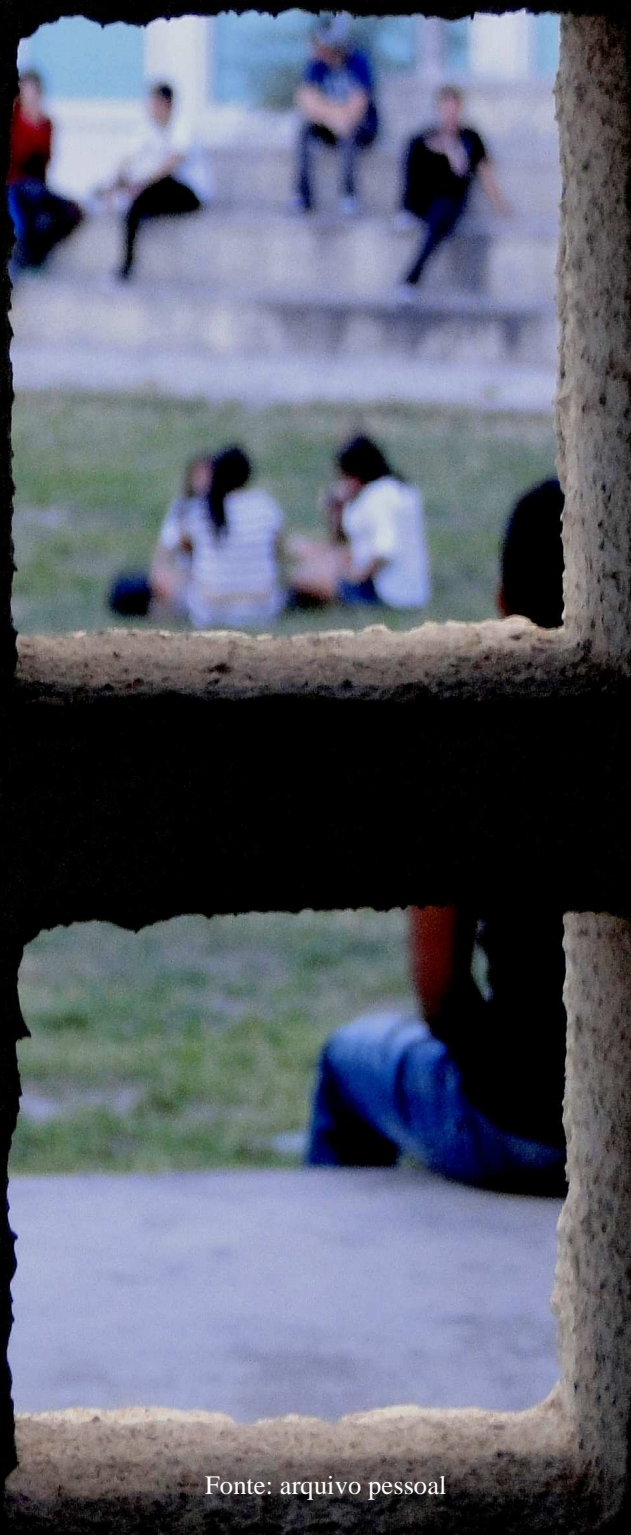
ENTRE ANJOS:

UMA ETNOGRAFIA JUVENTUDES E SEXUALIDADES NA PESQUISA EM
EDUCAÇÃO

Figura 01 –
Jovens nos degraus e gramados da PV do DM

*“Em toda prática,
inclusive a de pesquisar,
somos constituídos e atravessados
por vários tempos e espaços.”*

Celecina Sales



Fonte: arquivo pessoal

Este estudo, que se fez pelos preceitos da pesquisa qualitativa, teve a etnografia como metodologia adotada¹⁹. O enfoque etnográfico procura adequar-se ao objeto de estudo, de modo que a antropologia urbana e os estudos sobre juventude e sexualidade compõem seu arcabouço teórico-metodológico. Antes de adentrar o percurso etnográfico, quero iniciar a escrita desta pesquisa tratando de seus tempos e espaços, por entender que trazem singular importância para a compreensão de questões macro e microssociais que a constituem.

A travessia, tomada pela dimensão espaço/temporal, elucida dimensões objetivas e subjetivas de pontos singulares de uma investigação sobre juventudes e sexualidades no campo da educação. O pesquisador, o percurso etnográfico e seu campo científico estão no foco de minhas reflexões iniciais sobre o “fazer ciência” acerca dos modos de vida e sexualidades juvenis na cidade de Fortaleza. Trago, inicialmente, duas dimensões relevantes a qualquer pesquisa científica: seu(s) ponto(s) de partida e os percursos e escolhas teórico-metodológicas empreendidos.

Começo (re)fazendo ou (re)desenhando seu(s) ponto(s) de partida – a mola de impulso – na tentativa de visualizar as circunstâncias e dimensões – subjetivas e objetivas – em que me deparei com os questionamentos aqui elaborados. Em seguida, foco nos itinerários metodológicos da etnografia (caminhos e trilhas), adentrando o campo da antropologia urbana e do “fazer etnográfico”, com ênfase nas negociações com as circunstâncias apresentadas à pesquisa pelos percursos e interações juvenis em espaços públicos de Fortaleza.

Os espaços/tempos da pesquisa trazem, também, os referenciais científicos empreendidos nos estudos das categorias “juventudes”, “sexualidades” e “educação”, campo de interseção teórica no qual se situa. Estas categorias formam um tripé de sustentação das reflexões anunciadas sobre a formação sexual da juventude. Dessa maneira, este capítulo trata de uma síntese do percurso constituído no decorrer dos últimos quatro anos de doutoramento em Educação Brasileira.

2.1 O(s) Ponto(s) de Partida

O ponto de partida, independente do contexto e das circunstâncias, é sempre uma “volta ao passado”, do mais recente ao mais longínquo, do mais significativo àquilo ao qual

¹⁹ Para Geertz (1989, p. 15), “[...] praticar etnografia é estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário e assim por diante. Mas não são essas coisas, as técnicas e os processos determinados, que definem o empreendimento. O que define é o tipo de esforço intelectual que ele representa: um risco elaborado para uma ‘descrição densa’”.

nem nos recordávamos. Esse retorno exige não apenas um esforço de memória, como também uma reflexão capaz de atribuir (re)significados sobre nossa trajetória. No (re)fazer da linha do tempo, ao unir laços aparentemente desconectados, exercita-se a sensibilidade de detectar em momentos distintos uma unidade lógica na vida. Caso esse retorno tenha como objetivo demarcar uma fronteira – um início, por exemplo – torna-se mais complexo quando se reconhece que todo início é atravessado por nossas subjetividades e identificações ao longo da vida.

Encontrar o fio da meada desta pesquisa, ou melhor, tentar desvendá-lo, não foi tarefa fácil, uma vez que diversas eram as possibilidades de forjar uma unidade, uma escolha leviana ou injusta. Na pesquisa científica, especialmente no campo das ciências humanas e sociais, demarcar um ponto de partida de um estudo é correr o risco de ignorar (ou desconsiderar) os diversos caminhos (ou circunstâncias) que nos levam ao encontro das questões estudadas e das inquietações formuladoras das perguntas iniciais. Nesta pesquisa, visualizo um ponto de partida múltiplo, no qual se entrecruzam elementos – temática/pesquisador – e contextualizações (teóricas-metodológicas/ideológicas) diversas.

Entre os múltiplos pontos que marcam o início desta pesquisa, trago inicialmente os elementos subjetivos implicados na relação pesquisa/pesquisador, dando ênfase às experiências pessoal e profissional (indissociáveis), em minhas incursões no movimento LGBT e na academia, por onde meus “fazer” e “saber” transitam pelo campo da educação sexual juvenil. Em uma dimensão científica, a partir do espaço/tempo da temática estudada e dos campos da ciência que a constituem – a sociologia da educação, a sociologia da juventude e os estudos sobre sexualidade –, situo o ponto de interseção onde esta pesquisa se fundamenta. Dessa maneira, acredito melhor situar algumas das principais questões a serem discutidas.

2.1.1 Identificações de um Jovem Pesquisador com o Objeto Estudado

*“Produzir conhecimento sem paixão
é como colocar pregos sem pendurar os quadros.”*

Denise Cordeiro

“Já te chamaram de tio?”, “Vai andar de all star colorido também?”, “E a franja, vai usar?” perguntavam alguns amigos, em tom de deboche e, por vezes, sarcasmo, em conversas sobre minha pesquisa de doutoramento. Se considerarmos o ditado popular de

que “*em toda brincadeira há um fundo de verdade*”, certamente esses questionamentos estão fundamentados na ideia de que o pesquisador deve ter, inevitavelmente, uma relação ou identificação próxima e pessoal com o universo estudado. Tomando a faixa etária como referência à juventude e estando eu aproximando-me do “*clube dos quarentões*”, os deboches anunciavam que estava velho demais para a compreensão do universo juvenil.

Esse tipo de “comprometimento” – na relação pesquisador/objeto de pesquisa – encontra-se também presente nos estudos sobre homossexualidades, nos quais a orientação sexual e/ou a identidade de gênero do pesquisador é colocada em xeque em virtude de seus empreendimentos científicos/acadêmicos. O mesmo vem ocorrendo nos estudos elaborados por pesquisadores com histórico de ativismo político no âmbito dos movimentos sociais, sob a premissa de buscar, no campo da ciência, legitimar posturas político-ideológicas. Tais posicionamentos ancoram-se numa perspectiva da elaboração do saber acadêmico/científico sob o patamar de uma suposta, e a meu ver, falsa, neutralidade²⁰.

Assim, não posso, e não quero aqui, negar a dimensão subjetiva dessa relação, pois tenho afirmado, desde minha inserção no campo da pesquisa científica, e volto a fazê-lo, que minhas incursões na academia estão intrinsecamente relacionadas às diversas identificações: pessoais, profissionais, políticas e sociais. Entendo que a adoção desta “política do posicionamento” não seja motivadora de demérito científico.

Por algum tempo, imaginei que minha trajetória como ativista do movimento LGBT e as experiências de trabalhos com jovens *gays* seriam os mais importantes fatores que me motivaram a estudar as juventudes, sexualidades e educação. No entanto, durante a pesquisa de campo, ao observar a dinâmica das interações juvenis com (e na) Cidade, a aproximação com os jovens “*levados por anjos*” nas noites fortalezenses, encontrei-me, por várias vezes, voltando ao tempo e refazendo, na memória, os percursos de um jovem tímido e reprimido pelos padrões heteronormativos e hegemônicos de gênero. Jovem que, numa cidade pequena do interior cearense, pouco ousou a se entregar aos “*anjos*”.

Percebi, então, que esta lacuna em meus modos de viver a juventude, caracterizada pela ausência de subversão e rebeldia, que marcou minha tenra adolescência, despertou-me, como pesquisador, o interesse por jovens que subvertem as convenções de modos de vida, especialmente aquelas relacionadas à heteronormatividade. Desse modo, o estudo sobre os jovens e suas experiências e identificações juvenis; sua disponibilidade ao

²⁰ Lanço tal afirmativa tendo como fonte minha experiência no desenvolvimento da dissertação de mestrado e nas conversas com pesquisadores de temáticas relacionadas às homossexualidades, especialmente, à travestilidade.

encontro com o “outro” (em suas semelhanças e diferenças); seus processos subjetivos e diversos de (re)elaboração de modos de viver as juventudes e as experimentações no campo afetivo/sexuais, pareciam, para mim, um reflexo de um espelho, em imagem inversa de minha própria experiência juvenil.

Aliadas às questões de caráter intimista, estão as experiências profissionais desenvolvidas nos últimos dez anos, período dedicado às questões sobre sexualidades e educação, como o educador, pesquisador e ativista, em virtude de minha atuação no campo da educação formal e nos espaços do movimento social, especificamente, no movimento LGBT. Desse modo, em minha trajetória (pessoal, profissional e acadêmica) tenho refletido e questionado acerca do processo de formação do(a)s jovens no trato sobre as sexualidades, especificamente, dos saberes sobre a diversidade sexual.

A atuação como ativista do movimento LGBT, como membro do Grupo de Resistência Asa Branca (GRAB), proporcionou a realização de atividades/ações direcionadas a jovens LGBT, em sua maioria, focadas na prevenção das doenças sexualmente transmissíveis (DST) e do HIV/Aids. Nesse cenário, o contato com jovens LGBT sobre cidadania, participação política, vivências das sexualidades e acesso aos direitos civis e sociais estiveram e estão presentes constantemente nos espaços de intervenções comunitárias LGBT. Paralelas, ou melhor, entrelaçadas às temáticas da sexualidade, estão as questões oriundas dos recortes de classe e etnia/raça. O GRAB tem construído um histórico de atuação junto às classes menos favorecidas economicamente, o que exige na dinâmica educativa um olhar transversal para a inter-relação entre gênero, classe e etnia, correlacionados pela dinâmica social.

Minhas identificações políticas, profissionais e sociais com o campo da sexualidade e da educação levaram-me a retornar à academia, no mestrado em Educação Brasileira da Universidade Federal do Ceará (UFC)²¹. No entanto, paralelamente ao ativismo LGBT e à pesquisa sobre a educação escolar para a sexualidade, no campo acadêmico, voltei-me aos estudos sobre juventude tendo como referenciais as culturas juvenis, adotando uma perspectiva de juventude como categoria social, compreendida como plural, múltipla, histórica e social.²²

²¹ Desenvolvi a dissertação “Diversidade sexual na escola: Um ‘problema’ posto à mesa’ (2008a), na qual reflito sobre a educação sexual escolarizada por meio do diálogo entre a escola e o movimento LGBT, no processo de formação docente continuada sobre gênero e diversidade sexual.

²² Refiro-me aqui à inserção no grupo de pesquisa “Juventude, Sociedade e Cultura” da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará (FACED/UFC).

Nesse mesmo período, acompanhava um projeto, desenvolvido pelo GRAB, com jovens gays de periferias de Fortaleza, no qual fui também facilitador de oficinas sobre juventudes e homossexualidades. O diálogo com estes jovens foi provocador, despertando o interesse pela formação juvenil para a sexualidade vivenciada nas relações entre pares, especialmente aquelas vividas fora das instituições formais (família, escola e igreja), nos espaços públicos da Cidade. Naquele momento, uma série de questões foi suscitada, apontando esse campo temático como um fértil caminho para a investigação sobre juventudes e sexualidades na educação, tendo como objeto de estudo as interações juvenis nos espaços públicos da Cidade e suas relações com as sexualidades. As experiências juvenis vividas em suas interações da cena urbana, na “experiência vivida”, “a matéria prima a partir da qual os jovens articulam sua própria cultura” (DAYRELL, 2007a, p. 6).

Nesse percurso, no qual me (re)faço como professor, ativista e pesquisador em educação e sexualidade, questiono a educação formal e seus procedimentos homogeneizadores dos sujeitos e da vida, via negação da subjetividade humana. Assim, venho refletindo sobre os processos formativos da juventude, com ênfase na sexualidade, empreendidos nos espaços escolares, na tentativa de construir elos com as demais instituições formadoras (inclusive, movimentos sociais).

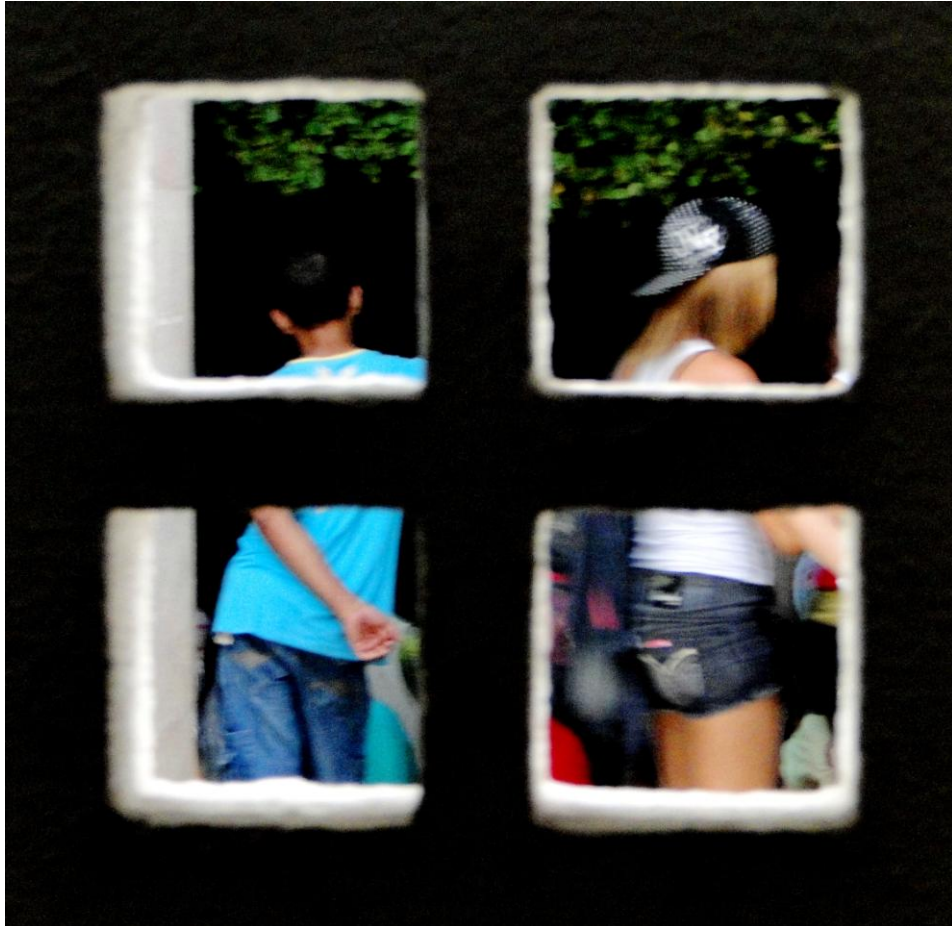
Era perceptível o descaso (ou desprezo) das instituições formadoras (escola, família, igreja) com as experiências (e saberes) juvenis vividas no campo da sociabilidade entre pares, especialmente, aquelas vividas à revelia das normatizações sociais instituídas e impostas à sexualidade juvenil. Dessa maneira, a vida e a sexualidade juvenil na rua, nas praças, na “*cidade dos anjos*”, pareciam invisíveis (inacessíveis, inapropriadas, desconectadas) às práticas e aos saberes instituídos à formação sexual juvenil.

2.2 Etnografando Modos de Vida e Sexualidades Juvenis na Cidade

O caminho metodológico desta pesquisa de campo partiu da busca dos percursos de jovens gays e suas interações na (e com a) cidade de Fortaleza. A escolha do primeiro informante decorreu pela aproximação que tivemos durante oficinas realizadas pelo GRAB, entre 2008 e 2010. Ele demonstrava, em seu modo de vida, posturas e atitudes afirmativas da homossexualidade, vivenciadas, aparentemente, de maneira bastante tranquila em seu cotidiano. A princípio, isso parecia para mim um caminho fértil para iniciar a investigação sobre percursos e interações com os demais jovens e a Cidade. Apesar de não termos estabelecido vínculos de amizade, pois apenas havíamos nos encontrado esporadicamente em

eventos do GRAB, imaginei que não hesitaria de falar sobre suas relações com os demais jovens e sobre a vivência da homossexualidade em espaços públicos.

Figura 02 – Casal de Jovem na galeria da PV do DM



Fonte: arquivo pessoal

Conheci Luís (20 anos) no ano de 2008, quando facilitava oficinas sobre *Juventudes e homossexualidades* em atividades realizadas pelo GRAB junto a jovens *gays* da Regional I. Bailarino, morador do Bairro Vila Velha (periferia de Fortaleza), o jovem chamou-me a atenção, entre os demais jovens *gays*, pela subversão do binarismo de gênero e pela aparente tranquilidade com que articulava traços performáticos e características atribuídas à masculinidade e à feminilidade em seu modo de vida. Apesar de declarar-se *gay*, recusando a possibilidade de um possível processo de travestilização, são visíveis os marcadores de uma identificação feminina em seu estilo e comportamento.

O uso de vestimentas com preferência para a cor rosa claro e coladas ao corpo; a cor e o corte do cabelo (sempre penteado); o uso constante de maquiagem (brilho nos lábios, sombra e lápis nos olhos); sobrancelhas afiladas e unhas compridas e pintadas. Este visual,

aliado aos trejeitos delicados, instigou em mim o questionamento acerca dos obstáculos encontrados por Luís (20 anos) na sociabilidade com outros jovens *gays* e com os demais jovens, seja em seu local de moradia (o bairro), seja nos demais espaços de interação juvenil da Cidade. Isso porque a subversão dos gêneros expõe os sujeitos a constantes vivências de vulnerabilidades sociais em decorrência da homofobia²³, especialmente aqueles em que a orientação sexual – a homossexualidade – salta à vista, tendo como referência os dispositivos de gêneros instituídos para meninos e meninas. Adotando uma categoria nativa, de uso frequente entre os jovens com quem conversava nas oficinas, Luís (20 anos) se enquadraria no perfil da “*bicha pintosa*”, conforme ele mesmo declarou durante a conversa que descrevo em seguida.

Depois de quase um ano sem vê-lo, nos reencontramos na sede do GRAB, no mês de março de 2011. Naquele momento, com o cabelo em tom vermelho, fazia parte do Grupo de Teatro Asa Branca, juntamente com outros 10 jovens *gays*.

Nosso encontro ocorreu, por sugestão dele, logo após um ensaio do teatro. A entrevista, que preferi gravar por meio do celular, transcorreu num tom de conversa informal e descontraída, talvez em virtude de nos conhecermos a aproximadamente quatro anos. No decorrer da conversa, instigado por mim, Luís (20 anos) foi descrevendo os espaços e a dinâmica de sociabilidade vivida por jovens *gays* no bairro Vila Velha. Alguns locais (públicos e/ou institucionais) onde há interações de jovens *gays* foram mencionados e descritos como espaços de sociabilidade juvenil cotidiana: a praça do bairro, a casa de amigos, a escola, a locadora de vídeo. Ao ser indagado sobre os ambientes que frequentava fora do bairro, a Praça Portugal e o Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura - CDMAC foram mencionados como espaços de frequência semanal de alguns jovens *gays* daquele bairro nos finais de semana:

Alexandre: *E além desses locais lá do bairro... vocês saem pra onde?*

Luís: *Pronto... nós vamos pra PP [Praça Portugal] todos os domingos. E todo final de semana, no sábado, a gente vai pro Dragão. Ou se a gente não*

²³ O conceito de “homofobia” está em constante construção. Numa tradução mais objetiva e sucinta, Mott (2006) a traduz como “ódio generalizado contra os/as homossexuais e a homossexualidade”. Carvalho, Andrade, Junqueira (2009, p. 24), acrescentam: “Termo comumente utilizado para definir o medo, o desprezo, a desconfiança e a aversão em relação à homossexualidade e às pessoas homossexuais ou identificadas como tais. A homofobia não diz respeito apenas ao universo variado de manifestações psicológicas negativas em relação à homossexualidade. Ela está na base de preconceitos, discriminações e violências contra lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais e todas as pessoas cujas sexualidades ou expressão de gênero não se dão em conformidade com a heteronormatividade e as normas de gênero”.

entra na Dona Santa [boate], a gente fica no Dragão, aí nós vira a noite e no domingo. Todas, com ou sem falta, vão pra PP.

Alexandre: E o que é a PP?

Luís: A Praça Portugal ... ali... em frente ao Shopping Aldeota.

Alexandre: Ah, sei... e o que é que tem de bom lá?

Luís: Eu vou pra namorar, né... é bom pra namorar, né... porque eu só posso namorar no dia de folga da semana, ou então no sábado e no domingo.

Alexandre: E ele [o namorado] não vai não pra onde tu mora?

Luís: Vai, mas só no dia da minha folga. É muito rápido.

Alexandre: Legal...

Luís: Na PP é lotado de gente... olha... tem Emo, travesti, gays, tem lésbicas, roqueiro... tem de tudo lá. O que você quiser... a seu gosto.

[...]

Luís Dia de domingo... é na PP. Todas estão lá.

Alexandre: E todos se falam?

Luís: Tipo assim... a gente se mistura com as que a gente conhece de outros lugares e assim vai.

A descrição das interações na Praça Portugal e no CDMAC chamou a minha atenção. Primeiro, porque anterior à entrevista, eu era sabedor (por vias informais) de que a Praça Portugal era local de encontro apenas de jovens *Emos*. Depois, pela condição de mobilidade²⁴ exigida, ou seja, pelo deslocamento (espacial e geográfico) necessário entre o bairro Vila Velha e a Praça Portugal, como também ao CDMAC, e o contraste social do bairro com o ambiente ao qual a Praça e o CDMAC estão situados. Pareceu-me, pela descrição do jovem, que esses locais seriam espaços de encontros de jovens moradores de localidades diversas da Cidade, exigindo um deslocamento não apenas geoespacial, mas sociocultural, dos bairros de origem a outros espaços da Cidade. Um rompimento de fronteiras que, no transitar juvenil, se mostram “borradas”, “porosas”, “incertas”, diria Telles (2010).

Essa dinâmica proporcionaria uma maior interação com a Cidade? O que procuram? O que os atrai? Há uma dimensão educativa implicada na relação juventude/sexualidade/cidade? Em que aspectos esses percursos e espaços de sociabilidade (essas vivências, interações) contribuem para a construção, desconstrução ou reconstrução de saberes sobre gênero e sexualidades? Como esses jovens, nesses locais, articulam códigos, comportamentos e saberes sobre gênero e sexualidade?

Foi motivado por essas indagações que iniciei o processo de inserção nesses locais e estabeleci, como pesquisador, os primeiros contatos com o(a)s jovens frequentadore(a)s da Praça Portugal e da Praça Verde do Dragão do Mar. Desse modo, compartilhava com a

²⁴ Mobilidade aqui entendida como nomadismo.

afirmativa de Vidal (2009, p. 67-68) de que “os espaços sociais que surgem como terrenos potenciais de experiência e de oportunidade para os habitantes da cidade não se limitam ao lugar de residência” e, neste caso, as praças faziam-se *lócus* desta pesquisa.

O tempo/espaço da pesquisa de campo nos espaços apontados pelo jovem Luís (20 anos) foi o período entre julho de 2011 e abril de 2012, conforme descrevo a seguir. No entanto, antes de refazer meus percursos etnográficos entre os “anjos”, considero pertinente situar, mesmo que brevemente, as escolhas teórico-metodológicas deste estudo.

Por se desenvolver na observação de espaços que têm como característica o encontro de estilos juvenis diversos – Roqueiros, Punks, Skatistas, Emos, Dançarinos de Free Step, Bboys, “Coloridos”, Otakus, “Piranguinhos” e os “Comuns” ou “Normais” –, tomo como estratégia de discussão os estilos e as grupalidades juvenis. Também estabeleço diálogo entre o material empírico desta pesquisa - obtido por meio das observações do campo e de entrevistas e grupos de discussão - e alguns estudos já realizados sobre a temática.

A escolha por realizar grupos de discussão deu-se em virtude da necessidade de uma técnica que levasse os jovens

[...] à reflexão e narração de determinadas experiências e não somente à descrição de fatos. O objetivo maior do grupo de discussão é a obtenção de dados que possibilitem a análise do contexto ou do meio social dos entrevistados, assim como de suas visões de mundo ou representações coletivas (WELLER, 2010, p. 56).

Os estudos das culturas juvenis são adotados como referenciais para a discussão sobre os modos de vida juvenis e a percepção dos jovens sobre seus estilos e sociabilidades. Assim, os saberes já elaborados sobre grupalidade e modos de vida juvenis dialogam com as reflexões sobre a experiência empírica da pesquisa. Este dialógico (teoria/prática), ao passo que permite o questionamento dos saberes culturalmente instituídos e hegemônicos de nossa sociedade, possibilita compreender os contornos das sociabilidades em interações juvenis, suas negociações simbólicas e estruturais com a vida contemporânea.

Os modos de vida e a vivência das sexualidades juvenis permeiam processos de identificações em curso, portanto, uma dimensão subjetiva e instável da vida. As experiências dos jovens (individuais e coletivas) e os significados e sentidos atribuídos aos saberes já adquiridos, em seus processos de (re)elaboração de si, no curso da vida, assumem significativa importância. Dessa maneira, evitam-se generalizações e buscas de “verdades” absolutas (posicionamentos essencialistas) sobre juventudes e sexualidades.

Além das especificidades do campo empírico de pesquisa, a produção científica exige do pesquisador o trato com dimensões diversas da vida social, de modo a articular entre as partes e o todo, o micro e o macro, a realidade estudada e sua relação com a historicidade e a totalidade social e cultural. A mobilidade entre teoria e prática que articula os saberes até então sistematizados àqueles encontrados na dinâmica social estudada também é parte desse “fazer ciência”. Na busca de distanciar-se de uma perspectiva cartesiana do saber científico, esse movimento, essa mobilidade, faz a ciência dinâmica e plural, na medida em que as escolhas de referenciais teóricos, de técnicas, métodos e a subjetividade do pesquisador lançam olhares diversos sobre uma mesma cena, um mesmo contexto, estando eles – os sujeitos e suas circunstancialidades socioculturais – expostos a múltiplas interpretações e a ciência, à (re)elaboração de saberes em questão. Por outro lado, conforme observamos anteriormente, o dinamismo e a complexidade da vida social oferecem diversas possibilidades de sua apreensão e de interpretação, reelaborando os rumos, as trilhas a serem percorridas pelo pesquisador.

Nesta pesquisa, os percursos empíricos etnográficos, apesar de manterem-se na margem do campo científico pré-definido – os estudos sobre a formação sexual da juventude –, lançaram pistas e possibilidades de alguns trânsitos científicos por categorias teóricas que estão longe dos tradicionais estudos na área da educação.

2.2.1 A Inserção no Campo: A etnografia como possibilidade de (re)construção coletiva dos caminhos da pesquisa

“Perder-se também é caminho”.

Clarice Lispector

No âmbito da prática e/ou da experiência etnográfica (MAGNANI, 2009)²⁵ desta pesquisa, a inserção no campo foi um momento determinante tanto para os caminhos a serem percorridos quanto para os seus resultados. Isso porque é no encontro com o campo que o pesquisador se depara com as circunstâncias que o objeto de pesquisa lhe apresenta. Apesar de sermos sabedores do caráter subjetivo e das múltiplas circunstâncias dos contextos sociais

²⁵ “Enquanto a prática é programada, contínua, a experiência é descontínua, imprevista. No entanto, esta induz àquela, e uma depende da outra, propiciando, o que Lévi-Strauss (1976, p. 37), em *O pensamento selvagem*, denomina o ‘direito de seguir’ [...] Entendido como método em sentido amplo, engloba as estratégias de contato e inserção no campo, condições tanto para a prática continuada como para a existência etnográfica e que levam à escrita final” (MAGNANI, 2009, p. 136).

investigados, antes mesmo de adentrarmos o campo, ou mesmo antes de conhecê-los, os procedimentos acadêmicos nos mobilizam a projetar o “fazer”, de modo que “definimos” os percursos da pesquisa a serem realizados, os instrumentos, as técnicas e os procedimentos tradicionalmente empreendidos. Do mesmo modo, elaboramos um referencial teórico que nos auxilia nesse sentido. No entanto, nesta pesquisa, como em tantas outras, o percurso entre o planejado, a inserção no campo e os procedimentos metodológicos de interações com os jovens foram constituídos por caminhos permeados por desafios, incerteza e possibilidades, conforme podemos observar no registro do primeiro dia de campo:

DM: Sábado, 30 de julho de 2011. Cheguei ao CDMAC acompanhado de dois amigos, por volta das 17 horas. O CDMAC já era, para mim, um lugar familiar, apesar de não o frequentar com assiduidade, participando apenas de eventos pontuais e shows culturais que eventualmente ocorrem em sua agenda cultural. Assim, estar no CDMAC não foi motivo de estranhamento. No entanto, observar as interações juvenis neste limitado espaço/tempo dos fins de tarde e noites de sábado foi uma experiência nova e instigante, que provocou muitas inquietações. Minha intenção inicial era apenas conhecer o local e fazer um registro por meio de fotografias. Imaginei que o uso de máquina fotográfica não seria, naquele espaço, algo atípico, uma vez que por ser um local de circulação turística, fotografar não causaria nenhum estranhamento. Mesmo assim, preoquei-me em fotografar discretamente e mantendo uma distância que me deixasse despercebido pelos jovens. No CDMAC, mais precisamente no pequeno palco sob o Observatório e nas imediações da Praça Verde, tribos juvenis diversas - cerca de 1.000 a 1.500 jovens - aglomeram-se em interações nos fins de tarde e noites de sábados. Ainda era dia e um grupo pequeno de jovens (meninos e meninas) já ocupava todo o espaço circular sob o Observatório, assim como transitavam constantemente em suas mediações. A cor preta predominava nas vestes, que variavam no estilo. Alguns meninos usavam calças bastante coladas ao corpo enquanto outros, calças muito folgadas acompanhadas de camisas de bandas de rock, animes e desenhos diversos. Como acessórios: bonés e mochilas. O uso de casacos de moletom chamou-me atenção por ser inadequado ao clima da cidade. O que mais se assemelha eram os estilos de tênis, ora com tendência a cores fortes, ora brancos ou pretos, contrastando com as cores dos cadarços em laranja, verde. Deparei-me em um difícil exercício de tentar identificar a tribo ao qual pertenciam por meio dos estilos, do visual (vestimentas, cabelos) e/ou comportamentos (danças, trejeitos), o que logo percebi que não seria tão fácil. Os três degraus que marcam a elevação do piso do círculo sob o observatório – tornando-o uma espécie de palco circular – em relação ao jardim que o cerca, funcionavam, para alguns jovens, como assento a constituir rodas de conversas descontraídas. Os bancos do jardim também eram ocupados em um ritmo de idas e vindas frequentes dos jovens. Percebi, de imediato, um movimento constante de formação de grupos que se desfaziam rapidamente, construindo outros grupos compostos por diferente jovens. A impressão inicial desse movimento é que haveria um constante rodízio de pessoas em interações e que todos, ou quase todos, se conheceriam, dado o acelerado ritmo das conversas e o ar de familiaridades entre eles. Do local de onde os observava não era possível ouvir suas conversas. Agumas vezes, formavam-se círculos

sob o observatório, onde, ao meio, jovens (geralmente os meninos) revezavam apresentações individuais e rápidas de passos de danças que, pela coreografia, identifiquei como o break, típico do movimento hip-hop. Algumas apresentações ocorriam mesmo sem música, ou ao som de música em MP3 nos celulares. Meu intuito inicial foi tentar, mesmo a uma certa distância, identificar os jovens gays ali presentes. Utilizaria como referencial identificatório o estilo de roupa e os trejeitos a partir das performances de gênero empreendidas. Acreditava que, pelo menos em alguns casos, o visual dos jovens, o estilo de roupas e os comportamentos seriam importantes elementos de identificação do pertencimento a determinadas tribos, inclusive, aos *gays*. Certamente, os *emos*, pelo estilo do cabelo, com franja a encobrir o rosto; os jovens do *hip-hop*, pelo estilo de roupa e pela dança; os jovens roqueiros, pelos adereços, cabelos com cortes exóticos e/ou pintados e demais marcadores de identidades. Não demorou muito tempo para perceber que identificar os garotos gays entre os demais não seria tarefa fácil, com exceção de alguns meninos com trejeitos efeminados ou com aparência andrógena. No entanto, entendo que não seriam elementos suficientes para a identificação da orientação sexual. Essa é uma questão a discutir posteriormente. “Vai ser difícil saber quem é gay aí” afirmou um dos meus amigos. Observando estilos, comportamentos e códigos que informam sobre gênero e sexualidades, os comportamentos me pareciam semelhantes: as constantes “pinadas” entre os meninos, simulando um coito anal, em climas de brincadeira; a forma como se tocavam (abraços, beijo no rosto). Os abraços, constantemente em brincadeiras e interações, me chamaram a atenção. Garotos transitando abraçados a conversar e “selinhos” entre meninos faziam parte do ritual das brincadeiras de alguns. Seriam garotos *gays* ou estariam a vivenciar afetividades mais livres do tradicional “desafeto” atribuído à masculinidade heterossexista? Aparentemente, para mim, pareciam demonstrações, trocas de afetos sem conotações sexuais, ou de orientação sexual, demonstrações de amizade. No entanto, afetividades não convencionais a outros espaços de interações. Comportam-se dessa maneira nos demais espaços de convivência cotidiana? Movido a danças e brincadeiras, o movimento agitado do corpo era uma constante. Uma mistura de tribos onde a orientação sexual não parecia tão demarcada. Estariam eles pondo essa referência em pauta? Questionei-me. O interesse na orientação sexual dos que ali estava parecia ser apenas meu, pelo menos naquele momento. Descobri que naquele fim de semana, a Praça Verde, onde geralmente esses jovens se aglomeram, destinava-se ao IX Festival Cearense de Quadrilha Junina, promovido pelo Governo do Estado do Ceará, o que fazia com que eles ocupassem apenas as mediações do observatório naquele dia. Havia, ainda, um movimento de circulação por outros espaços do CDMAC, no entanto, com concentração sob o observatório. Ainda durante o dia, percebi o olhar de estranhamento direcionado a esses jovens por alguns transeuntes. Imagino que isso ocorra porque o CDMAC não é um local destinado exclusivamente à frequência de jovens (como ocorre em outros espaços institucionais como o Centro Urbano de Cultura e Arte - CUCA) nem tão pouco, parece-me, o CDMAC mantém uma agenda cultural voltada a atender especificamente às preferências de lazer desses jovens. Talvez, os olhares sejam um indicador de que ali seja um “não-lugar”. Ou seriam eles os “não-sujeitos”? (Diário de Campo, julho de 2011) (grifos meus).

Delimito como período de inserção no campo o primeiro mês de frequência nas praças (PP e PV), por ser o demarcador do estranhamento inicial, momento de deparar-me com o contexto

das interações juvenis a serem investigadas. A inserção, etapa decisiva para os delineamentos dos rumos teóricos e empíricos da pesquisa, foi marcada por inquietações e dúvidas, em virtude do encontro com novas e inesperadas formas de interações juvenis.

Figura 03 – Jovens garotos na galeria da PV do DM



Fonte: arquivo pessoal

Ao iniciar a pesquisa que, até então, tinha como questão central a investigação da sociabilidade de jovens *gays* de periferias de Fortaleza, deparei-me com uma cena marcada pela fluidez e pela diversidade de mobilidades de territórios, de estilos e de práticas afetivo/sexuais, que caracterizava os encontros de diferentes grupos de pares em um mesmo espaço/tempo da cidade. Tais mobilidades pareciam vedar-me os olhos, de modo que me eram imperceptíveis as formas e os modos como as interações juvenis se constituíam naquele espaço e, a priori, uma nova problemática teórico/metodológica me inquietava: Como as interações juvenis seriam investigadas tendo a orientação sexual como elemento de análise, se esta parecia entrelaçada numa rede de múltiplas relações, práticas e identificações juvenis? Como investigar essas interações, em um contexto de pluralidades e mobilidades juvenis, a

partir de um recorte metodológico que excluiria outras identificações e os demais aspectos que as constituem?

Até então, o principal referencial de delimitação dos jovens a serem investigados – a orientação sexual – não aparecia, naquele momento, com demarcações nítidas, nem as orientações sexuais estariam explícitas, e tampouco postas em questão pelos sujeitos. Estava ele (o referencial de delimitação) diluído entre outras identificações juvenis, mobilizado por dinâmicas dialógicas instituídas na sociabilidade juvenil daquelas praças. Apesar da diversidade de estilos, de práticas afetivo/sexuais, de modos de ser e estar juvenis indicarem um “uso vernacular dos espaços” (MAGNANI, 2002), a diversidade de formas de apropriação e ressignificação desses espaços parecia embaçar-me os olhos, anunciando um desafio metodológico a ser superado e que, naquele momento, traduzia em questionamento: Que caminho seguir?

Esse encontro com as “misturas” ou pluralidade juvenis foi o momento de maior estranhamento, da dúvida, de olhar, mas não enxergar o que aquela cena anunciava. Talvez, o impacto inicial ocorrera por me manter por demais preso às questões elaboradas anteriormente durante os procedimentos acadêmicos de projeção da pesquisa. Um conflito que se institui no momento em que o campo de pesquisa não responde às inquietações iniciais do pesquisador e este não percebe que a não resposta se faz na evidência da emergência de outras perguntas. Era preciso “compreender o campo como possibilidades de novas revelações” (NETO, 1994, p. 56), nas palavras de Pais (2003a, p. 20), “apanhar os sentidos da linguagem ordinária [...] tentar captar os significados da vida corrente sem os reduzir apressada ou grosseiramente a categorias científicas rígidas, previamente definidas”. Esses sentidos só se fazem nítidos (ou, de certa maneira, perceptíveis) quando o pesquisador se despe dos seus pressupostos preestabelecidos e disponibiliza-se a ouvir e/ou enxergar os enunciados do campo da pesquisa e a partir desses, estabelecer relações entre o proposto pela investigação e a complexidade da realidade investigada.

Os métodos empreendidos – a observação participante, entrevistas individuais e grupos de discussão – são aqueles que vão ao encontro dos preceitos da pesquisa qualitativa, ou seja, aqueles que possibilitam o trabalho

[...] com um universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. (MINAYO, 1997, p. 21-22).

A observação, que iniciou por uma busca em identificar os jovens *gays*, buscou, no primeiro mês em campo, identificar, também, a dinâmica dos espaços ocupados, a existência (ou não) de grupos e as práticas juvenis nessas praças. Para isso, optei por transitar entre eles, sem que os interpelasse diretamente, misturando-me a eles, “no papel de observador clandestino”, conforme descreve Pais (2006) ao relatar a suas deambulações sociológicas pelos “rastros da solidão”, em espaços públicos da cidade.

A sensação de instabilidade e fluidez das interações juvenis trazia, a priori, para mim, um sentimento de incompreensão, uma vez que não conseguia elaborar respostas objetivas sobre as questões observadas. Não havia percebido que não conseguir elaborar respostas seria um importante dado a ser observado, um indicativo de que as interações perpassam múltiplas práticas, saberes e experiências que se faziam menos homogêneas por se elaborarem em meio à interseção de um campo variado de identificações e práticas juvenis.

Foi no questionamento sobre os porquês de não conseguir identificar as dinâmicas de grupos (ou a inexistência dos mesmos), nem uma lógica definida de ocupação das praças, ou tão pouco estabelecer referenciais que identificassem os jovens *gays*, que um caminho se fazia nítido: era preciso compreender a dinâmica da pluralidade juvenil e suas “*misturas*” a partir da condição das mobilidades que até então aquelas interações anunciavam: a espaço/geográfica e a temporal.

Para isso, a etnografia, o caminho teórico/metodológico escolhido, foi o trânsito por campos da antropologia urbana, sugerida por Magnani (2002), compreendida a partir da estratégia metodológica “*de um olhar de perto e de dentro*”, partindo “dos próprios arranjos desenvolvidos pelos atores sociais em seus múltiplos contextos de atuação e uso do espaço e das estruturas urbanas” (p. 25).

A etnografia urbana proposta por Magnani (2002) parte de uma crítica a estudos e abordagens sobre os processos de urbanização desenvolvidos sob o enfoque de uma visão macro das “sociedades complexas”. Segundo ele, nesses estudos, os processos urbanos (as cidades/metrópoles) estão sujeitos a olhares estereotipados por modelos e questões frutos dos processos globalizantes e homogeneizadores dos sistemas econômicos (capitalistas) pós-modernos, que pressupõem a existência de uma “cidade global”. Esta percepção é encontrada também em Agier (2011), quando questiona a noção generalizada de “cidade” sob a prerrogativa de “que não há realmente um modelo de cidade” (AGIER, 2011, p. 185).

Em detrimento de fatores de ordem macro, determinados pelo campo econômico/político, essas abordagens, segundo o Magnani (2002, p. 15), ignoram os atores locais e suas formas de sociabilidade, “uma gama de práticas que não são visíveis na chave de

leitura da política (ao menos de uma certa visão de política): é justamente essa dimensão que a etnografia ajuda a resgatar”. Tal resgate implicaria, no campo da antropologia, em um fazer etnográfico capaz de identificar nas cidades “as diferentes centralidades e os múltiplos ordenamentos que nelas e a partir delas ocorrem”. Para isso, procura delimitar um campo de análise voltado à dinâmica urbana contemporânea no qual a estratégia metodológica, sob outro foco de análise, seja “capaz de identificar, descrever e refletir sobre aspectos excluídos da perspectiva daqueles enfoques que, para efeito de contraste”, Magnani (2002, p. 17) os qualifica como de “*fora e de longe*”, ou seja,

[...] capaz de apreender os padrões de comportamento, não dos indivíduos atomizados, mas dos múltiplos, variados e heterogêneos conjuntos de atores sociais cuja vida cotidiana transcorre na paisagem da cidade e depende de seus equipamentos.

Assim, a proposta etnográfica de Magnani (2002) vai ao encontro da perspectiva dos estudos de Agier (2011) sobre a antropologia da cidade relacional, voltada ao “fazer a cidade”²⁶. Agier (2011), ao sugerir uma antropologia relacional e situacional, ressalta que observar situações seria o “pano de fundo” do fazer antropológico e afirma:

O que eu procuro na situação não é um campo de vista minimalista, [...] o que procuro é, precisamente, apreender o sentido no contexto cultural, histórico, sociológico, local etc. da situação. O que é interessante na situação é conseguir mostrar em que o contexto é inerente à situação; é estabelecendo a relação situação-contexto que se pode atingir um certo nível de compreensão. A análise situacional funciona muito bem, nesse caso. A densidade de uma descrição, para retomar os termos de Clifford Geertz, é quando se consegue juntar esses diferentes níveis de sentido (AGIER, 2011, p. 57).

Neste estudo, a análise situacional foca-se nos processos formativos juvenis, ou seja, nas situações de interações juvenis e encontra no conceito de cidade educadora, trazido por Carrano (2003), um olhar voltado à dimensão educativa dessas situações. Numa interlocução com os estudos propriamente situados no campo da educação²⁷, essa perspectiva

²⁶ Suas pesquisas voltam-se ao questionamento de “como as pessoas fazem a cidade”. Assim, prioriza estudos em “zonas marginais [...] onde as pessoas são obrigadas a inventar por si própria a sua existência [...] São as pessoas que fazem a cidade, os grupos sociais que fazem a cidade, e não a cidade que faz a sociedade. É este “fazer cidade” que se observa nas relações sociais, em diferentes formas de sociabilidade, que é preciso decifrar melhor” (AGIER, 2011, p. 55).

²⁷ O conceito de cidade educadora trazido por Carrano (2003, p. 24) remete-nos à percepção de que “as práticas educativas em uma cidade ocorrem no terreno concreto da pluralidade do real, composta pelas intencionalidades estruturantes de planejadores, mas também pelo jogo realizado por sujeitos sociais que, em suas práticas

educadora da vida juvenil citadina ancora-se, também, no entendimento relacional experiência/educação (DAYRELL, 2007b).

Assim, esta pesquisa não se constitui apenas em um espaço fronteiro desses campos de estudos disciplinares (juventude, sexualidade educação e cidade), mas no eixo de interseção em que a formação sexual da juventude, para além dos espaços institucionais formais (família, escola, Igreja), se situa. Isso implica, também, na observação dos trânsitos juvenis, no âmbito geoespacial, acompanhando (ou refazendo) seus percursos na cidade e às dinâmicas de interações sob “misturas” de estilos e orientações sexuais entre referenciais de identificações diversos. As apropriações e trocas materiais e simbólicas de códigos, de signos expressos tanto através da estética e performance corporal quanto das identificações com gostos diversos (musical, de dança, de culturas específicas).

Apesar da existência de uma delimitação espacial da pesquisa (as praças), via-me frente ao desafio de redefinir, a partir das primeiras impressões do campo, o recorte do objeto. Um movimento duplo, aparentemente, contraditório foi necessário: o de voltar à questão central da pesquisa – a formação sexual da juventude – e ao mesmo tempo, desprender-me das hipóteses pré-elaboradas, para assim, ser possível reconstruí-las, a partir do cenário em observação, do empírico. Assegurar a delimitação (definição) do campo de estudo fazia-se primordial, em virtude da densidade das interações juvenis oferecerem um rico e potencial campo de informações a serem observadas e apreendidas, o que poderia ocasionar em um objeto de pesquisa vago, indefinido, impreciso. Mais que apurar o olhar e exercitar a escuta, foi preciso, enquanto pesquisador, encontrar o caminho, o fio da meada. Cardoso de Oliveira (2006, p. 21) nos lembra que

[...] tanto o ouvir como o olhar não podem ser tomados como faculdades totalmente independentes no exercício da investigação. Ambas se e servem para o pesquisador como duas muletas - que não nos percamos com essa metáfora tão negativa - que lhe permitem caminhar, ainda que tropegente na estrada do conhecimento.

Ancorado nessas “muletas” etnográficas, o caminho – a “estrada do conhecimento” – se fazia transitando entre os jovens, ouvindo suas conversas, observando seus comportamentos – suas interações –, estilos e sexualidade surgiam como dimensões importantes para a compreensão das interações vividas nas praças e dos modos de vida

microscópicas, singulares e plurais, se articulam como educadores coletivos em redes sociais e escapam, em muitas ocasiões, aos controles da ordem”.

empreendidos na sociabilidade juvenil nos espaços públicos da Cidade. A partir dessa constatação, as demais questões foram reestruturadas.

O campo mostrava-se caracterizado por experiências de fluidez e mobilidade juvenil, onde uma diversidade de identificações se entrecruzava na dinâmica das interações nas praças e na Cidade, de modo que os procedimentos da pesquisa deveriam focar-se em um campo específico: as questões de gênero e sexualidade juvenis, caso contrário, o estudo se diluiria, também, em tamanha instabilidade e diversidade. Por outro lado, as experiências no campo da sexualidade vivenciadas nas praças se entrelaçavam a outras dimensões juvenis, e a adoção de estilos diversos, assim como as interações entre eles, mostravam-se significativas para a compreensão dos processos de sociabilidades estudados. Dissociá-los seria uma perda à compreensão dos modos como tais interações se mobilizavam, uma perda à pesquisa.

Desse modo, um último campo de estudo incorporado à pesquisa é aquele relacionado aos estilos juvenis, às formas, materiais e simbólicas de expressarem modos de vida e sexualidades. Para isso, tomo como referência os estudos sobre “culturas juvenis”, ou seja, as formas juvenis de expressão coletiva empreendidas, principalmente, nos espaços de interações, no lazer, no “tempo livre” (PAIS, 2003b). Nele, os processos de produção da estética corporal juvenil, ou as formas de “marcação do corpo”, como prefere Ferreira (2008), são abordados considerando os estilos dos jovens em negociações com marcadores de gênero e sexualidades²⁸. Essas negociações adentram os campos de (re)significações juvenis, nos quais a “estética do gênero” (BENTO, 2006) e a estética dos estilos juvenis se entrecruzam elaboradas por processos de (re)produção de saberes sobre gênero e sexualidades. Esse arsenal de identificações juvenis experimentado, simultaneamente, é entendido, neste estudo, como elemento determinante para a dinâmica de interações afetivo/sexuais e de formas de grupalidades empreendidas nos espaços públicos da Cidade.

A flexibilidade do movimento (teórico e metodológico) do estudo possibilitou uma relação dialógica com o campo da pesquisa, de modo que as projeções anteriores à inserção nos espaços de investigação se reordenaram sem perder o foco temático

²⁸ Na obra “*Marcas que demarcam*”, Ferreira (2008) analisa os sentidos e efeitos dos regimes de marcação corporal entre os jovens de Portugal, procurando conhecer como as estruturas de sentido são captadas por um regime corporal específico quando mobilizado em contextos juvenis. Ferreira estudou, especificamente, as marcações corporais por meio de tatuagens e o *body piercing* na “sua versão mais radicalizada, ou seja, quando os objetos de tintas começam a colonizar largas extensões epidérmicas”, ou como prefere o autor, “projetos identitários”. Neste estudo, no intuito de vislumbrar as negociações mobilizadas entre estilos juvenis e sexualidades, observo as representações juvenis sobre os estilos adotados por meio de expressões estéticas e performáticas do (e empreendidas no) corpo a partir dos significados e sentido atribuídos pelos jovens. Observo, também, os modos e motivações juvenis ao empreendimento desses marcadores no contexto das interações entre pares nos espaços públicos, que se fazem sob as “misturas juvenis” caracterizadas pela diversidade de estilos e orientações sexuais.

preestabelecido, nem ignorar as dimensões oriundas do trabalho empírico. Esse movimento de reconstrução coletiva dos caminhos da pesquisa se fez possível em virtude da acertada escolha pela etnografia e pela disponibilidade ao exercício de escuta e observação da vida em sua complexidade. Movimento, que apesar de, por vezes, parecer o indício de uma desordem, de uma perda, constitui-se como o refazer do caminho que traçamos no (e em) movimento etnográfico.

As dimensões geoespacial e geoafetivas imersas em dinâmicas de trânsitos pela Cidade, assim como as experimentações e/ou descobertas juvenis de estilos e sexualidades adentram campos de fluxos, de movimentos, de mobilidades que caracterizam tanto os tempos modernos quanto os “tempos juvenis”. Em uma abordagem sobre “o modo como as mobilidades são simultaneamente produtos e elementos da produção de relações de poder”, Cresswell (2009, p. 37) ressalta que:

Um foco no móvel deve ter um olhar constante sobre quais as mobilidades que são encorajadas e aceitáveis e quais as que são desencorajadas e inaceitáveis. Deverá mostrar de que modo diferentes mobilidades estão relacionadas entre si e como mobilidades de tipos particulares estão relacionadas com imobilidades igualmente específicas. Quem pode se mover, como e em que condições, são questões fundamentais da nossa época.

Desse modo, por diferentes aspectos, a mobilidade surge como uma categoria transversal sobre duas dimensões da vida juvenil: a do *movimento espacial*, elaborado na (e com a) cidade, na busca do encontro com o outro e a do *movimento afetivo/sexual* elaborado na busca do encontro consigo, mobilizado pelos trânsitos materiais e simbólicos a partir de uma diversidade de identificações, por meio de experiências (estéticas e performáticas) corporais e afetivas/sexuais.

Ambas transitam por dimensões relacionais e individuais, pois as relações (com o outro e com os espaços) implicam em trânsitos e escolhas individuais. Assim, as experimentações juvenis no campo dos estilos e da sexualidade, mesmo se dando no âmbito da individualidade (da produção do corpo, das experiências sexuais, das descobertas de desejos, de prazeres, de sentimentos) perpassam por campos relacionais, com outros jovens, com a cidade, com o social. A abordagem da mobilidade humana desenvolvida por Cresswell

(2009, p. 27)²⁹ é referencial principal desse processo, por pressupor que “o movimento, o significado a este associado e a prática experienciada encontram-se todos interligados”.

Foi assim que iniciei e prossegui essa etnografia: ora levado pelos anjos, ora por meus interesses científicos; ora sob os preceitos dos procedimentos acadêmicos, ora sob o fluxo e as imprevisões do empírico. Era preciso estar junto, transitar pelas praças, pelas ruas, por espaços e cenas não programados, não esperados, em um movimento pendular que se fez mais sob dúvidas, questionamentos e incertezas do que sobre verdades. Era preciso deixar-me levar pelos anjos. Esse transitar entre os jovens exigia de mim, não apenas um olhar, mas uma interação. Não era suficiente estar junto, observá-los sob uma suposta invisibilidade, mas interagir, socializar-me, criar vínculos, estreitar laços, de maneira que se fazia necessária, nesse momento, um fazer etnográfico “*de perto e de dentro*” (MAGNANI, 2002).

a. A Aproximação com os Anjos e o(s) Lugar(es) do Pesquisador

Mesmo nos primeiros dias nas praças, enquanto apenas transitava sem nenhum tipo de interação direta com os jovens, algumas situações foram indicando uma peculiaridade dos jovens naqueles lugares: a disponibilidade para a sociabilidade, para o encontro com o outro. Estar nas praças era o suficiente para estabelecer uma interação, um diálogo, um contato inicial.

PP: Cheguei às 19h e novamente a frequência de jovens era pequena. Optei por não levar a máquina fotográfica à praça para não gerar estranhamento, deixando-a no carro. O ritual de chegada repetiu-se conforme o domingo anterior. Tudo parecia como antes e pela primeira vez, enquanto estava sentado em um dos bancos, fui abordado por um jovem:

- *E ai cara, quer contribuir com a cota pra bebida?* Indagou-me um dos jovens, acompanhado de outros dois, direcionando a mim um boné contendo, no espaço destinado à cabeça, algumas cédulas e moedas. Era um dos meninos que havia visto no domingo anterior percorrendo a praça com o mesmo objetivo.

- *Qual é a bebida?*, perguntei.

- *Cachaça*, respondeu.

- *Qual marca?*, continuei perguntando.

- *A mais barata!*, respondeu de imediato, sem pensar.

- *E vocês compram onde?*

- *Aqui no Pão de Açúcar* (apontou para o Shopping Aldeota, fazendo um gesto com a cabeça). Percebi, pelas poucas notas no boné e pela quantidade

²⁹ Cresswell (2009) define mobilidade como “um emaranhado de movimento físico, de significado e de prática” e atribui a esses elementos um caráter político, elaborando o que chama de “políticas de mobilidade” pensada a partir desses elementos. Dessa forma, “a mobilidade é também movimento social. Combina o movimento (de pessoas, de coisas, de ideias) com os significados e as narrativas que os circundam. Permite igualmente reconhecer o fato de as mobilidades serem produzidas dentro dos sistemas sociais que, por sua vez, ajudam a configurar” (p. 25).

de moedas, que a cota variava entre centavos e dois reais. Mesmo sabendo que não participaria do consumo da cachaça, contribuí com dois reais.

- *Quando a gente comprar, é só ir lá*, orientou-me, novamente com a cabeça, sobre o local do consumo, e saiu para continuar a arrecadação circular pela praça. Por um momento, em virtude da abordagem dos jovens e ao contribuir com a cota para a bebida, me senti fazendo parte da praça. Pensei que participar da “*intera*” poderia ser uma forma de estabelecer um elo entre mim e aqueles jovens. Uma possibilidade de interação. No entanto, a “obrigatoriedade” de beber a cachaça seria um problema e ri um pouco da situação. [...] No intuito de registrar com imagens o rosário do shalon, peguei a máquina no carro. Enquanto fotografava fui abordado por dois garotos:

- *Ei... tira uma foto da gente*. Solicitou um deles e após posar para a foto, perguntou: - *Tu vai colocar na internet?* Respondi que não.

- *Então manda pro meu e-mail. Pode ser?* Após a minha resposta afirmativa, foi logo passando o e-mail, repetindo várias vezes na tentativa de que eu o memorizasse.

- *Então tira mais uma*. Solicitou novamente, e enquanto eles posavam de modelo, fazendo o sinal de positivo com as mãos, e eu de fotógrafo, fomos conversando:

- *E vocês vêm sempre aqui?*

- *Sim*.

- *Moram aqui perto, é?*

- *No Antônio Bezerra. Conhece?*

- *Conheço*.

- *Vem uma turma de lá, mas hoje só veio nós dois e outro amigo. Tu não anda muito aqui não, né?*

- *Já vim algumas vezes. Vem muita gente aqui, né?*

- *É... tem de tudo, homo... bissexual... lésbica... de tudo!* Encerrou a conversa indagando se eu mandaria mesmo as fotos para seu e-mail: - *Vai mandar mesmo, né!?* Assim, foi contribuindo com a “*intera*” da cachaça e como fotógrafo que fiz os primeiros contatos com os jovens das praças (Diário de Campo, 07 de agosto de 2011).

Nessa primeira noite na PP a antropologia da imagem surge nesse início do percurso metodológico por meio do uso da máquina fotográfica, quando a produção da imagem fixa dos jovens viabiliza os primeiros contatos da relação pesquisador/pesquisados, ou seja, funciona como “um dos instrumentos da relação com o outro” e permitiria, posteriormente, a elaboração de um discurso. A imagem juvenil também ganha destaque em virtude da supervalorização da estética corporal pelos próprios jovens e do seu potencial, material e simbólico, de significação no campo da produção da estética, dos estilos e das representações socioculturais de gênero e sexualidade.

O espaço urbano – as praças – no qual acabara de me inserir, apesar de público e de constituir-se, em certa medida, como espaços de trânsitos, de sociabilidades (por vezes) anônimas, eram tomados pelos jovens sob outro aspecto, o do encontro, da familiaridade, de estreitamento de laços sociais, de relações, de “misturas” de “*galeras*” que, em interações naquele espaço/tempo, identificavam-se com um caráter de unicidade, se autodenominando

“galera da PP” e/ou “galera do DM”. Para eles, são espaços de se mostrar, de produzir e exibir estilo(s) (ou um não estilo), de experienciar práticas “ilícitas”, proibidas nos demais espaços da vida cotidiana. Aqui, a observação típica da etnografia urbana, que Pais (2006) denomina de “invisível”³⁰, é rapidamente tomada, captada pelos olhares daqueles que fazem do lugar do anonimato ou da não sociabilidade (refiro-me aqui especialmente à Praça Portugal), um espaço de encontros e laços sociais, um espaço “familiar”, numa estreita relação ao que Magnani (2002) chama de “pedaço”³¹. Assim, na inserção no campo, o observador, além de observado, vê-se também interpelado, sujeito da observação e dos olhares e “impressões” juvenis, constituindo um jogo de interação social que envolve “controle e interpretação de impressões, nesse caso, impressões mutuamente manifestadas pelo etnógrafo e seus sujeitos” (BERREMAN, 1975, p. 125).

Se a etnografia urbana consiste em uma imersão no cotidiano vivido pelos cidadãos, como forma de apreensão e compreensão dos seus costumes e modos de vida, eu era sabedor de que, como etnógrafo que se inseria em um espaço de interações, de encontros, os contextos situacionais da sociabilidade juvenil levar-me-iam a compartilhar, em certa medida, os fazeres juvenis nas praças e ruas da cidade, uma vez que

[...] é uma forma especial de operar, em que o pesquisador entra em contato com o universo dos pesquisados e compartilha seu horizonte, não para permanecer lá ou mesmo para atestar a lógica de sua visão de mundo, mas para, seguindo-os até onde seja possível, numa verdadeira relação de troca, comparar suas próprias teorias com as deles e assim, tentar sair com um

³⁰ Ao referir-se à etnografia urbana, ou seja, aquela desenvolvida em espaços públicos das cidades, Pais a considera “uma das formas mais radicais da chamada observação participante. O etnógrafo urbano é um participante natural da realidade que observa, ao permanecer oculto ante aos olhares de quem observa. É um transeunte que se confunde com os demais. Ao participar num meio de estranhos, constitui-se em garantia máxima de discrição [...] Observação ‘invisível’, como a que era desenvolvida pelos anjos do filme de Wim Wenders, *Asa do Desejo* (Cannes, 1987). Eles movimentavam-se, invisíveis, pela cidade de Berlim, ouvindo pensamentos de uma vítima do Holocausto, de pais preocupados com os filhos, de passageiros de metrô, de meros transeuntes de rua” (PAIS, 2006, pg. 21) (grifos meus).

³¹ “Quando um espaço – ou um segmento dele – assim demarcado torna-se ponto de referência para distinguir determinado grupo de frequentadores como pertencentes a uma rede de relações [...] No entanto, não bastava passar por esse lugar ou mesmo frequentá-lo com alguma regularidade para *ser do pedaço*, era preciso estar situado (e ser reconhecido como tal) numa peculiar rede de relações” (MAGNANI, 2002, p. 21). No caso das “galeras da PP e do DM”, “o pedaço aponta para o domínio intermediário entre a rua e casa [...] é o lugar dos *colegas*, dos *chegados*. Aqui não é preciso nenhuma interpelação: todos sabem quem são, de onde vêm, do que gostam e o que se pode ou não fazer” (p. 21). O pedaço, “é uma experiência concreta e compartilhada”, acrescenta Magnani (2009, p. 138). Os jovens da “galeras da PP e do DM” “se reconheciam como portadores dos mesmos símbolos que remetem a gostos, orientações, valores, hábitos de consumo e modos de vida semelhantes. O componente espacial do pedaço, ainda que inserido num equipamento ou espaço de mais amplo acesso, não comporta ambiguidades desde que esteja impregnado pelo aspecto simbólico que lhe presta a forma de apropriação característica” (MAGNANI, 2002, p. 22), denominada por ele de “ocupação vernacular do espaço”. Assim, os estudos de Magnani (2002), findam por constituir “uma “família” terminológica – *pedaço, trajeto, mancha, pórtico, circuito*” das quais nos apropriamos em alguns contextos desta pesquisa, exploradas nos capítulos que seguem.

modelo novo de entendimento ou, ao menos, com uma pista nova, não prevista anteriormente. (MAGNANI, 2009, p. 135) (grifos meus).

Isso não quer dizer que me colocaria como eles, como um deles, mas que no âmbito da sociabilidade urbana entre jovens seria condicionado a compartilhar dos contextos nos quais estariam namorando, bebendo, fumando e/ou consumindo outras substâncias. Era necessário estar “efetivamente em contato com eles” (MALINOWSKI, 1984, p. 21). É esse “estar em contato” o meio pelo qual, segundo Malinowski (1984, p. 21), o etnógrafo naturaliza a vida na aldeia e conhece e se familiariza com seus costumes e crenças, assumindo “um caráter natural em plena harmonia com o ambiente que o rodeia”.

Entendi, naquele primeiro dia na Praça Portugal, que o convite a participar da cota para a bebida era um exemplo de como as sociabilidades, os laços sociais constituíam-se naquele espaço. Um indicativo de que não haveria dificuldades para estabelecer vínculos de convivialidade. Por outro lado, para que se viabilizassem tais vínculos, a minha disponibilidade para com eles seria um elemento também indispensável.

Esse desprendimento juvenil para a sociabilidade *a priori* foi visto com estranhamento, até compreender o significado atribuído pelos jovens à sociabilidade daquele espaço. Estar naquelas praças, especialmente na Praça Portugal, naquele dia e horário, era para eles, um indicativo forte o suficiente de que procuravam estabelecer vínculos, contatos, fazer amizades, ou simplesmente, “curtir” aquele momento com amigos, os conhecidos e/ou desconhecidos, que naquele instante, seriam “*amigos de infância*”, como afirmou o jovem Angelo, durante entrevista, meses depois.

As praças se faziam espaços de fuga do cotidiano e, portando, de busca hedonista da experiência com “o outro”, o não familiar. Ali, transitava-se por outra cidade; entre outros jovens; entre outros estilos; entre outras práticas e experiências juvenis. Era um espaço/tempo de distanciamento da família, do bairro, da escola, ou seja, das normas disciplinadoras da vida cotidiana. Um hedonismo que se estrutura a partir da reelaboração de condutas e práticas sociais, contestando (ou simplesmente opondo-se a) padrões estéticos e performáticos da imagem, do corpo; e vivenciando experiências afetivo/sexuais que se contrapõem, em certa medida, aos padrões dos binarismos heteronormativos.

Frente à disponibilidade dos jovens em sociabilizar com as pessoas ali presentes, independente da faixa etária ou do vínculo anteriormente estabelecido, optei por adotar posturas e atitudes que demonstrassem estar também disponível a interações, para o “contato”. Assim como o anjo do filme de Wim Wenders, que abre mão da imortalidade em

nome do amor por uma mortal, abri mão da suposta “invisibilidade” do etnógrafo urbano e me coloquei disponível, visível e acessível aos jovens em suas incursões pelas praças e ruas da Cidade. Mesmo que durante a inserção no campo me colocasse em uma posição mais propícia à observação, sem interpelá-los, transitava entre os jovens pelos bancos da Praça Portugal, pelos degraus da Praça Verde e galerias do DM, de modo que poderia ser interpelado a qualquer momento. E foi nessa inversão de papéis, sendo interpelado (geralmente o lugar dos sujeitos pesquisados) e não como o interpelador (ação tradicionalmente atribuída ao pesquisador) que interagi inicialmente com os jovens nos espaços públicos da “cidade dos anjos”.

Desse modo, era necessário pensar estratégias de manter-me em sociabilidade, em interação, sem comprometer o trabalho etnográfico. Qual seria o meu lugar? Revelaria, desde o início, a minha identidade de pesquisador? Considerei desnecessário, nesses momentos de interações fluídas e instáveis, colocar-me como pesquisador, uma vez que se tratava de sociabilidades permeadas por uma informalidade, apesar destes momentos serem importantes formas de obter informações sobre as interações juvenis e os demais aspectos de interesse da pesquisa. Assim, durante algum tempo, as conversas informais com alguns jovens, apesar de, posteriormente, registradas no diário de campo, se passavam sem que houvesse a revelação de pesquisa.

Quanto à revelação da pesquisa aos jovens, não houve um momento único, em virtude de esta se fazer no decorrer das situações relacionais entre pesquisador e pesquisados, ou seja, na medida em que ia estreitando relações com os jovens. Apesar de meus esforços e tentar tornar fácil para eles a compreensão do processo de pesquisa, era notório que o fato de está como pesquisador na praça era facilmente esquecido (ou ignorado).

Apesar do caráter de informalidade que caracterizou a inserção no campo, imaginava que minha presença como pesquisador, ou melhor, o meu lugar, deveria situar-se entre os objetivos aos quais estava proposto a observar e os caminhos que a própria dinâmica do campo viabilizava. Alguns momentos colocaram-me em tensões, em virtude dos confrontos que a interseção entre esses elementos por vezes proporcionavam.

Reflito, aqui, na premissa de olhar o pesquisador, também, como um sujeito portador de uma história, de identidades ou identificações, também múltiplas, das quais é impossível nos despirmos durante o fazer etnográfico. O pesquisador que não é, nem pode ser, invisível, e sua visibilidade se materializa por meio do corpo que se insere no espaço de observação e leva consigo, para seu campo de atuação, uma série de informações que é captada pelos demais sujeitos com quem interage e/ou convive. Isso porque estamos sempre

carregados de códigos, de signos, portadoras de valores, crenças, provocadores de atitudes, de sentimentos e sensações que não se anulam no campo da pesquisa etnográfica. No entanto, é preciso, nesse sentido, quando necessário for (como foi o caso dessa pesquisa) mostrar-se acessível, disponível às pessoas, àquelas circunstâncias vividas. É necessário despir-se de diferenças provocadoras de distanciamentos e valorizar os atributos que viabilizem aproximações entre o pesquisador e seus interlocutores.

Por vezes, a emissão de informações sobre si mostra-se estratégia adequada; por outras, é importante a exposição de atributos que o aproxime do outro. Não foi necessário revelar aos garotos que não sou adepto ao consumo de cachaça, tampouco exprimir algum julgamento de valor quanto a suas atitudes e práticas. Algumas vezes, insinuar uma familiaridade com costumes ou simular a compreensão de termos, por mim desconhecidos e próprios do vocabulário juvenil, era necessário para manter a naturalidade no transcórre das conversas. Circunstâncias de um campo onde as diferenças entre o pesquisador e seus interlocutores deveriam ser suprimidas em favor de uma interação que se fazia necessária à etnografia.

Essas posturas se mostram tanto no nosso modo de agir quanto no nosso corpo, na nossa estética, nas nossas performances, de modo que estamos sempre a anunciar um lugar, uma posição. A emergência dessa adequação ao espaço do campo etnográfico se produz no convívio da etnografia com jovens, quando já não estamos aptos a algumas práticas e costumes que se fazem bastante presente nos modos de vida juvenis. Especialmente, quando tratamos de interações em espaços públicos, ou melhor, em praças, na rua, em bares. Esse processo de disponibilidade ao inesperado, e por vezes, à exposição a perigos, é uma constante para a qual devemos estar aptos. Do contrário, seremos repelidos por nossos próprios temores e receios.

Quando tratamos de pesquisas no campo da sexualidade, uma dimensão da subjetividade humana sujeita a constantes interpelações, sob a vigilância de padrões ainda tão rígidos e determinantes das estruturas sociais de sociabilidade, a etnografia que versa sobre os processos formativos da sexualidade juvenil não pode e nem deve ignorar os aspectos intrínsecos à sexualidade do pesquisador, mesmo porque, dificilmente ela não será posta na dinâmica da pesquisa etnográfica.

Um fato emblemático ocorreu quando, enquanto sentado sozinho em um dos bancos da Praça Portugal, fui interpelado por uma garota: “*Ei... tu fica com homem ou mulher?*”. Sabia que a pergunta tinha uma intencionalidade, ainda desconhecida, mas também via as interpelações dos jovens para comigo (conforme mencionei anteriormente), para além

da possibilidade de interação com os sujeitos, como valiosas fontes e oportunidades, das quais não poderia abdicar, mas pelo contrário, explorá-las em prol da pesquisa.

No entanto, a interpelação, inesperada, trouxe para contexto do “fazer etnográfico” dessa pesquisa uma questão anunciada em meus questionamentos anteriores à inserção no campo: a minha própria sexualidade. Uma dimensão importante, portanto, da particularidade sobre o meu lugar enquanto pesquisador nesse campo. Isso entra em questão na medida em que diz respeito à sexualidade do pesquisador que tem a sexualidade como campo de pesquisa.

Imagino que a sexualidade do pesquisador, ou melhor, sua orientação sexual, nesse contexto, pode e deve influenciar nas relações empreendidas, na medida em que essa influência contribua com os procedimentos desejados: aproximação com os sujeitos da pesquisa, a familiaridade com a linguagem, os costumes de determinados sujeitos. Estamos propícios à suposição de que um pesquisador *gay* com histórico de pesquisas e vivência política e acadêmica em estudos sobre (e com) a população LGBT haveria de familiarizar-se com maior facilidade com esses sujeitos, dada a aproximação adquirida em experiências anteriores e suas próprias experiências, que não se fazem ignoradas no ato etnográfico.

No contexto desta pesquisa, por se tratar de espaços de interações entre orientações sexuais diversas, a tentativa seria manter-me, em um campo implícito, evitando especulações e exposição de minha orientação sexual, para que não comprometesse a interação com os demais jovens, nem colocasse a minha orientação sexual como motivadora da elaboração de possíveis discursos e práticas. Mesmo entre os jovens LGB procurei alternativas em empreender um distanciamento sobre minha sexualidade, de modo que a deixasse menos exposta, menos visível.

Retomando a interpelação da jovem Ana (17 anos), no intuito de provocar uma aproximação com aqueles jovens, respondi com outra pergunta: “-Por quê?”. “-É que tem um amigo meu que está a fim de falar contigo. Pode ser?”. Assim, a intenção estava, indiretamente, declarada e como a proposta se fez em eufemismo, sob a prerrogativa de uma conversa, apostei em minha capacidade de deslocar seus rumos em direção a outra possibilidade, a de estabelecer uma interação mais próxima de meus interesses, mesmo não atendendo a suas supostas e previsíveis expectativas.

Tempos depois, relendo meu diário de campo, percebo o quanto a interpelação de Ana (17 anos) indicava uma questão importante sobre os modos de interações afetivo/sexuais naquelas praças. Ela (a interpelação) não tinha como foco a revelação de minha orientação sexual. Não estava interessada em saber se eu era “gay”, “heterossexual”, “bissexual”, mas

com quem eu “*ficava*”. Ali, nas dinâmicas de interações juvenis nas praças, era possível um distanciamento entre os marcadores identitários de orientação sexual e as possibilidades de sociabilidades afetivo/sexuais, e para eles, essas pareciam bem mais significativas do que aqueles.

Potencializar os fatos ocorridos à nossa revelia no campo como possíveis oportunidades de compreendê-lo e criar brechas de atuação foi uma estratégia, que nesse contexto, se fazia viável e exitosa. Dessa noite em diante, esse jovem, assim como seus amigos, passaram a ser meus interlocutores mais próximos e foi com eles, e por meio deles, que fui me aproximando do cotidiano das praças e compreendendo as dinâmicas de interações ali vividas entre os jovens.

2.2.2 O Cotidiano nas Praças: Um caminho traçado por múltiplos atalhos

Se a inserção no campo foi marcada pelo diálogo, entre os pressupostos até então projetados com as especificidades inusitadas do empírico, os demais momentos (ou procedimentos) do trabalho etnográfico transcorreram também por caminhos negociados entre estas dimensões da pesquisa. Não me fazia, assim, um pesquisador à mercê das circunstâncias, mas a procura de explorar as possibilidades que se mostravam acessíveis aos propósitos da investigação.

Manter-se nesse campo exigia um exercício constante de centrar-me nas categorias do trabalho, (juventude e sexualidade) de maneira a visualizar no cotidiano empírico, atitudes, dinâmicas e práticas de interações juvenis que trouxessem elementos possíveis e viáveis à análise de suas interações com foco nas questões gênero e da sexualidade. Para isso, era preciso estar atento ao cotidiano vivido nas praças. A princípio, voltava-me especialmente ao cotidiano dos jovens e, no decorrer do processo de adaptação ao campo, foi necessário estar atento, também, às práticas por mim empreendidas, junto e em interação com eles.

A seguir, sistematizo o percurso metodológico permeado por um entrecruzar de atalhos, constituído ora pela possibilidade de escolhas, ora pela ausência delas. Busco torná-lo aqui dinâmico para a compreensão da metodologia empreendida nesta etnografia.

Reconheço que, por alguns momentos, determinados procedimentos tomaram a dimensão do vivido, do momentâneo, sem processos reflexivos conscientes sobre o caminho metodológico. Considero esses momentos de desprendimento do mecanismo metodológico como um indicativo de uma imersão empírica em que o pesquisador se põe em

disponibilidade para a convivialidade com os sujeitos, momentos de “mergulhos na vida nativa” (MALINOWSKI, 1984). Durante a análise dos dados obtidos, no exercício de refazer o caminho percorrido, esses momentos são retomados ao campo metodológico quando se apresentam sob o foco de nossas reflexões sobre nossas próprias atitudes e práticas, vividas no observatório empírico, que por alguns momentos, se tornam experiências vividas em instantes de fuga do lugar de pesquisador.

Contrária à perspectiva que polariza fluxos/lugares como dimensões que se colocam paradoxalmente nos estudos sobre mobilidades, esta pesquisa considera o “lugar” como importante dimensão dos trânsitos e fluxos juvenis pela Cidade. Seria leviana uma etnografia sobre jovens que cruzam a cidade de Fortaleza no sentido bairro de morada/Aldeota/bairro e/ou bairro de morada/Praia de Iracema/bairro de morada sem a reflexão sobre o que essas espacialidades territoriais representam no imaginário da Cidade e dos próprios jovens. Retomo essa questão no capítulo que segue, pois aqui me restrinjo apenas à descrição e reflexão dos caminhos traçados nessa etnografia pela cidade dos anjos.

Por algum tempo, pensava em focar esta pesquisa em apenas um dos espaços dos quais me inseri inicialmente. Ocorre que o cotidiano em cada praça foi revelando especificidades que, acredito, contribuem para a discussão sobre a relação da juventude com a (e na) Cidade na apropriação dos seus espaços públicos. Não se trata de estabelecer comparações, mas de ressaltar singularidades dialógicas da juventude com os espaços ocupados a partir de seus contextos e significados específicos. No âmbito da observação etnográfica, ambos se complementavam por proporcionar aprofundamentos dos modos como transcorriam as dinâmicas de interações vividas pelos jovens nesses territórios.

Não me proponho neste capítulo a descrever suas estruturas geográficas e/ou seus significados socioculturais, tão pouco os modos de apropriação desses espaços pelos jovens, pois já o faço, detalhadamente, no capítulo que segue. Trago aqui questões observadas e exploradas durante a pesquisa de campo que tem o “lugar” como um dos elementos determinantes dessas interações.

A premissa da afirmação de ambos como espaços públicos, portanto, de livre circulação a qualquer cidadão, esbarra nas fronteiras delimitadoras e segregadoras da Cidade que traz as demarcações de classe como determinante demográfico e sociocultural. Assim, restrinjo-me a apresentá-los como espaços instituídos para a circulação de determinados cidadão(ã)s, que têm as condições econômicas, como prerrogativa ao sentimento de pertença a esses espaços e a seus potenciais significados no cotidiano da Cidade. Arrisco a defini-los como espaços de sociabilidades de pessoas com alto poder aquisitivo, em virtude do

distanciamento às classes mais populares – menos favorecidas economicamente – da Cidade. Esse foi o primeiro rompimento com o instituído, com o determinado pela lógica urbanística classista da cidade: a ocupação de espaços elitizados por jovens de bairros periféricos.

Assim como para os jovens a Praça Portugal e a Praça Verde do CDMAC eram portadores de significados singulares, para mim, como pesquisador, fazer uma etnografia entre esses espaços se mostrava, também, um exercício de percepção constante de suas singularidades, de suas diferenças. A etnografia sob o fluxo de espaços diferenciados exigia estar atento aos procedimentos e possibilidades de, em suas particularidades (estruturais e sociais), constituírem um *corpus* que se complementassem no todo das questões estudadas. É sobre semelhanças e singularidades desses espaços que trago o fazer etnográfico realizado simultaneamente, mas com práticas empíricas de uma etnografia que procurava se adequar a contextos supostamente parecidos, mas com tênues e significativas diferenças.

a. A Praça Portugal como Espaço de uma Investigação Etnográfica com Jovens

Um estrangeiro em terras já conhecidas. Era esse o sentimento ao adentrar a rotatória da Praça Portugal e me deparar com cerca de 300 (trezentos) jovens moradores de bairros periféricos da Cidade.

O termo “estrangeiro” não faz referência aqui ao distanciamento territorial (geográfico) ou cultural do que se propunha a investigar, mas ao distanciamento sensorial anterior, motivador do estranhamento que aquela cena juvenil causara. Mesmo já sabedor da existência daquela sociabilidade, ela me era, até aquela noite, algo desconhecido aos meus sentidos.

E é exatamente nessa experiência sensorial – no ver, ouvir, tocar, no sentir – que o etnógrafo capta suas impressões. É a partir dela que apura o olhar, o ouvir, por meio do registro que traz para essa experiência sua particular interpretação. Uma possibilidade de leitura refletida e dialogada sobre o vivido no espaço/tempo da observação etnográfica. Seus sentidos guiam e são guiados por suas inquietações, ao passo que outras surgem no percurso etnográfico.

Diria, em um primeiro momento, que não haveria nada a estranhar na sociabilidade juvenil em uma praça de uma grande cidade. Tal cena passaria por corriqueira, comum, se não tratássemos de um espaço com as peculiaridades da Praça Portugal e dos jovens como aqueles que a ocupam nas noites de domingo. A Praça, posta como pública pela ausência de fronteiras – muros – geográficas, se mostrava, de fato, um espaço restrito, em virtude de suas demarcações simbólicas que lhe atribuem o título de “Coração da Aldeota”.

Era para mim inusitada a cena daquele espaço ocupado por corpos juvenis a meia luz de uma iluminação que priorizava ressaltar a ornamentação das árvores e do monumento ao seu centro, em detrimento dos que, por ventura, ali se encontrassem.

Passado o estranhamento inicial, a praça se mostrava um espaço permeado por códigos de pertencimentos juvenis, um “pedaço” marcado por uma ocupação vernacular do espaço da cidade pelos jovens, diria Magnani (2002). O trânsito de jovens por diferentes turmas que se aglutinavam em seus gramados, nos bancos ou em torno do monumento central era indício de uma unidade que se formava por múltiplos grupos. O quantitativo demasiado pequeno de jovens frequentadores (se compararmos com aqueles que frequentam a PV do Dragão do Mar) fazia daquele espaço/tempo um campo de fáceis reconhecimentos entre os que semanalmente se entrecruzavam nas “voltas” pela praça. Era urgente, frente a tal demarcação, estabelecer relações, vínculos, com quem de lá já se fazia pertencer. Nas primeiras noites, como estratégia de sentir-me mais seguro, amigos (um ou dois) me acompanhavam.

O caráter demarcatório dos espaços/tempos da praça àqueles que já pertenciam à “galera da PP” não era, ao todo, um obstáculo intransponível. Os jovens pareciam receptivos. No entanto, o clima da praça era cercado por uma espécie de isolamento juvenil. Somente eles cruzavam a via de automóveis em direção àquela rotatória. O uso de substâncias ilícitas – por alguns jovens – e o demasiado consumo de bebida alcoólica traziam ao ambiente um ar de transgressão, de rebeldia, em certa medida valorizado pelos jovens, e expresso em algumas estéticas e performances corporais por eles empreendidas.

Para mim, era motivo de tensão e até medo. Lidar com essas sensações e sentimentos em um campo onde a observação passa necessariamente pelo contato com os sujeitos seria um obstáculo a ser superado. No nosso imaginário pós-ditadura militar, aqueles jovens se aproximariam de protagonistas de cenas de violência ou delinquência juvenil, perspectiva bastante vigente nos estudos sobre juventude até a década dos anos de 1990, quando a ênfase das pesquisas sobre juventude pairava sob o crivo da centralidade na violência urbana (SPOSITO, 2007).

O sentimento de isolamento e perigo se dava pela sensação de ausência de mecanismos institucionais de segurança. Por vezes, viaturas da polícia paravam nas ilhas em volta à rotatória, mas por períodos curtos. Os próprios jovens, nos primeiros contatos, exaltavam a dimensão do perigo que está ali representava. Somente depois de estabelecer outras interações, com o passar do tempo na praça, fui percebendo que essa exaltação fazia parte de um imaginário juvenil no qual a adrenalina da vida nas ruas passava necessariamente

pela elaboração – real ou fictícia – de episódios, momentos e climas de tensão, perigos e aventuras. Os discursos sobre conflitos entre jovens eram frequentes e a exposição a jovens “piranguinhos”³² surgia como um elemento determinante para a sensação de perigo, mesmo havendo pactos de cumplicidade entre a “galera da PP” e os “piranguinhos de confiança” que dela faziam parte.

Passado esse período de estranhamento e adaptação ao cotidiano da praça, a sociabilidade com um grupo de jovens moradores do bairro Jangurussu me colocou no circuito da “galera da PP”, ou pelo menos, de parte dela. Aos poucos, estar na praça foi se desassociando da sensação de perigo, ao passo que captava as dimensões das proporções dos riscos aos quais os ritos e mitos juvenis me expunham. Transitava sozinho por seus bancos, na certeza que, em poucos minutos, jovens sentariam ao meu lado e dali poderia simplesmente observá-los, ouvi-los ou até “trocar umas ideias”.

Foram muitos os casos em que “troquei ideias” por alguns minutos com jovens que transitavam pelos gramados e bancos da praça, sem que com estes estabelecesse relações mais incisivas. A praça passou a ser, para mim, o espaço propício para conversas, ou simplesmente para a escuta delas. Aos poucos, começava a integrar-me àquele pedaço, àquela “galera” e às suas redes de relações. Esse seria o caminho para a apreensão dos elementos materiais e simbólicos sobre gênero e sexualidade empreendidos nas situações juvenis ali vivenciadas.

O número de jovens e o formato em círculo eram propícios à observação dos movimentos, dos fluxos e trânsitos de, e entre, “turmas” que constituíam a “galera da PP”. Em pouco tempo, foi possível identificar as demarcações territoriais, pois acompanhando os jovens do Jangurussu, percebi que interagira apenas com alguns jovens e circulava, na maioria do tempo, por espaços específicos da praça, conhecidos como o “lado dos coloridos” ou “o lado dos homossexuais”. O primeiro encontro com a “galera da DNA” me levou, simbolicamente, ao seu suposto e subentendido oposto: “o lado dos roqueiros e punks” ou “o lado da galera de preto, dos darks”. Se as cores eram o referencial demarcador das diferenças, os seus significados estavam atravessados por duas significativas dimensões: a estética e sua performance corporal de estilos e as demarcações (também estéticas e performáticas) de gênero, em identificações à orientação sexual, de quem se colocava em cada lado.

³² Categoria êmica que apresento no Capítulo 5, página 221.

Diferente do CDMAC, a inserção na Praça Portugal não se fazia com tanta tranquilidade e a companhia de amigos me deixava mais seguro. Sabia que precisaria superar alguns medos, dentre eles, de alguns dos próprios jovens com quem passaria as noites dominicais dos próximos meses.

b. De “fotógrafo” a um “chapa da galera da DNA”

PP. Estamos sentados nos bancos próximos ao pequeno palco quando um grupo de jovens se aproximou rapidamente de mim e de meu amigo. Vestiam roupas pretas e pareciam estar embriagados. Faziam barulho, falavam alto e interagiam em movimentos corporais que lembravam brigas. Eram aproximadamente dez jovens que brincavam, simulando um conflito, ao passo que davam gargalhadas, conversavam alto e pareciam se divertir. Assustado, meu amigo falou baixinho: “-Não vou nem mentir. Fiquei com medo agora”. Eu também havia ficado, mas não disse nada. (Diário de Campo, 31 de julho de 2011).

Só entraria em contato diretamente com esse grupo meses depois, quando a praça e os jovens já me eram familiar e quando por eles fui interpelado.

PP: Hoje a praça está diferente. Pelo menos na aparência. A decoração de natal muda a cara da praça. Uma árvore de natal branca, imensa, pode ser vista de longe. Fica em frente ao monumento central, próxima aos bancos onde os roqueiros costumam ficar. As árvores estão iluminadas por luzes natalinas. Cheguei às 20 horas e havia um movimento (pequeno) de pessoas fotografando a decoração. Aproveitei e tirei algumas fotos. Enquanto fotografava a praça, uma garota veio a mim com a seguinte pergunta: “-Tem uma galera ali querendo saber pra que é essas fotos. O pessoal aqui tá meio cismado com esse lance de foto na praça, tá ligado?”. Ela vestia um vestido preto e botas coturnos que iam ao joelho e na face, maquiagem bastante carregada. A garota fazia parte de uma turma de roqueiros (ou *punks*, não sei ainda bem). Sabia que eram frequentadores assíduos da PP e que estão sempre juntos. Enquanto conversávamos, os demais membros do grupo foram se aproximando, aos poucos. Respondi que gostava de fotografia e que não havia nenhuma intenção em usá-las profissionalmente. Então, explicaram-me o motivo da intervenção. Segundo eles, uma matéria exibida recentemente no programa Barra Pesada³³, sobre os jovens que andam no DM, falava mal dos jovens frequentadores, estigmatizando-os de “*jovens de menor bêbados e drogados*”. “-Tu acha?! Dizer que a gente é de menor?! Tem algum de menor aqui?”, indagaram. Falaram bastante dos estigmas sofridos pelos jovens frequentadores do DM e da PP e da má repercussão de tal matéria jornalística. Durante a conversa, um deles me reconheceu: “*Tô ligado desse cara, faz tempo que vejo ele por aqui*”, falou insinuando que eu não os causaria problemas dessa natureza. (PP - Diário de Campo, 04 de dezembro de 2011).

³³ “Adolescentes são flagrados com álcool e drogas”, exibida em 18/11/2011. Barra Pesada. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=TSKAi-H--08>> Acesso em: 04 dez. 2011.

Esse episódio foi, para mim, a oportunidade de aproximação com os jovens que, no meu primeiro dia na praça, haviam me causado medo. A interpelação sobre as fotografias foi tranquila e logo se apresentaram como a “*galera da DNA*”. A partir desse encontro, passei a interagir com essa “*galera*” e me aproximar dos modos como se sociabilizavam, na praça e fora dela.

Ressalto, a partir desse episódio, a dimensão simbólica desse encontro para mim, na posição de pesquisador. Isso porque ele retrata uma espécie de oficialização de minha presença na praça, dentro dos códigos juvenis instituídos, de convivialidade e sociabilidade. Era a minha apresentação “oficial” à Praça Portugal e à parcela de seus ocupantes, especialmente àqueles com quem ainda não havia interagido. Eu seria, a partir daquela noite, um “*chapa da galera da DNA*”.

Logo após a interpelação sobre os objetivos do uso da máquina fotográfica na praça, em uma conversa com os roqueiros e *punks* da “*galera da DNA*”, fui convidado a fazer uma série de fotos do grupo, o que para mim seria uma forma de aproximação com aqueles jovens que pareciam, até então, mais distantes e inacessíveis a mim. Distanciamento que identifico como um forte indicativo de demarcação de grupalidades por estilos e orientação sexual, e da minha própria capacidade e identificação e interação com os mesmos.

PP: Enquanto os fotografava, me apresentavam aos que iam se aproximando como “fotógrafo”. Por algum tempo fiquei a tirar fotos do grupo que posavam para a câmera em performances destacando as mãos, dando a língua ou fazendo gestos típicos de roqueiros e *punks*. O acordo era repassá-las via internet. Então, fui convidado a acompanhá-los em uma volta pela praça, no intuito de encontrar outros amigos em continuação à sessão de fotografia. Enquanto isso, um dos líderes do grupo me apresentava aos demais jovens como “*um chapa nosso*”: “*Esse aqui é o Alex, ele é fotógrafo, é um chapa nosso*”, dizia Tchuco. Depois de percorrer parte da praça, especialmente o lado onde os jovens roqueiros e *punks* costumam ficar, Tchuco volta-se para mim e ressalta: “*Agora tu pode ficar tranquilo. Entendeu? A galera te vendo com a gente, ninguém se mete contigo*”. (Entendi como se tivesse ganhado um ingresso em um clube, no qual passei a ser sócio). (Diário de Campo, 04 de dezembro de 2011).

Este episódio registra tanto minha inserção junto (ou aproximação) aos “*darks*”, quanto à legitimação de minha presença na praça – um batismo, uma autorização, uma garantia de segurança –, que, além de me legitimar como um “*chapa*” da “*galera da PP*”, garantiria minha integridade física naquele espaço e a integração com aquele grupo. Isso porque à “*galera da DNA*” estava atribuída, no imaginário dos jovens (ou pelo menos de alguns), a tarefa de proteger a praça e conseqüentemente, os jovens que a ocupavam.

O atributo de “protetores da praça” convivia paradoxalmente com a imagem de “baderneiros”, em virtude de outra característica marcante desse grupo: o envolvimento em confrontos com outros jovens ou grupos juvenis. Por vezes, na dinâmica da rua, a disponibilidade juvenil a conflitos parece um elemento fundamental na tarefa de proteger espaços e pessoas, garantindo a ocupação e a sensação de segurança necessária à permanência e trânsito em determinados territórios. A “*galera da DNA*” ocupava na PP um lugar de poder no qual o sentimento de pertença e de vigilância do espaço era uma atribuição assumida pelo grupo.

Para além da imersão na sociabilidade do único grupo constituído oficialmente (enquanto grupo) na praça, o episódio me revelava a existência de códigos de convivialidade permeado por *status* e exposições de poder que demarcavam a existência de um esquema de pertencimento e proteção do espaço. A “*galera da DNA*”, por meio de uma prática de “oficialização” enquanto grupo, e de exposição de potencial de solidariedade e força, ocupava o lugar dos verdadeiros donos da praça, e foi com eles que me aproximei de outras facetas da dinâmica dos percursos e interações juvenis que têm a Praça Portugal como um elo de referência.

A sociabilidade juvenil na PP parecia, aos poucos, ir se desenhando em uma cartografia geoafetiva³⁴ de ocupação da praça. De maneira singular, por meio da produção e/ou reprodução de códigos diversos, os jovens elaboravam dinâmicas de grupalidades – negociadas por marcadores simbólicos (estéticos e performáticos) de estilos, gênero e sexualidades – determinando, assim, espaços de ocupação territorial, papéis estratégicos de legitimação a pertencimentos e interações afetivas/sexuais. Esta cartografia geoafetiva juvenil não ignora, portanto, os aspectos juvenis do espaço/tempo vivido (as múltiplas identificações, a fluidez e os trânsitos juvenis), pois é constituída por eles e a partir deles.

Aos poucos, transitando entre os jovens, entre os grupos, “*turmas*” ou “*galeras*”, fui visualizando elos que pareciam captar os significados antes tão incompreendidos sobre os percursos e interações mobilizadas por aqueles jovens. Os jovens, a praça, o bairro Aldeota e a Cidade começavam a compor, para mim, um cenário de trocas mútuas em constantes

³⁴ O termo “cartografia geoafetiva” refere-se à ocupação espacial (ou territorial) das praças a partir de uma geografia afetiva, das relações estabelecidas de amizade, grupalidade. Ambas se mobilizam, simultaneamente, por meio de dinâmicas de interações juvenis. Grupalidades mobilizadas por identificações de gênero, de estilos e orientações sexuais que demarcam aproximações e distanciamentos entre os jovens. Aparentemente, misturam-se, mas elaboram fronteiras de aproximações e distanciamentos (espaciais e afetivo/sexuais), mesmo que estas fronteiras sejam negligenciadas por aqueles que subvertem os marcadores identificatórios, seja pela mistura desses, por uma multi identificação, seja pelo trânsito entre eles. Essas identificações são expressas, especialmente, pela estética e performance corporal que reproduz e/ou subverte as estéticas e performances de gênero e sexualidades.

mobilizações de saberes e fazeres juvenis, por meio da experiência que se constituía pelo caráter de descoberta da cidade e da busca de encontrar-se no encontro com o outro. Descobertas e buscas que se mobilizam – produzem e reproduzem – por determinantes de diferenças e semelhanças em meio a experimentações – transitórias ou fixas – do espaço novo, do amigo novo, do inusitado. Jovens que abrem caminhos de reflexividade sobre o vivido por meio de experiências que proporcionam a escolha ou a construção de trilhas que os levam a esse encontro consigo e com o outro. Esses caminhos não lhes são apresentados, postos à escolha, mas descobertos, vividos, sentidos, ou seja, por dimensão tão sensorial quanto à minha experiência enquanto etnógrafo nessas praças. Digo isso, sobretudo, por entender a etnografia como uma experiência metodológica sensorial e de reflexão acerca da interpretação do sentido.

Para meu encontro com os jovens e com a Cidade, foi necessário, como pesquisador, também me permitir senti-los por meio do exercício da escuta, do olhar, da tentativa de interpretação de seus movimentos, de seus fluxos, expressos por meio da linguagem corporal, dos gestos e até do silêncio. Um exercício que não me era apenas exógeno, mas provocador também de sentidos, sensações e desejos, que não são ignorados nos procedimentos de análise do estudo.

Assim, a praça, que antes se fazia como vitrine no cenário urbanístico da Cidade, é retomada pela cena juvenil, sob a prerrogativa da busca do encontro, da troca, da cidade, de si. Entendo esse caminho juvenil como importante experiência de um espaço/tempo de formação, portanto, detentor de um caráter educativo significativo, tanto para os jovens quanto para a cidade que educa e se educa em meio a suas múltiplas e singulares apropriações. Por certo, entre outras dimensões educativas, ao cruzar a Cidade esses jovens retomam ao “coração da Aldeota” o significado clássico da *ágora* (para os gregos) e do *forum* (para os romanos), ou seja, a apropriação (o uso) democrática da praça como espaço público. Os encontros juvenis no Dragão do Mar também me trouxeram questões provocativas, ocorridas no e pelo trabalho etnográfico.

c. O Desafio Etnográfico frente ao Fluxo Juvenil no Dragão do Mar

Uma grande mistura. Era essa a impressão inicial sobre as interações juvenis na CDMAC e posteriormente, característica que viria a ser valorizada pelos jovens com quem interagiria. Nos primeiros meses, entre as descrições de cenas juvenis e o registro de minhas impressões, as anotações do diário de campo, registrava mais interrogativas sobre essas misturas que afirmações sobre as interações observadas. Procurava registrar as cenas que

traziam fortes evidências da sexualidade como dimensão determinante de práticas e fazeres juvenis. No entanto, para além disso, o registro do contexto juvenil no CDMAC trazia outras questões: as formas e conflitos na apropriação dos espaços; a diversidade de grupos juvenis entre tensões, conflitos e negociações de convívio e sociabilidade; a valorização da estética corporal e as performances do espetáculo juvenil; O “mostrar-se” como anunciação de uma existência contestadora de normas sociais e sexuais.

O encontro juvenil no DM tinha uma motivação mais festiva, lúdica, na qual a estética e performance corporal dos jovens, assim como suas expressões de afetividades e sexualidades, assumiam uma dimensão atrativa aos que passavam pelo local. No DM, a sociabilidade juvenil anunciava sua existência e se mostrava na exposição “do diferente” por meio da extravagância da estética corporal e da publicização dos afetos e, por vezes, trânsitos sexuais. Em alguns espaços, os jovens insistiam em se misturar aos demais, como quem reivindicasse um lugar para além da Praça Verde, como quem reivindicasse uma naturalização do exótico, do diferente. Em meio à existência demarcada por transgressões às normas socialmente instituídas, jovens em estética convencional e/ou aqueles que se enquadravam às normas sexuais hegemônicas se faziam também visíveis. Não era, pois, um encontro restrito à excentricidade juvenil, era um encontro para quem não tem medo dela e nela se mostra também como “comum”.

O meu trânsito entre os jovens no CDMAC se fazia demasiadamente solitário. A princípio, parece uma afirmação paradoxal, mas quanto mais jovens transitavam, mais solitária parecia minha presença entre eles. Por vezes, me sentia invisível sob o barulho, o constante movimento de “turmas”, gritos e gargalhadas que ecoavam entre as colunas do DM, mesmo que alguns olhares sobre mim indicassem que também era observado. O número de jovens, que acredito chegar a mais de mil entre as 18 e 20 horas, e o trânsito por praças e outros ambientes do DM pareciam dificultar a observação. Dificilmente era possível acompanhar um grupo, uma vez que se desfaziam, e seus membros seguiam caminhos diferentes, geralmente, em duplas ou trios.

A presença de jovens nas tardes de sábado, especialmente os dançarinos do *free step*, me levou ao campo mais cedo, por volta das quinze horas, prolongando o tempo da observação no DM para uma média de nove horas a cada sábado, trazendo à observação um elemento novo, o cansaço, a necessidade de por algum tempo, espairar, desligar-me do proposto da pesquisa. Às vezes, pareciam-me nove horas quase intermináveis e, para além da dimensão temporal, o espaço e as interações exigiam um desprendimento também cansativo.

Em alguns momentos, era preciso optar entre os espaços a serem observados, pois a estrutura do DM oferecia uma diversidade de possibilidades de lugares. De onde observar as interações juvenis? Dos diversos pontos dos degraus da PV, entre os jovens; do gramado onde jovens, sentados ou em pé, formavam círculos, “turmas”; do andar de cima, em meio à aglomeração de curiosos que ficavam assistindo o “espetáculo” juvenil, ou das mediações da Arena do Observatório em meios aos jovens da dança de rua. Minha opção foi por não me fixar em um local específico. Uma etnografia, também, em trânsitos, onde cada espaço parecia revelar ângulos e cenas ainda não observadas, elaborando, assim, uma cartografia das interações no DM.

Esse mapa de interações juvenis no DM proporcionava identificar dinâmicas de aproximações e distanciamentos entre os grupos mais visíveis (grupos de dança de rua – *free step* e *break*), assim como as tensões juvenis em que estilos e sexualidades eram dimensões promotoras e determinantes para a sociabilidade.

A própria localização do DM, o dia das interações (sábado), mostravam-se como singulares. Um exemplo seria a atuação dos jovens considerados “*piranguinhos*” que era viabilizada em virtude da aproximação geográfica do DM (Praia de Iracema) com os territórios de morada, as regiões mais periféricas que circundam a região.

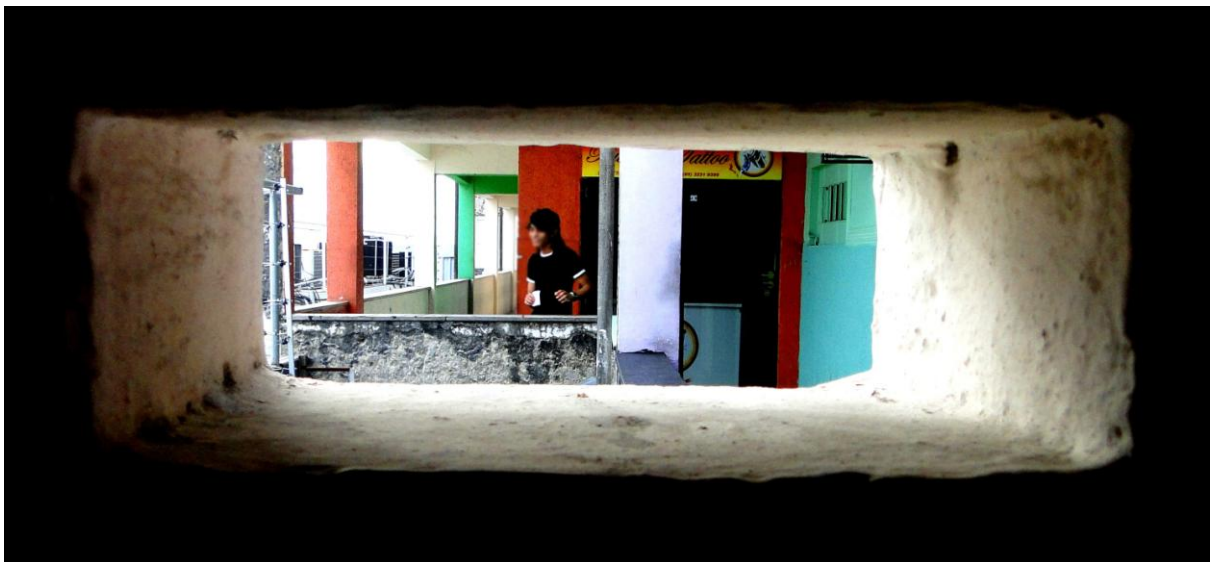
Por estar em um território com grande circulação de pessoas e sob um sistema institucional de segurança, sentia-me tranquilo, o que facilitava o transitar por uma diversidade de espaços. Por outro lado, esse trânsito convivía com a tensão motivada pela necessidade de estar atento a manter-me distante de jovens em práticas ilícitas (como o uso de bebida alcoólica por jovens de menoridade), o que para mim poderia causar implicações com alguns órgãos institucionais de vigilância e de proteção à criança e ao adolescente.

O trânsito etnográfico pode ser observado tanto no que diz respeito à espacialidade quanto aos procedimentos e instrumentos de pesquisa utilizados. Ora na utilização do diário de campo, quando registrava, de imediato, o observado, ora por meio do registro fotográfico – a máquina fotográfica – que teve um papel importante para a interação com os jovens. Quanto aos procedimentos, transitava entre escutas, observação e interações com aqueles que já conhecia das noites de domingo da PP. Nesse transitar pelo DM, pude, como pesquisador, identificar códigos de convivência, disputas de espaços, estratégias de negociação entre o institucional (CDMAC) e as práticas juvenis.

2.2.3. O Itinerário da Cidade dos Anjos para Além das Praças

As interações juvenis nessas praças não se fazem isoladas dos demais espaços da Cidade. Elas estavam intrinsecamente entrelaçadas a outras dimensões da vida daqueles jovens. Era preciso conhecer esses laços, seus percursos, os modos como chegaram às praças, os demais espaços de sociabilidade urbanos e as teias de relações que esses percursos e interações mobilizam. Assim, o trabalho etnográfico exigiu o empreendimento de um trânsito espacial e afetivo por velocidades diferentes (PAIVA, 2007). Acompanhar os jovens por seus espaços de sociabilidade pela Cidade, tal qual um “sociólogo andarilho”, requer um “compromisso afetivo que impõe, como consequência, ir além daqueles procedimentos-padrão de pesquisador social e implica criar abertura ao campo da palavra, à circulação de afetos, à criação de um campo de interlocução intensa. (PAIVA, 2007, p. 96). Romper com a delimitação dos espaços da praça e seguir cidade adentro junto aos jovens, ao passo que se fazia necessário, só era possível e viável após o estreitamento de laços relacionais entre o pesquisador e os jovens. Assim, foi por meio dos laços afetivos que os trânsitos espaciais se constituíram como metodologia desse estudo.

Figura 04 – Jovem transitando pela Galeria Pedro Jorge



Fonte: arquivo pessoal

Ao passo que fui estreitando relações com os jovens do Jangurussu e com a galera da DNA, entre outros, os espaços de sociabilidade juvenil em Fortaleza foram surgindo como nós de uma rede de relações juvenis pela Cidade. Uma diversidade de circuitos juvenis se

mostrava a partir de dimensões demarcatórias de identificações e de nós que se caracterizavam pelo encontro, ou pela “mistura” desses circuitos. Entre essas identificações, os estilos juvenis e a orientação sexual se faziam bastantes visíveis de modo a tornarem-se categorias prioritárias desse estudo sobre seus modos de vida. O circuito dos jovens *punks* e roqueiros, o circuito dos jovens LGB (lésbicas, *gays* e bissexuais), da “galera do *free step*”, por exemplo, anunciavam que a PP e a PV do DM consistiam esses nós – no encontro – de uma diversidade de circuitos juvenis pela Cidade.

Tanto os jovens, quanto a Cidade, vão se mostrando a mim no meu transitar pela Fortaleza na qual passava a caminhar sob o rastro dos anjos. As idas e voltas às praças, os encontros nos terminais de ônibus e algumas caronas oferecidas àqueles que moravam próximo à minha casa eram formas de estreitar relações, como também de me apropriar de seus modos de circulação na Cidade e de suas percepções sobre a Fortaleza por onde circulavam e viviam, questões retomadas posteriormente nas entrevistas e grupos de discussão.

Os oito jovens, que apresento no capítulo que segue, me levaram por diversos espaços da Cidade, por seus circuitos. Por lugares ou totalmente desconhecidos para mim ou que não faziam parte dos meus percursos. Assim, apresentaram-me uma outra Cidade, a “cidade dos anjos”, para além da PP e do DM: A Praça do *North Shopping*, local de encontros juvenis e onde alguns iniciaram seus percursos pela Cidade; A Praça do Tamandaré, no bairro do Jangurussu, espaço de sociabilidade de jovens moradores da região nas noites semanais; A Galeria Pedro Jorge, no centro da Cidade, onde lojas de vendas de produtos diversos, especialmente ligados à cultura do rock e outros estilos, atraem os jovens que fazem do local um ponto de encontro; a sede da “Galera da DNA”, no bairro Itaóca, onde esse grupo de jovens se encontra para “curtir rock”; o Fafi, no bairro Aldeota, galeria composta por bares por onde jovens de diferentes localidades circulam nas noites de sextas-feiras e sábado³⁵; O Bar do Feitosa, no Bairro Benfica, que apesar de não ser direcionado especificamente ao público LGBT, transformou-se em encontros de jovens *gays* e lésbicas nas noites de sextas-feiras; A Ponte Metálica e a Estátua de Iracema, ambos, pontos turísticos situados no bairro Praia de Iracema, por onde os jovens transitam ao “virarem” as noites de sábado em um percurso por ruas, praça e bares da Cidade.³⁶

³⁵ No dia 24 de novembro de 2012, no período da escrita desta pesquisa, o Fafi Bar funcionou pela última vez.

³⁶ Esses espaços, secundários à pesquisa, são apresentados no decorrer do texto sobre os circuitos e interações dos oito jovens que compõem o grupo de referência deste estudo.

Figura 05 – Vista Panorâmica de Fortaleza da Galeria Pedro Jorge



Fonte: arquivo pessoal

2.2.4 Os Anjos Interlocutores: escolhendo e/ou sendo escolhido

No decorrer dos meses, minha presença nas praças foi permitindo construir interações, de modo que alguns, mesmo sem um contato mais próximo, já me cumprimentavam com um sorriso ou com um gesto de “positivo” no entrecruzar das voltas pela Praça Portugal, ou em meio ao movimento da Praça Verde do DM. Entendia esses sinais como um anúncio de que, aos poucos, minha imagem tornava-se rotineira, ao passo que informava que minha presença já era também detectada há algum tempo.

Por alguns meses, optei por esperar que as interações diretas – as interpelações, as conversas – ocorressem por iniciativas dos próprios jovens, o que vinha acontecendo gradualmente. A interpelação sobre minha orientação sexual, descrita resultou em uma aproximação com um grupo composto por moradores do Jangurussu (como já mencionado), e a partir da sociabilidade com esses jovens foi conhecendo e convivendo com outros; aqueles com quem mantinham relações mais próximas. Esta aproximação foi crucial para a naturalização de minha presença na praça. Digo isso porque estar só naquele espaço é motivo de estranhamento para os jovens, e com certeza, tratando-se de alguém em faixa etária tão díspar dos demais, chamaria mais atenção.

A interação e o convívio com o grupo de moradores do Jangurussu justificavam, de certa maneira, minha presença na Praça Portugal, pois me inseria em um laço de relações afetivas, de amizade, ou pelo menos de identificação com alguns jovens. No entanto, comecei

a perceber que as sociabilidades desse grupo, com quem passei a conviver na Praça Portugal, estavam restritas a um grupo reduzido de jovens que tinham como identificação principal a orientação sexual: eram quase todos *gays*, lésbicas ou bissexuais.

Minha intenção era aprofundar algumas questões com grupos de diferentes identificações. Assim, tornava-se necessário, além de manter a sociabilidade com esse grupo, deixar-me disponível a interações com os demais. O modo como esse grupo interagia permitia, sem estranhamentos, que me aproximasse e afastasse durante a noite, sem que isso resultasse em um distanciamento definitivo. Distanciar-se desse grupo por alguns momentos era a forma de estar disponível a conhecer e interagir com outros jovens, ou mesmo, de observar contextos ou cenas que me chamavam atenção.

No Capítulo 3, ao descrever os percursos juvenis que compõem o grupo de referência dessa pesquisa, descrevo detalhadamente os modos como os conheci e/ou “escolhi” ou como “fui escolhido” por eles. Apesar do demarcador geral dos sujeitos da pesquisa restringir-se a jovens frequentadores da PP e do DM, no período da pesquisa do campo, com o passar dos meses, e com a delimitação das questões centrais desse estudo, fui observando aquele(a)s que poderiam ser potenciais interlocutores diretos, os que, por meio de seus modos de vida e das interações estabelecidas nas praças, demonstravam um potencial de experiências pelas quais poderia desenvolver esta tese, e assim, constituir um grupo referência de colaboradores.

Aqui, restrinjo-me a afirmar que o jovem *gay* “*comum*” Hirley (19 anos), a garota bissexual Ana (17 anos), o “*From UK*” Beto (18 anos) e o roqueiro heterossexual Tchuco (18 anos) foram os jovens que vieram a mim, sem que fosse necessária uma interpelação no modelo pesquisador/pesquisado, ou uma observação anterior dos mesmos. Encontrei-os na dinâmica do vivido nas praças, e com eles estabeleci vínculos de maior aproximação durante meses. Os demais, como o equilibrista Ângelo (19 anos), o popular De Menor (23 anos), a dançarina de *Free Step* Tittyz (16 anos) e o jovem bissexual e roqueiro Digo (21 anos), traziam peculiaridades importantes para o estudo proposto. Foram observados por algum tempo e tinham em comum a disponibilidade para contribuir com os aprofundamentos necessários à pesquisa.

Muitos outros poderiam compor esse grupo. No entanto, estes surgem em notas etnográficas quando por mim eram observados ou nos discursos juvenis, sob o olhar daqueles citados no parágrafo anterior. Desse modo, o roqueiro/punk Dan, o “cara” da “*galera da DNA*” e seu moicano peculiar, o “otaku” Jerônimo (23 anos) e suas capas pretas, entre outros que me chamaram a atenção, vão compondo essa etnografia. Se nas circunstâncias da

pesquisa eles se fizeram pouco acessíveis, não quer dizer que estão isentos de protagonizarem cenas aqui descritas, de terem suas experiências fora do alcance do olhar etnográfico às praças, uma vez que essas experiências imprimiam suas presenças marcantes e faziam delas um palco de experimentações e identificações diversas. Esses aprofundamentos foram feitos nos últimos meses de minha observação no campo, em forma de entrevistas individuais e grupos de discussão que tiveram de se adequar às possibilidades delineadas pelos próprios jovens.

2.2.5 Discursos e Narrativas Juvenis em Entrevistas e Grupos de Discussão

Especialmente na área das ciências humanas, a necessária programação prévia dos procedimentos metodológicos apresenta um desafio ao pesquisador: a eficácia de sua efetivação em um campo permeado de subjetividades e por contextos, em alguns casos, imprevisíveis. Captar as circunstâncias do campo pesquisado, da vida e dos sujeitos envolvidos é uma tarefa que se faz no caminhar. Assim, os procedimentos vão adequando-se ao possível, às circunstâncias oferecidas pelo empírico, mas também à capacidade de construir possibilidade e estratégias para a obtenção de dados e informações necessários à investigação. É sempre um planejar a espera do possível, do viável que só se mostra no caminhar. No entanto, nesse caminhar, podem-se abrir brechas, construir trilhas por onde o pesquisador elabora estratégias frente à flexibilidade do vivido.

Diferente da observação participante no campo, a realização de grupos de discussão e as entrevistas exigem do pesquisador a capacidade de mobilizar interlocutores e de descobrir (ou criar) espaços/tempos viáveis à execução desses métodos de pesquisa. Nem sempre os sujeitos se colocam à disposição para as formalidades desses procedimentos de pesquisa que os tiram da rotina, dos espaços vividos e os colocam em uma posição de “interpelados”, frente a frente com um pesquisador. Por vezes, falar em “entrevista” parece “assustador”, mesmo para aqueles mais disponíveis a conversas informais e a interações em seus espaços de sociabilidade.

Nesta pesquisa, a realização das entrevistas e dos grupos de discussão foi um exemplo do quanto, às vezes, o pesquisador não apenas tem de se adaptar às circunstâncias do campo, como também, torná-la possível à pesquisa. A falta de interesse dos jovens em participar das entrevistas e dos grupos de discussão foi um obstáculo a ser superado.

a. As Entrevistas sobre (e em) trânsitos e sexualidades juvenis

“-E vai me filmar e tudo?” perguntou assustado um dos jovens. Entendi o susto como indicador de que havia algo errado no modo como conduzi o convite à entrevista. Então, percebi que a utilização do termo “entrevista” não seria a mais adequada, pois parecia remeter a uma formalidade e insinuava a exposição do entrevistado. Assim, seria substituída, nos convites posteriores, pelo eufemismo “conversa”, “-É apenas uma conversa”, o que não era uma inverdade, uma vez que a entrevista transcorria em um tom de informalidade, exceto pelo uso do gravador e por um roteiro que, na maioria das vezes, se via negligenciado pelos rumos da informalidade que a “conversa” tomava.

Haveria, também, de deixar tempo e local à mercê dos entrevistados, no sentido de torná-las viáveis, pois analisei os locais de interações – as praças – como impróprios aos procedimentos por serem espaços de lazer, de encontro, onde o tempo e a atenção dos jovens voltavam-se ao hedonismo.

Simbolicamente, as entrevistas que tinham como uns dos objetivos conhecer os percursos e itinerários dos jovens em Fortaleza foram realizadas em trânsito, enquanto os levava, de carro, de um local a outro da Cidade. Tchuco (18 anos), de sua casa no bairro do Montese à Galeria Pedro Jorge, no centro da Cidade; Beto, do bairro Jangurussu à Praia de Iracema, onde se encontraria com um “*affair*”, mais precisamente, na estátua de Iracema. Com o jovem Ângelo (19 anos), conversamos no percurso entre a Praça Portugal e o bairro Aerolândia, onde morava.

Entre as nove entrevistas, uma em local inusitado me trouxe reflexões pertinentes sobre as peculiaridades de pesquisas com jovens sobre sexualidade: a realizada com a dançarina Tittyz (16 anos), em sua própria casa, no bairro Padre Andrade. Apesar de recomendar que comunicasse anteriormente aos pais, a conversa com a jovem, que tinha a mãe próxima, na sala ao lado, foi marcada pela tensão e o cuidado ao tratar de questões relacionadas à sexualidade.

O planejado para as entrevistas seria o uso do mapa da Cidade, onde os jovens iriam localizando e marcando o local de morada (bairro), os locais de interação, os bairros onde moravam aqueles com quem têm mais aproximação nesses locais. Apesar de todos os entrevistados refazerem esses percursos durante a entrevista, nem todos puderam visualizá-lo no mapa da Cidade, em virtude das circunstâncias em que a entrevista era realizada.

Nas entrevistas onde o uso do mapa foi possível, ele contribuiu para observação do potencial de conhecimento dos jovens sobre a Cidade, especialmente, sobre sua cartografia. “*Nossa! Como é longe! A gente anda tudo isso!?*” espantou-se o jovem Hirley

(19 anos) ao visualizar, no mapa, o percurso que realiza do bairro Jangurussu à PP e ao DM. Pouco tempo depois, ao refazer o percurso com o dedo indicador e com o olhar que sobrevoava o mapa, perguntou em um tom exclamativo: “*E tem um mar próximo da PP?!*”. A Cidade, para ele, era até então, um corpo com traços e formas ainda desconhecidos.

b. Narrativas de Si: Imagens e representações juvenis em grupos de discussão

Se as entrevistas individuais eram procedimentos metodológicos negociados na difícil esteira (e/ou na dependência) da disponibilidade e do interesse dos jovens em contribuir com a pesquisa, a realização dos grupos de discussão exigiria um maior empenho. Sabendo desse desafio, optei por delegar jovens mediadores, que seriam interlocutores com os demais. Quem seriam esses jovens?

O interesse principal dos grupos de discussão foi realizar um debate que proporcionasse uma reflexão sobre suas experiências nos espaços investigados, de modo a expressarem suas opiniões sobre as interações nas praças, modos de vida, sexualidades juvenis e seus saberes sobre si e os demais³⁷. *A priori*, o objetivo seria obter discursos de jovens com diferentes perfis (de diferentes estilos e orientações sexuais). Assim, utilizo como estratégia para a formação dos grupos eleger mediadores que transitavam por diferentes “grupaldades” (ou “turmas”, “galeras” como eles preferem denominar), no intuito de observar (verificar/constatar) se a formação dos grupos de discussão se constituiria, de fato, a partir das grupaldades já observadas.

Os jovens Hirley (19 anos), Tchuco (18 anos) e De Menor (23 anos), apresentavam fortes indicadores de potencial de mobilização dos demais, além de estabelecerem comigo, por algum tempo, uma relação de aproximação no cotidiano das praças. A recomendação foi reunir – em local escolhido por eles - um número entre cinco e dez jovens que frequentavam a PP e/ou o DM, para uma “*conversa*” semelhante aquela que havíamos tido individualmente nas entrevistas.

Nesse caso, a composição dos grupos de discussão já se apresentava como um suposto indicador para um referencial de grupaldade existente nas praças: quem o jovem líder

³⁷ Segundo Weller (2010, pg. 57-58), “como método e pesquisa, os grupos de discussão começaram a ser utilizados a partir da década de 1980, sobretudo nas pesquisas sobre juventude [...] como sendo o espaço de maior influência na formação e articulação de experiências típicas da fase juvenil. [...] Realizados com pessoas que compartilham de experiências em comum reproduzem estruturas sociais ou processos comunicativos. Esse modelo não é casual ou emergente, muito pelo contrário: ele documenta experiências coletivas assim como características sociais desse grupo, entre outras: as representações de gênero, de classe social, de pertencimento étnico e geracional”.

da “*Galera da DNA*” mobilizaria? Qual o perfil dos jovens reunidos pelo morador do Jangurussu, o jovem gay Hirley? Quais jovens atenderiam ao chamado do popular De Menor?

Weller (2010, pg. 59-60) ressalta que

[...] em pesquisas com jovens, a formação de grupo de discussão voltados para a análise do meio social, dos motivos que orientam as ações do grupo [...] ou das suas expectativas em relação ao futuro profissional, devem levar em consideração as experiências que os mesmos têm em comum, assim como os locais frequentados por eles. Nesse sentido, recomenda-se que a formação dos grupos e a escolha dos integrantes que farão parte da discussão seja delegada aos próprios jovens, adotando-se, por exemplo, o critério da amizade, o envolvimento do grupo em uma ação coletiva ou a participação dos mesmo em um grupo ou projeto específico.

Tanto os locais quanto o perfil dos jovens que compuseram cada grupo foram simbólicos para a afirmação de que as grupalidades nas praças se faziam por negociações de identificações entre estilos e orientações sexuais, assim como, pelas suas misturas:

Grupo I: Realizado na sede da “*galera da DNA*”, no bairro Itaóca, com dez jovens (seis homens e quatro mulheres) roqueiros e/ou *punks* que se encontram nas noites de sábado na PP.

Grupo II: Realizado na minha casa, próximo ao bairro Jangurussu, no Passaré, com quatro jovens (dois homens e duas mulheres) *gays*, lésbicas e bissexuais, que se encontravam todas as noites (de segunda-feira a quinta-feira) na praça do Tamandaré, no bairro Jangurussú, e nas noites de sábado no DM e de domingo na PP.

Grupo III: Realizado em uma tarde de quarta-feira na Praça Verde do DM, com quatro jovens (dois homens e duas mulheres) moradores de diferentes bairros da Cidade, e de diferentes orientações sexuais, que além dos encontros dos fins de semana no DM e/ou na PP, participam de encontros vespertinos nos dias da semana no DM.

Os locais, escolhidos pelos próprios jovens mediadores, foram determinantes para a metodologia utilizada, pois se faziam em contextos diversificados. Em princípio, o planejado seria a utilização das fotografias realizadas durante a observação participante, a partir das quais o grupo de jovens construiria uma narrativa coletiva que partiria da escolha individual dos registros fotográficos. A narrativa transitaria entre os jovens, enquanto o pesquisador instigaria, por meio de interpelações, a exposição de questões do interesse da pesquisa. Esse procedimento foi realizado com os jovens do Grupo II³⁸, pois o contexto do

³⁸ Síntese desta narrativa reproduzida no capítulo 4, entre as páginas 188 a 198.

espaço/tempo lhe era favorável. No entanto, aos demais grupos, onde havia pouca concentração e os jovens não disponibilizavam de tempo suficiente, as fotografias – utilizadas como ponto de partida da narrativa – tornaram-se estímulos para o debate sobre suas interações nas praças e na Cidade, conforme registro de diário de campo:

DM (Grupo de Discussão III): Foi difícil chamar a atenção para participarem do grupo de discussão, pois havia outros jovens no local e o interesse desses era juntar-se aos demais. As fotos foram utilizadas, mas optei por não usar a metodologia de “contar uma história”, pois os jovens não pareciam muito interessados em estar participando. Para aproveitar a oportunidade resolvi utilizá-las apenas como estímulo para a conversa. (Diário de Campo, 26 de Janeiro de 2012).

A utilização de técnicas projetivas em pesquisas com jovens vem sendo realizada especialmente quando se trata de temáticas das quais os sujeitos podem sentir-se constrangido em falar de si. Damasceno (2005) as considera adequadas para o trato com a sexualidade, tendo em vista os tabus e preconceitos envolvidos. Trago, no tópico que segue, o modo como o artifício da imagem – a fotografia - foi se constituindo como um instrumento metodológico, tanto no momento de sua realização, na interação com os jovens, conforme relatei, como na sua exploração nos grupos de discussão e no próprio texto.

c. A Imagem Juvenil: De “incidente” a recurso metodológico

A antropologia visual utiliza a fotografia como meio para conduzir entrevistas, debates ou diálogos com informantes ou com as pessoas fotografadas (para a recolha de informação complementar ao processo fotografado) (RIBEIRO, 2004, p. 26). Conforme já mencionei, os procedimentos metodológicos da antropologia da imagem ocorreram acidentalmente e sem pretensões científicas, ainda no período de inserção às praças. A máquina fotográfica foi inserida nesse contexto no intuito de registrar os jovens nas praças, sem nenhuma intencionalidade metodológica. No entanto, conforme descrito acima, funcionou, acidentalmente, como atrativo a alguns jovens que reivindicavam um *clique* sobre si. Uma oportunidade inicial de interação, pensei. Mesmo assim, o seu uso no decorrer dos oito meses nas praças não foi constante e, apesar de portá-la sempre, não ficava exposta aos demais.

Figura 06 – Jovens garotas na galeria da PV do DM



Fonte: arquivo pessoal

Não havia, assim como não se concretizou, uma intencionalidade em realizar uma pesquisa com foco na antropologia da imagem, daí, esta ser considerada enquanto um campo secundário deste estudo, sem por isso desmerecer o papel tanto do processo da produção da fotografia quanto do uso dessas junto aos jovens.

Por vezes, fotografar era, para mim, uma forma de descanso da observação, e nem sempre o foco se fazia sobre os jovens e as praças. No entanto, ao passo que questões como estilos, estética e performatividade corporal foram surgindo como importantes para compreender os modos de vida e sexualidades juvenis, fui percebendo a imagem como um elemento importante desse contexto e, assim, poderia, também, integrá-la aos procedimentos metodológicos da pesquisa. As fotografias são entendidas

[...] enquanto representações de determinados aspectos da cultura e não registros da totalidade de uma cultura ou enquanto símbolos com

significados completos e precisos [...] sujeitas à interpretação tendo em conta as diferentes compreensões da realidade. (PAULINO, 2007, p. 162 e 163)³⁹.

A exploração da imagem de “si” pelos jovens era percebida tanto pela valorização e exposição da estética corporal, dos estilos, quanto pela prática, pelos próprios jovens nas praças, de constantes registros de “si” ou do “nós”, por meio de câmeras fotográficas e celulares. O registro das imagens juvenis seria, também, uma prática dos próprios jovens num ritual onde mostrar-se parecia estar no centro das interações. Esse mostrar-se por registros da imagem de si nas praças rompe com o espaço/tempo dos encontros ao se estender pelo mundo “virtual”, em suas páginas nas redes sociais, onde registram e socializam suas imagens sob as misturas juvenis, ou nos seus *blogs*, onde postam vídeos de suas performances nas praças, um costume dos garotos e garotas dançarinos de *free step*.

A decisão de fazer dos registros das imagens do campo o material instigador dos debates em grupo surgiu na reflexão sobre a metodologia a ser utilizada nos grupos de discussão. Assim, as imagens foram selecionadas tendo como referencial as categorias de interesse ao debate. Seis temáticas foram trabalhadas: Cidade (Fortaleza), Espaços (PP e DM), Fazeres Juvenis, Estilos Juvenis, Grupos Juvenis, Sexualidades.

As discussões foram instigadas a partir das imagens que retratavam, de alguma maneira, essas temáticas. A leitura dos jovens sobre elas iam se fazendo em um debate no qual suas opiniões ora se complementavam, ora se confrontavam por perspectivas diferenciadas, elaborando um conflito de opiniões e saberes. Por diversas vezes, os debates fugiam dos limites fotográficos e tomavam exemplos da vida e de personagens das praças, do vivido.

Apesar de não haver a intencionalidade em realizar uma netnografia, além dos métodos e procedimentos descritos, mantive durante o período da pesquisa de campo acesso a páginas de alguns dos jovens pesquisados em redes sociais - o *facebook*. Esse acesso ocorreu por iniciativa dos próprios jovens, sem que houvesse, de minha parte, alguma forma de persuadi-los a tal propósito.

Entendo este capítulo inicial como uma síntese dos percursos teóricos e práticos da pesquisa, de modo que anuncio questões exploradas e refletidas com maiores

³⁹ Entendida enquanto gênese e processo, a fotografia “é a emanção de um referente, de um corpo real, impressão e vestígio [...] transmite informações para um estatuto de testemunha visual da existência de um acontecimento real, num tempo determinado; constitui prova da existência para um conjunto de informações que contém. Prova que estabelece ou estabeleceu com o referente, num dado momento, uma relação de correlação, de continuidade, de causa-efeito, de co-presença imediata” (RIBEIRO, 2004, p. 24 e 25).

aprofundamentos nos capítulos que se seguem. Por tratar-se de um texto etnográfico, o percurso metodológico se dilui no decorrer de todos os escritos, em diálogo com as categorias teóricas aqui apresentadas.

No próximo capítulo, volto-me tanto para a “cidade dos anjos” quanto para os “anjos da cidade”, percorrendo os espaços urbanísticos ocupados coletivamente, refazendo os percursos e itinerários individuais de alguns dos jovens “levados por anjos” em circuitos juvenis de Fortaleza. Assim, no entrelaçar das linhas urbanísticas com os movimentos dos jovens, vou desenhando uma cartografia de interações juvenis, por meio de suas experiências de trânsitos geoespaciais em territórios vividos, nos quais mobilizam afetividades e sexualidades, recriando e ressignificando tanto a Cidade quando a si próprios. Recriando, assim, a cena da vida.

CAPÍTULO 3

DA CIDADE DOS ANJOS AOS ANJOS DA CIDADE: PERCURSOS E INTERAÇÕES JUVENIS EM FORTALEZA



Figura 07 – Jovens na Praça Portugal (PP)

Fonte: arquivo pessoal

Outro dia, recebi em meu *facebook*⁴⁰ a mensagem de um amigo que dizia: “*vi e achei a tua cara*”. Abaixo, o endereço do *blog* “Fortaleza Nobre”⁴¹. Ao acessá-lo, a página exibía uma matéria intitulada: “*Praça Portugal - O coração da Aldeota*”, publicada em novembro de 2010. Enquanto descreve e comenta o cotidiano da praça, o texto é intercalado por fotografias do tal “*coração*” em períodos distintos.

A primeira trazia a legenda: “*Praça Portugal ainda deserta – 1969 – Arquivo Nirez*”⁴². Na fotografia panorâmica, retirada na direção praia-sertão, a praça nua, sem arborização, sem cor, restringia-se à existência da estrutura do que viria a ser, tempos mais tarde, um mural ilustrado por uma caravela lusitana, cercado por um lago artificial. Um corpo nu, à espera de uma roupagem, de um estilo que o caracterize como praça. Em sua volta, as casas separadas por terrenos à espera de futuras habitações contrastam com o cenário ilustrado pelos arranha-céus da Aldeota de pouco mais de quatro décadas depois. De fato, a fotografia da praça e seu entorno transmitia a sensação de deserto, emitida pela ausência tanto de pessoas quanto do movimento de automóveis, do trânsito, tão peculiar aos tempos atuais. Uma Aldeota onde o verde das árvores ainda se destacava entre as poucas casas construídas.

As fotos que seguem ganham novas paisagens na medida em que registram tempos não tão longínquos e se aproximam dos dias atuais. Grande parte do texto dedica-se a uma temática contemporânea da praça: a presença juvenil nas noites de sábado e dos conflitos ocasionados pela “ocupação”. Uma das fotos, talvez do mesmo ano de sua publicação, mostra três jovens posando para a fotografia sobre o monumento em granito no centro da praça. Ao fundo, o astrolábio⁴³ flutua sobre suas cabeças a anunciar espaços/tempos de novos descobrimentos sobre a praça, a Cidade e seus “ocupantes”.

No *blog* “Fortaleza Nobre”, o texto sobre a Praça Portugal era apenas um entre tantos outros, sobre avenidas, praças, bairros, praias e prédios da Cidade. Além das transformações arquitetônicas, o *blog* registra acontecimentos históricos e hábitos cotidianos dos modos de vida que caracterizam os tempos retratados. Em um movimento pendular, textos e fotografias narram enredos, apresentam personagens, registram cenários e acontecimentos da Cidade. Organizadas em uma sequência não linear marcada pela mistura

⁴⁰ Rede social de grande acesso de usuários no Brasil e no mundo, disponível em: <<http://www.facebook.com>>

⁴¹ www.fortalezanobre.blogspot.pt.

⁴² A foto faz parte do acervo pessoal do jornalista e memorialista Miguel Ângelo de Azevedo, conhecido como Nirez. Postada desde o dia 22 de outubro de 2011 em sua página do *facebook* com a mesma legenda. Disponível em: <http://www.facebook.com/photo.php?fbid=304654396217741&set=a.100692_453280604.1531.100000195494804&type=3&theater>. Acesso: 07 ago. 2012.

⁴³ *Sm* “Instrumento que os antigos astrônomos usavam para medir o ângulo dos corpos celestes acima do horizonte. &151; consiste em um disco de metal suspenso por uma moldura, de sorte que o disco permaneça vertical. Acesso: 17 de maio de 2013. Disponível em: <<http://www.dicionariodoaurelio.com/astrolabio.htm>>.

de tempos e fatos distintos, visualizam-se os estilos arquitetônicos e o processo de urbanização da Cidade que se faz metrópole. Nem todas as fotos estão datadas, mas a maioria, geralmente em preto e branco, corresponde à Fortaleza do século XX.

Contrário à perspectiva capitalista da qual estamos habituados a ver Fortaleza ser apresentada como “*a capital da terra do sol*”, cuja ênfase recai sobre as belezas naturais, os pontos turísticos e de lazer, especialmente as praias, o *blog* registra uma memória coletiva da Cidade ao retratar o cotidiano de seus moradores e da história de bairros populares, como o José Walter, Aerolândia, Pirambu, entre outros. Garotos soltando pipa na antiga Praia de Iracema, os trânsitos por teleféricos na Praça do Ferreira e a sociabilidade em mesas de bar da Cidade vão revelando os modos de vida, especialmente nos seus espaços públicos: o “fazer a cidade” (AGIER, 2011). Isso porque a “a cidade não é meramente um mecanismo físico e uma construção artificial. Está envolvida nos processos vitais das pessoas que a compõem; é um produto da natureza, e particularmente da natureza humana” (PARK, 1979, p. 26).

Esse resgate da memória histórica e coletiva da Cidade, tomando seus aspectos estruturais (arquitetônicos) e a vida cotidiana dos cidadãos, revela, também, as transformações socioculturais que têm, *a priori*, a modernidade como divisor de águas e, posteriormente, os preceitos pós-modernos. Estudos em torno da Cidade vêm abordando as consequências advindas da lógica de uma sociedade baseada no consumo, na qual o individualismo, a mobilidade e a fluidez caracterizam a contemporaneidade, ressaltando influências significativas sobre as territorialidades, os ordenamentos urbanísticos e os modos de viver e relacionar-se com (e na) cidade.

O debate acerca dos espaços-tempos cidadãos sob o olhar das mobilidades urbanas, ou seja, dos novos mecanismos de fluxos, trânsitos e trajetos dos cidadãos, torna-se pertinente ao nos depararmos com a perspectiva que põe em xeque a importância (a relevância) do lugar na era da globalização e do mundo tecnológico, das relações virtuais. Contrário a esse ponto de vista “prematureo” que anuncia a morte dos lugares, Carmo (2009, p. 43) nos lembra que “a compressão do espaço-tempo materializada entre outros factores, na intensificação da circulação e da mobilidade e na suposta instabilidade das relações sociais, não significou o desaparecimento dos lugares enquanto espaço de proximidade social”.

Percorrer a cidade dos anjos é, sobretudo, refazer caminhos, redescobrir a Fortaleza por outras lentes, outros passos, em outros ritmos e sentidos. Assim, Fortalezas vão se entrecruzando por percursos históricos e sociais, espaços e tempos distintos, onde a memória coletiva da Cidade se faz e se refaz em meio às experiências coletivas e individuais daqueles que nela vivem e dão sentido à sua existência. Assim, o passeio pela cidade dos

anjos se faz nesse trânsito por espaços/tempos distintos, da mistura da cidade na cidade que se mistura.

3.1 A Cidade dos Anjos: A mistura da cidade na cidade que se mistura

A experiência de navegar nos “*tempos misturados*” da “*Fortaleza Nobre*”, após oito meses por circuitos⁴⁴ juvenis da Cidade, seguindo seus rastros por bairros, ruas e praças da Fortaleza dos anjos desse início de século XXI, me fez entrecruzar tempos distintos em que modos de vida e espaços urbanos são (re)significados pela mobilidade que caracteriza a contemporaneidade dos tempos modernos, dos tempos de liquidez⁴⁵. Fluxos que fazem das cidades e seus ocupantes paisagens e sujeitos em constantes movimentos, no entanto, em interações com os lugares e espaços por onde vivem e ressignificam a cidade.

Parto dessa compreensão de cidade como um “organismo social” e da necessidade de pensarmos a produção da mobilidade juvenil na qual as redes, os trajetos e circuitos são constituídos, simultaneamente, por fluxos e lugares, redesenhando as espacialidades urbanas em torno de múltiplos contextos sociais dos jovens levados por anjos.

O olhar sobre a sociabilidade juvenil em espaços públicos de Fortaleza, tomando como dimensão de análise suas experiências afetivo-sexuais, nos remete a seus fluxos pela cidade e à produção social do espaço, de modo que se faz pertinente um resgate dos contextos sociais que têm a juventude e a sexualidade como fatores de transformações sócio-espacial. Certamente, os jovens por quem fui levado no decorrer deste estudo ainda estavam para nascer, ou nasceram, no desenrolar dos fatos que marcam questões sobre juventude e sexualidade na Fortaleza do apagar das luzes do século XX.

No entanto, a Praça Portugal, lugar de partida desta pesquisa, já se fazia cenário de sociabilidade na Cidade, em interações marcadas por características típicas dos tempos da Fortaleza ainda provinciana da década de 1980. Nos primeiros anos dessa década, a praça era ponto de encontro de “majoritariamente jovens e turistas”, atraídos pela feirinha dos finais de semana em volta do espelho do lago artificial que cercava o monumento que trazia em seus azulejos a ilustração de uma caravela portuguesa. “As barracas que comercializavam flores ganharam a companhia das vendas de artesanato, de comidas e bebidas típicas, e a chamada

⁴⁴ No intuito de elaborar uma terceira via para os estudos sobre juventude nos espaços urbanos, diferenciando-se dos enfoques elaborados pelos estudos sobre “tribos Urbanas” e “culturas juvenis”, Magnani propõe partir da observação dos “circuitos de jovens”, o que não quer dizer que esse, necessariamente, se contraponha àqueles, mas que com eles dialogue. Ver artigo: “*Os circuitos dos jovens urbanos*” (2005).

⁴⁵ Cf “Modernidade Líquida” (BALMAN, 2003).

‘Feirinha da Praça Portugal’” (LEAL, 2009, p. 68), passando a integrar o calendário de lazer e sociabilidade da cidade⁴⁶.

A expansão desordenada do comércio em torno da praça, aliada a problemas administrativos de manutenção e organização do espaço, resultou, na segunda metade da década, em tempos difíceis marcados pelo abandono público e degradação do ambiente. A reforma realizada entre os anos de 1986 e 1987 põe fim à dinâmica de sociabilidade instituída pela “feirinha” e prima por recuperar as características que faziam do espaço um dos cartões postais da Cidade: a beleza estética proporcionada pela arborização e limpeza do ambiente. A “feirinha”, enquanto dinâmica instituída pela população, à revelia do poder público, seria ignorada por este em detrimento do caráter estético que o Bairro e a Cidade esperavam da praça. Ocupação do espaço público pela população e a manutenção da estrutura urbanística (estética) da cidade aparecem aqui como dimensões antagônicas, pelo menos no caso da Praça Portugal.

Em 1986, alguns anos antes do nascimento da jovem Tittyz (16 anos), Fortaleza, cidade que ainda reservava características provincianas, entrava na história política do País como a primeira capital de um estado brasileiro a eger uma governante do sexo feminino⁴⁷. Os tempos de (re)democratização do País caminhavam em paralelo a mudanças socioculturais no campo do gênero e da sexualidade.

A capital brasileira pioneira em instituir o lugar da mulher na política presencia também a denúncia pública da violência contra a mulher motivada pelo sexismo e machismo e tem em Maria da Penha Maia Fernandes⁴⁸ o exemplo de luta por mudanças sociais e políticas em prol da igualdade de gênero na sociedade brasileira. Os crimes por violência doméstica, até então não reconhecidos como tal pela justiça brasileira, julgados nos tribunais de pequenas causas, encontram em Fortaleza dos anos de 1980 a resistência e luta por mudanças jurídicas voltadas ao enfrentamento do sexismo enraizado na sociedade brasileira.

⁴⁶ “Essa é uma das lembranças mais recorrentes da praça na memória de quem vivenciou esses tempos. Em diversos bairros, contabilizavam-se 25 feirinhas nos mesmos moldes. A Praça Portugal era tida como uma das mais tradicionais delas. Com o pôr-do-sol, veículos estacionavam em seu perímetro. Mesas e cadeiras se distribuíam sobre o seu gramado e o piso de pedra, precariamente equilibradas. A instalação elétrica improvisada iluminava o cenário, embebido no chão de pastel, paçoca e baião-de-dois, no compasso de uma babel de sons provenientes de rádios e radiolas em derradeiro volume. Fazia-se um *footing* à luz da lua, como nas mais saudosas pracinhas interioranas” (LEAL, 2009, p. 68).

⁴⁷ Fortaleza foi governada por Maria Luíza Fontenele (Partido dos Trabalhadores) no período de 1986 a 1989. Voltaria a ter uma mulher à frente das políticas municipais somente em 2004, com a eleição de Luizianne Lins, também do PT, que se sucedeu por oito anos, após ser reeleita em 2008.

⁴⁸ Maria de Penha sofreu violência doméstica durante seis anos e, após sobreviver a duas tentativas de assassinato por parte do marido, resolveu lutar por sua punição, tornando-se marco brasileiro na luta pelos direitos das mulheres.

No ano de 2006, é instituída no Brasil a Lei 11.340, que versa sobre as punições de agressões contra a mulher e tem como nome “Lei Maria da Penha”.

Na Fortaleza dos anos de 1980, a eleição de Maria Luíza Fontenele e a luta social de Maria da Penha caminham concomitantemente ao início da articulação política e social LGBT na Cidade em prol da livre expressão sexual. Isso viria a formalizar-se em 17 de março de 1989, com a criação do GRAB. Era o início, em Fortaleza e no Ceará, da mobilização da sociedade civil LGBT e, no Brasil, o fortalecimento dos movimentos sociais com base na perspectiva multicultural. O Movimento LGBT, até então conhecido como “Movimento Homossexual”, toma a prevenção da Aids e o combate à homofobia como bandeiras principais de luta social.

O advento da Aids é considerado por muitos estudiosos⁴⁹ como um dos principais fatores para a mudança dos modos como a sociedade brasileira lidava com a sexualidade. As campanhas de prevenção às doenças sexualmente transmissíveis (DST’s) tomam as práticas sexuais como questão de saúde pública e, na esteira dessa discussão, a homossexualidade sai do armário⁵⁰, do âmbito privado das “perversões”, e ganha destaque na cena pública, especialmente das grandes cidades do País. A mídia e as políticas públicas começam, aos poucos, a perder o medo do sexo não reprodutivo e a reconhecerem outras formas de expressão das sexualidades, para além da heteronormatividade. No entanto, nas políticas públicas, ainda restritas ao campo da saúde da prevenção das DST’s.

Os valores advindos da modernidade – liberdade e igualdade –, garantidos constitucionalmente, abrem as portas para novos tempos marcados pela explosão da sexualidade na mídia, nas lutas sociais e nas políticas públicas e, como consequência, a publicização da homossexualidade de maneiras diversas, na arte, nas manifestações sociais e nas políticas de governo.

Na música, alguns anos antes dos jovens Tchuco (18 anos) e Digo (21 anos) se inserirem no “mundo do rock” metal e *underground* de Fortaleza, a restrição do “*só não vale dançar homem com homem e nem mulher com mulher, o resto vale*”, de Tim Maia, perde sentido no “*vale tudo*” da música popular brasileira dos ídolos da juventude dos anos de 1990. No rock nacional, especialmente, a banda Legião Urbana e Cazuza destacam-se quando aquele canta o gosto por “*meninos e meninas*” e o irreverente cantor e compositor carioca lembrava de seu desejo como “*risco de vida*”, numa estreita alusão à relação

⁴⁹ Aires (1999), Pedrosa; Castro (2000), Paiva (2000), Parker (1997; 2001), entre outros.

⁵⁰ “O ‘armário’ é a mais conhecida metáfora dos problemas subjectivos sociais e políticos da homossexualidade enquanto categoria de identidade e de discriminação” (ALMEIDA, 2010, p. 14). Neste caso, refiro-me à publicização da homossexualidade na mídia.

Homossexualidade/HIV/Morte, ainda em vigência. Seria o início de uma geração que consideraria “*justa toda forma de amor?*”. Seria o anúncio dos “*tempos modernos*”, visualizados por Lulu Santos, que entoava a crença no amor que “*valha pra qualquer pessoa?*”

Não foi essa geração de artistas a pioneira em reivindicar, por meio da música, a sexualidade livre da norma heterossexista, mas foi nas décadas de 1990 e 2000 que a sociedade brasileira pôs tais normas na berlinda ao deparar-se com a queda do manto que encobria seu cenário perverso de machismo e homofobia⁵¹. Em Fortaleza, isso não foi diferente. As investidas dos movimentos de mulheres e LGBT mudam o tom do debate, e o que se restringia ao campo da banalização em programas de humor e piadas ganhou força e torna-se bandeira política em prol dos direitos sexuais, ou seja, da diversidade sexual. Para isso, esses movimentos ocuparam as ruas em manifestações públicas por reivindicações de direitos sexuais, no intuito de dar visibilidade às desigualdades por gênero e orientação sexual.

Em meados dos anos de 1990, o fenômeno das Paradas LGBT surgia no Brasil e, em Fortaleza, a diversidade sexual vai à via pública e ocupa o cartão postal da Cidade e reduto do turismo e das elites, a Avenida Beira Mar. Foi lá que também foram realizadas, sucessivamente, desde 1999, as doze edições do evento, que tem como data fixa um domingo do mês de junho. Atualmente, em termos de número de participantes, as Paradas ocupam a posição mais alta no pódio das manifestações populares de rua do País. Em Fortaleza, mobiliza a sociedade e fomenta o debate sobre os direitos da população LGBT.

O bairro da Praia de Iracema, palco das primeiras Paradas pela Diversidade Sexual em Fortaleza, tinha, nos anos de 1990, a orla marítima como atração turística e espaço de sociabilidade dos moradores da Cidade. No entanto, a região onde viria a ser construído o CDMAC, no final dessa década, mantinha-se ainda fora do circuito do lazer e do turismo, pois era ainda ocupada por prédios históricos e grandes galpões de armazenamento de materiais trazidos pelos navios que, em tempos pretéritos, ancoravam na Praia de Iracema. Por alguns anos, boates voltadas ao público LGBT, ou “GLS”⁵², como se costuma designar os estabelecimentos comerciais, funcionavam nessa região.

⁵¹ Refiro-me aqui aos assassinatos de mulheres e pessoas LGBT no Ceará e no Brasil.

⁵² Sigla utilizada por estabelecimentos comerciais voltados ao público LGBT. O “S” faria referência a pessoas simpatizantes. Era uma estratégia, utilizada pelo mercado, para atrair pessoas heterossexuais, ampliando o leque de clientes.

No campo das políticas públicas para a diversidade sexual, os avanços do Brasil nas últimas décadas foram significativos⁵³. Em Fortaleza, especialmente a partir dos anos 2000, a Prefeitura Municipal desenvolve ações voltadas à valorização da diversidade sexual e ao enfrentamento da homofobia. Entre as diversas ações, destaco a socialização do que chama de “cultura LGBT”. Por meio da Coordenadoria da Diversidade Sexual, a PMF realiza ações de sociabilidade em praças da Cidade, as “Quartas Culturais LGBT”, onde são exibidas apresentações artísticas – teatro, músicas, performances, exposições – e debates sobre diversidade sexual junto às comunidades locais⁵⁴.

Paradoxalmente, a esse cenário de avanços, a sexualidade, especialmente a orientação sexual, continua a determinar os espaços/tempos de ocupação de territórios públicos nas cidades. Os avanços no campo dos direitos civis e sociais dos sujeitos LGBT encontram resistências no cristianismo, uma das bases da sociedade ocidental, e o embate da cultura heterossexista *versus* uma percepção construcionista da sexualidade fariam desse período, no Brasil, tempos de paradoxos e contradições, especialmente acerca da diversidade de orientações sexuais. Em 2011,

[...] enquanto LGBT comemoram a conquista histórica do reconhecimento, pelo Estado brasileiro, dos direitos civis, até então restritos à heterossexuais, uma onda repressora em prol de uma “sociedade totalitária”, pautada em valores morais fundamentalistas reivindica a permanência do *status quo* das desigualdades que atribuem à LGBT uma cidadania subalterna e os expõem a constantes violações de direitos, entre eles, o direito à educação. O que está em jogo nessa arena de debates públicos em torno dos direitos de LGBT é o projeto de sociedade e de mundo que queremos e estamos construindo. Isso porque o fortalecimento do Estado Democrático de Direito exige, do Estado e da sociedade, o enfrentamento às desigualdades sociais, sejam elas oriundas de aspectos econômicos, políticos, culturais ou sexuais. (JOCA, 2011, p. 92).

⁵³ Destaco, em âmbito nacional, o Programa “Brasil Sem Homofobia: Programa de Combate à Violência e à Discriminação contra GLTB e de Promoção da Cidadania Homossexual”, elaborado pelo Governo Federal, em parceria com o Movimento LGBT do Brasil, em 2003, com o objetivo de elaborar propostas de políticas públicas, visando promover a cidadania de LGBT, tendo por base a equiparação de direitos e o combate à violência e à discriminação homofóbica. Em 2004, o programa foi oficialmente lançado pelo Governo Federal, mas sem previsão orçamentária para sua implementação. As propostas de ações governamentais tinham em vista “à educação e a mudança de comportamento dos gestores públicos”, visando ao enfrentamento do preconceito e da discriminação por orientação sexual, tendo ações específicas nas seguintes áreas: Articulação da Política de Promoção dos Direitos dos Homossexuais; Legislação e Justiça; Cooperação internacional; Direito à Segurança: combate à violência e à impunidade; Direito à Educação: promovendo valores de respeito à paz e a não discriminação por orientação sexual; Direito à Saúde: consolidando um atendimento e tratamentos igualitários; Direito ao Trabalho: garantindo uma política de acesso e de promoção da não discriminação por orientação sexual; Direito à Cultura: construindo uma política de paz e valores de promoção da diversidade humana; Política para a Juventude; Política para as Mulheres e Política contra o Racismo e a Homofobia.

⁵⁴ As “Quartas culturais LGBT” são realizadas tanto em praças do centro da cidade quanto em bairros residenciais, como Messejana, José Walter, Barra do Ceará, Benfica, Conjunto Palmeiras, João XXIII, Conjunto Ceará, entre outros. Até 2012, a Praça Portugal e a PV do DM não foram contempladas com estas ações.

Assim, as crianças que se tornam jovens, nesse início de século, depararam-se com uma sociedade na qual a reivindicação da igualdade de direitos civis e sociais confronta-se com a norma heteronormativa e compulsória. No limiar paradoxal entre público/privado, permitido/proibido, certo/errado, alguns trabalhos realizados sobre homossexualidade, territorialidades e cidade tomam como foco, especialmente, os espaços de sociabilidade LGBT na vida cidadina e as manifestações da homossexualidade vividas em espaços públicos das grandes cidades brasileiras, no entanto, com uma concentração na região sudeste do País⁵⁵. Quanto à vivência da sexualidade, especialmente da homossexualidade em Fortaleza, considero importante o registro de uma diversidade de espaços de sociabilidade LGBT⁵⁶, no entanto, a produção acadêmica sobre essa temática ainda é escassa. A carência do interesse acadêmico se mostra mais nítida quando a procura se dá por pesquisas que têm os jovens com sujeitos da investigação.

Na esfera da vida cotidiana juvenil, Damasceno (2007, p. 217), em seu estudo sobre os Movimentos *Punk* e *Hip Hop* em Fortaleza, identifica, nos anos de 1970, 1980 e 1990, uma “complexa articulação de manifestações, intenções, padrões estéticos, éticos e práticas de incorporação musical, que dão origem a uma forma inusitada de vivência da cidade e da própria música”, denominada pelo autor de uma “transposição geo-estética”. São experiências juvenis empreendidas pelos jovens pobres em bailes itinerantes⁵⁷, por uma diversidade de bairros da Cidade. Para o autor, essas práticas de sociabilidade juvenil são instauradoras de “territórios existenciais”, marcados pela existência de “bailes mistos” até os anos 1990. É nessa década, também, que essas expressões juvenis foram se tornando movimentos (DAMASCENO, 2007).

Nos meados da década de 1990, o Estado brasileiro inicia um processo político/social de formação de uma agenda pública voltada aos jovens, no qual a imagem social constituída em torno da juventude parte da compreensão desse segmento como um

⁵⁵ Ver: “*Sociabilidades de jovens homossexuais nas ruas de São Paulo: deslocamentos e fronteiras*” (SILVA, 2009); “*Consumindo lugares, consumindo nos lugares: homossexualidade, consumo e subjetividades na cidade de São Paulo*” (FRANÇA, 2012), entre outros.

⁵⁶ Em Fortaleza, há uma variedade de espaços de lazer e sociabilidade que têm a orientação sexual como referencial: Boates, bares, saunas e cinemas pornôns constituem um circuito de estabelecimentos comerciais voltados especificamente a LGBT. Ver: “*No escurinho do cinema: cenas de um público implícito*” (FLEMING, 2012); “*Ela é o Show: Performances trans na capital cearense*” (COELHO, 2012), entre outros.

⁵⁷ “Bailes nos quais as diversas sonoridades eram experimentadas em partes específicas para cada estilo musical eram uma prática comum na fortaleza do final dos anos 70 e dos anos 80 [...] O certo é que essa junção contribuía na formação dos grupos pelo convívio com a diferença, no nascedouro de muitas dessas manifestações como é o caso do rock, do punk, do próprio hip-hop e até do forró, que durante algum tempo freqüentavam os mesmos pequenos clubes nesses ‘bailes mistos’” (DAMASCENO, 2007, p. 219 e 220).

problema para a sociedade brasileira⁵⁸. Sposito (2007, p. 06) observa, nesse cenário, a possibilidade da elaboração de um “quadro mais complexo das imagens sociais constituídas em torno da juventude” no qual, para além de uma mera reprodução do que seriam os problemas da juventude, “poderiam contemplar configurações inovadoras que compõem o campo de forças e de disputas que constituem os jovens como categoria social no interior dos espaços públicos da sociedade brasileira”. Nos anos 2000, no âmbito nacional, especialmente a partir de 2002, a agenda de políticas voltadas à juventude se intensifica por meio da criação de diversos espaços de controle social e documentos voltados à elaboração de diretrizes e propostas com pretensão de nortear as recentes políticas voltadas à juventude⁵⁹. No entanto, “ainda há um descompasso entre a emergência das novas possibilidades de ação coletiva e de intervenção de esferas públicas plurais e a oferta centrada nos caminhos institucionais já consagrados” (SPOSITO, 2007, p. 36).

Paralela às políticas nacionais, alguns estados e municípios foram instituindo suas políticas locais. Em Fortaleza, o poder público municipal vem realizando, nos últimos anos, uma agenda política de ações voltadas especificamente aos jovens. Tais políticas ganham visibilidade, em 2004, com a criação da Coordenadoria Especial de Políticas de Juventude da PMF. Entre eles, O Projeto Praças da Juventude reforma algumas praças da Cidade sob a prerrogativa de garantir aos jovens “espaços para o lazer, a educação e a prática de esportes, contando com campo de futebol, teatro, quadra poliesportiva e pista de *skate*, entre outros”⁶⁰.

Desde 2004, a PMF desenvolve, também, ações voltadas à construção de Centros Urbanos de Cultura, Arte, Ciência e Esporte, conhecidos como CUCA. Os Centros têm como objetivo “proporcionar a vivência plena da condição juvenil, através da disposição de novos

⁵⁸ Na leitura de Sposito (2007), a imagem da juventude como problema social e político decorre, em parte, da grande visibilidade, em meados da década de 1990, da condição juvenil a partir da violência, quando a mídia e a opinião pública põem em foco discussões sobre temáticas como a violência e o desemprego juvenil, estando, especialmente, os jovens pobres como protagonistas e/ou vítimas. Dessa maneira, desperta-se para a emergência da intervenção do Estado por meio da elaboração de uma agenda pública voltada para os jovens. O processo de elaboração da agenda ganha legitimidade com a realização de diagnósticos sobre a condição juvenil nas grandes cidades do país. Em Fortaleza, destaca-se a publicação, em 1999, do livro “*Ligado na galera - Juventude, Violência e Cidadania na cidade de Fortaleza*”, do professor Dr. César Barreira. Já no final da década, o projeto “*Juventude, Violência e Cidadania*”, protagonizado pela UNESCO/Brasil, em parceria com Universidades de todo o país, deslocava a perspectiva do jovem como um problema social, migrando para um lugar de “agente” ou “ator” social, no intuito de desassociá-lo da temática da violência. Entram em cena os discursos sobre o “protagonismo juvenil”, que tomou parte dos projetos de ONG e instituições voltadas a esse segmento. (SPOSITO, 2007).

⁵⁹ Posso citar: a criação da Secretaria Nacional de Juventude; do Conselho Nacional de Juventude (Conjuv); do Plano Nacional da Juventude e o Programa Nacional de Inclusão de Jovens (ProJovem); a realização das Conferências Nacionais de Juventude (2004, 2006 e 2008).

⁶⁰ As praças da juventude estão localizadas nos bairros da Serrinha, Bonsucesso, Messejana, Dendê, Edson Queiroz, Villa Velha e Granja Portugal. Disponível: <<http://www.fortaleza.ce.gov.br/juventude>>. Acesso em 10 ago. 2012.

espaços e alternativas de desenvolvimento sociocultural e econômico”⁶¹. Os CUCA’s propõem-se, ainda, a abrigar atividades diversas do Poder Público e da sociedade civil voltadas para a Juventude⁶². Segundo a Coordenadoria Especial de Políticas de Juventude da PMF, os CUCA’s seguem a orientação de estimular o respeito à diversidade socioeconômica, política, ideológica, cultural e sexual dos jovens, reconhecendo o pluralismo, as diferentes identidades e suas formas de expressão, construindo um novo patamar de empoderamento e autonomia da juventude de Fortaleza⁶³.

Em 2012, além do CUCA Che Guevara, inaugurado em 2009 no Bairro Barra do Ceará, há dois outros centros em fase de construção, nos bairros Vila Manuel Sátiro e Jangurussu. O último, a poucos metros da casa de alguns dos jovens que apresentarei nos tópicos que seguem.

3.1.1 A Praça Portugal: Resistências e (Re)significações Juvenis

Retorno ao *blog* “Fortaleza Nobre” e ao texto sobre a Praça Portugal para lembrar que, conforme seu título, ela está para a Aldeota assim como a Praça do Ferreira estaria para a cidade de Fortaleza. Ambas, popularmente conhecidas como “*o coração*”. A metáfora traz significados simbólicos associando as praças aos seus entornos, sobre dimensões histórico-sociais do Bairro e da Cidade. A segunda seria considerada o coração da Cidade em virtude da importância histórica do Centro para o desenvolvimento de Fortaleza.

Com um histórico bem mais recente que o da Praça do Ferreira, a Praça Portugal marca o nascimento do Bairro Aldeota na década dos anos de 1940. Bairro que surge ancorado à ideia de progresso, de urbanização e desenvolvimento, características marcantes da história brasileira nos meados do século XX, simbolizando novos tempos para a Capital Alencarina. Morar na Aldeota foi e ainda é sinônimo de *status* social. Segundo Park (1979, p. 30), “através dos tempos, todo setor e quarteirão da cidade assume algo do caráter e das

⁶¹ Disponível em: <<http://www.fortaleza.ce.gov.br/juventude/cucas>> Acesso em 10 ago. 2012.

⁶² O primeiro CUCA, inaugurado em 2009, Cuca Che Guevara, possui áreas verdes, espaços de circulação e exposições nos quais o jovem podem encontrar amigos, participar de atividades de animação, apresentar seus trabalhos e conhecer um novo universo de informações nas áreas de teatro, cinema, fotografia, dança, música. Conta com ginásio coberto, piscina semiolímpica, pista de esportes radicais, anfiteatro, campo de futebol de areia, cine-teatro, salas de aula e laboratórios equipados para cursos de fotografia. Realiza “cursos de formação em diversas áreas, tais como, esporte (futsal masculino e feminino, basquete masculino e feminino, futebol americano, capoeira, vôlei, capoeira, pedagogia do batuque), música, teatro, informática, idiomas, literatura, dança e comunicação popular [...] Estes espaços foram pensados com a intenção de oferecer ao jovem um ambiente propício à sua formação e criatividade. Os Cucas atendem às principais demandas dos jovens: cultura, qualificação profissional, esporte, pesquisa, leitura, cinema, produção e formação audiovisual entre outras” (PMF). Disponível: <<http://www.fortaleza.ce.gov.br/juventude>>. Acesso em 10 de agosto/2012.

⁶³ Disponível em: <<http://www.fortaleza.ce.gov.br/juventude/cucas>> Acesso em 10 ago 2012.

qualidades de seus habitantes. Cada parte da cidade tomada em separado inevitavelmente se cobre com os sentimentos peculiares à sua população”. Hoje, diferente de 1969, o bairro ostenta grandes arranha-céus e o comércio ocupa uma significativa parte do território, antes residencial. Especialmente nas mediações da Praça Portugal, *shoppings* e lojas compõem o segundo centro comercial da Cidade, que tem como clientela principal aqueles com maiores poderes aquisitivos.

As praças e seus históricos apresentam características singulares que nos informam sobre seus significados simbólicos no contexto da Cidade. Enquanto a Praça do Ferreira é caracterizada pela constante presença da população que a tem como parada obrigatória em meio ao fluxo comercial do Centro da Cidade, a Praça Portugal, como símbolo do bairro que demarca a divisão de classe, aparece como uma ilha, quase sempre inabitada, atravessada somente pelo movimento dos automóveis, que não pára. Uma vitrine da Aldeota, exposta à apreciação dos transeuntes. “Corações” que batem em compasso e ritmos diferentes.

No entanto, o percurso empreendido pela “*cidade dos anjos*” tem a Praça Portugal como um dos pontos de partida, uma vez que, por algumas horas das noites dominicais, jovens moradores de bairros populares de Fortaleza cruzam a Cidade e rompem com a dinâmica impessoal e segregadora do bairro das elites. A praça/ilha, a vitrine, a rotatória, como geralmente é vista, ganha novos significados sob a perspectiva juvenil da Cidade que se mistura.

Por vezes, especialmente depois do por do sol, uma leve brisa fura o bloqueio do paredão de arranha-céus que contorna a orla dos verdes mares da capital alencarina. No entrecruzar das avenidas Desembargador Moreira e Dom Luiz, a pouco mais de um quilômetro do cartão postal da Cidade – a Avenida Beira Mar –, essa brisa movimentada a copa das árvores que ornamentam o coração da Aldeota: a Praça Portugal. O Bairro já não se mostra mais tão residencial como na fotografia de 1969 do arquivo de Nirez⁶⁴. As imperiosas torres que abrigam em suas bases *shoppings centers* cercam a Praça. Seus letreiros iluminados e vitrines chamam a atenção dos que por ali transitam. A Aldeota, aos poucos, foi se transformando em um centro comercial e de lazer das elites, enquanto o Centro da Cidade e a Praça do Ferreira, redutos das camadas mais populares.

Em formato quadrado, a praça é atravessada pela via de circulação dos automóveis que interliga as avenidas e um círculo se forma em seu centro, rodeado por quatro

⁶⁴ A praça, que até então se chamaria “Nunes Weyne”, foi projetada em 1947 por Antônio Capistalino Fernandes e apresentada à Comissão do Plano de Urbanização de Fortaleza. Pouco mais de duas décadas, em 1969, foi inaugurada pelo prefeito José Walter. Ver: “*Praça Portugal: Um laço entre Portugal e o Ceará*” (LEAL, 2009).

ilhas. Em cada um das ilhas, sob as copas das árvores, há alguns bancos, uma banca de revista e um ponto de taxistas, que garantem certa movimentação durante o dia. É por lá, também, que os transeuntes circulam de uma avenida à outra. Entretanto, a imagem da Praça Portugal está estritamente relacionada à esfera circular ilhada pelo movimento constante de ônibus e automóveis. Falar desta Praça como um quadrado pareceria um absurdo aos observadores desatentos. Ela é vista sempre como a rotatória, o círculo.

Por morar em Fortaleza desde 1994, conheci a Praça Portugal em 1996, quando trabalhei em um *shopping* localizado em suas mediações. Lembro-me que, durante os 12 meses frequentando diariamente aquela região, raras foram as vezes em que estive na esfera central da praça (se não me engano, apenas uma vez). A imagem que tinha daquele local era de um território não habitado, com utilidade restrita a embelezar a Cidade com suas árvores ornamentais e a marcar o cruzamento entre as avenidas. Considerando os mecanismos de tráfego nas vias urbanas das grandes cidades – entre pessoas motorizadas e pedestres –, são os semáforos, as faixas e placas de trânsito que conduzem nosso movimento de ida e vinda. Se as praças são espaços de encontros e sociabilidades, esta foge à regra estabelecida, por não possuir faixa para passagem de pedestre e nem semáforos que regulem a parada de veículos para o acesso das pessoas ao centro da praça. Seria, portanto, a esfera circular um território a não ser ocupado?

Chegando ao cruzamento das avenidas Desembargador Moreira e Dom Luiz, os automóveis são obrigatoriamente conduzidos ao movimento anti-horário (direita/esquerda), contornando a rotatória da Praça Portugal. Se ignorássemos as ilhas que compõem as quatro pontas do quadrado da praça, essa assumiria o formato de mandala, uma esfera composta por outras linhas circulares interiores. Em sua extremidade, uma calçada percorre toda a rotatória sem nenhuma interrupção. Nela, uma faixa amarela no chão indica o limite, a fronteira, entre o território de pedestre e o espaço para a circulação de automóveis. De sua extremidade interna em diante, há uma leve inclinação do terreno, fazendo da parte central da praça um território mais elevado. Essa inclinação do terreno vai até a extremidade interna dos quatro blocos de gramados. Com exceção a esses blocos, voltados à arborização do espaço, toda a praça tem seu piso em pedra portuguesa.

No centro, um astrolábio “flutua” sobre um cubo em mármore e “gira” entre duas colunas que se encontram no alto, “um pórtico em forma de arco que pende uma esfera armilar” (LEAL, 2009), em formato de um arco apontando para o céu. Após a última reforma, em 2009, o lago em meia lua, em volta do monumento, desapareceu e deu margem a um gramado em formato de semicírculo, intercalado por pequenas plantas decorativas. Em sua

volta, o espaço livre para circulação de pedestres forma um largo calçadão circular em pedra portuguesa. As árvores ornamentais estão divididas por quatro blocos em piso de gramado, marcando o rompimento das avenidas que se entrecruzam. O bloco A (Des. Moreira/praias) é ornamentado por 25 carnaubeiras. Olhadas de baixo para cima, a ilusão de ótica nos faz pensar que alcança alturas superiores aos prédios próximos. No bloco B (Dom Luiz/Centro), alguns coqueiros, um ipê e outras árvores compõem sua ornamentação. O bloco C (Des. Moreira/sertão) contém árvores maiores que durante a noite transformam em vultos os que estão sob suas copas. Finalmente, o bloco D (Dom Luiz/Praia do Futuro) contém poucas árvores (05 carnaubeiras e 2 outras), acredito que intencionalmente, no intuito de dar visualidade ao monumento central. Além das árvores maiores, outras pequenas plantas decorativas enfeitam os gramados. Entre os blocos, passarelas largas dão acesso ao calçadão em formato de círculo, onde bancos marcam a divisão entre o gramado e o piso de pedra.

À noite, a iluminação prioriza destacar a copa das árvores e o monumento central, de modo que grandes refletores ficam sob o piso a apontar para cima. Os postes que circulam o calçadão lançam uma iluminação precária, deixando uma leve penumbra que se intensifica na aproximação a algumas árvores. Os bancos em cimento e com acento de madeira, sem encosto para as costas, vão rodeando o calçadão da praça, por vezes em blocos de três em três, separados por um cubo de cimento utilizado como lixeiro.

É esse o cenário visto diariamente por milhares de fortalezenses ao circularem pelo “coração da Aldeota”. Se por lá passarmos durante os dias e as noites, de segunda-feira a sábado, dificilmente a praça assemelhar-se-ia a um espaço de encontro e sociabilidade dos moradores da Aldeota, tampouco de outros habitantes da Cidade. Isso porque a praça, que até os anos de 1980 reunia os moradores da Aldeota em torno da Feirinha de Artesanato, perdera por mais de uma década a característica de sociabilidade – entretenimento e encontro – atribuída às praças pela lógica urbanista grego/romana. É possível que a significativa ampliação da frota de automóveis nas últimas décadas na Cidade também tenha contribuído para o isolamento da área central da Praça Portugal. Se aos moradores do seu entorno a praça não oferece atrativos que os façam correr o risco de disputar, por alguns segundos, a via em paralelepípedo com os carros em circulação, é por jovens moradores de outros bairros - que se fazem de “donos do pedaço” - que a praça é ocupada nas noites dominicais.

Por volta das dezenove horas, é possível que alguns (poucos) jovens já ocupem os bancos que dão margem à Avenida Dom Luís, sentido Praia do Futuro. É muito provável que estejam vestidos de preto e usem acessórios que os identifiquem como *punks* ou *roqueiros*. Optam por ocupar os bancos nos quais a iluminação é mais precária e parecem familiarizados

ao som dos ruídos do trânsito, de automóveis e ônibus, que vão diminuindo com o passar das horas. Um movimento contrário, crescente, é tomado pelo fluxo dos jovens em direção à região circular da PP. De dupla, trio, sozinhos ou em grupos que se encontram nos terminais de ônibus, vão chegando de todas as direções e a praça ganha vida por algumas horas.

a. De tempos em Tempos: a PP entre “a galera de antigamente” e a “galera de hoje”

PP, 19h00min – Há poucos jovens na praça e algumas pessoas tirando fotos em virtude da decoração de natal. [...] Conheci um garoto do Bom Jardim, Bruno é o seu nome. Estava só, sentado em um banco próximo a mim. Era sua segunda noite na PP. A primeira foi domingo passado, quando um amigo o levou e ele gostou. Enquanto conversávamos, seus olhares ficavam atentos aos demais jovens que transitavam. Já tinha ouvido falar da PP, mas nunca tinha ido. Sabia que lá era frequentado por roqueiros, *punks*, *gays* e lésbicas. “-Gostei de tudo aqui. As pessoas são legais falam com a gente”. [...] Desde cedo, percebia que ele não interagira com ninguém. Em um momento estava a fumar e o garoto da DNA (que mora na Barra do Ceará) e estava a conversar comigo lhe pediu que acendesse seu cigarro, o suficiente pra iniciarem uma conversa. O garoto saiu e Bruno continuava solitário no banco. Questionado sobre o que mais gostou na praça, respondeu: “-Tudo! Gostei de tudo!” Aos poucos foi revelando esse “tudo”. Ao passarem duas garotas de mãos dadas falou: - “-Achei legal o jeito dessas meninas”. “-Que jeito?”, perguntei. - “-De andar assim de mãos dadas. Se fosse lá onde moro, as pessoas já estavam chamando nome”. “-Por quê?”, perguntei novamente. - “-Ah, aqui as pessoas são esquisitas e ninguém repara”. “-E lá reparam?”. “-Ficam dizendo nome, sabe? Olha, aquele menino! (apontando para um garoto bem efeminado que passava faceiro usando uma bolsa feminina) Se fosse lá de onde eu venho já estavam dizendo nome”. “-E lá não tem pessoas assim?”. “-Esquisitas?”. “-Sim.”. “-Tem. No meu colégio tem um pessoal. Ninguém faz nada com eles, mas eles ficam isolados sabe? Nem falam com eles!? Quando eles passam as pessoas ficam dizendo coisas. Na minha sala tem dois casais, um de homem e um de mulher. Aqui é legal porque tem gente esquisita e ninguém repara né!?”. Bruno usa um vocabulário que se assemelha muito à linguagem do interior do Ceará. Tem um jeito tímido. Lembra-me o interior, mas preferi não perguntar sua origem. Havia percebido que tinha vergonha de falar onde morava. Usava as expressões “de onde eu venho” ou “onde eu moro”. Percebi que quando falei que morava no Castelão, ele ficou mais tranquilo e, depois de algum tempo, disse que morou dez anos no bairro Canindezinho, em seguida no bairro Montese e agora no Bom Jardim. Fiquei pensando se seria verdade que esperava os amigos com que disse ter combinado encontrar. Digo isso porque usava o mesmo pretexto quando passei a ir à praça sozinho. Mesmo não chegando em grupo, a idéia de ficar sozinho aqui causa estranhamento aos demais. Talvez esteja usando a mesma desculpa para justificar a solidão na praça. [...] Encontrei também os garotos do Jangurussu (Hirley, Diego e Beto). Entre eles, estava um outro garoto, Diego, com quem não havia conversado ainda. Mora no bairro José Walter e usa um casaco de mangas longas e capuz, sobre uma blusa com uma gravura de anime. Um gorro na cabeça,; o cabelo penteado com uma longa franja sobre a testa e um piercing no lábio inferior. Calça tênis colorido e uma pulseira em cada pulso. As

pulseiras são de couro e fivela, uma preta e outra branca. No momento que os demais foram “*dar uma volta*”, me contava como era a PP “*antigamente*” (esse “*antigamente*” quer dizer o período entre os anos de 2007/2008, quando o jovem era frequentador assíduo do local). “*-Aqui (apontando para o gramado em volta do monumento) tinha um local que era para ser um lago, mas não tinha água e os skatistas ficavam usando para andar de skate. Uma hora dessas, era lotado! Agora, basta a gente dar uma olhada e já sabe quem está na praça*”. Falava em um tom de desapontamento. Lamentava por nessa época só ficar com mulheres, o que lhe dava a sensação de não ter aproveitado o suficiente os “*tempos áureos*” da PP. (Não é a primeira vez que escuto um discurso saudosista sobre a praça). [...] Apresentei Bruno para a turma do Hirley (os jovens do Jangurussu) e ele logo foi se enturmado com alguns garotos. Arrumou rapidinho com quem “*ficar*”. Bruno acha que ir à praça é melhor que “*ficar em casa sem fazer nada*”. [...] Numa mesma noite, pude ver dois olhares diferenciados sobre a PP. O discurso saudosista e desapontado do garoto do José Walter, ao revelar que a praça perdeu um pouco do encanto de outrora e, o de Bruno, encantado com o novo espaço, de “*pessoas esquisitas*”, que acabara de descobrir. A PP parece ir se renovando de tempos em tempos. Depois das 21h, Bruno estava em uns “*amassos*” daquele com outro garoto! Penso que o encontrarei outras vezes por aqui. (Diário de Campo, 25 de dezembro de 2011).

No Brasil, nas últimas décadas, estudos sobre sociabilidade juvenil vêm investigando os modos de apropriação dos espaços citadinos pelos jovens e suas formas de sociabilidade. A praça frequentada por jovens há aproximadamente doze anos traz consigo um percurso que demarca estilos e modos de vida juvenis, numa relação estreita com questões de orientação sexual. No cruzar dos tempos, é possível perceber as nuances desse movimento e, em uma mesma noite, transitar do saudosismo da PP de “*antigamente*” ao deslumbramento do jovem que acabara de encontrá-la. Entrecruzar sentimentos como o “*desapontamento*” de Diego – o jovem que já não frequentava a PP com tanta assiduidade – com o “*encantamento*” de Bruno pelo encontro com as “*pessoas esquisitas*” faz das interações juvenis uma dinâmica em movimento com espaços para os encontros de tempos distintos.

O início da ocupação juvenil da PP nas noites de fins de semana continua a ser um enigma tanto para mim quanto para os que hoje frequentam o espaço. Digo isso por constatar que, assim como sua via circular é espaço de constante movimento de veículos, a recente história da sociabilidade juvenil na PP também é caracterizada por um constante movimento de jovens. Estilos, modos de vida e sexualidade são elementos que se entrecruzam e demarcam os tempos juvenis da praça.

Não há registros exatos do período e nem de quem fossem os jovens pioneiros a frequentar a PP. Consta, por meio da história oral, que entre os anos de 1999 e 2000 jovens *otakus* foram expulsos do *Shopping Aldeota*, onde se encontravam às sextas-feiras na praça de

alimentação. A perseguição da segurança do *shopping* aos jovens fez com que os encontros mudassem de endereço e cenário. A praça, a poucos metros dali, foi a alternativa para aqueles que transitavam pelo bairro Aldeota, mas não se enquadravam no perfil de consumidores dos *shoppings centers*. Sob a cultura do consumo, “a normalização sociourbana implica o isolamento de comportamentos desviantes [...] a disseminação do moralismo e do controle da vida pública” (CAVALCANTE; FREITAS, 2008, p. 104-105) determinados, em certa medida, por valores que constituiriam as cidades modernas. Criam-se, assim, o que Park (1979) denomina de “regiões morais”⁶⁵, ocasionadas em parte pelas “restrições que a vida urbana impõe; e em parte à permissividade que estas mesmas condições oferecem.”

Verdadeira ou fictícia, essa versão anuncia, em certa medida, o descompasso entre os modos de vida desses jovens e a expectativa de consumidor dos estabelecimentos comerciais do bairro das elites. Seriam eles intrusos, delinquentes, portanto, jovens indesejados. Talvez por não corresponderem aos referenciais estéticos convencionais e/ou por se manterem fora do padrão de classe desejado, presumindo não serem eles potenciais consumidores.

A ocupação do espaço público dar-se-ia, então, como reação, ou resposta, à marginalização de seus modos de vida pela lógica da sociedade do capital. Assim, a Praça Portugal passa a ser conhecida entre os novos ocupantes apenas como “PP” e a sediar encontros juvenis semanalmente. Com o passar do tempo, jovens adeptos a outros estilos – *roqueiros, punks, emos, skatistas, from UK*, entre outros – somaram-se aos amantes dos animes.

Para Diógenes (1998, p. 38), “território e consumo confabulam um novo modo de produção da cidadania” e, no caso dos jovens pobres das periferias das grandes cidades, o consumo surge como um vetor fundamental, aliado à busca do prazer.

Nessa ampla ideologia do consumismo e da busca do prazer, o que passa a dar destaque, a possibilitar campos de inserção social, é a imagem e seus recursos visuais. É sobre o impacto estético e visual que os jovens “proscritos” tornam-se atores nos espetáculos urbanos. [...] Ganhar visibilidade, fazer excessiva essa visibilidade torna-se um modo não apenas de romper os “muros” e os signos do “estigma territorial”, como também de

⁶⁵ Sobre a “região moral”, afirma Park (1979, p. 64): “É inevitável que indivíduos que busquem as mesmas formas de diversão [...] devam de tempos em tempos se encontrar nos mesmos lugares. O resultado disso é que, dentro da organização que a vida cidadina assume espontaneamente, a população tende a se segregar não apenas de acordo com seus interesses, mas de acordo com seus gostos e seus temperamentos. A distribuição da população resultante tende a ser bastante diferente daquela ocasionada por interesses ocupacionais ou por condições econômicas”.

transposição de dinâmicas localizadas, estancadas nos bairros segregados, para as tramas globais de registro público. (DIÓGENES, 1998, p. 40-41).

No âmbito da produção dessa “estética juvenil globalizada”, ou de uma “estética global”⁶⁶, entre os jovens interlocutores desta pesquisa, os “*pirangueiros*” estariam mais próximos dos contextos juvenis apontados por Diógenes⁶⁷. O que viria a caracterizar determinados jovens como “*pirangueiros*”, conforme veremos no capítulo que segue, seriam as ações de violência - prática de roubos e assaltos a outros jovens - motivadas pelo desejo do acesso a indumentárias e/ou acessórios de consumo de massa juvenil.

Por outro lado, os adeptos dos demais estilos juvenis aqui estudados – apesar de não fugirem completamente dos encantos do consumo de massa – não tomam a estética dos jovens de classe média e alta como ideal a ser alcançado. Mesmo que capturados pelo apelo à cultura do consumo das marcas, por exemplo, não há o desejo de fazer-se “*arrumadinho, tipo essas patricinhas e mauricinhos da Aldeota*”, tomando as palavras de De Menor (23 anos). Diferentes dos jovens integrantes de gangues estudados por Diógenes (1998), para os jovens deste estudo, o estilo não estaria necessariamente atrelado ao uso desta ou daquela marca, tampouco associado a esta ou aquela classe social.

A primazia do que chamo de estética corporal juvenil, por meio da adoção de um (ou vários) estilo(s), aproxima-se com maior intensidade do desejo de ser ou estar diferente, de parecerem “*trasado(a)s*”, “*estilosos*”, “*maneiros*”, de ser único, singular. Por vezes, os “*arrumadinhos*” - expressão utilizada pelos jovens quando se referem aos jovens de classe média e alta - surgem em seus discursos em um tom pejorativo, depreciativo. É evidente que tal empreendimento - o de ser estiloso - também requer investimento financeiro, uma escolha que se faz a partir de suas identificações com gostos diversos (música, dança, cultura específica, no caso dos otakus).

Essa valorização da imagem, do estilo, que se projeta no corpo, se dá em virtude de sua apropriação como referente de identificação e pertencimento, mobilizando territorialidades, sociabilidades e interações afetivo/sexuais, pois agencia negociações e poder entre os integrantes da “*galera da PP*” e/ou “*galera do DM*”. Assim, estética juvenil não se passa estritamente no campo da individualidade, pelo contrário, é relacional, social e determinante tanto na constituição dos circuitos juvenis na Cidade quanto para as relações neles vividas.

⁶⁶ A autora chama de estética mundial “um modo de vestir-se, da utilização de automóveis, eletrodomésticos, do consumo cultural, do uso da telefonia celular, redes de informação ou de mídia homogenizando gostos e estetizando imagens” (DIÓGENES, 1998, p. 38).

⁶⁷ Diógenes (1998) tem como sujeitos de pesquisa jovens integrantes de gangues na periferia de Fortaleza.

Na ocupação geográfica e socioestrutural juvenil, especialmente nas grandes cidades, a dicotomia público/privado parece predeterminar aos sujeitos lugares e espaços possíveis (ou viáveis) a apropriação e pertencimentos. Tratando-se de jovens pobres, moradores de bairros populares, o filtro (ou as fronteiras) sociocultural determinante das territorialidades, mediante as estruturas de classe, mobiliza estigmas associados à juventude. A associação juventude/problema social ou juventude/violência parece manter-se ainda no imaginário brasileiro, especialmente quando tratamos de jovens pobres. Isso se torna visível quando esses negligenciam tais parâmetros e fazem da Cidade e de seus espaços – independente de público ou privado – espaços de suas expressões juvenis, das culturas juvenis.

A prevalência do estilo dos jovens na praça aparece como um importante definidor temporal que caracterizaria tais sociabilidades. Nos primeiros anos, o “*tempo do animes*” e de jovens jogando RPG⁶⁸.

Lá já é de muito tempo, a PP! Já é costume! Começou com a galera que curtia anime, desenho japonês, álbum de figurinha... Faz um tempão! No tempo que o pessoal gostava de desenho japonês. Ainda gostam muito, mas antigamente era demais. Aí foi juntando, juntando, juntando, assim... (Tchuco, 18 anos).

Esse período é também lembrado pelo uso do espaço destinado ao lago em volta do monumento central como rampa de *skate* pelos jovens *skatistas* que também passam a frequentá-la. Anos mais tarde, com a reforma, em 2009, e o fim do lago que se fazia rampa de *skate*, a presença dos *skatistas* seria mínima no local.

Em seguida, com a propagação do estilo *emo* na Cidade, a praça ficou conhecida como local de encontro de jovens *emos*, definindo uma temporalidade do espaço como “*a praça dos emos*”. Mesmo que desde seu início a liberdade de expressão das sexualidades marcasse essas interações, foi em virtude da associação do estilo *emo* com a homossexualidade que os encontros ganham um ar de “liberação sexual” e a orientação sexual dos jovens frequentadores da PP vê-se estigmatizada como “*jovens emos*” ou “*jovens gays*”, o que popularmente seriam sinônimos. Frequentar a PP passou a ser motivo para ter a orientação sexual em xeque.

No final da década, veio a grande adesão dos jovens roqueiros e *punks* e, finalmente, o passar da primeira década do século marca o “*tempo das misturas*”, no qual as

⁶⁸ RPG (roling playing game). Em português: jogos de interpretação de personagens.

interações contam com uma diversidade de estilo e orientação sexual juvenil. Assim, mesmo tendo a diversidade de estilo como característica constante, de tempos em tempos os jovens vão passando pela praça e tal passagem é vista de maneira singular por cada ocupante.

O referencial temporal da PP é marcado pela prevalência do estilo em detrimento de um marcador cronológico. O “*tempo do animes*”, o “*tempo dos emos*”, o “*tempo da galera mais descolada*”. Acredito que são tempos singulares que se constituem na memória individual dos jovens a partir de suas identificações e modos de vida experienciados coletivamente. A memória das interações na praça entrelaça-se a aspectos individuais relacionados aos modos de vida juvenis, às experiências vividas e às experimentações afetivo/sexuais.

Alguns jovens frequentadores do “*tempo das misturas*”, período deste estudo, geralmente datam sua inserção na praça por volta de três ou quatro anos. Tempo suficiente para identificarem mudanças significativas sobre alguns aspectos. Do mesmo modo, numa dimensão mais coletiva, os tempos da praça apontam para matizes que os distinguem de acordo com experiências no âmbito das relações afetivo/sexuais, dos modos de vida e interações juvenis.

PP. Chega um garoto e uma garota. Dizem que estão “*repinolzados*”, pois ingeriram 5 comprimidos cada. O comportamento de ambos denunciava o uso de alguma droga alucinógena (ilícita). A garota estava elétrica e o garoto, lento. (Eu não conheço a reação do repinol, mas deu pra perceber que estavam sob efeito de alguma substância). Depois que saíram, a amiga do Lucas fala que “*eles agora vivem assim*” e que “*vivem roubando as pessoas pra manter o vício*”. Diz que “*antigamente, não existia isso na PP*” e que “*o pessoal era mais unido*”. Atribui às drogas o fato das pessoas não gostarem mais tanto da PP. “*Antes as pessoas eram mais amigas*” lamentou. (Diário de Campo, 29 de janeiro de 2012).

O uso de substâncias ilícitas, o excesso de bebida alcoólica e a violência estão bastante presentes nos discursos juvenis ao retratarem o tempo atual da PP, em contraste com os tempos pretéritos. Tais práticas seriam antagônicas às interações marcadas por sentimentos como amizade, harmonia, prazer em estar na praça.

A primeira vez que eu fui, eu achei legal e comecei a ir. Só que tipo, o pessoal foi começando a mudar, assim, teve umas confusões... Arrastão. Teve muita coisa! Ficou meio assim, porque já tinha gente bebendo, fumando, essas coisas que eu não curto muito. Aí eu me afastava um pouco. Aí, me deu medo e eu não fui mais pra lá. (Tittyz, 16 anos)

Além de acompanharem as transformações estruturais da praça (fruto das reformas), os jovens ressaltam outros aspectos que vão diferenciando os tempos atuais do passado não tão longínquo quanto parece em seus discursos. É perceptível que, quanto maior o tempo de frequência, maior o saudosismo, que insiste em inferir aspectos negativos ao presente em detrimento da memória de uma praça mais atrativa no passado.

São 19h22min. Estou só pela primeira vez na praça. Sentei e dois jovens se aproximaram, espontaneamente, e sentaram no banco ao lado para fumar maconha. Um usa um alargador enorme na orelha. Ambos moram no Bairro Bom Jardim. Enquanto prepara o cigarro, um dos jovens comenta com o colega: “*Na minha época, (referindo-se há cinco anos), a galera que vinha pra cá eram pessoas mais descoladas. Hoje, vem mais é uns pivetes caretas que tomam um copo de cachaça e ficam bêbados*”. Disse ainda que já não é frequentador da praça “*como antigamente*” e que prefere circular pelos bares do bairro Benfica. Depois de uma rápida conversa e de recusar o convite a compartilhar do fumo. Eles saíram e fiquei novamente sozinho (Diário de Campo, 14 de agosto de 2011).

Outro aspecto da mudança no perfil dos jovens frequentadores também é observado: “*Não havia muitos gays, nem emos*” (Diário de Campo, 23 de outubro de 2011), ressaltava uma garota em uma conversa informal com uma amiga. Além da observação que têm como referência a orientação sexual e as práticas, o estilo dos jovens está entre as mudanças mais citadas. “*Antigamente vinham muitos roqueiros pra cá. Uns roqueiros bem doidão. Dava era medo. Mas agora eles deixaram de vir.*” (Matheus, 18 anos).

Marques (2010, p. 103), no estudo “A Praça Portugal como Lugar: negociações de sentidos em encontros presenciais e mediados pelo computador”⁶⁹, resalta que

[...] a chegada da diversidade de estilos na Praça Portugal desestabilizou o estado de convivência harmoniosa constituído nos primeiros anos de 2000. Uma disputa territorial instalou-se na praça a partir do estranhamento de ações desenroladas no espaço: beijo gay; uso de cigarro, bebida, drogas; brigas. Essas práticas foram ressaltadas nas falas dos frequentadores como responsáveis pela quebra do equilíbrio instituído anteriormente. Daí por diante, desenvolveram-se mecanismos de reivindicação do direito de uso da área da praça articulados principalmente pela chave de identificação com determinado estilo. A Praça Portugal tornou-se espaço de conflito, disputa e intolerância.

⁶⁹ Dissertação defendida em 2010 no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará. O trabalho identifica os sentidos atribuídos à Praça Portugal pelos jovens frequentadores do local - no período de 2008 a 2009 - elaborados entre os encontros presenciais na praça e as interações mediadas pelo computador (redes sociais).

Os jovens dos “*tempos de misturas*” ressaltam alguns aspectos citados pelos informantes de Marques, no entanto, esses tempos já não se mostram caracterizados por “conflitos”, “disputas” e “intolerância” entre grupos, “*galeras*” e “*turmas*” e a diversidade de estilos e expressões afetivo/sexuais surgem como aspecto positivo, valorizado. Estar misturado assume, para os jovens levados por anjos, uma diversidade de significados que faz da praça um espaço de convivência harmoniosa, e a “*galera da PP*” se faz pela heterogeneidade de estilos, gostos e comportamentos. A mistura surge relevante frente à prevalência de algum estilo no cotidiano da praça, mesmo que no âmbito da sociabilidade, um esquema de hierarquias (que tem o estilo e a orientação sexual como referenciais) ainda determine matizes de laços sociais entre os jovens.

Um outro referencial de tempos da praça comumente mencionado pelos jovens é o calendário dos encontros. Alguns chegam a afirmar a existência de períodos em que as noites dos finais de semana eram divididas por estilo. O calendário da PP estaria inserido, também, em um circuito de sociabilidade juvenil por outras praças da cidade, como a PN e a PV do DM.

b. Territorialidades e ocupação dos espaços da PP em “*tempos de misturas*” juvenis

Aos poucos, entre as 19h e as 22 horas das noites de domingo, a via circular em paralelepípedo que atravessa a PP transforma-se em espaço de disputa entre automóveis e jovens. Os carros apenas a utilizam como via de passagem para destinos diversos da Cidade, enquanto os jovens, como espaço de trânsito que os levam a um destino único: a rotatória central da praça.

A priori, o conhecido “*tempo de misturas*” da PP se justifica pela diversidade de estilos juvenis e pelo modo como os jovens ocupam seus espaços. Lentamente, vão ocupando a praça: os gramados e o calçadão que circunda seu monumento central. Pequenos grupos juvenis vão se formando, alguns sentados em círculos pelo chão em grama, enquanto outros nos bancos que formam o mesmo movimento circular da rotatória.

A partir das 20 horas, com o acréscimo do número de jovens, inicia-se, no calçadão, um movimento de circulação do monumento central, conhecido como “*a volta*”. Ser convidado a “*dar uma volta*” implica necessariamente em circular a praça pelo calçadão em torno do astrolábio que flutua em seu centro. A “*volta*” pode seguir tanto no sentido horário quanto no sentido anti-horário. Tem como intuito a interação com outros jovens, ampliando as possibilidades de uma paquera ou do encontro com demais amigos.

O gramado que circula parte do monumento também é espaço de ocupação de grupos juvenis que ali sentam em longos períodos de conversas, namoros e/ou “*ficas*”. O quadrilátero em mármore serve de encosto aos que se sentam em sua volta. Este espaço caracteriza-se por ser um território escuro, com pouca iluminação para aqueles que ali permanecem. Os refletores, fixados ao chão, voltam-se ao monumento e são, por vezes, pontos de parada dos jovens transeuntes. É recorrente pequenos grupos (entre 4 ou 5 jovens) pararem em torno dos refletores, roubando os raios de luzes que rompem seus destinos e iluminam a parte frontal dos corpos juvenis e a interna do círculo que se forma.

O sentido assumido pela mistura pode ser também atribuído ao trânsito juvenil entre grupos. A ideia de grupalidade é aqui redesenhada por um constante movimento de construção e desconstrução de grupos juvenis na praça. Por certo, esse movimento não é empreendido por todos os jovens, no entanto, a percepção desses matizes só foi possível a partir de um processo de observação atenta dos modos como espaços e interações são mobilizados no território em constante fluxo. Quem se mistura? Quem não se mistura? Quais os referenciais demarcadores de aproximações e distanciamentos? Como a ocupação dos espaços pode nos informar sobre tais questões?

Apesar de caracterizar-se como “tempos de mistura”, é consenso entre os jovens que a territorialidade na PP tem como marcador a divisão de espaços entre *punks* e *roqueiros* e os chamados “*coloridos*”. Os primeiros ocupam principalmente os bancos e gramados próximo à Dom Luís (sentido Praia do Futuro) e os *coloridos*, os bancos próximos à Dom Luís (sentido Centro) e aqueles próximos à Desembargador Moreira (sentido Sertão). Os demais espaços seriam territórios de mistura onde estilosos e não estilosos, heterossexuais e LGBT transitam sem demarcações espaciais definidas. Tal divisão tem uma dimensão prática bastante questionável ao considerarmos os movimentos juvenis na praça, a mobilidade com que os jovens transitam entre grupo (turmas ou galeras).

Essa divisória espacial implica também em uma demarcação para além do estilo, associada à orientação sexual dos jovens. A relação entre estilo e sexualidade associa-se a significados simbólicos que relacionam estilos a orientações sexuais. Ser *roqueiro* ou *punk* estaria para os jovens mais próximos dos padrões heteronormativos, enquanto os “*coloridos*” estão associados a uma aproximação à homossexualidade, conforme explicam os jovens:

Os homossexuais ficam debaixo das árvores, na Desembargador Moreira, mas indo voltando pro outro lado, do Castelão. Aí, tem a parte dos *punks*. Os *Punks*, é... fica na Dom Luís, em frente do shopping. Aí, do outro lado,

ficam as sapatão, homossexuais também, os *coloridos*, entende? Aí, no resto... fica só mais *roqueiro*, tá entendendo? (Tchuco, 18 anos).

Nem todo mundo é amigo na PP. Têm uns que falam por falar, mas têm outros que nem falam. Ah, porque todo mundo tem um grupo, tipo um grupo. Tipo, gays e lésbicas ficam de um lado, *punk* e hétero fica mais ou menos do outro, nem sempre todos ficam juntos pra conversar. Num sei se tu já viu, num tem um lado que fica só os de preto, aqueles lado assim... são os *punks*. É, onde fica aquela parte lá, num fica só os de preto ali. Pronto, ali os *punks* ficam, a maioria ficam ali... Essa parte aqui, já os gays ficam dessa outra parte aqui. Aquela parte... onde a gente ficava sentado, que tem aquela árvore. Tem essa divisão, né? (Hirley, 19 anos) (grifos meus).

Tal divisão pareceria simples se as interações não fossem constituídas de constantes mobilidades entre grupos e estilos. Estas mobilidades dizem respeito, além de outros aspectos, aos espaços de ocupação da praça, conforme veremos quando tratarmos da dinâmica de alguns grupos juvenis. Vale ressaltar, também, a presença significativa de jovens que não adotam um estilo específico, conhecidos como os “*normais*” ou os “*comuns*”.

Além das misturas de estilos e grupos, a diversidade de orientações sexuais também integra o tempo das misturas. Casais homossexuais e heterossexuais expressam afetividades livremente e, aparentemente, circulam sem distinções entre os jovens. As mobilidades também são características das relações afetivo-sexuais quando alguns jovens transitam por relações entre o sexo oposto e o mesmo sexo, não se fixando em uma identidade ou categoria sexual específica. Se os espaços estariam demarcados a partir da adoção de estilos e da orientação sexual, numa perspectiva de associações entre essas duas dimensões, quais espaços ocupariam os jovens que subvertem essa lógica? Quais territórios seriam ocupados pelos *punks* (ou *roqueiros*) homossexuais? E os “*coloridos*” heterossexuais que “curtem” rock?

Seria ingênuo imaginar que tais determinações espaciais se fizessem com o rigor que os discursos juvenis pareçam querer atribuir-lhe. Vejo a demarcação territorial apresentada pelos jovens como uma tentativa de determinar diferenças por meio da polaridade *darks/coloridos* - heterossexuais/homossexuais. Um paradoxo se faz nítido: a valorização da “*mistura*” coexistindo com a tentativa de manter determinantes territoriais pautados em dualismos, diferenças, demarcações identitárias. Estou certo de que se trata de interações em trânsitos, onde estar misturado não significa, no pragmatismo das relações afetivo/sexuais, o rompimento com as diferenças. Jovens como Dan (18 anos) e Digo (21 anos) - roqueiros *gays* - transitam por espaços diversos da praça, por “*turmas*” e “*galeras*” independente do estilo ou orientação sexual. É evidente que seus trânsitos são tomados pela dimensão do desejo, da

busca, como também dos seus afetos e desafetos. As especificidades das relações afetiva/sexuais que se constroem nesses trânsitos juvenis são abordadas no capítulo seguinte.

Após essa tentativa de aproximação de uma lógica que revele os referenciais acionados nas dinâmicas de ocupação territorial da PP frente às múltiplas identificações, descrevo a seguir dois ritos juvenis: as “interas” e as despedidas. Eles revelam códigos e práticas de sociabilidade, assim como saberes sobre o espaço/tempo das “misturas”. Os fazeres dos jovens na rua e seus mecanismos de driblar e/ou satirizar os estigmas e as normalizações sociais instituídas.

c. Ritos Juvenis: as “interas” e as despedidas

As “intera”:

As práticas relacionadas ao uso de bebida alcoólica e drogas ilícitas também interagem com o cenário da sociabilidade juvenil e determinam espaços e interações na PP. Tchuco (18 anos) e De Menor (23 anos) são protagonistas do ritual de “interas” mais conhecidas e constantes da praça. Por vezes, disputam colaboradores, tendo como argumentação o grau de amizade e afinidade. No entanto, todos são convidados a contribuir com “as intera”, independente das relações estabelecidas anteriormente com os organizadores.

Os colaboradores das “interas” de Tchuco (18 anos) geralmente são os *punks* e *roqueiros* com quem o jovem tem mais afinidades e identificações. Quem colabora com uma das cotas dificilmente colabora com a outra, uma vez que os recursos geralmente são escassos. As “interas” consistem em um movimento circular pela praça, realizado por dois ou três jovens convidando os demais a participarem da cota para a compra da bebida alcoólica, geralmente aguardente e refrigerante.

Esse movimento ocorre depois das 20 horas, quando o número de jovens sinaliza a possibilidade de muitos colaboradores, parecendo o *quórum* suficiente para uma boa arrecadação financeira. Um boné funciona como instrumento de depósito das moedas e/ou cédulas. Finalizado o processo de arrecadação, os organizadores providenciam a compra, que exige ser executada por jovens maiores de dezoito anos.

O supermercado do *Shopping Aldeota* é o estabelecimento fornecedor e a quantidade de bebida comprada varia de acordo com o total de colaboradores e do valor arrecadado. Por vezes, uma “intera” chega à compra de dez litros de aguardente. A consumação das bebidas adquiridas por meio das “intera” de Tchuco (18 anos), por exemplo,

tem local predefinido e já conhecido pelos colaboradores: o gramado da Av. Desembargador Moreira (sentido praia).

Outras “*interas*” são realizadas por grupos menores que preferem o consumo entre os amigos mais íntimos. As “*interas*” realizadas por Tchuco (18 anos) e De Menor (23 anos) ganham destaque pela quantidade de colaboradores e pelo movimento eufórico no momento da consumação. Geralmente, os colaboradores são jovens do sexo masculino e aqueles que não possuem recursos financeiros suficientes para a compra individual de bebida. Não há relações entre o valor da colaboração e a quantidade consumida, nem um controle rigoroso entre os colaboradores e consumidores, sendo os segundos em maiores quantidades que os primeiros. Por vezes, a bebida é consumida na própria garrafa ou em copos descartáveis. Enquanto alguns ingerem a aguardente com refrigerante, outros a consomem pura. No âmbito da dinâmica das “*interas*”, quanto mais rápido a ingestão, maior a possibilidade de aproveitamento da aguardente, que em pouco tempo acaba. O momento da consumação reúne jovens de turmas diferenciadas e, ao término da bebida, aos poucos o grupo de jovens vai se dispersando para outros espaços da praça.

A despedida:

O tempo juvenil na praça é delimitado pelo horário da condução coletiva que transporta a maioria dos jovens aos bairros de morada. Por volta das 22 horas, o trânsito dos carros a circular e o movimento na rotatória se torna mínimo. O “*Tio do lanche*” já não anuncia os produtos à venda e “*a volta*” no calçadão volta a perder o sentido. As luzes da banca de revista dão lugar à escuridão da noite, que se faz silenciosa. Aos poucos, os jovens vão aos pontos de ônibus nas proximidades da PP, no movimento de retorno para casa. No entanto, não é o término do trânsito interno na esfera circular da praça que marca a despedida juvenil. O retorno para casa, que não se faz tão solitário ou em pequenos grupos, como o caminho inverso. Ele rompe com o silêncio noturno tomando a praça com a irreverência juvenil.

PP: São 22h15min e os jovens já começam a ir embora. Um grupo passou agora em um ônibus a circular parte da praça, na direção praia/sertão. Estavam sentados nas janelas a “*xingar*” os que aqui ainda estão: “*-Filhos da puta!!!*”... (os gritos são acompanhados de berros. Quase uma vaia - Bem cearense isso!!!). Já vi isso acontecer outras vezes aqui. Parece um ritual de despedida. Os que estão na praça respondem, também, aos gritos, com palavrões. Hoje foi “*-Tua mãe, baitola!!!*”. Todos riram. Vou embora também (Diário de Campo 25 de setembro de 2011).

A brincadeira, que se repete algumas vezes a cada noite, parece ironizar os olhares atentos lançados aos jovens por alguns transeuntes que passam de automóveis pela PP. Uma paródia do olhar do outro sobre si. Por vezes, brincam reproduzindo os estereótipos que os rotulam em virtude de seus modos de vida e da presença na praça: “-*Bando de vagabundos!*”, “-*Seus baitolas!*”, “-*Vão arrumar o que fazer!*”, gritam à espera da resposta dos que ainda permanecem na PP. Essa ironia, em forma de deboche, reproduz algumas atitudes de transeuntes, conforme registros de meu Diário de Campo:

PP: 20h36min. Encontrei os meninos do São Cristóvão (Hirley e Diego). Diego tá com um namorado novo. Estou com eles (cinco garotos gays) nas árvores que ficam próximos ao *Shopping Aldeota*. De repente, escutamos um grito que vinha de um carro que circulava a praça: “-*Vocês não têm o que fazer?*”, questionava o rapaz com a cabeça pra fora da janela do carro. A resposta dos jovens da praça vem de imediato em vários palavrões. (Acho que os *roqueiros* e *punks* gritaram mais). Os meninos com quem estou não gritaram. Ficaram em silêncio por alguns segundos (parece que a provocação fez com que eles pensassem sobre o que estão fazendo aqui.). O silêncio foi interrompido por um dos garotos que disse: “-*Ah... eu venho me divertir*”. Os demais ignoraram o fato e continuaram a conversar outros assuntos, como se nada tivesse acontecido. (Diário de Campo, 23 de outubro de 2011).

PP: Enquanto conversava com Jéssica, um ponto de luz verde surge em seu corpo e na face, era uma projeção de luz laser, vinda de um carro que circulava a praça, de onde um rapaz do banco de trás gritava “-*Bando de Sapatão! -Bando de Sapatão!*”, repetia várias vezes. Jéssica olhou com um ar de reprovação, e por um instante, interrompeu o assunto, no entanto, não fez comentários. Assim como ela, nenhum outro jovem se manifestou e o carro circulou a praça por duas vezes. Para os que não a frequentam, os significados de frequentar a PP estão intrinsecamente relacionados à sexualidade, especialmente, à orientação sexual dos jovens. Vejo isso desde que defini a PP como *locus* da pesquisa. Sempre que falava a alguém que estava pesquisando os “jovens que frequentam a Praça Portugal”, a reação era quase unânime: “-*Ah!!! Os emos né!?*”. Numa associação direta do “ser emo” à homossexualidade. Parece haver na cidade uma imagem já construída sobre os jovens frequentadores da PP e eles indicam, por meio de discursos e ações, serem sabedores desses estigmas (Diário de Campo, 21 de abril de 2012).

Tanto as manifestações dos transeuntes quanto a sátira juvenil evidenciam uma demarcação de grupalidade onde o nós (os jovens) e eles (os demais) simultaneamente se observam e elaboram percepções sobre os modos de vida desses jovens, que tem o espaço-tempo da praça, a estética e a sexualidade como referencial. Aqui, as expressões juvenis são diretamente confrontadas com valores e normas hegemônicos, especialmente aqueles relacionados à juventude e à sexualidade. A percepção do encontro juvenil na praça aparece associada a práticas ilícitas, a atos delinquentes. O “estar na rua”, a indumentária não

convencional e as expressões de afetos entre jovens do mesmo sexo pareciam compor o *ehtos* dessa “galera”.

d. Rito de Oração e Catequização: a atuação do Shalon na PP

Diz o ditado popular que onde há o sagrado, há o profano e vice-versa. Se a presença dos jovens na PP é rotulada, para alguns, como “*coisas do demônio*”, onde encontraria o sagrado?

PP. Por volta das 20h00min passa por mim uma senhora portando um terço na mão, com uma expressão no rosto e um olhar inquieto de quem procurava alguém. Pensei logo tratar-se de uma avó a procura de um neto ou neta. Ela parou e ficou a esperar inquieta. Minutos depois, outros senhores e senhoras, mais precisamente seis pessoas, reuniram-se na praça. Logo trouxeram caixotes que, ao serem empilhados um sobre o outro, construíram as bases para o que viria a ser a improvisação de um altar. De dentro de um dos caixotes, uma imagem de Nossa Senhora das Graças foi retirada e depois de coberto por um manto de veludo azul com detalhes dourados, o altar recebeu a imagem que, em seguida, teve sua base envolta em um tecido branco (um tule) simulando uma nuvem. Com uma vela acesa diante da imagem, os seis cristãos postaram-se em semicírculo, a rezar um rosário. Posicionam-se voltados aos jovens, que transitam indiferentes. Foram quase duas horas de orações intercaladas de cânticos religiosos. Não havia intervenção direta junto aos jovens. Percebi que apenas os olhavam atentamente enquanto rezavam. Os jovens ignoravam o ritual religioso. Por algumas vezes, duas garotas trocavam beijos (tórpidos) bem próximas do rito cristão (Diário de Campo, 07 de agosto de 2011).

A cena presenciada em minha segunda noite na praça repetiu-se por diversas vezes. Enquanto alguns cristãos oravam, outros abordavam os jovens, no intuito de catequizá-los. Em uma das noites, fui um dos “*escolhidos do Senhor*”. Por alguns instantes, escutei atento à pregação, que teve como proposta entregar-me ao “*amor verdadeiro*” por meio de uma suposta “*mudança de vida*” proporcionada pela “*aceitação do amor divino*”. Interrompi a explanação cristã indagando sobre o porquê da escolha daquela praça para a realização do rosário. “*Um irmão, morador do bairro, recebeu, em sonho, uma mensagem do Senhor pedindo que viéssemos orar nessa praça*”, explicou-me o distinto senhor. Durante a conversa, que durou em torno de vinte minutos, esforçou-se em não associar a presença do ritual cristão aos jovens que ali estavam. Ressaltou ainda que os rosários seriam realizados, também, em outras praças da Cidade e que, no momento, iniciariam pela PP e pelo DM, coincidência ou não, os espaços de ocupação juvenil desta pesquisa. Curiosamente, não os encontrei no DM. Um fato observado foi o de que a presença da Comunidade Católica *Shalon* não alterava as

interações juvenis na praça, no entanto, as opiniões sobre os motivos que os levam à praça divergem.

3.1.2 O Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura: E por falar em liberdades... os espetáculos juvenis

Arte e Cultura estão intrinsecamente relacionadas. É por meio da arte que a humanidade expressa suas culturas, conhecimentos, crenças e costumes. A dança, a música, a literatura, as artes plásticas, por exemplo, são meios típicos de expressões culturais de um povo, de uma sociedade. Como em toda expressão artística, o princípio de liberdade se faz necessário à representação dos espaços/tempos vividos, de modo que vida e arte mobilizam-se simultaneamente. A Liberdade é um dos pilares instituídos pelas sociedades ocidentais modernas e democráticas no período pós-Idade Média e é por meio dela que a cultura se constitui como arte.

O Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura (CDMAC), construído em Fortaleza pelo Governo do Estado do Ceará no final do século XX e inaugurado no ano de 1999, traz em seu nome uma referência cearense histórica à luta abolicionista por liberdade no Brasil. “Dragão do Mar” foi o codinome atribuído ao jangadeiro Francisco José do Nascimento, o Chico da Matilde, que entrou na história da abolição da escravatura brasileira por recusar-se, no ano de 1881, a trafegar escravos aos navios negreiros no litoral fortalezense. O bairro Praia de Iracema foi o cenário de tal feito. Localizado na divisa entre o Centro da Cidade e o bairro Praia de Iracema, o CDMAC corresponde a um complexo de espaços destinados a cultura e ao lazer urbano de Fortaleza (Figura 08).

Sua arquitetura, de estilo pós-moderno, preserva casarões históricos da Praia de Iracema do início do século XX, e os 30 mil metros quadrados de área ilustram a paisagem dos que transitam pela ladeira da Rua Almirante Jaceguai, as Avenidas Castelo Branco, Pessoa Anta, e pela Rua Boris, vias que cercam o complexo cultural, atravessado pela Rua José Avelino. O CDMAC compartilha esse espaço com a Biblioteca Pública Governador Menezes Pimentel (integrada ao CDMAC), e com a Escola de Aprendizes de Marinheiros do Ceará. A imagem do bairro Praia de Iracema esteve associada, por muito tempo, à orla marítima e as ruas e travessas que a contornavam, como a “Tabajaras”, por exemplo. A Ponte Metálica, o “Pirata bar” e a Estátua de Iracema são pontos turísticos que traduzem o imaginário da Praia de Iracema como atrativo turístico da Cidade.

Figura 08 – Planta de Situação do CDMAC



Fonte: Portal do CDMAC disponível em: <http://www.dragaodomar.org.br/espacos.php?pg=mapa>

Na década de 1990, esse complexo turístico atravessava um período de desgaste e a imagem da PI, como espaço de sociabilidade dos fortalezenses, passa a estar fortemente associada ao turismo sexual e ao esquecimento do poder público. Nos anos 2000, a PI volta a integrar-se como destino noturno de boemia e tem o CDMAC e suas mediações como referência para as noites fortalezenses.

Após a inauguração do Centro, em 1999, as ruas em suas imediações, antes ignoradas pela especulação comercial, ganham novos estabelecimentos como boates, bares e restaurantes trazendo consigo uma agitada vida noturna àquela região da Praia de Iracema até então esquecida pela especulação turística. No entanto, a orla que antes agregava bares, boates, cafés sob a brisa do mar, entrecortado pelo espigão e pela Ponte Metálica, via restaurantes e bares tradicionais fechando as portas e parte da orla, na altura do Estoril e Ponte Metálica, representavam um período de decadência da sociabilidade local e do turismo. Raras exceções, como o “Pirata Bar”, mantinham-se no roteiro de lazer da cidade. “As imagens de revitalização e cosmopolitismo em torno da Praia de Iracema, por um lado, e as imagens de degradação e abandono do outro, aparecem como se fizessem parte de duas realidades sociais cada vez mais abstraídas entre si” (CAVALCANTE; FREITAS, 2008, p. 102). O Bairro seria tanto um espaço do trânsito efêmero de turistas quanto da vida cotidiana dos moradores da Cidade que nele residem ou simplesmente transitam na busca de lazer e diversão.

Em meio a este dualismo, está o Dragão do Mar, um espaço projetado, ou seja, desarraigado do imaginário coletivo da Praia de Iracema, constituído pelas relações sociais e reproduzido no tempo. Por isso mesmo é um lugar fundamental para se apreender as formas emergentes de relações sociais, mais vinculadas a processos de consumo (CAVALCANTE; FREITAS, 2008, p. 102).

Apesar desta pesquisa não ter como objetivo a cultura do consumo, e sim a apropriação e (re)significação dos espaços da Cidade por seus jovens moradores, não há como ignorar a inferência da lógica capitalista nos modos de vida juvenis e em suas interações com (e na) cidade. O potencial turístico do bairro Praia de Iracema e a beleza arquitetônica do CDMAC, aliados ao atrativo cultural (museu, exposições, shows, planetário e demais eventos artísticos), erguidos sob tal lógica, fazem do CDMAC um local atrativo aos jovens. (Figura 09)

Além de ponto turístico da Cidade, ou seja, de fluxo, concilia tal dimensão à sociabilidade e lazer dos moradores de Fortaleza, especialmente, aqueles de maior poder aquisitivo. Seus espaços culturais – anfiteatro, salas de cinema, teatro, museu – estão

interligados por espaços abertos, de livre acesso. Passarelas, praças, palcos (ao ar livre), lago artificial e galerias fazem do ambiente espaço atrativo para o lazer, de modo que reúne uma grande quantidade de pessoas, especialmente nas noites de sábado e domingo, nos intervalos para o descanso do trabalho e/ou estudo semanal.

Nas matinês e noites de sábado, o espaço vinculado à divulgação e socialização da cultura vê-se tomado por práticas culturais não incluídas em sua programação oficial. Centenas de jovens fazem de suas praças e demais espaços territórios de vivências e sociabilidades das culturas juvenis por meio da ressignificação, especialmente, da Praça Verde e da Arena sob o planetário.

Figura 09 – Jovens nos degraus da PV do DM



Fonte: arquivo pessoal

Nas tardes dos dias de sábados, o CDMAC mantém sua programação cultural (exibição de espetáculos teatrais, cinema, visitas ao Museu de Arte Contemporânea, exposições no Memorial de Cultura Cearense). No térreo, bares e restaurantes preparam-se para a grande movimentação noturna, típica, nos últimos anos, daquela região da Praia de

Iracema. Nos espaços abertos (praças, passarelas, corredores e galerias) o silêncio costumeiro das tardes do Centro Cultural é rompido pelas crianças que correm livres pelas calçadas, mas a pouca movimentação mantém um clima de harmonia com o frescor do sopro da brisa do mar de Iracema.

As ruas e os estacionamentos não se encontram ainda tomadas pelos automóveis que congestionam as vias em busca de um ponto de parada e o pequeno trânsito de pedestre é geralmente de banhistas, ocupando as paradas de ônibus ou simplesmente em passagem no retorno aos bairros de moradas. As banquinhas de venda de bebidas alcoólicas, que tomam parte das vias e das praças durante a noite, ainda estão a chegar, mas os carrinhos de pipocas e os vendedores de algodão-doce e bexigas antecipam-se atraindo a atenção das crianças, que fazem do local espaço de lazer e diversão. Entre 15 e 16 horas, quando o sol já toma o rumo do poente, é possível observar um início tímido dos trânsitos juvenis pelas mediações da Praça Verde e da Arena do Dragão do Mar.

Em formato redondo e circular e envolto em um manto espelhado, que tem o piso superior como espaço de atuação, o Planetário Rubens de Azevedo reproduz o céu estrelado e traduz o encantamento, um tanto romântico, pelas estrelas, em atividades turístico-educacionais por meio de uma viagem pelo sistema solar na busca da visão dos astros. No térreo, sob o planetário, o espaço entre as oito colunas que sustentam a estrutura em formato circular é denominado de “Arena do Dragão do Mar”. No entanto, é conhecido pelos jovens como “observatório”, em referência à observação dos astros pelo Planetário acima. Também em formato circular, a arena corresponde a uma área elevada (palco) em piso em xadrez sob o planetário. O teto, reproduzindo a esfera, proporciona a acústica do local. Em sua volta, um jardim, entrecortado por colunas que dão base à rampa de acesso ao primeiro piso, é ornamentado por palmeiras e flores que cercam a estátua do jangadeiro da liberdade. Ao lado, na Praça Almirante Saldanha, carnaubeiras reproduzem a vegetação do sertão cearense. Foi nesse cenário que iniciei a pesquisa de campo no CDMAC.

Nas tardes de sábado, a Arena do Dragão está ocupada, a partir das quinze horas, por grupos de jovens, em maioria garotos, na faixa etária entre 12 e 16 anos, a conhecida “*galera do free step*”⁷⁰.

Sempre em grupos de cinco a dez jovens, eles transitam durante a tarde pelas áreas abertas do DM. Os fones de ouvido garantem a música que dá o ritmo aos passos livres do *free step*. O espaço de referência de encontro dessa “galera” é a arena, uma vez que é nela

⁷⁰ No Capítulo 4, páginas 214/115, descrevo o estilo do(a)s dançarino(a)s de *free step*.

que desenvolvem as coreografias em apresentações acrobáticas para os demais colegas e grupos. A dinâmica de sociabilidade da “*galera do free step*” no DM gira em torno da dança de rua, daí a preferência por um espaço onde o piso proporcione o deslizar dos passos livres. Por meio da acústica, a arena também proporciona a ampliação do som que, na ausência das caixinhas, tocam nos celulares.

Assim, nas tardes de sábado do DM vários pequenos grupos de dançarinos se encontram e ocupam vários espaços - a Praça Verde, corredores e galerias do DM - a exhibir os passos como se ensaiassem entre si. A arena funciona como território de apresentações e disputas mais formais, onde todos os grupos de *free step* se encontram. É lá também que ocorrem os campeonatos, onde concorrem a vagas para integrarem-se aos grupos.

Os campeonatos são divulgados via redes sociais e seguem o mesmo ritual: Os jovens postam-se de pé em um círculo, enquanto o júri senta-se ao chão, dentro do círculo, garantindo espaço suficiente para as performances dos concorrentes. O júri é composto, geralmente, por jovens integrantes do grupo promotor da disputa. O organizador do campeonato recolhe as inscrições dos dançarinos, organiza a ordem das apresentações e as notas do júri. É ele também que determina o momento de cada exibição. Um outro jovem fica responsável pelo som, advindo das caixinhas.

As competições ocorrem por horas e são divididas por etapas. Na primeira, todos disputam entre si e notas são atribuídas pelo júri. A disputa prossegue em uma segunda etapa, que ocorre por meio de disputa por duplas. Após as apresentações de ambos, cabe a cada júri optar por um dos concorrentes e aquele que obtiver mais votos, permanece na disputa. As performances são acompanhadas pelos olhares atentos de todos e o desempenho, quando satisfatório, é reconhecido por meio dos gritos, aplausos e abraços da plateia em euforia, momentos em que o círculo se desfaz e se refaz rapidamente.

Ao anoitecer, o DCMAC já está tomado por um movimento grande de pessoas em um trânsito constante entre ambulantes vendendo produtos diversos, além de outras “*galeras*” que transitam entre a região da Praça Almirante Saldanha, próximo à arena, e a Praça Verde. O futsal, na quadra, ao lado do Bar Avião, começa antes do cair da tarde e prossegue pela noite, como lazer dos moradores do bairro. Os bancos da praça e os bares já têm suas mesas ocupadas e o som das músicas dos estabelecimentos comerciais mistura-se ao barulho do trânsito de automóveis, que se intensifica. Passadas as dezoito horas e trinta minutos, a “*galera do free step*”, como sob o comando de um toque de alerta, se desfaz da arena, e “cede” o espaço à outra galera que transita pelos corredores e jardins em sua volta. São os

bboys, que se ocuparão da arena até as vinte e uma horas. A mudança de ritmo e de jovens passa por um período de transição:

São 18h20min e começam a chegar os equipamentos da mesa de som que darão o ritmo às performances de outros dançarinos de grupos de break, conhecidos como *bboys*. Agora, outros jovens começam a ocupar o espaço sob o observatório, a desenvolver passos de *Break*. Os garotos do *Free Step*, com seus tênis coloridos, calças apertadas, bonés e cabelos estilosos (alguns com franjas no rosto) já não estão mais aqui. São 19hs e a mesa de som está posta a tocar vinis. Os garotos já ensaiam os passos nas laterais do círculo maior que se forma no centro do observatório. Por enquanto, poucos se apresentam formalmente. Um grupo, ao meu lado, conversa sobre um campeonato e um dos rapazes distribui fichas. Alguns fazem alongamentos, em preparação do corpo para a dança. Enquanto se preparam, várias mochilas ficam no chão xadrez da pista. (Diário de Campo, 22 de outubro de 2011).

Assim, o espaço passa dos passos livres do *free step* às acrobacias do *break*. Os astros que brilham no xadrez sob os olhares de transeuntes são agora jovens oriundos de grupos de hip-hop de bairros periféricos da Cidade. O colorido da indumentária dos jovens adolescente do *free step* se dissolve entre os demais. Alguns se dirigem em grupos ao calçadão da Praia de Iracema, nas proximidades da Ponte dos Ingleses, onde continuam a dinâmica da dança; outros se dispersam dos iguais e migram à Praça Verde, ao encontro de outras “*galeras*”, onde a dança cede lugar a outras formas de sociabilidades com jovens de interações marcadas pela mistura, especialmente, de estilos e orientações sexuais.

A dinâmica dos dançarinos de *break* traz consigo semelhanças e diferenças com as interações dos jovens “coloridos” que os antecederam na arena da dança de rua do DM.

São 19h10min. e começa o som. Assim como os garotos do *free step*, formam um círculo no centro da arena em um número maior de pessoas e, individualmente, os jovens garotos desenvolvem performances que se diferenciam do ritmo anterior por realizarem acrobacias mais soltas, em um contato maior do corpo com o chão. Por vezes, fazem piruetas e ficam de ponta cabeça, impulsionados apenas por um dos braços. As apresentações são, também, individuais. Um a um, se apresentam ao som que não para de tocar e a acústica do espaço emitem um barulho que mistura o ritmo da música às conversas dos jovens. Alguns dançam, também, fora do palco principal, tendo os amigos como platéia. Já estou vendo as apresentações há algum tempo. Estou muito cansado e com fome. Já são 20hs e vou embora. (Diário de Campo, 22 de outubro de 2011).

Assim como nos grupos do *free step*, o espaço fica predominantemente ocupado por garotos e poucas garotas transitam pela arena do *break*. (as práticas do break apontam eminentemente para marcadores da masculinidade heterossexual. Parece não haver ali lugar para gays e mulheres). Fora da arena, abaixo do observatório, onde os meninos com

estereótipos mais adequados à masculinidade heteronormativa apresentam performances de dança, um grupo de quatro meninos e uma menina parece ensaiar passos de dança. (Possivelmente sejam aprendizes e talvez, por isso, estejam em um local pouco visível. Seria uma hierarquia?). Durante as performances, alguns jovens filmam as apresentações dos amigos, assim como várias outras pessoas, possivelmente, turistas que visitam o CDMAC. Também fiz alguns vídeos. (Diário de Campo, 24 de setembro de 2011).

Apesar de compartilharem o mesmo espaço, as “galeras” não estabelecem grandes interações, ou melhor, quase não interagem. Isso porque estão envoltos em tensões e conflitos em torno da disputa pela supremacia de uma dança sobre a outra. Ambas mobilizam interações em torno da dança de rua marcadas pela hegemonia da masculinidade. No entanto, os marcadores estéticos e performáticos do masculino diferem pelo estilo de cada galera. Diferenças identificadas tanto nas performances corporais juvenis quanto na estética, no visual dos dançarinos. A orientação sexual dos garotos do *free step* é posta em xeque pela premissa de que “*free step é dança de gay*”, instituída pelos *bboys* que não têm a masculinidade heteronormativa questionada, uma vez que incorporam os padrões estabelecidos para tal. O tipo de dança e sua produção estética e performática seriam elementos tomados por significados que os aproximariam ou distanciariam dos padrões de gênero e orientação sexual.

Desse modo, música, dança e orientação sexual tornam-se aqui os referenciais tanto para a ocupação dos espaços quanto para a criação de redes juvenis de sociabilidades determinantes de afetos e desafetos. A música,

[...] nos seus mais diversos estilos e modalidades de fruição, está no epicentro do estilo de vida celebratório destes jovens, sendo um recurso estruturante de suas subjetividades e interações [...] Não só domina os tempos, como também as relações, sendo um recurso em torno do qual em grande medida se estruturam as densas redes de sociabilidade em que estes jovens participam (FERREIRA, 2008, p. 218-220).

Assim, dimensões estéticas e performáticas do universo musical passam por campos subjetivos de significações, nos quais gênero e sexualidade são (re)apropriados pela cultura da dança de rua juvenil. Quanto às interações com outras galeras juvenis no DM, os *bboys* mantêm-se distantes dos espaços de misturas de tribos e estilos. Diferentes dos *bboys*, os garotos da “galera do *free step*” convivem e se socializam com os demais jovens que fazem da Praça Verde uma vitrine juvenil em constantes movimentos.

a. A Praça Verde sob “Misturas” Juvenis

Como na Arena sob o Planetário, aos sábados, a movimentação de pessoas na Praça Verde Historiador Raimundo Girão começa ainda durante a tarde, com o trânsito de pequenos escoteiros por seu gramado e galerias. Turmas de jovens formandos universitários ocupam parte de sua escadaria, vestidos de becas e capelos, sob os *flashes* de fotógrafos, para a clássica fotografia de formatura dos graduandos. Por vezes, pequenos grupos de dançarinos de *free step* ocupam também esse espaço, ensaiando as performances que serão apresentadas “oficialmente” em breve, na arena ao lado. Os ensaios são registrados por fotografias e/ou vídeos. Entre as vinte e nove colunas, que formam um arco e dividem o espaço externo da Praça Verde (as escadarias e o gramado) da região interna anexa (galeria, banheiros e ateliê de artes), casais de jovens namoram encostados às colunas, sentados ao chão. Geralmente, aqueles compostos por duas garotas ou dois garotos ocupam as últimas colunas, em uma região de pouco trânsito de pedestres.

Os jovens vão chegando aos poucos ao DM, ocupando as escadarias próximas às colunas. Elas formam um movimento ondulado e são utilizadas como arquibancadas nos shows que ocorrem na praça. Nas noites de sábado são elas que abrigam centenas de jovens. O território, apesar de aberto ao público, é cercado por um gradeado, no entanto há duas maneiras de acesso à Praça Verde: pela rampa interna, para aqueles que chegam ao CDMAC pelo nível superior, via Avenida Castelo Branco ou pelo térreo, via Rua José Avelino, onde o acesso à praça é livre.

Com o cair da tarde, o trânsito juvenil entre a Praça verde e a Praça Almirante Saldanha, nas mediações da Arena, se intensifica. O espaço, que tinha durante a tarde a “*galera do free step*” como referência juvenil, vê-se tomado por uma diversidade de estilos: *punks*, roqueiros, *otakus*, *from uk*, *emos*, skatistas, “*coloridos*”, “*pirangueiros*” e jovens sem referenciais de estilo, os “*normais*” ou “*comuns*”. Essa diversidade de estilos juvenis transita pelo DM, mas é a Praça Verde, conhecida por eles apenas como PV, o espaço, ou “pedaço”, como prefere Magnani (2009), de referência para a mistura que tem o estilo e a orientação sexual como elementos que compõem essa diversidade juvenil.

A partir das 19 horas, o número de jovens em direção à PV se intensifica, como quem chega a um encontro com hora marcada. O barulho das conversas, risadas e o trânsito constante em duplas, trios ou pequenos grupos mudam a paisagem da silenciosa e pacata PV vespertina. Pela rampa interna e/ou pelo acesso da rua José Avelino, vão transitando pelo DM, em um movimento repetido várias vezes durante a noite.

As mochilas, acessórios da indumentária de muitos, portam os litros de vinho e/ou cachaça que serão consumidos ali mesmo, entre conversas, “*ficas*” e beijos. Os grupos juvenis vão se constituindo na medida em que o total de jovens vai aumentando, assim como vão se reformulando com o transitar juvenil por grupos diversos.

Para alguns, o momento de chegada é momento, também, de compor o visual – o estilo – que, por algum motivo, é impedido de fazer-se em casa ou no bairro de morada. O banheiro feminino, em especial, torna-se camarim para a produção visual das garotas que adotam estilos mais alternativos⁷¹. Por vezes, entram com um visual e saem com outro. Na própria calçada da rua José Avelino, em pedra portuguesa, onde as bancas de bebidas já estão postas à sua margem, é possível encontrarmos garotos e garotas *punks* maquiando-se na produção do estilo *dark*, geralmente, caprichando nos tons fortes e em desenhos na face que os identifica como grupo. A produção do visual também é empreendida por alguns *otakus* no DM, onde se fantasiam com personagens dos animes japoneses, dos quais são seguidores e fãs.

A partir das 20 horas, a PV faz-se também de arena, na qual não há disputas de ritmos ou danças, mas “desfiles” de estilos a anunciarem modos de vida juvenis. Os jovens que exibem, por meio do estilo, seus gostos musicais, as preferências por animes ou estilos específicos de *rock*, transitam entre diversos outros que não trazem na imagem corporal referenciais de estilos ou modos de vida mais subversivos. Desse modo, não adotar um estilo surge também como uma alternativa e os “*normais*” ou “*comuns*” findam por compor e ganharem, também, visibilidade.

O *dark* dos *roqueiros* e *punks* parece misturar-se, em certa medida, com o colorido dos que adotam as cores fortes nos tênis e nas roupas como estilo. As escadarias da PV, que trazem a proposta de acolher a plateia dos espetáculos ali exibidos, tornam-se, naquele espaço/tempo, o palco observado pelos transeuntes, que das passarelas do piso superior observam a movimentação juvenil. Por vezes apontam, riem, ou apenas olham atentos como se assistissem a um espetáculo. Se “a lógica da sociabilidade no CDMAC resulta da emergência da multiplicidade de comportamentos e práticas de grupos diversos, que não precisam interferir um sobre o outro” (CAVALCANTE; FREITAS, 2008, p. 102). Tratando-se dos jovens desta pesquisa, entre eles, essa sociabilidade parece resultar em trocas (materiais e simbólicas) de símbolos e códigos que expressam seus modos de vida e a anunciam a existência dos “*tempos de misturas*”.

⁷¹ Estilos alternativos seriam aqueles em que a estética se distancia com maior ênfase dos padrões sociais estabelecidos, como os *cosplay*, os *punks*, os *emos*.

Os demais espaços da PV também são ocupados. No gramado, grupos sentam em círculos, ao som de violões ou caixinhas de som, ingerindo bebidas (vinho ou cachaça) ou simplesmente conversam. O acesso à PV (via rua José Avelino), onde há um monumento em madeira e uma instalação em formato de casa (conhecida como “*casa de pedra*”), é o mais requisitado para aqueles que estão em busca de uma paquera, de “*ficas*” e/ou beijos, pois as copas de algumas árvores o torna mais propício para tal propósito, o que não significa que os demais espaços da PV censurem essas interações. No decorrer da noite, até as 22 horas, quando os seguranças do DM evacuam a PV, o movimento juvenil é constante e caracteriza-se por constituir-se como um espaço de liberdades, inclusive a liberdade de orientações sexuais diversas. A liberdade surge como um valor estruturante dos modos de vida desses jovens, de suas escolhas e formas de expressões, estando a “liberdade como fundamento da ação” (FERREIRA, 2008), pois nesses espaços,

[...] o poder de atração está baseado na capacidade de o indivíduo fazer escolhas e seleções, na condição de expressar sua individualidade no seu modo característico de vestir-se, de gesticular, tocar os outros e adquirir produtos (certas bebidas alcoólicas, certos tipos de cigarros etc.), tudo sem a ansiedade que poderia ser gerada diante do desconhecimento das reações de outros indivíduos, de outros subgrupos ali também presentes (CAVALCANTE. FREITAS, 2008, p. 102).

Essa busca da expressão de si surge como anunciação da própria existência juvenil. Torna-se evidente, visível, acessível ao outro, aos olhos do outro. Entre outros aspectos, a dimensão das expressões afetivas e/ou sexuais dos jovens destaca-se como um modo de enunciação, de libertação dos padrões de comportamento e disciplinamentos sociais. Independentemente da orientação sexual, no CDMAC, os jovens parecem sentir-se livres para expressar sua sexualidade, seus desejos e prazeres. Garotos e garotas, supostamente *gays* e *lésbicas*, transitam de mãos dadas, trocam carícias e beijos entre os demais jovens e aos olhos dos que por ali transitam. A homossexualidade, aparentemente, parece adquirir naturalidade e a familiaridade com as expressões homoafetivas simula uma superação dos estigmas sofridos por LGBT, confrontando a heteronormatividade compulsória.

A cena juvenil descrita, que se repete semanalmente no DM, não se constitui indiferente aos padrões legais morais vigentes em nossa sociedade. Ela se constrói a partir de negociações, por meio de conflitos e tensões que versam sobre dicotomias sociais (certo/errado, permitido/proibido, legal/ilegal, moral/amoral) quando as liberdades individuais confrontam as condutas e práticas legitimadas aos espaços públicos da cidade. Desse modo, a

ocupação dos espaços públicos por galeras juvenis consiste em campos de negociações entre as culturas juvenis e seus modos de vida e os valores morais e sociais vigentes e instituídos em nossa sociedade.

b. Liberdades vigiadas e negociadas: espaços de convivência e práticas juvenis

Por meio de seu *site* oficial, a administração do CDMAC descreve a Praça Verde Historiador Raimundo Girão como

[...] um dos espaços mais amplos e belos do Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura. Com capacidade para acomodar 4,5 mil pessoas, o espaço recebe shows de grande porte e eventos infantis que atraem milhares de crianças e pais. Quem visita o espaço em um dia de domingo se depara com dezenas de crianças pulando amarelinha, brincando de pega-pega, aprendendo a confeccionar brinquedos tradicionais como pião, carrinhos, pipa e bambolê, visitando exposições, e se lambuzando com muita tinta guache. É o Brincando e Pintando no Dragão do Mar. Acompanhadas por uma equipe de recreadores as crianças colorem a Praça Verde e deixam o lugar ainda mais bonito. Na programação normal do Dragão do Mar, a Praça Verde recebe também escoteiros, o “Narrativas em Volta do Fogo”, que convida escritores, poetas, jornalistas, cineastas, músicos e artistas em geral para contar histórias diversas perto da fogueira, além do Tai Chi Chuan e a Yoga . Esses eventos são abertos ao público. Anexo à Praça Verde, está o Ateliê de Artes, um espaço para a realização de cursos, oficinas, debates e outras atividades⁷².

Não consta na “programação oficial” do CDMAC para a Praça Verde os encontros juvenis das noites de sábado. Tal interação constituiu-se à revelia da administração do Centro que, apesar de não se manifestar oficialmente contra a “ocupação” do espaço pelos jovens, não reconhece a Praça como espaço dessas interações. Apesar de disponibilizar mesa de som de DJ para as apresentações dos jovens dançarinos de *break* durante a noite na Arena do Dragão do Mar, o Centro também não inclui tal atividade em sua programação oficial de cultura.

A ocupação dos espaços do DM pelos jovens passa por negociações informais com a administração do Centro. Os garotos do *free step*, por exemplo, são impedidos de realizar seus campeonatos nas proximidades da PV, sob a justificativa de que o barulho atrapalharia as demais atividades do Centro, e a ocupação da arena por esses se faz pela iniciativa e resistência dos jovens.

⁷² Disponível em: <<http://www.dragaodomar.org.br/espacos.php?pg=praca>>. Acesso em: 24 ago. 2012.

Aquele espaço do *break dance* (a arena) já é uma coisa que o Dragão mesmo planejou. Ali, eles não podem sair, a gente que não pode falar nada, eles estão certos de ficar lá, mas o espaço é deles naquela hora, naquele horário. Agora, o outro é nosso! Se o *free step* não sair na hora ficam reclamando, eles falam: “Sai daqui que num tem nada a ver”. [...] A gente que criou a ordem (local e horário da ocupação da arena) do *Free Step*, entendeu? A gente foi lá de metido, e chegou lá e dançou e já era. (Tittyz, 16 anos).

No âmbito da Praça Verde, a suposta liberdade juvenil convive em constantes negociações entre os “ocupantes” e o sistema de segurança do CDMAC. Guardas circulam constantemente para garantir a segurança dos visitantes e coibir possíveis práticas de ações ilícitas, inclusive àquelas praticadas pelos jovens e que fogem aos parâmetros da legalidade. O consumo de bebida alcoólica por jovens em menoridade é a transgressão que mais se destaca, assim como as ações de violência – roubos, assaltos e brigas – mobilizadas por grupos conhecidos como “*pirangueiros da PI*”. O uso de substâncias ilícitas também é recorrente, no entanto, em menores proporções.

O consumo de bebida alcoólica ocorre apesar da suposta vigilância e proibição da segurança do DM. Indiretamente, sob códigos de convivência e cumplicidade, há acordos velados nos quais a consumação é permitida, mesmo por jovens de menoridade, sob a condição de uma discrição que não permita a visibilidade da prática, ou seja, do ato ilícito, por quem por ali trafegue, mesmo que a embriaguez de jovens adolescentes os denuncie. Esse contexto faz do espaço e das sociabilidades juvenis alvo de constantes visitas de agentes do Conselho Tutelar, gerando, por vezes, um clima de tensões e conflitos.

Esse conjunto de práticas “habitualmente desenvolvidas no contexto de uma forte *solidariedade convival* fundada em redes de afinidades electivas e afectivas” Ferreira (2008) busca por um estilo de vida escapatório no qual a autenticidade, a liberdade e a tolerância seriam valores estruturantes.

Quanto às manifestações da homossexualidade, não há registros de algum tipo de censura ou repressão por parte da administração do CDMAC, mesmo porque estariam infringindo a Lei municipal 8.211/98, que pune estabelecimentos comerciais que venham a discriminar por orientação sexual.

Para além dos parâmetros legais, entre os jovens frequentadores do DM há, supostamente, códigos de convivência, conforme explica De Menor:

Aqui, tipo a gente botou regras, não as regras do Dragão, as nossas regras. Tipo, aqui vale pra todos, é o seguinte, tipo, bater em mulher a gente não admite, a não ser que a gente vá, descubra a razão, mas mesmo assim ainda roda confusão. Tipo, roubar conhecidos, a galera da praça, tipo, o cara deixa

a bolsa aqui, o outro vem, pega alguma coisa, um mp4, um fone, ou então outra coisa assim... Chamar outro cara de fora pra bater em outro cara com raiva, tipo, tá uma turminha aqui, o cara não gostou da brincadeira do outro e discute, aí chama uns cara pra quebrar ele em outro canto. Se a gente ficar sabendo, se esse cara vier falar com a gente, a gente vai, aponta quem é, chama os cara, a gente quebra ele. Tipo, drogas, botar drogas em bebidas, em copos de pessoas não pode. [...] É pra botar regra entre nós, pra não ficar aquela coisa bagunçada. É fundamental! Se esquecer, apanha. (De Menor, 23 anos) (grifos meus).

Mesmo que as regras de convivência mencionadas por De Menor não sejam do conhecimento de todos, ou não sejam cumpridas com tanto rigor, conforme descreve o jovem, a existência de um código de conduta que prima pela convivência pacífica e pela harmonia entre os jovens pode nos informar questões importantes sobre a sociabilidade juvenil em espaços públicos. As regras primam por um equilíbrio ético que viabilize a convivência entre “diferentes” e retomam o caráter de grupalidade da “*galera da praça*”.

Às 22 horas, a Praça Verde é oficialmente fechada e três guardas evacuam o local. É o momento, para alguns, do retorno aos bairros de morada e, para outros, do início da jornada pela noite em praças, bairros e ruas da Cidade, chamada de “*virada*”.

3.2 Os Anjos da Cidade: Trânsitos e interações juvenis em Fortaleza

Quem são esses jovens? O que os leva às ruas, às praças? De onde vêm? Quais caminhos percorrem e como? Quais sentimentos os mobilizam? O que procuram? Entre outros, eram esses os questionamentos iniciais que vinham nos primeiros momentos de minha inserção nos espaços de sociabilidades juvenis, apresentados anteriormente. *A priori*, os modos de interações entre pares, em sociabilidades marcadas pela mistura de estilos, gostos musicais e orientações sexuais, não eram suficientes à elaboração de respostas a essas indagações. No entanto, elas trariam dados (elementos) importantes para a compreensão tanto da relação entre juventude e cidade, por meio dos percursos juvenis empreendidos, quanto para a percepção das mobilizações entre modos de vida e sexualidades, na dinâmica das experiências juvenis entre pares.

Não eram o bairro de morada, nem a classe social, os referenciais utilizados pelos jovens para a identificação dos “*jovens da PP e/ou do DM*”. O estilo e a sexualidade apareciam como principais campos de identificação, ou melhor, de autoidentificação:

Cara, sempre, a maioria são levados pelo estilo musical, tá entendendo?
Pessoas que curtem, gostam de rock, deixa eu vê... é, a maioria é *roqueiro*

ali, que tudo gostam de *rock*, tá entendendo? Mas lá também tem muito, como é? Como se diz? Homossexual, assim... Homossexual, né? Porque tem muito, né, lá também?! Tem todos os estilos assim... Os homossexuais, que eles gostam também de se (pausa), como é que é? É viver livre, né? Escutar música, eles gostam muito!!! Aí, eles sempre estão lá com a gente. É, *roqueiro*, homossexuais, pessoas normais também, mas poucas. (Tchuco, 18 anos).

Tchuco (18 anos) os classifica entre “roqueiros” ou “homossexuais”, numa tentativa, aparentemente inconsciente, de negar uma possível interseção dessas identificações. O olhar de Ângelo (19 anos) sobre os jovens assemelha-se ao de Tchuco (18 anos): “A principal característica de quem anda lá é: roqueiro e o ‘*chamado Emo*’, que pra mim não existe mais. Tem os *gays*, as lésbicas e existem ‘*pessoas normais*’ também”. (Ângelo, 19 anos). Outros jovens fazem leituras semelhantes, no entanto, destacando os demais estilos juvenis.

Lá, você vai encontrar de tudo. De tudo! Pessoas jovens emos, jovens *punks*, é tipo vários estilos que hoje em dia (pausa), essas coisas novas de hoje em dia, do futuro, né? Góticos, é (pausa), ah tem de tudo lá, pessoas que dançam e de vez em quando tem encontro de *cosplay*, que é aquele pessoal que se veste com personagem de anime. (Tittyz, 16 anos) (grifos meus).

A dimensão da mistura de estilos e modos de vida é bastante destacada e sempre como algo positivo. “Ah!!! Vem *punk*, *roqueiro*, *regueiro*, *góticos*, *funqueiros*, *forrozeiros* (Monalisa, 16 anos). Vem de tudo!!! (Anjo Mau, 15 anos). Vem um pouco de tudo. Você sabendo curtir... a pessoa se enturma em tudo! (Camila, 14 anos)” (Grupo Focal III).

Diferente do olhar que se volta diretamente aos estilos juvenis e à sexualidade, Ana (17 anos) destaca nos “*jovens da PP e do DM*” uma característica singular: a busca por liberdades, associando-a à fuga dos conflitos vividos no ambiente familiar.

Eu acho que as pessoas que andam na praça são pessoas assim... que querem sair daquele mundo, quer entrar no lugar que a gente se sente bem. Eu, pelo menos, pode ter *punk*, *emo*, essas coisas... mas eu me sinto bem quando eu tô lá. [...] Lá, a pessoa se sente a vontade a gente pra fazer coisas que ela não faz fora: Beber, que nem todo mundo. Nem todos os pais sabem que seus filhos bebem; Fumar; Pessoas que não são assumidas pros pais. [...] Eu tenho um amigo, o Marwin, todo falam: ah, ele tem comida, a mãe dele é super legal, a mãe dele dá tudo que ele quer, essas coisas, mas ele usa coisas ilícitas, drogas, de todo tipo. Ai eu penso: “Por, o pessoal sempre fala isso, mas porque ele usa essas coisas?”. Ai eu passei um tempo conversando com ele e eu vi que não é o que todo mundo pensa. Eu até me identifiquei um pouco com ele, porque tipo... Os pais dele nunca deram atenção, deram tudo pra ele, mas não deram atenção e cobravam demais dele, questão dos

estudos, essas coisas. Então, ele não suporta ficar em casa, como eu, porque sempre a mãe dele tá reclamando, tá pedindo pra ele fazer alguma coisa. É essa realidade que eu to querendo te falar, entendeu? A realidade de casa, essas coisas, essa pressão que os pais colocam nos filhos hoje em dia, ai ele foge, ele tenta sair. (Ana, 17 anos).

As questões trazidas por Ana (17 anos) vêm nos lembrar que as interações juvenis aqui estudadas estão intrinsecamente interligadas aos conflitos vividos nos demais espaços de formação e experiências juvenis, entre eles, aqueles relacionados ao ambiente familiar. Os jovens dessa pesquisa, para além de “roqueiros”, de “otakus”, de “gays” ou “lésbicas”, são filhos, estudantes, moradores de periferias, cristãos e estão implicados em trajetórias familiares, em convivências cotidianas nos bairros de morada, nos ambientes escolares, nas igrejas etc. Assim, mesmo que as experiências vividas nesses espaços não comportem o recorte metodológico dessa pesquisa, por vezes, elas aparecem atravessadas nas falas e nas descrições dos seus percursos e trânsitos pela cidade dos anjos.

Além do olhar dos próprios jovens sobre si, as impressões ou percepções de quem com eles convivem nesses espaços nos informam sobre o quanto seus modos de vida remetem, no imaginário dos demais, a condutas e práticas estigmatizantes.

Galeria Pedro Jorge⁷³: Enquanto circulávamos pelos corredores quase vazios, conversava com o segurança da Galeria. Segundo ele, só frequenta o

⁷³ A Galeria Pedro Jorge foi um dos lugares de interações de jovens roqueiros apontados por Tchuco (18 anos) e Anjo Mau. Está localizada no Centro da cidade, entre as ruas Senador Pompeu e General Sampaio, nas proximidades da Praça José de Alencar (o endereço oficial da galeria é: Rua Senador Pompeu, 834 - Centro). A passarela (calçadão) corta o prédio, de pintura e janelas desgastadas e sujas, que imprime ao local um aspecto de abandono, mas a constante movimentação de transeuntes que por ali atravessam sinaliza a vitalidade comercial do local. O calçadão tem suas margens composta por estabelecimentos comerciais diversos: óticas, relojarias, operadoras de telecomunicações, lojas de confecções, lan house e pequenos comércios de serviços como xerox, carimbos, fotografias, digitação, conserto de relógios, óculos etc. Há nas margens do calçadão uma prevalência de lojas voltadas à venda de produtos religiosos cristãos (Bíblia&Opções, Casa da Bíblia, Bíblia do Brasil, Espaço da Bíblia e outras). Os letreiros desses estabelecimentos dividem espaço com letreiros das lojas do interior do prédio. É lá, nos corredores que dão acesso às lojas nos quatro andares do prédio que circulam os jovens *roqueiros* e *punks*. [...] É um prédio antigo. Tem um aspecto de mal cuidado e há uma poluição visual imensa. Nas galerias internas, o costumeiro barulho do trânsito de automóveis e pessoas desaparece e abre espaço para as conversas dos que fazem dos corredores espaços de sociabilidade e encontro. Nas paredes, vários espaços destinados à fixação de cartazes divulgando serviços e eventos diversos (geralmente, festas de *reggae* ou *rock*). Assim como o calçadão exterior do prédio, as galerias internas são compostas por estabelecimentos comerciais variados, no entanto, algumas galerias são exclusivas de lojas voltadas a trabalhos com tatuagem, *piercing* ou à venda de produtos voltados aos adeptos do *rock* e *punks*. Roupas, CD, sapatos e acessórios diversos são expostos nas vitrines onde a cor preta torna-se unanimidade. Os letreiros das lojas de produção de tatuagens primam em reproduzir o colorido que as gravuras podem imprimir na pele. O grafite é a arte priorizada nas paredes e letreiros. Há, também e em menor quantidade, lojas de venda de produtos de anime (bonecos, revistas, roupas etc.). Nos corredores, de um lado temos o acesso às lojas, enquanto do outro, a cidade se mostra composta por prédios e telhados do centro. Ao fundo, é possível visualizar alguns prédios históricos: a Catedral da Sé, por exemplos, e com algum esforço, uma estreita linha do mar sob os telhados do centro da cidade.

lugar porque seu trabalho exige, pois “- *Aqui é lugar de gente do outro lado. Gente do demônio! Eu sou de Deus!*”, acrescentou justificando sua afirmação da seguinte maneira: “- *Aqui só anda esses roqueiros e punks. Essas coisas que não é de Deus!?*”. Sobre as lojas, lembrou que a Galeria tem de tudo. “*É como uma cidade!*”. Somente nas galerias de venda de produtos de *rock* havia algum movimento de jovens. Além do guarda, não conversei com mais ninguém, mas encontrei alguns jovens que também circulavam. Pareciam mais familiarizados do que eu com a os corredores da “*cidade do Rock*”, ou seria dos “*demônios*”? (Diário de Campo, 08 de fevereiro de 2012).

DM. Sento entre duas colunas próximas de onde ocorre o campeonato de *free step* e sou abordado pelo guarda do DM, que começa a falar dos jovens dançarinos: “-*Esses meninos são da paz. Vêm só dançar aqui, mas tem que ter cuidado. As vezes aparece ladrão pra roubar eles*”. – Roubar o quê? , perguntei. “-*É que a maioria aqui é filho de papaizinho sabe!? Andam de boné. Tênis... e ai vem gente roubar*”. - *Tu vem sempre aqui?*”. - Às vezes. “- *Aqui o pessoal é do bem e estão tudo misturado. Mas tem cada coisa!!!*” (falou sorrindo com o canto da boca enquanto balançava a cabeça). “- *Outro dia vi um menino vestido de vaca no banheiro. Tava se beijando com outro cara... Aí eu perguntei: - Que diabo é isso, cara!? Tu aí vestido de vaca... com peito e tudo!?!?! Ele disse que era um desenho animado*”. (O guarda não fez nenhum comentário sobre o beijo entre os garotos. Parece ter naturalizado o afeto entre dois garotos naquele espaço). [...] São 17:20 e o guarda aproximou-se novamente: “- *Você precisa vir aqui depois das oito da noite. Vira uma babilônia! Tudo o que não tem na bíblia, tem aqui! Bebida, sexo...*”. - Sexo?! perguntei espantado. “- *É, né!? Começa aqui e termina em outros lugares.*” (Diário de Campo, 08 de outubro de 2011).

Conforme podemos perceber, a associação jovens/rock/sexo, que caracteriza a sociabilidade juvenil aqui estudada, aciona no imaginário dos demais a polaridade Deus/Demônio, no sentido de buscar nos preceitos cristãos a dimensão desviante, ou demoníaca, das expressões, comportamentos e práticas juvenis. Assim, determinam-se os lados, as posições ocupadas a partir dessa perspectiva positivista de mundo. O lado onde estou em contraponto ao lado do outro – os jovens. Se historicamente a fé cristã demonizou o sexo a ponto de prescrever os padrões de comportamentos e práticas sexuais divinos ou demoníacos, o *rock* se coloca como uma prática anticristã, aglutinando uma estética de adoração de símbolos e códigos associados ao imaginário demoníaco. Caveiras, monstros, demônios estão comumente ilustrando a indumentária dos jovens roqueiros. Talvez por esses motivos, em um dos grupos de discussão, uma jovem lésbica e roqueira optou pelo codinome “Anjo Mau”. Pensando não conseguir elaborar uma justificativa que a levou a essa escolha, sorriu dizendo: “-*Porque é!*”, como se ser um anjo bom não fosse possível ou até não desejado.

Por outro lado, ainda sobre os modos de vida desses jovens, enquanto os olhava contemplativo na PP, o “Tio” ressaltou: “-*Eles só estão procurando ser felizes*” e, depois de

alguns segundos: “*Do jeito deles!*”. Essa busca da felicidade assume um campo argumentativo que imprime à “juventude” uma dimensão hedonista. Uma forma específica de modo de vida. A aproximação com os jovens na PP e no DM parece desconstruir, no “Tio”, a dimensão “demoníaca” que a estética e algumas práticas juvenis representam frente aos padrões de comportamento em sociedade. Esse “jeito” de ser feliz, de ser jovem e de expressar-se como tal parece inquietar, perturbar a ordem social, contrapor-se a ela e a suas disposição a dualismos. Tanto aos “outros” quanto a eles (os jovens), ser “anjo” ou “demônio”, para além da dimensão religiosa ou espiritual, assume múltiplos significados, fazendo da vida cidadina um espaço/tempo de cruzamentos de circuitos juvenis, e da rua, espaço do encontro com as diversas formas e maneiras de fazer-se ou mostrar-se jovem.

Nos tópicos que seguem, descrevo os percursos de oito jovens pesquisados, com ênfase em seus trânsitos pela Cidade e na trajetória que os levou ao encontro com as interações entre pares na PP, no DM e em outros espaços de interações juvenis. Seus percursos e interações vão desenhando uma cartografia da *cidade dos anjos* na Fortaleza contemporânea, que se mostra múltipla sob o olhar e a experiência de cada jovem.

Um emaranhado de circuitos juvenis que têm a PP e a PV do DM como *pedaços* em comum. Desse modo, para além da “*galera*” e/ou do estilo ao qual pertençam, passam a integrar a “*galera da PP*” e/ou “*galera do DM*”. A cartografia dos circuitos juvenis monta mapas socioafetivos singulares dos trânsitos juvenis, onde sexualidades e modos de vida mobilizam-se mutuamente e são mobilizados por questões socioculturais contemporâneas sobre as culturas juvenis e sexualidades na cena urbana.

3.2.1 Passos Livres pela Cidade: A Jovem Tittyz

É muito provável que, no momento em que escrevo estas linhas, Tittyz (16 anos) esteja *online* a acessar o “*mundo virtual do free step*”. Diariamente, durante a semana, divide seu tempo entre o Liceu do Ceará, onde cursa o 2º ano do ensino médio, e a casa onde mora com a mãe, a babá divorciada de quem é filha única. Ambas, evangélicas.

Em casa, aos 16 anos, Tittyz empenha-se em divulgar seu *blog*, onde posta os vídeos a dançar *free step* e *sensualize*⁷⁴ e, simultaneamente, assiste a performances (os vídeos) dos amigos, geralmente paulistanos, com quem conversa diariamente pelas redes sociais, a

⁷⁴ Segundo Tittyz, *sensualize* é uma dança semelhante ao *free step*, que se diferencia por desenvolver passos mais lentos com uma intencionalidade de sensualizar. A dança é praticada tanto por homens quanto por mulheres.

trocar informações e dicas sobre a dança. Por meio das redes sociais, também “*desabafa*” com os amigos sobre sua vida sentimental e conflitos, especialmente aqueles vividos no âmbito familiar, quando “*brigo com a mãe e tô chateada*”, exemplifica. A internet é, para Tittyz (16 anos), uma vitrine onde expõe a imagem da dançarina e, na interação com outros jovens, estabelece relações de sociabilidades para além da dança.

“*A dança é o que me faz ser o que sou, agradeço a Deus por este dom*”. Frase sobreposta a uma das fotos no álbum da sua página na rede social *facebook*, na qual, de ponta-cabeça, parece fazer uma cambalhota no centro do palco do observatório do DM. No álbum, fotos diversas acompanhada da mãe ou de garotos, a quem faz declarações de amizade e afeto. Pelo visual, com franjas sob a testa, de bonés ou gorros e blusas xadrez, são também adeptos do *free step*. Em uma das fotos, Tittyz (16 anos) elabora uma montagem na qual três imagens são fixadas lado a lado. Na primeira, da esquerda para a direita, reconheço a dançarina que conheci nas rodas de *free step* das tardes de sábado do DM: boné na cabeça, cabelo preto, camiseta preta sobreposta por uma blusa xadrez de mangas longas dobradas até a altura dos cotovelos, desabotoada, mas atada por um nó na altura do umbigo. A mochila nas costas complementa o visual do cotidiano vespertino no DM. Na imagem do meio, quase irreconhecível, uma garota usa um gorro amarelo em detalhes brancos que dão formas ao rosto do anime *pokémon*, em sintonia com a camiseta que veste. O cabelo *pink*, que lhe cobre toda a testa, o olho esquerdo e as laterais do rosto, finda na altura do pescoço a contrastar com o amarelo do gorro, da camiseta e do pano de fundo da gravura. O olho direito, envolto em uma maquiagem em tom escuro e fixado na lente, associa-se a um meio sorriso, que lhe entorta levemente a boca e dá um tom de sensualidade à garota que também dança *sensualize*. Na terceira e última foto, de calça jeans e camiseta estampada em vermelho, uma garota sentada ao chão a usar o braço esquerdo como base de apoio do rosto, cortado pela metade na altura da boca. Essa, entreaberta, morde o dedo mínimo da mão que porta no pulso pulseiras coloridas, conhecidas popularmente como “*pulseiras do sexo*”.

As Tittyzs expostas em seu mural, ou melhor, os diferentes visuais e estilos por ela adotados, vão de encontro a sua autoapresentação:

Eu mudo em cada coisa na minha vida. Em casa, eu sou a Jaqueline, e fora, eu sou a Tittyz. [...] Sou muito louca, simplesmente louca. Tudo na minha vida tem que ter uma loucura, porque eu quero ser alegre em todos os momentos. Não gosto de tristeza, odeio tristeza, falsidade. Eu sou uma pessoa muito decidida. Se eu decido aquilo, vai ser aquilo! E aquilo tem que ser! Se num for aquilo, eu choro. Eu sou terrível! (Tittyz, 16 anos).

As mudanças atribuídas à diversidade de momentos e espaços vividos pela garota - entre a “Jaqueline” e a “Tittyz” - refletem-se no seu estilo, assim como nos modos de vida. No entanto, entendo que “Jaqueline” e “Tittyz” são mobilizadas por experiências que fazem com que a dançarina constitua um modo de vida singular em que suas identificações se entrecruzam. Nesta pesquisa, as experiências da dançarina Tittyz (16 anos) com a “*galera do free step*” tomam prioridade em detrimento das demais, no entanto, não me privo de referenciá-las como peças de um mesmo jogo.

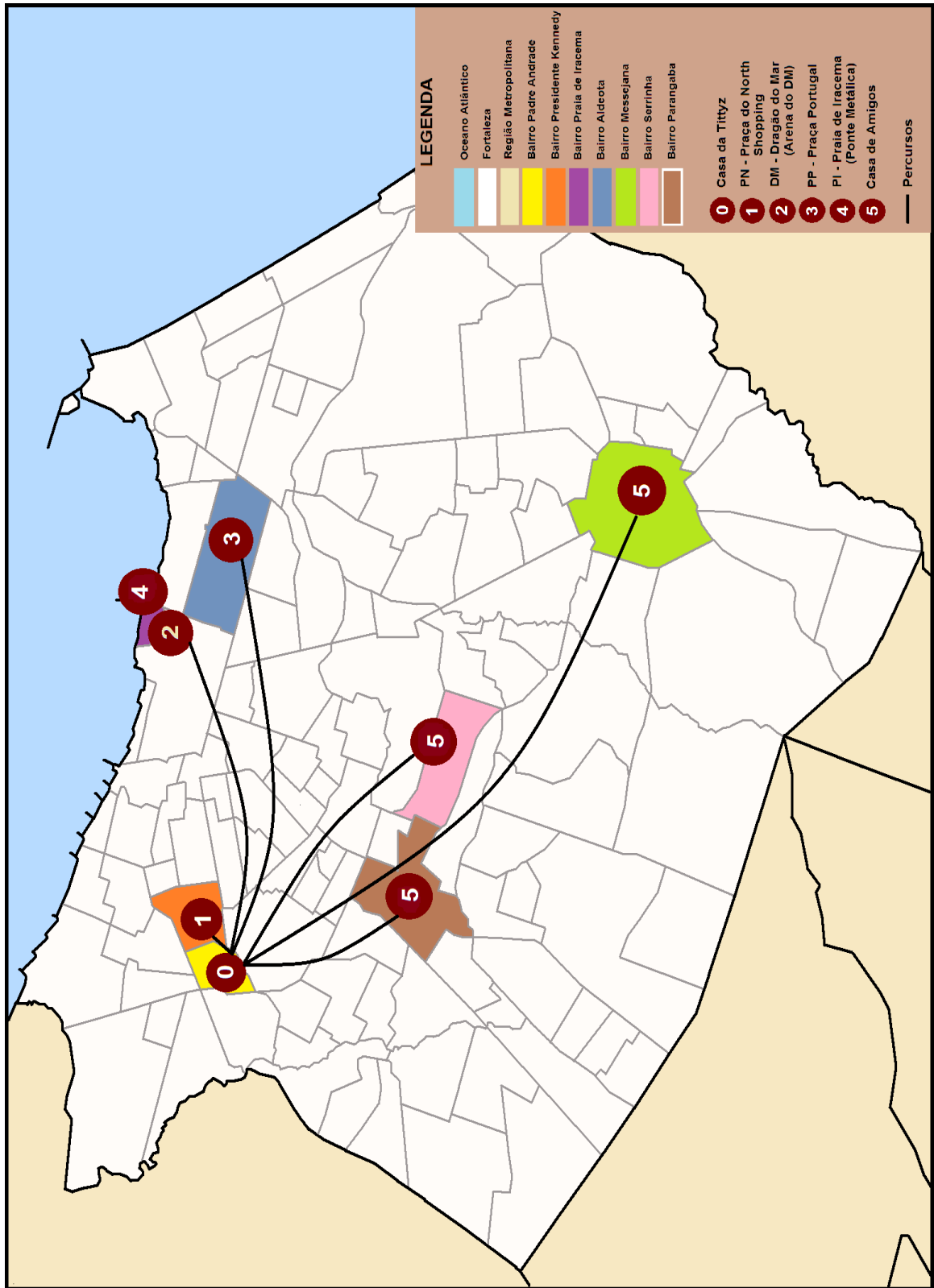
Foi o convite dos colegas da rua para o jogo de basquete que levou Tittyz (16 anos) à PN⁷⁵ pela primeira vez. Lá, além do esporte com a bola, a jovem descobriu o talento para a dança de rua. Teve como primeiros professores os *bboys*, com quem aprendeu, por volta de um ano, a dançar o *break* no coreto da PN, ao lado da “Casa da Branca de Neve”. A resistência da mãe em permitir sua ida ao palco principal do *Break*, o observatório do DM, foi o motivo que adiou o encontro de Tittyz (16 anos) com a “*galera do Free step*”. Era uma tarde de sábado e o encontro foi marcado no Terminal de Antônio Bezerra, onde de lá partiriam para a Praia de Iracema.

Foi muito massa! Eles tinham falado que lá tinha DJ, som alto, muita gente de fora, bar, gringos e tudo mais que ficam observando a gente dançar. Aí eu falei: “-*Nossa! Eu quero ir então*”. E eu nunca tinha ido naquela área ali do planetário, eu tinha ido só ao museu e não naquela área. Aí foi uma coisa nova pra mim. Eu cheguei lá e achei muito legal! Fiquei com vergonha de dançar lá da primeira vez, de entrar na roda, não consegui ir (Tittyz, 16 anos).

Na figura 10, na página seguinte, exibo em formato cartográfico, por meio do mapa de Fortaleza, os circuitos sócio/afetivos da Jovem Tittyz (16 anos) pela Cidade entre os ensaios na casa dos amigos e os palcos da dança de rua.

⁷⁵ Conhecida popularmente como “Praça do North Shopping” em virtude da aproximação com o referido centro comercial, a Praça Jonas Gomes de Freitas situa-se no bairro Presidente Kennedy, limitando-se a oeste pela Avenida Governador Parsifal Barroso e a leste pela Rua Braz de Francesco, ao norte com a Rua Quatro e sul com a Rua Três. É dividida por espaços temáticos. O tema central é inspirado no conto infantil “Branca de Neve e os Sete anões”. No centro, um coreto e uma quadra de basquete e, ao lado, um espaço com equipamentos para exercícios físicos, uma espécie de academia comunitária. Nas proximidades da rua três, um parque para crianças reproduz a casa da Branca de Neve e dos sete anões e um criadouro de avestruzes. Um espaço cercado intitulado “Bosque da Branca de Neve”, vacas e bezerras ornamentais em tamanhos naturais decoram a praça. Na lateral, um córrego (canal). É nessa região que se aglomeram os jovens. Apesar da iluminação, em virtude das árvores, a noite a praça é escura, e alguns locais ficam propícios para os casais de namorados. Em um calçadão que atravessa a praça, sob a copa das árvores, há bastantes bancos onde se concentram boa parte dos jovens. Antes mesmo do anoitecer, a frequência dos jovens já é perceptível. No entanto, a partir das 20 horas se intensifica. O movimento juvenil é semelhante ao da PP e a DM. Circulando pela praça e sentados nos bancos em grupo, casais homossexuais andam de mãos dadas ou abraçados entre os demais frequentadores. [...] Fiquei por volta de duas horas observando a movimentação que se intensificava. Lá, encontrei muitos jovens da “*galera da PP e do DM*”. (Diário de Campo, 11 de março de 2012).

Figura 10 – Mapa sócio-afetivo dos Percursos Juvenis de Tittyz



Assim como a ida à PN foi motivada pelo basquete, foi o *break* que a levou ao DM, onde a garota se encontraria por outro ritmo: os passos livres do *free step*. A mudança do estilo de dança implicaria necessariamente no estabelecimento de novas interações, novas amizades, novos parceiros e professores. A transição de ritmo e “*galera*” exigiu um distanciamento dos espaços e dos colegas.

Dois meses antes de eu parar de dançar *break*, eu parei de andar no Dragão do Mar. Eu me distanciei aos poucos. Aí, eu parei dois meses de andar lá. Foi quando eu comecei a dançar *Free Step* e os encontros de *Free Step* eram dias de sábado, no Dragão do Mar, e de domingo, na Praça do *North Shopping*. (Tittyz, 16 anos).

A partir daí, Tittyz (16 anos) integrava o grupo *Los Manos*.

Como em toda arte, dança também requer aperfeiçoamento, adquirido por meio da prática e do treino, exigindo esforço e dedicação do(a) dançarino(a), e isso não seria diferente, nem com o *free step*, nem com Tittyz (16 anos). Assim, a dançarina intercala o trabalho de divulgação e interação via “*mundo virtual*” com o treino da dança, que se torna mais produtivo se realizado coletivamente, em interação com outros dançarinos. Desse modo, ora recebe a “*galera do free step*” em casa, quando a mãe permite, ora sai do bairro Padre Andrade (onde reside) à Parangaba, à Messejana, entre outros bairros, para ensaios na casa de outros integrantes dessa “*galera*”, composta genuinamente por garotos. No entanto, é nas tardes e no anoitecer de sábado, longe do teclado e das redes sociais que Tittyz (16 anos) encontra toda a “*galera do free step*” no palco sob o observatório do DM, onde a vi pela primeira vez:

DM. Hoje, passei pelo DM às 13h30min. Já havia no observatório jovens a dançar *Free Step*. Reconheci alguns que estavam sábado participando do campeonato. Retorno ao DM às 17h30mi. Agora, há um número bem maior a dançar e exibir passos e coreografias, ora para o grupo de amigos, ora sozinhos, como se tivessem a ensaiar. [...] São 17h e 50min e estou sentado próximo a uma turma de sete garotos e uma garota, que conversam sobre o *Free Step*. A garota fala sobre a dança e a sociabilidade nesses espaços. Lembra o “*tempo da PN*”, quando, segundo ela, havia mais união entre os grupos que dançavam ritmos diferentes. Fala também sobre os processos de aprendizagem da dança. Considera negativo o fato dos jovens virem dançar no DM com a intenção de ter fama. Sugere que, para postar um vídeo de dança na *net*, deve haver muito ensaio. Diz que está disponível pra avaliar os vídeos dos dançarinos e aconselhá-los quanto a postá-los ou não. Enquanto ela fala, os garotos ficam a escutar atentamente, sentados em círculo sob o observatório. Ela diz que está dando aula de *Free Step* a três meninas e que está cobrando 20 reais de cada aluna, por três semanas de aula. (Diário de Campo, 22 de outubro de 2011).

Se Tittyz (16 anos) era professora de *free step* de outras jovens dançarinas, aquela cena, da garota loira usando boné com a aba para trás e tênis de cano longo, sentada no chão do palco da dança e cercada por garotos a ouvirem atentamente suas reflexões, parecia-me uma aula de campo gratuita, desta vez, ao gênero masculino. Em sua explanação, defendia a adoção de maior rigor para os vídeos de dança expostos na internet e maior aproximação e diálogo entre os grupos de diferentes estilos de danças de rua que compartilham os mesmo espaços na Cidade, citando a PN e o DM como exemplos. Referia-se à relação entre “*a galera do break*” e a “*galera do free step*”. Assim, tecia opiniões sobre a publicidade da dança nos espaços virtuais e a sociabilidade entre grupos de diferentes estilos de dança juvenil na rua, ressaltando, sempre, o que seria melhor para a dança.

O tom de voz, a postura do corpo e a eloquência de sua oratória, aliados ao modo como os jovens a escutavam – atentos e calados balançando a cabeça, afirmando estarem de acordo com o que ouviam – era demonstração de seu prestígio e credibilidade entre a “*galera do free step*”.

Os três meses frequentando o DM tinham sido suficientes para perceber a hegemonia masculina nos espaços de sociabilidade da “*galera do free step*”. A quase total ausência de garotas nos grupos indicava que essa “*galera*” cercava-se, no âmbito dos espaços de interações da dança, por práticas de sociabilidades masculinas. Tittyz (16 anos) seria, então, uma estranha no ninho? E por que essa rara presença feminina no espaço genuinamente masculino do *free step* teria tanta influência entre os garotos? Questionei-me.

É possível que após a “aula”, a professora de dança de rua e seus amigos/alunos tenham se dirigido à orla da Praia de Iracema (PI), mas precisamente à Ponte Metálica, onde costumam sentar para conversar – quase exclusivamente sobre *free step* –, gravar vídeos, contar piadas ou lanchar, no momento do descanso dos passos livres. Durante a semana, enquanto Tittyz (16 anos) navega no mundo virtual do *free step*, em que ritmo e sintonia transita o jovem roqueiro Tchuco?

3.2.2 Na Sintonia do Rock: O Jovem Tchuco

Nos dias de semana, Tchuco (18 anos) cruza a Cidade de ônibus, “*de buzão*”, do bairro Montese⁷⁶, onde mora com a família, à Barra do Ceará, para o treino de *jiu jitsu* no

⁷⁶ Localizado na SER IV, o bairro Montese destaca-se pelo potencial comercial e, segundo os jovens da pesquisa, pela ausência de espaços para o lazer juvenil. O deslocamento via transportes coletivos de seus jovens moradores à PP e ao DM não passa por terminais e tem duração de, em média, trinta minutos.

Centro Urbano de Cultura, Arte, Ciência e Esporte (CUCA Che Guevara). Aos dezoito anos, cursa o Ensino Médio e, entre um treino e o colégio, costuma frequentar, no Centro da Cidade, a Galeria Pedro Jorge. Lá, nos corredores pichados do prédio, entre lojas de tatuagens, *piercings* e de vendas de outros acessórios voltados ao “mundo do Rock” (CDs, blusas de bandas, pulseiras, colares), Tchuco (18 anos) encontra “*a galera que também curte rock*”, com quem fica “*trocando umas ideias, falando sobre rock, banda, essas coisas*”.

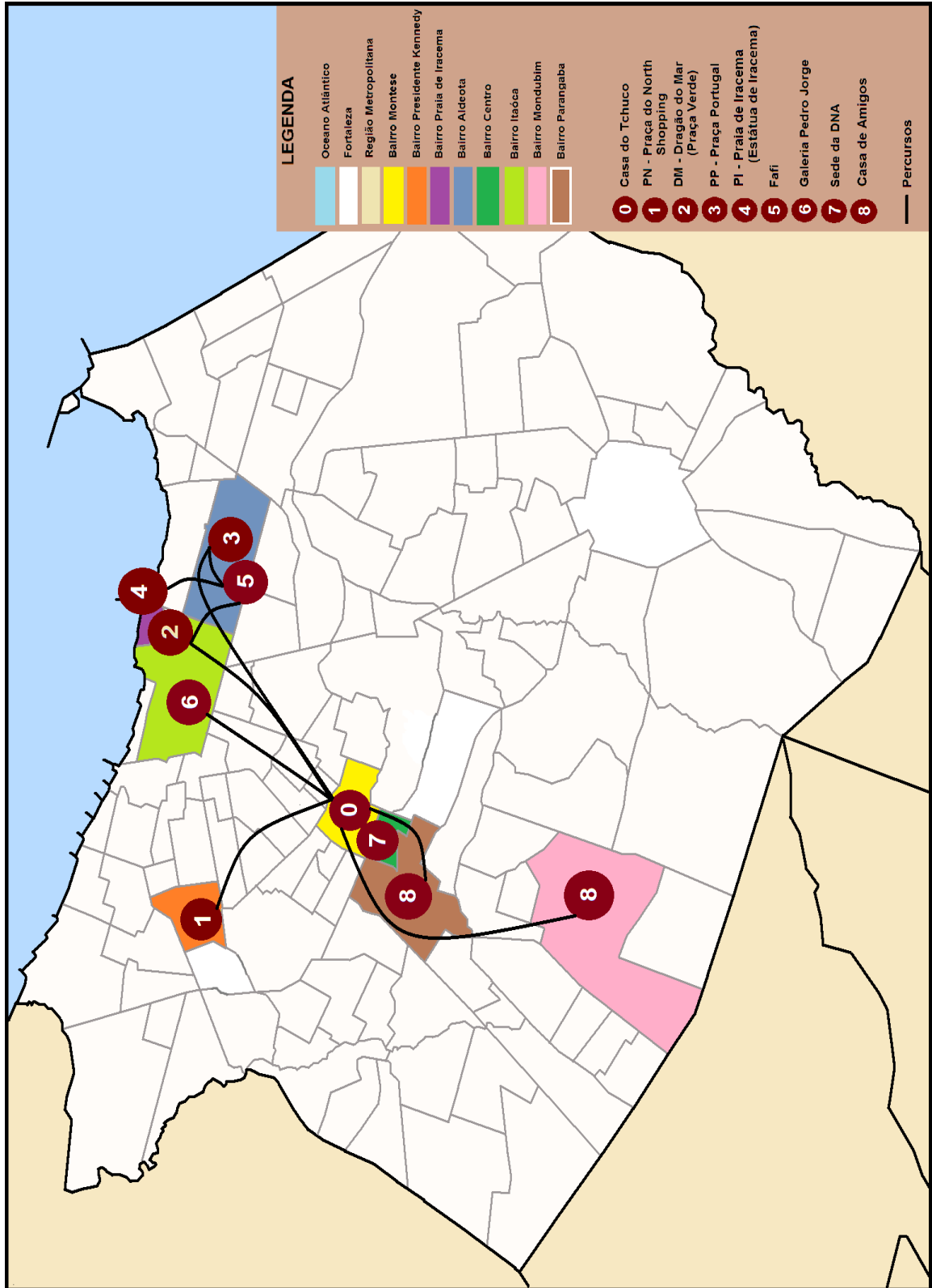
É lá que trabalha Bruce, outro integrante da “*galera da DNA*”, da qual Tchuco (18 anos) é um dos líderes, e com quem compartilha os fins de semana entre o DM, o Fafi⁷⁷ e a PP. A “*galera da DNA*” é um grupo conhecido entre os jovens pelo envolvimento em conflitos com outros grupos juvenis por disputas de espaços ou motivos banais e por assumirem, na PP, o papel de guardiões da praça⁷⁸. Além dessa “galera”, Tchuco (18 anos) também costuma encontrar-se com outras galeras *roqueiras* nos bairros Maraponga e Modubim, onde “*rola curtição*”.

Em 2007, aos 14 anos, quando ainda não se identificava com os “*estilos da galera*”, começou a frequentar a PN convidado por colegas que dançavam *free step* no bairro onde mora, o Montese. Na PN, entre estilos e grupos juvenis, se identificou com “*a galera que bebia*”, os *roqueiros*. A identificação com o *rock* não o levou a adotar cotidianamente um estilo (visual) roqueiro. Tem preferência por andar de *short*, sem blusa e descalços na PP, sem muitas referências típicas de indumentária geralmente utilizada pelos garotos roqueiros. Por ser maior de idade, é um dos jovens a mobilizar as “*intera*” e a comprar bebida alcoólica para a galera na PP. A figura 11 (página seguinte) cartografa os circuitos sócio/afetivos do Jovem Tchuco (18 anos) pela Cidade *dark* do *Rock* e das “misturas” juvenis.

⁷⁷ A travessa Novinda Pires, localizada entre as ruas Desembargador Leite Albuquerque e Torres Câmara (bairro Aldeota), conhecida nesse período como Fafi, onde, durante as noites, bares e restaurantes com mesas nas calçadas atraem aqueles que buscam diversão. A movimentação de pessoas começa a se intensificar depois de meia noite. O local concentra uma aglomeração de jovens nas extremidades da travessa, onde há barraquinhas de ambulantes vendendo bebida alcoólica. Provavelmente, os jovens que por ali ficam não frequentam (ou bebem) nos bares. Há, nessa ocupação territorial do Fafi, uma divisão de classe muito nítida. Depois de circular por algum tempo, um grupo grande de jovens aproximam-se do local. Eram aproximadamente cinquenta jovens da “galera da PP”. Por volta de uma hora da manhã, a movimentação de pessoas aumenta e os jovens ficam a atravessar de uma extremidade a outra da travessa. Bebem, conversam e namoram. Entre eles, há garotos e garotas homossexuais namorando nos locais mais reservados (escuros), mais precisamente nas calçadas onde não há bar funcionando. Nesses locais, também há consumo de substâncias ilícitas. Os jovens sentam nas extremidades da travessa, nos espaços mais escuros, dando um ar de marginalidade quando comparamos com os bares. Ficam à margem dos bares, onde há música, mesas e outras pessoas se divertindo. Com o passar da noite, muitos jovens, em grupos, sentam-se e deitam-se nos gramados dos jardins das casas próximas, talvez a esperar o horário do transporte coletivo que os conduzirá para casa. Fui embora por volta das três da manhã. Segundo Jéssica, algumas vezes, do Fafi, seguem a pé para a Praia de Iracema ou retornam à PP, até o nascer do dia à espera do “busão”. (Diário de Campo, 20 de Abril de 2012).

⁷⁸ Apresento a “galera da DNA” no Capítulo 4, página s 239 a 252.

Figura 11 – Mapa sócio-afetivo dos Percursos Juvenis de Tchucu



Apesar de encontrá-lo sempre na PP e no DM, só estabeleci o primeiro contato com Tchuco (18 anos) no quinto mês da pesquisa de campo, em dezembro de 2011, quando fui abordado pela “*galera da DNA*” e “intimado” a dar satisfações sobre o motivo de fotografar na PP. Na ocasião, foi Tchuco (18 anos), que conduziu meu ritual de apresentação à praça, ou talvez fosse melhor considerar como ritual de pertencimento. O intuito era de evitar possíveis aborrecimentos ou algum ato de violência, aos quais, segundo eles, estaria exposto. Assim, fui apresentado à “*galera da PP*” como “*um chapa*” da “*galera da DNA*” e os jovens que por vezes me assustavam em virtude das formas de brincadeiras, dos comportamentos entre pares, na dinâmica de sociabilidade na PP, passaram também a ser meus “*chapas*”, garantindo minha integridade física e o transitar pela praça.

Mesmo dando ênfase às atitudes de violência da “*galera da DNA*”, por se envolver em brigas – entre jovens ou grupos –, o *roqueiro*, adepto do estilo metal, mostrava-se, para mim, inofensivo e sempre receptivo para conversas. Com o pretexto de entregar-lhe as fotos da galera da DNA que tirei na noite de nosso primeiro contato, trocamos telefone. Minha intenção era estreitar as relações, pois via em Tchuco (18 anos) uma ponte para o acesso aos demais jovens roqueiros, com quem não tinha ainda muita aproximação.

Uma semana depois, ainda no mês de dezembro, em uma tarde de quarta-feira, liguei para Tchuco (18 anos) por volta das 13 horas para marcar a entrega das fotos em CD, as quais, segundo ele, postaria na internet. Disponibilizei-me a levá-las onde ele estava. “*Agora não dá, tô indo lá na Barra*”. Aproveitei que estava próximo ao Montese e ofereci uma carona. Ele aceitou de imediato. Encontramo-nos na Avenida Gomes de Matos por volta de 13h e 30 min. em frente a Lojas Americanas, próximo à sua casa, no centro comercial do bairro. Vestia *short*, camiseta e trazia o *kimono* dobrado na mochila. No caminho até o CUCA, conversávamos sobre *rock*, *jiu jitsu* e a “*galera da DNA*”. Aproveitei a ocasião para falar-lhe da pesquisa e, quando convidado a ser entrevistado, ressaltou: “*E tua professora quer saber o que a gente faz, por onde a gente anda é? Se for, acho que ela não vai gostar muito, não!*”.

Apesar da impressão de que os modos de vida dos jovens da PP e do DM não seriam bem aceitos no âmbito acadêmico, o qual lhe parecia distante e pelo qual demonstrava pouca compreensão e interesse, aceitou participar do que passou a chamar de “*trabalho da faculdade*”. No mês seguinte, encontrar-nos-íamos no mesmo local, desta vez, fazendo outro percurso.

Tchuco (18 anos) já havia desmarcado a entrevista anteriormente. Somente neste sábado (19/jan./2012) deu certo. Para isso fui pegá-lo em casa, no Montese, e a entrevista também começou no carro, no percurso até a Galeria Pedro Jorge, passando pelo DM. Estava um dia chuvoso e o encontrei por volta 14 horas, próximo à sua casa. Contrário ao visual cotidiano adotado na PP, estava todo produzido: calça jeans preta rasgada nas pernas e uma blusa preta de listra. Usava pulseira preta de couro com detalhes em metal no punho esquerdo, e o alargador na orelha esquerda complementava o visual do roqueiro metal. Nos últimos sábados, não estava indo para o DM cedo para evitar o contato com os blocos de rua que desfilam no pré-carnaval de Fortaleza, na Praia de Iracema. “*Prefiro não ir quando está rolando o pré, pra não se misturar*”. Ao chegarmos no DM, continuamos a entrevista no carro, onde preencheu o mapa. Depois que terminou, pediu que eu o deixasse no centro da Cidade, mais precisamente na Galeria Pedro Jorge, e no percurso demos continuidade à entrevista que transcorria em um tom informal. [...] Durante a “conversa” em trânsito, lembrava de minhas primeiras idas à PP e de como me assustava com o comportamento de alguns jovens como o Tchuco (18 anos). Pareciam brigar até quando brincavam. Acredito que o estilo, o visual, também contribuía para isso, penso eu. [...] Fiquei surpreso com sua idade. Imaginava que tivesse mais de 20 anos. Talvez seja por conta do físico e das performances corporais. Ele é alto, meio gordinho, forte, e de longe, o movimento do corpo, impõe autoridade, respeito, a anunciar que está sempre disposto à briga, a comportar-se como o dono do pedaço. Somente depois de uma maior aproximação percebo tratar-se de um garoto não tão agressivo como insiste em parecer (fico pensando na influência que o visual, o corpo e suas performances, exercem sobre o que achamos das pessoas). (Diário de Campo, 20 de janeiro de 2012).

Depois desse encontro, Tchuco (18 anos) mobilizou a “*galera da DNA*” para participar do grupo focal e, após dois meses, nas últimas visitas que fiz à PP, o encontrei entre os poucos jovens que resistiam à mudança de calendário do roteiro juvenil pelas praças da cidade.

PP. Cheguei por volta das 20 horas. Havia cerca de 40 jovens e, novamente, uma turma maior ocupava os bancos próximos ao Shopping Aldeota, local onde *roqueiros* e *punks* costumam ficar, cerca de 20 jovens. Havia também um grupo, 10 ou 15 jovens, junto ao monumento no centro da praça. Pelo visual, quase todos de preto e com adereços típicos de *roqueiros*, são garotos e garotas *roqueiros* e/ou *punks*. Bebem e se divertem como nas noites em que a PP aglomerava aproximadamente 300 jovens nas noites dominicais. Uma árvore grande havia caído e ainda estava lá para ser retirada. Dei uma volta na busca de reencontrar alguns jovens com quem tive contato durante os oito meses na praça. Próximo ao monumento não encontrei nenhum conhecido, então resolvi sentar em um banco ao lado do grupo maior. Logo que me aproximei, Tchuco (18 anos) (que eu ainda não tinha visto) saiu do meio da turma e veio ao meu encontro. Cumprimentou-me e perguntou o porquê de está sumido. Usava short, camisa ao ombro e pés descalços, como de costume. Foi logo falando: “*-Tá vendo como o povo tá voltando!? Já tem uma galera ali que tinha saído pra PN e já tá voltando*”. E acrescentou “*-Lá (na PN), já tá começando a ter arrastão e assalto de novo*”. Disse também que “*a galera aqui*”, referindo-se aos *roqueiros*, “*prefere que fique só a*

gente mesmo. Quando tem muita gente, chama muita atenção”. -Atenção como? Perguntei: “-Quando tem aquela pivetada, aqueles viados!? Chama atenção porque fica de menor bebendo e aí vem o Conselho Tutelar, a polícia e tudo”. Tchuco (18 anos), que se diz ateu, contava-me sobre o namoro com uma garota do Shalon que o conheceu enquanto evangelizava na PP. Por conta disso, está frequentando um grupo de jovens (do Shalon), mas assumiu que o interesse é só na garota. Explicava que vivem em “mundos diferentes” e que quem tivesse mais argumentos convenceria o outro à adesão ao seu mundo. Estava certo que iria convencê-la a andar nos locais que frequenta, inclusive na PP. Sobre a mudança da frequência dos jovens nas praças – o retorno à PN e o abandono da PP –, explicou-me que tem uma galera voltando a andar na PP novamente aos sábados e que aos domingos vai ficar somente aquela galera que estava lá: roqueiros e punks. Disse que assim fica melhor, “sem se misturar”. Seria uma nova organização? (Diário de campo – 08 de abril de 2012).

Naquela noite, Tchuco (18 anos) falava-me de duas situações semelhantes, tomando posições inversas. Na primeira, descrevia a experiência vivida por dois jovens habitantes de “mundos diferentes” – a cristã catequizadora e o roqueiro metal ateu – que compartilhavam suas experiências, unidos por uma relação afetivo/sexual. Tal relação se apresentava para Tchuco (18 anos) como possível e viável, mesmo que essa “mistura de mundos”, de modos de vida, estivesse constituída por intenções mútuas em persuadir a migração do outro para o seu mundo: o do *rock* ou o da fé cristã. Na segunda experiência, defendia que a sociabilidade juvenil na praça tomasse como critério de separação a faixa etária, o estilo e a sexualidade, como se “os tempos de mistura” não fossem mais possíveis.

Tchuco (18 anos) estava entre os que defendiam veementemente a PP. Digo isso por perceber uma tendência entre os jovens, de referirem-se às praças como trincheiras de disputa pela frequência juvenil. Naquele momento, em que encerrava o trabalho de campo desta pesquisa, a grande maioria dos jovens que frequentavam a PP nas noites de domingo havia migrado para a PN, que estava há quase dois anos inativa ou, como costumavam referir-se, “*tinha morrido*”. Tchuco (18 anos) era enfático em afirmar que não deixaria a PP pela PN em hipótese alguma. O sentimento de pertença à PP nutrido por Tchuco (18 anos), a “galera da DNA” e alguns outros jovens, será retomado posteriormente.

Quanto à nova estruturação das sociabilidades juvenis por praças, que estava em processos de reorganização naqueles meses, Tchuco (18 anos) defendia a divisão da PP em duas noites de frequência, onde a faixa etária, o estilo e a sexualidade seria o tripé de base definidor de quem frequentaria a PP no sábado e de quem permaneceria no domingo. Migrariam para as noites de sábado, os jovens de idade até 16 anos, especialmente aqueles conhecidos, entre os roqueiros, como “coloridos”, e os homossexuais. Aos domingos, a praça

seria dos “*darks*”, *roqueiros* e *punks*, geralmente, em faixa etária acima de 17 anos. Tal proposta poderia até concretizar-se se as fronteiras marcadoras das diferenças não estivessem permeadas por variados campos de intersecções entre faixa etária, estilos e sexualidades. A que noite da PP frequentaria o jovem Hirley, morador do Jangurussu, com quem convivi esses oito meses?

3.2.3 Fazendo e Usando “*o que der na telha*”: O Jovem Hirley

Hirley, aos 19 anos, mora na casa de um amigo no bairro Jangurussu⁷⁹ e já concluiu o segundo grau. O frequentador assíduo do Bar do Feitosa (às sextas-feiras), do DM (aos sábados) e da PP (aos domingos) diz não adotar nenhum estilo específico, o que faz com que use “*o que der na telha*”. É *gay* e não tem namorado.

Aos 17 anos, em 2010, enquanto passeava em um parque de diversões da Cidade, conheceu duas garotas – Ariele e Daniele – de quem ainda é amigo, e por quem foi convidado a ir à Praça Portugal no domingo seguinte. Hirley sabia, por meio de um colega de escola, que a PP “*era um lugar GLS e tal*”, no entanto, a praça situava-se em um espaço ainda desconhecido para o jovem morador do Jangurussu: o bairro Aldeota. “Eu não tinha andado lá antes. Por aquele lado ainda não conhecia. Nunca tinha passado por lá. [...] Eu já sabia o que tinha lá e eu não tinha falado pra elas (as amigas) que eu gostava de rapazes. Andei lá uns dois ou três meses com elas, depois que eu disse que era *gay*” (Hirley, 19 anos).

Mesmo omitindo a sua orientação sexual para as recentes amigas, foram elas as primeiras companhias de Hirley no itinerário do bairro Jangurussu a Aldeota. No percurso, de “busão”, passava pelos terminais da Messejana, da Parangaba (onde encontrava as amigas) e, de lá, os jovens seguiam até a PP. No primeiro dia, logo no terminal da Parangaba, conheceu Vinícius, o amigo das garotas e de quem se tornou amigo também.

A Ariele mora ali no Tamandaré, vizinho ao meu bairro e eu não sabia. Fui saber um tempo depois. A Daniele mora na Parangaba e o Vinicius mora na Messejana. Aí, a gente foi batendo foto dentro do ônibus no celular. Chegamos cedo. Acho que era umas seis e meia pra sete horas e tinha pouca gente. Ai eu: “-*Nossa!!! Aqui é a Praça Portugal?!?!*”. [...] Chegando lá, a gente ficou sentado nos bancos. Ela tava esperando uns amigos e eu só

⁷⁹ Bairro localizado na SER VI. Faz parte de uma região periférica de Fortaleza, na fronteira com o município de Itaitinga. O Jangurussu foi, durante muito tempo, local destinado a despejo do lixo da cidade e, por isso, conhecido popularmente como “*o lixão*”. Hoje, abriga várias empresas de reciclagem de lixo, para onde muitos catadores/recicladores se destinam, especialmente durante a noite. Para o deslocamento à PP e ao DM, os jovens do Jangurussu utilizam o transporte coletivo (ônibus), passando por dois terminais rodoviários, percurso que dura em média uma hora e trinta minutos.

olhando e tal. Ai foi enchendo né!? Chegando gente, o povo lá “*ficando*” e eu: “-*Nossa! Eles ficam assim?*”. E o povo tudo brincando e se divertindo. Aí, eu fui apresentado a mais amigos delas e tal. Até ai, tudo bem. Chegou na hora de ir embora e eu: “-*A gente já vai?*”, e elas: “-*Já! Tu gostou?*” e eu: “-*Gostei sim! Quando é que a gente vem de novo?*”, eu perguntei né! Ai ela: “-*A gente tá vindo todo domingo.*” “-*Ah! Tá certo!*”, eu falei. Depois daí a gente começou a freqüentar. (Hirley, 19 anos).

Eu achei legal. As pessoas “*ficando*” assim... foi o que chamou mais atenção. Os caras, as meninas. E eu: “-*Nooossa! Massa! Gostei!*” Porque eu nunca tinha visto isso num lugar público. No primeiro dia fiquei andando... e a gente brincou de uma brincadeira lá. Era assim: a gente fazia uma roda e pisava no pé do outro. Era legal (Hirley, 19 anos).

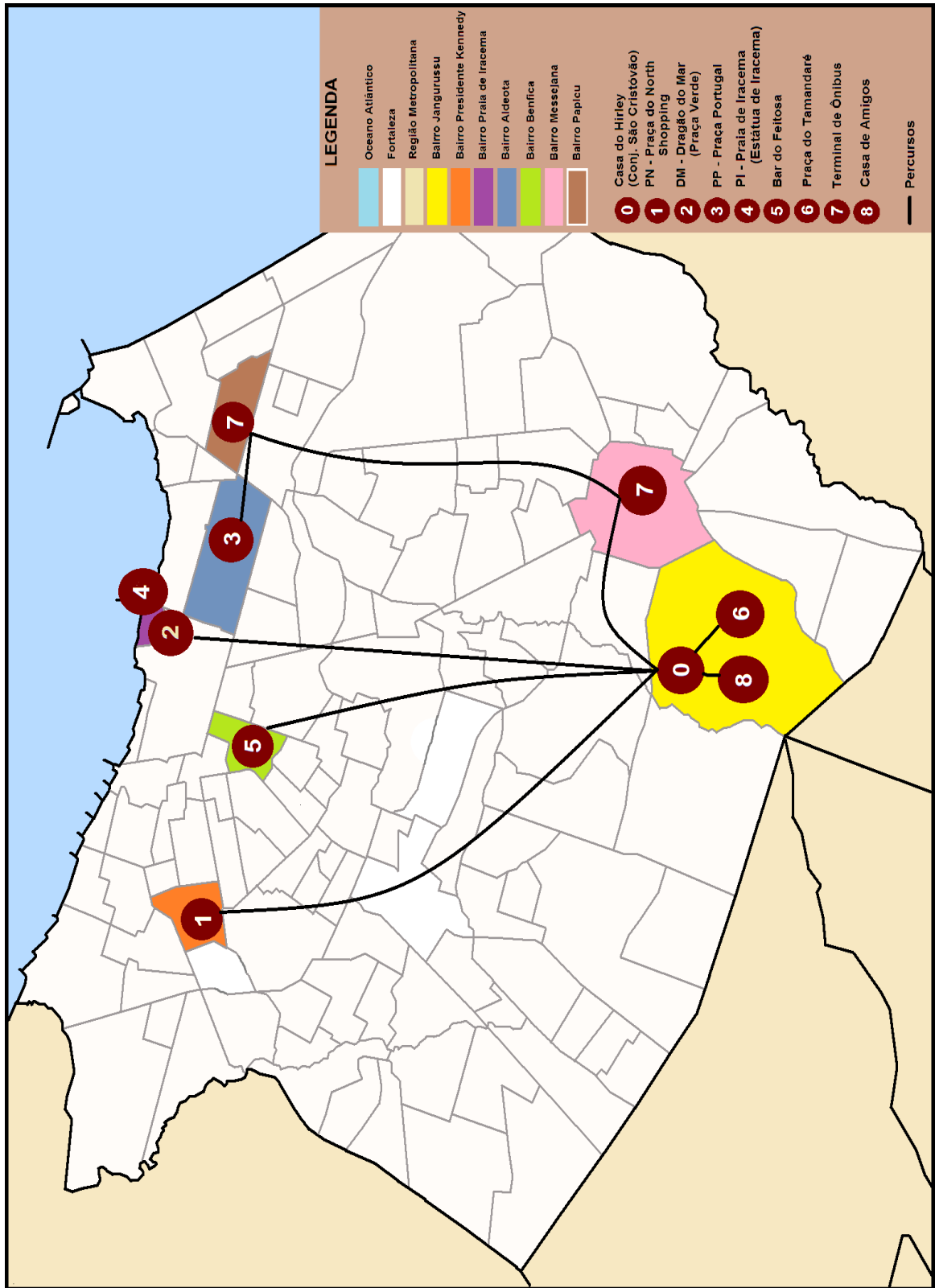
Hirley (19 anos) não sabia ainda, mas a frequência na PP seria apenas o início de outros percursos que faria por lugares da Cidade ainda não conhecidos. Um ano depois, em 2011, depois de muita insistência do amigo Carlinhos, irmão de Diego, conheceu as noites de sábado do DM. O local lhe chamou atenção pela variedade espaços e quantidade de jovens a transitar, tomando a PP como referência. O itinerário do Jangurussu ao Centro da Cidade demora cerca de uma hora de viagem e, do Centro, “desce próximo ao Banco Central e vai andando pela rua Dom Manuel até chegar no DM” (Hirley, 19 anos). Ao chegar,

Vou atrás dos amigos: a Eva, o Dam, a Catarina, pra cumprimentar, pra falar. A Eva é de Messejana. Conheci ela e o Dam andando no Dragão e na PP. Só falo com eles nesses locais. Não tem outro local pra gente ir. Aí a gente vai atrás dos amigos, né? Pra conversar, saber como tá e tal; pra saber se os outros amigos vão vim; se já vieram, se já chegaram. A gente fica andando, se senta, anda de novo. Anda pela Praça Verde e pela outra praça, também. Quase a mesma coisa que na PP. Ai fica andando, conversando, falando o que houve na semana, o que passou, o que não passou, conta o que viu, o que não viu, mas só que no Dragão dá pra “virar a noite” com os amigos. (Hirley, 19 anos).

O jovem descreve esse ritual de sociabilidade no DM com um tom de quem fala de algo repetitivo, cansativo, no entanto, esse movimento de busca e de encontro dos amigos ocorre de maneira bastante eufórica. Não são raros os encontros marcados por abraços e beijos motivados por muitas saudades, mesmo que o último encontro tenha ocorrido poucas semanas atrás.

O mapa que segue (figura 12) cartografa os circuitos do jovem Hirley (19 anos) no qual o Jangurussu é o ponto de partida e os espaços de interações juvenis – praças e bares da Cidade – os pontos de chegada e de encontros juvenis.

Figura 12 – Mapa sócio-afetivo dos Percursos Juvenis de Hirley



3.2.4 De “*menino de mamãe*” ao “*estiloso From UK*”: O Jovem Beto

Há dois anos, Beto (18 anos) acompanhou sua amiga, vizinha, a uma outra praça, no bairro Presidente Kennedy: a PN. O jovem, que na época tinha seus 16 anos, usava “uma calça comum, um tênis *all star* e uma blusa frouxa”, estilo denominado por ele de “*normal*”: “Eu era um menino normal, *menino de mamãe*. [...] Eu era normalzinho”. Na praça, enquanto a amiga namorava, Beto descobriu outras possibilidades de “ser” ou “estar”, para além do “normal”:

Eu achei legal! Cheguei lá e vi um monte de adolescente! Estilos diferentes! Eu num tinha nem esse estilo ainda. Quando cheguei lá, eu vi um monte de menino assim: cabelo grapeado, franja, maquiado, todos de preto! Essas coisas assim! Mas eu já curtia *rock* desde a minha infância, porque minha família toda é de *rock*, essas coisas assim, meu pai já era Raul Seixas, minha mãe já era Cazuza, aí era assim. Minha vó já era mais antigo, o rock dela é tipo o Menudos. (Beto, 18 anos).

O que seria apenas um passeio tornou-se para Beto a descoberta de um espaço de sociabilidade, no qual os estilos e as ações coletivas juvenis apresentavam-se sob outras práticas de interações, sob novos códigos, novas dinâmicas, abrindo possibilidades múltiplas de modos de vida. Estilo e sexualidades ganhavam, então, novos contornos para o “*menino de mamãe*”:

Eu achei legal. Era diferente! Não tinha povo, tipo preconceituoso, essas coisas assim! Era legal, lá! Achei interessante porque o povo era muito simpático, e aí tinha gente que chegava com uma plaqueta, tipo: “*fica comigo*”!, e falava com você. Era, “*um beijo 10 centavos*”! Essas coisas assim. Tinha “*abraço grátis*”, essas coisas assim. Andava com as placas e mostrava pra você, aí se você quisesse dá um abraço, abraçava. Ainda existe no Sana *fest*, nesses cantos assim. Só que ficou menos agora porque o povo achava ridículo. (Beto, 18 anos).

Não demorou muito para, da PN, Beto passar a frequentar outros espaços como a PP e o DM, ambos desconhecidos ao jovem. Transitar pela Cidade para além do Jangurussu parecia para Beto uma aventura na qual estava sujeito, no mínimo, a perder-se (Ver Figura 13). Além de não se distanciar com frequência do bairro de morada, sair sozinho ainda parecia um desafio, para o qual contava com Hugo, o garoto com quem “*ficava*”.

Eu não sabia ir sozinho, né? Aí ele ficava dando as instruções. Eu nunca tinha ido antes na PN! Só tinha ido com a minha amiga. Até hoje eu não sei

muito bem ir até o North Shopping, porque é muito complicado! Ele (Hugo) dava as instruções e um dia eu quase me perdi, mas ia sozinho. [...] Pro Dragão, eu fui com o Hugo também, porque ele queria ir pro Dragão, aí eu disse que não sabia onde era, mas fui sozinho, de ônibus. [...] Eu nunca tinha ido lá, também! Ele me disse que era pra pegar o “Grande Circular P” no terminal da Messejana, aí de lá continuava no “Grande Circular P” que ia pro Terminal do Papicu, aí continuava nesse “Grande Circular P” que passava pelo Dragão. (Beto, 18 anos).

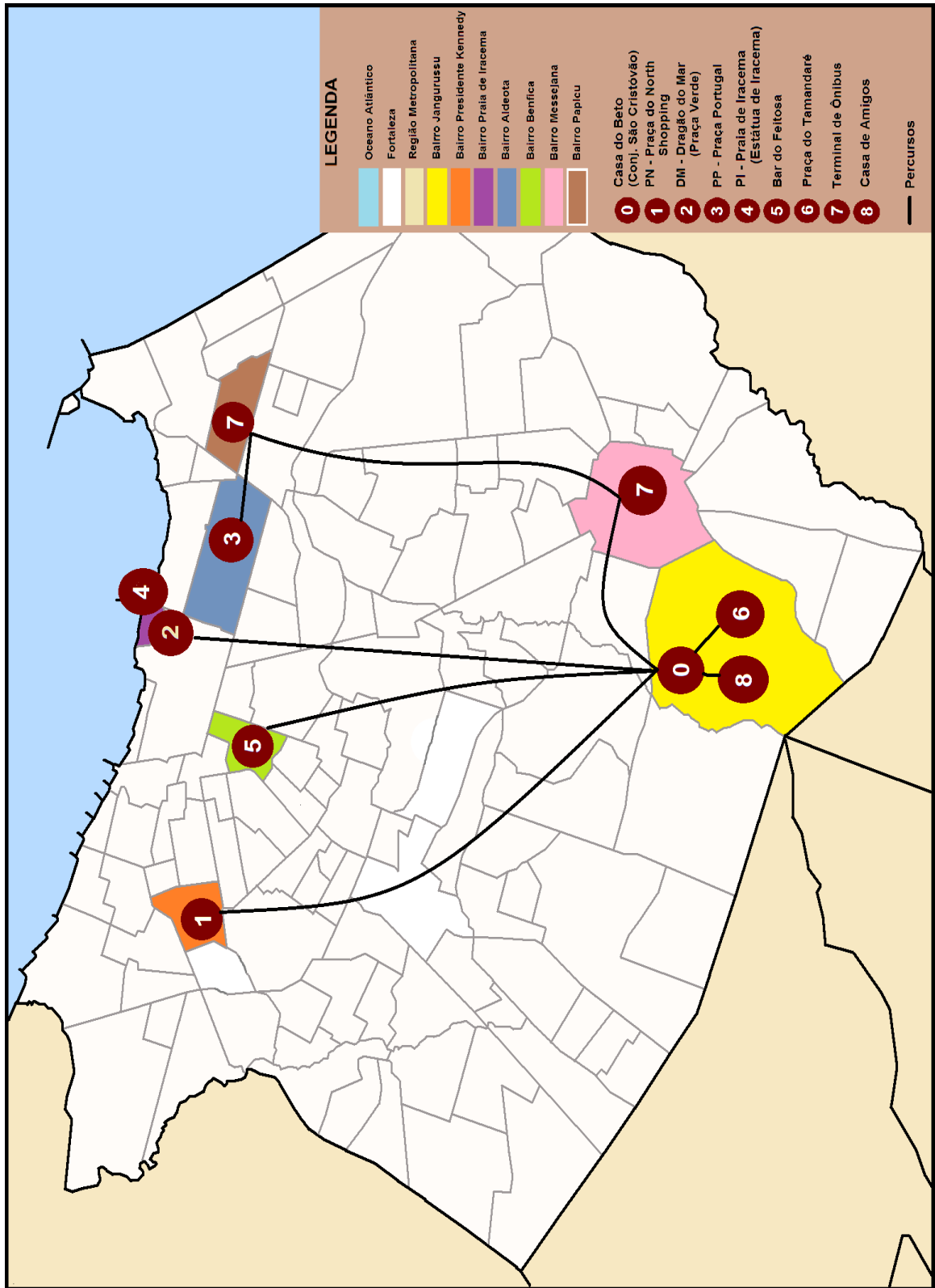
Hoje, aos 18 anos, Beto continua morando com a família no bairro Jangurussu, no entanto, prefere dizer-se morador do bairro de Messejana. O garoto, antes “*normalzinho*”, que curte *pop rock* desde a infância, após frequentar a PN, o DM e a PP, passou a adotar o estilo From UK, “*um estilo mais avançado do emo [...] é um estilo mais colorido e que curte música pop rock*”, explica.

Extremamente vaidoso e atento ao visual, é considerado pelos amigos como “*estiloso*”. Apesar da pele branca, seu rosto ganha uma tonalidade mais alva pelo uso excessivo de pó e os lábios, por vezes, um batom quase imperceptível. No entanto, manter o cabelo sempre penteado é uma preocupação constante. Está sempre sacando do bolso uma pequena escova para pentear, especialmente a franja que cobre a testa e aproxima-se dos olhos, o que, segundo ele, é uma das diferenciações do estilo *emo*, no qual a franja cobre todo o olho. O cabelo preto, alisado artificialmente, destaca na franja uma mexa em cor (ora verde, ora vermelha). Ao visual do garoto magro e de cabelos pretos, calças e tênis coloridos – em tons fortes de verde, vermelho, lilás – é acrescentado um cachecol envolto ao pescoço, como se estivesse a protegê-lo de um frio imaginário. Teria a vivência nas praças implicações para a transformação do “*menino de mamãe*” em um estilo “*From UK*”?

No âmbito familiar, usa o gosto musical pelo *pop* e *pop rock* como justificativa à adoção desse estilo que é comumente associado à homossexualidade. “*Eu tenho um monte de pôster de banda no meu quarto e tem uns cantores que usam esse estilo e aí eles (os familiares) pensam que eu estou imitando eles*”. A família não fala abertamente sobre sua orientação sexual. De que maneira a adoção do estilo “*From UK*” estaria relacionada à orientação sexual de Beto? Quais os marcadores de identificação entre o estilo “*From UK*” e a homossexualidade? Como Beto transita por esses dispositivos?

Por também morar no Jangurussu e transitar constantemente com o jovem Hirley (19 anos), a figura 13, na qual trago os percursos e circuitos sócio/afetivos do jovem Beto (18 anos), não se diferencia da figura 12, conforme podemos observar na página que segue.

Figura 13 – Mapa sócio-afetivo dos Percursos Juvenis de Beto



O que se parece repetitivo vai se refazendo a cada noite, uma vez que no DM parece haver uma rotatividade na frequência dos jovens, possibilitando a cada sábado a interação com diferentes e o reencontro com aqueles que já se conhecem da “mistura” juvenil.

Na PP e no DM, no período desta pesquisa, costumava namorar ou “ficar” com garotos e seus percursos às praças deixaram de ser solitários, quando descobriu que outros jovens do Jangurussu também percorriam a Cidade por esses espaços de sociabilidade juvenil.

Aos domingos, o movimento de preparação começa à tarde, quando Hirley (19 anos) sonda - via celular - quem vai ou não à PP. Geralmente, saem de dupla ou trio. Hirley (19 anos) encontra com o Beto no Terminal de Messejana, às dezoito horas e 30 minutos, e com o Diego, em frente à sua casa, meia hora antes. “São poucas vezes que eu fico só. A gente nunca sai seis horas, mas a gente marca seis horas. Sai seis e meia, sete horas. Chega na PP em mais de uma hora.” (Hirley, 19 anos).

Nesse percurso, o grupo vai agregando outros jovens moradores de bairros próximos, como o José Walter, Conjunto Palmeiras e Messejana, ao encontrarem-se nos ônibus e/ou terminais.

De vez em quando que a gente encontra, por coincidência, com outros amigos – a Eva, o Dan, o Digo – na parada do ônibus, aí a gente vai junto. Quando chega no terminal, sempre encontra alguém: na parada do ônibus, no terminal da Messejana e do Papicu.

Do Jangurussu ao terminal da Messejana, o ônibus “Conjunto Palmeiras/Perimetral”. Lá, embarcam no “Grande Circular I” até o Terminal do Papicu, onde pegam algum dos ônibus que passam na PP: o “Dom Luiz”, o “Treze de Maio” ou “Aeroporto”. “Todos passam na Avenida Dom Luiz” (Hirley, 19 anos). Esse ritual de mobilização e fluxo repete-se nas sextas-feiras e nos sábados, quando percorrem outros itinerários, primeiro a caminho do Bar do Feitosa, no Bairro Benfica, e no dia seguinte, para o DM na divisa entre o Centro da Cidade e a Praia de Iracema. Dessa maneira, Beto encontra nas interações das praças modos de vida juvenis nos quais o visual (o estilo) e a sexualidade parecem implicados em um jogo de significados que o levam de “*menino da mamãe*” à estiloso “*From Uk*”.

3.2.5 Estranhamentos e conflitos sobre o “fazer nada”: A Jovem Ana

Aos 17 anos, nos finais de semana, Ana frequenta a PP, o DM e o Bar do Feitosa, junto a amigos que conheceu nas noites da Praça do Tamandaré⁸⁰ e com quem se encontra durante a semana: Hirley (19 anos), Matheus (18 anos) e Beto (18 anos). Agora, mora no bairro Conjunto Palmeiras com a mãe, com quem tem problemas de convivência (Ver Figura 14). Cursa o primeiro ano do Ensino Médio em um colégio da Rede Pública Estadual de Ensino e se diz bissexual, afirmando ter começado a “ficar” com garotos aos 11 anos e, aos 12, a sentir atração também por meninas.

A garota que durante a infância morava com a avó na cidade de Maracanaú e visitava a mãe nos finais de semana, no bairro Conjunto Palmeiras, em Fortaleza. A Praia do Futuro, a Avenida Beira Mar, a Praia da Sabiaguaba, os *shoppings* Iguatemi e *North Shopping* estavam em seu roteiro de diversão e lazer dos finais de semana.

Aos 14 anos, durante o percurso entre a casa da avó e da mãe, no terminal de ônibus do bairro Siqueira, Ana conheceu uma garota que a convidou ao Dragão do Mar.

A Catarina já andava lá há algum tempo e eu fiz muita amizade com ela e com os primos dela que gostam de curtir *pop rock*, essas coisas. Ai pronto, eles me disseram que o pessoal ia pro DM e que lá era legal e ela me chamou pra ir também. Eu conhecia, no Dragão do Mar, apenas a área do teatro. Ai eu: “-Vocês vão fazer o que lá?” Ai: “-Vai se reunir com um pessoal lá”. Eu pensei que era só um grupinho, essas coisas. Ai quando eu cheguei lá, era uma coisa totalmente diferente! (Ana, 17 anos).

Apesar de se considerar uma pessoa “*um pouco difícil de fazer amizade e de se aproximar muito das pessoas*”, a jovem aceitou o convite dos novos amigos. O DM, naquela ocasião, foi para Ana uma oportunidade de conhecer outros jovens e de conviver com situações e práticas provocadoras para a jovem.

Foi eu e ela. Ai nós chegamos e ela conhecia um pessoal lá. A gente começou a beber, beber e umas dez horas a gente veio embora. Já que eu tava me acostumando, eu já conheci mais pessoas, né?! No mesmo dia eu conheci o pessoal que ela já conhecia, porque ela já andava lá. Ai ela encontrou um grupo de amigos, ai pronto. [...] Ah, sinceramente, eu achei, estranho assim, porque não tinha nenhum policial, essas coisas... Eu vi um pivetezinho, parecia ter 10 ou 11 anos, fumando, bebendo. Eu achei meio estranho! [...] Ah, eu achei uma coisa assim: deve ser porque todo mundo faz

⁸⁰ Praça no bairro Jangurussu, onde um grupo de jovens (entre eles: Beto, Ana, Hirley e Digo) se encontra durante as noites das segundas-feiras e quintas-feiras.

que ele está fazendo. Não achei legal porque ele tava meio que perdendo a infância. (Ana, 17 anos).

O encontro com os jovens na PV do DM, em princípio, foi marcado pelo estranhamento às práticas até então consideradas “*estranhas*”, “*indevidas*”. Entre elas, a questão da sexualidade vivida livremente nesse espaço causou-lhe também estranhamentos e conflitos em virtude da exposição da afetividade entre pessoas do mesmo sexo em público. O que até então era entendido como privado, escondido, aparecia para a jovem como vivência naturalizada em um espaço que não era restrito nem aos jovens e nem a pessoas LGBT.

Ah!!! De cara, foi super estranho! Ver coisa assim que eu pensava mais fechada, em lugar totalmente aberto, por exemplo, pessoas bebendo, fumando, fazendo certas coisas indevidas, gays, lésbicas, essas coisas. Foi estranho porque eu já sabia da minha sexualidade, mas eu sempre pensei, sempre foi uma coisa meio reservada pra mim. Ai, depois que comecei a andar nesses lugares, que eu percebi que não era coisa tão reservada assim! [...] Estranho. As meninas na frente de todo mundo?! Achei feio. Feio, porque tinha pessoas lá que não entendiam... como eu posso te dizer, tipo aquelas pessoas... num é que não aceitem, eu acho uma falta de... como eu posso dizer, responsabilidade, sei lá, uma coisa assim. Pronto, um hétero ver duas pessoas de sexos iguais ficando. Eu acho que deveria ter respeito. Eu achava um desrespeito. (Ana, 17 anos).

A naturalização da exposição pública de relações afetivo/sexuais entre pessoas do mesmo sexo, presenciada pela jovem, exigiu um período de adaptação. A princípio, o entendimento da homossexualidade como prática agressiva, como algo negativo, “*feio*”, desrespeitoso, foi um obstáculo a ser superado por Ana (17 anos) por algum tempo. A princípio, no DM, tinha vergonha de manter afetividades com garotas, mas foi lá sua primeira experiência de “*ficar*” com outra garota em público, o que considerava “*estranho, uma falta de respeito*”. Quanto às questões da sexualidade, a jovem demonstra ser bastante observadora e questionadora. Um exemplo diz respeito ao processo de travestilidade de um jovem que conheceu gay e tornar-se-ia travesti.

O Alex, lá da PP, eu até falo pra ele, toda vez que eu vejo: “*-Alex, tu mudou tanto!*”. Porque ele era um meninozinho. Todo na dele! Todo caladinho! Hoje em dia, ele tem o cabelo grande, é azul, acho que tu já viu ele lá pela Praça Portugal. Ele virou um gay totalmente assumido! Acho que ele num é gay. Não! É travesti! Ele era gay quando eu conheci. Foi uma mudança muito rápida, porque ele era todo meninozinho e, hoje em dia, não. Ele mudou super rápido, eu falo sempre pra ele. (Ana, 17 anos).

Assim como outros jovens, Ana (17 anos) demonstrou, por diversas vezes, incompreensões acerca das categorias sexuais emergentes: *gay*, *lésbica*, *travesti*, *bissexual* (LGBT), de modo que durante conversas informais, identificar a orientação sexual de alguns pairava sobre questionamentos como: “-*Ele é gay ou bi? Não sei!*”, “*Quem fica com os dois, mas fica mais com um que com outro é bi?*”, “*Como a gente chama quando o gay vira assumido? É travesti né?*” (Diário de Campo, 09 de outubro de 2011). A sociabilidade nas praças proporcionaria à Ana (17 anos) a elaboração de respostas às questões ainda não compreendidas sobre a sexualidade e orientação sexual? As interações nesses espaços proporcionariam a elaboração de novos questionamentos? Qual a influência (o papel) das interações juvenis entre pares nesse jogo de perguntas e respostas?

Ana (17 anos) considera-se uma garota “alternativa” por não adotar nenhum estilo específico e pela diversidade dos gostos musicais. Dessa maneira, o termo “alternativo”, assume entre esses jovens um significado diferenciado daquele que se propõe a identificar a adoção de um modo de vida que se contrapõe aos padrões socialmente estabelecidos. “Ser alternativo”, no caso de Ana, seria não aderir a nenhum estilo ou modo de vida específico, mas transitar por uma diversidade deles, sem um comprometimento identitário e estético. Usava sempre calças jeans e blusas de malha coladas ao corpo. Algumas vezes, calçava os tênis coloridos dos amigos. Para ela, “*entre jovens de hoje não existem muitos preconceitos*” em relação a modos de vida e sexualidade. Apesar dos conflitos entre a formação da avó e as práticas afetivo/sexuais dos jovens no DM, continuou a frequentar a PV e a estender as interações a outros locais como a PP e a PN, e mesmo frequentando com bastante assiduidade as praças, questiona-se sobre a presença nesses espaços:

-Meu Deus o que eu tô fazendo aqui? É assim: quando eu tô em casa, eu não quero ficar em casa. [...] Eu acho que a maioria das pessoas que vão pra lá, é porque não quer ficar em casa. Não suportam ficar em casa! Querem sair pra algum lugar!? É o meu caso. Eu vou pra lá porque eu odeio ficar em casa. (Ana, 17 anos).

A princípio, as praças apareceriam para Ana (17 anos) como possibilidade única de fuga do cotidiano de casa e do bairro. Essa dualidade, “ficar em casa *versus* sair pra rua”, aparece com frequência no discurso dos jovens e a idéia da troca do “*fazer nada*” em casa pelo “*fazer nada*” na rua também permeia as falas de Ana sobre a vida nas praças:

Se fosse pra dizer o que eu faço na PP e no DM ia dizer que nada né?! Quando eu penso assim, “-Ah! O que eu tô fazendo aqui? Num lugar que

num tem nada!?” Sair da minha casa, ficar cansada de andar! É um lugar pequeno (a PP)! O pessoal fica só dando voltas!”. É bom porque eu reencontro pessoas, as amizades que eu fiz lá. Acho que se eu não tivesse ido pra lá, eu nunca teria tanta amizade assim, porque eu sempre fui uma pessoa meio trancada, por isso que eu gosto de sair. (Ana, 17 anos).

Sem perceber, a jovem responde a sua própria pergunta e o encontro e reencontro com outros jovens justificaria o “*fazer nada*” da rua. A perspectiva de ampliação do leque de amigos parece ganhar grande valia tanto para Ana quanto para os demais jovens desta pesquisa sem que haja consciência disso. Ter bastante amigos, ser conhecidos, são critérios de status nessas interações. No entanto, “*fazer amizade*”, encontrar pessoas, não parece para ela justificativa suficiente que explique a ida às praças. Comparando a PP com a Praça do Tamandaré, a jovem explicita com maior lucidez os motivos que a levam a atravessar a cidade do Conjunto Palmeiras à Aldeota, nas noites de domingo:

A Praça Portugal tem mais gente desconhecida, assim, mais facilidade também. Você tem mais facilidade de fazer amizade porque na Praça Portugal - você pode prestar atenção! - Hoje em dia, algum tempo, como eu posse dizer... ano passado, as pessoas que andavam lá não são as mesmas que tão andando agora, está chegando um monte de criancinha. [...] É, muda! Aí a pessoa vai tendo mais possibilidade de fazer amizade. (Ana, 17 anos).

A rotatividade juvenil na PP faz da praça local propício ao encontro com novas pessoas, portanto, de ampliação da possibilidade de novas amizades. Foi de lá, da PP, e na noite que conheceu a praça, que junto a outros jovens, Ana começou o percurso de sua primeira “*virada*” na noite fortalezense.

Foi meio estranho (risos). Eu pensava que a PP era um ambiente mais amplo, mas não, era pequeno. Quando eu cheguei lá, já era tarde, por isso que eu não gostei muito. Quando eu cheguei lá, nós encontramos umas pessoas, os amigos da Catarina. Demorou um pouco, ninguém tava fazendo nada lá, tipo, só conversando. Ai todo mundo pegou um ônibus e fomos pro Dragão do Mar. Foi a primeira vez que eu virei... virei a noite assim. [...] A virada é cansativa! E o pior é que passa a noite bebendo, conversando, as pessoas atrás de ficar umas com as outras, essas coisas (risos)... Ia pra praia e ficava lá, na praia. Dava sete horas e todo mundo ia embora. (Ana, 17 anos).

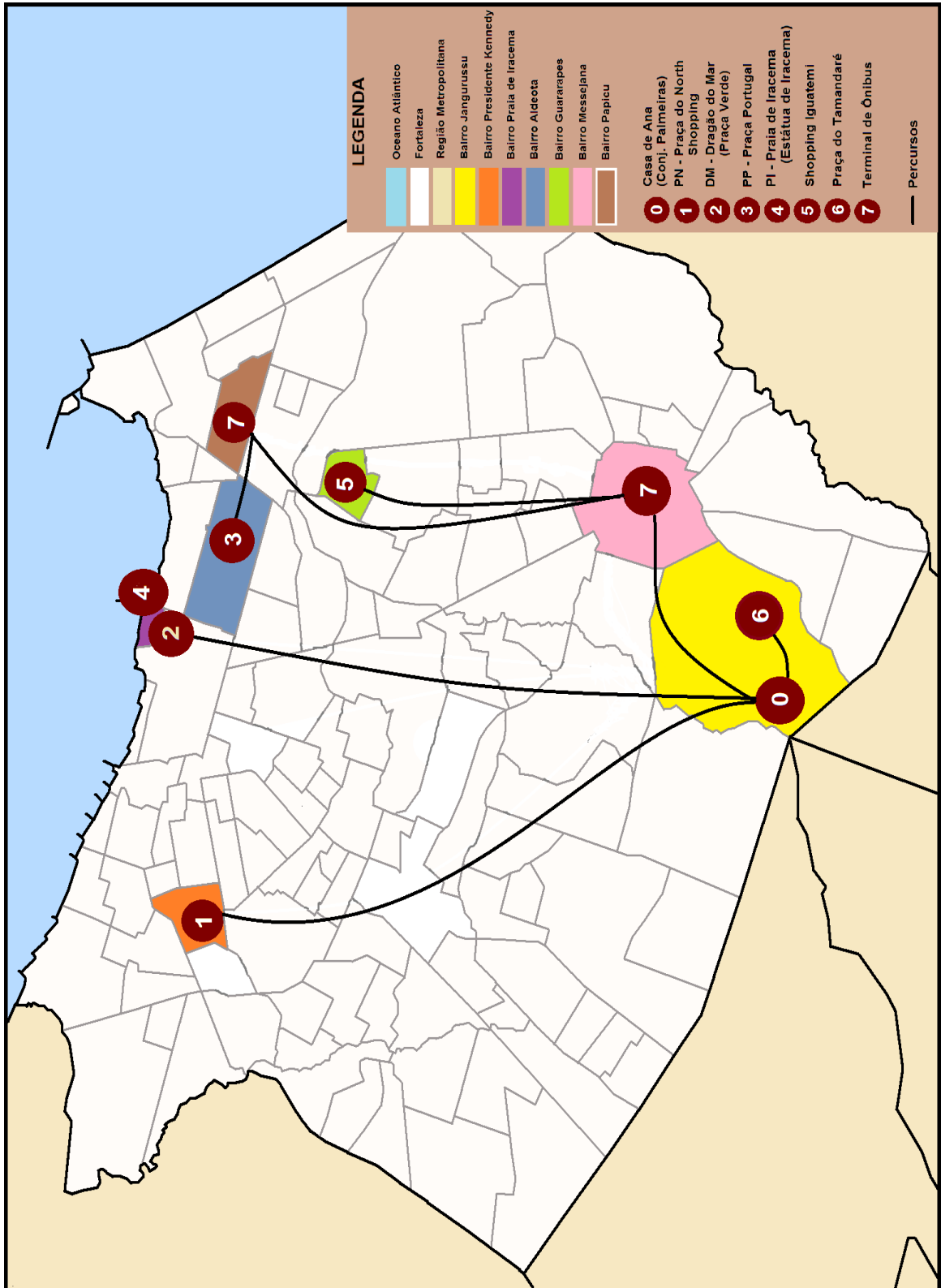
As visitas de Ana à PP dependiam das negociações com a mãe, por quem foi, por algum tempo, proibida de ir à praça. A tática para continuar frequentando a PP foi se fazer acompanhada de um amigo de confiança da mãe, com quem saía de casa dizendo ir ao *shopping*. “Ela confia muito no meu vizinho, porque ele é 'de maior'. Aí a gente dizia que ia

pro shopping. Que nada! Ia era pra Praça Portugal. Saia de lá às 9 horas, cedinho, o horário que eu saio do *shopping* e chegava em casa umas 10h e 30min. E pronto!” (Ana, 17 anos).

Foi na PP, também, que a encontrei pela primeira vez, em agosto de 2012, três anos após sua inserção nas sociabilidades das praças. Costuma chegar à Praça do Tamandaré por volta das 18h e retornar para casa às 22h. Para ela, “lá é um lugar diferente, onde fica conversando, bebendo [...] É como se fosse uma praça de encontro também”. Vai mais pra conversar e encontrar os amigos que moram no Conjunto São Cristóvão (bairro Jangurussu). Assim como em outros locais de sociabilidade, lá também se corre riscos de assaltos, o que faz com que os jovens elaborem um movimento de afastamento e retorno. O itinerário de Ana do bairro até as demais praças da cidade difere dos demais jovens do Jangurussu apenas no local de partida, pois é o ônibus “Conjunto Palmeiras Perimetral” que a leva ao terminal da Messejana, onde encontra os demais e seguem pela “*cidade dos anjos*”.

É possível que nos fins de tarde de sábado e domingo, entre os anos de 2009 e 2012, Ana (17 anos) tenha compartilhado a condução com o jovem *underground* Digo. O mapa, na figura 14, ilustra os percursos dessa jovem pela Cidade.

Figura 14 – Mapa sócio-afetivo dos Percursos Juvenis de Ana



3.2.6 Da arte circense ao mundo underground do rock: O Jovem Digo

O jovem Digo (21 anos) usa vários *piercings* (nas orelhas, língua, nariz, queixo, bochecha etc), tatuagens (nos braços, costas e barriga), calça botas pretas com coturnos longos e veste roupas também pretas, estilizadas (geralmente rasgadas) e pouco convencionais. Em volta dos olhos uma maquiagem *dark* e nos pulsos e pescoço, adereços (pulseiras e colares) em metal que complementam o visual do *roqueiro undreground*. Aos vinte e um anos, compartilha também com Ana (17 anos), Hirley (19 anos), Matheus (18 anos) e Beto (18 anos) a sociabilidade das noites na Praça do Tamandaré, mas na PP e no DM prefere não interagir muito com os amigos dos bairros Conjunto Palmeiras e Jangurussu. Foram poucas as vezes que o vi junto aos demais. Por muito tempo, morou no Conjunto Palmeiras, onde ainda trabalha em uma organização não-governamental aliando reforço escolar a arte circense. Poucas semanas antes de nossa conversa, em janeiro de 2012, havia mudado de residência para o bairro Henrique Jorge onde mora com a mãe.

Na ONG, onde trabalha desde 2009, o jovem desenvolve atividades com equilíbrio e expressão corporal por meio da dança e do teatro, tendo como práticas o trapézio, o contorcionismo, e atividades aéreas (tecido, corda). As ações envolvem também o reforço escolar das crianças. Temas como Leitura e Amamentação também são trabalhados com a comunidade do bairro Conjunto Palmeiras, explica.

Assim, desde os dezenove anos, Digo (21 anos) é educador social, realizando atividades lúdicas no contra turno escolar para cerca de noventa crianças, na faixa etária entre seis e dezesseis anos. No mesmo período em que passou a frequentar a PV do DM e a PP, convidado por sua namorada e agora amiga (Ver Figura 15). Pelo envolvimento com a arte circense, frequentava o Centro Cultural especificamente para participar ou assistir espetáculos, até resolver conhecer os amigos, “*a galera*”, que a namorada costumava encontrar nas noites de sábado na Praça Verde do DM.

A primeira vez eu fui só. Foi tranquilo. Ela (a namorada) não pôde ir naquele dia por motivos pessoais. Quando eu cheguei lá foi que eu liguei pra ela e fiquei sabendo que ela não ia. Eu fiquei lá sentado, observando a galera. Cheguei por volta de umas oito e meia da noite. Tava tendo um show. Eu não lembro a banda, mas era uma banda regional de Fortaleza mesmo e só tinha as pessoas que iam pra lá pra se conhecer e fazer coisas... meio (*pausa para pensar*) que são inapropriadas, tipo: beber, fumar. Muitos usam drogas lá, mas... Tudo bem. [...] Então eu fiquei só sentado observando as pessoas e algumas iam se chegando até a mim. Em momento algum eu cheguei até elas. Elas que se chegavam pra me conhecer, pra saber se realmente eu curtia... se eu gostava de lá... a quanto tempo eu frequentava... onde eu

morava e tudo. Essas coisas normais pra conhecer uma pessoa! Aí eu acabei conhecendo várias pessoas, e essas pessoas foram me apresentando outras pessoas, que foram me apresentando outras... daí virou um ciclo bem grande de amigos que eu tenho atualmente. (Digo, 21 anos).

Apesar da inserção solitária na praça, está só e restringir-se à observação não impediram a interação de Digo (21 anos) com os demais jovens. A receptividade, o acolhimento dos jovens aos que estão chegando a esses espaços é um dos fatores mais destacados pelos entrevistados, de modo que “*fazer novas amizades*” seria a mola impulsora das interações juvenis.

A princípio, as pessoas se chegavam só pra conhecer mesmo. Só pra conhecer. Tipo assim, sempre que chega uma pessoa nova lá, muitas pessoas vão pra conhecer, pra tentar trazer a pessoa pro grupo, pra criar um ciclo de amizade. E essa, pelo menos, eu acho que essa foi a intenção deles virem a minha procura. [...] Lembro da primeira pessoa que veio falar comigo. Na verdade ,eu não sei o nome dele. Sei que ele mora lá próximo. O apelido dele é De Menor. [...] Ele sentou, perguntou o meu nome. Perguntou se eu queria me juntar à galera dele pra beber. Eu já bebia na época... então... “- Ah... vamos lá. Vamos conhecer!”. Aí ele me levou até lá e eu conheci muitas outras pessoas. Era uma roda, e começamos a beber lá mesmo. (Digo, 21 anos).

Mesmo adotando o estilo “roqueiro underground” desde a adolescência, Digo (21 anos) ainda não estabelecia relações de sociabilidade com demais *roqueiros* nem com jovens que adotassem seu estilo, de modo que a sociabilidade juvenil na PV significou para o jovem o encontro com semelhantes.

A minha reação foi “-Cara!!! Onde é que eu tô?!?!”. Tipo... pessoas que curtem a mesma coisa que eu frequentar um local de muita gente!... Porque eu nunca tinha visto tanta gente. Tinha ido já a shows, shows de rock, mas um local onde a pessoas pudessem frequentar... eu ainda não tinha visto. A minha reação foi... tipo... Felicidade, e ao mesmo tempo eu fiquei um pouco apavorado, por causa da movimentação que era muito grande na época. Hoje em dia não, hoje em dia tem menos pessoas que estão frequentando, mas antes era muita gente, muita gente mesmo! (Digo, 21 anos).

O encontro com outros roqueiros e com jovens que adotam o estilo (visual) semelhante ao seu não fez com que Digo se integrasse, durante esses três anos, em nenhum grupo específico de *roqueiros*, nem mesmo restringisse suas amizades a jovens adeptos desse segmento, estando a transitar por diferentes grupos juvenis, ou “*turmas*”, “*galeras*”, como prefere denominar os modos de agrupamentos juvenis. Assim, o encontro com outros jovens com o mesmo estilo e gostos musicais parece assumir significativa importância, no entanto,

sem pretensões de uma sociabilidade restrita a um “*gueto dark*” (ou gueto do *rock*). Diferente de um show ou evento de rock, com durabilidade limitada, as praças seriam um espaço vivência e trocas contínuas de experiências e saberes sobre seu modo de vida. Suas identificações com o estilo musical e o seu visual seriam os únicos elementos definidores destas interações? O que, além do “*mundo do rock*” Digo encontraria nesses espaços?

Digo (21 anos) descreve o seguinte visual adotado nesse primeiro dia na PV do DM: vestido de preto e com uma capa também preta; o cabelo vermelho; não tinha tatuagens ainda e já usava *piercings* na sobrancelha, nariz, boca, língua, orelha, testículo e bochecha. Segundo ele, não sabia “*o tipo de gente que frequentava*”, somente que eram jovens que se reuniam para “*curtir*”. No período da pesquisa, continuava a usar exclusivamente vestes pretas e botas de coturno, e já possuía seis tatuagens.

Por convite dos demais jovens que conheceu no DM, Digo foi a PP no dia seguinte, de onde virou frequentador. O local já era conhecido pelo jovem quando por ali passava, sem que houvesse parado. Na primeira noite na PP, foi sozinho e chegou cedo, por volta das dezoito horas. Somente depois de mais de uma hora os jovens começavam a chegar.

O De Menor chegou e me chamou pra ir junto com a galera que tava com ele no DM no dia anterior. [...] Eu achei interessante. Achei bem mais interessante que o Dragão, porque eu vi que lá é uma praça comum e tinha muitas pessoas. Muitas pessoas interessantes visualmente. Muitas pessoas bonitas. [...] E eu acho que antes a galera tinha mais harmonia. Porque não tinha discussões, brigas, intrigas, entre os próprios amigos. Só. (Digo, 21 anos).

Assim como ocorreu com outros jovens, além do encontro com outros roqueiros e jovens de estilos diversificados, a sociabilidade no DM e na PP proporcionou a ele o encontro com a vivência de expressões da homossexualidade em público.

Foi a primeira vez que eu vi dois homossexuais se beijando. [...] Vamos dizer que antes eu era um pouco preconceituoso contra isso. Eu tinha preconceito, mas... de primeira vista, assim, eu achei bárbaro, tipo assim, um local público, as pessoas fazendo isso. Eu achava que aquilo nunca iria acontecer. Não lá! E eu vi lá! Dois homossexuais se beijando. Dois meninos. (Digo, 21 anos).

O garoto que nunca havia pensado na possibilidade de vir a ter uma relação afetivo/sexual com outro homem, foi tomado por um sentimento que descreve como “angústia”.

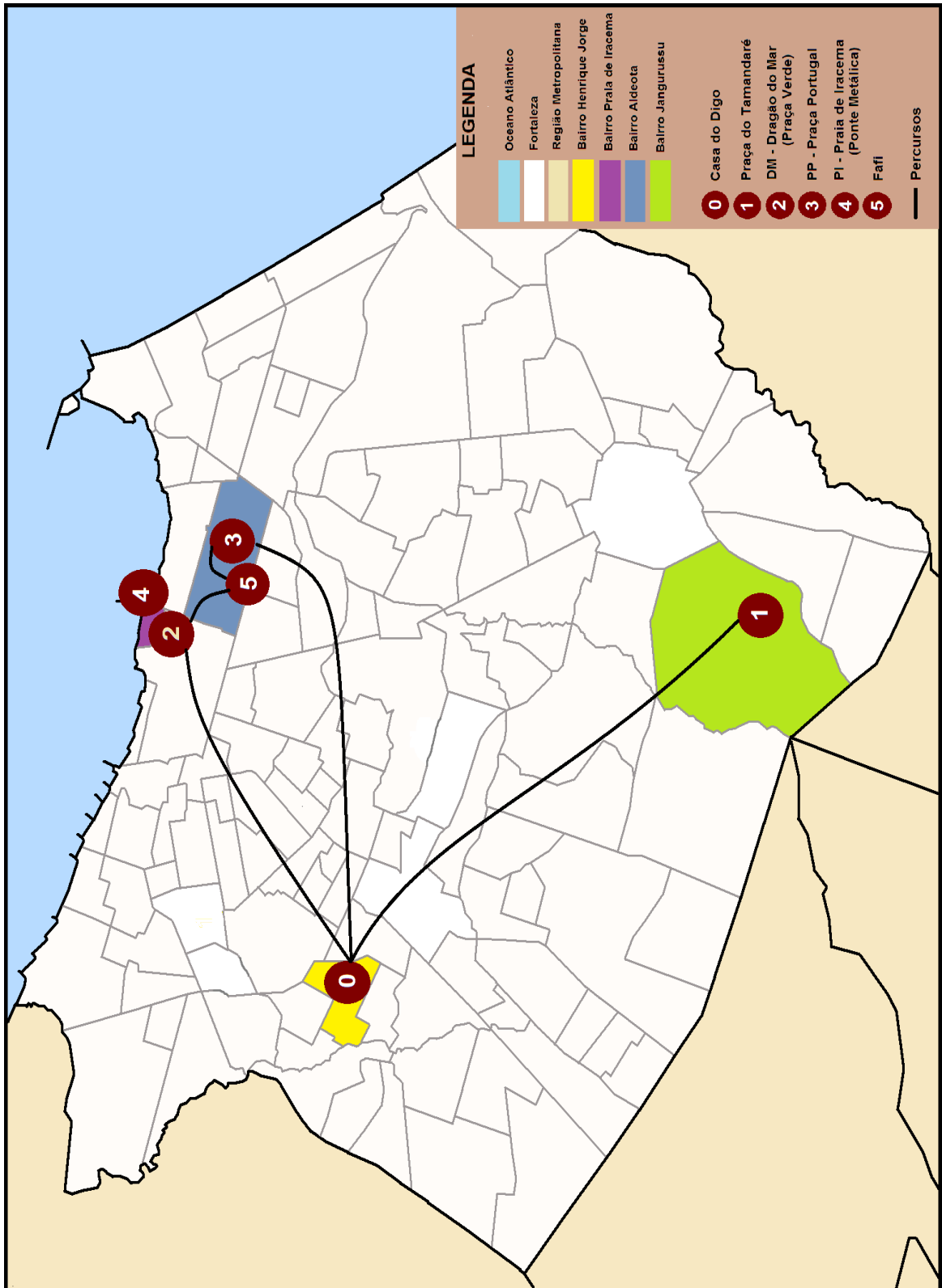
Vamos dizer que... foi um sentimento meio que... é... angustiado, de ver aquela situação num local público mesmo. Porque lá (no DM) tinha “*pessoas normais*”. Tinha crianças e tudo e eles estavam fazendo aquilo num local impróprio! Pelo menos era o que eu achava que era. (Digo, 21 anos).

Digo continuou frequentando o DM e a PP, fazendo, solitário, o percurso do bairro de morada às praças. Somente lá se junta “*com a galera, né!*”. Nas noites de sextas-feiras, costuma ir a boate, ao Fafi, também no bairro Aldeota. Além desses locais, o *roqueiro underground* encontra os amigos, casualmente, em alguns terminais de ônibus, onde conversam um pouco, ou quando o visitam no trabalho.

Durante a conversa que tivemos, o então estudante de pedagogia que havia trancado o curso no segundo semestre revela que curte música pesada como o *rock satânico*, o *rock underground* e metálico há muito tempo e que, desde criança, segundo sua mãe, prefere vestir-se com cores escuras. Digo (21 anos) se difere dos demais jovens desse grupo de referência, especialmente, pelo empreendimento de uma marcação corporal que apresenta indícios de um processo próximo aos de um “*projeto identitário*” para o qual, no caso de Digo, tatuagens, *piercings*, indumentária e maquiagem elaboram um corpo, uma estética, que anuncia e carrega uma diferença, um “eu” próprio, uma singularidade por meio de um “*projeto corporal*”⁸¹ em “*uma versão mais radicalizada*” quando comparada aos demais que empreendem marcadores mais flexíveis, sem conotações determinantes ao próprio corpo. “*Eu gosto de entrar em um ônibus e ver que as pessoas estão me olhando. Eu sempre gostei de ser diferente*”. Segue, na figura 15, o mapa sócio-afetivo dos percursos do jovem Digo (21 anos).

⁸¹ A noção de “projeto corporal” como meio para a expressividade juvenil de um “projeto identitário” é utilizada por Ferreira (2008) por entender que “para além do projeto estético, o corpo extensivamente marcado corresponde a uma imagem corporal intencional e reflexivamente construída pelos jovens que a produzem, altamente investida de significados identitários” (FERREIRA, 2008, p. 119).

Figura 15 – Mapa sócio-afetivo dos Percursos Juvenis de Digo



Para Ferreira (2008, p. 257),

[...] a dignidade do usuário de um corpo extensivamente marcado passa por ver sua diferença pessoal afirmada e reconhecida na esfera pública, onde supõe ser apreciado pela sua diferença radical, ser reconhecido na sua distintividade pessoal, exigindo simultaneamente igual tratamento social.

O roqueiro, que nas praças desfila sua singularidade entre estilosos e não-estilosos, descobriu que além do “*universo dark do rock*” havia outra dimensão do seu “eu” a ser explorada, a sexualidade, e aos dezenove anos passou a ter relações afetivo/sexuais também com garotos. Para ele, “*não há diferença entre ficar com uma mulher ou um homem, nem no beijo e nem no sexo*”. Se seu visual (a estética corporal) já anunciava uma diferença frente à estética convencional, no âmbito das praças, onde “*darks*” e “*coloridos*” pareciam postar-se como marcadores de diferenciações juvenis, Digo (21 anos) seria, pois, o entreposto, o que transita pelos polos determinantes de diferenças encoradas por marcadores simbólicos de estilos e sexualidades. Outra forma de colocar-se nessa fronteira seria a demarcação corporal inversa a de Digo (21 anos). A adoção do não estilo e a circulação pelos campos supostamente opostos, “*darks*” e “*coloridos*”, empreendidos pelo jovem De Menor (23 anos).

3.2.7 De “*panelinha*” em “*panelinha*”, o “*Dono da Praça*”: O Jovem De Menor

Para os demais jovens, matar aula no DM poderia ser um programa novo, mas para De Menor, é um hábito antigo. Gustavo, aos 23 anos, cursa o segundo ano do Ensino Médio e é conhecido entre os jovens do DM e da PP como “De Menor”, apelido recebido dos colegas de uma “*galera veterana*”, composta por *punks* e *roqueiros*, que frequentava o DM no início dos anos 2000. O apelido faz referência a então pouca idade, 11 anos, sendo, portanto, o mais jovem membro do grupo.

PP. A praça está mais barulhenta por conta da mesa de som da exotica que hoje está em frente ao pequeno palco da praça. (chamo de palco um tablado quadrado de aproximadamente ½ por 3 metros e com uma elevação de 15 centímetros – o palco fica próximo a alguns bancos). Há uma mesa de som e um jogo de iluminação simulando um clima de boate. [...] No som da exotica toca música estilo *street dance*. Somente os meninos adeptos a dança de rua (não tenho certeza do nome desse tipo de dança... nem sei na verdade se é dança de rua) dançam no palco. São garotos mais masculinizados (aparentemente héteros). Estão vestidos no estilo hip-hop, ou parecidos. Os garotos mais efeminados não dançam no palco, não demonstram empolgação

com a música que toca. Um dos garotos que dançava no palco se aproximou de mim e Roberto. Estava muito suado. Pediu fogo para acender um cigarro. Então começou a conversar, mesmo sem termos feito nenhuma pergunta: “-*Eu só ando em lugar GLS*”, disse ele. “-*Desde sexta que tô no mundo.*” [...] “-*Você me conhece?*”, perguntou, apresentando-se sem esperar a resposta: “*De Menor. Aqui todo mundo me conhece. Todo mundo sabe quem eu sou.*”, falou com orgulho. (Diário de Campo, 18 de setembro de 2011).

O jovem que acabara de conhecer afirmando sua popularidade entre os demais é morador do bairro Cristo Redentor⁸² e costuma “*matar aula*” para encontrar com outros jovens no DM durante a semana. Os encontros vespertinos, quando não são previamente programados, ficam à mercê do acaso. Mesmo que em grupos pequenos, conversar, ouvir música nos celulares, beber vinho e “*ficar*” na PV do DM parece aos jovens um programa mais atrativo do que estar em casa ou na escola. Geralmente, as “*turmas*” que se encontram durante a semana entre 14 e 18 horas são compostas por jovens de estilos variados, explica De Menor. Ao encontrá-lo em uma tarde de quarta-feira no DM na última semana do mês de janeiro de 2012, estava acompanhado de outros sete jovens, moradores dos bairros Canindezinho, Mucuripe, Praia do Futuro e Jacarecanga. Nesse grupo havia dançarino de *free step*, *otaku*, *roqueiro* e De Menor, que não se identifica com estilo algum.

Os longos doze anos frequentando o DM o faz falar das “*galeras novas*” e “*galeras veteranas*”, o que nos leva a crer na existência de um movimento de renovação constante de jovens nesses espaços. Sua “*galera veterana*” era composta por cerca de 25 a 30 jovens *punks* e *roqueiros* de variados bairros da Cidade que, nos início dos anos 2000, frequentava o DM, especialmente, nas tardes de segundas-feiras e sábados.

Começava à tarde, uma e meia da tarde, e ia até quando desse vontade da gente ir pra casa. Aí eu comecei a ficar conhecido por causa desse apelido “*De Menor*”. Quem botou o apelido foi o Jackson, porque só tinha eu na faixa de menores de idade ali, porque os outros tinham uns 20 e poucos anos e eu era o menor. (De Menor, 23 anos).

Alguns integrantes dessa “*galera*” já frequentavam a PP, o que deixou o jovem curioso. “A galera só falando dessa praça e tal e eu queria saber. E eu: “-*Não! Eu vou pra essa praça!*””. No dia combinado de levá-lo à PP, os amigos o esqueceram no DM, o que fez com que De Menor (23 anos) a encontrasse sozinho:

⁸² Localizado na SER I, o Cristo Redentor é um dos bairros da região conhecida popularmente como “Pirambu”. Apesar de situado na orla marítima, a região aglomera grandes favelas e áreas de risco em Fortaleza.

Aí eu “-Cara! Vou descobrir essa praça sozinho”. Ai eu fui direto no calçadão da Beira Mar. Fui direto e pedi uma informação a uma mulher que estava vendendo camisa: “-Ei! Onde é que fica a Praça Portugal?” Ai ela mostrou: “-Você vai direto aqui, pega essa rua aqui, (era até uma que tem um restaurante, eu esqueci o nome), e vai direto. Subindo, subindo, encontrei a praça lá, bem grandona”. Ai quando eu cheguei a galera: “-Olha o De Menor!”. Ai pronto, eu fiquei famoso na praça lá todinha, cheguei brinquei com a galera. Fiz enxame lá. Ai comecei a frequentar. (De Menor, 23 anos).

A “galera veterana” já não existe, mas ele continua a ir ao DM durante as tardes: “É assim. Eu chego e fico sozinho, aí aparece um conhecido, conversava, aí chegava outro: “-Ei vamos beber alguma coisa?”. Pronto! Toda semana eu tô aqui”. Diferente desse movimento calmo, o ritmo nos finais de semana de De Menor (23 anos) na PP e no DM é bem mais agitado. É quando o jovem, que já participou de grupos específicos, costuma transitar entre as diversas “panelinhas” das praças, de modo que possa ser “conhecido por todos”.

É porque eu sou assim: eu vou por cada turminha, cada panelinha né, como dizem. Tipo assim, tem a turminha do gótico, tem uma turminha red metal, tem a turminha dos *punks*, entendeu? É aquelas panelinhas diferentes, por exemplo, os cara do gótico me chamam pra tomar vinho; os cara me chamam pra ir pra serra, ai já é outra programação; ai já tem outra turma, “-Ei, vamo pro cinema?!”, “-Vamo beber lá na casa de uma amiga nossa?!”, ai já é outra programação. Os cara é... “-Vamo ficar fazendo nada ali no calçadão.”, ai já é outra programação. (De Menor, 23 anos).

Assim, de “panelinha” em “panelinha”, é conhecido por alguns jovens da PP como “o dono da praça”. Atribui a sua popularidade ao modo como interage com os demais:

Eu venho três horas da tarde. Eu pego a topic 11 ou então o “Grande Circular II”. A primeira coisa quando eu chego, a galera fala: “-O De menor!” Ai tenho que falar com todo mundo. Ai vou falando, abraçando. A galera me abraça. As meninas veem, me agarra e me chama pra beber e me chama pra fazer um monte de coisa. Converso com todo mundo. Converso com um, brinco com outro. É assim! [...] Quando eu ando, tem gente que passa nos ônibus: “-Olha o De Menor!... Amigo de fulano. Ele fala é muito dele”. É porque eu sou assim, divertido, tipo, se eu ver um grupinho ali, que eu não conheço, que eu nunca falei, vou lá, faço amizade. Faço a galera rir. Faço eles se enturmar com a galera. Quem não conhece, eu apresento! Ai eles vão pegando amizade, vai crescendo as amizades. (De Menor, 23 anos).

Essa dinâmica de transitar entre grupos pôde ser percebida com maior nitidez na sociabilidade da PP, em virtude do formato e tamanho da praça. Por diversas vezes, observei

o jovem perfazendo o círculo da praça e conversando com diversos jovens, independente do estilo, da orientação sexual e dos grupos aos quais pertenciam.

Durante algum tempo, que não consegue exatamente identificar, frequentou as noites de sextas-feiras na Praça da Gentilândia⁸³, no bairro Benfica e, também, a PN. No entanto, diferencia a relação com essas praças do sentimento de familiaridade (pertencimento) que estabelece com o DM e a PP:

Quando eu chego aqui no Dragão, respiro bem forte e digo: “-*Tô em casa*”. Na PP também. Na Gentilândia, dizia: “-*Tô mais ou menos (rsrsrs)*”, porque lá era uma das praças que eu pouco me aproximei. Eu tava lá, mas não como aqui no DM (De Menor, 23 anos).

O itinerário de casa às praças costuma ser solitário, na certeza de, no ponto de chegada, encontrar os amigos. Para ele, a sociabilidade nas praças, além do encontro com outros jovens e da possibilidade de ampliar o leque de amizades, está relacionada à vida familiar e à liberdade de expressão, pois vai às praças para

Ver a galera, se encontrar com a galera, fazer alguma coisa. É, um canto que eu me sinto bem. Eu me sinto bem mais aqui do que dentro da minha casa mesmo. Lá em casa eu me sinto incomodado, sem liberdade de expressão. E aqui eu tenho de muito, eu me sinto como se eu fosse um presidente do Brasil, mas sendo o presidente do meu mundo. (De Menor, 23 anos) (grifos meus).

Esse sentimento de liberdade parece estar relacionado tanto a práticas proibidas no âmbito familiar quanto à vivência cotidiana entre jovens. As praças seriam espaços de sociabilidade do cotidiano.

A gente conversa sobre as comédias que acontecem. Tipo, se rolar alguma coisa sábado, aí no domingo, na PP, a gente conversa: “-*Ah! A gente viu isso! Um cara levou isso, um murro aqui...*” [...] “-*Ah! Um amigo nosso provocou, passou mal, queria brigar com num sei quem*”. Essas coisas. (De Menor, 23 anos).

⁸³ Em meados dos anos 2000, a Praça da Gentilândia, localizada no bairro Benfica, foi durante as noites de sextas-feiras espaço de sociabilidade juvenil, especialmente, de jovens LGBT. Essa interação foi marcada por conflitos entre os jovens ocupantes da praça e os moradores do bairro, como também por ações de violência (roubos, arrastões) protagonizadas, possivelmente, por “gangs” de jovens moradores da região. Esses conflitos tiveram repercussão na imprensa local em jornais escritos e televisivos, que davam ênfase ao uso de bebidas e drogas por jovens de menoridade e às manifestações da homossexualidade em espaço pública.

Além das práticas ilícitas como “*beber, fumar, usar droga, tipo maconha*”, as relações afetivo/sexuais também assumem grande importância. Ir às praças está estritamente relacionado a “ficar com as meninas, ou as meninas, a ficar com os meninos, livre pra fazer tudo. Tipo, eu sou hétero, vou lá pra curtir com a galera e ir atrás de ficar com as garotas. Eu fico com uma porrada!”. (De Menor, 23 anos).

Sobre sua orientação sexual, sem que fosse preciso perguntar, o jovem, que se afirma heterossexual fala, aparentemente, sem nenhum constrangimento, de uma única experiência sexual com outro homem, a qual afirma não ter interesse em repetir, mas preferiu não entrar em detalhes.

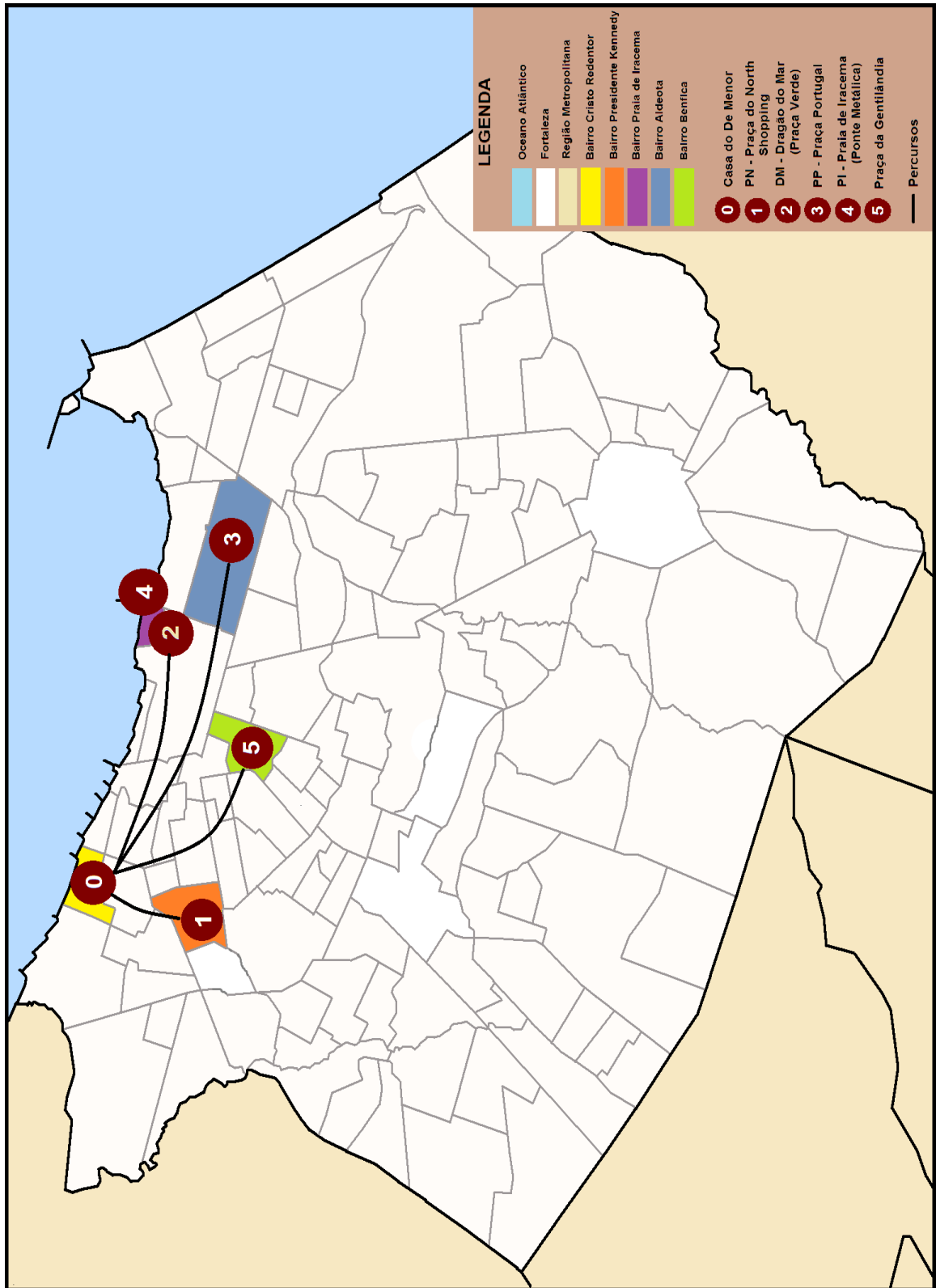
O cotidiano nas praças e a disponibilidade para fazer amizades parecem despertar em De Menor (23 anos) um sentimento de pertença aos espaços, aliado a uma sensação de segurança. Estar entre amigos seria para ele a garantia de estar seguro.

Ali é um ponto que eles (os jovens) vêem que tem amigos ao redor, que se sentem bem, perto uns dos outros, se sentem mais seguros porque estão com os amigos, né? Tipo, ele vai na confiança, tipo, se acontecer alguma coisa com ele, ele vai tá seguro porque vai ter alguém pra acolher, por exemplo, se ele tiver embriagado. (De Menor, 23 anos).

Ele foi enfático quando lhe questionei sobre o que mais gostava nas praças: “*A amizade da galera. A presença da galera. Eu dou o maior valor a tudim daqui*” (De Menor, 23 anos).

Na figura 16, o mapa faz as demarcações dos percursos e circuitos do jovem em suas perambulações pela Cidade, nas quais, somente algumas vezes, vai acompanhado com outros jovens moradores do bairro.

Figura 16 – Mapa sócio-afetivo dos Percursos Juvenis do jovem De Menor



3.2.8 Sem Medo do Demônio: O Jovem Ângelo

Equilibrando-se nas tiras do slackline⁸⁴, dançando ou jogando videogame. Entre uma roda de conversa e/ou bebida e outra, era assim que geralmente encontrava o jovem de cabelos pretos, ondulados e soltos sobre os olhos. Circulava a praça calçando chinelo ou descalço e vestido apenas com um short xadrez ou calça jeans, a exibir o tronco esbelto nas noites da PP. Em dezembro, o boné cedeu lugar a um gorro de Papai Noel, em sintonia com a decoração da praça, que anunciava o nascimento de Cristo.

Se a PP é famosa entre parte da população por ganhar, anualmente, uma exuberante decoração natalina nos meses de novembro a janeiro, para Ângelo (19 anos), antes mesmo de compor esse cenário, a praça era descrita como lugar de “*coisas do demônio!*”.

Eu ouvia as pessoas dizendo que tinha muitas coisas! Mas eu não ia julgar. Por não conhecer, prefiro não ficar julgando as coisas, né? Diziam que tinha drogas, que tinha prostituição. Diziam que existiam coisas do demônio! (Ângelo, 19 anos).

Apesar do alerta sobre as possíveis perversões que poderia encontrar na PP, o jovem, sem medo do demônio, deixou-se levar pela curiosidade de conhecer a praça já frequentada por alguns amigos do bairro onde morava, a Aerolândia⁸⁵. Lá, cursa o terceiro ano do Ensino Médio em um Colégio próximo de onde mora com os pais.

Filho de zelador e de doméstica, o jovem não costuma frequentar o Polo da Aerolândia, localizado nas proximidades de sua casa, pois não pratica os esportes priorizados naquele espaço: o skate e o ciclismo. Seu espaço de lazer no bairro restringe-se ao campo de futebol, também próximo de casa. Os espaços de sociabilidade com os amigos também moradores da Aerolândia ocorrem no Colégio e não há espaços de encontros de grupos de jovens. Algumas raras vezes, costuma ir ao Jardim Japonês, na Avenida Beira Mar.

Como os demais jovens com quem conversei, Ângelo (19 anos) não fugiu à regra, e a frequência no DM e na PP foi estimulada por convites de amigos. O jovem, aos dezesseis anos, que dizia não estar fazendo nada em casa, aceitou ir com o vizinho ao lugar dos “demônios”.

⁸⁴ O *slackline* é um esporte que consiste em se equilibrar numa fita de nylon, estendida, a cerca de 1 metro do chão.

⁸⁵ Bairro situado nas proximidades do Aeroporto Pinto Martins e nas margens do Rio Cocó. Faz fronteira com o bairro Alto da Balança, conhecido pela população como Lagamar. A região apresenta altos índices de violência e segundo Ângelo (19 anos), local de moradia de vários pirangueiros. É atravessado pela BR 116, uma das vias de acesso à Cidade.

Eu achei assim... que o que a galera falava referente à Praça era muito exagero. Não achei naaaaada de mais! Existia... A principal coisa que eu via um pouco diferente era o negócio da bebida. Porque existem pessoas de menor bebendo, mas assim... Nada do que as pessoas falam! As pessoas bebem lá, mas depois não vão fazer nada de horrível! Não vão matar. Não vão usar drogas, entendeu? O pessoal bebe e em 10 minutos já está bom. Já vão pra casa, normal. Não é essa coisa horrível!, “*Coisas do demônio!!!*”, como o pessoal diz (Ângelo, 19 anos).

Seu ritual de inserção na PP também não foi diferente dos demais e rapidamente o jovem foi se identificando com a sociabilidade juvenil do espaço e criando uma corrente de amizade que iniciava pelos amigos do amigo. De acordo com seu relato (autodescrição), não poderia ser diferente:

Eu sou legal... Converso com todas as pessoas. Eu adoro ver pessoas... Tipo assim, ir a locais onde tem muita gente pra conversar, independente se a gente se conhece ou não... de chegar, bater um papo como se a gente se conhecesse há milhares de anos! Há muito tempo! Como se fosse amigos de infância. Por isso que eu ando muito na PP, por causa dessas coisas. Tem gente que eu nem conheço e de um dia por outro a gente já vira amigo assim... Do nada... A gente combina de se encontrar no domingo que vem e aí vem outra galera... Assim... E a gente conversa com mais outras pessoas. (Ângelo, 19 anos).

Desconstruía a imagem negativa da praça e dos jovens que dela se ocupam nas noites de domingo, Ângelo (19 anos) continuou visitando a PP, mesmo sabendo do estigma que sofreria em consequência dos encontros dominicais:

O pessoal que não conhecem as coisas... O pessoal ignorante, né? É porque existe assim um grupo de pessoas que... tipo assim... Roqueiro!!!... Aí tem pessoas que dizem que roqueiro é coisa do demônio... Entendeu? Tem uma menina na minha sala que diz que se eu vou pra PP, eu sou gay! Se eu tô na PP, eu sou do demônio! [...] Que eu sou gay... Essas coisas aí. (Ângelo, 19 anos).

Ângelo (19 anos), por não gostar de sair só de casa, vai a PP no ônibus “Siqueira/Papicu (Via Aeroporto)” junto com um amigo e vizinho, mas encontra outros pelo caminho ou na própria praça. Algumas vezes, convida os amigos do bairro para conhecer a PP e o ônibus é, também, para Ângelo, um espaço de encontro com outros jovens. Mesmo convivendo com “pirangueiros” na Aerolândia, deixou de frequentar o DM por conta da violência ocasionada pelos “*pirangueiros da PP*”. Para ele, ser pirangueiro é sinônimo de ladrão, mesmo assumindo ser amigo de vários pirangueiros na Aerolândia e a existência de pirangueiros de confiança. Na PP, foi constituindo amizades, de modo que se aproxima mais

de alguns que de outros. Mesmo estabelecendo relações de afetividade e amizade com uma “galera” (cinco jovens – todos homens) com quem mais se identifica, Ângelo (19 anos) não se limita a interagir somente com esses.

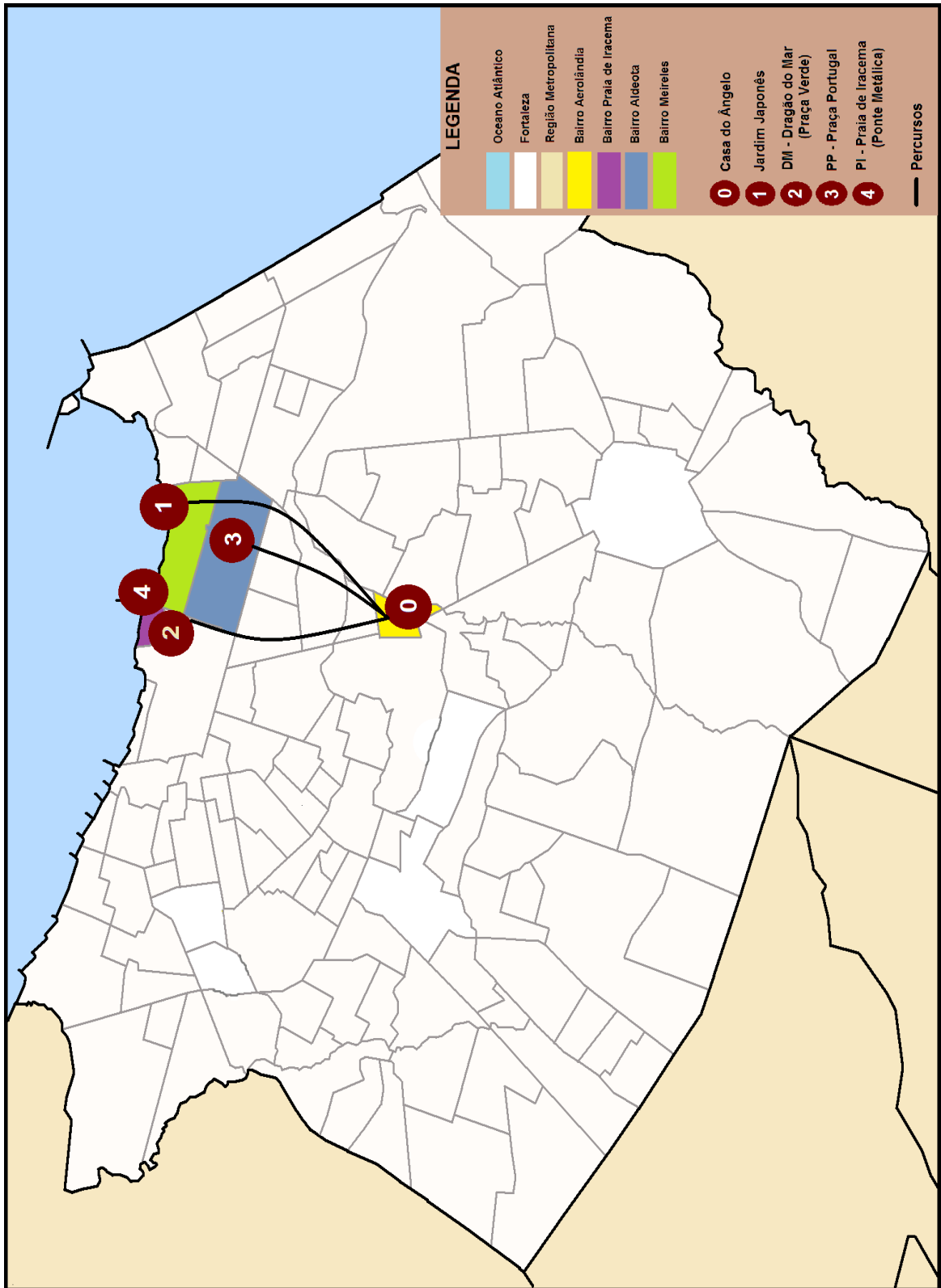
Os caras que eu tenho o maior valor de encontrar lá é o Chico, Orlaneudo, Ferreira, o Rocha, o Robson. É a galera com quem eu converso. A gente pode até se separar mas... Se separa, caça outro grupo pra conversar, porque se ficar só num canto... Naquele grupinho... É muito parado. A gente se separa, vai conversar com outras pessoas. Se mete nas conversas dos outros. Procura conversar com outras pessoas. (Ângelo, 19 anos).

Esse movimento de trânsito entre grupos juvenis faz com que Ângelo interaja com jovens de estilos diferentes: *otakus*, *roqueiros*, *punks*. Não adota nenhum estilo específico, podendo ser classificado de “*comum*” ou “*normal*”.

Na praça, entre garotos, afirma que as conversas giram em torno de três assuntos: mulher, videogame e música; e quando há garotas, “conversa sobre outras coisas. Uma piada, sei lá. O que vier na frente. A conversa vai rolando, aí a gente continua. Vai dando aquele bolo... Vai aumentando, aumentando” (Ângelo, 19 anos). No período em que conversamos, namorava com três garotas, apesar de vê-las muito pouco. Na PP não costuma “*ficar muito*”, pois para ele “beijar uma menina ali é o mesmo que beijar uns dez caras por tabela”.

Na página seguinte, trago, na figura 17, o mapa sócio-afetivo do jovem que transita pela Cidade sem medo do demônio.

Figura 17 – Mapa sócio-afetivo dos Percursos Juvenis de Ângelo



3.3 Cartografia de Circuitos Juvenis por Mapas Socioafetivos

Os mapas sócio-afetivos dos jovens “privilegiam a inserção na paisagem urbana por meio da etnografia dos espaços por onde circulam, onde estão seus pontos de encontro e ocasiões de conflito, e os parceiros com quem estabelecem relações de troca” (MAGNANI, 2005, p. 177). Desenham os circuitos dos jovens e, como veremos nos capítulos que seguem, a partir de identificações específicas motivadas por estilos e/ou sexualidade. Assim, o passeio pela cidade dos circuitos juvenis se faz nesses trânsitos por espaços/tempos distintos na mistura da cidade, da cidade que se mistura.

Os mapas sócio-afetivos de cada jovem revelam seus percursos a partir dos circuitos por onde transitam, por onde constroem, também, práticas afetivo/sexuais e vivenciam experiências e experimentações de sociabilidades juvenis (Ver Figura 18). Revelam também os referenciais juvenis determinantes da ocupação dos territórios da Cidade. Alguns específicos a determinados estilos e ou orientação sexual (a Galeria Pedro Jorge como espaço de interações de jovens roqueiros, ou o Bar do Feitosa para o encontro de jovens LGB, são bons exemplos), outros marcados pela mistura de ambos: a PP e o DM. Esses circuitos (do *rock*, do *free step*, dos *animes*), que ora se separam e ora se encontram (ou “misturam” como preferem os jovens), nos informam que as sociabilidades juvenis (os grupos, as tribos, as “turmas”, as “galeras”) não se afirmam como campos segregados, como guetos, nem por dinâmicas homogeneizadoras de espaços da Cidade. Apesar de o interesse central situar-se no estudo das práticas sob “misturas” juvenis, entendo que para compreendê-las se faz necessário olhar também para as dinâmicas de interações que têm identificações específicas como referenciais para a vivência de afetividades e sexualidade.

Os trânsitos juvenis pela Cidade, em deslocamentos territoriais entre bairro de morada e espaços de interações, especialmente as praças, vão revelando dimensões essenciais à compreensão das dinâmicas de interações entre modos de vida e sexualidades. Revelam também a Cidade que se mostra por meio do olhar dos jovens em trânsitos na Fortaleza contemporânea.

Aos poucos, a observação das interações juvenis e as conversas informais, nos degraus da PV do DM ou nos bancos e gramados da PP, iam me aproximando de questões importantes para a compreensão de seus percursos pela Cidade. A dimensão demográfica dos percursos juvenis ia se revelando e logo descobri que se tratava de moradores de bairros periféricos de Fortaleza: Antônio Bezerra, Jangurussu, Montese, Pirambu, José Walter, Bom Jardim etc., conforme mostra a Figura 19. Os circuitos pelas praças e demais espaços são

tomados pela dimensão do lazer, da festa, do hedonismo, em paralelo e, também em oposição, à vida familiar, à vida no bairro de morada. Longe dos espaços e da vida cotidiana (família, escola, igreja) e de seus códigos de conduta, a liberdade, o “estar livre” é o sentimento que mobiliza os jovens à vivência e experimentações, por vezes, não aceitáveis nos demais espaços da vida juvenil. Assim, são circuitos elaborados sob uma perspectiva do encontro com “o novo” onde práticas e saberes sobre a Cidade e a vida são tomadas por outras lentes. Esse movimento para a Cidade desconhecida

Atrelada a isso, a Fortaleza que se estratifica, tendo a classe social como referência para ocupação territorial, se mostra nos constrangimentos de alguns jovens ao serem interpelados sobre o bairro de morada. Por vezes, em conversas informais, utilizavam referências regionais na tentativa de negar tal informação: “*moro próximo da PN*”, “*moro próximo do terminal de Antônio Bezerra*”, ou se valia de bairro menos estigmatizados das proximidades de suas moradas, como foi o caso dos jovens residentes do Jangurussu, que afirmavam serem moradores do bairro Messejana. Entre morar no Jangurussu e morar em Messejana, parecia para eles um diferencial significativo sobre o *status* social e, em alguma medida, mesmo entre outros moradores bairros também periféricos e estigmatizados, essas táticas faziam parte do jogo de informações trocadas entre pares⁸⁶.

Em 22 de janeiro de 2012, realizei na Praça Portugal um levantamento mapeando os bairros onde moravam oitenta e três jovens presentes, assim como os identificando pelo gênero biológico (Ver figura 20)⁸⁷.

⁸⁶ Tomando o Índice de Desenvolvimento Humano Municipal em Fortaleza (IDHM – 2007) como um dos indicadores de qualidade de vida, observa-se uma grande discrepância entre bairros onde moram os jovens desta pesquisa e aqueles onde estão situados seus espaços de interações. Enquanto o bairro Aldeota está no topo da qualidade de vida, com índices entre 0,736 – 0,916, bairros, como Cristo Redentor, Barra do Ceará, Bom Jardim, Serrinha, Jangurussu, Paupina, entre outros, ocupam o outro extremo do IDHM oscilando entre 0,338 e 0,446 (PMF – Laboratório de Estudos de População – LEPOP IDHM de Fortaleza 2007 – Fonte: Atlas de Fortaleza 2000). O mesmo pode ser observado nos dados do censo 2000 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, quanto aos rendimentos dos responsáveis por domicílio em Fortaleza, os quais na Aldeota, oscilam entre 3.088 – 25.387 e em bairros como Cristo Redentor, Barra do Ceará, Bom Jardim, Serrinha, Jangurussu, Paupina, entre 0 e 3.087 (IDHM DE Fortaleza 2007 – Fonte: Atlas de Fortaleza 2000).

⁸⁷ Hoje, vim pra PP às 19hs. Há poucos jovens, cerca de duzentos. No caminho encontrei Ângelo. Estava na parada de ônibus. Ofereci carona e ele aceitou. Ele veio me falando que a galera vai toda para o SANA que vai ocorrer no fim de semana que vem. [...] Quando cheguei à PP havia poucos jovens. [...] Logo percebi que o assunto da noite era o SANA, então resolvi, de improviso, aproveitar o interesse dos jovens pelo SANA a favor da pesquisa. Uma coisa que havia pensado durante a elaboração dos mapas dos entrevistados era a possibilidade de fazer um levantamento, em uma noite, na PP ou no DM, dos locais (bairros) e onde moram os jovens. Aproveitei o interesse deles pelo SANA para colher essa informação. Para isso, sabia que necessitaria de ajuda de jovens com boa articulação na PP e que já soubessem da pesquisa. O Tchuco (18 anos) estava dentro desse perfil. Combinei com Tchuco (18 anos) que ele divulgaria entre os jovens que estavam na PP que haveria um sorteio de duas entradas do SANA. Enquanto isso, eu preparava a relação numérica em 02 folhas (havia levado um caderno no carro e algumas canetas). Para participar do sorteio das entradas, os jovens colocavam o nome na lista e ao lado, o bairro onde moravam. Os jovens ficaram eufóricos e Tchuco (18 anos) logo organizou 02 filas. Alguns perguntaram o porquê de eu estar sorteando as entradas do SANA. Explicava que estava fazendo uma

A figura 19 aponta para a existência de pontos de convergência de jovens de diferentes localidades. Em sua maioria, jovens moradores de bairros populares onde os habitantes convivem com dificuldades de espaços públicos de diversão e lazer. A precariedade dos espaços públicos pôde ser observada quando acompanhei o cotidiano dos jovens do Jangurussu e seus encontros na Praça do Tamandaré. Um outro elemento preponderante é o desejo, ou a fascinação juvenil pela aventura em descobrir, ou conhecer o novo, o outro: outra cidade, outros jovens. Essas mobilidades demográficas pela Cidade dialogam, também, com questões subjetivas em dimensões socioafetivas juvenis, onde os trânsitos são movidos por desejos que percorrem o campo das afetividades e das sexualidades e da ânsia por uma liberdade proporcionada nesses espaços/tempos juvenis. A amizade e as relações afetivo/sexuais tomam proporções de motivadores dos trânsitos que fazem dos jovens sujeitos descobridores de novas facetas da cidade e de novos modos de vida juvenil a partir da ressignificação de territórios urbanos.

A figura 20 confirma minhas observações do campo, de que os trânsitos juvenis pela Cidade estão permeados por assimetrias de gênero. A priori, o maior quantitativo de jovens garotos nas praças (especialmente na PP) induzia-me a inferir que para os garotos, o trânsito se faz com maior permissividade dos pais. Ao adentrar as dinâmicas de sociabilidades nas praças, essa assimetria se vê novamente demarcada, especialmente quando tratamos da sexualidade. Para as garotas, muitas vezes, esse trânsito é feito clandestinamente, assim como o empreendimento estético e performático dos estilos juvenis que se limitam à experiência da praça.

Os estudos de Pais (2010) sobre a vida cotidiana no contexto urbano com um recorte para as representações sociais no campo da sexualidade e as experiências juvenis trazem o cotidiano como categoria de análise para o entendimento de mecanismos sociais articuladores da vida juvenil na cena urbana e suas representações sócio/sexuais. O cotidiano é entendido como:

pesquisa e queria saber de onde eles vinham, onde moravam. Pedi, também, à Ana e a Hirley que circulassem na praça colhendo a participação dos jovens no sorteio. Depois de uma hora, 83 jovens estavam inscritos no sorteio. O sorteio foi realizado e repassei o dinheiro referente às entradas aos jovens sorteados (Diário de Campo, 22 de Janeiro de 2012).

Figura 18 – Territórios de Interações Juvenis em Fortaleza

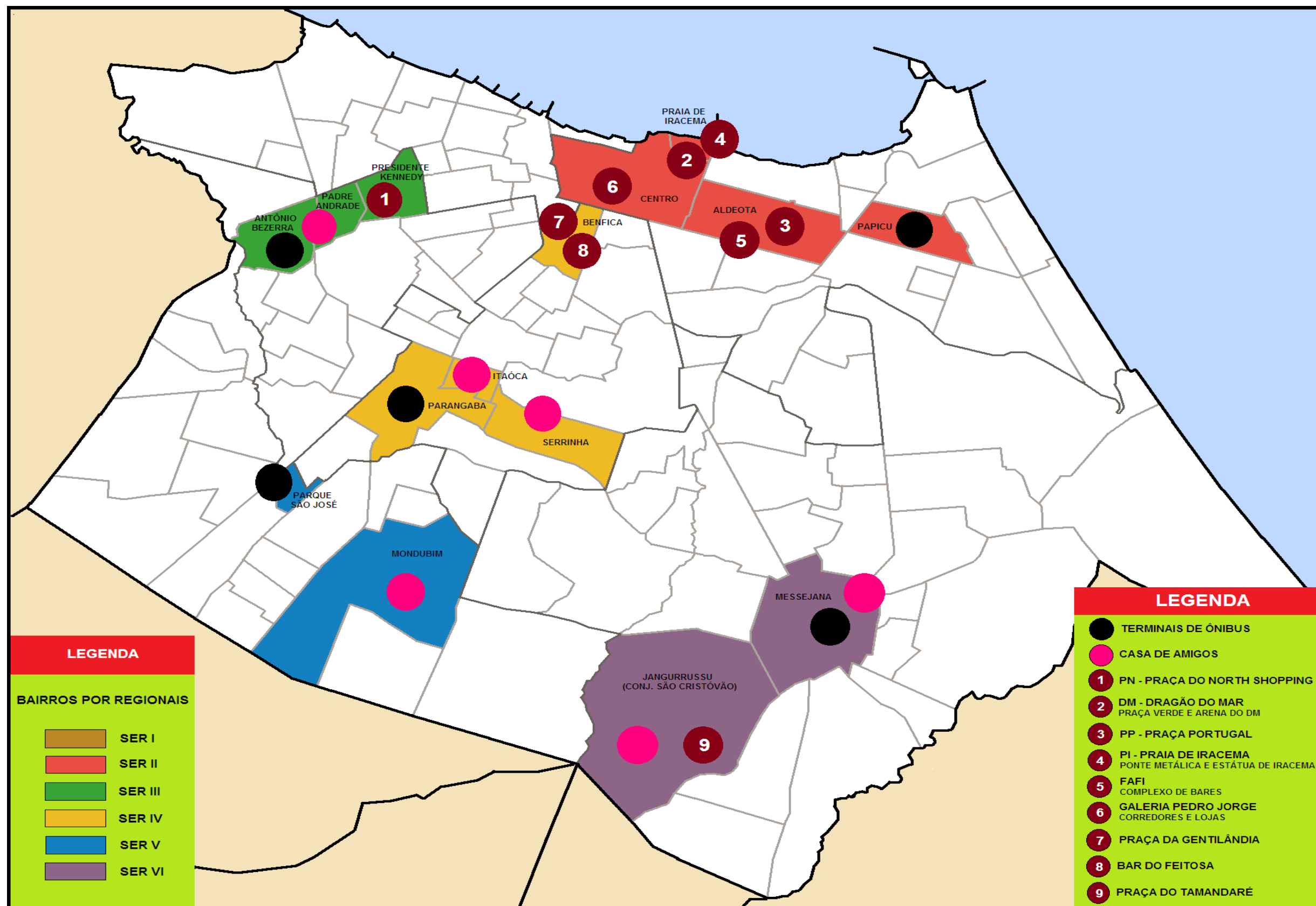


Figura 19 – Bairros e cidades metropolitanas* onde moram os jovens pesquisados

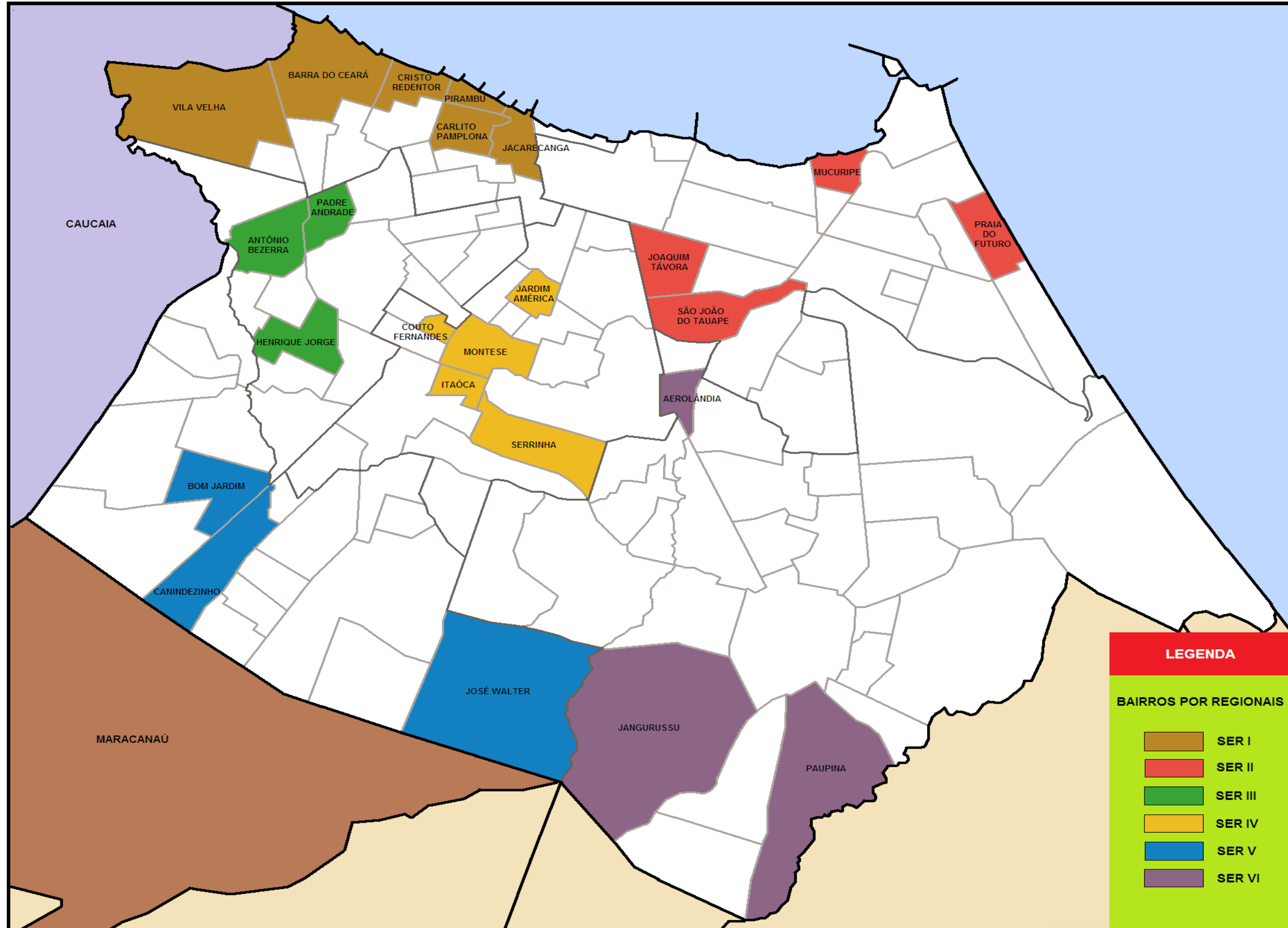
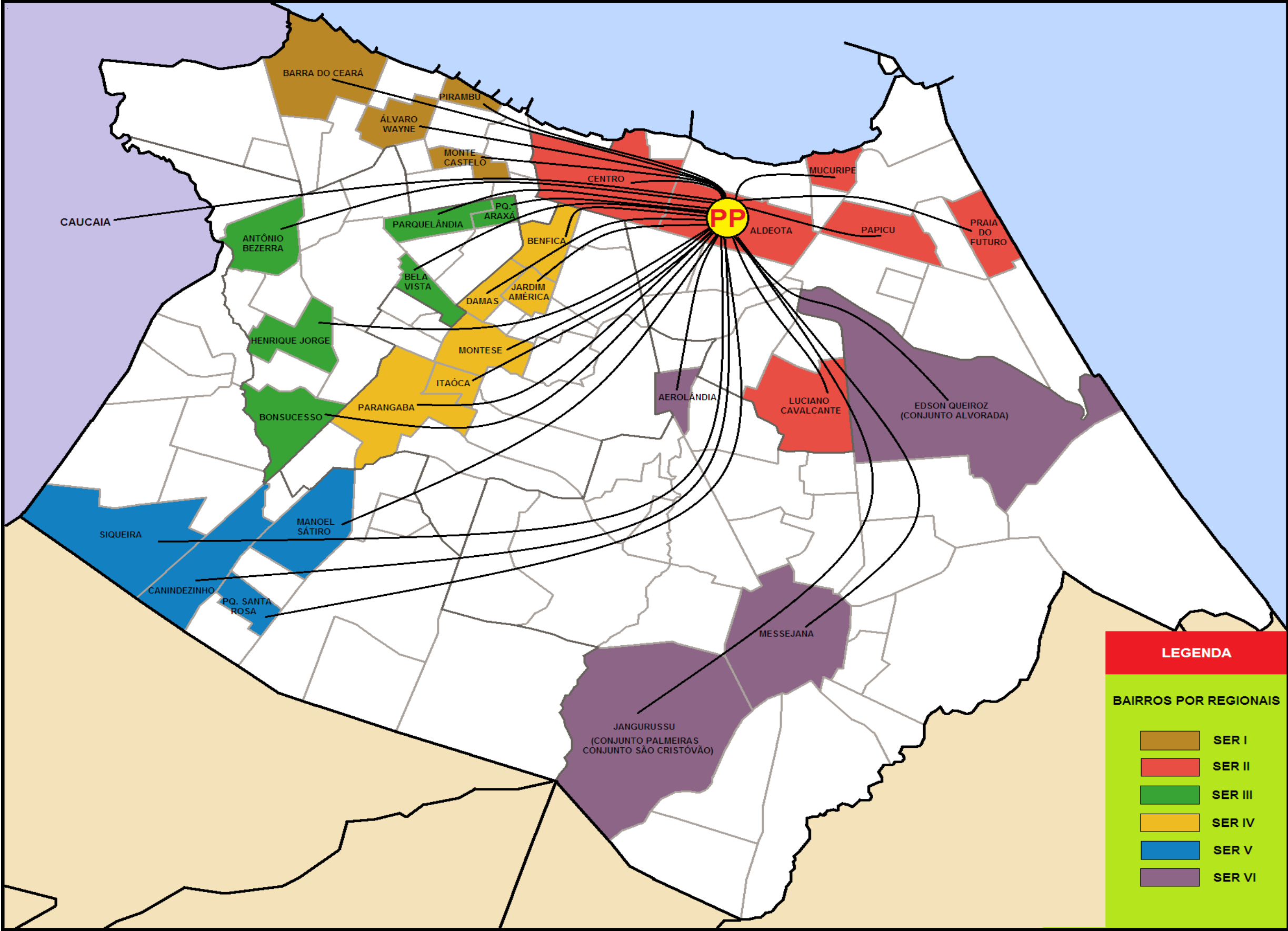


Figura 20 – Mapa dos bairros onde moram jovens frequentadores da Praça Portugal



o que se passa todos os dias: no cotidiano nada se passa que fuja a ordem da rotina, da monotonia. Então o cotidiano seria o que no dia-a-dia se passa quando nada parece passar [...] uma rota de conhecimento. Quer isto dizer que o cotidiano não é uma parcela isolável do social (PAIS, 2003b, p. 30-31)

O olhar sociológico do autor sobre a cotidianidade urbana – tomando como referência o que chama de “uma temporalidade de longa duração” – busca captar diversas e novas configurações adquiridas pelas cidades modernas. No intuito de justificar o estudo da cidade a partir da “sociologia da vida cotidiana”, Pais (2010) argumenta ser possível uma leitura das cidades através de algumas banalidades de seu cotidiano. Para ele, “a essência da cotidianidade constitui-se a partir de tudo o que se dá por suposto, mas cujo significado excede a realidade suposta. Daí a razão de ser de uma sociologia da vida cotidiana” (PAIS, 2010, p. 44).

Esse olhar sobre o significado do cotidiano capta no cenário urbano as representações sociais e, entre elas, aquelas sobre a sexualidade e masculinidade⁸³. Convencido da supremacia sensorial da imagem, do “dar nas vistas”, Pais observa que muitos dos nossos comportamentos cotidianos encontram-se subordinados ao poder da vista em contraponto com o anonimato que caracteriza o viver urbano.

A excentricidade de muitos transeuntes da cidade – em particular os jovens – é prova de que há um claro propósito em “dar nas vistas”. A visão é o sentido de reciprocidade mais imediata. É através da imagem que se geram os mecanismos mais inconscientes de identificação. Essa realidade não pode passar despercebida aos cientistas sociais (PAIS, 2010, p. 33).

O autor observa que os trânsitos urbanos, os movimentos da cidade e seus mecanismos visuais de comunicação, estão repletos por “retóricas que libertam imaginários, reproduzem estereótipos, reafirmam códigos de conduta” (PAIS, 2010, p. 46), inclusive aqueles relacionados à sexualidade, às questões de gênero e à afirmação da masculinidade hegemônica. Como exemplo, menciona os imaginários sociais difundidos nas mensagens de circulação rodoviária das grandes cidades, onde se destacam as representações estereotipadas da masculinidade em uma relação de conflito da sexualidade com a realização dos desejos.

Em muitos autocolantes a sexualidade fiscaliza e confisca os segredos do desejo e vice-versa. O desejo aparece reduzido a uma necessidade classificada, estereotipada, provavelmente satisfeita enquanto tal. Ou, se quisermos, os imaginários sociais repousam em representações reveladoras

⁸³ Retomo essa questão no Capítulo 5 – *O “Sexo” dos Anjos* – ao aprofundar as reflexões sobre experiências de gênero e sexualidades vividas pelos jovens sujeitos desta pesquisa.

de desejo. [...] O que alimenta o desejo é a força do imaginário. Daí podermos falar de uma quotidianidade que não impede o imaginário onde o desejo aparece como objeto de simulação. [...] Alguns autocolantes cumprem essa função ao suscitarem a sobrevivência quotidiana do imaginário, independentemente das condições reais de satisfação dos desejos. O importante é que o desejo subsista ainda que de forma fictícia. O mesmo se pode dizer da masculinidade que, aliás, recorre a qualquer subterfúgio para se afirmar. (PAIS, 2010, p. 44 - 45).

Esse empreendimento visual de redução, ou classificação, do desejo e de afirmação da masculinidade hegemônica, observado por Pais (2010) nos autocolantes urbanos, faz parte da construção social de afirmação da heterossexualidade compulsória⁸⁴ e das hierarquias sexuais pautadas no binarismo de gêneros e na orientação sexual. No entanto, as expressões da sexualidade, elaboradas pelos jovens em espaços públicos da Cidade, demonstram um rico potencial de ressignificação do desejo, em certa medida, subvertendo essa lógica e trazendo à cena urbana outras possibilidades de experiências afetivo/sexuais. Essas têm como demarcador temporal a imersão em uma outra cidade, aquela até então desconhecida, denominada, metaforicamente, nesse trabalho de “*cidade dos anjos*”.

Essas experiências da descoberta e da vida na “*cidade dos anjos*” são mobilizadas sob interações entre pares (jovem/jovem), mas permeadas por marcadores de identificações juvenis diversos, onde modos de vida e sexualidades juvenis se entrecruzam na elaboração de códigos de marcações estéticas e performáticas do corpo. Conforme podemos observar nos percursos juvenis apresentados, cada jovem, a partir da subjetividade de suas identificações e modos de vida, conduzem seus percursos por trilhas próprias e, mesmo que por lugares e espaços similares, elaboram itinerários singulares, por práticas e fazeres de acordo com as identificações que se processam com o caráter de descoberta e aproximação do desconhecido. É o desconhecido que lhes oferece a possibilidade da escolha, da experimentação, do cruzar de fronteiras, do rompimento com o instituído. É nele que paira o campo da mudança, de passar disso para aquilo, de ser ou estar isso e aquilo simultaneamente. É nele que mora a possibilidade de reconstruir-se ou encontrar-se, como preferem alguns.

O que Tittyz (16 anos), Hirley (19 anos), Ana (17 anos), De Menor (23 anos), Ângelo (19 anos), Digo (21 anos), Tchuco (18 anos) e Beto nos trazem são possibilidades múltiplas de imersão na cidade desconhecida, onde cada um, de maneira e por caminhos singulares, elabora leituras próprias da Cidade, da sexualidade e da vida. Seus percursos, dos

⁸⁴ Butler (2003) denomina de heteronormatividade compulsória o entendimento da heterossexualidade como possibilidade única para a vivência da sexualidade, de modo que se torna bastante difícil aos sujeitos compreenderem e reconhecerem a existência de outras possibilidades.

mais semelhantes aos mais diferentes, trazem similaridades que vão se diferenciando em matizes elaboradas por suas particularidades, escolhas e pelos significados que lhes atribuem.

Os mapas afetivo/sexuais têm em comum os espaços de sociabilidade entre pares, pois foram eles os referenciais que me levaram ao encontro com esses jovens. No entanto, na contramão do cartesianismo das instituições de formação da juventude, os espaços por eles ocupados - as praças - são tomados por uma multiplicidade de significados, pois são espaços de aglutinação de jovens que, na busca da originalidade, mobilizam-se e/ou experienciam (em meio a) diferentes modos de vida e sexualidades.

As questões de gênero e sexualidade, em fusão com uma diversidade de estilos juvenis, demarcam modos de vidas específicos (gostos, práticas) e são negociados na dinâmica cotidiana desses espaços. Dessa maneira, semelhanças e diferenças elaboram interações de aproximações e distanciamentos por meio da elaboração de grupalidades e interações afetivas juvenis que tomar marcadores (simbólicos e materiais) como referentes para identificações juvenis.

Essas descobertas da sexualidade caminham simultaneamente com a descoberta da cidade ainda desconhecida, que significa a descoberta da vida para além do bairro de morada e dos espaços de formação juvenil tradicionais (a casa, a escola, a igreja). Um transitar geográfico caracterizado pelo fluxo, pelo movimento pendular (bairro de morada/espaços de interações/bairro de morada).

A mobilidade geográfica – sair do bairro – assume aqui um significado importante, o de caminhar com os próprios pés, de guiar seus rumos, de conduzir e definir suas escolhas, mesmo quando estas se fazem em ponderação com os saberes e valores já apreendidos no decorrer da vida. Esse trânsito pela “*cidade dos anjos*”, para alguns, os situa em um campo de autonomia que tem como referencial a sensação de “liberdade”, de “independência”, dos tradicionais mecanismos de proteção, fiscalização e controle, especialmente no que diz respeito à sexualidade. É também um movimento de aventura, de imersão em outros territórios; no desconhecido que permeia e provoca sentimentos e sensações de perigo, medo, aventura, prazer. É nesse desprendimento – geográfico e cultural – que esses jovens se veem “rebeldes”, pela conquista da condição de sujeito social dos caminhos traçados; por tomar (ou conquistar) para si as possibilidades de escolhas da vida.

Em estudo sobre a sociabilidade de jovens homossexuais na cidade de São Paulo, Silva (2009) identifica os processos educativos de aprendizagem vividos por jovens homossexuais nos espaços públicos urbanos como contribuidores para que os sujeitos

recolham elementos para a formação de seu caráter no exercício da própria interação social (SILVA, 2009, p. 21), pois

[...] a vivência e a prática dos jovens homossexuais nas ruas têm contribuído para educá-los de maneira informal nos assuntos que permeiam a homossexualidade, oferecendo subsídios para a formação de suas identidades, personalidades, aprendizagem sobre as relações sociais e compreensão sobre os mecanismos que regulam a sociedade, contribuindo para a interpretação social, oferecendo ferramentas para a constituição de autonomia e influenciando nas escolhas pessoais e trajetórias de vida.

No contexto das interações aqui estudadas, as experiências juvenis nas ruas assumem um caráter de experiência formativa para além das questões relacionadas à homossexualidade e se estendem a todos os jovens, sem restrições de orientação sexual. Sua abrangência toma aqueles que da cidade se apropriam e fazem dela espaço de interações e vivências coletivas.

Em uma contextualização focada nas questões sociais acerca da diversidade de orientação sexual, talvez o aspecto experiencial mais educativo esteja na sociabilidade, no convívio com as diferenças humanas, por meio da aproximação sensorial, com múltiplas possibilidades de viver a sexualidade. Essa convivialidade abre possibilidades educativas de desconstrução de estereótipos e preconceitos ainda solidificados e reproduzidos pela “pedagogia da sexualidade” (LOURO, 2001) vigente e hegemônica.

Como pano de fundo desse cenário, esses processos educativos encontram-se atravessados pelas expressões de gênero e pelas “verdades” sobre a sexualidade num confronto entre as “macroestruturas” e as interações juvenis na vida social cotidiana da cidade. Um processo educativo amplo, que ocorre no cotidiano das relações sociais, quando os sujeitos fazem-se uns aos outros, com os elementos culturais a que têm acesso, num diálogo constante com os elementos e com as estruturas sociais onde se inserem e as suas contradições (DAYRELL, 2007a).

Quanto à sociabilidade juvenil que toma a orientação sexual como demarcador identitário, os jovens homossexuais desta pesquisa rompem com a noção de “região moral” trazida por Park (1979) - e tradicionalmente atribuída à sociabilidade homossexual - pois transitam por circuitos fora dos “guetos” ou do “mercado homossexual”, circuitos que, apropriando-me do termo dos jovens, chamaria de “circuitos de misturas”.

No âmbito da sexualidade, o circuito de misturas se constituiria a despeito da popular expressão “mundo gay”⁸⁵, no entanto, os circuitos dos jovens levados por anjos não se colocam como espaços de conformidade com as normas hegemônicas sociais, seriam “regiões morais” quando observamos a disparidade (ou incompatibilidade) dos modos de vida juvenis (para além da sexualidade), vistas pelos “outros” como demoníaco. Essa sociabilidade de jovens LGB fora dos guetos homossexuais anuncia novas formas de ocupação da cidade e de experiências relacionais, mesmo que essas se façam sob interações ainda condicionadas a demarcações de relações afetivo-sexuais que têm a orientação sexual como referencial determinante, como veremos no capítulo seguinte. Para Perlongher (1987), a relação gueto (homossexual)/região moral resulta em consequências tanto para a “paisagem urbana” quanto para a “passagem” relacional. Um circuito que se constitui também em um espaço/tempo limitado, comprimido pela dimensão etária e/ou de classe, fadado a uma “passagem” da vida: a juventude. Essa sociabilidade das “misturas” de orientação sexual abre campos relacionais com as diferenças – de estilo, de orientação sexual, de territorialidades – e é esse campo o foco do olhar desta pesquisa.

Entendendo o circuito de misturas como um campo, ou na expressão de Dayrell (2007a), um “processo educativo amplo” em que a cidade, e aqui, a cidade de Fortaleza, aparece enquanto espaço de sociabilidade, de rupturas com as determinações relacionais instituídas, portanto, como *locus* de práticas educativas juvenis em sua diversidade e potencial de (res)significações, de modo que seus pertencimentos sociais e seus campos de interação e ocupação do espaço urbano, são questões essenciais “que traduzem diversas formas de viver, conceber e imaginar o tecido social e o uso do espaço”, acenando “para novas mobilidades da sociabilidade juvenil” (SPOSITO, 1994, p. 167). Carrano (2003, p. 06) observa que

as ruas, transformadas em espaços de sociabilidade cidadã podem ser, ao mesmo tempo, educativas e culturalmente públicas. O reconhecimento exclusivo ao privado pode ser tão prejudicial quanto à exposição aos perigos das ruas. A perda da cultura pública, no quadro de privatização das práticas sociais, leva ao desconhecimento do próprio sentido de cidade.

O potencial educativo da cidade é composto de uma pluralidade de práticas “que não se conforma apenas em espaços fixados, mas que traçam os fios de suas redes na totalidade do urbano” (CARRANO, s/d), sendo necessário reconhecer o caráter “nômade e não fixado da educação”. Para ele, esse valor educativo das relações na cidade é orientado

⁸⁵ Expressão popularmente utilizada para referir-se a espaços de lazer e sociabilidade voltados a LGBT: saunas, cinemas pornôs, bares, boates etc.

pela experiência ou não da vivência pública da rua. Seu potencial educativo “corresponde tanto ao que se refere à oferta e à organização das estruturas sociais e culturais urbanas, como quanto à quantidade e a qualidade dos relacionamentos que os sujeitos estabelecem”. (CARRANO, s/d).

Assim, as ruas, as praças, os bairros e suas possibilidades múltiplas de apropriações e representações por juvenis são olhados pela ótica das práticas educativas vividas na sociabilidade dos grupos, das amizades, do lazer. Poderíamos pensar a “*cidade dos anjos*”, como *locus* de espaços/tempos do hedonismo juvenil, um campo de fuga do cotidiano do bairro, um “modo de vida escapatório”, como afirma FERREIRA (2008). Nesse sentido, “não estariam propriamente posicionados a favor ou contra as instituições, mas definindo outros lugares por onde “escapar”, confiando menos nas instituições oficiais e mais em mecanismos próprios de auto-organização” (BORELLI, ROCHA; OLIVEIRA, 2009).

Vejo-a como uma tática juvenil de busca por outras possibilidades de vida, de procura pelo que ainda não se conhece, pelo que ainda não se experienciou. A busca pelo outro; o outro jovem; a outra cidade, que traz consigo novas e inusitadas possibilidades de também encontrar-se. Essa busca, que se legitima pelo campo da afetividade, especialmente a amizade, viabiliza-se por um deslocamento territorial onde as dimensões sociais público/privado se confundem, se entrecruzam. Isso porque pensaríamos as praças como espaços públicos, da coletividade, territórios de exposição, de “dar nas vistas” como afirma Pais (2010).

Para Carrano (2001), “os jovens que fazem da rua um lugar de encontro e sociabilidade expressam a possibilidade de recuperação do sentido público e educativo da rua, numa implícita condenação ao recolhimento à sociabilidade exclusiva dos espaços privados”. No entanto, para alguns jovens desta pesquisa, essa publicização de modos de vida e da sexualidade juvenil nas praças se faz exclusivamente no distanciamento da casa, do bairro, de certa maneira, por uma experiência pública de anonimato. Penso isso, porque para alguns, o visual *dark* da jovem *roqueira* – as meias-tarrafas com furos, botas de coturno e maquiagem em cores fortes – só existe no contexto da praça, entre a primeira e a última ida ao banheiro do DM. O garoto que desfila de mãos dadas com o namorado ou “ficante” pelos corredores do DM e na rotatória da PP continua a manter em sigilo, no âmbito familiar e do bairro, sua orientação sexual. As praças seriam, então, para esses jovens, o espaço público de vivência do “privado”, do não permitido na convivialidade dos demais espaços da vida. Assim o dualismo público/privado se confunde, se “mistura” nas experiências cidadinas juvenis.

Vale lembrar que assim como os jovens, seus percursos e processos educativos não são homogêneos, lineares, pois permeiam por subjetividades e individualidades da vida de cada sujeito. As experiências nas praças e a imersão na *cidade dos anjos* é para cada jovem um reflexo de um caminho que se faz coletivamente, mas se experiencia com uma singularidade incontestável. Se seus circuitos, práticas e saberes se fazem pelas particularidades de suas identificações, seus aprendizados também tomam caminhos singulares. Isso porque, ao contrário do que possa parecer, o hedonismo juvenil experienciado não anula nem se faz sem vinculações sociais, morais e culturais com as demais experiências vividas nos demais espaços de formação juvenil. Elas estão, também, intrinsecamente misturadas a construir campos de diálogos, de reflexividade, de conflitos e tensões nos quais vão se (re)elaborando e se descobrindo sob múltiplas possibilidades.

Assim, transitar pela “*cidade dos anjos*”, apesar do aparente desprendimento do vivido fora dela, não é emergir em uma vida paralela, pois não se anula as experiências vividas até então e não se apaga os saberes adquiridos nos demais espaços de formação. O que separa a vida no bairro, na escola, na igreja, na casa, da vida nas praças, para além da dimensão territorial, são as diferenças socioculturais empreendidas nas circunstâncias e nas dinâmicas do vivido.

Habitar na “*cidade dos anjos*” nesses oito meses foi descobri-la plural, em movimento, pelo fluxo singular de cada anjo, no transitar por tempos e espaços de “*misturas*” entre grupos, estilos e “*galeras*” juvenis. Para isso, foi indispensável o exercício da disponibilidade ao encontro com suas diferenças, com seus conflitos e contradições. Um encontro com a Cidade ainda não conhecida. Somente assim, foi possível descobri-los e (re)inventá-los.

Para esses jovens, a “*cidade dos anjos*” é o *locus* de (re)construir espaços e dinâmicas educativos a partir da experiência do encontro sob “*misturas*” (de modos de vida e sexualidade juvenis) e diferenças, questionando “verdades” e saberes normativos e hegemônicos, apesar de, entrelaçado a esses questionamentos, por vezes os reproduzem. É nesse limiar de paradoxos que esses jovens fazem do cotidiano na (e com a) Cidade um espaço/tempo de formação no encontro com o outro. Sendo, portanto, no cotidiano dessa(s) cidade(s), na mistura delas, que se fazem anjos de si.

CAPÍTULO 4
ANJOS DE SI:
ESTILOS E GRUPALIDADES JUVENIS EM “TEMPOS DE MISTURAS”



Figura 21 – Praça Portugal (PP)

Fonte: arquivo pessoal

“Meu nome é Tittyz. Eu danço!”
“Meu nome é David Bruno. A galera me conhece como Tchuco. Sou das antiga.”
“Meu nome é Beto. Eu sou do estilo From UK.”
“Meu nome é Ana. Não gosto de estudar. Sou bissexual.”
“Meu nome é Angelo. Eu sou legal, converso com todas as pessoas.”
“Meu nome é Jerônimo. Eu sou um cara influente entre os jovens.”
“Meu nome é De Menor. Sou uma pessoa extremamente amigável, companheira.”

Quando somos convidados a nos apresentar, costumamos dar ênfase à nossa relação com o contexto em que estamos inseridos. Em um ambiente de trabalho, geralmente, a formação e experiência profissional ganham destaque. Em situações de informalidade, por exemplo, estamos mais propícios a ressaltar os aspectos com que mais nos identificamos e, conseqüentemente, com os quais queremos ser identificados. Quem somos, o que somos, o que fazemos, como e onde vivemos são fragmentos que se complementam e dão sentidos a nossos modos de vida.

Durante as entrevistas individuais e os grupos de discussão, sabendo que estavam participando de um estudo sobre juventude e sexualidade, cada jovem, de maneira singular, destacou alguns marcadores de identificações com os quais compõem seus modos de vida, sem que para isso fosse necessário persuadi-los. Desse modo, os estilos, a orientação sexual e outros mecanismos de identificações (como música, dança etc.) surgem como elementos constituintes desse *ethos* de si, determinantes para as dinâmicas de grupalidades e sociabilidades afetivo/sexuais. O olhar que lanço aos “*tempos de misturas*” juvenis procura captar como estilos e sexualidades se entrecruzam, dialogam e negociam essas interações, capazes de mobilizar grupalidades sob diferenças e semelhanças plurais e, por vezes, cruzadas.

Neste estudo, assim como em muitos outros sobre juventudes, os estilos juvenis, compreendidos como “um conjunto mais ou menos coerente de elementos materiais ou imateriais de afirmação simbólica” (PAIS, 2008, p. 235), são importantes referenciais para a compreensão dos processos socioculturais de identidades ou identificações dos jovens. Por dar, neste estudo, ênfase à estética corporal juvenil, o conceito trazido por Diógenes (1998, p. 28-29) aproxima-se das questões aqui abordadas, quando considera os estilos “signos da comunicação visual, de um modo de apresentação que opera um refluxo da linguagem para dar passagem para sinais inscritos no corpo, coreografados nas gestualidades”.

No entanto, são as interações juvenis sob a “*mistura*” de uma diversidade de estilos e sua interlocução com marcadores de gênero e sexualidade o terreno em que concentro o debate. Assim, neste estudo, no intuito de vislumbrar as negociações mobilizadas

entre estilos juvenis e sexualidade, observo as representações juvenis sobre os estilos adotados por meio da expressão estética e performática do (e empreendidas no) corpo a partir dos significados e sentido atribuídos pelos jovens. Observo também os modos e motivações juvenis ao empreendimento desses marcadores no contexto das interações entre pares, nos espaços públicos que se fazem sob “misturas juvenis”.

Qual a relação entre a adoção de um estilo e a sexualidade juvenil? Como estilos e sexualidades são negociados a partir da elaboração da estética e da performatividade corporal dos jovens? Que representações sobre sexualidade são elaboradas tendo como referência a adoção de estilos? Como elas agenciam dinâmicas de grupalidades e mobilizam motivações afetivo-sexuais?

Acredito que as interações, ou melhor, as formas e os mecanismos de sociabilidade acionados pelos jovens dos “*tempos de misturas*” são um caminho para a compreensão das dimensões sócio/afetivas elaboradas pelas experiências juvenis, que anunciam tempos e formas de convivialidade nos quais marcadores de semelhanças e diferenças podem determinar grupalidades.

Durante o grupo de discussão II, os jovens *gays* e lésbicas moradores do bairro Jangurussu (02 garotos e 02 garotas) construíram uma narrativa partindo das imagens das interações juvenis na PP e no DM. Essa narrativa é resultado do cruzamento dessas imagens, feitas a partir de minha percepção, com a leitura juvenil baseada em suas vivências. Desse modo, recorro à antropologia da imagem, por meio de técnicas de projeção, na qual os jovens, de modos singulares, assumem o papel de narradores de um enredo do qual são, indiretamente, personagens. A escolha das 30 fotos (entre as 60 disponibilizadas) e a sequência da narrativa ficava a critério dos jovens, que alternavam o papel de narrador na elaboração de um único enredo. Esta narrativa, por sua vez, revela elementos importantes sobre como os processos de sociabilidades juvenis mobilizam interações e os modos com que suas diversas identificações negociam códigos e marcadores de gênero e sexualidade. Vejamos:

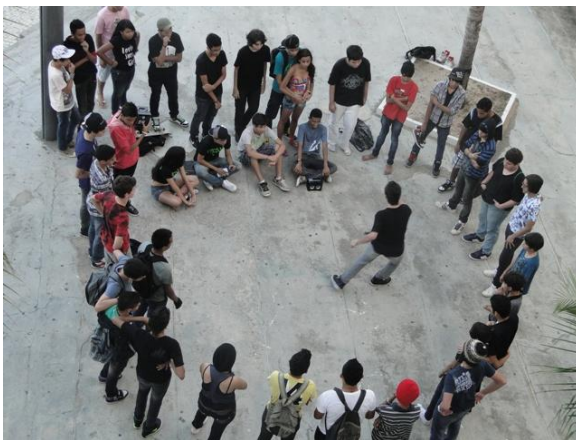


Certo dia um grupo de jovens saiu rumo ao encontro de amigos no DM. Chegando lá todos se reuniram e começaram a conversar. Nisso, passam horas e horas, até chegar a noite e, cada vez, foi chegando mais gente, mais gente e mais gente.

Uns foram conversar, outros dançar, outros beber, outros vão atrás de “ficar”, namorar, algo do tipo, e assim vai a noite.



Eles passam a noite bagunçando, virando lata,: uns ficam olhando para o tempo; outros com os amigos e chega certo momento em que eles vão pra praia ver o nascer do sol e depois da praia vão pra casa de ônibus pro Jangurussu.





No outro dia, eles costumam fazer outro encontro na PP, no domingo, e vão assim né!? Uma turma de gente, encontrar amigos, arrumar paquera, várias coisas!

Tem muita gente que vai pra lá solitária, pra pensar na vida. Assim, “não sabe o que fazer” e ficam pensando. Senta em um canto sozinha e fica ali, pensando o que vai fazer no resto da noite.



Como tem um grupo de gente na praça, ficam olhando e pensam em fazer amizade. E tem gente legal né!



Aí os grupos começam a se identificar. Tipo assim, tem um roqueiro que se identifica com um grupo. Ai depois eles começam a conversar.





O Dioe que mora beeeeeem distante da praça, no Jangurussu, no São Cristóvão, é um menino que tem facilidade de fazer amizade. Ele costuma ir pra praça se divertir e pensar em algo e no que fazer no resto da noite. Ele gosta de fazer amizade. É estudante e encontra um grupo de amigos que se identifica com ele. O estilo deles é esquetista.

Enquanto o Dioe está lá com a turma, passou o Juliano e a Taís. Eles iam conversando com a bebida na mão. Conversavam sobre a vida, as liberdades que eles têm ali e as liberdades que eles não têm com os pais. Eles são amigos. Super amigos!!!



E enquanto eles estão conversando, a Tatiane fica sentada, pensando na vida. A Tatiane mora no Jangurussu também. Ela é uma menina bem roqueira, né!!! Pelo estilo dela... Ela é um pouco solitária. Ela não gosta muito de tá conversando com os amigos, por ela ser uma menina calada.



Ela não gosta de briga, mas quando ela entra!!!! Não pise no calo dela!!! Enquanto ela fica pensando, o Thomaz e a Sara estão láaaaaa conversando, brincando, olham pra ela e pensam: “Por que aquela menina está ali sozinha, pensando, em vez de está aqui com a gente, conversando, curtindo?”.

E assim vai passando a noite... Pessoas chegando, pessoas saindo, se divertindo... e quando chega a semana alguns jovens vão à escola. Dizem que vão à escola, mas já é com a intenção de gazar e ir pro Dragão do Mar encontrar com outros amigos.



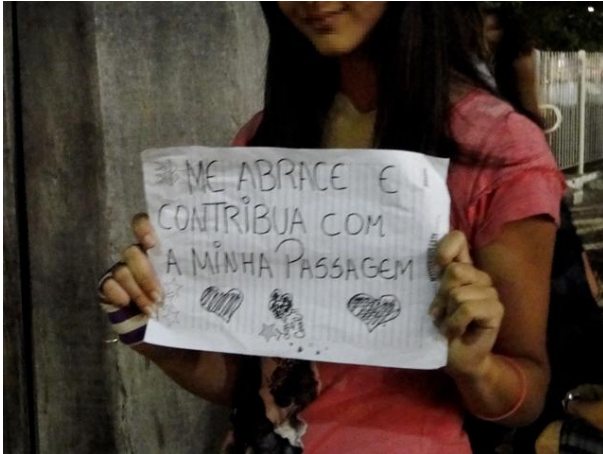
O José. O José saiu de casa dizendo pra mãe dele que ia pra escola... Ele estuda no Centro, no Colégio Visconde do Rio Branco, mas ele já saiu de casa com tudo combinado de ir pro Dragão do Mar se reunir com os amigos. Ele é otaku e foi encontrar os amigos pra conversar sobre anime... porque quem é otaku gosta de anime.

O José tem turma lá no DM. Cada estilo tem turma diferente, mas às vezes eles se misturam. Se misturam porque tem intimidade, às vezes! Eles têm outros amigos de outros grupos. Lá não tem esse negócio de gay só com gay, otaku só com otaku. Não é assim! Eles conversam entre si também nesse ambiente. O José foi ao encontro dos amigos. Já tinha feito isso antes no final de semana, mas como não foi o bastante e decidiu matar aula pra encontrar os amigos. Chegando lá ele encontrou os amigos e novamente ele começa a beber e escutar música. E os únicos conhecidos que José encontrou nessa noite foram alguns roqueiros e ele curtiu pouco. Para ele não ficar tão solitário resolveu se juntar com eles, já que eram conhecidos. Então lá ele começou a beber e escutar música.

O José, que é otaku, não costuma escutar música no DM. Ele vai mais para conversar sobre anime, mas já que ele não queria ficar sozinho, ele resolveu ficar perto dessa galera de roqueiros com quem também se identifica um pouco.



Nisso, foi caindo a noite e ele continua lá, no DM. Coincidentemente, chegam mais pessoas e vai juntando e num certo momento uma menina aparece com uma placa escrito “Me abrace e contribua com minha passagem”. É a Maria. Ela quer ganhar dinheiro fácil e abraçar fácil também.



A Maria é uma pessoa simpática e criativa. Ela precisava de dinheiro da passagem e resolveu fazer um cartaz. Foi bem inteligente porque conseguia dinheiro e algo mais: abraços. Daí dá até pra fazer amizade também porque as pessoas abraçam e perguntam o nome e tal... e vai se enturmando mais ainda.

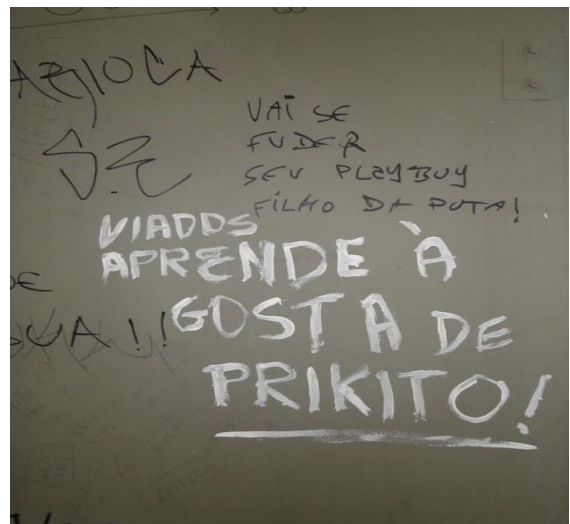
Algumas pessoas pensam que é só caô. Só pra ganhar dinheiro. Realmente, pode ser só caô mesmo, dizendo que quer um abraço, mas a Maria não!!! A Maria é diferente! Ela quer mais é abraçar pra fazer amizade e já que ela não tinha o dinheiro da passagem também ela resolveu fazer o cartaz. Foi bem criativa!

Alguns gostam de pichar as paredes. Um dia alguém colocou: "Vão aprender a gostar de prequito!". (risos). Foi o Diego. Ele escreveu porque se sentiu revoltado com os

heterossexuais. O Diego é um menino legal.

Ele é gay e gosta de fazer amizade. É uma pessoa muito simpática. Ele se comunica com várias pessoas nesses ambientes, na PP e no

DM.



Tem amigos mais próximos gays e otakus e, tipo assim, outros que não são parecidos com ele. Ele pinçou revoltado com alguns heterossexuais que andam nesses lugares e que fazem hora com as pessoas que são gays e tal. O Diego anda às vezes na praça para se identificar com os outros e pensar na vida. Ele é moreno, meio afeminado. Anda todo rosado e gosta de extravasar o que é, né?! Ele é muito carente também! Quando chega uma pessoa ele gosta de conversar, abraça. Gosta de se preocupar com os amigos e tal. Em casa, às vezes ele tem algumas intrigas com a família, mas resolve tudo numa boa.



O Diego chega no DM, senta com os amigos, e começa a jogar MPG, ouvindo um tipo de música que eles gostam. Aí ele conhece um rapaz e se interessa por ele. Eles saem pra dar uma volta.

O Robesvildo também anda lá. É solitário. Sempre na dele. Ele tem amigos, mas gosta de ficar em um lugar reservado. Fica pensativo, pensando no que fazer ou em alguma solução para os problemas dele. Ele mora na BR, próximo do Castelão. Ele é de classe média baixa e tem um jeitinho de emo: o estilo do cabelo, o modo como ele está sozinho com cara de triste. Por mais que ele tenha tudo, ele sempre vai ser triste.



Mas enquanto Robesvildo pensa... todo mundo está numa bagunça... Vários grupos reunidos num mesmo local.



Esses grupos de amigos se reúnem pra conversar, por o papo em dia, beberem muito!!! Muitos deles gostam de dizer o que passa na vida, com os familiares e tal. Muitos gostam de desabafar. Tem mãe que nunca aceitou a filha... e a mãe morreu!!! Ela ta sofrendo bastante!!! É como se fosse um se apoiando no outro pra terem forças. Alguns não têm a quem procurar em casa. Não tem familiares pra discutir sobre o sofrimento, o que sente, e vão procurar os amigos, mas nem sempre recebe coisa certa desses amigos. Nem sempre o conselho é certo. Alguns tomam muitas opiniões, como drogas e tal.



É natal e todos estão reunidos novamente. Tem luzes e árvore na PP. Tem também uma santa na praça onde os católicos se reúnem pra rezar. Eles estão orando por aquelas pessoas que precisam de uma oração. Eles estão ali pra ajudar. Eles estão ali rezando, como se fosse para que aquilo acabasse, pra tentar tomar a praça dos jovens... pra eles não brigarem, beberem muito, fumar, se drogarem.

Para não fazerem aquelas coisas que está errada, como eles acham - gays, lésbicas, essas coisas -, pros homossexuais acabarem.

Como eles falam: “Deus criou o homem para a mulher e a mulher para o homem!”.

Eles acham que eles lá, rezando, orando, eles podem mudar algo.



Tem outros jovens sentados conversando. Tem um exibindo a roupa fashion da noite, com cortes, decotes nas costas. Na praça não é sempre que tem gays que bebem, que procuram coisas pra se drogar e pra lamentar da vida. Também tem muitos que vão pra ouvir música, curtir com os amigos e fazer brincadeiras.



Não tem só coisas ruins naquela praça! Tem muitas brincadeiras que surgem. Tem também coisas criativas, tipo assim, você andar numa corda, brincando com os amigos, pra ganhar tinta. O Caio está andando numa corda pra conseguir algo que ele quer. Ganhar a brincadeira.



Os jovens costumam também pintar o cabelo pra mudar o visual. Eles querem mudar o visual. Sempre querem arrumar uma forma de chamar atenção das pessoas: sapato colorido, calças, botar pircens etc.



O Paulo também anda aqui. Ele é uma pessoa muito observadora. Ele gosta de observar primeiro o povo da praça. Ele não chega logo fazendo amizade. Ele observa e depois ver se vai se entender com a pessoa e aí começa a conversar. Ele gosta de andar de skate... de passear pela Beira Mar e de curtir a vida.

Ele é bi. Muitos que costumam ir naquela praça são bi, mas com pouco tempo, e a maioria vira gay. O Paulo não gosta muito de dizer que é bi porque as vezes ele se sente assim... não se sente à vontade, porque ele não sabe se quer... o que ele quer ainda. Ele não sabe se é isso que ele quer. Ele tá em dúvida.

Enquanto isso, a noite se passa e vem outro dia. E novamente vão pra onde? Pro Dragão. Lá está o Vitor. Ele está sentado, curtindo uma música, olhando para os amigos que se encontram lá. Os amigos estão dançando hip-hop. Lá tem uns amigos que ficam em círculo e começam a dançar embaixo do planetário.



Várias pessoas, os amigos dele: o Luís, o Antônio, que são amigos dele, parceiros mesmo!? Eles sempre se reúnem lá pra dançar. Lá também existem meninas que dançam, mas a maioria mesmo é homem. Porque eles se destacam mais e é uma dança que precisa ter muita força nos braços, nos movimentos que eles fazem. Tem mulheres que não tem tanta força assim e elas preferem fazer outras coisas. A vantagem do Break é que é uma dança que movimentam mais as pernas e os braços e não tem muito contato com o solo.

O pessoal do hip-hop só vão pra curtir o break, só dançar. Só vão onde tem espaço pra dançar. Só vão à PV se tiverem algum amigo pra beber e pra conversar, coisas do tipo, mas a área deles já é marcada embaixo do planetário, pra dança. É um grupo que não gosta de se misturar com os da PV porque eles gostam de se identificar só com eles mesmo.

É assim, um grupo que já é só deles. Um grupo específico! Só deles!? É como se só eles existissem. Se um grupo de punks chegasse lá no meio deles, antes deles, e chegarem e se misturassem lá no lugar deles, eles não iam gostar. Com certeza, eles iam mandar todo mundo sair porque a área já é deles. É totalmente reservada pra eles. Mas isso aqui, a área deles não é como os punks, squired, emo, tipo esse pessoal alternativo que chega e fica virando a noite... essas coisas. Eles têm até um certo horário pra ficar lá. Tem hora de começar e hora de terminar. Depois desse horário eles não se misturam mais. É como se fosse uma regra deles. Eles não se identificam com as outras pessoas. Se eles ficarem lá, eles vão ficar perto deles mesmo, do grupo deles. Não vão querer se misturar. Não vão querer conhecer pessoas novas, dos outros grupos, tipo roqueiros, essas coisas.



Tem gente que dança Jamp Staile, free step, jampol e muitos grupos fazem coisas de mulher, homem, criança. No free step, tem gay, lésbica, bi. O free step, o jamp, o Jamp Staile, são danças totalmente alternativa, aceitam tudo.

Já o no hip-hop é muito difícil encontrar um gay dançando break, até porque nem todos do hip-hop aceitam. Eles aceitam. Podem até aceitar, mas é coisa rara de se ver, um gay dançando break. Os gays não se misturam também com os grupos de pirangueiros porque eles são totalmente diferentes!!!

Em uma bela tarde o Paulo e o Pedro estavam dançando. Eles têm o estilo de free step. Dá pra identificar pelo tênis, cabelo e pela roupa. Andam sempre com os fones no ouvido, ouvindo música. Ficam sempre assim, se movimentando, dançando.



As pessoas também gostam de mostrar as coisas sabem... como posso dizer... mostrar roupas, pircens... essas coisas novas que eles compram. “- Ahhh isso aqui é legal!!!”. Ai vai criando uma modinha. Criando uma moda. Por exemplo: uma pessoa cria a moda dos alargadores.

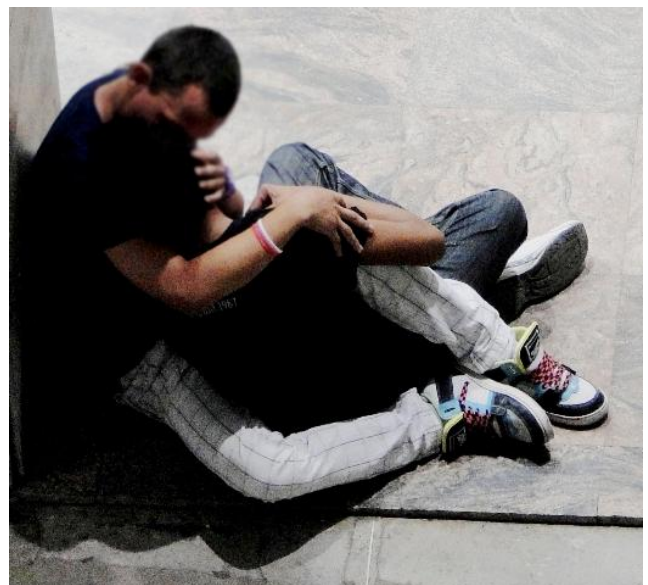
Uma pessoa botou e mostrou pra outra e diz assim: “- Olha o que eu consegui botar na minha orelha!”. “- Ah!!! É legal. Eu vou alargar também.”. Ai começou a moda dos alargadores. É mostrando pros seus amigos que andam lá. Tipo assim... eu rasgo minha blusa aqui ou pinto o rosto, faz cara do Diek, essas coisas, ai vão criando moda. Às vezes a moda de um grupo passa pro outro. Tem um grupo no DM que pinta o rosto, todo mundo de um jeito. Todo mundo corta o cabelo de uma forma, pra se identificarem. “-Ah!!! Aquela pessoa ali é do grupo tal e tal”.



Enquanto isso Pedro e João estão dando uma volta. Eles são dois meninos legais que sabem conversar com os outros, sabem ter amizade com as pessoas... O estilo deles está mais pra pirangueiro, mas são dois boyzinhos, dois boys.

Esse estilo de boy as pessoas identificam como pirangueiros, mas não é! São pessoas que são gays, mas não gostam de demonstrar. Eles são gays, mas não gostam de demonstrar assim pelo visual... Eles são mais discretos! Quem olha assim pra eles pensa que são dois héteros. Eles são muito diferentes do Diego! O Diego é muito extravagante... efeminado, gosta de se expor.

Eles, Pedro e João, vão encontrar outros dois amigos que também estão ficando. As pessoas que são heteros - tipo, as mulheres - passam lá com seus filhos e não deixam que eles olhem pra aquilo, pra não deixar ver, como se fosse influenciar, como se aquilo fosse influenciar na vida dos filhos, mas eles não estão nem ai. Não se importam com os outros, com a opinião dos outros. Só querem saber de ser feliz.



No final eles se reúnem com outros amigos e vão bater uma foto pra ficar guardada de lembrança. Na foto tem um grupo de amigos de vários tipos: roqueiros, gays, otakus, lésbicas...

Assim... todo mundo junto em um só lugar. São todos amigos. Todos!



4.1 “Espelho, espelho meu...”: Imagens e narrativas juvenis

“*Espelho, espelho meu. Existe alguém mais bela do que eu?*”, questionava a Rainha Má ao seu espelho mágico, personagens do clássico conto de fadas alemão “Branca de Neve e os Sete Anões”, escrito pelos Irmãos Grimm nas primeiras décadas do XIX. A pergunta, não menos clássica, diante do espelho da verdade, nos remete aos processos do olhar para si em constante referência ao outro, num limiar de afirmações entre diferenças e semelhanças, por hierarquias não fadadas nem ao campo da estética, nem ao universo da literatura infantil.

O conto atravessa séculos pelo imaginário infantil, a encantar crianças do mundo inteiro, apresentando um enredo no qual a beleza, a inveja, o amor e a amizade mobilizam tramas e conflitos entre o bem e mal. É esse enredo que ilustra os espaços temáticos da Praça do *North Shopping* (PN): “a casa dos sete anões” e “o bosque da Branca de Neve”, conforme apresentei no Capítulo 3 desta pesquisa.

A PN é referência para os jovens desta pesquisa, ou por ser o espaço territorial que marca o ponto de partida de seus percursos entre pares pelas praças da Cidade, no caso de Tchuco e Tittyz, ou por voltarem a frequentá-la (depois de algum tempo), no último mês da pesquisa empírica deste trabalho, como ocorreu com Beto e Hirley e outros jovens.

No conto, o “bosque” e a “casa” são os espaços onde Branca de Neve vive com os sete pequenos amigos, e como em todos os contos infantis, a ilustração desses espaços e personagens toma significativa importância. A imagem assume um poder central, no intuito de atrair seu público principal, as crianças ainda não leitoras. As expressões faciais dos sete velhinhos anões, por exemplo, aliadas a seus nomes, revelam a característica que marca a personalidade de cada personagem, atribuindo-lhes identidade única no enredo, uma singularidade. Assemelham-se por serem anões, por estarem juntos, mas diferenciam-se pelo poder da personalidade, que lhes atribui identidade única, estável. O vestido colorido da protagonista e o semblante meigo e terno contrasta com o negro que veste sua antagonista. Assim, os contos de fadas vão determinando – ou criando – diferenças entre quem é do mal e quem é do bem, de maneira simplista e ingênua.

Dessa maneira, o poder da imagem material nos contos infantis torna-se uma importante estratégia para a construção identitária de cenários e personagens. A multiplicidade e a tonalidade das cores, os movimentos, os gestos e as expressões, elaboram imaginários facilmente captados pelos olhos dos pequenos leitores. Com o advento da imagem audiovisual, o som alia-se como ferramenta ao inserir na cena o artifício sensorial auditivo.

Certamente, não foram os Irmãos Grimm os descobridores do fascínio humano pela imagem. A literatura infantil apropriou-se dele para atrair seu leitor alvo e o reproduziu em suas tramas e personagens. A humanidade esteve sempre em busca de reproduzir e reproduzir-se por meio de imagens. Das gravuras rupestres pré-históricas, aos vídeos e fotografias produzidas em *webcam* e celulares, nos tempos das novas tecnologias, a imagem (re)produz significados e sentidos socioculturais sobre os modos de vida no imaginário social. Remete-nos ao trato com a memória, com o corpo, com o tempo, quando a vemos como a possibilidade de eternizar momentos ou um estado de coisas.

O advento da cirurgia plástica, por exemplo, nas últimas décadas, faz do corpo *locus* de reprodução da imagem, de busca do retorno ao tempo, na tentativa de apagar suas marcas corporais ou, simplesmente, de adequá-las aos padrões hegemônicos de beleza. Ser jovem ou manter-se jovem parece subir gradativamente na escala das prioridades dos tempos modernos. A ânsia (o desejo) de Dorian Gray por manter-se eternamente jovem, no romance

“*O retrato de Dorian Gray*”, escrito no século XIX pelo irlandês Oscar Wilde, nunca foi tão contemporânea.

As cenas literárias do eterno jovem Dorian frente ao retrato que reproduz seu envelhecimento (rejeitado), e as da Rainha Má diante do espelho, a certificar-se como a “*mais bela*”, são emblemáticas para a compreensão da relação entre estética, corpo e juventude, categorias essenciais para o estudo dos estilos e modos de vida juvenis. A juventude, especialmente no caso de Dorian, está estritamente associada à expressão estética, à imagem corporal. Ambos – Dorian e a Rainha – tomam o corpo como matriz, como vitrine, para manterem-se belos, jovens, portanto, felizes. Tanto o conto de fadas dos Grimm quanto o romance de Wilde utilizam-se do fantástico, por meio da metáfora do “espelho da verdade” e do “retrato de Dorian Gray”, para nos falar do fascínio humano pela imagem. Ambos apropriando-se da imagem de si e/ou do seu reflexo como fonte de desejos por beleza e juventude.

Independente de estarem na “casa dos sete anões” e no “bosque da Branca de Neve” da PN, na casa de pedra do DM ou na penumbra da PP, os jovens interlocutores desta pesquisa vão construindo, também, sua imagem e, conseqüentemente, utilizando-se de marcadores simbólicos, nos quais o diálogo entre suas identificações (com estilos musicais, de dança, esporte ou cultura não convencional⁸⁶) e os dispositivos hegemônicos da vida em sociedade são (re)negociados, (re)elaborados e ilustrados por meio de estilos e modos de vida juvenis. Diferentes das imagens materiais dos contos dos Grimm, essa elaboração de si dar-se-á com maior complexidade, dadas as circunstâncias socioculturais dos tempos modernos e as múltiplas possibilidades de identificações dos sujeitos que, de maneira processual e contínua, se mobilizam por marcadores para além de binarismos.

No cenário da vida urbana, os estudos sobre tribos e culturas juvenis ressaltam a relevância dos estilos e dos grupos juvenis para as identificações e modos de vida na cidade. Nesse contexto, as formas de grupalidade, e os processos (individuais e coletivos) de adoção de estilos, a partir das interações entre pares, tomam dimensões significativas, na medida em que se mobilizam em negociações com construções socioculturais e históricas da sociedade contemporânea. Essa dinâmica social da modernidade ocidental põe à mesa negociações mobilizadas por referenciais socioculturais – gênero, sexualidade, classe, raça/etnia – determinantes para as identificações diversas, influenciando e sendo influenciados por modos de vida juvenis.

⁸⁶ Refiro-me aqui aos *otakus* pela identificação com a cultura de *anime*, desenhos animados japoneses.

Desse modo, as imagens dos jovens em situações de sociabilidade narradas frente ao “espelho da verdade” dos Grimm não seria única nem estável, mas múltipla, assim como os questionamentos por ela provocados, abrindo um leque de possibilidades de respostas tão fluidas e inconstantes quanto o seu reflexo.

a. Anjos de Si: Imagens, Corpos e Subjetividades Juvenis

As imagens fotográficas das interações juvenis na PP e no DM colocaram os jovens narradores frente a imagens de contextos cotidianos, familiares, levando-os a reproduzir seus próprios itinerários, interações e sociabilidades juvenis. Desse modo, a narrativa, apesar de atrelar-se ao poder da imagem fixa (da fotografia), revela aspectos subjetivos não comunicados nas fotografias, seguindo o caminho inverso aos dos Grimm e de Wilde ao adotar a verossimilhança entre o literário e a vida real.

O trocadilho entre “vida” e “arte” que ressalta o caráter mútuo da imitação seria o mais apropriado para a descrição dessa narrativa pela aproximação do enredo com a vida (ou experiência) dos narradores. A narrativa juvenil, assim como as imagens por eles selecionadas, são reveladores da dinâmica de sociabilidade juvenil vivida na Praça Portugal e no DM, em Fortaleza/CE. A descrição dos personagens, das interações, dos estilos e dos grupos que compõem esse enredo representa uma síntese dos modos de vida e sexualidades estudados nesta pesquisa. A narrativa dos jovens moradores do Jangurussu enfatiza o encontro como motivação dos trânsitos juvenis pela Cidade, valorizando a dimensão afetiva - a amizade. Estilo e sexualidade surgem também como elementos determinantes para a caracterização dos jovens em “*tempos de misturas*”.

Os jovens constroem o texto literário utilizando-se da verossemelhança para descrição de personagens e elaboração de tramas e conflitos que compõem o enredo. A narrativa de caracterização dos jovens fotografados recorre à leitura dos marcadores estéticos de estilos, e da estética e performance de gênero, no sentido de compor os personagens a partir dos estilos juvenis e da sexualidade. Tomando como elemento referencial tais marcadores, *otakus*, *punks*, *emos* são facilmente identificados, assim como os *boyzinhos*, os *gays*.

No entanto, as interações entre esses personagens, suas dinâmicas de sociabilidade afetivo/sexuais, seus conflitos e práticas surgem tendo como fonte as experiências e os saberes dos jovens narradores. Assim, mesmo partindo da descrição de imagens, portadoras de diversas informações, ou da montagem sequencial de imagens, como foi o caso dessa narrativa, para além da mensagem transmitida pela fotografia, os narradores acrescentaram ao

enredo elementos subjetivos – onde moravam, de onde vinham, o que os levaram àqueles lugares, o que pensavam, o que conversavam etc. –, atribuindo-lhe significados diversos.

A familiaridade com as imagens apresentadas traz à tona uma narrativa que oscila entre a descrição das fotografias e a subjetividade de cada jovem narrador. Suas experiências e saberes, suas leituras sobre os modos de vida e sexualidades foram aos poucos sendo expostos, de modo que as imagens assumem a função de estímulo para a exposição de opiniões e relatos de situações vividas. Desse modo, a estória constituiu-se de uma riqueza de detalhes, oriundos das experiências dos narradores sobre modos de vida e sexualidades compartilhados individual ou coletivamente.

Por estarem inseridos, no âmbito da vida real, na dinâmica de interações apresentadas pelas fotografias, por vezes, a descrição dos personagens e dos contextos relatados retratava a vida dos próprios narradores. Narradores e personagens se confundiam como a imagem e seu reflexo diante do espelho. A descrição de “Diego” por um dos narradores é um exemplo de como se autorretratavam nos personagens: *“Ele é muito carente, também! Quando chega uma pessoa, ele gosta de conversar, abraça. Gosta de se preocupar com os amigos e tal. Em casa, às vezes, ele tem algumas intrigas com a família, mas resolve tudo numa boa”*. Conviver com Matheus (18 anos) nas noites de domingo na PP durante os seis meses que antecederam esse grupo de discussão foi o suficiente pra perceber que ele falava de si, de sua timidez e dos conflitos vividos no âmbito familiar em decorrência de sua sexualidade.

Ao compartilharem o papel de narradores de uma mesma trama, a divergência de opiniões foi inevitável. Enquanto alguns tendiam a descrever as interações juvenis tomando como referência aspectos mais materiais, considerados negativos – beber ou usar drogas –, Matheus, em contraponto, imprimia ao enredo aspectos positivos vividos no contexto narrado: *“Não tem só coisas ruins naquela praça!”* e *“tem gente legal, ali”*. Entre os narradores, ele é o que menos frequentava as praças, em virtude da resistência dos pais. Sua narrativa apresenta argumentações e destaca subjetividades que as imagens, por vezes, não conseguiam captar: *“Muitos deles gostam de dizer o que passa na vida, com os familiares e tal. Muitos gostam de desabafar”*. Matheus, indiretamente, relata os momentos em que compartilha com os amigos os conflitos e preconceitos sofridos em casa por ser homossexual.

O encontro do jovem *otaku* com o grupo de *roqueiros*, as relações afetivo/sexuais dos jovens *gays* e os grupos juvenis que *“se misturam”* e aqueles *“mais fechados”* são alguns exemplos mencionados pelos jovens sobre modos de vida e sexualidades juvenis na PP e no DM. Para a compreensão dessas interações juvenis nos *“tempos de misturas”*, nos quais

estilos, grupos, modos de vida e sexualidades se entrecruzam na dinâmica da vida, é necessário entender os marcadores simbólicos de tal mistura.

A narrativa faz uma síntese das dimensões socioculturais que compõem o foco deste estudo, pois traz indicadores de como os jovens mobilizam (ou mobilizam-se por) interações marcadas pela diversidade de estilos e experiências afetivo/sexuais em espaços públicos de sociabilidades entre pares na cidade de Fortaleza. Torna-se necessário, assim, o aprofundamento das dimensões da sociabilidade juvenil que permeiam esse contexto narrativo, de modo que estilo, sociabilidade e grupalidade juvenil surgem como importantes categorias de análise.

4.2 Estilos Juvenis: Estética e Performances identitárias

*Jovem quer aparecer.
Jovem quer se mostrar.
Jovem quer mostrar pro mundo que ele existe
e existem esses tipos de estilo e tal.
(Angelo, 19 anos).*

“*Eu sou otaku. E daí?*”, questionava o jovem Jerônimo (23 anos) em sua página do “*facebook*”, em 29 de junho de 2012. Sob a frase, uma fotografia usando terno, calça social e sapato preto; nas mãos, em luvas brancas, conduzia o movimento de uma espada. Entre os cachos dos cabelos longos que desciam sobre a face e a espada que segurava na altura da boca, o olhar fixo para a câmera anuncia uma disposição à luta. Mantinha a perna direita esticada para frente, enquanto a esquerda, levemente dobrada para trás, em posição de quem estava a duelar. Ao fundo, o cenário do *Sana Fest 2012*. Ali, conversamos pela primeira vez, apesar de tê-lo visto diversas vezes nas noites de sábado e domingo do DM e da PP.

Tanto a frase quanto a foto transmitiam mensagens semelhantes e complementavam-se. Cada linguagem, de sua maneira, provocava o internauta e insinuava que a adoção do estilo *otaku* implicaria para o jovem, em um duelo de espadas ou de ideias sobre seu estilo e modo de vida. Fico a imaginar o que poderia significar para mim a frase sem a foto, ou vice-versa, se as tivesse visto (separadamente) há oito meses, antes da incursão no trabalho de campo desta pesquisa. Desconhecia o significado da palavra “*otaku*” e a foto certamente transmitir-me-ia apenas a ideia de um garoto fantasiado, a brincar com uma espada.

Jerônimo (23 anos), definitivamente, estava a mostrar-se, a aparecer (como afirma o jovem Dilson) para o “mundo virtual” anunciando sua existência como um jovem *otaku*. “*E daí?*”, questionava, incitando-nos a um confronto no qual estava disposto a duelar. A foto, não provocou muitos questionamentos por parte dos internautas. Apenas um jovem postou manifestação de apoio: “*isso ai mano... fodaa*”, e teve como resposta de Jerônimo (23 anos): “*XD*”⁸⁷.

Em tempos de novas tecnologias, quando a mobilidade de informações e imagens ganha proporções temporais quase imediatas por meio de *webcams* e dos aparelhos digitais, é possível viajar pelo mundo, ver o mundo, de dentro de nossa casa, do nosso quarto. Assim, nos mostramos para ele (o mundo) ao passo que este se mostra a nós, a partir de nossas escolhas sobre o “mundo” ao qual pertencemos, ou melhor, ao qual queremos pertencer; o mundo com o qual nos identificamos.

Na rede interligada de computadores, na internet, temos o poder de acessar “mundos” diversos, de escolhê-los, de elegê-los. Certamente, se consultarmos o histórico de acesso a sites dos jovens dessa pesquisa, além das redes sociais, aqueles relacionados ao rock, ao *free step*, ao *emocore*, à cultura anime estarão registrados de acordo com as identificações e modos de vida de cada internauta. Nas redes sociais, os perfis dos jovens pesquisados nesse estudo demonstram também o quanto a sociabilidade e as interações virtuais juvenis definem-se por identificações de estilo e modos de vida.

Adentrar a página de Jerônimo (23 anos) no *facebook* foi emergir no “mundo dos animes”, da cultura japonesa. O mesmo ocorreu com Tittyz em relação ao *free step*, e com jovens roqueiros que têm as bandas norte-americanas e/ou inglesas como referência musical. Geralmente, exibem as melhores fotografias, aquelas que retratam o modo como queremos ser vistos, as circunstâncias e cenários com os quais queremos ser identificados e percebidos. No âmbito do cotidiano juvenil, essas vitrines são mobilizadas nas relações de amizade, de afetos e sociabilidades vivenciadas nas experiências dos encontros juvenis. Estilos e grupos são mediados por marcadores de identificações e pertencimentos a modos de vida. Esses são mediados, por sua vez, por outras dimensões da vida social, entre elas as questões de gênero e a sexualidade.

O advento da globalização e das novas tecnologias traz aos estudos científicos, especialmente àqueles ligados às ciências sociais, questões pertinentes acerca dos novos modos de relações humanas e de suas consequências socioculturais na vida “pós-moderna”.

⁸⁷ “XD” é um símbolo corriqueiro utilizado por jovens nas redes sociais, tendo como significado um grande sorriso.

Para alguns, anunciam a morte do lugar, para outros, apenas novas formas de sociabilidades, de comunicação, caracterizadas pela transculturalidade e pelo hibridismo (SIMÕES, 2010), uma vez que se compartilha com o mundo (em redes sociais, por exemplo) a vida privada, o fazer e os prazeres cotidianos, de modo que montamos vitrines de nós mesmo e passeamos pelas vitrines do outro. Nesse movimento, objetos, símbolos, códigos (materiais e simbólicos) atravessam fronteiras espaciais e culturais, fomentando o debate em torno das territorialidades ou da “reterritorialização”: o local e o global como dimensões dialógicas⁸⁸. Na tentativa de decifrar o híbrido campo fronteiriço, Simões (2010) questiona a paradoxal importância do local e das fronteiras.

Nesse campo dialógico de espaços/tempos culturais, assim como Jerônimo (23 anos), muitos outros jovens estão a mostrar-se, a aparecer para o mundo e para si, tal qual a Rainha Má frente ao espelho e Dorian, ao retrato. O espaço virtual é apenas um exemplo de como o jovem apropria-se da imagem (do corpo) e a partir dela comunica e anuncia seus modos de ver (e estar no) o mundo e com ele interagir. A partir dela (a imagem), estabelecem códigos simbólicos e materiais determinantes de interações e sociabilidades. O processo de elaboração e (re)construção de si, do corpo e seus significados são tomados como referência, como vitrine de anúncio, tanto de suas existências quanto de seus modos de vida e sexualidades. A adoção de um estilo surge, então, como meio de expressão e comunicação consigo e com o outro. Um marcador paradoxal no qual a busca do identificar-se com “o outro”, de modo a pertencer a um grupo, a uma “galera”, se faz em paralelo ao desejo de originalidade, de ser singular (FERREIRA, 2008)⁸⁹.

Os estilos juvenis que apresentarei a seguir não são elaborados exclusivamente a partir das interações vividas no DM e na PP, mas de um entrelaçar e experiências juvenis, seja no âmbito do “mundo virtual”, do espaço familiar, da vida no bairro ou escolar. Por esta razão, apesar desta pesquisa focar-se nas interações juvenis entre pares vividas em espaços públicos de Fortaleza, entendo que os modos de vida e as sexualidades juvenis dialogam com aquelas experiências, postas em segundo plano neste trabalho, sem que isso implique em algum desmerecimento, mas em uma escolha teórico-metodológica. Volto a ressaltar que não

⁸⁸ Para Simões (2010, p. 31-32), “a globalização não anulou, portanto, a importância do local, permite apenas considerá-lo sobre outra perspectiva. [...] Tornou os fluxos mais intensos, os cruzamentos de fronteiras (físicas e simbólicas) mais frequentes, mas não os erradicou completamente; as fronteiras podem tornar-se mais porosas, permeáveis, facilmente transponíveis, mas isso não significa que tenham deixado de ser relevantes. Mesmo as práticas culturais aparentemente desterritorializadas não parecem escapar à pressão exercida pelos contextos onde ocorrem, o que acaba por contribuir para a sua própria reterritorialização”.

⁸⁹ Cf. “Marcas que demarcam” (2008).

tenho a pretensão de descrever um *ethos* dos diversos estilos juvenis aqui mencionados, por entender ser necessário um estudo específico a cada estilo.

Durante a pesquisa de campo deste trabalho, a busca por referenciais identitários específicos (ou de uso exclusivo) a cada estilo foi um dos obstáculos, por estes assumirem múltiplas significações entre os jovens pesquisados; pelo trânsito de marcadores entre os estilos; e pelo movimento fluido de alguns jovens por diferentes estilos, o que caracterizo aqui como bricolagem ou camuflagem, na adoção de uma política não identitária, de uma imagem elaborada sem referenciais de pertencimentos a modos de vida, mas por negociações em outras dimensões da vida social.

Desse modo, opto por apresentar os estilos que mais se destacam nas interações juvenis no DM e na PP no espaço temporal desta pesquisa. Para isso, utilizo os referenciais dos próprios jovens, na descrição de si e/ou do outro. Aqui, estilos e modos de vida misturam-se nas percepções juvenis, de modo que a imagem e a subjetividade de cada modo de vida são descritos por diferentes olhares. A imagem, o corpo, a indumentária, o comportamento e os modos de interações são referenciais para a identificação dos estilos juvenis que nem sempre se afirmam como identidade.

a. Os Roqueiros

Ser roqueiro é mais atitude. (Tchuco, 18 anos)

A priori, o estilo roqueiro é facilmente identificado a partir da indumentária. As roupas primam por tonalidades escuras, geralmente pretas. Blusas de bandas de *rock* e calças *jeans*, por vezes com rasgões na altura dos joelhos e coxas. Calçam sapatos pretos ou botas de coturnos longos. A essa indumentária, são acrescentados acessórios – pulseiras, braceletes, cintos e cordões – de couro preto e com detalhes metálicos, por vezes, pontiagudos, e símbolos como caveira, cruz, símbolo da paz etc. A referência mais generalizada para a identificação de um roqueiro, porém, é o gosto musical: o *rock'n'roll*.

No entanto, há múltiplas identidades constituídas a partir do gosto pelo *rock*, levando-o, segundo Bispo (2009), a uma “espécie de metagênero” composto por uma diversidade de gêneros musicais. Desse modo, o “ser roqueiro” implicaria em um campo conceitual “simplificador e incapaz de dar conta da diversidade de visões de mundo oriundas das múltiplas ramificações existentes do rock, acabando por aplainar as diferenças contrastivas existentes entre elas” (BISPO, 2009, p. 29).

Longe dessa reflexão conceitual, para o jovem Digo, a identificação com o estilo musical seria mais um entre outros elementos identitários para descrever o “ser roqueiro”.

Pra mim, é escutar um certo tipo de música, se vestir de certa maneira e frequentar os mesmos lugares. Ir pra show... frequentar esses dois lugares que a gente está falando (PP e DM) [...] Tem também os shows que acontecem no BNB, que é “Rock Cordel”, toda quinta-feira. No Dragão do Mar também se reúnem nas quartas-feiras... acho que só. (Digo, 21 anos).

Além das referências pelo gosto musical, de estética corporais e materiais, Digo destaca um “modo de vida roqueiro” pela frequência a locais e eventos específicos voltados ao “mundo do rock”, um circuito do *rock* pela Cidade. Em Fortaleza, nesse circuito, encontramos a “Galeria do Rock” com um roteiro amplo de sociabilidade. Localizada no centro da Cidade, foi mencionada, também, por outros jovens como local frequentado pelos adeptos desse estilo.

Enquanto cruzávamos a Cidade (do bairro Montese ao Centro, passando pelo DM até a Galeria Pedro Jorge), Tchuco explicava a diferença entre o que apresenta como dois estilos de roqueiro. “O *roqueiro* mais *light* e o roqueiro *metal*, o que curte um som mais pesado, que gosta mais de banda satânica, assim, pesado!”. E acrescenta: “Ser *roqueiro* é mais atitude! Sempre o certo pelo certo: olho por olho, dente por dente. Escutando sempre aquela música pesada! Sempre aquela atitude mesmo! Atitude! 100% atitude!” (Tchuco - 18 anos). O jovem traz para o segundo plano os referenciais de estilo e de pertença a circuitos do *rock* (roteiros de sociabilidade), exaltando o significado do “roqueiro” sob um olhar mais ideológico, diferenciando estilo e identidade “roqueiro”. Para ele, a identidade do *roqueiro* estaria condicionada à adoção de uma atitude própria, tendo como ideologia a Lei de Talião e a identificação com o “*rock* pesado”.

Entendo as referências adotadas pelos jovens ao descreverem “o roqueiro” como reflexos dos seus modos de vida. Os dois jovens roqueiros apresentam estilos e percepções diferenciadas, sinalizando para uma diversidade de modos de “ser roqueiro” e de identificações com o *rock*. Segundo eles, o estilo depende do tipo de *rock* que curte: satânico, *underground*, metálico etc. O visual mais “*dark*” não necessariamente corresponderia ao *rock* mais pesado. Definitivamente, o *roqueiro underground* Digo (21 anos) e o *roqueiro de atitude* Tchuco (18 anos) olham e vivem o rock sob diferentes sintonias.

“Eu gosto muito de roupas pretas; tons escuros e músicas pesadas [...] Eu gosto do som *underground*, aqueles sons mais leves (Digo – 21 anos). Assim, o jovem Digo (21 anos) exalta por meio da imagem corporal (indumentária, tatuagens, *piercings*) os marcadores

simbólicos do *rock* (cores, símbolos etc.). No entanto, no âmbito da sociabilidade juvenil, não estabelece relações de pertencimento a “turmas de roqueiros”, restringindo apenas a interações esporádicas com outros jovens do mesmo estilo. Segundo ele, “conhece a galera”, tem amigos, mas não se integra a “turmas de rock” sob a argumentação de evitar conflitos, “as brigas” em que esses grupos costumam se envolver.

Contrário a Digo, Tchuco costuma andar sempre em turma e formou, na PP, seu próprio grupo: “a galera da DNA”, composta genuinamente por *roqueiros* e *punks*. É adepto do *rock metálico*, “os mais pesados”. “É *roqueiro* mesmo assim!”, afirmou, dando ênfase à compreensão de que ser *roqueiro* exige, necessariamente, ser “pesado”, ser “metal”.

No entanto, o jovem não investe incisivamente em marcadores corporais de estilos do *rock*, usando indumentárias convencionais no dia a dia e apenas em algumas ocasiões, como festas e eventos, adere a um estilo mais próximo do roqueiro. Explica que “o visual é só uma característica do estilo” (Tchuco) e fala do *rock* como um referencial de atitude, o que, de certa maneira, justifica os conflitos que a “*galera da DNA*” costuma protagonizar com outros grupos juvenis.

Os olhares de Digo e Tchuco sobre “ser roqueiro” vão ao encontro das formas de percepção juvenil sobre “atitude” que Ramos (2007) identifica em seu estudo sobre “jovens alternativos”, sejam: a adoção de um visual alternativo, um modo de proceder desviante e a defesa de ideais e valores. De forma singular, esses elementos são expostos pelos jovens, apesar de postos em uma escala hierárquica diferenciada. Aliada a eles, como um quarto elemento, estaria a premissa do pertencimento ao circuito do *rock* na (pela) Cidade, ou seja, à sociabilidade com os iguais.

Conforme já mencionado⁹⁰, a ênfase na atitude, para além do campo discursivo de Tchuco, foi observada também no seu empreendimento performático. Chamo aqui de *performances corporais juvenis* os modos como esses jovens mobilizam o corpo por meio de gestos, comportamentos e atitudes. Esses, aliados (ou não) à estética corporal juvenil, expressam e comunicam seus modos de vida e anunciam sexualidades. Nesse mesmo sentido, em uma abordagem mais generalizada, Mauss (2003, p. 401) observa as técnicas do corpo, ou seja, “as maneiras pelas quais os homens, de sociedade a sociedade, de uma forma tradicional, sabem servir-se de seu corpo”. O autor dá ênfase ao caráter educativo das técnicas corporais,

⁹⁰ Refiro-me aqui ao tópico “Na Sintonia do Rock”, Capítulo 3, p. 138.

lembrando que “em todos os elementos da arte de utilizar o corpo humano os fatos da educação predominam”⁹¹.

É comum, também, encontrar na PP e no DM jovens roqueiros que adotam apenas a cor preto – na indumentária – e estampas de bandas de *rock* – nas blusas – como referenciais de identificação do “estilo roqueiro”. No entanto, “*ser roqueiro*”, “*parecer roqueiro*” e “*fingir-se roqueiro*” faz parte da dinâmica dos tempos de mistura vivida pelos jovens nesses espaços. Nessa diversidade de modos de dizer-se e mostrar-se roqueiro surgem expressões como “*roqueirinhos arrumadinhos*”, “*roqueiros da pesada*”, “*roqueiros mesmo!*”, “*roqueiros bem doidão*” afirmando diferenciações hierárquicas aos polissêmicos estilos e modos de ser e/ou estar *roqueiro*.

Nessa diversidade de matizes dos adeptos “*rock*”, “*roqueiros da pesada*”, e os “*roqueiros bem doidão*” aproximam-se do visual do estilo *punks*, com quem, na PP e no DM, mantêm interações próximas, de modo que é bastante comum entre os jovens, na tentativa de descrevê-los, o uso da expressão “*meio roqueiro, meio punk*”.

b. Os Punks

Todo mundo pensa que a galera (punk) é brigona, mas num tem nada a ver. (Tchuco, 18 anos)

O visual *punk* segue um estilo parecido com o do *roqueiro* no que diz respeito à indumentária. O que mais o diferencia são os estilos dos cabelos, com cores e/ou cortes excêntricos. O cabelo moicano de Bruce, integrante da “galera da DNA”, por exemplo, chama a atenção dos demais jovens, tornando-o inconfundível pelo visual: comprido e loiro dividido em grandes pontas constantemente armadas. Esse visual faz de Bruce um dos jovens mais conhecidos da PP e do DM.

A interação ou o distanciamento com os *punks* parece contribuir para opiniões diversificadas sobre este estilo e seus modos de vida:

⁹¹ Ao elaborar uma biografia das técnicas do corpo tomando como referência as faixas etárias do homem e as especificidades de gênero, Mauss (2003, p. 413-414) considera as “técnicas da adolescência” como momento da iniciação, portanto, cruciais à educação do corpo, pois “tanto para os homens quanto para as mulheres, o momento decisivo é o da adolescência. É na adolescência que eles aprendem definitivamente as técnicas do corpo que conservarão durante toda a sua idade adulta”. O caráter educativo empreendido na relação corpo/sexualidade/modos de vida juvenis será retomado no capítulo que segue a partir de outros autores, portanto, por outras abordagens, como a relacionada a “pedagogias da sexualidade”, de Louro (2001), e à estética de gênero, de Bento (2006), e às performances de gênero (BUTLER, 2003).

Eles andam todos rasgados, com cabelos bem loucos mesmo, coloridos e gostam muito de bater nas pessoas. Gostam também de músicas pesadas, de músicas do *rock*, mas acabam é ... levando isso pro lado da brutalidade. Esses são os *punks*. (Digo, 21 anos).

ou

Todo mundo pensa que a galera (*punk*) é brigona, mas num tem nada a ver. *Punk* é tipo assim, não é todo de preto, mas eles são mais ligados pro bem da humanidade. Eles são 100% socialistas. Dinheiro não compra, ganância não existe, é mais o bem da humanidade mesmo! A vida deles é só a vida deles, não importa mais nada. Tem muito *punk* na praça. (Tchuco, 18 anos).

Os olhares de Digo e Tchuco sobre os jovens *punks* são tão divergentes quanto suas percepções sobre os *roqueiros*. O primeiro a ressaltar aspectos negativos, enquanto o segundo aspectos introspectivos da ideologia *punk*.

Tanto na PP quanto no DM, os jovens demonstram dificuldades em diferenciar *punks* e *roqueiros* apenas pelo estilo estético. Não é raro um jovem ser considerado por alguns como *punk* e por outros como *roqueiro*. Exceto alguns grupos de *punk* que usam maquilagens específicas, longe das convencionais, simulando sangramentos, ferimentos etc. e o estilo “*roqueirinho arrumadinho*”, jovens com blusas de bandas de rock que em nada se aproximariam da excentricidade dos jovens *punks*.

Se na PP e no DM os jovens *roqueiros metal* ou *underground* mantêm fortes interações com os *punks* e se destacam pela visibilidade do visual *dark* e pela aproximação e interação em grupos, de que maneira os adeptos do *emocore*, os *emos*, demarcam sua presença entre sob as misturas juvenis?

c. Os Emos

Usam preto e cabelo grande com franja. (Matheus, 18 anos).

Contrário à sucinta e objetiva descrição de Matheus, Beto retrata o estilo *emo*, ou a “estética emo” (DE LAAI, 2008), com precisão de detalhes: “Blusa de *rock*, uma [calça] skinny preta e tênis all star. Aí vai com munhequeira, maquiagem pó, a sombra preta, a franja em cima do olho. Em cima do olho mesmo! Tipo, a pessoa nem enxerga. Cobrindo o olho” (Beto, 18 anos). Adeptos de um subgênero do *rock* conhecido como *emocore*⁹², os jovens de preto têm as enormes franjas e a introspecção como características marcantes. Em Fortaleza, o

⁹² Sobre a trajetória do *emocore* no interior do *rock*, Bispo (2009) resalta as dificuldades em elucidar o seu percurso em virtude da ausência de estudos, evidenciando um descrédito entre os acadêmicos da música popular. “A maioria das pessoas dizem ser uma corrente do *rock* que não existe.” (p. 29).

estilo *emo* surgiu por volta do início dos anos 2000 e, atualmente, entre os jovens freqüentadores da PP e do DM, sofre grande rejeição pelo estigma de “depressivos”. Entre os garotos, há o agravante da associação do *emo* à homossexualidade.

O caráter introspectivo atribuído ao *emo* vai de encontro às características que autodefinem os jovens da PP e do DM: interativos, comunicativos, acolhedores, receptivos, simpáticos etc. Durante o grupo de discussão com a “galera da DNA”, os jovens descrevem algumas impressões sobre os *emos*:

Ricardo: - É aquele que do nada começa a chorar. **Tchuco.** (18 anos) - Não! Não é isso! Ele prefere ficar mais resguardado, na dele, do que em conjunto. Entendeu? **Ricardo** - Se tá um grupo ali, ele fica de longe. Só olhando. **Dediane** (17 anos): - Isso nem tem de verdade, hoje em dia. É só por modismo mesmo da galera. É só moda. Só moda.

Vale ressaltar que durante os oito meses da pesquisa de campo não encontrei nenhum jovem que se afirmasse *emo*, mesmo aqueles cujo visual correspondesse ao descrito acima. Essa ausência de autoafirmação de uma identidade *emo* foi observada por De Laai (2008, p. 101), que o define como um “não-grupo”, pois

[...] da mesma forma que o termo *emo*, a moda *emo* também é uma característica atribuída ao outro. Isso significa que quando um desses jovens se vestem com roupas e acessórios que são característicos dos *emos* eles não se identificam como tais e sim estão expressando a sua individualidade através das roupas.

A percepção do *emo* como moda, restrita a um estilo de cabelo, a uma imagem material, sem nenhuma conotação ideológica ou a modos de vida e/ou a um estilo musical, está muito presente no discurso dos jovens. Isso ocorre também com os demais estilos juvenis. Para alguns, aderir exclusivamente à estética de um estilo juvenil assume uma dimensão pejorativa, pois se segue apenas uma “modinha”, que pressupõe uma temporalidade limitada, indo de encontro à expressão de rebeldia e/ou atitude juvenil, atributos bastante valorizados pelos jovens. Essa estética não-identitária indicaria uma carência de originalidade, de personalidade representada por uma camuflagem, uma farsa identitária. Seria, pois, uma imitação, uma falsificação de um modo de vida. Vale lembrar que os discursos sobre aqueles que apenas seguem a “modinha” se estende tanto aos que aderem ao estilo *emo* quanto aos demais.

Entendo que aderir a uma “moda”, mesmo que por meio de artefatos estéticos superficiais e fluidos, como roupas, acessórios, corte de cabelo etc., em que o corpo assume

novos contornos - uma outra imagem - capazes de comunicar e anunciar uma diversidade de informações, contém uma variedade de significados tão complexos quanto a adesão a um modo de vida juvenil marcado, de fato, por uma identificação específica a um estilo.

A excentricidade no vestir, presente em muitos estilos juvenis, corresponde também a um questionamento da validade de limites convencionais (...) a mudança de imagem que alguns jovens fabricam, quando recorrem a formas alegóricas, arrastam uma troca sucessiva de prevalência entre o ser e o parecer (PAIS, 2006, 16).

O que quero ressaltar aqui não é o caráter de veracidade ou não da identificação do jovem com o estilo, denunciado pelos demais, mas os motivos que os levam à adoção dessa estética. Aderir a uma estética e/ou performance corporal pode informar uma diversidade de intencionalidade, capaz de nos revelar as formas e circunstâncias pelas quais as interações afetivo/sexuais desses jovens são mobilizadas.

Entendo que a adoção, por alguns jovens, exclusivamente do estilo de cabelos dos *emos* ou do visual dos *roqueiros darks*, por exemplo, pode ser motivada por uma série de intenções que nos revelam campos diversos do jogo das interações afetivo/sexuais entre pares. O garoto que revelava ao amigo que o uso da franja era uma forma de atrair (ou tornar-se atraente para) as garotas pode ser um exemplo da complexidade de significados e motivos que os marcadores estéticos podem assumir para os jovens. Táticas juvenis motivadas, entre outros, por um desejo: de inserção em grupos, de atração a parceiros afetivo/sexuais, de busca de uma singularidade (originalidade) e/ou popularidade.

Essa adoção da moda dialoga também com os significados atribuídos a cada estilo. Os jovens que se apropriam do estilo “roqueiro”, por exemplo, o fazem com a intenção de se dizer (ou parecerem) autênticos *roqueiros* e assim, ampliarem as interações com os grupos juvenis adeptos do *rock metal*, *underground* etc. No entanto, aqueles que aderem a atributos estéticos dos *emos*, insistem em negar uma possível identidade com uma identidade *emo* e o discurso de “somente moda” é empreendido de forma positiva na tentativa de manter o distanciamento dos preconceitos direcionados aos *emos*. De um modo geral, os jovens integrantes da “galera da PP” e/ou da “galera do DM” estavam sempre empenhados em negar a existência de autênticos *emos* entre eles. Jerônimo (23 anos), sempre que falava deles, destacava: “*emo entre aspas*” acrescentando à fala a linguagem gestual, usando o movimento dos dedos (indicador e médio) para exemplificar as aspas. Isso talvez decorra do uso da longa franja, sobre parte do rosto, por jovens que não se identificam nem com o *emocore*, nem com o sentimentalismo e a introspecção que caracterizariam uma suposta identidade *emo*. Parcela

desses jovens talvez sejam os garotos e garotas que adotam o estilo *From UK*, uma espécie de descendente do *emo*.

Por algum tempo, considerava “emo” todos os jovens que tinham como estilo a franja sobre o rosto e o uso de maquiagem. No entanto, a diversidade de estilos juvenis dificultava identificar aqueles que se enquadrassem exatamente no perfil *emo*, conforme descrito acima. Entre os jovens que se apresentavam com visual parecido ao estilo dos adeptos do *emocore*, os *From UK* eram os que mais se aproximavam.

d. Os *From UKs*

Parece com emo, mas não é. (Hirley, 19 anos).

Ele tem um visual emo, mas não é. Ele é um From UK. (Matheus, 18 anos).

Vários eram os jovens com franjas sobre o cabelo e maquiados, no entanto, com roupas coloridas e interagindo com os demais sem nenhuma conotação de introspecção⁹³. “*From UK é diferente de emo*”, repetia incessantemente o jovem Beto, como quem estivesse falando de algo muito óbvio. O jovem com estilo *From UK* demonstrava bastante insatisfação por ser confundido com *emo*.

As pessoas confundem bastante os *from uk* com *emo*, Ave Maria! Já dá é abuso! Tipo, quando eu passo, dizem: “Olha o *emo*! Olha o *emo*!”. Mas *emo* é muito diferente do meu estilo, porque o meu estilo já é mais seguindo o que a revista de moda diz. Tipo: nesse ano o verão vai ser calça colorida, então vai usar calça colorida e “cachicó”, essas coisas assim. [...] O *From UK* é uma franja menor que a do *emo*. É acima do olho, aqui, acima da sobrancelha. Aí só acusa mais o colorido no cabelo, as mexas... e também... o cabelo é bastante colorido. Tem uns que colocam mega-hair de oncinha, que é cabelo pintado todo cor de ursinha, e por aí vai. (Beto, 18 anos).

O *From UK* seria um estilo inspirado, em certa medida, em uma estética *emo*, sem a identificação com o *emocore* e sua introspecção sentimental. Um estilo que tem no visual, especialmente do cabelo, a razão de ser, sem um *ethos* identitário. Em uma tradução literal, o termo significaria “do Reino Unido”. O *from UK*, para Beto (18 anos), pode ser caracterizado pelo cabelo e pelo colorido da roupa. “Tem dois tipos de *from UK*. O que tem o cabelo maior, como o do Beto e tem aquele *from* que o cabelo é liso aqui na frente e mais cortado atrás”

⁹³ Não encontrei nenhuma pesquisa sobre esse estilo. Além das percepções dos jovens colaboradores, *blogs* específicos de (e para) adeptos do estilo *from uk* trazem outras informações. Ver: www.fromuk-brasil.blogspot.com.br.

(Ana, 17 anos). São conhecidos, também, por alguns jovens, especialmente os *roqueiros*, como “coloridos”, e paira sobre eles a suspeita de uma suposta homossexualidade: “*Alguns são gays*” (Ana, 17 anos), mas “*não é aquela coisa “From UK gay!”*. *Tem os héteros, também*” (Matheus, 18 anos).

Se considerarmos o estilo do cabelo e o colorido de roupas e tênis como marcadores identitários do estilo *From UK*, poderíamos imaginar que esses compartilhariam do mesmo estilo que a “*galera do Free step*”. E o que os diferencia?

e. Dançarinos de *Free Step*

“*É a galera que gosta de curtir mais dança de rua, música eletrônica.*”

(Monalisa, 16 anos)

O termo *Free Step* quer dizer “passos livres” e diz respeito à dança de rua que tem o ritmo eletrônico como estilo musical. O *Free Step* constitui-se, também, como um estilo juvenil. Segundo Tittyz (16 anos), “a dança surgiu em São Paulo, mas já existe no mundo inteiro”⁹⁴. Apesar de haver grupos constituídos com nomes próprios, como os “*Fusion New Champions*”, “*Shuffle*” e outros – os grupos desse estilo de dança que se reúnem no DM nas tardes e noites de sábado são conhecidos como “*a galera do Free Step*”.

Durante a pesquisa, podiam ser identificadas por usarem, geralmente, blusa xadrez, de botão, abertas na frente, com camiseta por baixo e calça skinny em cores variadas. Calçam tênis coloridos, ou apenas tênis com cadarços coloridos, em tons fortes, chamativos – verde limão, laranja, lilás – com detalhes que brilham ao contato com a luz. Por vezes, adotam penteados que priorizam cabelos arrepiados ou voltados ao rosto, diferenciados das franjas dos *emos*. O uso de bonés e gorros também são bastante comuns por garotos e garotas, estilo inspirado nos dançarinos de *free step* de São Paulo. Tittyz rejeita a padronização de uma indumentária sob a afirmativa de que

No Estilo *Free Step*, cada um tem seu estilo. Tem menina que dança de short, tem menina que dança de calça. Eu tenho meu cabelo rosa, tem menina que já num tem cabelo rosa, tem cabelo grande, tem menina com o cabelo curto. Cada uma tem seu jeito de dançar, o seu estilo de dançar, tem um *handbook* diferente, tem uma base diferente. Entre os meninos, tem menino que gosta de usar calça, tem menino que gosta de usar calção, tem

⁹⁴ Não encontrei nenhuma pesquisa sobre esse estilo. Além das percepções dos jovens dançarinos, há sites específicos de comunidades adeptas à dança. Cf: <<http://www.freestepfsa.spaceblog.com.br>>

menino que gosta de usar calça skinny, colada e já tem outros que já não gostam, usam frouxa. Cada um tem seu estilo. Cada um faz seu estilo no *Free Step*.

Apesar da evidência dessa flexibilidade no estilo, a adoção da blusa xadrez com calça *skinny*⁹⁵, os tênis coloridos e os bonés na cabeça tinha maiores adeptos entre os jovens no DM. Uma outra característica dessa “galera” é o recorte etário e de gênero, pois os grupos são constituídos basicamente por garotos entre 13 e 18 anos, sendo raro uma garota arriscar-se em acrobacias na pista dos passos livres.

Os locais de interação dessa galera têm como critério a possibilidade do exercício da dança. O palco abaixo do observatório do DM atendia às exigências estruturais adequadas às acrobacias do *free step*: o espaço para seu desenvolvimento, o tipo do piso que permite o deslizar dos tênis ou dos pés no chão e o uso da música. A dança parece ir constituindo, também, códigos de linguagem específicos, na comunicação entre os dançarinos. Além dos termos como “handbook”, que designam sequências de passos ou “bases”, Tittyz (16 anos), uma das raras exceções de participação feminina dessa dança no DM, descreve a especificidade de algumas gírias da “galera do *free step*”.

Por exemplo, tem gírias da gente que veio de São Paulo, a pessoa chega e pergunta assim: “-Tudo bem? *Tá suave?*” Ou então “-*Tá sussa?*”, ou então: “-*E aí, moleque!? Tá suave? Essas coisas.*”. Tipo assim, do jeito que eles falam. Isso a gente pega e coloca. Eles têm uma palavra assim: “charigan”. É um cara que charinga. Charinga é o nome de um poder que tem no anime, eu acho que é Naruto! Que o cara olha pra ele, se ele fizer um poder, aí ele charinga aquele cara que tem o poder do charigan e copia o poder dele, e depois pode fazer a mesma coisa, entendeu? Aí no caso, os charigans são os meninos que não tem capacidade de criar seus próprios passos e charigam os passos de outros caras e fazem, no caso, copiam. (Tittyz, 16 anos).

O termo “charinga”, oriundo do anime, é ressignificado ao contexto do *free step*. A sociabilidade dessa “galera” tem a dança como motivo de interação, o que exige o uso dos celulares, de fone nos ouvidos e de “caixinhas” para a emissão da música eletrônica. Por vezes, a descrição de um estilo toma como referência a negação do outro. É o que ocorre com os estilos relacionados à música e à dança. “*A galera do free step é o tipo que não curte rock, curte dança de rua*”, explicavam Monalisa e Adilson. Tal comparação pode também adequar-se perfeitamente às descrições da “galera do *Hip-hop*”, ou dos “*Bboys*”.

⁹⁵ Calça bastante justa ao corpo. O tecido (geralmente jeans com composição de lycra) permite elasticidade que facilita os movimentos da dança. Além dos dançarinos do *free step*, jovens adeptos de outros estilos também aderiram ao uso dessas calças.

Figura 22 – Grupo de Jovens Dançarinos de Free Step na PV do DM



Fonte: arquivo pessoal

f. Os Bboys

“É a galera do break. Aqueles que andam com a calça toda frouxa!” (Raul, 20 anos).

Assim como a galera do *free step*, o estilo *bboys* está diretamente relacionado à dança, nesse caso, ao *Break*. São conhecidos também como “galera do *hip-hop*”, movimento de dança de rua. O estilo *bboy* faz referência ao *rap* norte-americano, no entanto, “é muito difícil ver um em Fortaleza, porque tem que ter muito dinheiro pra comprar cordão de ouro enorme e também aquelas blusas de basquete, frouxona, bermudão e tênis esquetista” (Beto, 18 anos).

Além da calça frouxa, conforme destacou Raul, o estilo *bboys* é composto por blusas de malha com estampas, geralmente, referenciando o *break* ou grupos de *hip-hop*, cearense ou nacional. Os bonés ou gorros também compõem o visual dos *bboys*. Costumam também dançar de *shorts* frouxos e tênis coloridos, no entanto, mais discretos que os da “galera do *free step*”. Assim como em outros estilos, a indumentária não se constitui como regra intransponível, sendo possível encontrar muitos *bboys* no DM dançando break de calça

skinny e blusas (ou camisetas) mais coladas ao corpo. Essa “galera”, composta por grupos de *hip-hop* da Cidade, põe-se por jovens em faixa etária diversa, estando entre garotos de 12 a 25 anos.

Figura 23 – Jovens Bboys na Arena do DM



Fonte: arquivo pessoal

Por não se misturarem com a “galera da PV”, os *bboys* têm pouca interação com os demais estilos dessa pesquisa, no entanto, compartilham espaços/tempos nas noites do DM, especialmente, com a galera do *free step*, com quem disputam uma rivalidade no âmbito da dança de rua. Talvez, por isso, Monalisa (16 anos) os descreva como “os caras que se acham

demais! Que se acham por dançar muito, entendeu? Eles não fazem nada, só ficam ali, naquela gira deles”.

O fato de não interagirem com os demais jovens que frequentam o DM, especialmente com a “galera da PV”, são motivadores de especulações sobre rivalidades entre grupos e estilos juvenis. “Eles ficam só no Planetário, não andam aqui na PV porque só gostam de música eletrônica e não se misturam muito com roqueiros” (Adilson, 16 anos). Assim como no *free step*, o *break* apresenta-se como dança genuinamente masculina e em seus espaços de interações, as meninas não ganham muita visibilidade, por manterem-se como meras observadoras e/ou como namoradas dos dançarinos. Além da suposta rivalidade entre estilos adeptos de ritmos musicais deferente, a sexualidade também parece demarcar espaços (re)definidos por aproximações e distanciamentos por estilos e sexualidades, nos quais os garotos *bboys* não se misturem com estilos e grupos que se aproximem de uma suposta homossexualidade. Seria o *break* um espaço de hegemonia masculina e heteronormativa?

g. Os Otakus (ou animes)

É uma criança grande. Não parou de assistir desenho ainda. (Tchuco, 18 anos)

Não é estranho aos frequentadores da PP e do DM depararem-se com um jovem fantasiado de algum personagem de desenho animado, especialmente dos *animes* – desenhos animados da cultura japonesa divulgados em formato de revista em quadrinhos e/ou exibidos na TV. *Otaku* é o modo como são chamados os jovens adeptos da cultura anime japonesa⁹⁶. Por vezes, fantasiam-se de personagens em eventos, prática conhecida como *cosplay*⁹⁷. Os jovens desse estudo atribuem, também, a denominação “anime” aos jovens seguidores da cultura anime. Os jovens animes são aqueles que, mesmo não sendo *otakus*, se identificam com o “mundo dos desenhos japoneses” e usam indumentária, blusas – com estampas de animes – conhecidas como “blusas de anime” e gorros de desenhos japoneses.

Geralmente, os *animes* e/ou *otakus* são jovens entre 14 e 20 anos. Na PP e no DM, não formam grupos específicos. Jovens adeptos de outros estilos também costumam

⁹⁶ Consultar: “*Otakus. Construção e representação de si entre aficionados por cultura pop nipônica*” (LOURENÇO, 2009).

⁹⁷ “Uma abreviação para a expressão inglesa *costume player*, que designa uma atividade surgida nas convenções de quadrinhos nas décadas de 70, aonde as pessoas se fantasiavam de acordo com seus personagens favoritos e participavam de concursos de fantasias e interpretação de cenas de filmes, seriados, livros e revistas dos quais extraíram esses personagens” (RAMOS, 2007, p. 79).

identificar-se com a cultura pop japonesa, sem que seja necessário a adoção do estilo *anime* e/ou *otaku*, como exemplifica Matheus: “Os emos também gostam muito de anime”.

Figura 24 – Jovem Otaku na Arena do DM



Fonte: arquivo pessoal

Anualmente, ocorrem em Fortaleza duas edições de um evento sobre *anime*: a primeira, conhecida como “*Sana*”, durante as férias do meio do ano; e a segunda, como “*Sana fest*”, no mês de janeiro. O evento é considerado pelos jovens da PP e do DM como “o grande encontro”, por reunir milhares de jovens durante dois dias (em cada edição). Além de *otakus* e

animes, o evento reúne todos estilos mencionados acima, assim como jovens que não seguem estilo algum, os “*comuns*” ou “*normais*”⁹⁸.

h. Os “*Comuns*” ou “*Normais*”

É você usar qualquer roupa, o que lhe der na telha (Hirley, 19 anos).

Mesmo em um contexto em que as pessoas costumam ser identificadas pelo visual, pelo estilo, “o roqueiro”, “o emo” etc., na PP e no DM, há jovens que não adotam um estilo específico, de modo a serem considerados e apontados como “*os comuns*” ou “*os normais*”. Não adotar estilo significaria usar roupas convencionais que não faça referência a nenhum modo de vida específico, gosto, ritmo musical, dança etc. Isso não quer dizer que o jovem não se identifique com determinados modos de vida, mas sim, que não os expressa por meio do visual, da imagem corporal.

Quanto ao estilo, Ângelo enquadrar-se-ia no perfil dos “*comuns*”.

O meu estilo, eu não sei! Eu visto qualquer roupa que eu vejo. Quando eu tô animado, com coragem, sei lá, eu posso ir de calça, de sapato. Quando eu tô naquele dia chato, eu vou de calção e chinela mesmo, normal. Lá não tem preconceito com nada mesmo! (Ângelo, 19 anos).

Ângelo costuma usar na PP calça jeans ou short xadrez, calçando tênis ou chinelos e, geralmente, passa as noites sem camisa. O único visual que gostaria de adotar seria deixar crescer o cabelo encaracolado, que já lhe cobre parte do rosto. No entanto, por conta dos estudos, afirmou, lamentando, “*ter que cortar*”.

Assim como “os estilosos” apresentam uma diversidade de modos de compor sua imagem, ser “*comum*” também não se traduz em uma unidade. Diferente de Ângelo, alguns jovens “*comuns*”, como Hirley, fazem desse não-estilo uma maneira de brincar com os marcadores identitários dos estilos juvenis:

Se eu quiser ir todo de preto, eu vou! Se eu quiser ir todo colorido eu vou também! Eu vou com uma calça skinny, calça jeans, ou então preta. Uma vez ou outra eu vou com uma blusa de anime, ou uma blusa V que eu tenho. Tem uma blusa xadrez também. Uso sapato branco ou vermelho. (Hirley, 19 anos).

⁹⁸ Sobre o *Sana e Sana Fest* de Fortaleza, consultar: <<http://www.portalsana.com.br>>.

Hirley percebe no lugar do “*não-estiloso*” a possibilidade do trânsito pelos estilos juvenis que compõem o contexto da PP e do DM. Brinca com seus marcadores e forja um pertencimento, mesmo que temporário e/ou superficial. Em algumas situações, faz-se uma bricolagem com estes marcadores, onde vários estilos compõem um só visual. Um corpo anunciando diferentes possibilidades de modos de vida.

Ter ou não ter um estilo pode acarretar, para alguns, na perda de um *status*. Entre os garotos homossexuais, por exemplo, não adotar nenhum estilo acarretaria restringir-se a um “*gayzinho sem estilo*”, conforme Beto descreve: “É o gayzinho que curte pop. É uns viadinhos! É viadinho! Gay, gay... gay normal mesmo! Tipo, num segue nenhum estilo! Gayzinho sem estilo. Só gosta de curtir essas músicas tipo Britney Spears, Lady Gaga”. (Beto, 18 anos).

A suposta classificação entre “*gays estilosos*” e “*gayzinho sem estilo*” anunciada por Beto pode talvez partir da percepção de que, aos garotos homossexuais, a adoção de um estilo implicaria em uma identificação com outros aspectos de modos de vida. Um *gay* estiloso deixaria de ser exclusivamente um “*gayzinho*” e passaria a ser “emo”, “From UK” etc. Desse modo, a orientação sexual deixaria de ser um marcador identitário único e seria mais um entre outros.

i. Os Pirangueiros⁹⁹

Os PI (os pirangueiros) é os gangueirozim que veste roupa de marca. (De Menor)

O termo “pirangueiro” é atribuído pelos jovens àqueles que efetuam furtos e/ou assaltos, ocasionando conflitos e violências entre jovens nos locais de sociabilidade juvenil. De Menor os descreve como “*gangueiros*”, no intuito de demarcar diferenciações entre os “pirangueiros” e os demais jovens frequentadores da PP e do DM.

É um termo que foi dado... nem sei por quem, para os garotos que andam com Kenner (chinelo), roupa da Ciclone, Smolder, que escuta Rap, Racionais, *Reggae*, *Funk*, essas coisa. (Angelo) [...] São os rapazes que querem assaltar a gente. Andam todo mal arrumado. Com um calção feio, com uma blusa da Pena, chinelo, e boné. (Hirley); Os PI (os pirangueiros) é os gangueirozim que veste roupa de marca, marca da Pena, roupa de veludo,

⁹⁹ Termo polissêmico. No contexto das práticas e considerando os comportamentos dos jovens “pirangueiros”, seu uso seria oriundo do “adj. (Piranga + eiro). 1. Desprezível, reles, ridículo. 2 pop. Pendinção” (Dicionário Michaelis. Disponível em: <<http://www.michaelis.uol.com.br>>. Acesso em 04 abr. 2013. Seriam, pois, aqueles que estão (ou andam) “na pindaíba”, sem meios ou recursos financeiros.

calça de veludo, sapato e vem pra brigar, querer arrumar briga. (De Menor, 23 anos).

As três definições, além do caráter de delinquência e do recorte de estratificação de classe e gênero, para os “piranguinhos” também implica na adoção de um estilo próprio a esses jovens. Tal estilo aproxima-se das indumentárias utilizadas por jovens de classes menos favorecidas, oriundos de bairros periféricos da Cidade, por vezes, das mesmas localidades de onde os jovens desta pesquisa são moradores.

Para alguns jovens, a convivência com “piranguinhos” não está restrita a esses espaços. No entanto, tal vivência está condicionada a relações que se constituem na dinâmica do bairro de morada e do pertencimento às localidades.

Eu não tenho preconceito com piranguinho, sabe, porque eu moro num bairro onde tem váaaarios!!! Eu tenho muito amigo piranguinho (risos). Tem piranguinho legal e piranguinho chato. Ladrão, também. [...] Ser piranguinho é como se fosse ladrão, né?! (Ângelo, 19 anos).

Ângelo define, também, diferenciações acerca da sociabilidade com “piranguinhos”, tomando como referência os espaços de interações juvenis, a PP e o DM: “Os piranguinhos da Praça Portugal, a gente conhece... e tal, são pessoas que a gente conhece. É piranguinho de confiança, entendeu? Agora, os piranguinhos do DM, eu não dou nenhum pingão de valor.” (Ângelo, 19 anos). Assim, os riscos e/ou conflitos (roubos, brigas, espancamentos) causados pela presença dos “piranguinhos” junto aos demais jovens estão condicionados aos contextos espaciais e os modos de interações e negociações das sociabilidades juvenis, determinando o caráter de “confiança” ou não nas relações.

Segundo os jovens, os “piranguinhos” frequentadores do DM são (jovens) moradores de favelas existentes nas mediações da Praia de Iracema, que frequentam a PV (e mediações) no intuito de assaltar e/ou roubar os demais jovens. Isso justificaria a conhecida expressão “*piranguinhos da PI*” frequentemente utilizada nos relatos sobre assaltos, brigas e violência nas noites de sábado do DM. A aproximação aos locais de moradia desses jovens, “as favelas”, facilitaria a prática de violência protagonizada pelos piranguinhos da PI no DM, assim como ameaçaria os jovens que reagem a seus assaltos e demais investidas.

O distanciamento da PP à PI seria um dos motivos que impede a ação dos piranguinhos na praça. Aliado a isso, está a sensação de segurança causada pelo significado da Aldeota como bairro nobre, portanto, com grande esquema de policiamento. A atuação da “*galera da DNA*” como protetores da praça e de seus jovens frequentadores também é

considerada inibidora da presença de “pirangueiros” não confiáveis. Assim, para frequentar a PP, há de se estabelecer pactos de confiança e sociabilidade, especialmente com os “*donos do pedaço*”.

4.2.1 Os Estilos Juvenis sob (In)Compreensões Conceituais e Empíricas

Em conversas e observações sobre estilos e grupos juvenis, é perceptível que, muitas vezes, “*estilo*”, “*grupo*”, “*turma*”, “*galera*” assumem significados diferentes. Usa-se “*estilo*” para falar de “*grupo*” e vice-versa, assim como “*galera*”, ou “*pessoal do...*” para falar do estilo, o que, a princípio, gerava incompreensões sobre as interações em grupos e/ou por estilos, e a constatação de que apenas por meio do discurso fica difícil captar as dinâmicas de sociabilidades sobre estilos e grupos juvenis. Questionados sobre a existência de grupos juvenis que se encontram no DM, Anjo Mau (15 anos) e Camila (14 anos) explicam:

Anjo Mau (15 anos): Tem! Cada um tem a sua família.

Camila (14 anos): Cada um chega e, mesmo se a pessoa chega e não fica com a sua galera, mas chega um que chama e se enturma. Não tem nem como!!!

Alexandre: E como é essa galera? Como ela se forma?

Camila (14 anos): É tipo assim... é um grupo de amigos que moram perto e outros que se conhecem pelo MSN, orkut, aí marca de se encontrar. Aí, se encontra a primeira vez e se tornam amigos, entendeu? Aí, vem todo sábado. E tem grupos diferentes. Tem grupo de *gay*, tem grupos de roqueiros, de góticos, de *punks*, de emo, de tudo um pouco, entendeu?

Alexandre: E esses grupos são separados assim?

Camila (14 anos): É, mas todo mundo se mistura. Todo mundo é uma família aqui.

Anjo Mau (15 anos): É tipo... o grupo Psicose, Pbemos, *Punk*, o grupo *Stifles*, o grupo emo, gótico e assim vai...

Conforme podemos perceber, a princípio, Camila (14 anos) associa grupos a estilos, incluindo a homossexualidade como um dos estilos. Afirma também, em seguida, que no âmbito das interações, todos se misturam. Tal leitura abriria precedente para imaginarmos haver um ou mais grupos compostos somente por *emos*, por *roqueiros*, por *otakus*, o que pode até existir, no entanto, como exceções. Isso porque os grupos mais homogêneos são aqueles ligados à dança: a galera do *free step* e do *break*, enquanto os demais estilos parecem interagir numa dinâmica de grupalidade mista sem demarcações identitárias por estilo. Os grupos juvenis, nesses espaços, não tomam como referência para a grupalidade a adoção de um estilo específico, mesmo que haja a prevalência de determinado estilo. Ao final dessa conversa,

Anjo Mau (15 anos) descreve grupos e estilos como sinônimos, numa demonstração de que estilo e grupalidade pairam sob imprecisões e confusões teóricas e práticas.

Quanto à menção da existência de “grupo de gay”, acredito que faça referência aos jovens LGB que estabelecem interações, vínculos de amizade quase que exclusivamente com outros jovens LGB, apesar de transitarem entre turmas e galeras com hegemonia heterossexual ou bissexual. Considero o fato de mencionarem a “homossexualidade” entre os estilos ou grupos juvenis como um indicador de que esta funciona, entre os jovens, como um demarcador de identificação (ou identitário), o que apontaria para orientação sexual também como referência para as interações, a sociabilidades e a constituição dos grupos juvenis.

Por vezes, a ideia de grupalidade juvenil é associada à adoção de um estilo, sem que isso implique em uma inserção a um grupo específico por estilo, nem acione um campo de impedimento a relações de afetividade, amizade e sociabilidade com jovens adeptos a outros estilos. Assim, adotar o estilo *punk* e frequentar a PP e o DM equivaleria a pertencer a um grupo nesses espaços, mesmo que se estabeleça interações com jovens de outros estilos, sem afinidades com demais jovens *punks*. Para Pais (2008, p. 209), os grupos sociais, como uma das formas de filiações sociais entre pessoas

[...] afirmam-se por comportamentos que buscam expressar e legitimar identidades, numa luta pela significação. Com efeito, as identidades grupais entrecruzam-se com identidades pessoais em processos de identificação que reflectem a intersecção de um “eu” com um “nós”, em contraposição com outros, olhados como “eles”.

No entanto, não foi necessário muito tempo para perceber que as interações juvenis desenvolvem dinâmicas de sociabilidades entre estilos que podem ser identificadas pelo aspecto da “*mistura*” e que tanto as sociabilidades em grupo quanto a adoção de um estilo (ou de estilos) mobilizam-se por dinâmicas de trânsitos juvenis, ou seja, jovens vivenciando experiências de trânsitos tanto entre grupos quanto por estilos. Atrelado a esses trânsitos, os marcadores de gênero e sexualidade implicam significativamente na elaboração de movimentos de aproximações e distanciamentos afetivo/sexuais entre grupos, estilos e jovens. Quero ressaltar que os trânsitos juvenis aqui estudados não se fazem homogêneos, pois é possível identificar uma diversidade de modos juvenis de olhar e vivenciar as experiências com estilos e sexualidades.

No âmbito das subculturas juvenis, Ferreira (2008, p. 230) afirma que

[...] a fragmentação reticular das sociabilidades subculturais contemporâneas não permite identificar uma unidade de “grupo”, um *nós associativo* de que se é membro, mas diversos *nós sociativos* conexos, fundados em relações concretas com outros pessoalizados, que se estabelecem temporariamente com base em afinidades e afetividades. Destes “*nós*” o jovem não exige *semelhança*, mas sobretudo, *reconhecimento* da sua diferença, fractalmente partilhada em termos de identificações, situações e experiências. É esse o novo compromisso social estabelecido entre quem adere a este tipo de contextos microsociabilísticos.

Os grupos juvenis, por sua vez, se constituem, também, por uma diversidade de referenciais de identificações, não se restringindo a um estilo único ou à orientação sexual específica. Desse modo, a afirmativa de Pais (2008, p. 235) que nas culturas juvenis, “frequentemente, a identidade dos grupos é afirmada através de um estilo” parecia, inicialmente, confrontada por uma diversidade elementos de identificações juvenis. Ocorre que essa grupalidade caracterizada pela diversidade de estilos e práticas juvenis apresenta limitações no campo das sociabilidades afetivas, pois se restringe a interações fluidas, de convivialidades (geo-espacial e afetiva) limitadas.

Digo isso ao constatar que o grupo de jovens frequentadores da PP – a “*galera da PP*” – e o grupo de jovens frequentadores do DM – “*a galera do DM*” – estão subdivididos por uma diversidade de grupos juvenis que se mobiliza por redes de afinidades e identificações capazes de motivar convivialidades e afetividades mais significativas e fixas nas quais amizade, solidariedade e convivialidade surgem como laços fortalecedores da grupalidade. Que mecanismos mobilizam suas aproximações e distanciamentos?

Para captar os marcadores definidores de aproximações e distanciamentos das interações juvenis nas praças, foi necessária uma imersão no campo das interações para além dos discursos juvenis. Somente a partir dessa imersão fui percebendo, por exemplo, que quando falavam da “*galera do free step*” ou da “*galera do Break*” referiam-se a todos os jovens adeptos desses estilos de dança de rua e frequentadores do DM, e que cada “*galera*” é composta por grupos diferentes e compartilham do mesmo espaço levados pela dança: o palco sob o observatório. Quanto às demais galeras – *punks, roqueiros, emos, from UK, otakus* –, essas têm como elemento primário de identificação a estética corporal, estando associados mais à imagem corporal do que a práticas coletivas de sociabilidade juvenil nas praças, ou seja, esses estilos teriam o corpo como *locus* primário de identificação, assim como a afinidade (ou não) com elementos relacionados ao estilo (música, cultura, dança etc.).

Nesse âmbito, o caráter transitório e fluido dos marcadores estéticos corporais dos estilos – o corte e penteado do cabelo, a estampa da blusa, a cor da indumentária, o uso (e

estilo) da maquiagem etc. – põem sob suspeita a legitimidade identitária por parte desses jovens estilosos. Por algumas vezes, tal suspeita põe o estilo como uma categoria hierarquicamente inferior, por associá-lo exclusivamente à adesão a uma “*modinha*” expressa por meio da adoção da estética corporal, portanto, sem a identificação com os demais elementos identitários atribuídos aos gostos e modos de vida de um “verdadeiro” *roqueiro*, *otaku*, *emo* etc. Assim, seriam apenas jovens “*vestidos de*”.

Estão imersos nesse contexto compreensões diversas sobre identidades e identificações juvenis. Não há, portanto, entre os jovens, um consenso sobre esse embate acerca da incorporação de uma identidade ou apenas de um estilo estético, de modo que “*mostrar-se algo*” ou “*ser algo*” tomam significações subjetivas acerca das identificações e expressões corporais juvenis.

4.2.2 Marcas que se Desmarcam: Estilos, Sexualidades e Estética Corporal Juvenil

Os estudos de Ferreira (2008) dizem respeito à corporeidade marcada em sua “versão mais radicalizada”: a tatuagem e o *body piercing*. Contrária a estes mecanismos demarcatórios do corpo, as marcações corporais juvenis aqui observadas não assumem um compromisso definitivo com um determinado modelo de corporeidade, pelo contrário, fazem do corpo um *locus* de marcações fluidas, inconstantes, possíveis de apagar-se. Assim, este estudo versa sobre corporeidades marcadas por meio da estética e da performatividade juvenil elaboradas por marcadores temporários, transitórios e inconstantes.

Trata-se nesta pesquisa de corporeidades sob marcações fluidas, estética corporal juvenil elaborada por meio de marcadores simbólicos e materiais que, se são de identidade, versam sobre um campo de identificações com os contextos e situações vivenciadas nas experiências juvenis. Dessa maneira, opto por utilizar a expressão “estética corporal juvenil” por entender mais apropriada à representação da fluidez e inconstância dessa marcação corporal e por compreender a expressão utilizada por Ferreira (2008) – “*marcas corporais*” – mais apropriada a “*projetos identitários*” que trazem consigo um caráter de permanência e fixidez identitária. No entanto, as discussões trazidas por Ferreira (2008) são pertinentes para nossa análise em torno das mobilizações estéticas e performáticas juvenis, e suas interações com marcadores e dispositivos sexuais.

As interações nas praças marcam-se pelo caráter de pluralidade, tanto dos estilos juvenis quanto da orientação sexual (das expressões da sexualidade). São espaços onde os jovens permitem-se ou vivenciam experiências de convivialidade com outros de distintas e/ou

múltiplas identificações, em espaços/tempos simultâneos, onde modos de vida e sexualidades juvenis compõem uma heterogeneidade de identificações por meio, especialmente, da adoção de uma estética corporal, de performatividades (também estética e corporal) e de dinâmicas de sociabilidades. Os gostos musicais (*rock. música eletrônica*), a prática de esportes (*skate*), o exercício da dança (*free step/break*), o cultivo de uma cultura específica (*animes*) são mobilizados por essas experiências que se e materializam no corpo e se expressam performativamente de acordo com a(s) identificações de cada jovem.

Para alguns, absorvida de maneira unitária (ou majoritária) a anunciar uma suposta demarcação identitária pelo estilo adotado, para outros, compartilhadas por uma diversidade de identificações que ora se complementam, ora se contradizem num limiar paradoxal das práticas cotidianas. Nessas, a vivência experimental se faz mais nítida, e até consciente, anunciando o caráter de inconstância e fluidez, o que não implicaria, para esses, em uma posição inferiorizada de uma suposta hierarquia nos modos de vida juvenis. Como exemplo, o garoto dançarino de *free step* que curte *rock* e mantém sociabilidades com grupos de dançarinos de *free step*.

Por vezes, essa bricolagem, ou esse fazer-se *Frankenstein*, se dá por meio de um processo sequencial de adoção de estilos, sujeito a movimentos de idas e vindas, quando não, de adoção simultânea de marcadores de diferentes estilos. Desse modo, o corpo surge como o *locus* de concretização simbólica e material no intuito de demarcar identificações com estilos juvenis. Essas marcações trazem consigo representações simbólicas para além de um modo de vida juvenil, por portarem marcadores socioculturais de gênero e sexualidade, significados expressos em formas de expressões de identidades sexuais.

Os jovens conhecidos como “comuns” ou “normais” empreendem um “jogo de bricolagem estético” onde, guiados por circunstâncias de sociabilidade e afetividade, mobilizam marcadores estéticos de estilos diversos. Essa bricolagem ora se faz pela apropriação momentânea da estética de um estilo único, ora por uma fusão de marcadores diversos. Ser ou está “normal” ou “alternativo” significa a possibilidade de transitar, de alternar por uma diversidade de estilos, tendo como referência identitária os padrões estéticos e hegemônicos instituídos em sociedade.

Há de considerar a diversidade de significados atribuída aos marcadores, de modo que as motivações para a adoção de alguns são também variadas, sendo possível significados paradoxais a um mesmo marcador. Um exemplo bastante comum nas praças seria a adoção das calças coladas por jovens de grupos diversos e da franja, teoricamente, atribuída aos *emos*.

Tais quais as marcações corporal de caráter mais definitivo, os marcadores compreendidos pelo que chamo de “estética corporal juvenil” assumem, no âmbito da “*bricolagem estética*”, significados singulares aos jovens.

Os recursos imagéticos sobrevalorizados na construção desse tipo de visuais justamente por adquirirem, no ponto de vista de seus usuários, um sentido mais singularizador do que unificador [...] o valor da originalidade. (FERREIRA, 2008, pg. 232).

O caráter de originalidade é obtido por meio de sutis modificações visuais no sentido de adquirirem a singularidade, que os distinguirá dos demais. O estilo dos cabelos, por exemplo, são bastante diversos. O tamanho da franja, se cobre o olho, metade do rosto, se há grandes costeletas, se exibe uma mecha de outra cor etc... traz ao jovens a desejada singularidade, uma “*marca*” como afirmou o *otaku* Jerônimo (23 anos).

Essa flexibilidade e instabilidade na produção da imagem corporal põem o corpo e a estética apenas mais um elemento de demarcação identitária ou de identificação, de modo que já se proclama outros elementos legitimadores de tais identificações. O corpo, demarcado ou não por códigos e signos identitários, estaria sujeito a legitimá-la via outros elementos legitimadores da identidade, de caráter menos estético e mais conceitual ou ideológico. Os garotos com blusas de *rock*, os “arrumadinhos” que passam por arguições sobre bandas, álbuns e músicas, na busca de legitimarem a identidade de “roqueiro”, por exemplo. Contrário a esses, alguns jovens roqueiros, membros da “*Galera da DNA*”, que, em sua maioria, não adotam a estética tradicionalmente atribuída a essa identidade, são profundos conhecedores do *rock* e vivenciam cotidianamente o gosto pelo estilo musical. A vida cotidiana (os circuitos, os grupos juvenis de que fazem parte) funciona também como determinante para a legitimação da identidade.

Entra em jogo um embate ideológico/ético em defesa da tradicional percepção de que o corpo seria o *locus* de vivência e exposição de uma ideologia ou identidade atrelada a uma mesma lógica, elaborada por gostos, estética e práticas produtora de um modo de vida específico. Signos identitários, intrínsecos e extrínsecos, demarcadores do lugar da identidade e indicadores de sua autenticidade. Nessa percepção, qualquer dissociação seria fadada ao crivo da ilegitimidade, da suspeita, atribuindo ao outro, o lugar do ilegítimo, da identidade fraudada. É o caso dos garotos que se vestem de roqueiros para serem inseridos nos grupos, ou apenas como táticas de pertencimentos aos locais e grupos de sociabilidade juvenil.

Contrária a essa percepção, colocam-se aqueles que relativizam tais elementos identitários, pondo em questão tanto sua legitimidade quanto a obrigatoriedade da adoção de um estilo e modo de vida único e definitivo. Aqui, a possibilidade de trânsitos e expressões corporais, por estéticas e performances diversas, se fazem associadas ou não a gostos musicais e a um modo de vida único. O sujeito se faz por processos experienciais de identificações e expressões corporais múltiplas, isento da ditadura identitária.

Abrir-se-ia mão da marcação identitária fixa, constante, por uma sequencial, ou simultânea, dinâmica de representações artificiais por estilos e modos de vida, que se fazem descartáveis e a mercê de interesses e conveniências da vida (Exemplo: os “comuns” ou “comuns” que adotam uma estética mutante utilizando-se de signos e símbolos atribuídos a determinados estilos). Seriam experiências sujeitas apenas à demarcação de tempos e práticas pontuais que têm as descobertas da cidade, do lazer fora do bairro, das sexualidades e dos estilos referenciais de experiências e trânsitos juvenis.

Seriam também espaços/tempos apropriados a essas experiências aqueles onde as normatividades hegemônicas se fazem (geograficamente) mais distantes, e os sistemas de controle e vigilância menos presentes, apesar de se fazerem presentes por meio dos saberes já instituído nos processos de formação juvenis. Seriam, assim, as interações entre pares na rua, longe dos sistemas de controle institucionais – a família, a escola, a igreja – onde esses não penetram diretamente, *locus* oportuno para a experimentação do estilo de vida escapatório, por identificações esporádicas, não atendendo às reivindicações identitárias, no entanto, em diálogo e, por vezes, em conflito com essas.

4.3 Grupalidades Juvenis: Aproximações e Distanciamentos em “*Tempos de Misturas*”

Se tomarmos por empréstimo o espelho mágico do conto dos Grimm e atribuímos aos jovens a tarefa de reformular a célebre pergunta da Rainha Má – “*Espelho, espelho meu. Existe alguém mais bela do que eu?*” –, que palavra substituiria “bela” aos estilos e modos de vida dos jovens desta pesquisa? “*Rebelde*”?, “*diferente*”?, “*sentimental*”?, “*maneiro*”?, “*satânico*”?, “*alternativo*”?, “*underground*”?, “*fashion*”?, “*doido*”?, “*moderno*”?, “*boy*”, “*gay*”?, “*descolado*”?, “*cult*”?, “*perigoso*”?, “*transado*”?, “*comum*”?. Que referenciais – simbólicos e/ou materiais – mobilizam a adoção dos estilos nesse (re)elaborar de modos de vida juvenis?

A descrição dos estilos, assim como alguns dos seus marcadores sociais de identificação com modos de vida juvenis, são tão relativos quanto os significados dos

possíveis adjetivos com os quais poderíamos identificá-los. A subjetividade nesse campo me leva a apontar apenas algumas aproximações e distanciamentos entre os estilos e seus modos de vida, assim como suas mobilizações com marcadores de gênero e sexualidade. Assim, fujo de uma análise pautada em generalizações, que certamente levaria a um olhar positivista sobre os sentidos e significados atribuídos às culturas juvenis.

Por tratar-se de misturas, mais especificamente, jovens em situações de misturas, poderíamos considerar alguns aspectos: grupos, estilos, étnico/raciais, gênero, orientação sexual, classe social, faixa etária. Esta pesquisa, como já anunciado, aprofunda-se nos modos de vida e sexualidades juvenis, de modo que damos atenção aos aspectos relacionados a estes marcadores de identificações, sem ignorar as demais dimensões definidoras de diferenças e semelhanças.

“Penso que estão juntos, mas não se misturam. Será?” (Diário de Campo, 25 de setembro de 2011). Essa questão rondava minhas inquietações sobre os modos como os jovens frequentadores da PP e do DM articulavam sociabilidades frente à diversidade de estilos juvenis e sexualidades, em suas peculiaridades. Por algum tempo, as observações da dinâmica de interações juvenis pareciam apresentar sempre evidências incertas, imprecisas, duvidosas. Foram necessários alguns meses para constatar que a dinâmica de sociabilidade entre jovens nessas praças aglutinava, simultaneamente, experiências de “misturas” marcadas por sutis interações entre “aproximações” e “distanciamentos”. Ora misturados, ora apenas juntos. Esse movimento de aproximações e distanciamentos era constituído por dinâmicas de elaborações de fronteiras que tinham dimensões diversas, mobilizadas pela diversidade de significados atribuídos aos estilos e às sexualidades juvenis.

a. As “Galeras”

Ao apresentar esta pesquisa, poderia definir genericamente os sujeitos investigados da seguinte maneira: esta pesquisa investiga as interações vividas pela galera da PP e do DM. Não foram poucas as vezes em que a expressão “a galera” apareceu nos discursos juvenis, como sinônimo de “os jovens” para designar os seus coletivos, tomando diferentes referenciais de identificação.

As expressões “a galera da PP”, “a galera do DM”, “a galera da PV” demarcam a dimensão geográfica das interações juvenis, ao passo que sinalizam para um sentimento de pertença a um grupo que tem um lugar como referência: “esse cara é da galera da PP”, questão retomada posteriormente quando discutiremos os significados atribuídos às designações “jovens da PP” e “jovens do DM”.

Nos contextos desta pesquisa, considerando a diversidade de modos de vida e sexualidades que caracteriza as “*galeras da PP e do DM*”, estariam elas compostas por uma série de marcadores identitários, seja de estilo (“*a galera do free step*”, “*a galera do rock*”, “*a galera colorida*” etc.), de orientação sexual (“*a galera homossexual*”, “*a galera bi*”, “*a galera hetero*”) de localidade de morada (“*galera do Jangurussu*”, “*galera do Montese*” etc.) ou a partir de identificações com gostos e/ou comportamentos (“*galera que bebe*”, “*galera da pesada*”, “*a galera de briga*”, “*a galera que vira*”, “*galera que vem só curtir*” etc.). Como, no âmbito das interações entre pares em espaços públicos, os jovens (da PP e do DM) mobilizam ações coletivas (de sociabilidade) em meio a fronteiras (de)marcadoras de diferenças e semelhanças? O que os aproxima a ponto de pertencerem a determinada(s) “*galera(s)*” e que referências os distanciam? Como elaboram, simultaneamente, movimentos de aproximações e distanciamentos se estão imersos em múltiplas identificações?

Estas aproximações e distanciamentos decorrem de construções socioculturais de identidade nas quais, gênero, classe, etnia mobilizam marcadores identitários atribuindo significados e sentidos a modos de vida, estilos, orientações sexuais. Onde moramos; com quem e como nos relacionamos afetivo/sexualmente; nossa imagem; adquirem significados sociais sobre o que somos, a que mundo pertencemos, de modo a definir nosso enredo, nossas tramas, os caminhos que seguimos, a desenhar a linha da vida numa perspectiva linear de mundo, ignorando os contratempos e a subjetividade humana a que estamos sujeitos.

As interações juvenis caracterizadas por “*tempos de misturas*” apresentam-se como um rico cenário a nos informar como os jovens mobilizam estes marcadores que dialogam nas tramas da vida urbana – nas ruas, nas praças, nos bares etc. – e interagem com as experiências vividas em outros espaços e dimensões da vida juvenil. A diversidade geográfica e social dos bairros de morada, de expressões de afetos e sexualidades e de estilos juvenis vão traçando modos de vida a partir de suas experiências individuais e coletivas.

Conforme mencionei anteriormente, esse contexto aponta para uma teia de relações em que se entrecruzam identificadores a partir dos pertencimentos a “*galeras*”. É preciso aqui ressaltar que o pertencimento a uma galera não implica, necessariamente, a integração a um grupo. Por tratar-se de vivências coletivas, a identificação de um jovem com determinada(s) “*galera(s)*” pode decorrer do olhar sobre si, ou melhor, de suas próprias identificações como, também, do olhar do outro, quando marcadores de estilo e sexualidades apontam, mesmo de maneira subjetiva, a que “*galeras*” aquele (grupo ou jovem) corresponde e/ou pertence. Isso implica simbolicamente em aproximações e distanciamentos com uma diversidade de marcadores identitários. Pertence-se assim a várias galeras simultaneamente,

podendo no âmbito dos modos de vida optar por referenciais de identificações que se aproximem mais de alguns aspectos que de outros. Ao pertencer simultaneamente a várias galeras, como se mobiliza referenciais que, por vezes, culturalmente se contrapõem? Opta-se por identificações que se aproximem mais de alguns aspectos que de outros?

Penso que essas múltiplas identificações juvenis, direta ou indiretamente, desenham sociabilidades afetivo/sexuais e articulam interações onde estilos e grupalidades juvenis mobilizam-se e são mobilizados por questões de gênero e orientação sexual, (re)significando modos de vida e sexualidades juvenis. Nas próximas seções exploro como estas articulações se constroem nesse movimento em que ora se aproximam, ora se tencionam.

b. Sociabilidades sob Múltiplas Identificações

A priori, as expressões “*galera da PP*” ou “*galera do DM*” informavam a existência de grupalidades que tinham o “pedaço” como referencial identitário. No entanto, a suposta unidade identitária dessas “*galeras*” constituía-se por uma diversidade de “subgaleras” – subgrupos, tribos, estilos, “*turmas*” – compostas por múltiplas identificações de estilo, de orientação sexual, de bairro de morada, de gostos etc. A “mistura” dessas múltiplas formas de expressões (ou culturas juvenis) foi, a princípio, um obstáculo para a percepção dos modos como os jovens interagiam em grupo nesses espaços.

Se os indivíduos que integram algumas tribos urbanas se distanciam de determinados padrões sociais, não é propriamente com o objetivo de se isolarem de tudo o que os rodeia, mas para reencontrarem com os grupos de referência mais próximos dos seus ideais. Por vezes, como é difícil preservarem a sua identidade nas tramas da sociedade convencional - ou dela saírem quando a diferença é uma manifestação de exclusão social – investem-se em redes relacionais de proximidade que recriam novas afiliações sociais. O que a metáfora da *tribo* sugere é a emergência de novos influxos sociais que decorrem de algum tipo de reagrupamento entre quem, não obstante as suas diferenças, procura uma proximidade com outros que, de alguma forma, lhe são semelhantes de acordo com o princípio “*aqui se ressemble s’assemble*”. É pois, em formas de sociabilidades que se orientam por normas auto-referenciais de natureza estética e ética e que assentam na produção de vínculos identitários. (PAIS, 2008, p. 246)

A tarefa de desvendar as “normas auto-referenciais” dos jovens “*galera da PP*” ou “*galera do DM*” implicaria assim, em responder a uma série de questionamentos: Como e quais grupos interagem entre si nesses espaços? Quais os referenciais de grupalidade? Quais as percepções intergrupais? Como (ou se) a sexualidade é acionada nesse movimento de sociabilidade e interação juvenil entre grupos? A mobilidade, fluidez e a instabilidade juvenil

faziam dessas questões um enigma. Era necessário refazer os caminhos que os levavam à “mistura”, conhecer as dinâmicas de grupalidades para assim acessar os mecanismos agenciadores de suas interações. Os grupos juvenis seriam um dos caminhos, pois “as identidades de grupos emergem de identificações e contra-identificações, de oposição e distinções – como se a existência de uns e de outros fosse possível a partir das relações que entre eles se estabelecem” (PAIS, 2008, p. 247).

No entanto, logo ficou perceptível que os trânsitos juvenis inter e entre subgrupos não se faziam por lógica homogênea, explícita e demarcada de referenciais identitários, mas por uma pluralidade de identificações que tomam a subjetividade juvenil como campo demarcatório de sociabilidade.

A hipótese inicial e a mais óbvia seria a de que se agrupassem por estilo e/ou por orientação sexual, ao observar esses como os marcadores de identificação mais visíveis entre pares, portanto, promovedores de identificações entre iguais, resultando na construção de sociabilidades e grupos juvenis específicos. Tal hipótese esbarra em problemáticas conceituais e práticas sobre estilos e orientações sexuais: “*O que é ser roqueiro?*”, “*Quem é gay?*”, “*Existe emo?*”. Para além desses questionamentos, que se faziam atravessados por subjetividades diversas, a interseção juvenil por identificações com estilos e orientações sexuais dificultava a confirmação desses marcadores de grupalidades juvenis: “*A que grupo integraria um jovem roqueiro gay? Ou um jovem emo heterossexual?*”.

Assim, para a identificação de grupos específicos entre as “misturas” juvenis, ignoro os referenciais de estilo e orientação sexual e utilizo-me de algumas pistas com as quais acreditava identificar a existência de tais grupos, seriam: O deslocamento (em grupo) no itinerário do bairro de morada às praças (e vice-versa); A ocupação (divisão) dos espaços na PP e no DM; A dinâmica cotidiana de sociabilidade – aqueles jovens que estão sempre juntos, tanto nessas praças, como em outros espaços da cidade.

Conforme mencionado anteriormente, a instabilidade da dinâmica juvenil dificultava a identificação desses marcadores de grupalidade, uma vez que, a princípio, pareciam transitar em constantes movimentos. A aproximação e a convivência com alguns jovens foram necessárias para a identificação de modos de grupalidades que se misturavam nesses espaços.

Não há dúvida que alguns grupos juvenis estão fortemente marcados por sociabilidades que se constituem a partir da identificação com estilos (ou modos de vida). A “*galera do free step*” e a “*galera do break*” são exemplos nítidos de jovens que transitam pela Cidade em pequenos grupos e que têm no estilo da dança o referencial para a sociabilidade

juvenil. O olhar de Tittyz (16 anos) retrata tal perspectiva de grupalidade juvenil, demarcada pela identificação com o estilo:

Cada pessoa fica no grupo que você é, por exemplo, se eu danço, eu só fico ali no planetário, ou então se todo mundo que dança vai pra Praça Verde, eu também vou. Eu só ando com eles. Eu só ando com o pessoal que dança. [...] É uma turma assim, todo mundo se identifica com o que é. Se eu danço *Free Step*, eu vou andar com o pessoal que dança *Free Step*, eu num vou andar com o pessoal que é *emo*, porque eu não sou *emo*. Então, como eu não sou *emo* e nem gosto desse estilo, eu não vou andar com o pessoal que é *emo*. (Tittyz, 16 anos)

Vale lembrar que o posicionamento de Tittyz (16 anos) não pode e nem deve ser tomado como regra intransponível aos jovens dançarinos de dança de rua. Esse posicionamento está respaldado na existência de uma suposta rivalidade entre estilos musicais e no fato dos espaços de sociabilidade juvenil estarem atravessados pela socialização de tais gostos (por meio da escuta em caixinhas e/ou celulares), o que dificultaria a grupalidade de jovens de diferentes preferências de estilo de música.

Na turma do *free step* alguns se misturam, mas poucos. Principalmente por causa dessa rivalidade... Assim, um cara do *free step* chega numa galera de *roqueiro*, ai ver aquele sonzão tocando, *rock* pesado, ai aquela pessoa não gosta da música. “-O meu lance não é esse!”. Por isso que eles não se misturam. (Monalisa, 16 anos)

Apesar da dinâmica juvenil da “galera do *free step*” do DM sinalizar um distanciamento dos demais jovens que ali interagem, há, mesmo em menor proporção quantitativa, jovens dançarinos de *free step* que descansam dos passos livres na mistura da PV e da PP. A “galera do *break*”, parece tem maiores resistências em misturar-se com os jovens da PV.

No âmbito desta pesquisa, os jovens que têm, especialmente, a Arena do Dragão do Mar como espaço de encontros entre grupos de dança, não estabelecem interações de sociabilidade com maior intensidade na PP e na Praça Verde do DM. Assim, opto por aprofundar-me em grupalidades que se constituem nos espaços das praças com mais intensidade e naquelas em que estilos e orientações sexuais retratem as “misturas” que caracterizam as sociabilidades aqui estudadas.

Confesso que nos primeiros meses frequentando a PP e o DM, pús em xeque a existência de grupos juvenis em meio àquela diversidade de jovens que transitavam pelos

espaços de interações, exceto os grupos de dança, mencionados anteriormente, que se mostravam claramente tais quais grupos com dinâmicas próprias e restritas à dança.

A ideia de grupalidade na PP e na PV do DM parecia existir em meio à mobilidade juvenil, no entanto, numa dinâmica inconstante e de curto prazo, sem perspectivas de grupos consolidados. Isso porque os grupos de jovens que se formavam, a conversar e/ou a beber, construíam-se e desfaziam-se várias vezes no decorrer da noite. Um dado que se aliava a tal percepção diz respeito à observação do itinerário juvenil do bairro de morada às praças e vice-versa. Quando não individual, os percursos juvenis eram feitos em pequenos números de jovens (dois ou três), e não em grupo. Se o itinerário não se fazia em grupo e as dinâmicas de interações nas praças não se mobilizavam por grupalidades duradouras, como identificaria a existência de grupos juvenis?

Ocorre que apenas a observação dos itinerários e das dinâmicas de conversas em grupos não era suficiente para a identificação dos grupos mais consistentes e duradouros e das dinâmicas por eles empreendidas. Era preciso adentrar as relações afetivas e as interações juvenis para além das praças. Acompanhá-los na tentativa de perceber as motivações dos trânsitos e os marcadores de possíveis grupalidades em meio às mobilidades.

Durante os primeiros meses no campo, a opção por não interpelar diretamente os jovens sobre os processos de interações e modos de grupalidade juvenil, de certa maneira, dificultava a identificação dos grupos ali existente, no entanto, por outro lado, foi possível identificar grupos juvenis que se quer se autoafirmam enquanto tal.

Pude perceber, entre alguns jovens, dificuldades em diferenciar “estilos” e “grupos” juvenis. Para alguns, o conceito de “grupo” estava atrelado ao estilo e à orientação sexual. Por diversas vezes, falavam de grupos ao referir-se a tipos de estilos e a orientação sexual, conforme já mencionamos anteriormente¹⁰⁰.

Somente durante entrevistas com alguns jovens, os grupos juvenis iam sendo citados. Apesar de já tê-los identificado anteriormente, nas entrevistas, o olhar dos jovens sobre os grupos fazia-se necessários para a compreensão de como eram vistos pelos próprios jovens, estando eles inseridos ou não nesses grupos.

Interpelado sobre a existência de grupos juvenis na PP, Ângelo foi enfático: “Os grupos não são por estilo. Não... Não... Não tem um grupo só de *roqueiro*. Não tem um grupo só de *emo*, de *gay*, *lésbicas*. É tudo misturado, entende?” (Ângelo, 19 anos). Tchuco foi mais específico:

¹⁰⁰ Tópico 4.2.1, p. 223.

Tem vários grupos. A DNA é um. Tem o pessoal da PI, da praia de Iracema, que são os pirangueiros. Ai, tem os antigos mesmos! A galera antiga que era os Stifler. É uma galera que se reúne lá sabe!? Mas são poucos, são assim, uns 10, 15. São poucos. [...] A galera do Break anda no DM, mas eles ficam só embaixo do planetário, porque só vão pros cantos que dá pra botar música e pra dançar. (Tchuco, 18 anos) (grifos meus).

O jovem Digo os identifica pelas disputas por espaços e por uma suposta violência decorrente de conflitos entre grupos:

Bom... assim, nesses dois anos [período em que Digo frequenta as praças] surgiram duas famílias, vamos dizer assim, são grupos de amigos que tentam dominar esses dois espaços, que seria a família Shifler e a Família da DNA. Então, fica tendo muita briga entre essas duas famílias. O significado desses nomes eu não sei, viu! Eu sei que são duas famílias que tentam dominar esses espaços. Os espaços onde frequentam. Ai, fica tendo intrigas entre as duas gangues. Vamos chamar assim, gangues, porque são grupos de amigos que se juntam pra bater uns nos outros e em quem não tem nada a ver com o que está acontecendo, às vezes. (Digo, 21 anos) (grifos meus).

O olhar sobre os grupos juvenis como “famílias”, ou “grupos de amigos”, nos remete a questões de cunho afetivo, para além de uma mera suposta identificação por estilo e/ou orientação sexual, o que vai ao encontro da perspectiva de grupalidade caracterizada por misturas juvenis marcadas por relações superficiais/momentâneas/fluidas. Seriam mesmo os grupos compostos por jovens de diferentes estilos e orientações sexuais? Até onde estas “mistura” se concretiza na constituição de grupalidades?

Parto da ideia de grupalidade juvenil entendendo-a como a ações coletivas pautadas em relações socioafetivas capazes de mobilizar sociabilidades, relações próximas entre os jovens. Assim, seriam os grupos formas de sociabilidades coletivas em que a afetividade, a sociabilidade e a troca de experiências se constituem em maiores vínculos. Os grupos caracterizariam por relações marcadas por vínculos que ultrapassam as conversas nos bancos das praças. Segundo Pais (2008, p. 246):

[...] as culturas de grupo se servem de suportes retóricos e simbólicos que projectam imagens minimamente conscientes em relação aos membros do próprio grupo e aos olhares de fora do grupo. É neste sentido que se pode afirmar que a identidade do grupo é alimentada por representações – sociais e discursivas – que reflectem a forma como os membros de um grupo se percebem e são percebidos pelos demais.

Penso que no contexto desta pesquisa, a grupalidade juvenil se constitui em um movimento em que diferenças e semelhanças coexistem, e constituem-se em um jogo de

negociações no qual os grupos juvenis se constituem sob marcadores de identificações nos quais modos de vida e sexualidades são importantes referenciais para a grupalidade, no entanto, não se constituem como fronteira intransponível. Desse modo, não há como determinar de forma generalizada os referenciais de grupalidade.

Quadro 01 – Sociabilidades e Grupalidades Juvenis		
Marcadores	Tipo de Grupalidade (ou seriam interações?)	
	Sociabilidades Fluidas	Sociabilidades Fixas
Modos de interação	Superficialidade: Conversas esporádicas: (Sociabilidade da vida cotidiana / compartilhar bebida / paqueras / “ficas”, beijo,). Nas praças, ficam juntos por pouco tempo; Apenas cumprimentar.	Profundidade: (Sociabilidade da vida cotidiana / Sociabilidade de conflitos familiares e afetivos, compartilhar bebida etc.). Ocupação de espaços específicos nas praças (ficar junto na maior parte do tempo); Transitar entre outros espaços da cidade.
Estilos Juvenis	“Misturas” de estilos	Identificação por estilo semelhante
Sexualidades	“Misturas” de orientações sexuais	Identificação por orientação sexual semelhante
Territorialidade: locais de encontro	Restrita à socialização em espaços públicos (As praças) e/ou a redes sociais	Socialização de espaços públicos: As praças / Bairros de morada / <i>shoppings</i> outros locais de sociabilidade; casa e/ou a redes sociais.
Laços de Afetividade	“Conhecidos” sem referenciais de intimidade.	Amizade, solidariedade, companheirismo, cumplicidade, proteção.
Identificação	“Galera da PP” “Galera do DM”	“Galera da DNA” “Galera do Break” “Galera do free step” “Os Shifler”

Estilo e orientação sexual são marcadores de grupalidade importantes, mesmo que os discursos juvenis primam por negá-los. No âmbito das interações mais fluidas, eles estão negligenciados e as misturas juvenis se constituem com maior intensidade, no entanto, no âmbito da grupalidade, nas relações afetivas mais consolidadas por amizade, solidariedade, convivalidade, a identificação por estilo e orientação sexual ascendem fronteiras marcadoras das diferenças juvenis, portanto, determinantes na constituição de grupalidades, o que não quer dizer que não sejam, também, ultrapassadas.

O trabalho etnográfico possibilitou, por meio do convívio com os jovens nos espaços de interações, a percepção dos marcadores de grupalidade entre eles, assim como, a importância dos grupos para as interações vivenciadas entre seus membros, conforme descrevo em meu diário de campo:

PP – São 19 horas. É Natal e ainda há poucos jovens na praça. Algumas pessoas tiram fotografias em virtude da decoração natalina. Encontrei um dos garotos da turma da DNA. Ele está esperando o restante da turma, que está a caminho. Sentou comigo num banco e ficou a conversar sobre o Natal. [...] Perguntei como foi a DNA na Parangaba. Disse que bebeu muito, que tinha pouca gente, mas muita bebida. Contou que um dos garotos dormiu e o melhor amigo ficou com a namorada dele, “*ela ficou dando bobeira e o cara pegou*”. [...] Ele ligava para vários outros na tentativa de saber se iriam ou não. “*Se eles não vierem, eu vou embora é cedo*” falava. Circulava a praça, parava de grupo em grupo. Falava com um, falava com outro, mas parecia que não encontrava seu lugar. Veio até a mim umas quatro vezes, talvez porque eu perguntei pela DNA (festa), que não pude ir, e pelo restante da turma. Depois que conseguiu falar, via celular, com os demais membros da DNA e soube que estavam vindo, ficou mais tranquilo. [...] A ansiedade do garoto por chegar à PP e não encontrar o restante do grupo demonstrou para mim o quanto a ideia de grupalidade estava presente nas interações da praça. Já havia percebido que a “*galera da DNA*” é um pouco fechada (talvez “*fechada*” não seja a palavra ideal. Quero dizer que eles estão sempre juntos - os mesmos garotos - mesmo que interajam com outros jovens). [...] Essa dinâmica do “grupo”, da “turma” fica muito nítida nesse momento em que observo a tensão do garoto em virtude dos outros membros da DNA não terem chegado à praça. Isso porque, mesmo que ele conheça vários outros jovens, sua referência parece ser a “*galera da DNA*”. Um exemplo disso é que, em grande parte do tempo, preferia ficar conversando comigo em detrimento de estar com os outros jovens. Olhava o relógio constantemente. Segundo ele, queria combinar onde passariam o reveillon. – “*Quero combinar com a galera* (referindo-se à galera da DNA). *É bom a gente passar o ano com quem a gente gosta, né?*” (Diário de Campo, 25 de dezembro de 2011).

Após o primeiro contato com a “*galera da DNA*”, não foi difícil identificar outros marcadores de grupalidades, conforme descrevo no tópico que segue. O grupo dos “jovens do Jangurussu”, diferente da “*galera da DNA*”, por se constituírem por outros referenciais, seguiu um processo mais lento, para que os identificassem como um grupo juvenil. Não há nesses jovens uma autoidentificação como grupo, e nem reconhecimento pelos demais. No entanto, constroem uma dinâmica de sociabilidade entre pares que acredito os credenciar como grupo juvenil.

Para os jovens que diferenciam “grupo” de “estilo” e “orientação sexual”, a ideia de grupo juvenil está associada à constituição de marcadores identitários, como nome, líderes, e referenciais de identificação entre os membros, relacionadas a estilo e/ou práticas juvenis. Esta percepção de “grupo” faria da “*galera da DNA*” um dos grupos juvenis de maior destaque, especialmente, nas interações na Praça Portugal, onde contraditoriamente transitam entre os adjetivos de “*protetores*” e “*baderneiros*”.

4.3.1 Entre Anjos e Demônios: A “Galera da DNA”

Antes mesmo do batismo como “DNA”, os jovens *roqueiros* e *punks*, em maioria garotos, já transitavam por ruas, praças e bares da Cidade. Descendentes de uma outra galera, que na falta de uma denominação específica é lembrada agora por Tchuco como “galera das antiga”, a nova galera integrava novos membros, ratificando o processo de rotatividade de jovens pelas praças de Fortaleza, mencionado anteriormente.

A “galera” que se constituía por novos membros passou, também, por um período sem uma identidade demarcada. “Então, de tanto a gente se reunir assim, de sempre tá muita gente junta assim, aí o pessoal dizia: “– *Ei, vamo andar com a galera e tal*”, mas a galera nunca teve um nome” (Tchuco). Foram dos encontros em grupo, que se faziam cotidianos, a ideia de adoção de um nome, sinalizando para a identificação de uma prática de grupalidade. A dinâmica de sociabilidade dos jovens, além das identificações com o *rock*, pautava-se, especialmente, na consumação de bebida alcoólica, o que inspirou a identificação da sigla às práticas juvenis da galera, que passou a se chamar “Galera da DNA”. Tchuco, um dos líderes, a descreve da seguinte maneira:

A minha galera sempre tá reunida sempre pra curtir, né? Beber e curtir. Escutar *rock*, que é o que a gente mais gosta, depois de beber, né? Beber é o primeiro de tudo! A prioridade! Aí é *rock* na veia, porque todo mundo é *roqueiro*. Aí, eu vi numa camisa assim: “DNA”, camisa do punk, “*Dia e Noite Alcoolizados*”. Pronto!!! Eu peguei esse nome e botei na galera. (Tchuco, 18 anos).

Talvez, o nome do grupo seja motivo para a difusão, entre os demais jovens, de um suposto ritual, ao qual seriam submetidos os jovens com pretensões de tornar-se um membro da “galera da DNA”. Seria “*Beber um litro de vodka de uma vez só.*”, afirmou um dos jovens que entrevistei. Essa versão do ritual de entrada, informada por outro jovem que não pertence ao grupo, foi desmentida por Tchuco: “Cara, num precisa fazer nada. Tá entendendo? É sempre tá em contato com a gente, sempre andando com a gente. Tá entendendo!? [...] Num tem problema se não for *roqueiro*, nem for *punk*, se for uma pessoa comum. Tá entendendo!?”. Se, como afirma Pais (2004, p. 25), “a metáfora é a base semântica que permite criar uma identidade”, o referencial identitário dessa “galera” ancorava-se no uso da bebida alcoólica, abrindo mão dos marcadores estéticos de estilo.

Figura 25 – Jovens da Galera da DNA na PP



Fonte: arquivo pessoal

Quanto a uma referência baseada na adoção de um estilo (no sentido de estética corporal) específico, os membros da DNA foram enfáticos: “Todos. Todos. Qualquer estilo” (Rômulo, 19 anos). “Todos. Eu só ando assim, normalmente: camiseta, short e chinelo”. (Kenedy, 17 anos). Raul ainda complementou para ratificar, por meio de uma ilustração, as afirmativas anteriores: “É do *pirangueiro* ao *roqueiro*, dos *gays* aos homens”. O curioso, é que apesar dessa suposta disponibilidade (abertura) do grupo à inserção de outros jovens, independente do estilo ou orientação sexual, o grupo (ou pelo menos a cúpula que no período da pesquisa conduzia as ações do grupo) era composto, basicamente por *roqueiros* e *punks* (mesmo que alguns jovens não adotem uma estética típica de *roqueiro*) que se diziam heterossexuais, com exceção de algumas garotas, que assumem a bissexualidade como orientação sexual.

Apesar de uma heterogeneidade quanto à estética corporal, “a estetização do corpo arrasta uma expressividade que é fonte de reconhecimento e integração grupal. A aparência é causa e efeito de uma intensificação de actividade comunicacional, a partir da

qual se revelam territórios de pertença, estéticas inclusivas ou exclusivas” (PAIS, 2004). A suposta mistura de estilo e de orientação sexual é desconstruída quando discutimos sobre a divisão de espaços na Praça Portugal e um dos membros descreve da seguinte maneira: “Lá, cada um tem seu grupo... cada um tem seu local. Se você parar pra olhar, lá na Praça Portugal, naquele lado de lá (Dom Luís/Centro), a maioria é viado e sapatão... preste atenção... assim... do lado de lá, só fica essas coisas assim e pra cá (Dom Luís/Praia do Futuro) é só a gente” (Kenedy, 17 anos). Nesse sentido, a dinâmica de ocupação da territorialidade da PP revelaria o visual e a orientação sexual como fatores de identificação desse grupo, uma vez que a “galera da DNA” se situaria no espaço ocupado pelos “*darks*” e não dos “*coloridos*”.

Apesar da “galera da DNA” ter a Praça Portugal como espaço de referência para os encontros das noites de domingo, a sociabilidade entre esses jovens está para além da rotatória da PP, transitando por itinerários em mobilidades juvenis coletivas.

a. Trânsitos e Itinerários da Galera com “*o rock na veia*”

De frente ao mapa da Fortaleza, e questionado sobre onde moravam os jovens que compõem a “*galera da DNA*”, Tchuco, como quem faz uma chamada, citava rapidamente nomes e os bairros, apontando com o indicador as localidades (bairros) de morada de cada membro do grupo:

O Raul e a Dediane são casados e moram na Itaoca. O Chico mora aqui no Centro, na Rua da Marechal. Orlaneudo mora na Parquelândia. Vânia, na Bela Vista. Cinthia, na Bela Vista também. O Carlos, na Bela Vista, o Junior Fumaça, na Bela Vista também. A Lívia mora no Mondubim. A Paulim mora no Curió. O Bruce mora no Jardim América. Eu, que sou o Tchuco, moro no Montese (Tchuco, 18 anos).

Os jovens citados são aqueles que veem, no momento, à sua memória. Reconhece que há outros dos quais não consegue lembrar. “Tem muita gente, cara!” (Tchuco) – e revela que aqueles são os que, nos últimos tempos, estão mais presentes nos encontros da DNA. Os encontros que reúnem jovens de regiões e bairros diversos da cidade têm a “*casa da DNA*”, o DM e PP e o Fafi como locais de referência.

A trajetória dos jovens da DNA em relação à frequência nas praças (PP e PV do DM) não se diferencia dos demais descritas no capítulo 3. Conheceram as praças por meio de convite de amigos e traçam percursos por alguns dos outros espaços de sociabilidade aqui apresentados (Fafi, calçadão da PI). O perfil dos jovens também assemelha-se quanto à faixa etária e são, igualmente, moradores de bairros populares da Cidade. O itinerário bairro de

morada/praças segue o mesmo ritual: Os que moram no mesmo bairro seguem juntos e aqueles que moram em bairros próximos, encontram-se nos terminais de ônibus. Durante o percurso, o ônibus é, também, espaço de encontro dessa galera.

A gente sobe sozinho no ônibus e aí para numa parada e sobe uma pessoa... E na outra parada outra... Às vezes sobe só aquele monte de uma vez assim. Virou rotina. Mas se a gente não se encontrar aqui (bairro) a gente se encontra lá (PP e DM)... Sempre! (Tchuco, 18 anos).

b. Um encontro com a “Galera da DNA”

O acordado, logo após a entrevista com Tchuco pelo trânsito da Cidade, foi que ele reunisse um número entre seis e dez jovens que frequentasse a PP e o DM. “-É só pra gente ter uma conversa como essa que nós tivemos agora”. Expliquei. “-Beleza! Então eu chamo a galera” disse ele. Deixei livre pra definir o horário e local, lembrando que teria que ser um local tranquilo, onde poderíamos conversar.

Apesar de minha intenção ser realizar um grupo de discussão com a “galera da DNA”, não deixar isso explícito foi uma estratégia para verificar se a suposta grupalidade dessa “galera” se constataria na composição dos jovens convidados por Tchuco. Uma semana depois do acordado, ligou-me afirmando ter combinado, com outros jovens, dia e hora para “o lance do trabalho da faculdade”. Era o grupo de discussão que teve Tchuco como mobilizador. Certificou-se comigo se haveria problema de nosso encontro se realizar na “casa da DNA”, no bairro Itaoca. O ditado popular “matar dois coelhos com uma só paulada” nunca foi tão apropriado. O local não poderia ser mais oportuno, pois além de realizar o grupo de discussão, conheceria, também, o território e o espaço onde os jovens *roqueiros* e *punks* da DNA convivem nos dias da semana e fora dos circuitos de praças da Cidade.

Apesar do bairro fazer parte de um de meus itinerários pela Cidade, (ao transitar de casa, no bairro Passaré, ao Benfica, onde está situada a Faculdade de Educação da UFC), desconhecia sua existência. Até então, para mim, aquele território fazia parte ou do bairro Montese, ou da Serrinha. As referências de Tchuco para um ponto de encontro não me eram conhecidas, uma vez que a região era apenas itinerário de passagem, com a qual não tinha muita familiaridade. Marcamos, então, o encontro em uma das ruas mais movimentadas do bairro, por onde, também, costumava transitar. Por volta de dezesseis horas, Tchuco me esperava junto a dois outros jovens em uma esquina, após a travessia do trilho ferroviário que cruzava a rua. De lá, seguimos Itaoca adentro.

As ruas iam ficando cada vez mais estreitas, ao passo que aumentava a quantidade de pessoas circulando entre os esgotos que tomavam parte de ruelas ainda não asfaltadas. Minutos depois, já perdera a noção de direção e seguia as coordenadas dos garotos rumo à “*casa da DNA*”. Sabia que dali não conseguiria retornar sozinho, o que me rendeu momentos de tensão, especialmente por desconhecer a região. O ponto de chegada foi a última casa de uma vila, onde os demais jovens nos esperavam.

Conhecida como “*casa da DNA*” ou simplesmente como “*sede*”, a casa onde os jovens Raul (20 anos) e Dediane (17 anos) moram é ponto de encontro da “*galera da DNA*” tanto durante a semana quanto nos finais de semana. A vila, segundo Marcos, é toda habitada por familiares, “por isso não tem problema a gente fazer barulho”, explicou. É lá, também, que ocorrem as festas que levam o mesmo nome do grupo: “*Festa DNA*”.

Na casa, consta logo na entrada uma espécie de área, um espaço ao ar livre onde os jovens escutam música, “*rock*”, e dançam. Na sala, uma TV e um aparelho de som antigos, e dois colchões espalhados no chão que acomodaram os nove jovens. Foi lá que também fiquei e conversamos. Não fui convidado a conhecer o restante da casa, mas segundo os jovens, há um quarto específico para os namoros e momentos mais íntimos dos casais. Como suspeitava, os jovens reunidos por Tchuco eram todos membros da DNA e foi a sociabilidade desse grupo uma das pautas da conversa que adentrou até o anoitecer no Itaoca.

c. A Festa DNA

A festa DNA ocorre durante três dias consecutivos, geralmente, entre a sexta-feira e o domingo. O nome atribuído à festa não é por acaso, uma vez que a proposta é de cruzar os três dias consumindo bebida alcoólica ao som do *rock*. “A galera para quando não aguenta mais. Aí dorme, né!”, revela Tchuco.

A casa é do Raul e da Dediane, que são casados. É lá na Itaoca, bairro que é divisa com Parangaba e Montese, perto do terminal da Parangaba. A galera bebe muito!!! Pra caralho!!! Tipo assim, rola uns 20, 30 litros de cachaça. Pronto, fica um som ligado muito alto! Alto pra caralho!!! Sempre escutando rock, tipo Matanza, que é uma banda nacional, CPM 22 uma banda antiga, né? Legião Urbana, Catedral - várias bandas - Raul Seixas também. Tem muita gente que vai pra lá namorar, pra pegar a menina lá, pra beber, dançar (Tchuco, 18 anos).

A festa DNA não está limitada aos espaços da “*sede*”, tampouco do bairro Itaoca. Por vezes, ocorre em trânsitos pela Cidade, por praças, ruas e bares.

Às vezes, a gente começa aqui na casa, na sexta-feira. No sábado vai a noite pro Dragão do Mar e de lá pro Fafi, entende? Na mesma noite, volta pra PI. A galera fica ali, no calçadão! Até de manhã! Às vezes, amanhece também na Praça Portugal mesmo, porque é pertim, né! E de lá volta pra cá (sede) no busão. No domingo, passa o dia curtindo *rock*, numa boa, aqui mesmo e a noite vai pra Praça Portugal encontrar o resto da galera. Aí, pronto! A galera vai pra casa. Tem uns que ainda dorme aqui, mah (Tchuco, 18 anos).

Diferente do que possa parecer, o espírito de grupo dos jovens da DNA não se restringe às aventuras e ao lazer pela Cidade. Para eles, a união e a solidariedade é um diferencial significativo da “*galera da DNA*”, o que os diferencia dos demais grupos juvenis. O entendimento de “grupo”, associado à ideia de uma família, volta nos discursos dos jovens *roqueiros* durante o grupo de discussão realizado no bairro Itaoca:

Alexandre: E a DNA, é o que mesmo?

Ricardo (18 anos): É nós, mah!!! É a galera. É a gente aqui mesmo. É tipo uma família.

Alexandre: E o que é que faz da DNA uma família?

Kenedy (17 anos): Sempre unidos...

Raul (20 anos): Quando um precisa, a gente vai lá e ajuda o que tiver precisando...

Tchuco (18 anos): Essa galera é diferente das outras... Ó... Independentemente... Tipo assim... Tem galera que se reúne somente no Dragão e na PP. Nós, não... Tipo assim... A gente procura se apoiar no que tiver precisando, sem... Independente de ser no Dragão, na PP, aqui...

Ricardo: É assim... Sem esperar nada em troca. Eu conheço galera que é tipo assim... Eu conheço ele ali, ele tá precisando e ninguém vai ajudar.

Ricardo (18 anos): Se for expulso de casa, a gente ajuda também.

Alexandre: Tem lance de ser expulso de casa?

Tchuco (18 anos): Tem! Só tem!

Ricardo (18 anos): Por preconceito, também, da família. Teve uma vez que teve uma briga lá em casa e eu fiquei um tempo dormindo aqui. Quem me ajudou foi ele (o Marcos). É assim. Um fica ajudando o outro, quando precisa.

Se no âmbito restrito das relações entre os jovens da “*galera da DNA*” a solidariedade e a união são as virtudes que os fortalecem como “*grupo*”, “*galera*”, “*família*”, no âmbito das tramas e conflitos vividos nas ruas e praças da Cidade, com outros jovens e/ou grupos, tais virtudes se manifestam como escudo de proteção.

d. Os Conflitos de (na) Rua: “*Mexer com um é mexer com os outros. Pode ter certeza!*”

Para além do apoio no âmbito das relações cotidianas, como as tensões juvenis nas relações familiares mencionadas acima, a grupalidade e a solidariedade no âmbito dos trânsitos pela Cidade assumem outras facetas. Entram em jogo, no espaço das interações

juvenis na rua (praças e espaços de sociabilidade juvenil), os conflitos entre grupos juvenis, ou simplesmente, entre jovens.

A rua aparece para os jovens como espaço de interações onde se sociabiliza vivências, experiências e afetividades, mas também se constroem desafetos por meio de conflitos motivados por disputas de espaços, rivalidades entre grupos, ou simplesmente desentendimentos momentâneos e/ou banais. Nesse contexto, estar em grupo adquire novos significados, associados aos sentimentos de proteção, que se constrói na certeza de não estar só, e de poder de confronto em casos de violência física.

A gente conversa sobre brigas em geral. Sempre o pessoal tá brigando e às vezes a gente briga também, né? [...] Entre a gente, nunca! [...] A gente se protege mesmo, né, porque a gente está sempre unido. A gente está sempre unido mesmo! Mexer com um, é mexer com os outros. Pode ter certeza! Ai pronto, eu acho que o pessoal teme em mexer porque sempre é muita gente. Tá entendendo? (Tchuco, 18 anos).

Ser temido exige um empreendimento de demonstração de poder e talvez, por isso, a dimensão do conflito e da violência resultante das tensões entre jovens ou grupos é um aspecto bastante presente nas narrativas da “*galera da DNA*”. Estão sempre a narrar episódios de brigas em que se envolvem e a ressaltar a dimensão da violência vivida nos ambientes que frequentam. Estão sempre construindo narrativas nas quais são personagens de aventuras, perigos e violências, imaginárias ou não. A pintar a vida na rua com fortes cores de aventura e perigos.

Assim, os jovens da DNA vão construindo, junto aos demais, uma imagem do grupo associada aos conflitos com que estão acostumados a se envolver. No entanto, na Praça Portugal, a fama de “*baderneiros*” divide opiniões ao assumirem o papel de “*protetores*” da praça e dos jovens que dela se apropriam nas noites de domingo.

e. A “Galera da DNA” na Praça Portugal: “Baderneiros” e/ou “Protetores”?

Para esse grupo, a Praça Portugal é o espaço de maior identificação. Durante o grupo de discussão, a descrição da sociabilidade na praça foi construída coletivamente:

Quando chega, a gente 'intera' pra comprar bebida (Adriano, 17 anos) - A primeira coisa que faz é ir atrás da galera pra 'interar' para comprar bebida. (Raul, 20 anos) - É assim... a prioridade, quando a gente chega lá, é reunir a galera pra fazer as 'intera' (Tchuco, 18 anos). Tem muita coisa pra fazer lá, mas a gente... o que a gente mais faz lá é beber (Ricardo, 20 anos). - Lá a galera briga por besteira (Irena). - A galera tira foto (Dediane, 17 anos). -

Escuta música e discute sobre música. Fumam... Usam drogas lá nos cantinho deles... A gente, não! (Irena, 17 anos) (Grupo de discussão - DNA).

Assim, esses jovens não se diferenciam dos demais frequentadores da praça, exceto pela forma como se sociabilizam (em grupo) e se mostram enquanto tal. Na PP, mesmo que, por alguns momentos, estejam separados, em “turminhas” diferentes, em caso de envolvimento de um dos membros em um eventual conflito, a premissa do “*todos por um e um por todos*” prevalece: “Mexeu com algum da nossa galera, mexeu com todos” (Rômulo, 19 anos).

Apesar da afirmativa da proteção parecer restringir-se aos membros da “*galera da DNA*”, o grupo assume entre os jovens da praça um papel singular: o de protetor do local. Assim, como protetores do espaço, tornam-se, conseqüentemente, protetores dos jovens frequentadores. “Se for conhecido nosso também a gente chega junto” (Adriano, 17 anos). “Agora... Assim... Depende, né? Depende do motivo” (Raul, 20 anos). Tal proteção diz respeito a mediações de conflitos ou garantia da integridade de alguns jovens, mediante ao risco de sofrer algum tipo de violência.

Oh... Há umas duas semanas atrás, um amigo nosso e chegou (na PP) assim né... Com um amigo dele, que a gente nem conhecia e nem nada. Aí, ele: “-*Olha ai mah... tem uns pirangueiros querendo me assaltar.*”. Como eu conhecia a maioria do povo que tinha lá... eu: “-*Bora lá!*”. Eu nem conhecia o cara que ia ser assaltado não. Ai, eu: “-*E ai, Dogão... não vai assaltar o cara não, mah! O cara é dos meus aqui!*”. Sem nem conhecer ele! E ele: “-*Não! Blz! Blz! Ninguém vai mexer com ele aqui não!*”. (Tchuco, 18 anos).

Episódios como esse ocorrem em virtude da postura da “*galera da DNA*” na praça. Estão sempre atentos à movimentação, a presença de pessoas estranhas e a possíveis intervenções na sociabilidade da praça. Essa dinâmica de “*proteção*” da praça não isenta a “*galera da DNA*” de críticas e de possíveis rivalidades na praça. Isso porque suas posturas e atitudes são, por vezes, questionadas e rejeitadas por alguns.

Na PP tem um grupo chamado DNA... é uma galera que bebe. Meio que protege a praça. Se tem alguma confusão, eles vão lá ver o que é. É como se fosse o grupo principal da praça. É o principal porque é o maior. Tipo assim... Não é porque é o principal. É porque é o único. Não tem outro. Não é nem (pausa) tipo assim, como se fosse um grupo de *roqueiro*... Nesse DNA, tem tudo. Tem *emo*, tem *roqueiro*, tem *punk*, *punk gay*... Mas a maioria é hetero e bebe. [...] A função principal deles: beber. Depois se juntam e começam a conversar. Essas coisas... Só tem um detalhe dessa DNA que eu não gosto: Eles arrumam confusão por besteira. Semana passada... Tu sabe que vai gente da igreja lá, né? Ai, tinha muita gente da

igrejinha lá e tal. Ai passa essas pessoas evangelizando... Enfim... Teve uma confusão lá de um garoto que bateu numa menina e tal. Aí, beleza. Só que em vez de um bater nesse menino... entendeu?... Foram várias pessoas batendo nesse menino! Um ou dois ou cinco pessoas chutando, batendo. Tudo da DNA! Bateram porque esse menino bateu na menina. Eu... Tipo assim... Deixei, né. Só que o cara que tava evangelizando foi apartar a briga, entendeu? Parar... tipo assim. Ai o Tchuco correu atrás desse cara da igreja e quis bater nele. Taí um cara que eu não dou valor... esse Tchuco! Ele já bateu no meu amigo. (Ângelo, 19 anos).

A família DNA, entre eles, eles são super unidos, agora com os outros, se alguém mexer com algum da família, todos vão pra cima daquela mesma pessoa. Isso eu acho errado, porque se tem alguma divergência entre duas pessoas, tem que se resolver entre as duas pessoas e em conversa. Eles, não! Eles partem pra briga. A DNA tem mais de vinte integrantes. Todos são *punks*. E tem os encontros também. A DNA, ela tem uma casa onde os amigos se encontram. Eles se reúnem lá pra ir pra esses lugares, que é o Dragão e a PP [...]. Eu tenho amizade com todos eles, da família. Mesmo assim, eu não quero participar. Converso com eles numa boa. Às vezes, me reúno com eles pra beber, mas nada além disso. (Digo, 21 anos).

O grupo de jovens *roqueiros* e *punks* gera, entre os demais, opiniões diversas, por vezes contraditórias. Ao passo que sua existência transmite aos jovens a sensação de segurança, suas atitudes e códigos de ética são questionados. Isso porque, o “*olho por olho, dente por dente*” não se configura exatamente em padrões de igualdade que estamos habituados a proclamar.

f. “O Cara” da DNA

Entre os garotos da DNA, um se destaca pela popularidade e empatia dos demais. O visual do garoto *punk* é um dos elementos que o faz singular nas praças. Sempre de preto, botas coturno e adereços de correntes e metais, mas é o estilo do cabelo que lhe atribui a singularidade do estilo *punk*. Louro, em corte moicano (raspado nas laterais e longo nas partes superior e de trás) com pontas sempre armadas, o jovem se destaca entre os demais, especialmente pelo tamanho do moicano. Para além do estilo, outros atributos lhe rende o título de “*o cara*” entre as galeras da PP e do DM.

Na DNA, tem o Caio *punk*, o Caio é o mais conhecido aqui. Ele é um magrinho do cabelo liso, moicano liso, grande mesmo até a cintura! (Tchuco, 18 anos).

No Dragão, tem o Bruce. É. Ele não gosta de brigas. (Matheus, 18 anos).

O nosso policial lá na PP é, praticamente, o Bruce. Ele não deixa *pirangueiro* entrar (Adilson, 16 anos).

Ele é legal. Tipo assim, ele é *punk*. Punk misturado com roqueiro... tipo assim. Ele é legal e ele defende entendeu? Tipo assim. Tava tendo show dos Detonautas e era fechado o show, só pra quem conseguiu os ingressos. Tinha a maior galera querendo ir, mas não podia porque não tinham ingressos. Ai, ele organizou um grupo pra entrar sem ingresso mesmo... Tipo... Eu sei, é errado, é fora da lei, mas ele sempre arruma um jeito de ajudar todo mundo (Ana, 17 anos).

Tem um cara aqui (DM) que é *punk*... Velho, ele é o meu melhor amigo! A maioria das horas que eu preciso dele, ele tá comigo, entendeu? É o Bruce. Esse meu amigão. Que é meu amigão mesmo, de verdade! Porque, quando a pessoa precisa dele, ele chega lá. A pessoa pode tá fazendo qualquer coisa mesmo. Mesmo que possa colocar ele num rabo de foguete... Se alguém tiver fazendo alguma coisa com você, ele sendo seu amigo, ele chega e “-*Ei guri... porque ta falando assim com ele?*”. O Dragão todinho é amigo dele! Eu não vou mentir, ele se mete em muita confusão! Já teve muitas vezes que... ele estando comigo, ele já me livrou de muitas coisa, sabia? [...] Ele é assim: o estilo dele é *punk*. O cabelo dele é moicano, assim, feito espetado, mas tem vez que ele anda de *pirangueiro* e bota o cabelo pra baixo, entendeu? [...] É. Porque ele não deixa os caras brigarem. Não deixa as meninas brigarem. Nem *pirangueiro* se mete lá. Cara... Tu tinha que conhecer ele, velho! Cara... Tu ia gostar demais da amizade dele!!! (Camila, 14 anos).

O Bruce é cara mais famoso daqui. Porque ele é *punk*. Se você chegar pra qualquer um aqui no Dragão do Mar e perguntar: “Você conhece o Bruce?” Claaaaro!!! Aquele menino lá? Tu é doido?!?! Aquele cara é o cara! Ele é o tipo da pessoa que não deixa seus amigos na pior. De jeito nenhum! Eu já vi a DCA vindo aqui, ele sendo seu amigo, ele vai lá e se mete e diz: “-*Olhe, você não vai levar ele daqui, não! Se você levar ele, vai ter que me levar também!*” (Monalisa, 16 anos).

Em torno da figura do punk Bruce, surge novamente a valorização da amizade respaldada pelo sentimento de proteção que caracterizaria a grupalidade das “*galeras da PP e do DM*”.

g. “A PP é Nossa”: Pertencimento e Proteção na Praça Portugal

Terminado grupo de discussão com a “*galera da DNA*”, e ainda em conversas informais, lancei uma pergunta dúbia (aberta): “*E a PP?*” A resposta não poderia ser mais objetiva e clara e veio tão sucinta quanto à pergunta: “*A PP é nossa*”, respondeu Kennedy. Esse sentimento de pertença à praça já vinha sendo observado no cotidiano das interações na PP, especialmente, por atitudes e comportamentos da “*galera da DNA*”:

Hoje fui pela primeira vez ao *Shopping Aldeota*, no Pão de Açúcar, comprar algo para comer. No supermercado, garotos circulavam comprando bebida alcoólica, refrigerante e salgados. A “*galera da DNA*” estava lá (Tchuco, Bruce e um outro rapaz que usa uma franja enorme sobre parte do rosto). Vieram falar comigo para pedir moeda, “*a intera*”. [...] No retorno do supermercado aguardava, na margem da via em círculo, que o trânsito de carros diminuísse para atravessar à praça (junto a mim, estavam outros dois garotos). Os meninos da DNA chegaram e Bruce logo disse: “-*Aqui a gente atravessa assim, ó*”, entrando na via e atravessando tranquilamente em frente dos automóveis, que iam parando evitando possíveis atropelamentos. Os outros rapazes que estavam com ele acompanharam, e eu também. Por vezes, a aproximação com os carros é tanta que vão tocando com os capôs. Na travessia da pista, andavam como se ali fossem eles quem definisse quem esperaria quem passar, e os carros pararam pra eles atravessarem tranquilamente (Diário de Campo, 08 de janeiro de 2012).

A afirmação de Dilson de que a DNA “*meio que protege a praça*” pode está respaldada em ações do grupo no que se refere aos conflitos entre grupos juvenis. Digo isso pelos depoimentos, em conversas informais, que consideram a praça como um lugar seguro por sentirem-se protegidos dos “*piranguinhos*”, especialmente, dos “*piranguinhos da PP*”, que costumam agir nas mediações da Praça Verde do Dragão do Mar, vitimando os jovens que ali frequentam. Tal proteção é atribuída ao grupo de *roqueiros* e *punks*, a “*galera da DNA*”, por (supostamente) impedirem que a praça, a PP, seja “*tomada*” pelos “*piranguinhos da PP*”.

Além dessa dimensão conflituosa entre grupos juvenis, que tem a geografia da cidade e a territorialidade dos espaços de interações juvenis como dimensões definitivas desses conflitos, a “proteção” da praça pela “*galera da DNA*” envolve também a tentativa de resguardar a imagem dos jovens frequentadores, garantindo os encontros dominicais. Para isso, os jovens protetores mantêm-se sempre atentos à presença de pessoas desconhecidas e a seus movimentos, no intuito de evitar a reprodução e veiculação, na mídia local, de estereótipos estigmatizadores. O episódio que segue é exemplo disso:

São 19hs e o movimento na PP ainda é bem pequeno [...] Observo um movimento diferente: uma turma de uns 15 a 20 jovens, vestidos conforme o visual dos jovens da PP, e dois rapazes, mais ou menos da minha idade (adultos). De longe, não dava pra perceber o que faziam, ou melhor, para que faziam aquelas performances: os jovens iam até uma extremidade da praça, corriam, e de repente todos paravam ficando imóveis em posição de luta. Ficavam todos erguendo paus, pedras e martelos nas mãos. Ficavam por alguns minutos imóveis, enquanto um dos rapazes os fotografava. Perguntei aos meninos (Lucas e Hirley) o que era aquilo. Eles também não sabiam e não deram muita importância para a minha curiosidade. Depois de algum tempo, (uns trinta minutos), um dos garotos da DNA que participou do grupo de discussão, chega até mim e pergunta se eu conheço esse pessoal, se são da minha faculdade e se eu sei o que estão fazendo. Respondi que não e que estava perguntando a mesma coisa. Logo me falou que achou estranho

que ninguém que estava ali era da PP. Nem os dois rapazes mais velhos e nem os jovens. Enquanto conversávamos, chegou mais dois garotos da DNA com mesma curiosidade. Diziam que acharam estranho o pessoal tirar fotos com paus, pedras e “*até martelo na mão*”, como se estivessem brigando. Foram perguntar os rapazes do que se tratava aquilo. Eu os acompanhei, um pouco de longe, pra ficar de fora da situação. Um dos rapazes, com uma filmadora na mão, explicou que eram alunos de um curso de fotografia e estavam fazendo um trabalho de término de curso. Segundo ele, os alunos tinham que produzir uma história, e na história deles, os *bad boys* vêm a praça pra bater nos *emos*. Somente aí percebi que se tratava de uma encenação. Com essa explicação os meninos da DNA ficaram mais desconfiados e insatisfeitos. Um deles logo perguntou: “-*Vocês não acham que vão incentivar mais ainda a violência?*” e o rapaz respondeu que a intenção era justamente contrária (Ele, definitivamente, não foi convincente). Um outro jovem perguntou: “-*E vocês estão vendo bad boys aqui? E emo? Cadê os emos?*”. O questionamento continuou: “-*Tem alguém brigando, aqui? Tão vendo alguma briga?*”. No decorrer desse diálogo, outros jovens da DNA e outros foram se aproximando para saber o que tava “*rolando*”, como é de costume sempre acontecer na PP. O clima foi ficando tenso. Nesse momento, a cena que estava sendo fotografada era de uma garota desmaiada no chão e um dos jovens logo comentou: “-*Olha ai rapaz! Como se a gente vivesse batendo em mulher, aqui!*”. Os garotos da DNA se afastaram, mas ficaram em voz alta questionando a encenação: “-*Vocês já viram alguém com martelo aqui?*”. “-*Vocês já viram alguém vir bater em emo aqui?*” (Vi esse comportamento como uma tática de intimidar e expulsar os “intrusos”. Deu certo!). Os garotos ficaram questionando até o pessoal da encenação desistir e ir embora. E a PP voltou ao normal. (Tal posicionamento dos garotos da DNA estava ligado a outro fato. Ocorre, que depois de uma matéria televisiva sobre os jovens que frequentam a DM e a PP veiculada no Programa jornalístico Barra Pesada, na qual a imagem transmitida era de que são “*jovens de menor*”, “*alcoholizados e drogados*”¹⁰¹. Percebo que eles ficaram preocupados com a imagem dos jovens da praça. Já ouvi a “*galera da DNA*” falar sobre isso algumas vezes. Assim, a ideia de realizar uma encenação de briga entre jovens na PP seria, para ele, a pior possível. “-*Já falam mal da gente! Assim, fica pior ainda! Vão dizer que a gente vem pra cá brigar também!*”, dizia um dos garotos). Sobre a atitude dos garotos da DNA fiquei pensando no que os outros jovens falam deles. No quanto suscitam, entre os demais, opiniões contraditórias. Alguns os consideram “*guardiões da praça*”, quem os protegem dos “*piranguinhos*”. Outros, como os “*baderneiros que só arrumam confusão*”. Nesse episódio ficou nítida a preocupação com a imagem dos jovens da praça, assim como a atitude de proteção, de autonomia para se posicionar frente aos fatos que dizem respeito a esses sujeitos e esse espaço. Percebi, também, que esse tipo de atitude, está quase restrita à “*galera da DNA*”. Já havia percebido neles, essa postura de “*liderança*” ou “*empoderamento*” (não sei se seriam essas as palavras adequadas para o que quero dizer agora). Para mim, atitudes como essa, demonstram isso. (Diário de Campo, 29 de janeiro de 2012).

De fato, a matéria jornalística, exibida em dezoito de novembro de 2011, com as manchetes “*Adolescentes se drogam no Dragão do Mar*” e “*Adolescentes são flagrados com*

¹⁰¹ A reportagem exibida na TV Jangadeiro, pelo Jornal Barra pesada, está disponível no endereço eletrônico: <http://www.youtube.com/watch?feature=endscreen&NR=1&v=iw7cJuNqTgI> e <http://www.youtube.com/watch?v=TSKAi-H--08>.

álcool e drogas” tinha como foco as ações ilícitas praticadas pelos jovens, eximindo-se de comentar qualquer aspecto positivo do encontro juvenil no Dragão do Mar. A repercussão da matéria entre os jovens foi bastante negativa e alguns passaram a ter dificuldades em frequentar o DM e a PP nos meses que seguiram, em virtude da resistência dos pais.

A intervenção da DNA junto ao grupo de estudantes de fotografia havia ocorrido comigo no mês anterior¹⁰², com um diferencial: minha familiaridade no espaço de interações e meu reconhecimento, por parte dos jovens, como frequentador da praça, o que fez com que o episódio tivesse um desfecho positivo para ambos, inclusive para a pesquisa, pois possibilitou maior aproximação com a “*galera da DNA*”.

Penso que, diferente dos demais espaços de interações juvenis, a Praça Portugal reserva características singulares que estimula esse sentimento de pertença. O fato da ocupação da praça se dar exclusivamente pelos jovens; a sensação de distanciamento da vigilância normativa – policiamento, Conselho Tutelar, Segurança – ou a própria presença de demais pessoas entre os jovens, como ocorre no CDMAC e na Praça do *North Shopping*, por exemplo. Acredito que o que leva a “*galera da DNA*” a assumir essa postura de “*guardiões*”, de “*protetores da PP*”, esteja relacionado ao sentimento de grupalidade, por eles nutrido, ao significado que a praça assume para esses jovens, assim como aos desprendimentos para o enfrentamento de conflitos exigidos por tal posição/postura.

h. Gênero e Homossexualidade na “Galera da DNA”

A DNA é composta majoritariamente por homens heterossexuais e, no campo da sociabilidade e das relações afetivo/sexuais, algumas questões estão postas como um código de ética a ser seguido. Os jovens as definem da seguinte maneira:

Tchuco (18 anos): Não poder bater em mulher! De jeito nenhum! Pronto! Um amigo nosso, numa confusão, se estressou e quis bater em duas meninas. Mesmo ele sendo da nossa galera, os meninos deram uma pisa nele. Do mesmo jeito!

Ricardo (18 anos): Não pode mexer com a mulher dos outros.

Tchuco (18 anos): Até pode! Até pode! Ela fica com outros se ela quiser

Adriano (17 anos): Mas tipo assim... Eu conheço um cara e estou namorando uma menina, e ele vai e dá em cima da menina? Aí, apanha! (grifos meus).

As regras, que por vezes são motivos de conflitos, trazem questões sobre as relações afetivas vividas entre os jovens. Tratam dos códigos de convivência voltados exclusivamente aos garotos, como se às mulheres fossem desnecessários. Tchuco identifica

¹⁰² Descrevi o episódio de meu primeiro contato com a “galera da DNA” no Capítulo 2, páginas 50 a 52.

ainda uma postura diferenciada das garotas da DNA (*roqueiras*) em relação às demais, ressaltando naquelas a reivindicação de uma igualdade de direitos nas relações em grupo.

Na DNA tem mulher, tem pra caramba! Tem mulher *roqueira*: a Dediane (17 anos). A mulher roqueira, ela sempre quer dá o seu voto em tudo! Quer sempre decidir tudo, tá entendendo? É o maior diferencial das outras... Num relacionamento, mulher normal sempre elas obedecem, e a roqueira não! Ela quer ter atitude! Tudo que o cara faz ela quer ter o voto (opinião) dela. O voto dela tem que ser contado também. Não como mulher, mas como uma pessoa assim, igual a todas. O voto da mulher também vale mais que o do homem, porque o homem roqueiro, como a atitude dele é muito pesada, às vezes a ignorância é mais que a inteligência. (Tchuco, 18 anos).

Quanto à sociabilidade com garotos homossexuais, alguns destacam como condição à convivência com *gays*, a isenção de alguma tentativa de paquera ou sedução. “Se souber respeitar bem! Se não souber... É outra história. Se o cara ficar dando em cima, é diferente. Tem uns que ficam soltando piadinha... Com brincadeira besta. É claro que a gente não vai gostar” (Kennedy, 17 anos). Para outros, as invertidas dos garotos *gays* é vista com normalidade. “É normal. Eu acho normal. A gente nem liga” (Ricardo, 20 anos).

Apesar da tentativa de apagar alguns rastros de homofobia ou rejeição à homossexualidade, os jovens buscam justificar a suposta inexistência de *gays* no grupo por meio da polarização entre os modos de vida de *roqueiros* e *gays*.

Tem problema não, mah, mas tipo, a pessoa tem que andar nos canto que a gente anda, tá entendendo? Eu acho que homossexual num gosta muito dos canto que a gente anda, tá entendendo? [...] Tem canto assim, tipo, na Galeria, na Galeria num dá muito homossexual, né? Na Galeria Pedro Jorge. Porque lá tem muito *roqueiro* assim... que num admite homossexual. [...] É preconceituoso mesmo! Tem cabeça dura, também. É assim (Tchuco, 18 anos).

Questionado sobre a existência de *roqueiros gays*, Tchuco ressaltou:

Não. *Roqueiro* não existe homossexual. *Punk*, também não. Pode existir homossexual que se veste assim, parecido é os *Emos*, *Red-Bang*, *góticos* e vai, né? [...] Se vestem de preto assim, parecido com *roqueiro*, mas *roqueiro* não existe. A única coisa que diferencia assim, tá entendendo, os *emos* dos *roqueiros* é que, tipo, os emos são, a maioria é homossexual incubados, que não tem a capacidade de se revelar. Ai, roqueiro é sempre mais durão, mesmo (Tchuco, 18 anos) (grifos meus).

Quando tratamos da homossexualidade feminina, o lugar da bissexualidade surge com maior naturalidade entre o grupo de *roqueiros* e *punks*. “Eu num sei nem te explicar. A

maioria das meninas da nossa galera, elas são, quase todas, bissexuais, se tirar, uma que é hétero. Uma é hétero, o resto é tudo bissexual” (Tchuco, 18 anos).

4.3.2 Do Jangurussu à Aldeota: Cruzando e (re)descobrimo a(s) cidade(s)

Se a casa de Dediane (17 anos) e Raul (20 anos) é considerada sede da “*galera da DNA*” por ser o espaço de encontro cotidiano de jovens integrantes do grupo, a Praça do Tamandaré seria a sede dos jovens moradores do bairro Jangurussu e mediações. A Praça do Tamandaré fica situada no Bairro Jangurussu. É lá que Hirley (19 anos), Ana (17 anos), Matheus (18 anos), Elzanir (17 anos), Beto (18 anos), Digo (21 anos), entre outros, encontram-se nas noites semanais, entre 19 e 22 horas. Os encontros noturnos durante a semana, que reúnem cerca de vinte e cinco jovens, são embalados pelo som emitido por meio dos celulares, de vários celulares. Seus painéis, como vagalumes, iluminam o cenário na penumbra da praça escura e abandonada pelos serviços públicos.

Figura 26 – Jovens do Jangurussu com amigos na PP



Fonte: arquivo pessoal

Os encontros juvenis tem como ponto de referência uma antiga fonte, possivelmente, há muito tempo abandonada. O local, em formato de um grande quadrilátero, é tomado por um matagal (baixo) envolto a poças de água acumulada e tem uma quadra de futebol ao lado, onde outros jovens divertem-se. A pouca iluminação, aliada aos demais aspectos da “praça”, dá ao ambiente um ar de abandono e marginalidade. Logo acima desse ambiente, a verdadeira Praça do Tamandaré tem aspectos um pouco melhores, contando com um piso, bancos e árvores assemelhando-se à estrutura básica atribuída às demais praças da Cidade.

A frequência na Praça do Tamandaré está subordinada às demais atividades juvenis. Isso porque, durante o dia, Hirley é caixa de um supermercado no bairro Dionísio Torres, e Digo é educador social em uma ONG no bairro Henrique Jorge. Os demais (Ana, Matheus, Elzanir e Beto) são estudantes e cursam o ensino médio. Os encontros na praça são interrompidos entre as noites das sextas-feiras, dos sábados e dos domingos, quando deixam o Jangurussu e compõem novas cenas de sociabilidades juvenis por bares e praças da Cidade.

O grupo de jovens que transita do Jangurussu às praças que constituem o *locus* dessa pesquisa (PP e PV do DM) configura-se por dinâmicas de sociabilidade em grupo, uma vez que compartilham de espaços e vivências coletivas e cotidianas. No Capítulo 3, descrevi os percursos e os circuitos de quatro, dos seis jovens desse grupo¹⁰³.

Ligados por laços de amizade, compartilham experiências semelhantes. É possível destacar alguns marcadores de identificação entre esses jovens: a região de morada, por serem moradores do mesmo bairro (o bairro Jangurussu e mediações); a orientação sexual: *gays*, lésbicas ou bissexuais; frequentam os mesmos espaços de sociabilidade (Praça do Tamandaré, Bar do Feitosa, PP, PV do DM) e, geralmente, transitam, de ônibus, rumo às praças, bares e ruas da Cidade.

Diferente dos jovens da “*galera da DNA*”, esse grupo não se identifica como tal, daí não haver uma identidade demarcada para o grupo, que se utiliza da expressão “*turma*” para se autodefinir. “*A minha turma são os meninos lá do bairro*” (Hirley, 19 anos).

Essa “*turma*” foi se conhecendo por meio da sociabilidade no Bairro Jangurussu e dos encontros nas praças (PV e PP). Mesmo morando a poucas quadras, foi nos encontros na PP que Hirley e Matheus se aproximaram, tornando-se amigos, apesar de já se conhecerem do bairro. Para além dos espaços de lazer e diversão, além das praças, estes jovens mantêm sociabilidades cotidianas e em suas próprias casas, estabelecendo relações mais próximas dos

¹⁰³ Tópicos: 3.2.3 (pg. 144); 3.2.4 (pg. 147); 3.2.5 (pg. 151); 3.2.6 (pg. 157).

espaços familiares, de modo que compartilham conflitos familiares e experiências afetivo/sexuais.

Além dos encontros na Praça do Tamandaré, o grupo mantém um roteiro de trânsitos por outros espaços da Cidade entre sexta-feira e domingo, que inclui, respectivamente: Bar do Feitosa, DM e PP. Nesses espaços, apesar de, geralmente, fazerem o trajeto bairro de morada/praças juntos, costumam separar-se em turmas diferentes. No entanto, é a “turma lá do bairro” o ponto de referência. Na Praça Portugal, costumam sentar-se nos bancos próximos à Avenida Desembargador Moreira, sentido sertão, e a sociabilidade desses jovens passa por um filtro de referências de identificações que tem a orientação sexual como demarcador de aproximações e distanciamentos. Com maior visibilidade em relação aos meninos, esses jovens conversam, brincam, bebem basicamente com outros jovens LGB.

Com exceção do *From UK* Beto e do jovem *roqueiro* Digo, os demais não adotam estilo algum. Seriam “normais”, ou “alternativos” como prefere se definir Ana, e a diversidade de estilo, ou a não adoção, parecem motivos de divergências entre eles. Quanto à sexualidade, esse grupo convive com os dilemas de ocultar a orientação sexual no bairro de morada, no ambiente familiar e na escola. No entanto, a vivenciam livremente nos demais espaços de sociabilidades citados, mesmo que nesse corram o risco do encontro com outros jovens, ou familiar, como foi o caso de Matheus.

Enquanto “*ficava*” com outro garoto na PV do DM, Matheus foi visto pelo irmão, também frequentador do espaço. A revelação de sua homossexualidade aos pais, pelo irmão, foi motivo de grandes constrangimentos e punições ao jovem. Episódios como esse são geradores de conflitos familiares e ocasionaram, no caso de Matheus, uma série de restrições. Ele, por proibição dos pais, deixou de frequentar as praças por algum tempo, o que não ocorrera com seu irmão.

A descoberta da orientação sexual do jovem acarretou, também, em medidas de vigilância quanto à sua estética. Foi proibido deixar o cabelo crescer, assim como o uso de tinta, da qual costumava utilizar para fazer-se ruivo. Práticas também usuais de seu irmão, que não tendo a heterossexualidade questionada, vê-se livre para a adoção da estética desejada.

Esses garotos e garotas, apesar de não se reconhecerem como um grupo, mas simplesmente como uma “turma” de amigos, fazem dos laços de amizade e dos conflitos, no âmbito da sexualidade e dos modos de vida, referenciais de solidariedade e de apoio. Assim como os jovens da “*galera da DNA*”, vão tecendo relações entre pares, de modo que suas experiências e experimentações individuais tornam-se, em certa medida, coletivas quando compartilhadas em meio à aparente e falsa fugacidade hedonista da vida na rua.

CAPÍTULO V

O “SEXO” DOS ANJOS

Eles

*Os meninos e as meninas
Os meninos e os meninos
As meninas e as meninas*

*Eles só querem é gozar
E que os deixem a sós
Eles só querem é gozar
E que os deixem a sós*

(...)

*Eles só querem é amar
E que os deixem em paz
Eles só querem é amar
E que os deixem em paz*

(Luiz Pinheiro, Tavinho Fialho, Cássia Eller)

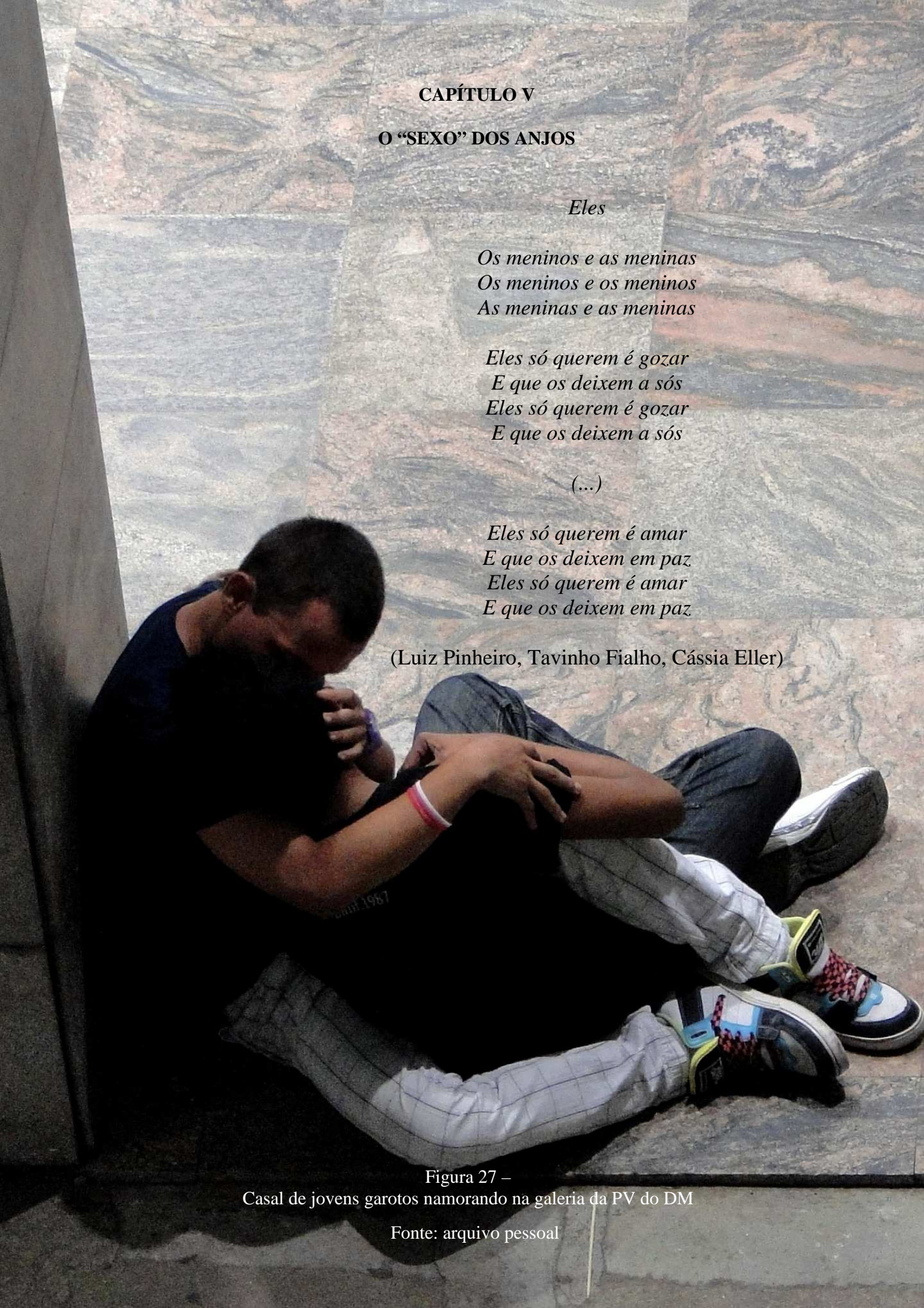


Figura 27 –

Casal de jovens garotos namorando na galeria da PV do DM

Fonte: arquivo pessoal

O jovem que vem pra cá descobre o seu sexo.

(Monalisa, 16 anos)

O “*sexo*” dos anjos mencionado no título deste capítulo, assim como o “*sexo*” que a Monalisa (16 anos) afirma fazer parte das descobertas juvenis em suas interações entre pares, remete-nos a um campo similar da dimensão humana: a sexualidade. As duas apropriações do termo fogem do seu sentido denotativo e engendram por conotações linguísticas e textuais típicas da língua portuguesa. Apesar de enunciados em espaços, formas textuais e circunstâncias diversas, o termo aparece empregado em contextos e com intencionalidades singulares.

Situado no campo da produção de conhecimento, a primeira faz referência ao objeto de estudo desta pesquisa: a sexualidade juvenil. Desse modo que a expressão “*sexo dos anjos*”, popularmente atribuída a algo banal, fictício, sem importância, assume sentido inverso, e também conotativo, uma vez que este estudo reconhece a formação sexual da juventude como área relevante para os estudos dos processos educativos, especialmente aqueles que se voltam às experiências vividas nos espaços de formação não institucionais dos jovens. Processos educativos empreendidos a partir das experiências dos sujeitos no educar da vida cotidiana.

A jovem Monalisa (16 anos), na refletividade sobre suas experiências entre pares, menciona a descoberta do “*sexo*” como um fator preponderante às sociabilidades entre jovens. Estou certo que sua afirmativa, assim como o uso que faço da expressão “*sexo dos anjos*”, recai sobre o mesmo campo reflexivo: o reconhecimento da sexualidade como uma significativa dimensão vivida nas experiências de sociabilidade juvenil. Ocorre que, enquanto utilizo a expressão “*sexo dos anjos*” como recurso linguístico, figura de linguagem, que acredito apropriada ao contexto dessa pesquisa, Monalisa (16 anos) utiliza o termo “*sexo*”, ou por um equívoco textual (da fala), ou mesmo pelo desconhecimento de outro mais próximo do sentido desejado. Um indicativo de que está, de fato, em processo de descobertas, tanto dos sentidos, prazeres e desejos que permeiam esse campo, quanto do léxico mobilizado no campo teórico para busca de dar sentido ao vivido.

Os/As jovens elaboram, no cotidiano das praças, uma “releitura” ou reestruturação de categorias identitárias sexuais - políticas e acadêmicas -, na qual estas se veem reconduzidas a significados particulares (singulares) da sexualidade juvenil empreendidas nesses espaços. As categorias êmicas surgem, então, como formas de semantizações negociadas pela dinâmica juvenil, na qual os saberes hegemônicos ora são reafirmados, ora

subvertidos no intuito de atribuir significados à subjetividade da sexualidade que se mostra por processos de descobertas, portanto, imersa em um espaço/tempo de curiosidades, experimentações juvenis.

a. A Descoberta do “Sexo” dos (pelos) Anjos

PP: Tal qual o Dragão do Mar, a Praça Portugal parece, também, acolher tribos diversas misturadas por motivações que variam entre: o consumo de bebida alcoólica, o uso do cigarro, ouvir música e namorar, ou melhor, “ficar”, conforme preferem. Não demorou muito para casais de garotos e garotas (hetero e homo) trocarem carícias (beijos, abraços, afetos), aparentemente, de maneira bastante tranquila nos bancos da praça, sentados sobre o gramado ou encostados aos troncos das árvores, que juntas fazem o mesmo desenho circular da praça. Além do centro circular da praça, as ilhas entre uma avenida e outra, com pouca iluminação, exceto a das bancas de revistas, são também ocupadas por casais de jovens(homo e/ou hetero) que trocam carícias, sentam juntinhos, muitas vezes num entrelaçar de pernas. Para os locais do “fica” ou do namoro, os casais tanto ocupam os territórios mais escuros da praça (conforme eu previa ao chegar) quanto os lugares onde podem ser percebidos com facilidade, como em alguns bancos iluminados pelas luzes dos postes. Não há, aparentemente, uma intenção de esconder-se, nem mesmo um clima de clandestinidade ou medo de repressão homofóbica. Para mim, naquele momento, não havia na praça uma divisão explícita de ocupação dos espaços que tivesse a orientação sexual como demarcador de territórios. Observo, por exemplo, um casal de garotas namorando em meio a um grupo grande de garotos roqueiros. Elas não interagem constantemente, mas misturavam-se no mesmo ambiente. Todos parecem encarar as manifestações de afeto entre casais do mesmo sexo com muita naturalidade, sem que isso gere algum constrangimento ou conflito entre eles e elas (Diário de Campo, 31 de julho de 2011) (grifos meus).

PN: A frequência de jovens na PN tem início cedo, no final da tarde, no entanto, a partir das 20 horas se intensifica. O movimento juvenil na praça é semelhante ao da PP e a DM. Ficam circulando e sentados nos bancos em grupo. Garotos andam de mãos dadas ou abraçados, tranquilamente, entre os demais frequentadores da PN e também namoram nos bancos sob as árvores. (Diário de Campo, 20 de abril de 2012) (grifos meus).

É possível e muito provável que para os frequentadores que circulam pela região da Praça Portugal e/ou do CDMAC, ou até mesmo para os que por ali transitam eventualmente, os jovens ocupantes desses locais nas noites de sábados e domingo sejam referenciais de liberdade ou libertinagem sexual. Para alguns, seriam expoentes de novos e modernos modos de viver a sexualidade com base em valores como igualdade de direitos e liberdades sexuais. Exemplos das mudanças nos modos de vivenciar e experienciar a sexualidade e as questões de gênero. Para outros, seriam anunciadores de tempos demoníacos,

marcados pela negação de preceitos cristãos e pela negligência aos valores e crenças sociais por meio de condutoras e práticas ilícitas. De Pós-modernos a delinquentes/desviados, independente da valoração moral e social atribuída (o que não é aqui exatamente o meu interesse), tais olhares, que ao longo desta pesquisa me foram relatados por diversas vezes, talvez sejam elaborados em virtude de uma suposta “naturalidade” com que eles – o(a)s jovens - conviveriam com as manifestações homoafetivas entre garotos e garotas. O diferencial, para além da exposição da homossexualidade em locais públicos e dessa sensação de naturalidade empreendidas nas interações juvenis, talvez seja o fato dessas interações aparentemente mobilizarem-se, simultaneamente, por práticas de afetividades tanto heteronormativas quanto homoafetivas, ou seja, sem uma demarcação geográfica (territorial) que os polarize e os identifique enquanto estes ou aqueles. Conforme observado em meus primeiros dias nessas praças, seriam interações marcadas por uma suposta ausência de fronteiras, de guetos, conhecidas e denominadas pelos jovens como “*tempos de misturas*”. Esses jovens estariam negligenciando, de fato, o imperativo da orientação sexual e do gênero? Estariam eles elaborando novas formas de sociabilidades caracterizadas pela ausência dos hegemônicos marcadores de gênero e sexualidade?

Acredito que essas interações juvenis, baseadas na “*mistura*” tanto de estilos quanto de orientações sexuais, alimentam o imaginário um tanto romântico (para aqueles que os olham sob uma perspectiva de aprovação e admiração) de alguns, ao atribuir-lhes uma espécie de rompimento com os tradicionais dispositivos de gênero e sexualidades empreendidos pela heteronormatividade compulsória. Contesto essa leitura sobre os modos de vida e sexualidades desses jovens, baseado na constatação de que nessas interações, os marcadores hegemônicos de gênero e orientação sexual se fazem presentes de maneiras bastante significativas, no entanto, sem grandes reverberações no campo da geografia espacial das interações juvenis.

A sociabilidade juvenil em espaços públicos que ignora tais marcadores que historicamente estigmatizam e criam mecanismos de exclusão e segregação social, ao proporcionar a convivialidade com a diversidade de orientação sexual já se mostra como um importante avanço, especialmente no enfrentamento ao distanciamento social vivido por LGBT e identificado por diversas pesquisas nos últimos anos no Brasil¹⁰⁴. Ela anuncia aos/às jovens (mesmo que em um campo escapatório da vida cotidiana) a experimentação de

¹⁰⁴ Ver: Abramovay; Castro (2004); Pedrosa; Castro (2008); Lionço; Diniz (2009), entre outras.

direitos: à cidade, à vida pública, às expressões da afetividade e ao exercício do convívio com as diferenças.

No entanto, no âmbito dessa convivialidade, tais marcadores ainda assumem grande relevância, no campo do jogo subjetivo, e menos perceptível (aos transeuntes), dos referenciais que elaboram e demarcam códigos e signos determinantes dessas interações juvenis. É no campo da dimensão afetiva e sexual que a heteronormatividade situa demarcações significativas por meio de identificações de semelhanças e diferenças.

Mais que na geografia espacial (territorial) das sociabilidades juvenis nas praças, as fronteiras se fazem no campo das interações afetivo/sexuais juvenis, ou melhor, nas dinâmicas determinantes de afetividades e sociabilidades entre o(a)s jovens. No bojo das misturas de estilos e de orientações sexuais, identifico as questões de gênero e orientação sexual como um filtro determinante de aproximações e distanciamentos afetivo/sexuais. São nesses filtros que permanecem ainda bastante vigentes o imperativo heteronormativo e o binarismo de gênero. A constituição dos grupos juvenis, apresentados no capítulo anterior, poderia servir-nos como um indicativo de que quando tratamos de aproximações afetivas, de laços de amizade, de formas mais íntimas de convivialidade, a orientação sexual se faz determinante nas relações juvenis.

Assim, naturaliza-se o “*estar junto*”, a “*mistura*”, por meio da ocupação e socialização dos mesmos espaços - as praças -, independente da orientação sexual e do gênero, no entanto, essa naturalização, que viabiliza e é, simultaneamente, viabilizada pela convivência e pela experiência entre pares, não rompe definitivamente com os determinantes de sociabilidades afetivo/sexuais. São esses determinantes que tomam, entre outros, o gênero e/ou a orientação sexual como referenciais (de identificações) para as interações afetivas e sexuais entre esses jovens.

Tais determinantes são filtrados por meio de processos sociais de identificações de semelhanças e diferenças elaborando, nas sociabilidades, relações afetivo/sexuais fluidas ou fixas. Amizade, grupalidade, sociabilidade, afetos e desafetos, são empreendidos e vividos por meio desses determinantes que são negociados, entre outros aspectos, a partir dos marcadores de gênero e sexualidades, identificadores de semelhanças e diferenças capazes de aproximá-los ou distanciá-los, em um movimento quase imperceptível aos olhos de quem os ver de fora.

Não há entre o(a)s jovens, ou pelo menos, ele(a)s não assumem em seus discursos, no campo da dimensão consciente, o entendimento de tais determinantes, tampouco empreendem uma defesa conscientemente e elaborada de rompimento com padrões

heteronormativos e/ou de gênero. Estariam ele(a)s longe da política *Querr* e sua proposta de subversão do binarismo de gênero.

Digo isso, em virtude de, nas últimas décadas, pesquisadores e estudiosos sobre gênero e sexualidade recorrerem à Teoria *Queer* ao questionar os mecanismos sociais baseados no binarismo de gênero e seus sistemas hierárquicos. Entre outras questões, Butler (2003) aborda o gênero ressaltando sua dimensão performativa de modo a detectar seus mecanismos sócio/culturais – discursivos, linguísticos, simbólicos, materiais e estruturais – empreendidos sob a hegemonia da masculinidade. Uma “pedagogia da sexualidade”, diria Louro, (2001), ou pedagogia dos gêneros, segundo Bento (2006), que imprime ao corpo sexuado a ditadura binária heteronormativa.

O Gênero é entendido por essas pesquisadoras - entre outro(a)s - como uma “sofisticada tecnologia social heteronormativa operacionalizada pelas instituições médicas, linguísticas, domésticas, escolares e que produzem constantemente corpos-homens e corpos-mulheres” (BENTO, 2006, p. 87). Gênero seria uma categoria produzida especialmente por meio de um campo discursivo e performático, binário e heteronormativo, empreendido antes mesmo de nosso nascedouro. Para Bento (2006), tais construções discursivas são materializadas, também, no campo estético do corpo dando visibilidade aos treinamentos corporais de formação dos *habitus* de gênero, por meio da elaboração estética da “aparência de gênero”.

Assim, mais que os discursos juvenis, as notas etnográficas que compõem este capítulo retratam experiências vividas, os modos, os símbolos e os signos empreendidos nas experiências juvenis, capazes de nos informar seus mecanismos estéticos e performáticos de experimentações afetivo-sexuais que tomam o gênero e a sexualidade como pano de fundo. Essas notas estão organizadas a partir de discussões que identifico como estruturantes das interações entre modos de vida e sexualidades desses jovens. Desse modo, as divido entre as discussões sobre masculinidade e feminilidade, pois identifico nas interações juvenis estudadas uma visível assimetria de gênero quando tratamos de experiências e saberes sobre a sexualidade. Estou certo de que a identificação dessa assimetria não é nova, tampouco surpreendente. Almeida (1995, p. 17), entre outros, anuncia que “a masculinidade não é simétrica da feminilidade, na medida em que as duas se relacionam de forma assimétrica, por vezes hierárquica e desigual”. Que contornos pragmáticos tomariam esta assimetria nas interações afetivo-sexuais das sociabilidades juvenis?

Vale lembrar que, quando trato nesta pesquisa de relações afetivo-sexuais, penso nos processos de sociabilidades juvenis, entendidos como as relações de amizade, namoros,

paqueras, “*ficas*”, “*beijos*”, ou seja, relações sem conotações restritivas à práticas sexuais (pensada aqui enquanto “ato sexual”). Parto da compreensão que tais relações, mesmo aquelas sem uma conotação sexual direta (ou explícita), do ato sexual, não escapam das construções binárias de gênero. Conforme veremos ainda neste capítulo, no que se refere às relações entre garotos, os sistemas (hierárquicos ou igualitários) identificados por Piter (1982) são acionados como parâmetros para pensar as relações afetivo-sexuais empreendidas pelos jovens levados por anjos. O sistema relacional hierárquico (boy/bicha) é fruto de

[...] um conjunto de crenças que estruturam a masculinidade, estabelecendo hierarquias, atributos, preferências, modos de vida. Essas crenças configuram uma masculinidade hegemônica e estabelecem de imediato as masculinidades subordinadas, tais como a homossexualidade, a masculinidade bissexual, o travestismo etc (SEFFNER, 2004, p. 94).

Essa masculinidade hegemônica, lembra Almeida (1995, p. 17),

[...] é um modelo cultural ideal que, não sendo atingível por praticamente nenhum homem, exerce sobre todos os homens um efeito controlador [...] é um processo construído, frágil, vigiado, como forma de ascendência social que pretende ter.

Assim, no âmbito da sociabilidade juvenil nas praças da Cidade, como esse processo se constrói em um terreno social marcado por identificações com estilos e sexualidade juvenis diversas e fluidas?

Quero antecipar que os garotos, por exemplo, vivenciam processos mais intensos (rígidos) de demarcação de gênero e identificações sexuais. Nesse campo, a estética e performance corporal se fazem campos prioritários da análise. Isso fica evidente quando observamos as identificações capazes de mobilizar a constituição de grupalidades e viabilizar a intensidade das interações juvenis nos espaços desta pesquisa. Os garotos *gays* que empreendem estereótipos mais próximos da masculinidade heteronormativa (ou hegemônica) são mais acessíveis a interações e inserções nos grupos com hegemonia heterossexual, restando aos garotos com traços mais próximos da feminilidade as interações entre pares (no sentido das categorias êmicas – bicha/bicha sem estilo/bicha estilosa/viadinho pintoso/emo/colorido etc.). Quanto às meninas, transitam com maior fluidez pelos dispositivos de orientação sexual. Trago, como exemplos, a valorização da bissexualidade feminina ou simplesmente do trânsito entre relações com outras garotas e com garotos. Nesse trânsito, a “*menininha*”, a “*bi*”, a “*lésbica*” ou a “*sapatona*” são categorias êmicas que

compõem essa cena práticas e experiências afetivo/sexuais juvenis. Além dessas observações, as notas etnográficas que seguem revelam os contornos pragmáticos em que os jovens elaboram e (re)significam - em situações relacionais - categorias de identificações a partir de dispositivos de gênero e sexualidades.

5.1 Masculinidades, Orientações Sexuais e Relações Afetivo/Sexuais entre Garotos

Hoje em dia, um homem que diz que é bi, é um gay! Totalmente!

(Ana, 17 anos)

A sociabilidade juvenil caracterizada pela diversidade de orientações sexuais e de estilos e grupos juvenis vê-se mergulhada em uma ampla heterogeneização de identidades e/ou identificações. Estão - os sujeitos - expostos tanto a rotulações estereotipadas (demarcadoras de identidades) quanto a um campo de fluxos, de movimentos, no qual sexualidade e estilo não se afirmam com a estabilidade exigida pela política identitária, tão anunciada nas últimas décadas.

Tanto os estereótipos instituídos pela heteronormatividade quanto os rótulos identitários da diversidade de orientação sexual vazam pela dinâmica subjetiva da sexualidade vivida no bojo das experimentações juvenis. Misturam-se, confundem-se, reordenam-se sob arranjos de relações nas quais as representações (sentidos e significados) sobre corpos, feminilidades e masculinidades manipulam códigos e condutas de amizades, afetos e práticas sexuais entre garotos.

Os espaços, e as interações nele vividas, que se constroem sob a égide da mistura juvenil, vão se moldando por meio da elaboração de códigos de condutas próprios, de modo a viabilizar a convivência com a tão valorizada “mistura” da diversidade de estilo e orientação sexual. Definem-se assim, supostamente uma geografia na ocupação dos espaços socializados (digo “supostamente”, em virtude de observar o constante negligenciamento dessa geografia espacial pelo(a)s jovens), e modos de interações, onde afetos, amizades e sexualidade elaboram também outra geografia: a afetiva e sexual. Aqui, a sociabilidade mantém como referência os marcadores binários e heteronormativos de gênero e sexualidades, mesmo que estes, por vezes, se vejam negligenciados a despeito das transgressões empreendidas no cotidiano das interações juvenis. A dinâmica de aproximação (espacial) e distanciamento (afetivo/sexual) entre um grupo de skatistas e de jovens *gays* revelam a resistência desses dispositivos hegemônicos.

5.1.1 O que separa o “*Boy bafom do skate*” das “*bichas pintosas*”?

PP: Estou sentado do outro lado da praça. Desse lado parece ter uma concentração maior de *gays*. Encontro Alex com outros cinco amigos. São todos do teatro do GRAB. Estamos sentados próximo ao palco. Daqui vejo garotos skatistas fazerem performances com o skate e está um cheiro de maconha horrível hoje! Tiro fotos dos meninos de skate. A turma do Alex me alerta sobre possíveis roubos. Tem uma turma grande bebendo e fumando muito hoje. Inclusive maconha. O pessoal do skate senta no banco ao meu lado por alguns minutos e logo resolvem ir pro outro lado da praça para fugir do cheiro da maconha. [...] Não tinha ainda observado os garotos skatistas. Até então, eles não se destacavam muito na praça. Pelo menos, andando com skate, eram poucos. Essa turma de seis garotos skatistas usa preto. Os que estão de skate e fazem performances no palco se diferenciam pelas calças frouxas. Um deles se destaca por exibir constantemente um físico escultural: Camisa aberta, mostrando o tórax e os delineamentos de um abdômen bem definido. Percebe-se que não é esculpido em academia. Branco, com cabelos encaracolados, longos e assanhado dando um aspecto de mal cuidado, o que, de certa maneira, lhe atribui um charme. A calça, em um tamanho maior - imagino que seja para proporcionar o movimento do corpo exigido pela prática do skate -, necessita de um cinto para que não caia. No local do cinto, um cordão verde evita mostrar o restante da cueca que aparece em parte, apesar de está bem abaixo da cintura. Percebo que durante as apresentações de skate - enquanto revezam o palco em acrobacias que me chamam a atenção pelo barulho do skate em atrito com o piso liso e pelos arremessos longe do palco -, os seis jovens não interagem com os demais. A plateia - os jovens sentados nos bancos próximos (a maioria *gays*) - a assistir as acrobacias, também não dá muita atenção. Conversam entre si e quase ignoram as performances dos skatistas. De vez em quando, alguns jovens passam, param, observam um pouco, e voltam a circular a praça. Por outro lado, os garotos parecem não se preocupar em ter plateia. Eles mesmos ficam a observar o desempenho do que está a se apresentar e a comentar coletivamente em seguida, somente entre eles. O jovem que por vezes ameaça tirar a camisa para usufruir da brisa que lhe secaria o suor, parece, no mínimo, despojado (deliciosamente despojado!!! rrsrrsrs). Os meninos com quem estou sentado, Alex e seus amigos (todos *gays*), conversam entre si sem dar muita importância às apresentações nem ao jovem, ao corpo que se mostra, em uma sensualidade aparentemente despretensiosa. Até que, em meio a uma conversa sobre filmes de terror, um dos garotos olha para o skatista (que vinha em sua direção na busca do skate), fixa o olhar, suspira e diz: “-Esse boy do skate é bafom!!!”. Alguns meninos olham, mas não fazem nenhum outro comentário e continuam a conversar sobre seriados e filmes de terror que assistem na TV. A conversa é movida a muita pinta (talvez por isso Alex os considerem “*bichas pintosas*”), gestos e performances, ao som do barulho dos skates que ameaçam voar a qualquer momento sobre alguém. (Penso que estão juntos, mas não se misturam. Será?) (Diário de Campo, 25 de setembro de 2011) (grifos meus).

Figura 28 – Jovem Skatista na PP



Fonte: arquivo pessoal

A cena do “*boy bafom do skate*” esbanjando sensualidade - num ritual de exposição de uma masculinidade heterossexual incontestável - sob o desprezo das “*bichas pintosas*” que se limitam a admirá-lo e também anunciam sua homossexualidade (ambos, via corpo, por meio de marcadores atribuídos hegemonicamente à masculinidade e feminilidade), nos informa tão quão demarcada estão as fronteiras que ainda os separam. Tais fronteiras se fazem visíveis de maneira velada pela ausência, pela coletiva e indiscutível inviabilidade de se quer ousa comentar na possibilidade de um “*affair*”, ou até mesmo de um “*fica*”, da possibilidade de uma relação afetiva/sexual no modelo bicha/boy. Estavam eles separados por um código de conduta onde a heterossexualidade de alguns não se permitiria ver-se objeto de

desejo de outros (homossexuais). Nesse contexto, o modelo de relações afetivo/sexuais entre garotos restringe-se ao gay/gay e às categorias nativas ali descendentes.

Sobre os modelos de relações afetivo/sexuais entre homens, Peter Fry (1982), em *“Para Inglês Ver: identidades e políticas na cultura brasileira”*, no capítulo *“Da Hierarquia à Igualdade: a construção histórica da homossexualidade no Brasil”*, investiga a construção das categorias sociais que dizem respeito à sexualidade masculina no Brasil. O autor analisa o sistema de classificação das identidades sexuais em periferias de Belém e também descreve “uma nova taxionomia” que, segundo ele, se desenvolveu entre as classes médias das grandes metrópoles na década de 1970. Quatro componentes básicos são usados socialmente para construir essas identidades afetivo-sexuais: o sexo fisiológico, o papel de gênero, o comportamento sexual e a orientação sexual. Neste texto, o autor apresenta dois modelos de relações afetivo-sexuais entre homens: o modelo hierárquico e o modelo simétrico¹⁰⁵. Utiliza-se do referencial de classe (“classe média”, “classe baixa”) e territorialidade (“periferias” / “grandes metrópoles”) na identificação dos mecanismos sociais identitários da masculinidade brasileira.

Sobre esses sistemas de classificação, Fry (1982, p. 88) nos lembra que “há várias maneiras de compreender a sexualidade masculina no Brasil, e que estas variam de região para região, de classe para classe social e, sobretudo, de um momento histórico para outro”. Quero ressaltar que, para além dos referenciais (territorial/classe/histórico) enumerados por Fry, há peculiaridades oriundas das experiências vividas pelos sujeitos. No caso desta pesquisa, os modos de vida juvenis em sociabilidades marcadas pelas “misturas”, especialmente no que diz respeito à sexualidade e aos estilos juvenis, levam os jovens a uma dinâmica de classificação identitária que toma os estilos (aqui entendidos também como estética e performances) como um forte elemento de representações para elaboração de categorias identitárias específicas dos contextos juvenis. Digo isso partindo da percepção que, por muitas vezes, entre o(a)s jovens, o estilo é acionado como dispositivo identitário para a classificação da sexualidade.

A orientação sexual do “outro”, por exemplo, seria revelada (ou expressa) tomando como elemento de identificação a adoção de um estilo, ou apenas de uma estética corporal e/ou performática. Categorias como *“gayzinho sem estilo”*, *“bicha estilosa”*,

¹⁰⁵ O modelo hierárquico corresponderia às categorias “homem” e “bicha” (homem/bicha), enquanto o modelo igualitário, “homem” e “entendido” (ou gay/gay). Fry (1982) nos lembra o caráter dualista de ambos, o que o leva a considerar que “estamos perante uma cultura na qual as coisas tendem a ser classificadas em termos de oposições binárias” (p. 109). Este último modelo classificatório, diz Perlongher (1987, p. 22) no clássico *“O Negócio do Michê: a prostituição viril em São Paulo”*, “ao se deslocar e se superpor ao anterior, produz uma proliferação, confusão e acentuada mutabilidade/precariedade das categorias”.

“boyzinho”, podem ser tomadas como exemplos, conforme veremos a seguir. Alguns estilos – emo, *punk*, roqueiro – com maior intensidade que outros, são também portadores de referenciais (materiais e simbólicos) determinantes para a associação estilo/sexualidade. Assim, é possível identificar uma forte associação entre estilo/sexualidade juvenil. O(a)s jovens, ao anunciarem e expressarem a sexualidade por meio estilo e vice-versa elaboram códigos, criam representações, associações, mesmo que, em muitos casos, essas se vêm desconstruídas (ou postas em xeque) pela subjetividade e fluidez de suas experiências afetivo-sexuais.

O suposto binarismo “*darks/coloridos*”, elaborado no contexto da PP, tenta, mesmo que hipoteticamente, determinar quem é quem nessa “*mistura*”. Quero ressaltar que as categorias não tomam diretamente (ou somente) as práticas sexuais como determinantes, uma vez que, para os jovens, a estética e/ou performances surgem como importantes recursos de identificações sexuais.

Figura 29 – Grupos de Jovens Gays na PP



Fonte: arquivo pessoal

O “*boy bafom do skate*”, tão próximo e tão distante das “*bichas pintosas*”, seria para essas inacessível (e vice-versa) naquele contexto de espaço/tempo da praça. Ali, em meio a “*turmas*” e “*grupos*” de misturas, as relações entre garotos heterossexuais e homossexuais estão fadadas a interações esporádicas, essas, por vezes, empreendidas pela necessidade da rejeição (por parte de garotos heterossexuais) a resquícios considerados homofóbicos e pela tentativa de vivenciar na prática (de sociabilidade da praça) a convivência com a diversidade sexual, propagada pelo discurso politicamente correto exigido pelos tempos em que a homofobia se torna denúncia pública.

A negociação de interações, níveis e/ou modalidades de interações juvenis, vividas nesses espaços dificilmente negligencia a sexualidade (ou orientação sexual) dos sujeitos. A sutil diferença entre ser amigo, ser conhecido, fazer parte ou não do mesmo grupo, passa por um campo de identificação entre os sujeitos e nesse campo, a orientação sexual surge silenciosamente como determinante dos lugares a serem ocupados, das turmas e dos tipos de relações entre os jovens. Aproximações e distanciamentos vão se elaborando numa teia de relações entre os jovens sem que esses processos se façam tão visíveis e conscientes.

Os códigos de masculinidade e de orientação sexual, apesar de sua aparente irrelevância nas interações juvenis, estabelecem fronteiras onde os desejos e a prática afetivo/sexual estão impostos à manutenção dos marcadores hegemônicos heteronormativos. Isso não quer dizer que tais fronteiras não se deparem com sujeitos dispostos a desafiá-las cotidianamente por meio da subjetividade empreendidas nos modos de vida e na sexualidade e das experimentações juvenis, que proporcionam e viabilizam suas expressões nos percursos vividos nessas praças.

No âmbito da sexualidade, e especialmente, da diversidade de orientação sexual, a tão denunciada “distância social” dirigida por LGBT pareceria encontrar, grosso modo, no âmbito das misturas juvenis, alternativas de superação nesses campos de interações em espaços públicos. É verdade que essa sociabilidade juvenil já se apresenta como um significativo avanço para a superação do distanciamento social, ao anunciar, na prática, em espaços públicos, a vivência da liberdade de expressão da homossexualidade, mesmo sob o crivo da superficialidade (quando as interações entre garotos heterossexuais e homossexuais se fazem esporádicas) e da submissão a condutas de comportamento. Assim, põe-se em cheque a viabilidade de uma sociedade fadada a limitar-se à tolerância e à segregação de LGBT aos guetos, eximindo-os do direito à cidade – ou a parte dela - e a seus benefícios públicos.

No entanto, evidencia-se, nesse contexto, especialmente entre garotos heterossexuais e homossexuais, um distanciamento afetivo que limita as interações a relações de superficialidade, sem vínculos de amizade, de carinho, de afeto. Tal distanciamento afetivo seria empreendido em prol da manutenção de uma masculinidade heteronormativa intocada, preservada, sem possibilidades de rasuras. É isso que separa o “*boy bafom do skate*” das “*bichas pintosas*”.

Para além desses marcadores de gênero que se mantêm fixos, a fluidez juvenil o desafia e se mostra no cotidiano das praças, seja pelas identificações diversas, seja pelos caminhos que fazem, por exemplo, um “*boyzinho virar emo*”.

5.1.2 Quando o “*boyzinho*” vira “*emo*”

PP: Entre os amigos do Alex, está Rodrigo. Um garoto com aparência que se aproxima do que se define como “andrógino”. Rodrigo usa uma calça bem justa ao corpo e uma franja que quase lhe cobre os olhos, o que lhe toma o tempo e a atenção no empreendimento de mantê-la sempre arrumada. Rodrigo foi dar uma volta na praça e logo entra na pauta dos que ficaram aqui no banco:

Jovem 1: “-O Rodrigo não era assim. Quando eu conheci ele era mais *boyzinho*”. Disse um dos garotos insinuando uma reprovação na mudança de Rodrigo.

Jovem 2: “-É. Mas agora ele é *emo*”.

Jovem 3: “-Ele não é *emo*! Odeia quem diz que ele é *emo*”.

Jovem 1: “-Eu já fiquei com ele, mas ele não era assim”.

Jovem 3: “-Mas agora ele tá bem mais bonito”.

Jovem 2: “-Eu acho ele bem bonito. Tenho coragem de pegar”. (Todos riram.). (Diário de Campo, 25 de setembro de 2011) (grifos meus).

Por meio de códigos e signos juvenis, uma diversidade de categorias êmicas dá sentidos às experiências vividas coletivamente entre pares, atribuindo significados aos saberes elaborados por meio do vivido. A polaridade homossexualidade/heterossexualidade, assim como as categorias instituídas para a diversidade de orientações sexuais - LGBT - parecem não comportar as peculiaridades da diversidade de estilos e práticas afetivo/sexuais experienciadas na sociabilidade juvenil. Isso não significa um abandono extremo dessas categorias identitárias e de orientações sexuais, (elaboradas no campo acadêmico e de lutas políticas nas últimas décadas¹⁰⁶), mas uma resignificação de códigos e signos marcadores de gênero e sexualidades capazes de elaborar categorias sexuais tão fluidas e instáveis quanto as experimentações juvenis.

¹⁰⁶ Ver Facchini (2005) em: “*Sopa de Letrinhas: Movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 90*”.

As expressões juvenis, especialmente as corporais e performáticas, elaboram novos signos e códigos e, assim, demandam a elaboração de uma nova semântica que se aproxime da subjetividade de suas experimentações e das interpretações de desejos, prazeres e práticas afetivo/sexuais. Filtram-se assim diferenças e semelhanças sexuais e as dimensões do desejo e da estética se fazem *lócus* desse processo de produções de categorias êmicas sobre a sexualidade.

Essas categorias êmicas por vezes são elaboradas ao atribuir ao outro uma peculiaridade, uma característica – estética ou sexual – que o diferencia de si e/ou dos demais. Assim, nessa busca de demarcações de diferenças, coloca-se o outro em um campo e simultaneamente coloca-se a si próprio em outro, como em um tabuleiro de xadrez em que as formas e posição de cada peça comportam códigos que determinam seus movimentos, sua posição e/ou função no jogo. No entanto, diferente do xadrez, as peças não são fixas, mas mutáveis, passíveis de um trânsito estético e, portanto, assumindo outras posições no tabuleiro. Tampouco elas se permitem fixar-se completamente no espaço do tabuleiro, abrindo possibilidades de transição de uma posição para outra, tornado assim, em um jogo em constantes mutações, tanto na estética visual das peças quanto nos sentidos atribuídos essas no decorrer da jogada.

Esse movimento de recriação ou da tentativa dar sentido ao vivido, aos desejos, às experiências juvenis, nem sempre se faz homogêneo, pois em suas experiências entre pares, apesar de compartilhadas no coletivo, interagem com as histórias de vida desses jovens, de modo que nem sempre signos, códigos e categorias compartilham dos mesmos significados e sentidos. A fluidez e instabilidades de práticas e experiências juvenis vão moldando-se por uma heterogeneização de saberes e fazeres que tomam as individualidades de cada jovem como fonte de suas percepções práticas. Não há, assim, um consenso que as definam enquanto categorias, enquanto identidades inquestionáveis sobre as quais se elaborem “verdades” absolutas acerca do gênero e da sexualidade. Seriam, pois, identidades culturais, conforme afirma Seffner (2004).

A instabilidade sobre o que se compreende e se vive tem o tempo e as experiências juvenis como elementos desse processo em que a aprendizagem se faz vivendo e convivendo coletivamente sem ignorar os saberes oriundos de outros espaços sociais e das experiências individuais de cada jovem. Assim, são essas sociabilidades, processos de descobertas, sem aprisionamentos ao instituído no campo das normalidades determinantes das sexualidades, mas mantendo com essas, uma intrínseca relação. Essa relação se faz presente quando analisamos os marcadores de masculinidade e feminilidade elaborados

simbolicamente, por exemplo, por meio da adoção de estilos impressos no corpo juvenil e de suas performances.

Alguns marcadores de masculinidade se fazem presentes com maior nitidez quando analisamos os modos como estes se mobilizam e são mobilizados pela adoção de estilos juvenis. A suposta polaridade em ser “*boyzinho*” e ser “*emo*”¹⁰⁷, atribuída ao jovem Rodrigo, revela o quanto essas categorias carregam consigo tais marcadores. Enquanto ser “*boyzinho*” equivale a posse de características atribuídas à masculinidade – independente da orientação sexual - ser “*emo*” estaria associada a uma suposta homossexualidade que o distanciaria de estereótipos masculinos.

Para os jovens, a transição de “*boyzinho*” para “*emo*” faria, então, parte de um possível processo de mudança identitária ou apenas de estilo (mudança estética), estando subentendido a percepção de que um “*boyzinho*” não se encaixaria no perfil de um “*emo*” e vice-versa. O interessante em observar no diálogo dos garotos são os rumos do desejo que são acionados nesse caminho. A divergência de posturas quanto ao processo de transição em questão: enquanto é visto como algo negativo, pelo jovem que em tempos pretéritos se rendeu aos encantos do então Rodrigo “*boyzinho*”, o estilo Rodrigo “*emo*” passa a ser o desejado por outro jovem. Diferente do “*boy bafom do skate*”, independente de estar ou ser “*boyzinho*” ou “*emo*”, Rodrigo estaria na margem de acessibilidade (no campo do desejo e da prática) das “*bichas pintosas*”, sem romper com os códigos estabelecidos pela dinâmica afetivo/sexual vivida, e silenciosamente acordada.

Recorrendo a Butler, Bento (2006, p. 87) afirma serem as performatividades de gênero, as “reiteraões contínuas, realizadas mediante interpretações em atos das normas de gênero, os corpos adquirem sua aparência de gênero, assumindo-o em uma série de atos que são renovados, revisados e consolidados no tempo”. Estaria o gênero “inscrito em um campo discursivo determinado” por “suposições e expectativas” em torno das quais se estruturam as performances de gênero (p. 88).

O corpo inicialmente “inscrito em um campo discursivo determinado” pela relação heteronormativa corpo/sexo/gênero mobiliza “um conjunto de expectativas estruturadas numa complexa rede de pressuposições sobre comportamentos, gostos e subjetividades que acabam por antecipar o efeito que se cunha causa” (BENTO, 2006, pg. 87). É o que Buther (2003) chama de heteronormatividade compulsória.

¹⁰⁷ A explicação da categoria “*boyzinho*” e do estilo *emo* encontram-se respectivamente nas páginas 280 e 210.

Assim, Butler (2003), Louro (1997) e Bento (2006), afirmam que as performatividades e estéticas de gênero são sócio e culturalmente empreendidas discursivamente antes mesmo do nascedouro e estão na base dos processos formativos dos sujeitos, a moldar suas vidas como “homens” ou “mulheres”, por meio das representações simbólicas e materiais, sob a perspectiva binária e polar dos gêneros.

Após o nascimento da criança, os investimentos discursivos dirigem-se para a preparação do corpo, afim de que este desempenhe com êxito os papéis de gênero: bonecas, saias e vestidos para as meninas; bolas, calças, revólveres para os meninos. Parece que nada escapa à “panóptica dos gêneros”. O mundo infantil se constroi sobre proibições e afirmações.[...] A infância é o momento em que os enunciados performativos são interiorizados e em que se produz a estilização dos gêneros: “Homem não chora”, “Sente-se como menina!”, “Isto não é coisa de uma menina!”. Esses enunciados performativos têm a função de criar corpos que reproduzam as performances hegemônicas. Conforme sugeriu Butler, são evocações ritualizadas da lei heterossexual (BENTO, 2006, p. 89-90).

Tais construções discursivas são materializadas, segundo Bento, no campo estético do corpo dando visibilidade aos treinamentos corporais de formação dos *habitus* de gênero, por meio da elaboração estética da “aparência de gênero”. Foi no intuito de observar os empreendimentos heteronormativo e binário dos gêneros para além do campo discursivo e considerando o corpo como matriz, das representações de gênero, portanto, *locus* da construção identitária do gênero, que Bento (2006) observou na relação gênero/corpo os significados da estética corporal.

Se o corpo é plástico, manipulável, operável, transformável, o que irá estabilizá-lo na ordem dicotomizada dos gêneros é a sua aparência de gênero. [...] O sentido que se atribui às roupas e aos acessórios liga-se a um campo mais amplo de significados que extrapola a idéia de um “gosto pessoal”, vinculando-se às normas de gênero que estabelecem determinadas formas de cobrir os corpos sexuados. As roupas não cumprem exclusivamente um papel funcional. Conforme apontaram Villaça e Fred Góes (1998), as roupas constroem *habitus* pessoais que articulam relações entre o corpo e o seu meio. Pode-se sugerir que, para a formação dos hábitos dos gêneros, a estética participa de forma a dar visibilidade aos treinamentos propriamente corporais (BENTO, 2006, p. 162-163).

Assim, ao observar os mecanismos específicos das mudanças corporais de travestis e transexuais, Bento (2006, p. 162) ressalta a importância da estética corporal, ou seja, do “corpo-sexuado que fala por intermédio das roupas, dos acessórios, das cores”. Que compreende uma dimensão de composição e visibilização dos gêneros por um considerável

processo de autonomia desse “corpo-sexuado”. É, segundo Bento, a moda que se consistiu como prótese desse corpo.

No âmbito desta pesquisa, a estética e a performance de gênero são dimensões importantes na discussão e análise dos modos de vida e sexualidade empreendidos nas interações juvenis, uma vez que tanto uma como outra dimensão são parte dos estilos juvenis específicos e, portanto, dialogam com marcadores simbólicos e materiais oriundos da estética e das performances de gênero. São esses estilos, expostos em seus corpos, a forma como o(a)s jovens expressam seus modos de vida, empreendidos por um campo de variações de sentidos e negociações com performances de gênero.

Quanto às transgressões, quando tais códigos são rompidos, as fronteiras são atravessadas por afetividades que põem em xeque estas convenções e parâmetros de orientação sexual e estilo. Abre-se um campo de questionamentos e dúvidas sobre a eficácia e fixidez dessas condutas. O namoro de um rapaz que se diz heterossexual com um roqueiro *gay* é um bom exemplo desse conflito.

5.1.3 O “fica” do Roqueiro/Punk Gay com o “boy Hetero”.

PP: No caminho da PP Beto e Hirley conversam sobre o garoto que está “ficando” com o Dan. Falam em um tom de espanto sobre a possibilidade de um rapaz que se diz “hétero” namorar – ou “ficar” – com um jovem com o estereótipo do Dan. Isso porque Dan é grande (forte e alto), não é efeminado, e adota o estilo roqueiro/Punk. [...] A questão da orientação sexual parece ficar um pouco confusa para eles em algumas situações, como por exemplo: um garota que namorou com a irmã do Matheus e o trocou por um garoto. “Então, a gente pode dizer que ela é hétero, né?”, questiona Beto. A mesma questão ficou no ar sobre o garoto que está “ficando” com o Dan e que se diz hétero, mas fala que o único homem com quem “fica” é o Dan. “Não entendo o cara ser hétero e escolher logo o Dan para ficar! Se fosse com um viadinho, ainda vai.” (Beto). Imagino que o que está posto aí é o rompimento dos modelos bicha-bicha / boy-bicha e a possibilidade de uma relação homoafetiva boy/boy. (Diário de Campo, 08 de Janeiro de 2012) (grifos meus).

Antes mesmo do “fica” com o “boy hetero”, o jovem Dan já me trazia questões pertinentes para a discussão sobre modos de vida e sexualidade juvenil. Isso porque, para mim, por manter-se na interseção entre “*ser roqueiro*” e “*ser gay*”, ele rompia com a suposta polaridade entre tais identidades (ou identificações), instituída de maneira explícita e/ou implícita na sociabilidade das praças.

Eu já tive medo do Dan, porque ele era altão, era mal encarado. Ele era meio agressivo, essas coisas assim. Eu não conhecia ele. A Nara falava com ele. Ai comecei a falar com ele e até hoje. Eu nem sabia que ele era gay. Eu pensava que ele era hetero. Pelo jeito dele, ele parecia ser um menino hetero. Também tem uns estilos que nunca pode ser gay né. O punk não pode ser gay. Eu nunca vi um punk gay. Em São Paulo, o punk não pode ser gay. É porque aqui em Fortaleza é diferente, o povo é mais... O Dan é punk e é gay. É o único punk gay de lá. O único! Ele sofre muito preconceito. No dia que ele tava com um menino dentro do ônibus e os roqueiros viram ele e começaram esculhambar. [...] Porque ele era um roqueiro e curte esses estilos de rock que é pra... como se dizem heteros. Eles acharam horrível, eles são homofóbicos né? (Beto, 18 anos) (grifos meus).

O discurso de Beto (18 anos) vai ao encontro das convenções observadas no discurso dos jovens roqueiros da DNA, nos quais essa polaridade roqueiro/gay é bastante reforçada. Dan surgia na praça como uma das poucas exceções. Essa mistura de estilo/orientação sexual ficou bastante perceptível no primeiro dia que o encontrei:

PP: Hoje, um garoto com estilo de roqueiro (ou Punk) chamou a minha atenção. Usa cabelo estilo moicano com pontas grandes pra cima, roupa preta e botas com coturnos. Ele está junto a uma turma de garotos *gays*. [...] Reencontro Hirley (19 anos). Dessa vez ele está com os amigos e o garoto que mencionei acima. O nome dele é Dan e mora no Parque Santa Rosa. Hirley (19 anos) me falou que ele é roqueiro e anda no DM também. [...] Quando vi o Dan pensei logo que se trataria de um roqueiro ou Punk em virtude do estilo do cabelo. Logo depois estava ele a circular o monumento da praça de braços dados com outro rapaz. Ele andava lento e transmitia uma ar de tranquilidade... para mim, naquele momento, isso não era uma atitude/comportamento de um roqueiro (Esse contraste estilo *versus* comportamento ou estética *versus* atitude pode ser importante para reflexões posteriores). (Diário de Campo, 25 de Setembro de 2011).

A priori, o que me saltou aos olhos foi a radical diferença de estilo entre o jovem e os demais da turma na qual interagiu. Além da estética que se diferenciava pelo estilo roqueiro/Punk, o jovem que anunciava – por meio do comportamento e dos trejeitos - traços de uma masculinidade heteronormativa transitava na praça junto a uma turma de *gays* que se mostrava pela exposição de uma homossexualidade afetada - por “*pintas*” e trejeitos efeminados etc. No decorrer da pesquisa de campo, por diversas vezes tentei uma aproximação maior com Dan, mas ele se mostrava, para mim, pouco acessível e resistente. Durante as entrevistas com demais jovens, Dan foi citado algumas vezes como exemplo de uma exceção na qual um jovem roqueiro/punk é gay. “*A maioria dos punks são héteros. Muito pouco que você vai encontrar que é gay ou lésbica. Eu conheço um que se diz punk, o Dan, só ele*” (Hirley, 19 anos).

Quatro meses após o primeiro encontro com Dan, o seu “fica” com o garoto que se afirma “hetero” foi motivo de vários questionamentos entre seus amigos Hirley (19 anos) e Beto (18 anos). O que está em jogo, para além da relação identidade/orientação sexual (ou identidade/prática sexual), é a possibilidade de uma relação afetivo/sexual no modelo boy/boy, independente da homossexualidade de Dan e da heterossexualidade do seu “ficante”, o que configuraria em um modelo gay/boy. Tal modelo é descartado em virtude de Dan manter-se nos padrões de um estereótipo de masculinidade heteronormativa, empreendido tanto pelo visual de roqueiro/punk quanto pelo comportamento do jovem que se distancia das demais categorias - “bicha pintosa”, “bicha”, “viadinho”, “boyzinho”, “colorido”, “bicha estilosa”, “gayzinho sem estilo” etc.

Essas categorias (“bicha pintosa”, “bicha”, “viadinho”, “boyzinho”, “colorido”, “bicha estilosa”, “gayzinho sem estilo”, “boy”, “boy bafom”) não fazem referência exclusivamente à orientação sexual, mas anunciam modos subjetivos de expressões de sexualidades juvenis. Anunciam um mostrar-se por meio de uma estética que se materializa no corpo, na imagem e nas performances (indumentária, gestos, gostos etc.), mas trazem referenciais culturais dos dispositivos da sexualidade que estão intrinsecamente atrelados aos padrões hegemônicos.

Essa estética corporal não seria fixa, mas fluida, conforme observado no deslocamento estético – de “boyzinho” para “emo” - empreendido por Rodrigo. Vale lembrar que “emo”, nesse contexto, não está relacionado à cultura do *rock emocore*, mas simplesmente à estética corporal dos garotos emos, que se distancia da masculinidade do “boyzinho”, aproximando-se dos traços (dos marcadores corporais e de performances) do estilo emo.

Assim, para além das práticas afetivo/sexuais, a estética seria um dos referenciais de identificações não apenas dos modos de vida, mas da orientação sexual, ou simplesmente, de determinados padrões de masculinidade e feminilidade.

Imagino que o modelo macho/fêmea, homem/mulher e a associação masculinidade/feminilidade surja no imaginário dos jovens como campo de impossibilidade de tal relação, pois perpassam aos papéis na prática sexual que seriam respectivamente ativo/passivo. Segundo Peter Fry (1982, p. 90):

[...] embora a “bicha” seja, de certa maneira, um “homem desviante”, as relações sexuais verdadeiramente desviantes de acordo com esse sistema de classificação são as que ocorrem entre pessoas que desempenham o mesmo papel de gênero, isto é, entre uma “bicha” e outra, ou entre um “homem” e

outro. Essas relações são consideradas desviantes porque quebram a regra fundamental do sistema que exige que as relações sexuais-afetivas “corretas” sejam entre diferentes papéis de gênero ordenados hierarquicamente.

O autor refere-se aqui ao sistema de classificação baseado no modelo hierárquico - homem/bicha - no qual os papéis de gênero se relacionam hierarquicamente: masculino/feminino. Dan não se enquadraria no perfil do passivo, da feminilidade, tampouco o “*boy hetero*”. Por outro lado, o jovem que se afirma “*hétero*” haveria de escolher relacionar-se sexualmente, no mínimo, com um “*viadinho*”, como afirma Beto, o que lhe garantiria a posição da masculinidade do ativo, de acordo com o modelo hierárquico observado por Peter Fry (1982). Por que isso não se configuraria em sua relação sexual com Dan? Vale lembrar que em momento algum a legitimidade da heterossexualidade do “*boy*” foi questionada, mas sim a escolha do parceiro: o jovem Dan. Talvez porque o que está em jogo não seja a orientação sexual, mas manutenção do binarismo masculino/feminino, ativo/passivo. Aqui, a heterossexualidade se deslocaria da dimensão biológica da relação de gênero homem/mulher adotando como referenciais os marcadores culturais de feminilidade/masculinidade.

Entendo este episódio como revelador de alguns aspectos relacionados ao imaginário afetivo/sexual vivenciado entre garotos nesse contexto de misturas e diversidades de estilos e orientação sexuais. Fica evidente a permanência (manutenção) dos padrões heteronormativos de masculinidade (associados ao estilo e a outros códigos) como referenciais marcadores da orientação e papéis sexuais, portanto, determinantes na escolha dos parceiros e das relações vividas. Nas relações entre garotos, os modelos afetivo/sexuais boy/bicha, boyzinho/bicha não romperiam com os papéis binários de masculinidade/feminilidade (ativo/passivo). No entanto, o modelo de relações afetivo/sexuais entre pessoas do mesmo sexo mais empreendido nas praças seria o bicha/bicha, no qual a masculinidade não seria contestada, mas negociada na esteira dos desejos e prazeres, mesmo porque a “*bicha*” aproximar-se-ia mais da feminilidade, o que já implica na negação do masculino. Não haveria aí um comprometimento com a prática “ativa” no ato sexual. Restrinjo-me aqui exclusivamente às relações afetivo/sexuais entre garotos, por compreender que as práticas e afetividades sexuais assumem outras dimensões quando tratamos das garotas, onde as questões de gênero se voltam aos imaginários femininos, a serem discutidos ainda nesse capítulo.

Assim, as notas etnográficas acima versam sobre o mesmo elemento de análise: a masculinidade heteronormativa, ou melhor, aos empreendimentos em mantê-la intocada. É em prol dela que o “*boy bafom do skate*” torna-se invisível (inacessível) às “*bichas pintosas*”; são

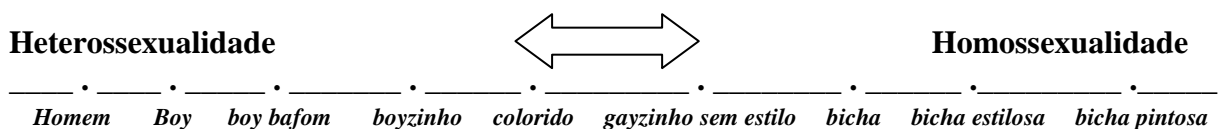
seus marcadores simbólicos que determinam o momento da “*virada*” de “*boyzinho*” para “*emo*”; e é em nome dela que se faz a impossibilidade da relação afetivo/sexual boy/boy, entre o jovem roqueiro/punk com o “*boy hetero*”.

Em meio a uma suposta superação dos marcadores de gênero e orientação sexual, na qual sua diversidade se faz visível e “*naturalizada*”, o imperativo binário – masculino/feminino se mantém sobre novas facetas, novos determinantes simbólicos, que rompem com o biológico e legitimam marcadores culturais afirmadores de múltiplos desejos e possibilidades, para além da heteronormatividade. No entanto, o lugar privilegiado da masculinidade mantém-se sob o crivo de sua supremacia à feminilidade e demanda normas que o protejam de um suposto declínio. Contrário do que acreditamos por muito tempo, a ameaça não estaria mais no reconhecimento (ou na legitimação) da homossexualidade, mas na possibilidade de um desejo narcisista.

5.1.4 Do “*homem*” à “*Bicha Pintosa*”: Masculinidades, Estética e Performatividade corporal

As categorias êmicas transitam por significados em torno do estilo e da orientação sexual juvenil, dialogando com os saberes e as representações estéticas sexuais dos jovens tendo o corpo como *locus* de exposição e afirmação. Não há necessariamente aí, uma atribuição de valor única, tampouco um consenso sobre seus significados. De acordo com o contexto vivido, a “*bicha pintosa*” pode apenas demarcar uma identificação performática de alguns, sem que por isso a coloque em um lugar depreciativo.

A escala que apresento abaixo, na qual relaciono algumas categorias, por aproximações e distanciamentos ao binarismo de orientação sexual (heterossexualidade/homossexualidade) masculina, funcionaria apenas como ilustração dos modos como estilo e sexualidade negociam códigos e estabelecem trânsitos estéticos e sexuais no contexto aqui analisado. Ressaltar seu caráter ilustrativo se faz necessário em virtude da dimensão subjetiva na qual esse processo linguístico de categorização de estilos e sexualidade está situado em nosso cotidiano, especialmente em espaços onde se elaboram novas e inusitadas interações por uma diversidade tanto de estilo quanto de expressões sexuais.



Por diversas vezes, a palavra “*homem*” surgiu nos discursos dos jovens para designar-se aos garotos heterossexuais, estando como polo oposto os termos homossexuais ou *gays*. Assim, homens/homossexuais, ou homens/*gays*, seriam polarizados numa lógica que restringe o biológico à masculinidade heteronormativa (homem = masculino = heterossexualidade), transitando, especialmente, pelo campo da orientação sexual. A associação homem/heterossexualidade é emblemática como afirmação do imperativo da masculinidade heteronormativa, a ponto de negar-se aos garotos não heterossexuais a alcunha do termo. Ser homem seria, assim, entre estas categorias, a que menos esteja associada aos estilos juvenis, pois ela alimenta quase que exclusivamente os elos irrevogáveis da associação homem/masculinidade/heterossexual, homossexuais (ou *gays*)/feminilidade/homossexuais.

Penso que o uso do termo “homem” como designador da “heterossexualidade” talvez decorra dela não se fazer presente nas reflexões e discussões cotidianas desses sujeitos. Nas praças, a homossexualidade está sempre na pauta. É sempre vista, é discutida, questionada, enquanto a heterossexualidade, incontestada, posta. Imagino que como consequência, poderia, entre esses sujeitos, ocasionar o desuso do termo, ou até, o seu desconhecimento. Isso não elimina a premissa associativa do imperativo da heterossexualidade com base na masculinidade heteronormativa.

No campo das apropriações semânticas, linguísticas e contextuais, o “*Boy*” seria uma categoria atribuída aos garotos heterossexuais em geral, no entanto estes termos transitam em um campo de significação entre o “ser” (de demarcação sexual identitária com base em referenciais da heteronormatividade masculina) e o “estar” situando o sujeito a um estado momentâneo, temporário, fluido. Um estado identificado tanto por uma expressão estética e performática (a partir da apropriação de signos, códigos e símbolos) quando este se apropria, estética e performativamente, do estilo “*boy*”.

No contexto do campo aqui analisado, o estilo boy estaria mais próximo dos roqueiros, *punks*, *skatistas*, *bboys*, piranguinhos pela apropriação de marcadores tradicionalmente associados à masculinidade heteronormativa (exaltação da força, agressividade, esportes de risco, práticas culturalmente atribuídas à masculinidade etc). No entanto, “*estar boy*” pode fazer parte de espaços/tempos de jovens *gays* ou bissexuais quando a estes lhe for conveniente, realocando, de certa maneira, a categoria “*boy*” do campo da orientação sexual, ou melhor, da heteronormatividade, e restringindo-a a uma representação meramente estética, a uma figuração identitária. Transitar pelo “*estilo boy*” estaria dentro dos limites dos jovens que se distanciam performativamente dos referenciais de homossexualidade masculina, por estes estarem ainda bastante próximos dos códigos associados,

tradicionalmente, à feminilidade. Isso porque, assim como o gênero, o estilo exige do sujeito tanto uma apropriação estética quanto um empreendimento performático. O exemplo de Dan é emblemático. Ele empreende o *estilo boy* tanto por meio da estética corporal (indumentária, acessórios) quanto pelas performances vividas nas praças (gestos, comportamentos, tonalidade da voz, modos de andar, de gesticular etc.), o que não implicaria, nesse caso, em um comprometimento com a orientação sexual heterossexual.

Algumas categorias atribuem características bastante específicas. O “*boy bafom*”, por exemplo, seria atribuído aos garotos, geralmente heterossexuais com uma estética e performance corporal que, além dos marcadores de masculinidade heteronormativos, têm no campo do desejo, da libido, o diferencial categórico. Seriam, assim, os garotos com traços estéticos de beleza incontestável e atributos provocadores de libido dos demais (garotos *gays*, garotas heterossexuais, bissexuais). O “*boy bafom do skate*” corresponderia, de fato, aos estereótipos dessa categoria.

O atributo de “*boy*” ou “*boy bafom*” pode, perfeitamente, no contexto das praças, ser designado aos garotos *gays* que adotam esta estética e as performances da masculinidade heteronormativa, independente da prática e do desejo sexual, no entanto, essas categorias, que nas praças são adotadas com maior frequência pelos garotos *gays*, são atribuídas com maior ênfase ao “outro”, aos diferentes de si, aos garotos heterossexuais, demarcando lugares, sociabilidades e relações afetivo-sexuais, de modo a elaborar uma dinâmica social de aproximações e distanciamentos, tomando como referência tanto o estilo quanto a orientação sexual, ou melhor, tanto os significados a eles atribuídos. Essas aproximações e distanciamentos são empreendidos na estética e na performance corporal juvenil, em território de “misturas” não tão homogêneas, onde as fronteiras vão sendo demarcadas apesar de permeadas de brechas e possibilidade de ultrapassagens, de trânsitos.

As demais categorias, “*colorido*”, “*gayzinho sem estilo*”, “*bicha*”, “*bicha estilosa*”, “*bicha pintosa*”, “*viadinho*”, versam sobre um campo linguístico, elaborado no âmbito do cotidiano, no intuito de trazer semanticamente, demarcações de diferentes modos e maneiras de representações da homossexualidade. Essas representações, para além de meras estéticas e performances corporais estão na esteira dos construtos hegemônicos de gênero e orientação sexual.

Se comparadas aos demais espaços vividos no cotidiano juvenil - escola, família, bairro de morada -, nas praças, a diversidade de estilos e orientações sexuais tanto se aproxima quanto se intensifica, fazendo com que essas semantizações sejam amplamente

empregadas e subjetivamente incorporadas aos demarcadores determinantes de interações afetivo/sexuais vividas.

No “*boyzinho*”, a própria designação morfológica já anuncia o seu lugar. O de quem corporifica o imaginário da masculinidade heteronormativa, o imaginário do “*boy*”. Seria ele, “*o boyzinho*”, a camuflagem de uma homossexualidade (entendida como próxima de uma estética e performance feminina) por meio da adoção de uma estética e performance heterossexual masculina no corpo de um jovem gay. “*Eles são gays, mas não gostam de demonstrar assim pelo visual... Eles são mais discretos! Quem olha assim pra eles pensa que são dois heteros*”, afirmou Matheus, ao descrever a imagem (fotografia) de dois garotos durante no processo narrativo realizado no grupo focal e apresentado no capítulo 4 dessa pesquisa.

Por que o jovem Dan seria um “*boy*” e não um “*boyzinho*”? O que coloca o roqueiro/*punk* Dan no campo da hegemonia masculina heteronormativa do “*boy*” é exatamente o imperativo do “roqueiro/*punk* heterossexual” que perdura pelo imaginário desses jovens. Esse imperativo é negado (por Dan) na vivência explícita de uma homossexualidade *dark*, fazendo-se contestadora de uma associação entre estilo e sexualidade juvenil que problematiza a masculinidade homossexual no âmbito do universo *dark* dos *punks* e roqueiros. Seria Dan, um colorido *dark*, um *boy* bicha, um homem *gay*, uma negação das demarcações elaboradas no bojo dessas “misturas” juvenis que imprimem diferenças e marcadores identitários (mesmo que subjetivos e fluidos) e vão moldando categorias êmicas por meio de recortes simbólicos expressos na estética corporal e na esteira das demarcações de identificações sexuais. Categorias pautadas, especialmente, nos dispositivos hegemônicos de gênero e sexualidades.

No universo das expressões (estéticas e performáticas) da homossexualidade masculina nas praças, os “coloridos” seriam aqueles que independente da orientação sexual expressam na indumentária não somente um arsenal de cores, mas um estilo conhecido também como “*restart*” aproximando-se de uma valoração com o desejo de ser ou parecer “cult”, “moderno”, “transado”. A premissa de que esses atributos estariam no âmbito dos anseios de jovens *gays* faz com que os “coloridos” estejam, no imaginário dos jovens, mais próximos da homossexualidade. Uma evidência dessa associação se dá quando ao descrever a ocupação espacial da Praça Portugal, alguns jovens a descreve como “*um lado dos darks e o outro dos coloridos*” (entende-se: de um lado os roqueiros e *punks* e do outro os *gays*). Por vezes, essa mesma divisão espacial foi descrita como “*entre os homens e os gays(ou homossexuais)*”. Assim, os “coloridos” seria uma designação de um coletivo de categorias

que têm, na indumentária, assimilações estéticas e, em segundo plano, uma aproximação com traços associados à homossexualidade.

Dançarinos de free step, emos e otakus, alguns em maior intensidade que outros, se enquadrariam nessa categoria que se elabora essencialmente no campo da estética corporal, mas mantém nas estreitas associações com a sexualidade. Essa associação se faz nítida na rivalidade entre os dançarinos de dança de rua (o free step e o break), quando no jogo de depreciação, daqueles por esses, toma-se a sexualidade como referência ao acusar o ritmo free step de “*dança de gays*”. Apesar da existência de outras demarcações que os diferenciam, é no imperativo da sexualidade, ou melhor, da orientação sexual, que os *bboys* buscam determinar a diferenciação entre dançarinos de break e dançarinos de free step. Seriam eles, os grupos de hip-hop, e não por acaso, os que menos interagem com os demais estilos nas praças por meio de uma postura de distanciamento das “*misturas*” juvenis, garantindo, assim, o atributo hegemônico da masculinidade heteronormativa.

As categorias “*bicha estilosa*”, “*gayzinho sem estilo*”, “*bicha*” e “*bicha pintosa*” permeiam um campo muito mais próximo da sociabilidade e do imaginário dos próprios garotos *gays* do que dos “*boys*” (os garotos heterossexuais). Elas funcionariam como referenciais de diferenciações entre si, ou seja, entre os garotos *gays*. Há aí uma homogeneização quanto à orientação sexual, no entanto, diferenciam-se do “*boyzinho*” pelo caráter da estética e, especialmente, da performance. Seriam elas (as categorias) (auto)atribuídas aos garotos *gays* que demonstram performances denunciadoras de sua orientação sexual, ou seja, garotos efeminados. Àqueles mais efeminados, em uma escala de aproximação com o instituído como feminino. Assim, estaria a “*bicha pintosa*”, ou simplesmente, “*a pintosa*” no topo desse lugar e a “*bicha estilosa*” mais distante em virtude do deslocamento que o estilo lhe posiciona.

Seria o estilo, a estética, que os diferencia em uma escala hierárquica. “*bicha estilosa*”, “*gayzinho sem estilo*”, “*bicha*”, “*bicha pintosa*”. A ausência de um estilo, em meio a interações demarcadas, especialmente, pela estética e sua relação com identificações diversas de estilos, iria, pois, restringir alguns à identificação exclusiva pelo viés da orientação sexual. À “*bicha estilosa*”, independente de seu empreendimento performático, o estilo pode lhe colocar em um patamar de relações diferenciado, transitando por outras “*turmas*” e por outros grupos que não fossem os das “*bichas*”.

É você, assim, tipo, você for do estilo emo, aí você for bonito: cabelo legal, descolado, vai conhecer muitos amigos lá, essas coisas assim. Eles já te

consideram uma pessoa muito estilosa. [...] Tem uns viadinhos, é viadinho! Gay! Gay! Gay normal mesmo!? Tipo, num segue nenhum estilo. Aquele que só gosta de curtir essas músicas tipo... Britney, Lady Gaga. (Beto, 18 anos).

Estilo e performance corporal seriam, assim, elementos determinantes nas interações entre pares (jovem/jovem). Empreendem dinâmicas de aproximações e distanciamentos juvenis (tanto no sentido inclusivo quanto exclusivo) e dialogam com marcadores de gênero e sexualidades. Vale ressaltar que, junto a alguns grupos, ainda persiste o imperativo da performatividade masculina heteronormativa, mesmo que haja uma identificação do jovem com a homossexualidade. Aqui, os grupos de punks, roqueiros e bboys se aproximam mais dessa hegemonia masculina heteronormativa.

Um outro referencial determinante de interações, que considero menos determinante, seria o bairro de morada, uma vez que há uma disponibilidade a agrupamentos por região da Cidade. Isso talvez ocorra em virtude de compartilharem percursos, de encontrarem-se nos terminais de ônibus ou mesmo pelos espaços de sociabilidade do bairro. Ocorre que, no âmbito das praças, esse referencial se depara com o desejo de sociabilizar-se com jovens de outras localidades, com “*pessoas diferentes*” (“*diferentes*” aqui assumiria o sentido de “*novas*”, “*desconhecidas*”), o que não implica um distanciamento dos amigos ou “*conhecidos*” do bairro. Tal evidência foi constatada quando acompanhei por meses a sociabilidade dos jovens do Jangurussu.

Esse jogo em que se deseja demarcar em si e nos outros marcadores de diferenças e semelhanças a partir de identificações com estilos e sexualidades se torna, no âmbito das interações, um emaranhado de possibilidades de interações, pois as identificações são múltiplas e cruzam-se inevitavelmente frente à subjetividade da sexualidade humana. O jovem Dan e Digo (23 anos), roqueiros e *gays* são exemplos daqueles que rompem com os estereótipos ainda existentes que associam alguns modos de vida específicos e estilos de vida a determinadas orientações sexuais ou estética e performance de gênero, trazendo aos demais reflexões questionadoras de seus saberes.

A bissexualidade masculina, apesar da pouca visibilidade entre os jovens, situa-se em um lugar de suspeita, de dúvidas sobre sua veracidade, pois ameaça a normatização da masculinidade heterossexual e da feminilidade do *gay*. Um lugar que rompe com os estereótipos e as práticas de distanciamentos entre homos e heteros. É o entre lugar; o sobre fronteiras. Rompe com o dualismo homossexualidade/heterossexualidade. Seffner (2004)

observa que a bissexualidade masculina está envolta à idéia de desvio e exclusão da normalidade sob o entendimento de

[...] uma masculinidade degradada, que está desviada em relação ao padrão aceito de relações sexuais entre homens e mulheres, provoca tensão, mesmo entre aqueles que revelam ter uma confortável vida de relações afetivas e sexuais com parceiros dos dois sexos. (SEFFNER, 2004, p. 97-98).

As experiências de trânsitos afetivo-sexuais entre garotos e garotas são elementares para a apreensão dos modos como os jovens experienciam e dão significados a estas travessias e nelas acionam mecanismos de gênero.

5.2 Em Trânsitos: Experimentações e identificações afetivo/sexuais de garotas

*Aqui tem mais é roqueira. Tem muita roqueira!
Tem bissexual! Tem periguete também.
(Camila, 14 anos)*

Considero necessário lembrar que os termos ou categorias apresentados são tomados pelos jovens a partir dos significados que atribuem às suas vivências e experimentações afetivo/sexuais nas praças. Tal observação decorre da perceptível incompreensão – pelos jovens – de categorias sexuais e políticas comumente utilizadas nos movimentos sociais e nos espaços acadêmicos. Quando questionados sobre quem eram os frequentadores das praças, os termos relacionados a estilos e à sexualidade (ou orientação sexual) são colocados no mesmo campo de identificação, dependendo do contexto e das circunstâncias, uma garota poderia ser identificada, simultaneamente, como “*roqueira*”, “*bissexual*” ou “*periguete*”, sem que um termo inviabilizasse a identificação com os outros. Se no âmbito dos discursos juvenis eles surgem como identificações segregadas, no campo das interações a identificação do “quem é o que” fica a mercê dos contextos e das circunstâncias relacionais.

Não foi por acaso que Camila (14 anos) mencionou apenas a bissexualidade (como categoria de identidade sexual) entre as demais categorias de identidade atribuídas às frequentadoras das praças. A garota bissexual, ou simplesmente “*bi*” assume um lugar

hierarquicamente privilegiado. O lugar do trânsito livre, das múltiplas possibilidades de relações, ocorrendo o inverso com os garotos¹⁰⁸.

As notas que seguem versam sobre a flexibilidade dos percursos afetivo/sexuais das garotas que têm da “hetero” à “sapatona” uma diversidade de possibilidades de identificações.

5.2.1 Os percursos afetivo/sexuais: De “hetero” à “sapatona”

É tipo assim ó... Quando a pessoa vem pra cá a primeira vez, ela vem com aquela coisa na cabeça que é hetero. Por exemplo, uma mulher, vem pra cá com aquele negócio na cabeça de ficar com um homem. Comigo foi assim. Eu, quando vim a primeira vez, eu vim com meu namorado e tudo. Só que a gente terminou e as amigas dele pediram pra ficar comigo e existem tentações. Tentações que você não aguenta e acaba ficando e quando você fica vindo aqui, voltando, voltando, voltando, você vai descobrindo que você não é (pausa) os seus amigos mesmo percebem (pausa). “Áh... ela chegou aqui, ela era hetero cara!!! Olha agora, tá ficando bi!” e de bi, acaba passando pra sapatona!!!”. Entendeu? (GF. Monalisa, 16 anos).

O percurso de “hétero” à “sapatona” é o que toma maior destaque quando tratamos da orientação sexual feminina. Nele, entre os dois supostos extremos, uma diversidade de identidades é acionada dando sentido a uma gama de modos de expressão das sexualidades femininas juvenis. Algumas categorias são apontadas como estilo, sendo que estes estilos acionam – material e simbolicamente – marcadores determinantes de modos de vida, estética e sexualidade. Vejamos:

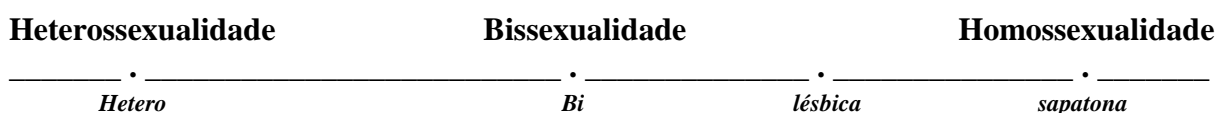
- a. A “hetero”, “mulherão” ou “menininha”: garota com estética e performance corporal de acordo com os padrões atribuídos ao feminino. Ex: “de salto, saia, uma blusinha decotada” (Anjo Mau, 15 anos).
- b. A “Bi”: garota que tem relações afetivo/sexuais com ambos os sexos.
- c. A “Lésbica”: garota que tem relações afetivo/sexuais com outras mulheres e eventualmente com homens.

¹⁰⁸ Segundo Facchini (2009, p. 320), em relação às mulheres, “a categoria bi remete a poderes que poderiam ser descritos em termos de capacidades e imunidades: capacidade de sedução, de flexibilidade e de obter gratificação sexual ilimitada, e imunidade em relação às possibilidades de aproximar-se e de passar por experiências de discriminação e violência”.

- d. A **“Sapatona”**: garota com estética e performatividade masculinizada e que tem relações afetivo/sexual exclusivamente com mulheres. *“Sapatona é aquele tipo de mulher que só fica com mulher... não fica com homem”* (Monalisa, 16 anos).
- e. A **“Periguete”**: Garotas com estética performance sensual, que expõe atributos corporais. Geralmente, heterossexuais. *“Periguete!!! É assim: usa shortinho curto, mostrando a metade da bunda, os peitos todos pro lado de fora”* (Camila, 14 anos).
- f. A **“Roqueira”**: Garotas que empreendem uma estética e performance corporal de acordo com a ideologia do rock. *“Uma roupas pretas, meião rasgado, maquiagem pesada e curte rock”* (Dediane, 17 anos).
- g. A **“Pirangueira”**: Garota de classe popular e gostos musicais questionáveis. Por exemplo: *“curte pagode, forró, funk”* (Dediane, 17 anos).

As definições de categorias de identificações como *“pirangueira”* e *“roqueira”* são empreendidas a partir de referências de estilo e modos de vida, sem muitas conotações com a orientação sexual, enquanto a *“periguete”*, toma a orientação sexual e o estilo como elemento determinante, pois está mais próxima do imaginário de mulheres heterossexuais que estão em busca de homens - à caça - e para isso investem em um visual que prima pelo apelo erótico, pela sensualidade provocadora do desejo masculino. As demais categorias - *“hetero”*, *“mulherão”* ou *“menininha”*, *“Bi”*, *“Lésbica”* e a *“Sapatona”* - tomam como campo determinante a orientação sexual por meio da estética e performance corporal.

De acordo com a classificação que tem na orientação sexual a referência determinante, o caminho parece, nos discursos dos jovens, acionarem o mesmo formato, a mesma sequência, uma mesma direção: *hetero/bi/lésbica/sapatona*.



Quando tratamos de forma genérica, poucas vezes, essa lógica toma um caminho inverso. Parte-se do imaginário de que todas chegam às praças “hetero” e somente lá descobrem, ou *“viram”* *“bi”*, *“lésbicas”* ou *“sapatonas”*. Tal percepção, talvez decorra do fato de serem as praças, para muitas garotas, o espaço da primeira experiência, ou da experimentação, ou mesmo, da oportunidade de cogitar uma relação afetivo/sexual com outra mulher. No entanto, quando, em conversa nos grupos de discussão, tratamos das

experimentações individuais, uma diversidade de possibilidades foram revelando trajetórias experienciais tomados de pontos de partidas e chegadas diversificados.

5.2.2 (Re)Fazendo Percursos: Três caminhos entre múltiplas possibilidades

a. *“Hetera até morrer”*

Eu não vou mentir! Eu já fiquei com mulher, mas na verdade eu prefiro homem. Eu sou hetera!!! (rsrsrsrs) Eu já provei... e tipo... “Não dá pra mim! Eu prefiro homem” (rsrsrsrs). Foi assim. Foi no natal, na festa de uma colega. Tu sabe né... tem vezes que amigos influenciam mesmo!!! Ai desde o natal... ai foi rolando... ai foi rolando... ai foi rolando... Aí depois eu parei pra pensar entendeu? Eu ficava só por ficar. [...] Aí eu já tinha namorado e tal né?! Eu tinha dado um tempo com ele e aí eu parei pra pensar né: Eu fazer uma coisa só por prazer e ao mesmo tempo eu não gostar, tipo assim... só por aventura... eu gosto de saber entendeu? Na verdade eu pensei: “Não. Eu prefiro homem!” Porque tipo assim... eu provo uma coisa... porque a mesma coisa que ela tem é o que eu tenho, entendeu? Aí ... tipo... eu prefiro homem. Eu sou hetera até morrer! (rsrsrs) (GF: Camila, 14 anos).

b. *“Toda Lésbica”*

Éeeee!! Eu cheguei aqui toda mulherão!!! Tipo eu (rsrsrsrs). A primeira vez que eu vim pra cá: de salto, saia, uma blusinha decotada. Toda! Toda! A tal!!! Aí depois eu percebi que eu não era assim. Eu me joguei!!! Agora eu tô toda lésbica... Pense!!! [...]_Aqui a pessoa descobre muita coisa que nunca pensou que um dia poderia ver. Nunca tinha pensado nisso (em ficar com mulher). A primeira vez, ela me pediu. Eu achei nojeira, sei lá... Pra mim isso não era muito normal não. Não era coisa... Ela pediu e... isso durou umas 3 semanas pra eu dizer um “sim”. Quando eu disse um “sim”, ela, eu acho que... todo o Dragão soube... e foi uma coisa assim... inesquecível. Eu nunca esqueço a primeira vez. Eu ainda lembro, foi atrás dessa casinha de pedra aqui. Foi estranho, mas eu me acostumei. (GF: Anjo Mau, 15 anos).

c. *Batendo a real: “eu gostava dos dois sexos”*

Quando eu cheguei aqui (no DM) achei muito interessante! Porque aqui a pessoa pode ver o que é certo e o que é errado. [...] Assim... o jovem que vem pra cá ele descobre o seu sexo. Ele ta com aquilo na cabeça... “Há... eu sou isso! Eu gosto daquilo!”, mas ele descobre o seu sexo. Por exemplo, quando eu vim pra cá a primeira vez eu vim com meu namorado. Então eu gostava de homem naquele tempo. E a primeira vez que eu vim eu vi aquela esculhambação toda de homem beijando homem e tudo. E a minha primeira vez, foi uma amiga que me influenciou a isso sabe? Então foi aí que eu comecei a bater a real... a me tocar que eu gostava dos dois sexos, entendeu?. (GF: Monalisa, 16 anos).

Essas categorias não estão estanques nem isoladas. Elas trazem marcadores de gênero, de sexualidades, de modos de vida e de classe social. Por vezes, se sobrepõem.

Apesar das associações entre estética e performances corporal com orientações sexuais, tendo como referências os marcadores de gênero, a convivência com os entrecruzamentos entre múltiplas possibilidades de expressões de gênero e orientação sexual, vai aos poucos, desconstruindo os estereótipos hegemônicos da lésbica associada à garota masculinizada e da “hetero” à fragilidade atribuída ao feminino.

Tem gente que se veste normalmente e nem a gente tem preconceito. E ela mostra um sexo diferente. Por exemplo: uma menina tá vestindo uma saia. Uma blusa totalmente decotada, uma sandália normalzinha, só que quando a gente vai ver, ela não gosta daquilo que é normal. Ela gosta de mulher. E já tem coisas diferentes, tipo mulher que calça sapato normal, aquelas calças bem frouxas, aquelas blusas bem chamativas e que já gostam de homens! Então a gente não sabe o sexo normal das pessoas. A gente conversando, a gente fazendo amizade, a gente vai descobrir aquilo. Então isso é que é interessante aqui no Dragão do Mar. É o que eu acho. A lógica daqui é assim (GF: Monalisa, 16 anos).

Ao afirmar que os estereótipos já não são referenciais determinantes para a identificação da orientação sexual, Monalisa (16 anos) dá indícios que tanto eles ainda persistem no imaginário juvenil como marcadores de sexualidades, como já são postos em cheque sua legitimidade. Acredito que a constatação de Monalisa (16 anos) sobre a imprecisão da orientação sexual juvenil com base na estética e na performatividade corporal seja fruto da convivência com a diversidade de expressões de gênero e sexuais. Os pontos de interseções entre estilo e sexualidades, especialmente aqueles que se contradizem com a norma associativa dessas dimensões, talvez contribuam significativamente para colocar as “verdades” instituídas sobre gênero e sexualidade, no lugar da suspeita. É a vida que vai se mostrando mais complexa do que o mundo que, quando criança, dividia-se em rosa e azul, em carrinho e boneca. Monalisa (16 anos) vai percebendo que entre a “hetero” e a “sapatona” há inúmeras possibilidades de expressar-se como “feminino”, e que, mesmo nas suas supostas extremidades de gênero e orientação sexual, ambas mobilizam uma multiplicidades de códigos e saberes tão fluidos quanto subjetivos.

5.3 Entre Meninos e Meninas: Trânsitos Afetivo/sexuais em descobertas e experimentações juvenis

Por diversas vezes, neste estudo, foi ressaltado o caráter das experimentações juvenis vividas nos espaços públicos de sociabilidade entre pares. No âmbito da sexualidade, as praças surgem como *locus* de experimentações afetivo/sexuais, como espaço/tempos de

liberdades de expressões e desejos reprimidos, desconhecidos ou simplesmente, até então, não experienciados.

Figura 30 – Jovens sentados na PV do DM



Fonte: arquivo pessoal

Se as “pedagogias da sexualidade” empreendidas nos demais espaços formativos juvenis insistem em determinar ou polir as experimentações que se fazem à margem das normatizações binárias do gênero e da orientação sexual, nas praças, os jovens as legitimam pelo prisma de uma suposta naturalidade. A liberdade individual, o “*cada um faz o que quer*”, a busca da felicidade, o “*importante é ser feliz*” e o livre arbítrio – “*cada um tem o direito de escolher o que quer da vida*”, surgem como artifícios discursivos preponderantes que justificam suas experimentações. Desse modo, esse “ser livre”, ou “estar livre”, como condição para o “ser feliz” viabiliza nas praças percursos juvenis diversos, nos quais as práticas afetivo/sexuais perpassam por campos de ressignificações de saberes, por conflitos e tensões mobilizadas a partir da percepção dos mecanismos hegemônicos restritivos e punitivos instituídos culturalmente em nossa sociedade.

Os trânsitos afetivo/sexuais nas praças são acionados pelos mecanismos do desejo, do prazer, da atração sexual, muitas vezes, momentâneos, sem perspectivas de laços duradouros. As paqueras e os beijos constituem o ritual dos “*ficas*” que, por vezes, podem ser facilmente confundidos com brincadeiras e/ou provocações às condutas socialmente legitimadas. Fogem aos sentimentalismos românticos que tomam as afetividades, o amor, como princípio único da sexualidade. Primeiro, pelo caráter descontraído e, aparentemente, sem estigmas e pudores com que se beijam, ou simplesmente, anunciam seus desejos. O segundo, em virtude da publicização das experimentações em espaços públicos (a vista de outros) e dos trânsitos por práticas afetivo/sexuais que rompem com a polaridade homossexualidade/heterossexualidade.

5.3.1 A Paquera e o trânsito de beijo em beijo...

Os ritos, a forma “como” esses jovens vivenciam e mobilizam práticas afetivo/sexuais nas praças nos informam como essas experimentações se fazem em um paradoxal campo de saberes e fazeres sobre gênero e sexualidade. A diversidade de orientação sexual e, em certa medida, o rompimento com tradicionais estereótipos de gênero e orientação sexual acionam mecanismos que viabilizam suas experimentações. Estes mecanismos revelam os modos de relações afetivo/sexuais e os saberes que por elas são constituídos: os códigos, as condutas.

A paquera, o momento da “*caça*”, da busca por um “*fica*” é tomado pela incerteza de ser correspondido, especialmente, pela incerteza da orientação sexual do outro. Beto (18 anos) descreve em detalhes os códigos da paquera entre garotos:

Você manda um amigo perguntar se a pessoa é bissexual. É o mais certo de se perguntar, se é bi. Porque eles não gostam de ser perguntado se são gays ou se são heteros. Aí seu amigo chega e pergunta se ele é bi, aí se a pessoa disser que é, aí diz: “*-É que tem um amigo meu que quer te conhecer e ficou a fim de ficar contigo*”. Aí o outro vai e diz: “*-Posso ver essa pessoa? Aonde é que ela tá?*” Aí ele vai e aponta. Aí você olha lá o conteúdo, vê se gostou, aí “*-Ok então!*” (Beto, 18 anos).

Apesar da intervenção descrita por Beto (18 anos) apontar para um privilégio do lugar da bissexualidade masculina, ela permanece invisibilizada, silenciada, nas interações afetivo/sexuais entre garotos. A tática da pergunta “*-Você é bi?*” parece surgir apenas como um artifício, um eufemismo, para a negativa dos extremos “*hetero*” e *gay*.

Nem sempre, a orientação sexual está no centro da intervenção da paquera. Por vezes, a atração das garotas por garotos estilosos ignora a referencia da orientação sexual em prol dos encantos da estética conhecida como “coloridos”. O “fica” entre garotos gays e meninas heterossexuais não se faz uma exceção nem regra. Ele ocorre entre os demais arranjos afetivos/sexuais desses jovens. O mesmo ocorre entre garotos heterossexuais que ostentam como troféus, os “ficas” com garotas lésbicas, “bi” ou “sapatonas”. As três notas que seguem versam sobre contextos em que “beijos” e paqueras integram essas interações.

a. Selinho ou Beijo de Língua?

DM: Estou sentado na arquibancada próximo à casa de pedra. Optei por sentar no degrau de cima, onde tenho uma visão mais privilegiada (panorâmica) do que está acontecendo. Aqui é um local de grande aglomeração de jovens. Um grupo de três garotas e 02 garotos sentou nos degraus abaixo de onde estou. Eles estão bebendo vinho. Não adotam nenhum estilo (usando a classificação de Hirley, são “os normais”). Uma das garotas está muito bêbada. Está ficando um dos garotos. Ela insiste em beijá-lo e diz repetidamente: “-Minha mãe não sabe que eu bebo.”. O namorado da garota (ou ficante... não sei) parece preocupado com seu estado de embriaguês. Ela fica insistentemente beijando-o e agarrando-o... às vezes se monta nele.. Eles trocam beijos tórridos nos degraus da praça. Ela quase deitada por cima dele. “-Quero dá pra você!” diz ela. “-Chupa meus peitos!”. Ele saiu dizendo que ia comprar mais vinho. Enquanto isso ela pede um beijo de uma das garotas da turma. A amiga dá-lhe um beijo, um selinho. Ela retruca: “-Eu quero um beijo de língua!”. As duas trocam beijos de língua. Terminando o beijo, ela pede um beijo à outra garota, que se recusou. Depois de um tempo o garoto voltou e todos saíram (Diário de Campo, 17 de setembro de 2011) (grifos meus).

b. Quem beija melhor?

DM: Na lateral dos degraus, ente as colunas que ficam menos expostas, 02 casais de meninas namoram sentadas e abraçadas. Outro casal de garotos namora sentado entre as colunas (percebo-os mais discretos). São 17:20h e ainda é dia. To sentado no degrau mais alto. Um grupo senta próximo. De onde estou fica fácil visualizar a movimentação. [...] Voltei aos degraus. Há próximo a mim uma turma de 03 meninos e 03 meninas conversando sobre como seria um bom beijo. “-Eu já beijei muita gente. Tem muito beijo bom, mas tem uns meninos que não sabem beijar. Melam a gente toda!. Tem uns que deixam a gente sem ar. A pessoa que já vi beijar melhor foi a Aline. O beijo dela é muito bom!”, falava uma das meninas. “-Ah, é verdade! Eu já beijei ela também”, complementou um dos garotos. Essa turma usa roupas pretas e franja longa, parecem emos. Os garotos usam calças apertadas e um deles usa um coturno também preto (Diário de Campo, 24 de setembro de 2011) (grifos meus).

c. Sem Constrangimentos

Depois da entrevista, enquanto estava com De Menor e outros seis jovens no DM uma das garotas, que se autoidentifica como roqueira e lésbica está, aos beijos, com um dos garotos da turma (o que é otaku) e logo depois vai à Praça Verde e “fica” com outra garota que estava sentada entre as colunas. A gente estava na entrada da PV, próximo à rampa de acesso à praça. Parece não haver, entre eles, nenhum constrangimento quanto a esses trânsitos por gênero e identificações de orientação sexuais (Diário de Campo, 22 de janeiro de 2012) (grifos meus).

Esse trânsito por “beijos” e “ficas” parece um privilégio das garotas, isso é, especialmente das garotas “bi” (bissexuais), ou que se dizem bissexuais e àquelas que consideram beijar uma brincadeira, uma diversão. A banalização de algumas atitudes (ou práticas) afetivo/sexuais é entendida por alguns como um ato de rebeldia ou subversão, por outros, como “um desrespeito” com as outras pessoas que transitam pelos locais. Beijar uma pessoa do mesmo sexo e do sexo oposto, por exemplo, seria um deles. Fora desse campo subversivo, estão os “boys” para quem afetos e desejos estariam restritos ao sexo oposto, independente de sua orientação sexual. No centro dele, as garotas menos presas a padrões de orientação sexual, ou pelo menos, àquelas que estão em processos de experienciá-los.

Esse campo das experimentações afetivo/sexuais é visto por alguns jovens como consequência de “influências do(a)s amigo(a)s”, ou mesmo como “moda”. Essas alternativas pairam sob uma busca argumentativa que der conta de justificar as práticas afetivo/sexuais que subvertem a lógica “sexo/gênero/desejo” (BUTLER, 2003). Contrário ao que possa parecer, o trânsito entre práticas “homo”, “hetero” e “bi” ocorre concomitantemente à resistência de identidades e fronteiras sexuais, de gênero e de orientação sexual, conforme podemos observar no encontro da lésbica com o “homem de verdade”.

5.3.2 O encontro da lésbica com o “homem de verdade”

PP: Estou só e sentado no gramado decorado por carnaúbas, próximo a Avenida Desembargador Moreira (sentido praia). Dois jovens (garotos), que estão sentados atrás de mim, desenvolvem uma teoria sobre uma garota que, segundo eles, era lésbica e agora namora um rapaz. “-Eu acho que ela inventou esse lance de ser lésbica e tal porque só andava aqui. E aqui só encontrava malandro, viado e pivete. Aí, encontrou um homem de verdade e pronto.”, dizia um deles. Agora estão falando sobre virgindade, relações sexuais com mulheres, casamento. Eles estão só e bebendo vodka com refrigerante. “As pessoas no século XXI não querem mais casar com quem perdeu a virgindade. Ninguém quer ter transado só com uma pessoa.” (Diário de Campo, 02 de outubro de 2011) (grifos meus).

A teoria sobre a suposta mudança de orientação sexual de uma garota frequentadora da praça - de lésbica para heterossexual - desloca do centro da questão suas experiências, descobertas e prazeres, e condiciona seu desejo ao encontro de um suposto “*homem de verdade*”. Mesmo tratando das experiências afetivo-sexuais de uma garota, o imperativo da masculinidade heteronormativa é colocado pelos jovens como elemento definitivo para os rumos da experiência sexual feminina. A heteronormatividade como norma, a masculinidade verdadeira, e a lesbiandade como uma invenção, ou seja, uma mentira, uma farça, a espera do seu herói salvador. A espera daquele que legitima sua autenticidade pela negação do outro, pois ele não é nem “*malandro*”, nem “*viado*”, nem “*pivete*”, é verdadeiro. Os supostos perfis dos jovens frequentadores da praça - “*malandro, viado e pivete*” - são reflexos do discurso hegemônicos sobre esses jovens, que é, por vezes, por eles reproduzido. Seriam eles (os perfis) antagônicos ao que se espera da figura masculina legitimada pelos valores sociais hegemônicos. Entrelaçam-se aí questões de gênero, etárias e morais, mobilizadas na construção dessa masculinidade que se põe como verdadeira.

5.3.3 A onda de “ficar” com a “Sapatão”

DM: Volto a sentar nos degraus. Dois meninos e duas meninas estão a beber uma bebida verde. (não sei como chama). Eles conversam sobre o ensaio de uma dança. De repente, um dos garotos aponta para uma menina que passa e diz: “-Eu já fiquei com aquela menina. É sapatão ela. (Ele fala com um tom de voz e uma postura de orgulho, pose de pegador). “-Maior onda... ela pegava na minha bunda e eu na dela. Maior onda!!!”. Percebe que estou observando. Me comprimenta e estica a mão que segura o copo da bebida verde, oferecendo a bebida. Tomo um gole pequeno. (Era gostosa a bebida. Gosto de menta!). Ele fuma muito e parece ter uns 18 anos. É negro e bem bonito. Chegam duas meninas e ele passa a cantar uma delas. Na conversa ela diz: “-Eu não tenho namorado mas tenho fica fixo”. “-Mas você é fiel?”, perguntou ele. “-Sou”, respondeu enfática. Ele vai no ouvido dela e sussurra algo. Ela sai. A cantada parece não ter êxito. (Diário de Campo, 24 de setembro de 2011) (grifos meus).

A afirmação da masculinidade hegemônica atravessa uma diversidade de práticas e representações materiais e simbólicas na sociabilidade juvenil. A adoção de estilos específicos (aqueles com estereótipos mais próximos da masculinidade – os *bboys*, *punks*, *roqueiros*, *skatistas*, por exemplo) às performances corporais. No campo das práticas afetivo/sexuais, para alguns garotos, “*beijar*” ou “*ficar*” com uma garota supostamente lésbica, ou “*sapatão*”, seja motivo de exaltação, de orgulho, pois comprovaria-se, assim, a veracidade do masculino que se impõe ao desejo feminino.

Por vezes, os discursos juvenis parecem extremamente contraditórios às práticas afetivo/sexuais vividas nas praças. Isso porque o trânsito e a suposta “liberdade” que caracterizariam esses espaços nos faz pensar em jovens subversivos, portanto, propagadores de liberdades afetivo/sexuais a ponto de subverter os marcadores de gênero e orientação sexual impostos pela heteronormatividade.

Retomando a discussão sobre o encontro da jovem lésbica com o “*homem de verdade*”, penso que a busca de uma explicação, ou justificativa, para o suposto trânsito sexual da jovem, por si, já traz consigo questões interessantes para esse contexto. Digo isso, em virtude dos discursos juvenis sobre a flexibilidade de alguns (ou algumas), nas praças, em transitar por práticas afetivo e/ou sexuais com o sexo oposto e com pessoas do mesmo sexo, sem uma visível pretensão a fixar-se em alguma orientação sexual. Esse trânsito se faz pelas práticas - “*beijos*” e/ou “*ficas*” – que ignoram as demarcações de orientações sexuais e rompem, aparentemente (ou momentaneamente), com associação entre prática sexual e orientação sexual. Há também uma identificação de transitos por práticas sexuais que tomam como referência a estética e performance corporal.

5.3.4 A “*modinha*” da bissexualidade feminina

Alexandre: *E tem menina lésbica?*

Dediane (17 anos): *Eu era bissexual.*

Tchuco (18 anos): *Mentira! Você era lésbica! Gostava de priquito.*

Dediane (17 anos): *Não! Eu gostava de priquito e rola.*

(todos riram)

Dediane (17 anos): *Mas confesso que era só por modinha.*

Marcio (20 anos): *A maioria é por moda. Uma vê a outra amiga assim... ai quer experimentar... e ai vai na onda.*

Alexandre: *E tem meninos bi também?*

Dediane (17 anos): *Tem! Tem muitos! Tem muitos ali que dizem... gostam de ser machão, mas tudo ali gosta de viado.*

(Grupo focal com a “galera da DNA”)

Dediane, a gótica da “*galera da DNA*”, então casada com Marcio, entende essas experimentações sexuais como instáveis, sujeitas a mudanças, de modo que a orientação sexual seria algo que faz parte de um espaço/tempo experiencial, algo não fixo, pois “as vezes as menians viram bissexual só porque tá na moda. Só por modinha!!! (Dediane, 17 anos). A afirmativa de Dediane tem sua própria experiência como exemplo.

O trânsito de alguns jovens por práticas sexuais - homo/bi, hetero/bi, hetero/homo, homo/hetero - seria motivado pela descoberta de novas formas de prazeres e desejos,

proporcionada pelo convívio com os demais jovens e sua diversidade de orientações sexuais ou simplesmente, pela disponibilidade de alguns em experimentar o ilícito, o proibido, sem que tal experimentação não signifique um caminho sem volta. Dediane e Camila revelam esse caminho que parece menos doloroso quando parte-se do lugar do “*machão*”, e mais difícil seria, retornar a ele, uma vez que não permite-se a esse percurso, esse trânsito. Aos que nele se aventuram, resta a “certeza” de que estavam sob disfarce, sob a camuflagem (estética, performática) de uma falsa masculinidade.

Nem sempre a orientação sexual é identificada a partir das práticas afetivas/sexuais. Um exemplo seria os “*ficas*” entre garotas heterossexuais e garotos *gays*. A leitura dos jovens sobre essas relações parte sempre da compreensão de que são as garotas a protagonizarem essa cena. Seriam elas as detentoras do poder de escolher os *gays* com quem “*ficam*”. Os atributos de beleza e estética seriam definidores do desejo das garotas que ignora a orientação sexual do parceiro: “*Se for bonito elas ficam*”, afirmou Ricardo. “*Esses meninos de cabelim... sabe?! Esses meninoszim de franja?!*” (Kenedy, 17 anos). Para Ana, algumas vezes, essa relação se dá sob o desconhecimento da garota acerca da orientação sexual do garoto, o que passa pelos marcadores estéticos e performáticos de masculinidade. “*Depende do gay também. Um gay ativo. Um gay mais masculino, nem tão afeminado, elas nem vão saber que ele é gay*”, no entanto, afirma que em alguns casos, o modelo garota hétero/garoto *gay* se concretiza com o conhecimento de ambos, mesmo com aqueles garotos que se autoidentificam *gays*. “*Pra elas é homem da mesma forma. Eu já vi meninas ficando com gays e tem gays mesmo, sem ser bi, que ficam com meninas heteros, entendeu?*” (Ana, 17 anos). Nesse caso, a orientação sexual não é entendida enquanto prática, mas pelo agenciamento estético e performático do gênero. Quando Ana ressalta “*gay mesmo, sem ser bi*”, quer dizer, *gay* efeminado, com trejeitos tidos como femininos, com estética e performance atribuídas aos garotos *gays*, dentre elas, o “*cabelim*”, a “*franja*”, ressaltados por Kenedy.

Ao ressaltar a existência de falsos “*machões*” que “*gostam de viado*” Dediane revela a que nesse contexto, a existência de vivências clandestinas no modelo boy/bicha, ou seja, os supostos falsos “*machões*” seriam os garotos que não se autoidentificavam como *gays*, ou bissexuais, mas mantêm, em sigilo, relações afetivas e/ou apenas sexuais com outros garotos, os “*viados*”, em uma relação desigual. Assim, machão/viado assemelha-se ao modelo boy/bicha. Desse modo, nas praças, as experimentações afetivo/sexuais estariam mais acessíveis e aceitáveis às garotas, enquanto aos garotos, permanecem fadadas ao sigilo, à

clandestinidade, à camuflagem de desejos e prazeres homoeróticos. Ao “homem”, o “machão” estaria negada a possibilidade do trânsito por experiências não-heteronormativas.

5.3.5 Quando o “machão” vira gay

Camila (14 anos): *Aqui tem muito cara dizendo: “Ah... eu sou homem! Eu sou machão! Aquilo e aquilo outro... Ai chega... ai depois... a gente só ver a notícia: “Ah... o cara virou gay... virou isso... virou bissexual.” [...] Teve uma vez que eu cheguei... O cara era um machão!!! Dizendo que era hetero... e não sei o que... Mal eu virei as costas o cara tava beijando outro homem e eu disse: “Porra!!! Tu disse que era hetero e já ta beijando outro homem?!”*, e ele, “Não! Foi sem pensar... não sei o que... foi o que ele falou.”. *Aí depois de um tempo eu vi ele e ele praticamente tinha virado gay.*

Alexandre: E como é isso? “Virar gay”?

Camila (14 anos): *Tinha virado gay!!!*

Alexandre: E como é isso?

Camila (14 anos): *Eu tinha conhecido ele homem! Ai os tempos se passaram e ele começou a gostar de outro estilo. Gostou do estilo homem!*

[...]

Camila (14 anos): *Cara!!! Se tu visse ele velho!!! Ele era bombado. Praticamente ele era homem!!! E ficava a galera todinha aqui né... e os meninos faziam hora com ele né. “Ah, cara... Tu vai acabar virando gay... não sei o que né!!!”. E ele: “Não!!! Meu negócio é mulher!”. Ai um dia, bêbado, ele ficou com um cara e depois foi ficando, ficando, ficando, ficando... e com um tempo a gente se desligou entendeu?*

Monalisa (16 nos): *Tem gente aqui que aposta em quem vai virar gay.*

A figura do “machão” retorna na fala de Camila, novamente como o lugar privilegiado da masculinidade, onde alguns tentariam encachar-se, sofrendo, dos demais, a suspeita de postar-se por uma farça, uma camuflagem do masculino, do “homem de verdade”. Àquele que não se mantém sobre o crivo da heteronormatividade, ao ser tragado pela dinâmica dos trânsitos sexuais (negada ao “macho”), a alcunha de “machão”, de “homem” cai por terra frente aos desejos que subvertem essa norma. Desejos por algum tempo, reprimidos ou desconhecidos. O desejo que se permite experienciar no encontro com outras possibilidades de masculinidades, menos rígidas, menos presas à tradição do “*cabra macho sim senhor!*”, típica do Nordeste brasileiro. Ao “homem de verdade” não é permitido a experimentação afetivo/sexual com o mesmo sexo, ou seja, o rompimento de fronteiras normativas de interações afetivo/sexuais. No campo da estética, apesar das resistências em demarcações de gênero e orientação sexual, essas fronteiras já se mostram menos demarcadas e já é possível ver um “boy” apropriando-se de referenciais mais próximos da estética convencionalizada como “gay” e vice-versa.

A dinâmica de relações que se pautam na sexualidade vigiada, posta sob suspeita nas interações juvenis nas praças, respalda-se na observação dos marcadores estéticos, performáticos e nas próprias dinâmicas interativas. Assim, as inserções em “turmas” específicas, os amigos com quem interage, aliados às próprias práticas afetivo/sexuais, podem subsidiar a suspeita, a acusação do falso “*machão*” e identificá-lo como aquele que “*virou gay*”. A virada que, diferente das outras categorias, denuncia uma suposta falsa masculinidade, um fingir ser. Digo isso, porque percebo que dificilmente, tanto às garotas como aos garotos *gays*, o trânsito (por práticas sexuais) recorre sob o crivo da camuflagem, ou da falsa orientação sexual. Aos garotos “heteros”, o “*virar gay*”, significa nunca ter sido de fato “*hetero*”, mas ter se escondido na pele do “*machão*”.

Assim, as interações juvenis, as grupalidades e sociabilidades nas praças vão se desenhando, também, sob a vigilância do outro, de seus trânsitos, de seus caminhos e experimentações. Afetividades e sexualidades são, portanto, dimensões referenciais nas estratégias juvenis e agenciadas na elaboração de redes de sociabilidades entre pares (jovem/jovem). No entanto, esses referenciais não são impostos de maneira brusca, ou objetiva, mas compartilhados na sutileza do vivido, por códigos (re)elaborados sobre o pertencimento e/ou identificações com estilos, gênero, sexualidades e modos de vida juvenis.

Conforme foi perceptível, até então, essas (re)elaborações de códigos, significados e sentidos sobre gênero e sexualidade, não rompe em definitivo com os marcadores hegemônicos instituídos socialmente, mas os questiona e os ressignifica, mesmo que sob o suporte de demarcações ainda intocadas, como o imperativo da masculinidade do “*machão*” que determina quem seria ou não “*homem de verdade*”.

Desse modo, as culturas juvenis, na complexidade de suas diversas formas de expressões, vão mobilizando dimensões sociais e culturais do cotidiano social, sob códigos próprios, experienciados no (e pelo) movimento de ressignificação das categorias instituídas, até então, no campo das ciências sociais e humanas.

5.4 Sexualidades Anunciadas: Expressões afetivo/sexuais em blusas e placas

Por vezes, os jovens utilizam-se da indumentária juvenil para anunciarem sexualidades, ou lugares sexuais, por meio de recursos mais objetivos (digo, para além dos recursos simbólicos e subjetivos sobre a sexualidade). Apropriam-se do lexo, da palavra, do texto linguístico escrito em sua indumentária e/ou empreendem dinâmicas de interações juvenis que utilizam-se de placas, anúncios sobre desejos, práticas e fazeres afetivo/sexuais.

Uma anunciação de si e/ou de suas intencionalidades para o encontro com o outro e a satisfação de seus desejos e prazeres.

5.4.1 “Disponível” versus “Ausente”

DM: Passa diante dos degraus um grupo de 02 meninas e 02 meninos. Cada garota leva uma placa fixada no peito escrito “DISPONIVEL” e alguns corações desenhados abaixo. O anúncio provoca euforia em alguns meninos, que chamam, gritam ou vão até as meninas para uma possível paquera (imagino que é isso). Quando os meninos se aproximam, as garotas viram a placa e aparece “AUSENTE”. Depois de alguns segundos de conversa as garotas fazem anotações em um caderno que uma delas carrega. Segui as meninas por alguns minutos e a intervenção com os garotos se repete. Da distância que acompanhava não dava pra entender a relação entre as placas e o caderno. Então, resolvi perguntar:

Eu: “-Oi. O que o pessoal anota no teu caderno?”.

Ela: “-Nós estamos anotando orkut, MSN, Facebook do pessoal”.

Eu: “- Pra quê?”.

Ela: “-Pra fazer amizade, conversar”. Respondeu saindo. (Ela não me deu muita atenção. Talvez porque eu não estivesse no perfil das amigas desejadas (rsrsrsrsrs), pensei.). As placas simulam o estado da pessoa no MSN, mas no contexto da praça insinuava uma busca por um (ou uma) parceiro(a) para eventual “fica”... ou eventual beijo. Sabe que ainda nem sei como eles chamam!?! (kkkkk) (Diário de Campo, 24 de setembro de 2011).

Se a participação feminina nos espaços de interações juvenis ainda é permeada de restrições impostas por determinismos de gênero hierárquicos e machistas (como sua inserção nos espaços da dança de rua, por exemplo) no campo da sexualidade, tanto o trânsito, quanto a tomada de iniciativa feminina para as interações afetivo/sexuais (seja com garotos ou garotas), parecem encontrar um caminho para o empoderamento feminino. Na nota acima, a estratégia para atrair garotos ou garotas e com eles estabelecerem um contato inicial, encontra no campo da sexualidade (ou da sedução) um elemento motivador, abrindo possibilidades para conhecerem novas pessoas. Associado a ele, utilizam, em caráter ambíguo e provocador, códigos/signos de redes sociais, supostamente de conhecimento de todos. Estes, por sua vez, mobilizados em associação com a performance corporal, que anunciava (ou insinuava) outra disponibilidade: a interações afetivo/sexuais. Uma paródia das interações virtuais, de um anunciar-se, onde a “virtualidade” se faz por meio da presença corporal, ao alcance do outro, naquele momento. Diferente do “*mundo virtual*”, onde estar “disponível” ou “ausente” versam sobre uma interatividade limitada à imagem, ou simplesmente à interação (diálogo) virtual, ali, independente do anunciado na placa, os corpos que desfilavam pela praça falavam por si, em performances sensuais provocadoras do desejo dos demais, abrindo um campo de possibilidades de interações afetivo/sexuais que dispensam a virtualidade.

Os jovens se apropriam também da indumentária, especialmente, as estampas das blusas, no intuito de anunciar, direta ou indiretamente, preferências sexuais, conforme podemos observar nas notas que seguem:



5.4.2 Ela é o cara

DM: Transitando entre os demais jovens, uma garota usa uma blusa com os dizeres: “*Ela é o cara*” sob uma seta apontando para o seu rosto. Apesar das múltiplas possibilidades de interpretação textual permitida pela língua portuguesa, o trocadilho com o gênero - “*Ela*” e “*o cara*” - considerando o contexto da enunciação, aponta para a afirmação da lesbianidade, a partir da inversão do gênero. Isso porque, a garota andava contentemente de não dadas e/ou abraçada a outra na PV e, por algumas vezes, trocavam tórridos beijos. O que me chamou atenção foi o fato de, entre as duas, aquela que se anunciava como “*o cara*” responderia (considerando os marcadores heteronormativos de gênero) a atribuídos (estréticos e performáticos) femininos, expressos por meio de comportamentos e da performance corporal (cabelos longos, short curto e trejeitos delicados, suaves). No entanto, sua companheira, poderia facilmente ser confundida como um garoto, em virtude de suas características físicas e de performances (cabelo curto, calça jeans e tênis, com gestos e comportamento atribuídos à masculinidade), que conveníamos chamar de “andrógeno”. “O cara”, no caso seria mais feminino? (Diário de Campo, 24 de setembro de 2011).

5.4.3 “*Sorry Girls, I suck Dicks*”

DM: Próximo à casa de pedra encontrei um garoto usando uma blusa escrito “*Sorry Grils, I suck Dicks*” (tradução: Desculpe garotas, mas eu chupo pau). Aproximei-me elogiando a blusa e perguntei onde havia comprado e ele, muito sorridente, respondeu que foi feita sob encomenda e estava inaugurando naquele dia. “-*E tu sai vestido com ela de casa?*”, perguntei. “-*Sim. Não tem problema! Minha mãe não sabe inglês. Se ela perguntar eu digo que é “Eu amo minha mãe”*”. A resposta foi seguida de uma gargalhada. Pedi pra tirar uma foto da blusa e ele, empolgado, já foi fazendo pose. Os dois amigos com quem estava fizeram questão de aparecer junto ao colega na foto. (Diário de Campo, 29 de outubro de 2011).

5.4.4 ⇐ Ele é Gay ⇒

No primeiro dia de observação na PP encontrei um garoto usando blusa com a frase “Ele é gay” entre setas que apontam para quem está ao lado. Hoje, meses depois, volto a encontrar dois jovens usando blusas com a mesma frase, desta vez, no DM, mais especificamente, no círculo de dança do Break protagonizado pelos garotos do hip-hop. Nas três ocasiões, os jovens que usavam as blusas eram do sexo masculino. Seria um anúncio da orientação do outro, ou de si? (Diário de Campo, 01 de outubro de 2011).

5.4.5 *I'm not emo*

Texto escrito em fonte branca de uma blusa preta, usada por um dos integrantes da “Galera da DNA” na PP. O jovem usa imensa franja no rosto cobrindo a testa, o olho e bochecha direita. Abaixo do lábio inferior, um pince a brilhar. Veste indumentária sempre em cor preta e na cabeça, costuma usar uma toca (ou lenço - também preto). Envolto à cintura pelas mangas, presas por um nó sob o umbigo, um casaco de moletom. Calça botas pretas com coturnos longos aproximando-se dos joelhos. Nos pulsos, pulseiras largas em couro preto e detalhes de metal. Por vezes as imagens de caveiras costumam quebrar o negro convencional das vertes e acessórios. É um dos membros de uma espécie de “cúpula” da “Galera da DNA”. Este estilo é confundido pelos próprios amigos entre Gótico, Punks, Red Beng. Diz-se heterossexual, mas quando bebe - segundo os colegas - coloca a “heterossexualidade” sob a suspeita dos demais membros grupo, estando sob o crivo da dúvida. “*Só quando bebe que fica duvidoso*” (GF. Tchuco, 18 anos).

Valendo-se do artifício da anunciação da sexualidade - ou especificamente, da orientação sexual - por meio da indumentária, os jovens expõem a vontade de expressar seus desejos e prazeres. Sejam aqueles que visem ratificar a norma da heterossexualidade, sejam aqueles que tomam a publicização da homossexualidade como um ato público. Alguns outros anúncios em blusas dos jovens nas praças - “*Se o amor é cego vamos apalpar.*”, “*(X) Solteiro () Casado*”, “*Gay é assim mesmo... tudo que vê lê.*”, “*Vem ni mim que eu tô facim.*”, “*Respeito as velhas como as novas.*”, “*Procuró virgem para casar.*”, “*GG ↓*” – também fazem referência à sexualidade juvenil.

Esse tipo de exposição é comum de ser encontrada na indumentária dos garotos, sendo que muitos são frases que reforçam preconceitos sexistas, homofóbicos e/ou machistas expressos por meio de ironias ou piadas advindas da cultura sexual que exige desses garotos a anunciação e afirmação da masculinidade heteronormativa. É perceptível que entre os jovens frequentadores da PP e do DM, a afirmação da heteronormatividade masculina de alguns se mistura à exposição (ou anunciação) da homossexualidade de outros, sem que isso implique em problemas ou conflitos que tenha a orientação sexual como motivação.

Quanto às meninas, as indumentárias estão voltadas com maior ênfase à expressão de estilos - referindo-se a roqueiras e punks -, o que não quer dizer que não tragam marcadores de gênero e orientação sexual. O uso de bonés, com abas voltadas para trás, calças frouxas e blusas *unissex*, geralmente compõem o visual das “sapatonas”, enquanto as saias e *shorts* curtos e blusas decotadas caracterizam as garotas que aproximam dos estereótipos atribuídos à feminilidade. São marcadores que trazem nas expressões de masculinidade e

feminilidade como parâmetros da orientação sexual. Nesse jogo, as performances corporais – gestos, atitudes e comportamentos – também são acionados.

Tanto a estética quanto a sexualidade vão se ressignificando entre as semantizações e as vivências, em uma multiplicidade de manifestações e culturas juvenis que ora as reforçam ora as contestam em um movimento pendular de apropriação e ressignificação de saberes e práticas juvenis. Esse movimento faz dessas interações espaços/tempos movidos por experiências formadoras significativas para os processos de construção de si em interação com o outro. As descobertas, as aproximações cotidianas com as diferenças e subjetividades inerentes aos seres humanos, vivenciadas na reflexividade das práticas do cotidiano, são, portanto, experiências educativas que se estruturam na vida vivida, em detrimento da negação do caráter pedagógico que a modernidade tem imprimido à formação juvenil.

5.5 A Formação Sexual da Juventude Rompendo Silêncios e Fronteiras

Após essa imersão nas sociabilidades juvenis, tomando como foco suas experimentações afetivo/sexuais entre pares, retomo a discussão sobre a formação sexual da juventude buscando compreender e refletir sobre os modos como interagem (ou se entrelaçam) os espaços formativos e suas dinâmicas de vivência e compreensão da sexualidade pelos (e com) os jovens.

Dentro do vasto campo de temáticas que comportam o entrelaçar desse tripé – juventude, sexualidade, educação – centro a reflexão sobre a formação juvenil acerca das questões de gênero e orientação sexual. Como a formação sexual da juventude mobiliza saberes e fazeres sobre gênero e sexualidade a partir das experiências e experimentações juvenis e dos ordenamentos sócio/sexuais?

Penso ser necessário reafirmar a incipiência da questão, dada a hegemonia dos saberes e práticas formativas sobre gênero e orientação sexual que tiveram e têm, em nossa sociedade, as condutas heteronormativas e heterossexistas como possibilidades únicas e inquestionáveis para a vivência de sexualidade. Apesar deste trabalho se manter sob o foco das experiências afetivo/sexuais vividas nos espaços de sociabilidade entre pares, tomo também como campo de reflexão aquelas vividas nos espaços escolares e familiares, por tratar-se de instâncias sociais que se convencionaram, tradicionalmente, como espaços de formação, ou “preparação” do jovem para a vida adulta¹⁰⁹. Entendo que o primeiro apropria-

¹⁰⁹ Sobre esse entendimento da juventude como fase de transição para a vida adulta, Aquino (2009, p. 25), entre outros, nos lembra que “tendo como referência central o conceito de socialização, esta abordagem sugere que a

se (ou mobiliza-se a partir) de saberes e fazer da formação adquirida nas instituições formais, o que, já adianto, recomendo tomar-se em reciprocidade.

Vale lembrar que, no Brasil, no campo da formação sexual da juventude com foco nos seus processos educativos, a diversidade de orientação sexual passou a objeto de investigação apenas no início do século XX. No ano de 2000, um jovem mestrando em educação brasileira¹¹⁰ utilizava como estratégia metodológica de investigação, a exibição de filmes sobre homossexualidade no intuito de fomentar a discussão com jovens moradores da cidade de Fortaleza. Tal estratégia foi eficaz junto aos grupos juvenis religiosos, políticos e culturais, no entanto, ao aplicá-la em uma escola pública,

[...] o silêncio foi a resposta dada. Não houve debate neste grupo, os olhares fixos na televisão e posteriormente uns aos outros, demonstraram tal insegurança de falar em homossexualidade diante de seus camaradas (LOIOLA, 2001, p. 49).

Para o pesquisador, o silêncio anunciava a emergência de uma discussão sobre tais manifestações no seu cotidiano,

[...] pois, em suas relações com seus pares no dia-a-dia (como também no momento da apresentação dos filmes), observamos o quanto “brincam” com elementos inerentes à sexualidade, sendo que aqueles referentes à homossexualidade servem, em seus coros, para xingar uns aos outros de forma bastante depreciativa. No momento de refletir sobre isso no coletivo, não é possível, porque essa reflexão, afirmada por eles, é muito comprometedora (LOIOLA, 2001, p. 146).

O “não-dito”, o “silêncio” do(a)s jovens estudantes na escola anunciavam que um longo percurso haveria de ser percorrido para que ela (a escola) se faça uma instituição social onde a sexualidade não esteja limitada à vivência e práticas heteronormativas e, as “pedagogias da sexualidade” escolares proporcionem, aos sujeitos, oportunidades de desconstrução de preconceitos por orientação sexual¹¹¹. Durante esses 13 anos, o silêncio dos

transição é demarcada por etapas sucessivamente organizadas que garantem a incorporação pelo jovem dos elementos socioculturais que caracterizam os papéis típicos do mundo adulto”. Além da frequência escolar, da entrada no mercado de trabalho, do casamento etc., a autora ressalta a experimentação afetivo-sexual como elemento sociocultural de referência.

¹¹⁰ O Profº Luís Palhano Loiola foi um dos precursores, se não, o precursor, no Brasil, em pesquisas acadêmicas sobre homossexualidade e homofobia nos programas de graduação e pós-graduação das Faculdades de Educação Brasileira. Sua dissertação - *COISAS DIFÍCEIS DE DIZER: As manifestações homofóbicas no cotidiano dos jovens* – investigou as manifestações homofóbicas do cotidiano de juvenil.

¹¹¹ Esse silenciamento também é identificado no campo das políticas pedagógicas educacionais. Ao analisarem a linguagem sobre diversidade sexual dos livros didáticos recomendados pelo Ministério da Educação, Lionço e Diniz (2009) ressaltam que, apesar da inexistência de expressões homofóbicas, os livros didáticos ainda

juvens estudantes foi traduzido em números e análises - qualitativas e/ou quantitativas - oriundos de diversas pesquisas voltadas à investigação das problematizações existentes em torno da convivência com a homossexualidade nos espaços escolares e fora deles. Sobre esse cenário, Loiola (2001) identificava também as contradições existentes nos discursos dos jovens sobre homossexualidade, quando após afirmarem o não preconceito revelavam o desejo de manterem-se distantes de LGBT.

Passados exatos 13 anos, essa temática vem tornando-se cada vez mais recorrente no cotidiano juvenil. No âmbito das instituições formais, os desafios da escola parecem ainda rondar o campo da invisibilidade, do “silêncio”, da exclusão, e da carência da efetivação de políticas públicas voltadas a desconstrução das práticas cotidianas de preconceitos e discriminações, ou da superação da omissão e do descaso frente a essas. Digo isso tomando como referência os estudos e pesquisas já citados anteriormente.

No âmbito das interações entre pares, por diversas vezes jovens aqui investigados socializavam, nos bancos, degraus e gramados das da PP e do DM as experiências vividas no cotidiano familiar e escolar.

PP. Encontrei Beto (18 anos) com uma turma: 4 garotos e 1 garota. Eles conversavam sobre amizade entre homos e héteros, e as desconfianças que pairam sobre os héteros que convivem com amigos homos. “– *Minha mãe pensa que todos os meus amigos são gays. Ela vive perguntando se eu sou sapatão, só porque meus amigos são gays*”. Esse tema é motivo de brincadeira entre eles, isso porque são garotos bem efeminados. (Diário de Campo, 20 de novembro de 2011).

O relato, em tom de brincadeira, abre espaço para a reflexão sobre o caráter de vigilância e dos “embaraços da sexualidade” (PAIVA, 2011), que perpassa o campo da sexualidade no ambiente familiar, de modo a comprometer o sujeito, como observa Loiola (2001). Se em contextos de interações escolares e familiares o “falar” sobre homossexualidade incide como um ato comprometedor, quando tratamos de afetividades, de relações que implicam em aproximações cotidianas, quando estas se fazem entre LGBT e heterossexuais, a orientação sexual desses é posta em cheque. A reação dos pais frente às amizades que subvertem a lógica da segregação – ou do distanciamento – dos sujeitos por

restringem a abordagem da sexualidade à perspectiva heteronormativa, evidenciando a existência de um “silenciamento” acerca das homossexualidades. Aponta, nesse campo de atuação, o desafio, a superação do silêncio sobre diversidade sexual e a criação de mecanismos discursivos para apresentá-la em uma matriz de promoção da igualdade e da diversidade.

orientação sexual reforça essa percepção de que a afetividade, a amizade, o contato, com jovens LGBT seria motivo para por sua heterossexualidade sob suspeita¹¹².

O consentimento, as restrições e acordos, impostos nas negociações entre pais e filhos sobre a frequência destes nas praças, assim como as táticas de driblar as proibições, também são relatos constantes dos jovens. Entre os integrantes do grupo do Jangurussu, os pais de Matheus (18 anos) pareciam os mais resistentes à aceitação de sua orientação sexual, o que implicava diretamente em restrições ao seu estilo (estética) e à sua presença nas praças. “Meu pai uma vez falou: “-*Vê se tem alguém que trabalhe!? Alguém que estude!?*”. Falou que o pessoal que anda lá (na PP e no DM) são as pessoas que não querem nada na vida e que vão para lá só pra curtir assim. “- *São um bando de desocupado!*”. Ahhh! Eu disse: “-*Não pai... não é assim!*”.” (Grupo Focal: Matheus, 18 anos). Sob um jogo argumentativo que busca legitimar a relevância da formação familiar e dos valores morais, por ela transmitida, os pais empreendem um discurso depreciativo da rua e dos elementos e relações nela constituídos, inclusive as amizades. Durante os oito meses em campo, o jovem Matheus (18 anos) frequentava pouco as praças em virtude das proibições dos pais e tinha o estilo do cabelo e a indumentária constantemente vigiados e restringidos no sentido de evitar que traços de sua homossexualidade fossem revelados por meio de sua estética corporal.

Os posicionamentos e intervenções dos pais do jovem Matheus (18 anos) nos informam o quanto o dualismo rua/casa é acionado como dimensão de pólos opostos, nos quais o certo/errado, o proibido/permitido, o velado/revelado é determinado pela instância dos territórios juvenis na tensão entre seus códigos de conduta moral e as práticas experimentações juvenis. Aqui, “o contraste entre juventude e ordem social permanece arraigado de forma praticamente indelével, seja quando se abordam as experiências de contestação e rebeldia juvenil, seja quando o tema é a delinquência ou a criminalidade” (AQUINO, 2009). A casa emerge como espaço de restrições, de controle e vigilância, enquanto a rua, como *locus* de subversão, de “rebeldia”, de fuga dos mecanismos de conforme e reafirmação das normatividades instituídas como “lícitas”, “corretas” e socialmente aceitáveis. Por outro lado, é na rua onde o bem e o mal se entrelaçam e por vezes, se confundem. Na esteira desse conflito, o relato de Digo (21 anos) situa a rua como campo de fuga juvenil dos problemas familiares:

¹¹² Em minha dissertação de mestrado, também identifiquei esse caráter comprometedor como um dos motivos que levam o(a)s educadore(a)s à omissão frente às manifestações de homofobia na escola e a não abordagem da temática no cotidiano escolar. “O/A educador/a que aborde as questões relacionadas à diversidade sexual no espaço escolar, especialmente, os que se comprometem através de uma adoção de uma política de reconhecimento e da defesa da livre orientação sexual, corre o risco de ter sua orientação sexual questionada pelos demais educadore(a)s e/ou jovens” (JOCA, 2009, p. 172).

A maioria deles (dos jovens) vai pra lá (PP e DM) para se descontraír da família, dos problemas. Muitos deles têm problemas em casa na relação com os pais e vão pra lá pra tentar (pausa) vamos dizer (pausa) ser rebeldes! Eles meio que (pausa) vão pra se descontraír (pausa) fazer coisas (pausa) fazer besteiras mesmo. O que vem na cabeça deles. Nos momentos de raiva, de angústia, às vezes de felicidade também, mas a maioria das vezes é mais por causa de problemas familiares. Isso, eu acho que acaba afetando eles. Aí muitos usam drogas, drogas pesadas mesmo, tipo pó, cocaína, maconha (pausa) é (pausa) muito cigarro, bebida. É uma espécie de rebeldia. (Grupo Focal: Digo, 21 anos).

Nessa perspectiva, o campo de fuga - ou o modo de “vida escapatório” (FERREIRA, 2009) - da rua é tomado por um caráter hedonista, sujeito aos contratemplos e perigos. Se por um lado, a casa representa a segurança, o porto de acolhimento, dos conselhos dos pais e da formação moral, por outro, os jovens valorizam a aprendizagem que se faz no âmbito do vivido na rua. Lá, a aproximação e/ou experiência do “ilícito”, do “errado”, se mostra na concretude do vivido fora dos domínios da casa e dos padrões sociais. No entanto, em momento algum, nos discursos juvenis, esses espaços apareceram como campos opostos, paradoxais. Ambos são considerados, por eles, como importantes e necessários à formação juvenil. Como podemos constatar na fala de Camila (14 anos):

Eu não vou mentir. A minha mãe diz o que é certo e o que é errado pra mim. Eu sei o que é certo e o que é errado pra mim. Quando ela diz assim: “- *Minha filha, você não deve fazer isso e nem aquilo!*”, eu vou pela minha consciência. A minha mãe e o meu pai... o meu pai pode ser o que ele for, mas eu sempre tive uma educação exemplar. Tipo assim, minha mãe é um exemplo, o meu pai é um exemplo. Meu pai nunca foi de está se envolvendo com confusão... essas coisas assim. E nem a minha mãe, entendeu? Assim, eu queria até ser um pouco diferente entendeu? Mas eu dou graça a Deus por ter uma família como a minha, porque na minha família não existe preconceito (Camila, 14 anos).

[...]

Os nossos pais são muito protetores, entendeu? Aí tem coisas que a gente ver na vida que a gente nunca pensou que eles poderiam falar. Porque todo pai e mãe têm aquele negócio de limite, quando vai falar e quando vai fazer né?! Sempre cria com limite, entendeu? Quando a gente vem aqui (no DM) a gente ver muita coisa diferente. A gente aprende! A pessoa cria cabeça mesmo (Grupo Focal: Camila, 14 anos).

A identificação do “limite” da formação familiar só é possível quando o jovem vai além dos espaços da casa. O limite só é perceptível quando se descobre o além dele. É a descoberta de questões silenciadas no âmbito familiar, que por motivos diversos as tornam limitadas, que transmite a sensação do “*ser cabeça*”. Uma questão geracional é posta em jogo quando as figuras do núcleo familiar mencionadas restringem-se a pais ou avós.

Por meio dos relatos juvenis, foi possível observar que a aversão dos pais à sociabilidade dos filhos nas praças, para além dos tradicionais cuidados com os perigos que os centros urbanos oferecem - a violência e o uso de substâncias ilícitas, por exemplo – se faz nítido o desejo de mantê-los longe das experimentações sexuais. Tanto durante o período de observação quanto nos grupos focais, os conflitos familiares acerca da homossexualidade surgiram como mais relevantes. Junto aos jovens heterossexuais, no intuito de mantê-los distante de jovens LGBT, resguardando-o de um possível “comprometimento” de sua heterossexualidade e, aos LGBT, a tentativa de manter um distanciamento de espaços onde sua sexualidade seja expressa livremente, mantendo-a sob o sigilo, o silêncio. Diante de sua revelação, a vigilância e as restrições aos jovens aparecem como os artifícios dos pais.

Meu irmão falou lá em casa que eu era *gay* e a minha mãe ficou doida né!? E tal... mas depois ficou numa boa. (risos). Outro dia ela (a mãe) estava ouvindo o rádio - dessas rádios de religião - e passou o cara se manifestando, falando bem grosso e aí ela falou assim: “-*Tá vendo Matheus, isso aí!? Se tem uma coisa que você não é, é isso!*”. Aí eu saí pra jogar videogame e ela ficou falando que não aceita isso (referindo-se à homossexualidade). Que é coisa do demônio. É que ela é evangélica. Ela nunca apoiou. (Grupo focal: Matheus, 18 anos).

A homossexualidade parece ser entendida pelos pais como uma aprendizagem que se processa no campo da rua. Algo passível de ser evitado. Busca-se, assim, mantê-la longe dos olhos, dos sentidos juvenis, na tentativa inibi-la, de aniquilá-la, ou de escondê-la do próprio jovem. O tratamento desigual dos pais para com Matheus (18 anos) e seu irmão (heterossexual) para quem tudo era permitido - manter os cabelos longos e frequentar a PP e o DM - tinha, segundo o jovem, a orientação sexual como elemento determinante. Não tratavam de puni-lo, mas de condicioná-lo estereótipos e práticas mais próximas das condutas heteronormativas.

Se, historicamente, família, escola e igreja acionam dispositivos de gênero e sexualidade a partir de uma perspectiva essencialista, centradas na dimensão reprodutiva e biológica, é possível observar, nesse estudo, que em seus espaços de sociabilidade na rua, os jovens experienciam, ou aproximam-se, de experiências afetivo/sexuais que rompem com a conduta heteronormativa e ressignificam identidades sexuais. Esse paradoxo não implica na constituição de fronteiras, pelo contrário, ele aciona mecanismos reflexivos sobre os diferentes modos de apreender, viver e conviver com a subjetividade dos desejos e prazeres, sem restringi-los aos limites impostos pelas condutas heteronormativas, mas em constante diálogo com elas, ora reafirmando-as, ora questionando-as.

Aqui (no DM) existe muito preconceito! Eu vim pra cá há quatro anos e descobri que (pausa) eu tinha muito preconceito contra gays, lésbicas, bissexuais. Eu não gostava! Quando eu via duas pessoas se beijando eu tinha vontade de matar. Eu pensava assim: “*Pôxa!!! Isso não é legal. Isso é coisa de gente que não presta!*”, mas agora, pra mim, esse preconceito não existe porque cada um tem a sua opinião. Cada um tem seu tempo certo. Quando eu cheguei aqui e que eu via um rapaz beijando outro rapaz; mulher beijando mulher e isso pra mim era nojeira, mas só que muitas pessoas aqui chegaram pra mim e disseram que isso era normal, porque é um caso de (pausa) não é uma doença. E alguns se casam, moram juntos. Pra mim isso é super legal! Eu descobri isso e achei uma muito incrível! Eu nunca pensei isso na vida. Tipo... a pessoa descobre muita coisa que nunca pensou que um dia poderia ver. (Grupo Focal: Anjo Mau, 15 anos).

Se nos espaços institucionais a diversidade de orientação sexual dos jovens ainda paira por mecanismos controladores de suas expressividades e experimentações, essas se fazem na rua e são tomadas como “rebeldia”, subversão juvenil. Na rua, as experimentações afetivo/sexuais não equivalem, necessariamente, a determinantes desta ou daquela identidade sexual. Mesmo persistindo o discurso do “virar gay”, “virar bi”, as experimentações são acionadas pelo movimento, pelo trânsito, da descoberta, por idas e voltas. Por vezes, elas são tomadas como circunstanciais, momentâneas, seja pelo discurso da “moda”, se pela relevância que se dá à “influência” dos amigos ou simplesmente resultante do convívio, da naturalização, do que antes lhe foi apresentado como “coisa do demônio”, “nojento”. Os “*ficas*”, os “*beijos*” e até namoro entre jovens do mesmo sexo são referenciais do presente sem comprometimentos com um determinismo para o futuro. No entanto, conforme já observamos, esse cenário ainda ratifica referentes tradicionais da hegemonia masculina heteronormativa, da cultura do macho, do “*homem de verdade*”.

O fato é que nas praças, as dinâmicas afetivo/sexuais instituídas pelos próprios jovens viabilizam o encontro com a liberdade da escolha, do livre arbítrio, de fazer e retomar caminhos no exercício sensorial – ver, ouvir, tocar – do encontro com as diferenças, de (re)conhecer-se a partir dos sentidos e significados que se elabora sobre seus próprios desejos e prazeres, ou seja, dos modos como vão atribuindo significados - diversos e/ou controversos - às suas experiências e experimentações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer da escrita deste estudo, por algum tempo estive tentado a situar seu título, ou melhor, a metáfora “*levada por anjos*”, em um campo interrogativo. Não estaria, assim, pondo em xeque a afirmativa da jovem Tânia (16 anos), ao utilizar a figura de linguagem para acionar, por meio da simbologia do anjo, o caráter da experiência juvenil na rua, da exposição a “perigos”, da necessidade de (auto)proteção. Tampouco teria como pretensão reforçar a dimensão “demoníaca”, atribuída por alguns, aos modos de vida e sexualidades juvenis apreendidos e vividos no espaço/tempo da rua.

A interrogativa tomaria uma intencionalidade provocadora por trazer à (e por meio da) metáfora inquietações acerca do contexto sócio/cultural em que modos de vida e sexualidades juvenis estão inseridos atualmente na sociedade brasileira. Não seria, assim, uma pergunta a espera de resposta(s), mas com pretensões voltadas a levantar outros questionamentos, a provocar o leitor, a aguçar sua imaginação, a instigá-lo à reflexão sobre os modos como elaboramos fronteiras - simbólicas e normativas - determinando condutas socialmente legitimadas para a vivência da juventude e das sexualidades. No âmbito das experiências afetivo/sexuais juvenis na rua: *O que esta metáfora nos diz? Quem e como são levados? Como e por que modos de vida e sexualidades juvenis assumem aspectos angelicais e/ou demoníacos?*

A juventude “*levada por anjos*” deste estudo está imersa nos contextos da cena urbana da cidade de Fortaleza, em seus espaços públicos de lazer (as praças) desenhando cartografias territoriais e afetivo/sexuais juvenis. As experiências educativas juvenis entre pares nos espaços públicos da Cidade, com foco nas categorias “juventudes” e “sexualidades”, mobilizam - e são mobilizadas por - saberes e fazeres socioculturais sobre essas categorias. Nesse sentido, a metáfora se faz oportuna dada às diversas possibilidades de leituras por ela proporcionadas.

A figura ambígua do “*anjo*”, ou melhor, dos “*levados por anjos*”, neste estudo, me mobiliza a pensar os modos como os jovens são “*levados*” (ou não) a apreender, a produzir e/ou reproduzir saberes e práticas que tomam gênero e sexualidades a partir de dualismos – bem/mal, o certo/errado, sagrado/profano, permitido/proibido – que se estruturam socialmente como campos antagônicos dentro ou às margens das condutas hegemônicas. Neste percurso, apreendo, também, os mecanismos de subversão e/ou ruptura com estas

normatizações que, de modos singulares, são tomadas pelas experiências e experimentações afetivo/sexuais na sociabilidade da rua, ratificando-as, ressignificando-as e/ou desafiando-as.

Modos de vida e sexualidades juvenis são observados a partir dos processos simbólicos de elaboração da imagem, da produção (estética e performática) do corpo por meio da construção e/ou (re)apropriação de símbolos, signos e códigos; dos modos como constituem grupidades, como interação nas e entre “*galeras*”, “*turmas*”; pela (re)produção sócio/cultural de significados e sentidos determinantes às condutas e à vida em sociedade. Os modos de vida dos jovens, ou os modos de “*ser jovem*”, apresentados por meio dos seus circuitos pela (e na) Cidade e das formas como a descobrem e a transformam, direcionam meu olhar às múltiplas possibilidades do “viver a cidade” e das formas juvenis de expressar sua diversidade existencial. Para isso, foi necessário um olhar sobre múltiplos aspectos da vida juvenil: sua relação com (e na) cidade; seus trânsitos por estilos e práticas afetivo/sexuais e as formas como agenciam as interações entre pares na rua.

Acionada por aqueles que se ocupam dela, e nela transitam e exibem seus estilos, a Cidade surge carregada de simbologias, de fronteiras, de mitos e ritos que mobilizam tramas, conflitos entre aqueles que nela (e por ela) são “*levados*”. De anjos a demônios, sentimentos, sensações, amores e desamores são acionados no decorrer dos trânsitos e da vida juvenil pela Cidade. Os jovens moradores de diversos bairros populares, economicamente menos favorecidos, rompem com as fronteiras de classe que caracterizam os ordenamentos das grandes metrópoles. Em Fortaleza, o mito em torno do bairro “Aldeota”, como reduto das elites, e bairros como Jangurussu, Pirambu, Bom Jardim, por exemplo, como espaço das populações mais empobrecidas, pode ser tomado como exemplo do caráter segregador dos atuais ordenamentos urbano e social.

A “*cidade dos anjos*” simboliza a desordem deste ordenamento quando os jovens desses bairros (como de muitos outros), geralmente estigmatizados ou marginalizados pelo contingente da classe social, se apropriam dos territórios elitizados, especialmente por meio do uso de seus espaços públicos: as praças. As fronteiras territoriais veem-se confrontadas, fragilizadas, e a cidade se mescla na mistura juvenil. Para os jovens, são espaços/tempos de ampliar os horizontes da vida. É a descoberta da Cidade para além do bairro de morada. É essa outra Cidade que lhes oportuniza o encontro com outros jovens, com outros arranjos sociais e relacionais. É o espaço/tempo de experienciar o, até então, “diferente”, desconhecido e por que não dizer, o até então proibido, negado, no âmbito do ambiente do bairro, da família e da escola.

Desse modo, essa ruptura geoespacial está também mobilizada por dimensões sociais e culturais da vida juvenil. É por meio dela e, também nela, que se “*faz a cabeça*” ou perde-se a cabeça, pois seu *lócus* é a rua e as contingências situacionais dos movimentos pela Cidade, pelos territórios “desconhecidos” ou recém-descobertos. Assim como em outros espaços de sociabilidade, os momentos juvenis da vida na rua são constituídos por práticas relacionais, condutas e táticas de sobrevivência e de poder que se fazem sob circuitos e grupalidades e por mediações com normas e determinismos socioculturais.

A inserção em grupos, “*galeras*” e “*turmas*” é um forte mecanismo de sobrevivência e pertencimentos às interações nas praças. Aqui, inserir-se é pertencer, é fazer parte, é sentir-se o dono, “*o dono da praça*”. Esse processo se faz por meio das relações de afinidades, mas também dos conflitos, dos afetos e desafetos. É no processo de inserção nas “*galeras*” que as identificações vão se evidenciando. O que se quer e vai fazer; com quem querem estar e compartilhar, “*curtir*” o momento. As relações são tomadas por diferentes intensidades e também por uma diversidade de circunstâncias. A relação afetiva mais evidente e mais valorizada entre os jovens é a amizade e, na rua, nas praças, encontra-se “*amizades de verdade*” ou não. É com os “*amigos de verdade*” que compartilham sabores e dissabores da vida. O que as legitima como “*verdadeiras*” são os mecanismos e práticas de proteção, de acolhimento, de segurança, de escuta e troca de experiências, processos eminentemente pedagógicos e educativos. Mecanismos exigidos para os que da rua se ocupam e nela fortalecem práticas relacionais, de grupalidades contínuas ou não. Além das amizades, as relações afetivo/sexuais de namoros, “*ficas*”, paqueras e “*beijos*” são tomadas como experiências e experimentações significativas para a apreensão dos modos como os jovens fazem da sociabilidade na vida na rua espaços formativos e constitutivos da sexualidade juvenil.

Esses agenciamentos da sociabilidade juvenil na rua são pensados a partir do pressuposto de que a formação sexual da juventude perpassa por todos os espaços de sociabilidades juvenis. Tanto as experiências vividas nas instituições formadoras (família, escola, igreja) quanto nos ambientes da vida cotidiana fora dos alcances institucionais mobilizam saberes e práticas sobre a vida sexual dos jovens. Assim, as sociabilidades juvenis entre pares, constituídas no espaço da rua, das praças, da Cidade, são tomadas como experiências e experimentações que nos informam mecanismos socioculturais de formação sexual. O argumento defendido passa pela percepção de que as relações afetivo/sexuais empreendidas nas sociabilidades juvenis da rua mobilizam e são mobilizadas por mecanismos

e dispositivos de gênero e sexualidade que ora reafirmam as condutas hegemônicas instituídas socialmente, ora as subvertem e as ressignificam a partir dos campos reflexivos que se abrem no conflito entre o já apreendido e o recém-vivido.

Quero ressaltar que a rua e as dinâmicas do encontro juvenil não são as redentoras dos ordenamentos que oprimem e limitam as vivências sexuais dos jovens, mas, também, não estão passivas a essas. Tomando como parâmetros as experiências juvenis nos ambientes familiares, escolares e da igreja, é na rua que o jovem se aproxima da liberdade de experimentar as diferenças, os prazeres e desejos até então tomados como “errado”, como “feio”, como “coisa do demônio”. O deslocamento territorial, ou melhor, o distanciamento dos ambientes da família, da escola e da igreja, acionam sentimentos de liberdade, abrindo caminhos a outras formas de experimentações afetivo/sexuais. No entanto, a experiência da liberdade, das experimentações, não implica em um rompimento definitivo com os códigos e condutas apreendidos no decorrer da vida juvenil. Essas experimentações coexistem, dialogam com os saberes e fazeres socialmente permitidos, hegemônicos. Além desse conflito, as experiências afetivo/sexuais na rua estão atreladas a uma série de marcadores identitários e de identificações juvenis. Destaco, neste estudo, a relevância do estilo e da sexualidade para a elaboração dos modos de vida juvenis.

Os estilos juvenis e a sexualidade, campos de análise prioritários deste estudo, se mostraram como dimensões extremamente relacionais na vida dos jovens. Digo isso por observar que estão implicados e entrelaçados nos processos identitários individuais e relacionais vividos pelos jovens nas tramas da sociabilidade da rua. A construção identitária individual e/ou grupal dos jovens se faz - entre outras dimensões - por meio do estilo, dos gostos, e tomam a orientação sexual como determinante nas suas relações afetivo/sexuais.

“Anjos” dançarinos movimentam e movimentam-se (n)os ritmos do *free step* e do *break* por estéticas e performances anunciadoras de masculinidades e feminilidades. Anjos *darks*, anjos *coloridos* e até anjos *darks/coloridos* pintam as ruas com suas cores/corpos ou corpos/cores exibindo os modos como veem e vivem na juventude os processos de descobertas e experiências que têm a sexualidade (em especial, a orientação sexual) como um dos campos da experimentação. Corpos nômades. Corpos em trânsitos. Corpos fluidos que brincam com as simbologias identitárias, com os signos que relacionam isto àquilo. Nesse brincar, por vezes ironizam, satirizam e põem em xeque os marcadores identitários de estilos e de gênero e de sexualidades.

As caveiras típicas das indumentárias de roqueiros e/ou punks (estilos que teoricamente, no imaginário juvenil, agrupam os jovens heterossexuais) ilustram a estética *fashion* dos jovens *gays* estilosos - os “coloridos”-, enquanto os tênis multicores e as calças coladas ao corpo (estética associada aos jovens *gays*) rompem com o *dark* dos supostos roqueiros “heterossexuais”. A franja típica do estilo emo é ressignificada quando se torna, pelo jovem garoto, instrumento de atrair sexualmente as garotas.

As interações observadas trazem a “mistura” – de estilos e de orientações sexuais - como indicador de modos de vida “rebeldes” por romper com normatizações estéticas e comportamentais. Para os jovens, a “mistura”, o estar misturado, rompe com as segregações normativas instituídas, nas quais classe social, orientação sexual demarcam espaços/tempos específicos no ordenamento urbano e social. Aqui, as “tribos”, os grupos se misturam constituindo uma unidade: a “galera da PP” ou “a galera do DM”. No entanto, a tão valorizada “mistura”, que toma o campo da espacialidade, da territorialidade e da sociabilidade juvenil na rua como expressão emblemática desta rebeldia, é constituída sob referenciais determinantes de aproximações e distanciamentos afetivo/sexuais. Observo que, nas interações juvenis na rua, o “estar junto” não necessariamente é sinônimo de estar misturado e vice-versa. A “mistura”, apesar de proporcionar a convivência, a aproximação espaço/territorial, mantém e (re)estrutura dinâmicas de distanciamentos afetivos/sexuais que chamo apenas de distanciamento afetivo.

A socialização da Cidade, dos espaços, sua ocupação por grupos, “galeras” e “turmas” diversas, e no (entre)cruzar dos diferentes circuitos juvenis, não institui uma ruptura com a institucionalização social das diferenças de estilos e de orientações sexuais, nem se propõe a isso. Essa interseção dos circuitos - na PP e no DM - rompe com a institucionalização “do diferente”, uma vez que é na diferença (no ser diferente em diversos aspectos) que consiste, para os jovens, o valor da unicidade, a valorizada particularidade que o faz único, singular, especial. Esse visível empreendimento juvenil em ser único, em destacar-se pela diferença, se concretiza especialmente na produção estética e toma também o caráter relacional como indicador: aquele que tem mais amigos, o mais popular, o mais conhecido, o mais estiloso, o mais temido. Assim, a diferença estética é grupal, mas também individual. Aqui, coexistem os desejos de “ser igual” e de “ser diferente”, por modos de vida que se aproximam, identificando-se por determinados aspectos, e se afastam, pela incompatibilidade em outros, elaborando um movimento de ida e vinda, uma “mistura” em movimento. Mesmo com limitações relacionais, essa “mistura” indica que os jovens também estabelecem

sociabilidades entre diferenças. As grupalidades não são tão homogêneas como demonstravam ou pareciam ser, e essa heterogeneidade se faz tanto no campo da individualidade quanto nos modos de grupalidades juvenis.

Assim, quando os penso como portadores de uma diversidade de identificações, percebo que não são somente “isso ou aquilo” e, por vezes, “nem isso e nem aquilo” ou quando não, “isso e aquilo” simultaneamente, pois são múltiplos, e nessa multiplicidade juvenil, algumas identificações se sobressaem quando tratamos das sociabilidades que são constituídas a partir de laços, estreitos ou não, de relações afetivo/sexuais. Trato aqui, especificamente, das relações de amizade e de companheirismo vividas no âmbito das sociabilidades e dos grupos juvenis nas praças de Fortaleza, mas também das relações fluidas, restritas às sociabilidades do espaço, sem aprisionamentos (ou aproximações) afetivos. Aquelas em que estão juntos, mas sob distanciamentos relacionais que têm nos valores e condutas sociais hegemônicos - especialmente da sexualidade - campos de justificação.

Os grupos juvenis estudados - a “*Galera da DNA*” e os “*Jovens do Jangurussu*” - convivem com esses desejos de formas singulares. O primeiro, pela identificação com o gosto musical - o *rock* - e com o consumo de bebida alcoólica. Moradores de diferentes bairros da Cidade, seus integrantes agenciam uma estética (indumentária) que não se faz pela unicidade, mas pela diversidade, na qual, o “*ser roqueiro*” e/ou “*punk*” é tomado por olhares e modos diversos de expressão do estilo musical. O segundo grupo tem a orientação sexual e o bairro de morada como elementos de identificação. São lésbicas, gays e bissexuais moradores do bairro Jangurussu que mobilizam uma diversidade de gostos e modos de vida entre estilosos e não estilosos. Identifico, assim, pontos de convergências e divergência que são negociados na esteira de suas relações afetivas em grupo. A partir deles, é possível desenhar seus percursos, seus circuitos pela (e na) Cidade, por onde experienciam afetividades, no movimento de levarem e serem “*levados*” por afetos e desafetos.

A grupalidade continua a ter um significativo valor para os jovens, no entanto, ela não se faz somente pela atração por gostos e modos de vida semelhantes, mas também pela legitimação de diferenças individuais e grupais. Aqui, grupos diferentes se misturam, do mesmo modo que os jovens que os constituem também se mostram por meio de diferenças individuais. Diferenças que são apreendidas no conviver do grupo, no compartilhar das aventuras da rua e da vida. Na sociabilidade juvenil que se faz sob “*misturas*” não há um modelo hegemônico de grupalidade, mas formas diversificadas de identificações e convivialidades coletivas. Quando os jovens afirmam os “*tempos de misturas*”, entendo que

esse tempo legitima as diferenças sem que isso implique na constituição ou demarcação de fronteiras que inviabilizem sociabilidades e interações juvenis. Entendo esses arranjos de sociabilidades como experiências extremamente educativas que reverberam na formação de jovens mais propícios a convivências com a subjetividade humana e sua diversidade existencial. As fronteiras que se fizeram bastante demarcadas foram aquelas que tomam gênero como determinante de práticas e ocupações de espaços nas praças e a orientação sexual como referente às relações afetivo/sexuais dos jovens. A legitimação da dança de rua como espaço/prática da masculinidade heteronormativa e as grupalidades que se constituem por jovens exclusivamente heterossexuais ou LGB evidenciam tais demarcações.

Quanto às misturas territoriais, aquelas nas quais os trânsitos juvenis na (e pela) Cidade são elaborados, as “*galeras da PP e do DM*”, oriundas de bairros populares, misturam a Cidade e nela se misturam a compor sua paisagem noturna. Os “*tempos de misturas*” também são tempos de descobertas de outras formas de sociabilidade, de outros espaços de lazer, para além do bairro de morada. É nessa busca “do outro” que os jovens vão acionando mecanismos de encontrar-se, de descobrir-se, de experienciar-se e, a partir desses mecanismos, a Cidade se faz educadora (CARRANO, 2003). É nesse tempo de trânsito que ocorre a virada, na qual se transita “disto para aquilo” em um percurso que não se pretende tomar como definitivo. Aliás, são poucos os empreendimentos definitivos quando tratamos de movimentos, de trânsitos tomados por dimensões tão subjetivas e fluidas. Foi nesse movimento por circuitos juvenis e de experimentações afetivo/sexuais que a jovem evangélica se torna a dançarina de *free step*; que o “*menino normalzinho*” torna-se o estiloso *from UK* e o roqueiro *underground* heterossexual se descobre “bi”. É nesse percurso que os mecanismos de vigilâncias sociais são driblados pelas permissividades da lógica da sociabilidade na rua, pela liberdade da aproximação, da experiência sensorial juvenil. Os estranhamentos iniciais vão dando espaço a outras possibilidades e formas de olhar e viver desejos e prazeres. Alguns jovens que chegaram às praças carregado(a)s de “verdades” sobre o “sexo” vão, nos percursos das ruas e na aproximação com os demais, abrindo brechas, permitindo-se ao toque, ou mesmo a aproximações com “novas” expressões corporais e afetivas. Para muitos, foi nas praças que desconstruíram preconceitos; que se permitiram “*provar*”, experienciar o corpo, os desejos e prazeres. Assim, vão se educando por perspectivas existenciais menos rígidas, menos essencialistas.

As categorias êmicas tanto atribuída aos garotos quanto às garotas são emblemáticas para a afirmativa de que estilos e sexualidades são elementos entrelaçados nos

modos como os jovens elaboram e expressam seus modos de vida. Elas são elaboradas a partir das categorias políticas instituídas, mas versam sobre singularidades dos espaços vividos. Por vezes, estilos juvenis e sexualidades se confundem e são acionados sob os mesmos mecanismos de identificação. Associações entre um e outro - roqueiro/heterossexualidade ou coloridos/homossexualidade, por exemplo - tomam os marcadores hegemônicos de gênero e orientação sexual como referência, mesmo que no pragmatismo das interações na rua elas estejam constantemente burladas pela subjetividade e pluralidade das vivências e experimentações de estilos e relações afetivo/sexuais.

A assimetria de gênero e a hegemonia da masculinidade heteronormativa foram identificadas como aspectos de resistência das normatizações heterossexistas vigentes. O lugar privilegiado da bissexualidade feminina e a vigilância da heterossexualidade dos “boys” no sentido desses se reafirmarem como “*homens de verdade*” evidenciam que feminilidades e masculinidades caminham por mobilidades diferenciadas para esses jovens e que masculinidades e feminilidades permanecem ancoradas no binarismo de gênero e de orientação sexual.

Essa “*mistura*”, essa bricolagem, é, em certa medida, acionada também no campo das práticas afetivo/sexuais quando os “*ficas*” e “*beijos*”, para alguns, ignoram a orientação sexual do outro, em um jogo de sedução e ruptura entre identidade sexual e prática sexual. Tais práticas versam sobre o argumento (ou o alibi) da “*moda*”, “*da influência dos amigos*” e são tomadas como experimentações que têm um espaço/tempo limitado acenando para o caráter de instabilidade e pluralidade da sexualidade. Na prova, no provar, no vivenciar desejos e prazeres, por vezes, se ironiza as normatividades de gênero e orientação sexual ao brincar com seus marcadores, com seus dispositivos. Assim, as experimentações se fazem em um movimento de idas e vindas, de “*virar*”, de provar, de experimentar. Esse trânsito também não é uma prática que se pode generalizar, aliás, poucas são as possibilidades de generalizações neste estudo. Este foi um dos desafios desta pesquisa: tentar construir, a partir do objeto estudado, uma afirmativa, uma descoberta precisa ou próxima de uma constatação cientificamente comprovável, ou seja, elaborar, de fato, uma tese. No campo do saber científico, o “diverso”, o não homogêneo parece nos situar em um terreno impreciso e essa imprecisão parece o colocar sob suspeita seu caráter científico. Um equívoco ao qual estamos ainda sujeitos, mesmo no campo das ciências sociais e humanas. Digo isso porque aqui, as descobertas, as afirmativas estão sempre seguidas de ressalvas, de reticências, de contrapontos, restando-me a constatação de que tanto o(a)s jovens quanto seus saberes e

práticas se mobilizam por um campo múltiplo de singularidades e diversidades existenciais, mesmo que ele(a)s - o(a)s jovens - estejam imersos em contextos similares. A ausência de uma afirmativa hegemônica, imperativa, resultou em fazer da própria imprecisão a descoberta central desse estudo. Talvez fosse exatamente esse o significado das “*misturas*”.

No âmbito dos circuitos juvenis, os espaços prioritários deste estudo – a PV do DM e a PP – se apresentam como “nós”. Nós constituídos por uma diversidade de outros circuitos, onde, nos trânsitos urbanos juvenis, estilos, gostos musicais, empreendimentos estéticos e performáticos, identificações e práticas diversas se entrecruzam, se aproximam, se “*misturam*”. Do roqueiro *underground* e seus acessórios metálicos ao jovem otaku e suas fantasias; do visual “colorido” dos dançarinos do *free step* à indumentária *dark* dos punks e seus moicanos também coloridos. Esse trânsito de marcadores estéticos não é empreendido por todos. Há aqueles que tomam a estética como referencial identitário de um estilo, enquanto outros transitam entre eles, sem pertencimentos ou adesão identitária.

Nesse campo permeado de simbologias e códigos (estéticos e performáticos) de estilos, jovens sem estilos, os “comuns”, também se misturam e findam por comporem um novo segmento estético, que se caracteriza pela ausência de marcadores específicos ou pela adesão às convenções estéticas hegemônicas. Não ter estilo passa a ter visibilidade entre os demais estilosos. Desse modo, a estética corporal juvenil também se “*mistura*” entre estilos e um “nós” se faz pela sociabilidade das diferenças, constituindo unidades, grupalidades: a “*galera da PP*” e a “*galera do DM*”.

Essa sociabilidade das diferenças aciona códigos de convivialidade e normas de convivência. As práticas juvenis nas praças reafirmam as diferenças, as condutas, ao passo que anunciam possibilidades de arranjos de sociabilidades nos quais “ser diferente” não determina, em certa medida, a impossibilidade relacional, o contato, a aproximação. Aliás, é a diferença que faz a diferença. Tomando os ordenamentos hegemônicos socioculturais como parâmetros, em meio a uma aparente desordem, surge um outro ordenamento de condutas, aquele que tem como referentes práticas e identificações juvenis. Assim como os jovens, elas não são homogêneas e se agrupam em meio a conflitos e tensões por “fronteiras borradas”, “incertas” entre o legal/ilegal, entre o certo/errado, o proibido/permitido.

Portanto, posso afirmar que a dinâmica de ocupação dos espaços das “*misturas*” (re)afirma as diferenças ao passo que rompe com determinantes de sociabilidades exclusivamente pautados pela aproximação de identificações. Em meio à suposta “*mistura*”, os espaços da dança, das masculinidades, das orientações sexuais, são demarcados e definidos

por silenciosos acordos de convivibilidade, permeados por códigos de gênero e sexualidades. Assim, as relações afetivo/sexuais são agenciadas por via das orientações sexuais.

Os arranjos afetivo/sexuais constituídos a partir dos contextos situacionais e relacionais juvenis, mesmo quando recorrem às amarras normativas hegemônicas, incitam e interpelam suas prerrogativas. As liberdades afetivas/sexuais e o despojamento à diversidade de orientação sexual são características marcantes desses arranjos. Vividos sob uma aura de “momento”, do “instante”, as experimentações instabilizam as práticas e versam sobre um descomprometimento identitário. As afetividades juvenis estão, pois, sob um campo de interações que cumpre uma função fundamental à formação sexual desses jovens. Elas viabilizam o livre arbítrio da escolha possibilitando o contato, a aproximação com outros modos de viver, ver e experienciar as sexualidades, especialmente aquelas negligenciadas (ou negadas) em outros espaços/tempos da formação juvenil.

Precisamos olhar por outras lentes os mecanismos pedagógicos de apreensão de saberes sobre a sexualidade humana. Aprender a acionar o poder sensorial do toque, da pele, do corpo, como campos de experimentações capazes de mobilizar e transformar nossos próprios “eus”. Escutar nossos desejos e prazeres mais obscuros e reprimidos e, dessa escuta, acionar e mobilizar outros mecanismos de significações sobre “nós” em nossas relações com o outro. Precisamos ensaiar uma pedagogia dos sentidos que tenha no(s) sujeito(s) e nas relações do cotidiano os pontos de partida e de chegada. Precisamos romper as fronteiras que insistem em limitar e conduzir nossos caminhos, que insistem em determinar nossos percursos e trajetos afetivo/sexuais. Precisamos criar “nós”, atar laços, dar sentido às nossas múltiplas formas de viver e experienciar a sexualidade. Para isso, é eminente a perda do medo, de maneira que precisamos aprender com os jovens a perder o medo do corpo, do prazer, o medo de ser “levado”, de “perder a cabeça”, o medo do sexo, das diferenças, do pecado, o medo dos “demônios”.

Os encontros juvenis nas praças das metrópoles anunciam que a era das tecnologias, do individualismo e das interações virtuais não se apresentam como campo oposto às vivências relacionais de afeto que se experienciam no contato, na pele, na satisfação do abraço, do beijo, no gozo do olhar e do toque do outro. Os jovens que hoje dedicam horas do dia às redes sociais, a manusear celulares e demais instrumentos tecnológicos, o fazem como novos caminhos que se somam, e não se opõem, à experiência e à experimentação de estar junto, de estar misturado, de compartilhar as descobertas, as aventuras, os prazeres e amores.

Os jovens, no cruzar da Cidade, rompem as fronteiras territoriais e relacionais da vida. Acionam e ressignificam no seu corpo e no ornamento territorial da Cidade mobilidades estéticas, sociais e culturais – materiais e simbólicas –, anunciando outras possibilidades existenciais para a vida juvenil na cena urbana. No movimento individual e/ou coletivo das descobertas da vida, enquanto contemplam o “novo”, também se fazem vistos como tal. Um novo jovem sem as amarras idealistas da rebeldia que estamos costumeiros a cobrá-los. Sem o estigma de contravenção, ao qual por muito tempo foram associados. Sem os pudores aos quais foram ensinados ou condicionados a cultivar e sem o peso de trazer em si a responsabilidade de um futuro ainda incerto.

Jovens que não tomam pra si tais prerrogativas - e não as vestem - nem as incorporam como quem carrega uma máscara pregada à face (uma sina fatalista), pois se fazem na subjetividade e pluralidade da vida contemporânea sujeitos de si, levados por si. No encontro com o outro, são motivados pelos encantos das múltiplas possibilidades existenciais da vida, pelas facetas que podem provar, experimentar, abandonar, pelos caminhos e atalhos que podem trilhar por movimentos de idas e vindas. Possibilidades descartáveis de ser ou estar que atravessam e são atravessadas por um limbo no qual *anjos* e *demônios* se misturam, cruzando seus caminhos e deixando neles rastros de vida.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Miriam; CASTRO, Mary Garcia; SILVA, Lorena. **Juventudes e Sexualidade**. Brasília: UNESCO Brasil, 2004.

AGIER, Michel. **Antropologia da Cidade**: lugares, situações, movimentos. Tradução de Graça Índias Cordeiro. Prefácio à edição brasileira de Graças Índias Cordeiro, Heitor Frúgoli Jr. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2011 – (Antropologia Hoje).

AIRES, José Ricardo Carvalho Mesquita et. al. Vulnerabilidade e prevenção em tempos de AIDS. In: BARBOSA, R. M.; PARKER, R. (orgs.) **Sexualidades pelo Avesso**: Direitos, Identidades e Poder. Rio de Janeiro: São Paulo Editora, 1999.

ALMEIDA, Miguel Vale de. **Senhores de Si**. Uma interpretação antropológica da masculinidade. Lisboa/PT: Fim de Século Edições LDA, 1995.

_____. **A Chave do Armário**: homossexualidade, casamento, família. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2010.

AQUINO, Luseni. Introdução – A juventude como foco das políticas públicas. In: CASTRO, Jorge Abrahão de; AQUINO, Luseni Maria C. de; ANDRADE, Carla Coelho de. (orgs.) **Juventude e políticas sociais no Brasil**. Brasília: Ipea, 2009.

BARREIRA, C. (Coord.) **Ligado na galera** – Juventude, violência e cidadania na cidade de Fortaleza. Brasília: UNESCO, 1999.

BENTO, Berenice. **A Reinvenção do Corpo**: Sexualidade e gênero na experiência transexual. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

BERREMAN, Gerald D. Etnografia e controle de impressões em uma aldeia de Himalaia. In: GUIMARÃES, Alba Zaluar; ALVES, Francisco (orgs.). **Desvendando Máscaras Sociais**. Rio de Janeiro, Francisco Alves Editora S. A., 1975.

BISPO, Raphael. **Jovens Werthers**: Antropologia dos amores e sensibilidades no mundo emo. 2009. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, UFRJ (Museu Nacional), Rio de Janeiro, 2009.

BORELLI, Silvia H. S.; ROCHA, Rose de Melo.; OLIVEIRA, Rita de Cássia Alves. **Jovens na Cena Metropolitana**: Percepções, narrativas e modos de comunicação. 1ª ed. São Paulo: Paulinas, 2009.

BOURDIEU, Pierre. A “juventude” é apenas uma palavra. In: _____. **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. **O trabalho do antropólogo**. 2. Ed. Brasília: Paralelo 15; São Paulo: Editora Unesp, 2006.

CARLEIAL, Adelita Neto; ARAÚJO, Ana Maria Matos (orgs). **Atlas de Fortaleza 2000**. Fortaleza: EdUECE, 2010.

CARMO, Renato Miguel do. Do espaço abstracto ao espaço compósito: reflectindo sobre as tensões entre mobilidades e espacialidades. In: CARMO, Renato Miguel do; SIMÕES, José Alberto (orgs). **A Produção das Mobilidades: Redes, espacialidades e trajectos**. Lisboa: ICS - Imprensa de Ciências Sociais, 2009.

CARRANO, Paulo César Rodrigues. Jovens na Cidade. **Trabalho e Sociedade**, Rio de Janeiro, ano 1, nº. 1, 2001.

_____. **Juventudes e Cidades Educadoras**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

_____. Identidades Juvenis e escola. In: **Construção coletiva: contribuições à educação de jovens e adultos**. Brasília: UNESCO, MEC, RAAAB, 2005.

_____. **Grupos da Juventude e Práticas Educativas na Cidade**. s/d.

CARVALHO, Maria Eulina Pessoa de; ANDRADE, Fernando César Bezerra de; JUNQUEIRA, Rogério Diniz. In: **Gênero e Diversidade Sexual: um glossário**. João Pessoa: Ed. Universitária / UFPB, 2009.

CARVALHO, Marília Pinto de; SOUZA, Raquel; OLIVEIRA, Elisabete Regina Baptista de. Jovens, sexualidade e gênero. In: SPOSITO, Marília Pontes. **O Estado da Arte sobre Juventude na pós-graduação brasileira: Educação, Ciências Sociais e Serviço Social (1999 – 2006)**. Belo Horizonte, MG: Argumentvm, 2009.

CAVALCANTE, João Paulo Braga; FREITAS, Geovani Jacó de. Dragão do Mar: A cultura do consumo na vida urbana contemporânea. In: ARAGÃO, Elizabeth Fiúza, et al. (orgs). **Fortaleza e suas tramas: olhares sobre a Cidade**. Fortaleza: EdUECE, 2008.

COELHO, Juliana Frota da Justa. **Ela é o Show: Performances trans na capital cearense**. Rio de Janeiro: Editora Multifoco, 2012.

CORDEIRO, Denise. **Juventudes nas Sombras: escola, trabalho e moradia em territórios de precariedades**. Rio de Janeiro: Lamparina, Faperj, 2009.

CRESSWELL, Tim. Seis Temas na Produção das Mobilidades. In: CARMO, Renato Miguel do; SIMÕES, José Alberto (orgs). **A Produção das Mobilidades: Redes, espacialidades e trajectos**. Lisboa: ICS. Imprensa de Ciências Sociais, 2009.

DAMASCENO, Francisco José Gomes. **As Cidades da Juventude em Fortaleza. Revista Brasileira de História**, São Paulo, vol. 27, nº 53, 2007.

_____. **Sutil Diferença: o movimento punk e o movimento hip hop em Fortaleza – grupos mistos no universo citadino contemporâneo**. Fortaleza: EdUECE, 2011.

DAMASCENO, Maria Nobre. **O caminho se faz ao caminhar: elementos teóricos e práticos na pesquisa qualitativa**. Fortaleza: Editora UFC, 2005.

DAYRELL, Juarez. A escola como espaço sócio-cultural. **Revista Educação e Sociedade**, Campinas, vol. 28, nº 100, 2007a.

_____. A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da Socialização juvenil. In: VIEIRA, Maria Manuel (org.). **Escola, Jovens e Media**. Lisboa: ICS, 2007b.

DE LAAI, Tatiana. **Música que vem do coração – emos, identidades, cultura juvenil & sociabilidade digital**. 2008. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

DEWEY, John. **Experiência e Educação**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1971.

DIÓGENES, Glória. **Cartografias da cultura e da violência: gangues, galeras e o movimento Hip Hop**. São Paulo: Annablume; Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto, 1998.

FACCHINI, Regina. **Sopa de letrinhas?: movimento homossexual e a produção de identidades coletivas nos anos de 1990**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

_____. Entrecruzando diferenças: mulheres e (homo)sexualidades na cidade de São Paulo. In: DÍAZ-BENÍTEZ, Maria Elvira; FÍGARI, Carlos Eduardo (orgs). **Prazeres Dissidentes**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

FEIXA, Carles; PORZIO, Laura. Um percurso visual pelas tribos urbanas em Barcelona. In: PAIS, José Machado; CARVALHO, Clara; GUSMÃO, Neusa Mendes de. (orgs.). **O visual e o Cotidiano**. Lisboa: ICS. Imprensa de Ciências Sociais, 2008.

FERREIRA, Vítor Sérgio Ferreira. **Marcas que Demarcam: Tatuagem, body piercing e culturas juvenis** Lisboa: ICS. Imprensa de Ciências Sociais, 2008.

FRANÇA, Lins Isadora. Na Ponta do Pé: Quando o *black*, o samba e o GLS se cruzam em São Paulo. In: DÍAZ-BENÍTEZ, Maria Elvira; FÍGARI, Carlos Eduardo (orgs). **Prazeres Dissidentes**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

_____. **Consumindo lugares, consumindo nos lugares: homossexualidade, consumo e subjetividades na cidade de São Paulo**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2012.

FREUD, Sigmund. **Três ensaios sobre a sexualidade**. Tradução de Paulo Dias Corrêa. Rio de Janeiro: Imago Ed., 2002.

FRY, Peter. **Para Inglês Ver: Identidade e política na cultura brasileira**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1: a vontade de saber**. 13ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

_____. **História da sexualidade 2: o uso dos prazeres**. 10ª ed. Rio de Janeiro; Graal, 2003.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1989.

GUERRA, Isabel. Modos de Vida: Novos percursos e novos conceitos. **Sociologia – Problemas e Práticas**, Lisboa, nº 13, p. 59 – 74, 1993.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. 3ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

JOCA, Alexandre Martins. **Diversidade Sexual na Escola: Um “problema” posto à mesa**. 2008. Dissertação (Mestrado em Educação Brasileira) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2008a.

_____. A Escola e o Trato com a Sexualidade na Formação Educacional da Juventude. In: JOCA, Alexandre Martins et al. (orgs). **Respeitar as Diversidades e Combater as Desigualdades – Deus é Menino e Menina**. Fortaleza: Gráfica Editora R. Esteves Tipoprogresso Ltda., 2008b.

_____. Educação para a Superação da Desigualdade e o Respeito a Diversidade Sexual. In: OLIVEIRA, Joyce Carneiro de; FICK, Vera Maria Soares; SOUZA, Vinícius Rocha de (orgs.). **Formação Cidadã: Currículo e Transversalidade**. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2011a.

_____. **Estudos e Pesquisas sobre Concepções Pedagógicas, Currículos, Rotinas, Atitudes e Práticas Adotadas no Ambiente Escolar diante da Diversidade de Orientação Sexual e de Identidade de Gênero.** Produção Técnica. Brasília: Instituição/Editora, 2011b.

KLEIN, Ana Maria. **Projetos de vida e escola:** a percepção de estudantes do ensino médio sobre a contribuição das experiências escolares aos seus projetos de vida. 2011. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

LAHIRE, Bernard. **O homem plural:** os determinantes da ação. Petrópolis: Vozes, 2002.

LEAL, Ângela Barros. **A Praça Portugal:** Um laço entre Portugal e o Ceará. Fortaleza: Terra da Luz Editorial, 2009.

LIONÇO, Tatiana; DINIZ, Débora. Homofobia, silêncio e naturalização: por uma narrativa da diversidade sexual. In: _____; _____. **Homofobia e educação:** um desafio ao silêncio. Brasília: Letras Livres: EdUnB, 2009.

LOBO, Elizabeth Souza. Caminhos de Sociologia no Brasil: Modos de Vida e Experiência. **Tempo Social;** Rev. Social, São Paulo, USP, v. 4, n.12, p. 7 - 15, 1992.

LOIOLA, Luís Palhano. **Coisas Difíceis de Dizer:** as manifestações homofóbicas do cotidiano dos jovens. 2001. 160 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação – FACED, Universidade Federal do Ceará, 2001.

_____. **Diversidade Sexual:** para além de uma educação escolarizada. 2005. 189 f. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação – FACED, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2005.

_____. **Diversidade Sexual:** perspectivas educacionais. Fortaleza: Edições UFC, 2006.

_____. Aproximações teórico-práticas em torno da diversidade sexual. In: JOCA, Alexandre Martins et al. (orgs). **Respeitar as Diversidades e Combater as Desigualdades – Deus é Menino e Menina.** Fortaleza: Gráfica Editora R. Esteves Tipoprogresso Ltda., 2008.

LOURENÇO, André Luiz Correia. **Otakus:** Construção e Representação de Si entre Aficionados por Cultura Nipônica. 2009. Tese (Doutorado em Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e Educação:** Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

_____. (org.) **O Corpo Educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Tribos Urbanas: metáfora ou categoria? **Cadernos de Campo, revista dos alunos de pós-graduação em Antropologia**, Departamento de Antropologia, FFLCH/USP, São Paulo, ano 2.º, n.º 2.º, 1992.

_____. De Perto e de Dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, vol. 17, n.º 49, 2002.

_____. Os Circuitos dos Jovens Urbanos. **Tempo Social**, revista de sociologia da USP, São Paulo, v. 17, n 2, 2005.

_____. Introdução – Circuitos de Jovens. In: MAGNANI, José Guilherme Cantor; SOUZA, Bruna Mantese de (orgs.). **Jovens na Metrópole: etnografias de circuitos de lazer, encontro e sociabilidade**. 1ª ed. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2007.

_____. Etnografia como Prática e Experiência. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 15, n. 32, p. 129 – 156, jul./dez. 2009.

MALINOWSKI, Bronislaw Kasper. **Argonautas do Pacífico Ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné melanézer**. Tradução de Anton P. Car e Lígia Aparecida Cardieri Mendonça revista por Eunice Ribeiro Durham. 3ª ed. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

MARQUES, Ana Cesaltina Barbosa. **A praça Portugal como Lugar: negociações de sentidos em encontros presenciais e mediados pelo computador**. 2010. 116 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2010.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

MEDEIROS, C. N. de Medeiros; FEIJÓ, Janaína Rodrigues. Mapeamento da extrema pobreza em Fortaleza. In: MENEZES, Adriano Sarquis Bezerra de et al. (orgs). **Perfil Socioeconômico de Fortaleza**. IPECE: Fortaleza, 2012.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Ciência, Técnica e Arte: o desafio da pesquisa social. In: _____. (org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

MOTT, Luís. Homo-afetividade e Direitos Humanos. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis /SC, v. 14, n. 2, p. 509-521, maio/set 2006.

NETO, Otávio Cruz. O Trabalho de Campo como Descoberta e Criação. In: MINAYO Maria Cecília de Souza (org.) **Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

PAIS, José Machado. **Culturas Juvenis**. 2ª ed. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2003a.

_____. **Vida Cotidiana: enigmas e revelações**. José Machado Pais. São Paulo: Cortez, 2003b.

_____. Jovens, bandas musicais e revivalismos tribais. In: **Tribos urbanas: produção artística e identidades**. PAIS, José Machado Pais; BLASS, Leila Maria. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2004.

_____. Jovens e Cidadania. **Sociologia, Problemas e Práticas**, n° 49, p. 53-70, 2005.

_____. Buscas de si: expressividades e identidades juvenis. In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de; EUGÊNIO, Fernanda (orgs.). **Culturas juvenis: novos mapas do afeto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

_____. Culturas de Grupos. In: MATOS Artur Teodoro de; LAGES, Mário Ferreira (coords.). **Portugal: Percursos de Interculturalidade**. 4 v. 2º v.: Contextos e dinâmicas/João Peixoto [et al.], 2008.

_____. **Lufa-Lufa Cotidiana: Ensaio sobre a cidade, cultura e vida urbana**. Lisboa: ICS. Imprensa de Ciências Sociais, 2010.

_____. **Sexualidades e Afectos Juvenis**. Lisboa: ICS. Imprensa de Ciências Sociais, 2012.

PAIVA, Antonio Crístian Saraiva. O inferno atravessa o mundo da educação: os embaraços da sexualidade e a fantasia da educação sexual. In: COSTA, Adriano Henrique Caetano; JOCA, Alexandre Martins; PEDROSA FILHO, Francisco Xavier Ramos (orgs.). **Recortes das Sexualidades: encontros e desencontros com a educação**. Fortaleza: Edições UFC, 2011.

PAIVA, Vera. **Fazendo arte com camisinha: Os dilemas da sexualidade dos jovens em tempos de AIDS**. São Paulo: Summus, 2000.

PARK, Robert Ezra. A Cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano. In: VELHO, Otávio Guilherme (org.) **O Fenômeno Urbano**. Zahar Editores – Rio de Janeiro, 1979.

PARKER, Richard. **Políticas, instituições e Aids: Enfrentando a epidemia no Brasil**. Rio de Janeiro: ABIA / Zahar, 1997.

_____. Cultura, economia política e construção social da sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

PAULINO, Faria Fernando. Os documentos de terreno ao *hipermedia*. In: RIBEIRO, José da Silva; BAIRON, Sérgio. (orgs). **Antropologia Visual e Hipermedia**. Lisboa: Edições Afrontamento, 2007.

PEDROSA, Francisco; CASTRO, Camila (Org.). **Juventudes homossexuais e sexualidades: comportamentos e práticas**. Fortaleza: GRAB, 2008.

PERLONGHER, Nestor Osvaldo. **O Negócio do Michê: a prostituição viril em São Paulo**. São Paulo: Editora Brasiliense S. A., 1987.

RAMOS, Fernanda Sansão. **Jovens Alternativos: Herança romântica e consumo na construção da identidade**. 2007. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2007.

RIBEIRO, José da Silva. **Antropologia Visual: da minúcia do olhar ao olhar distanciado**. Lisboa: Edições Afrontamento, 2004.

SALES, Celecina de Maria Veras. **Criações Coletivas da Juventude no Campo Político: Um olhar sobre os assentamentos rurais do MST**. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 2006.

_____. Gênero e Juventudes: diversidade no viver tecnológico. In: FAZENDO GÊNERO 9: DIÁSPORAS, DIVERSIDADES, DESLOCAMENTOS, Florianópolis, 2010. Disponível em: http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/simposio/view?ID_SIMPOSIO=193. Acesso em: 29 de jul. 2012.

SCOTT, Joan W. **A Invisibilidade da Experiência**. Projeto História, nº 16, São Paulo, 1998.

SEFFNER, Fernando. Masculinidade bissexual e violência estrutural: tentativas de compreensão, modalidades de intervenção. In: UZIEL, Anna Paula; RIOS, Luís Felipe; PARKER, Richard (orgs.). **Construções da Sexualidade: gênero, identidade e comportamento em tempos de AIDS**. Rio de Janeiro: Pallas: Programa em Gênero e Sexualidade, IMS/UERJ e ABIA, 2004.

SILVA, Hamilton Harley de Carvalho. **Sociabilidades de Jovens Homossexuais nas Ruas de São Paulo: Deslocamentos e Fronteiras**. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de São Paulo, 2009.

SIMMEL, Georg. Sociabilidade; um exemplo de sociologia pura ou formal. In: MORAIS FILHO, Evaristo (Org.) **Simmel**. São Paulo: Ática, 1983 (Coleção Grandes Cientistas Sociais).

SIMÕES, José Alberto. **Entre a Rua e a Internet**: Um estudo sobre o hip-hop português. Lisboa: ICS. Imprensa de Ciências Sociais, 2010.

SPOSITO, Marília Ponte. A sociabilidade juvenil e a rua: novos conflitos e ação coletiva na cidade. **Tempo Social**; Rev. Sociol. USP, São Paulo, 5(1-2): 161-178, 1993 (editado em nov. 1994).

_____. Introdução - Espaços Públicos e Tempos Juvenis. In: _____. **Espaços Públicos e Tempos Juvenis**: Um estudo de ações do poder público em cidades de regiões metropolitanas brasileiras. São Paulo: Global Editora, 2007.

_____. Transversalidades no estudo sobre jovens no Brasil: educação, ação coletiva e cultura. In: **Revista Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 36, n. especial, p. 095-106, 2010.

_____. Ação Coletiva, Cultura e Juventude no Brasil: Considerações preliminares. In: DAYRELL, Juarez (org.). **Família, Escola e Juventude**: olhares cruzados Brasil-Portugal. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

TELLES, Vera da Silva. Nas dobras do legal e do ilegal: ilegalismos e jogos de poder nas tramas da cidade. **Dilemas: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social**, Rio de Janeiro, vol. 2, nº 5-6 jul/ago/set-out/nov/dez, pp. 97-126, 2010

VALE, Alexandre Fleming Câmara. **No escurinho do cinema**: cenas de um público implícito. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2012.

VIDAL, Frédeéric. A mobilidade residencial como objeto da história urbana: registros, práticas e interpretações. In: CARMO, Renato Miguel do; SIMÕES, José Alberto (orgs.). **A Produção das Mobilidades**: Redes, espacialidades e trajectos. Lisboa: ICS. Imprensa de Ciências Sociais, 2009.

WELLER, Wivian. Grupos de discussão: aportes teóricos e metodológicos. In: WELLER, Wivian; PFAFF, Nicolle (orgs.). **Metodologias da pesquisa qualitativa em educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

APÊNDICE A:

A Cidade e os Anjos em imagens etnográficas

Praça Portugal (Aldeota)



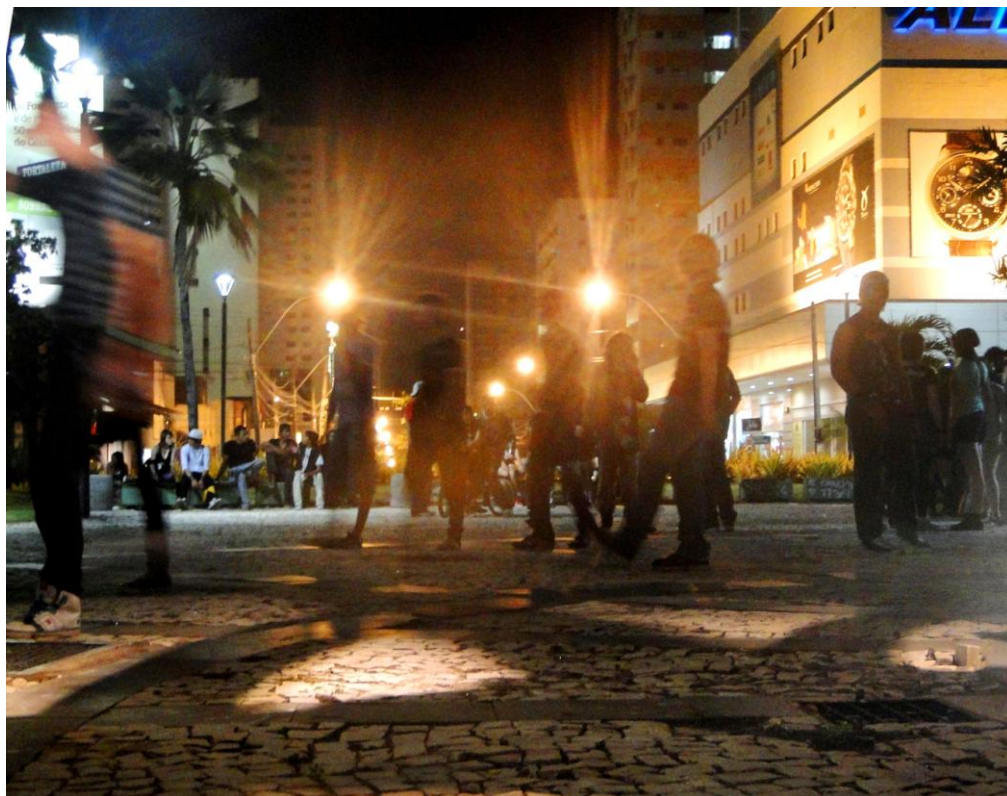
Fonte: arquivo pessoal

Jovens na Praça Portugal (Aldeota)



Fonte: arquivo pessoal

Jovens na Praça Portugal (Aldeota)



Fonte: arquivo pessoal

Praça Verde do Dragão do Mar (Praia de Iracema)



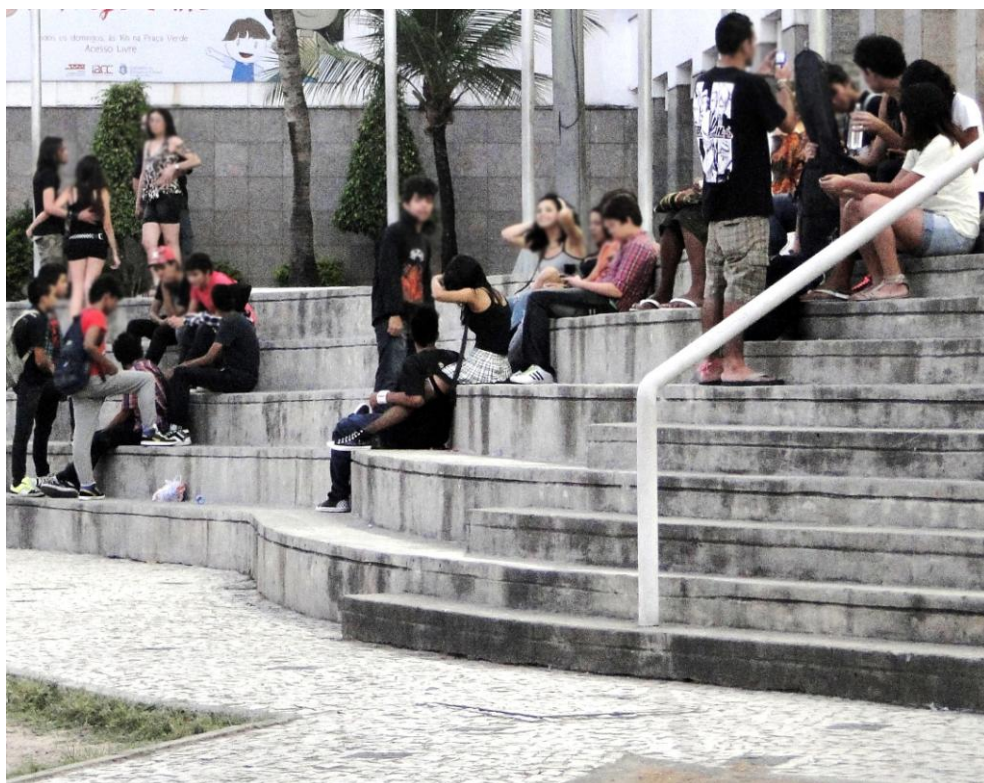
Fonte: arquivo pessoal

Arena do Dragão do Mar (Praia de Iracema)



Fonte: arquivo pessoal

Jovens nas Escadarias da Praça Verde do DM (Praia de Iracema)



Fonte: arquivo pessoal

Praça Verde do Dragão do Mar (Praia de Iracema)



Fonte: arquivo pessoal

Jovens na Praça Verde do Dragão do Mar (Praia de Iracema)



Fonte: arquivo pessoal

Entrada da Galeria Pedro Jorge (Centro)



Fonte: arquivo pessoal

Corredor da Galeria Pedro Jorge (Centro)



Fonte: arquivo pessoal

Corredores internos da Galeria Pedro Jorge



Fonte: arquivo pessoal

Praça do North Shopping



Fonte: arquivo pessoal

Praça do Tamandaré (Jangurussu)



Fonte: arquivo pessoal

Local de encontro dos Jovens na Praça do Tamandaré (Jangurussu)



Fonte: arquivo pessoal

APÊNDICE B:

“O Grande Encontro”: O SANA *Fest* em imagens notas etnográficas

1. O SANA *Fest*: Primeiro dia.

Ontem combinei com o Hirley (pelo telefone) de irmos juntos ao Sana. Minha intenção é acompanhá-los do início ao fim. De casa ao Centro de Convenções e vice-versa. Marcamos de sair às 8hs da manhã. Acordei às 7horas. Hirley me ligou 7:50h e marcou de nos encontrarmos no terminal de Messejana. Peguei, pela primeira vez, o ônibus Passaré/Messejana e cheguei no terminal às 8:15. Hirley, Ana e Matheus já estavam na fila do ônibus “Grande Circular I”. Estavam todos bem produzidos: de blusas com desenhos de anime. Matheus com uma calça bem apertada e Hirley com um tênis novo (All Star azul). Na fila, aproveitavam pra conversar sobre outras coisas. Ana falava que este ano vai estudar em um colégio na Aldeota, “*próximo da PP*”. Reclamava da distância e da relação com a mãe, que a proibiu de usar a internet durante um mês. Havia outros jovens na fila que pareciam também ir ao Sana (digo isso por conta do visual). O ônibus chegou e nós 04 fomos em pé. Durante o percurso uma garota escutava Rock Pop no celular e Hirley acompanhava cantando as músicas. No ônibus, na minha frente, também em pé, vinha uma trans (bem bonita). A priori, não percebi que se tratava de uma travesti e pela maquiagem e roupa - um vestido colado e curto - pensei se tratar de uma profissional do sexo (risos), mas Matheus chegou até mim e disse cochichando: “*É homem!*”. Ana vinha conversando com Matheus sobre uma prima e uma amiga que se “*diziam ser hetero*” e “*viraram lésbicas ou bi*”. Dizia que sempre desconfiou e que elas se “*faziam de mulherzinha pra disfarçar*”. Durante o percurso, entraram outros jovens no ônibus. Era 9hs quando chegamos e 13 jovens desceram rumo ao centro de convenções. Logo na calçada da UNIFOR eles já encontravam amigos e era uma festa a cada encontro: abraços apertados, gritos, beijos... A fila pra entrar estava imensa, quase dando volta ao CC. Os meninos deram logo um jeito de furar a fila ficando junto a 04 amigas (02 lésbicas e 02 hetero). Elas estavam produzidas, usavam maquiagem e roupas bem sensuais: saias curtas e rodadas, meia-calça de tarrafa (ver fotos). Fui comer algo, pois não havia comido nada antes de sair de casa. Na fila, os meninos comentavam sobre a possibilidade de ficar com alguém no Sana. Hirley disse que nunca havia ficado com ninguém em outros Sanas. Ainda na fila, vi alguns meninos da galera do DNA circularem. Vi também o Rafael, amigo do De Menor, que ontem fez o grupo focal. Ele estava só e me cumprimentou rapidamente. Depois de uns 10 minutos na fila e no sol, conseguimos entrar. Logo na entrada, os seguranças colocavam pulseiras e revistavam as mochilas (que eram muitas). No primeiro salão havia uma espécie de feira com stands vendendo produtos que fazem referência às indumentárias de várias tribos: rock, punks, animes. Há muitos produtos relacionados à cultura japonesa. Mesmo assim, há jovens de várias tribos no evento. Os meninos primeiro passaram por todos os stands olhando os produtos. Compraram algumas coisas: Ana comprou botos e Hirley comprou uma camisa e 2 cordões. Os chapéus de animes, os botos, os bonecos de pelúcia logo começaram a circular pelo CC a inserir-se nas indumentárias dos jovens. Procuro reconhecer os jovens da PP e do DM entre os que circulam no CC, mas são muitos!!! No salão que segue há uma série de entretenimentos: - Um palco onde ocorre sorteio de camisas e espadas e de onde os organizadores divulgam o que está acontecendo e o que vai acontecer. - No centro do salão 02 bonecos sobre um palco em tamanho natural chamam atenção de quem entra. É o Wolverine e o Huck em posição de combate, como se estivessem duelando. Há, no mesmo salão, 03 ilhas de computadores com jogos de game e uma ilha daquela dança que a pessoa

imita os bonecos no PC (a que a exótica levava pra PP). Há também stands de lojas. Depois de visitar os stands do primeiro salão os meninos foram ao salão de jogos e passaram quase toda a manhã e parte da tarde dançando, isto é, o Hirley e o Matheus (especialmente o Hirley). Ana disse que não sabe dançar. Procuo ficar acompanhando os 03 um pouco de longe. Sei que se eu me afastar muito, os perco de vista. A fila pra entrar no CC fica extensa por um bom tempo, umas 02 horas, eu acho. Além dos 02 salões, há outras salas menores específicas para jogos como vídeo games, aqueles jogos em que as pessoas são personagens etc. Há espaços destinados a palestras de dubladores, escritores de animes, ilustradores etc... Tem horário pra tudo, mas eu não vi nenhuma programação. No salão de jogos há um grande salão atrás do palco. Em uma outra sala há exposição de revistas em quadrinhos e miniaturas de bonecos de personagens. Em algumas salas ocorrem oficinas diversas relacionadas à cultura anime. Os meninos que acompanho dão prioridade à dança naquele equipamento que não consigo lembrar o nome nunca. No auditório fica acontecendo atrações o tempo todo. Assisti luta (que parece vale tudo, mas tem outro nome. A luta acontece em um ring) e assisti também a entrevista com dubladores de desenhos. Fiquei impressionado com a quantidade de jovens assistindo à entrevista e participando, fazendo perguntas. Em um galpão imenso há um salão onde fica DJ tocando dance, uma espécie de tenda. No mesmo salão, ao fundo, há um touro mecânico e um espaço destinado a uma luta, a qual nunca tinha visto antes. Nem sei o nome. As pessoas lutam, um contra o outro, com uma espécie de raquete nas mãos.

Rapidamente o CC estava lotado de jovens e logo começa a aparecer os personagens, ou seja, os jovens caracterizados como personagens. Os personagens ultrapassam a cultura japonesa. Aí percebi que estar no SANA é estar em um mundo de fantasias, de super-heróis e vilões. São eles as atrações principais. Ficam espalhados pelos salões a pousarem como artistas para os demais jovens que se encantam. Quanto aos personagens japoneses, não os conheço, mas o estilo das roupas é inconfundível. Do pouco que vi e sei sobre animes (cultura japonesa), sei que exploram o mundo dos super-heróis e falam sobre batalhas entre o bem e o mal e os mangás são essas histórias descritas em quadrinhos. Há também os desenhos animados e as séries para a TV. Bom!!! Não sou conhecedor desse assunto, mas dava pra identificar os cosplays (pessoas que se fantasiam de personagens de games, de quadrinhos, de desenhos animados, principalmente japoneses) a origem dos personagens. No Sana foi possível encontrar personagens diversos, seja dos mangás, dos demais desenhos animados, seja da TV: - Jack Sparrow (Piratas do Caribe) – Batman - Mulher Maravilha - Mulher gato – Wolverine – Huck - Homem Aranha - Flex - Homem de Lata - Hera Venenosa - Chapeuzinho Vermelho E outros... Quanto aos personagens dos mangás (japoneses), eram muitos, muitos, e eu conheço nenhum. O que pude observar, pela indumentária, é que, na maioria, trata-se de guerreiros. Geralmente, usam armas. Para as fotos, faziam posições de combate, tanto os masculinos quanto os femininos. Pude observar, também, o quanto os mangás exploram a sensualidade feminina. Fica perceptível nas roupas dos cosplays, nas miniaturas dos mangás (nas bonecas expostas e a venda nos stands e nas expostas na exposição). A indumentária dos personagens dos mangás parece (assemelha-se) muito com o estilo de alguns jovens, especialmente, as meninas, as que usam meia-calça (geralmente preta ou de cor escura), saias curtas e rodadas, espartilhos delineando os seios e a cintura. Por muitas vezes, as posições dos cosplays para as fotos faziam referência às questões de gênero importantes de serem observadas.

Ressaltavam: - a força, a virilidade masculina; - a sensualidade, a exposição do corpo feminino. Digo isso, em virtude das expressões corporais (o corpo que fala) como diz Louro. Mesmo que por muitas vezes as personagens retratassem guerreiras a postar suas armas, num sinal de poder e força, as roupas sensuais explorando o erotismo, o corpo feminino, se destacavam. Pude perceber também que a exploração da sensualidade feminina não se restringe aos mangás. As revistas em quadrinhos, consideradas “clássicas” também exploram essa sensualidade (tirei fotos de algumas). Reproduzem um padrão de beleza: - seios grandes e túrgidos; - cochas grossas; - decotes mostrando o colo; - cabelos lisos; - sempre brancas; - pernas expostas. E sempre em posições sensuais, conforme as poses (para as fotos) dos cosplays. Seguindo esse mesmo padrão estavam 06 garotas que circulavam no salão de entretenimento, entre o palco e os stands de um dos patrocinadores do evento, a GRAGON. Eram 05 loiras e 01 morena. No primeiro dia usavam roupas iguais: um macacão colado ao corpo. Bem curto (preto, com detalhes em laranja) e com um decote mostrando o colo. Nos braços, uma espécie de luva da mesma cor do macacão, mas não cobriam as mãos, iam do pulso ao antebraço. A cada vez que subiam no palco a gritaria dos garotos, eufóricos, era imensa. Quando desciam, distribuía folder da dragon e tiravam fotos com os garotos, eufóricos com a sensualidade e beleza das meninas. Por vezes, ficavam as 06 no stand a pousar para vários garotos e suas máquinas em busca do melhor ângulo. Elas pareciam, para alguns, a atração principal, pelo menos, naquele momento. Os mais corajosos iam ao stand tirar fotos junto às meninas. No segundo dia elas estavam lá novamente, agora fantasiadas de personagens: mulher maravilha, dama de copas, guerreira medieval (não consegui identificar as outras personagens). Todas usando botas abaixo do joelho, saias curtas e decotes valorizando o colo e, novamente, um arsenal de flexs a registrar a presença das heroínas dos quadrinhos (Elas são lindas mesmo!). Ainda no sábado, por volta das 12 horas, me perdi de Hirley, Matheus e Ana, então fui assistir a uma luta que acontecia no teatro. Um ring estava armado no centro do palco e o teatro estava quase lotado. Durante a luta, ao som dos gritos dos jovens a cada soco dos lutadores fiquei a pensar sobre a agressividade desse tipo de esporte, mas acho que seja um preconceito meu, não sei... Tava pensando também o quanto esses esportes ainda são territórios restritos à masculinidade, isso porque o campeonato era só masculino e havia apenas 02 garotas no palco. A função delas era informar ao público o começo de cada round. Eram 02. Uma loira e outra morena. Vestiam roupas iguais: um short jeans curto e uma camiseta branca de alça que terminava acima da barriga e abaixo dos seios. No início de cada round uma delas atravessava o palco erguendo uma placa anunciando o round que começaria em seguida. Esse era o momento em que a platéia, composta quase exclusivamente por jovens, e em sua maioria homens, gritava e assoviava euforicamente. Acedito que o motivo não fosse o motivo do round, mas o modo como ele era informado. As garotas revezavam a apresentação. (Durante a luta cochilei um pouco. Tava cansado e depois saí pra comer algo). Fui comer no mesmo local onde comi pela manhã, abaixo da passarela, ao lado do CC. Lá, encontrei o pessoal da DNA que estavam nos jardins da UNIFOR. Tinha uns 15 jovens na turma deles. O pessoal que fez o grupo focal e outros. Não haviam entrado ainda porque, segundo eles, nem todos tinham dinheiro para comprar os ingressos e só entrariam se a turma inteira entrasse. Não percebi, por parte de alguns, muita empolgação para entrar. O Tchuco, por exemplo, não demonstrava muito interesse. Kenedy (M) e Tânia (J), que são namorados, estavam mais afim. Alguns jovens da DNA já haviam entrado e

Kenedy e Tânia estavam indignados porque eles não haviam arrumado pulseiras pro restante da turma entrar sem pagar. Segundo J, no ano passado, M entrou e arrumou um jeito da turma toda entrar. Assim, reclamava da não reciprocidade. Fomos (os três) lanchar, ou seja, almoçar um lanche. Enquanto esperávamos, eles me contavam que chegaram as 9hs e Mardison disse que Tânia percorreu a fila pedindo dinheiro pra comprar sua entrada. Disse que enquanto ela pedia moedas, alguns “caras” ficavam “dando encima”, ou olhando, “secando” e que ele ficava “irado”. Perguntei o porquê de somente ela pedir e ele respondeu que “a galera contribui mais quando é mulher... né!?”. J tirou da mochila as moedas recolhidas. Tinha cerca de uns 15 reais. (Fico pensando que mesmo se todos tivessem dinheiro suficiente pra entrar, mesmo assim, ficariam esperando uma maneira de entrar sem pagar. Talvez, pra reservar dinheiro pra comprar bebida). Mesmo assim, parte dos garotos da DNA que entraram no CC ficam saindo pra ficar junto aos demais que estão fora. (Percebo que para a maioria deles, estar fora com os outros seja mais interessante que entrar e não está junto à turma). De onde estou lanchando vejo a galera da DNA sentada em um banco, no chão e a circular, conversando com outros grupos que estão no mesmo local. O pessoal fica aqui fora no mesmo movimento da DM e da PP: bebendo, conversando, fumando... a transitar. Uma coisa que observei foi que dois garotos da DNA e que estavam no grupo focal, vestiam roupas semelhantes ao pessoal do Free Step: calça colada, tênis coloridos e blusas xadrez. Não entendi. Se não os tivesse visto no grupo focal, pensaria que fossem do free step, mas eles andam com o pessoal da DNA mesmo. Voltei pra dentro do CC e reencontrei Hirley e Matheus. Ana havia ido embora. Segundo eles, foram dançar na *raive* e por isso estavam cansados. Depois de andarmos novamente pelos mesmos lugares que já tínhamos ido, fui sentar em um local mais afastado pra descansar e enquanto isso, Hirley e Matheus voltaram a dançar e/ou assistir o pessoal dançando. Enquanto estou sentado aproveito pra fazer anotações neste diário de campo, então fui interpelado por um garoto que já havia visto várias vezes na PP e no DM. Conversamos por mais ou menos meia hora (gravei, com autorização dele, a nossa conversa). Depois da conversa voltei a procura de Hirley e Matheus e aproveitei para visitar todos os ambientes pra me interar sobre o que tava rolando. Havia várias coisas acontecendo ao mesmo tempo e em todos os ambientes havia muitos jovens. Percebo que algumas atividades são de interesse quase restrito dos garotos. A sala de game, o campeonato de futebol digital (Seletiva Cearense), as arenas de jogos, em geral, eram mais frequentadas por garotos. Tive a impressão de que o Sana, em geral, é mais frequentado por garotos (pode ser que seja somente impressão). Nesse percurso, encontrei um garoto amigo de Hirley e Matheus. Lembro que ele mora no José Walter e que já ficou com o Matheus e o Hirley. Eles estão chateados por conta desse triângulo (acho que é um lance de fofoca, de ciúme uns dos outros, pelo menos foi isso que ele deixou transparecer). Ele estava acompanhado de um amigo que também mora no José Walter. Andava com uma plaqueta com uma gravura de dois garotos se beijando, um anime, e sobre a gravura estava escrito: “*Beijo yaoi Grátis*” e embaixo da gravura “*Só hoje!*”. (Tirei foto da placa). Perguntei o que queria dizer “yaoi” e ele respondeu: “*É como se dissesse: “casal gay” ou “namoro gay”, é mais ou menos isso*”. Eles usavam roupas pretas. Ele com uma toca de anime e o amigo com uma toca preta. Ambos com ranja caindo sobre os olhos. Ele, com um blusão de moletom, manga longa, e o amigo com uma espécie de palitô, sem camisa por baixo e calça toda rasgada. Usa também uma gargantilha preta com metais pontiagudos. Segundo ele, o amigo não

segurava a placa porque é hetero. Perguntei se ele já tinha beijado muito. Ele respondeu que não, porque o Sana tava muito hetero. Continuo circulando pelos ambientes. No pavimento do primeiro andar há um grande cinema com três telões exibindo filmes de anime. Desço e encontro Hirley e Matheus. Já são 18 horas e 30 minutos e vamos para o DM. Pegamos o “Grande Circular I” em direção ao Terminal do Papicu. Ao chegar no terminal, o ônibus que pegaríamos pra ir ao DM já estava de saída. Hirley entrou correndo e Matheus ficou preso à porta do ônibus, que abriu novamente quando o ônibus já estava em movimento, eu fiquei. Daí, peguei o Parangaba/Papicu que passa bem próximo ao DM, mas estava cansado e preferi voltar pra casa; do terminal da parangaba, peguei o ônibus “Passaré/Parangaba” e cheguei em casa por volta das 20 horas. Fazia um bom tempo que não atravessava a cidade de ônibus. É uma sensação diferente. Fica-se mais despreocupado com o percurso, afinal, tem-se a certeza de chegar ao destino. Fiquei pensando: será que é por isso que os garotos não têm muita noção territorial da cidade? Dos percursos? Dos locais (da geografia) por onde circulam? Vou dormir cedo. Amanhã tem mais Sana.

2. O SANA *Fest*: O segundo dia.

No segundo dia do Sana, domingo, acordei tarde, as 9 horas. Saí de casa as 9 horas e 30 minutos. Liguei para o Hirley, mas ele não atendeu. Então fui só. Fiz o mesmo percurso do dia anterior. No terminal de Messejana já pude ver alguns gorros de animes (pokemon) circulando. Cheguei no CC por volta de 10 horas e 30 minutos. Antes de entrar encontrei a galera da DNA. Estavam no mesmo local de ontem. Disseram que não foram ao DM, preferiram ir pra casa (sede), na Itaóca, onde ficaram bebendo até as 4 da manhã. Encontrei Bruce que continua com o moicano baixo. Disse que qualquer dia levanta novamente. Falou também que não veio sábado ao Sana por conta do trabalho (ele trabalha na Galeria Pedro Jorge. Não sei o que faz lá, mas pretendo ir à Galeria depois). Apesar do visual, que a primeira vista pode parecer agressivo, pelo uso do topete com pontas para cima, de correntes e adereços típicos de Punks, Bruce transmite um ar amigável. Comigo foi sempre muito simpático. É diferente de Thuco, que insiste em manter uma postura mais agressiva, no modo de andar, na postura, na fala (tom de voz)... é a mesma história do corpo que fala... mas ambos vivem se metendo em confusão!!! Segundo a garota do grupo focal, Bruce se mete em confusão pra defende o pessoal da DM e da PP, o que faz dele, além de conhecido, uma pessoa querida. Será?. Peruntou-me se havia vindo ontem e se gostei. Respondi que sim. Depois de algum tempo fora entrei. Hoje há bem mais pessoas que ontem. A agitação é maior. (acho que há mais pessoas no domingo porque nem todos os jovens têm dinheiro pra comprar ingressos para os 02 dias e no domingo, apesar de ser 3 reais mais caro, há um show no final. Semana passada, ouvi vários jovens da PP dizerem que só viriam no domingo). Há muitos jovens usando os gorros, as camisas, os botons que, provavelmente, compraram ontem ou acabaram de comprar. Digo isso porque vi no banheiro masculino garotos trocando de blusa, a que veio pela que acabou de comprar. Hoje também há uma maior quantidade de cosplay. Fui ao teatro e lá continuava o campeonato de luta. Para minha surpresa havia uma juíza conduzindo a luta de homens e as duas moças continuavam a puxar aplausos e gritos a cada anúncio de raund. Depois da lutas houve apresentações de um tipo de encenação de animes. Eram apresentações que priorizavam lutas e em algumas, mulheres lutavam contra homens. Como as

coisas aconteciam simultaneamente não era possível ver tudo. Os jogos de dança pareciam os que mais tinham participação das meninas, seja o que fica imitando o boneco, seja aquele em que a pessoa fica pisando na máquina. No palco, onde havia danças japonesas a grande maioria também era feminina, a dançar em grupo. No teatro também houve apresentações de Break. Não deu pra assistir, mas vi os garotos que dançam no observatório da DM circulando por lá. Era a turma do “Oxente Break”. Fui novamente ao cinema e lá havia um casal de garotos abraçadinhos na última fila, em um local bem escuro. Só percebia quem estava a procura. Digo isso porque não havia presenciado, no evento, nenhuma manifestação livre de afetividade homoerótica. Parecia que não havia gays e nem lésbicas ali. Do outro lado também havia um casal de garotas. Elas pareciam mais a vontade. Chegaram a trocar beijos enquanto as observa de longe. Os meninos pegavam na mão, trocavam carícias, mas não beijavam. Vale lembrar que o local, apesar da meia luz, era constantemente vigiado pela organização do evento. Jovens com camisa da organização transitavam entre as cadeiras com lanternas. A organização do evento parecia composta exclusivamente por jovens e eram muitos. Segundo Matheus, eles não são remunerados pelo trabalho prestado. Já era tarde e a organização anunciava o campeonato de dança. O apresentador (ou animador) chama a Tittyz pra conduzir o campeonato. (Tittyz foi a minha primeira entrevistada). Lá estava ela: calça jeans, camisa xadrez de botão com uma blusa preta por baixo. O cabelo agora está preto embaixo e rosa choque acima. Nos pés, tênis all star lilás. Usava pulseiras coloridas e segurava um pequeno caderno. Ela passou a conduzir o campeonato de dança e de cima do palco convocava os dançarinos pelo microfone. De cima, ela me ver a acena. Diz por meio de gestos que depois do campeonato quer tirar uma foto com a galera do free step que está próximo ao palco, se preparando para as apresentações. São os garotos que estão sempre nas tarde de sábado no DM. Parecem bastante empolgados e ensaiam os passos, conversam, se abraçam, parecem felizes e eufóricos. O campeonato começa e em frente ao palco um círculo se forma semelhante aos que vejo todos os sábados na DM. O campeonato mistura danças diversas: Break, Free Step e outros estilos que não conheço. (A imagem de Tittyz conduzindo o campeonato acena para novas possibilidades da imagem feminina neste espaço, assim como, a juíza da luta que assisti há pouco. Não quero aqui fazer um juízo de valor sobre a erotização do corpo feminino, até porque entendo ser um direito das mulheres, mas pensar novas formas de inserção da mulher, novas mobilidades de interações... Não penso que Tittyz esteja reivindicando um lugar, penso que ela conquista esse lugar por meio de sua inserção na dança, no DM, na galera no free step etc.). Não fiquei para ver o fim do campeonato. Saí pra comer algo. Novamente um sanduba. De onde estou (fora do CC) vejo duas garotas namorando tranquilamente num local próximo de onde a galera da DNA fica. Nesse espaço há bastante roqueiros, quer dizer, não sei de dá pra identificar todas as pessoas aqui tendo como referência o visual, mas as pessoas que estão no jardim da UNIFOR usam preto e adereços que lembram os roqueiros, mas no geral, aqui está muito semelhante à DM e a PP. Uma grande mistura, no entanto, com algumas delicadas delimitações, entre elas, de gênero. (Olhando os jovens aqui, fico cada vez mais convencido de que esses espaços de interações propiciam a apropriação de signos, símbolos, referências, provocando uma migração/sciengenação nos estilos, nos referenciais ideológicos e simbólicos que historicamente caracterizam as tribos urbanas e constroem identidades juvenis). Se o Sana, como disse Tchuco no grupo focal “*é o local onde todo mundo se encontra*”, o encontro se passa de formas diversificadas. Quanto

as possibilidades de “conhecer novas pessoas”, tão valorizada pelos jovens com quem tenho conversado, o uso de placas parece uma estratégia bastante utilizada. (Fico na dúvida se o uso das placas seria a interação ou seria uma forma de chamar a atenção. Talvez uma questão esteja relacionado a outra). O uso de mensagens em pequenas placas parece ser uma tradição do evento, tanto que já há placas com pincéis a venda em alguns stands. (custa 10 reais uma placa). Alguns jovens improvisam suas placas em folhas de caderno. As mensagens são muitas vezes solicitações de beijos e abraços.

a. Anúncios em placas no Sana *fest* fazendo referência direta a homossexualidade:

Beijo yaoi Grátis – Só hoje.

Me beija? “Grátis” - Yaoi ou não!!

Restart ----- NX Zero – Gay - Qual é o menos pior?

b. Anúncios em placas no Sana *fest* fazendo referência indireta a homossexualidade por meio da restrição da mensagem ao público feminino:

Beijo Grátis – Só Mulheres.

Me dá um fora ou um abraço (Obs: Só girls)

Beijo e abraço grátis - só muié.

Selinho Grátis: Só meninas

Me dá um fora!? (Obs: Só girls)

Aposto um beijo como vc me dá um fora. Quer ficar comigo? Apenas “mulheres”. OK!

c. Mensagens sem referência textual de restrições ou exclusões quanto a orientação sexual:

Escolha ←↑→

Beijo ou abraço

Beijo por dinheiro é prostituição.

←↑→Abraça?

Escolha ←↑→p/ beijar.

Promoção: Beijos e Abraços. Vc escolhe

Me adota.

Abraço Grátis

Abraço e Selinho – Grátis - Sim / Não

Precisamos de um abraço.

Alguém pega o suado? Obs: beijo ou abraço

Pode ser bom! Pode ser muito bom! Pode ser eu!!!

Ei, fica comigo. Eu sou do Acre!? Problem?

Oi!

Me abraça ♥

Anoto telefones

Beijos: 0,25 cent.

Os jovens andam exibindo as placas e muitas vezes direcionando-as às pessoas que lhes interessam. Quanto às observações “só mulheres” acredito que seja um indicativo de que os jovens reconhecem a presença de jovens gays no evento, apesar da invisibilidade da homossexualidade no Sana. Seria também uma afirmação da heterossexualidade? Não presenciei muitos abraços ou beijos em decorrência das placas, mas os jovens portando as placas chamam bastante atenção. As placas parecem funcionar como um pretexto para uma primeira aproximação em um tom de brincadeira. No

decorrer do Sana os jovens vão ocupando os espaços diversos do CC. Aos poucos vão se acomodando no chão, encostados nas paredes para descansar, conversar ou lanchar. Em vários locais, as mochilas vão se amontoando pelos salões. Na raive, nos espaços livres, vários formam grupos sentados, a descansar e/ou namorar. As 18:30min. Todos começam a direcionar-se pro show que ocorrerá no bloco G do CC. Sigo até a entrada do show e resolvo não entrar. Opto por ir à PP. Na parada de ônibus pego o “Grande Circular I” junto a jovens que também estavam no Sana. No terminal do Papicu, sigo pra PP na linha “Dom Luís”. No ônibus, dois grupos de jovens que também vão à PP se encontraram. Vão, durante o percurso, conversando sobre o Sana e ouvindo música no celular. Durante a conversa, vão descobrindo que têm colegas em comum. O ônibus chega à PP e ainda na Av. Dom Luís eu e 23 jovens descem e vamos em direção à PP.

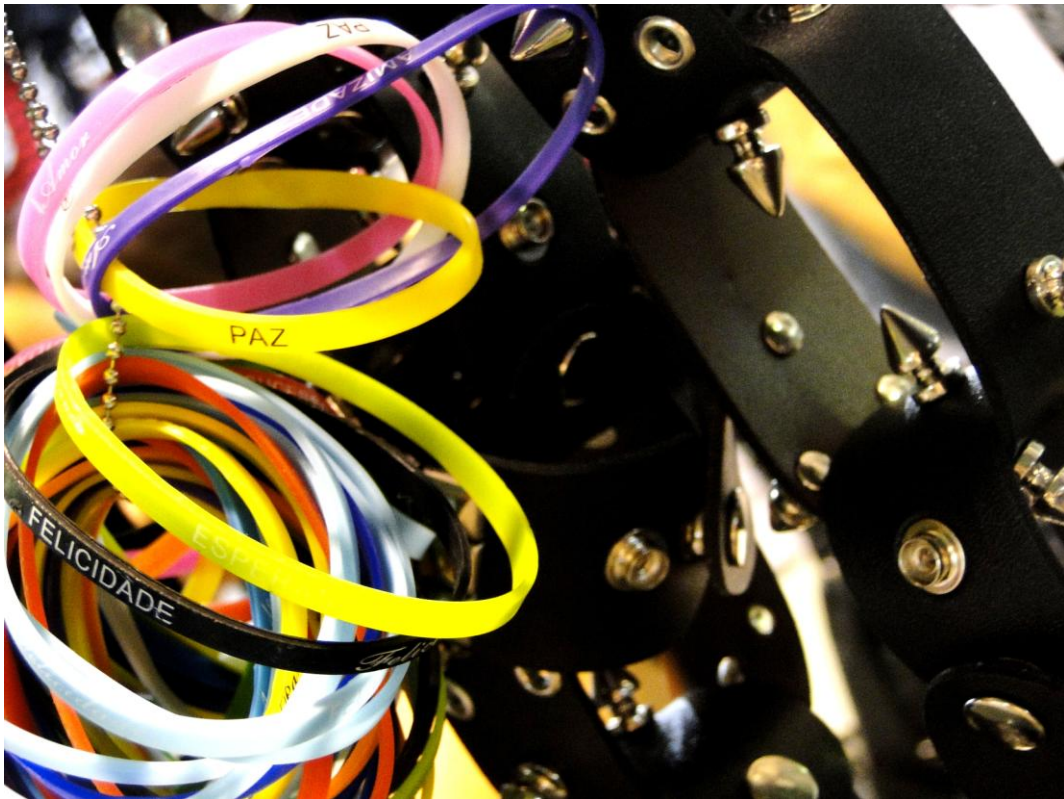
OBS.:

- ✓ Na chegada ao Sana alguns garotos da DNA foram assaltados em frente à UNIFOR, logo que desceram do ônibus.
- ✓ No sábado, Kenedy (da DNA) andava com um canivete que, segundo ele, tinha ganhado do primo na noite anterior e andava com ele para se proteger.
- ✓ Conversando com Tchuco, Kenedy e Tânia, eles comentam sobre a relação com a mãe de Kenedy. Tchuco disse que ela o odeia e o acusa de dar bebida ao Kenedy. Tânia disse que ela a odeia e a acusa de colocar filho contra mãe, o que segundo ela, faz o contrário: “eu vivo dizendo pra ele não brigar com ela”. Kenedy não se incomoda com os comentários. (parece que compartilham também os conflitos familiares).
- ✓ Estava observando hoje, no Sana, os gestos de carinho entre os garotos. Um exemplo foi os três garotos que seguiam rumo ao show abraçados, da saída do Sana até a entrada do bloco G do CC. O gesto não tão comum em nossa sociedade, dos garotos abraçarem-se, quando se encontram, de demonstrarem afeto, carinho. Os meninos da DNA, alguns, beijam a cabeça uns dos outros. (não lembro agora onde vi, nem se já registrei, mas observei esse gesto entre eles).

APÊNDICE C:

O SANA em Imagens Etnográficas

SANA – Produtos a venda (Centro de Convenções de Fortaleza)



Fonte: arquivo pessoal

Acessórios de Roqueiros e Punks a venda no SANA



Fonte: arquivo pessoal

Acessórios de otakus a venda no SANA



Fonte: arquivo pessoal

Casal de Jovens Cosplay (SANA)



Fonte: arquivo pessoal

Boneca anime exposta a venda (SANA)



Fonte: arquivo pessoal

Performance de garota cosplay (SANA)



Fonte: arquivo pessoal

Jovens garotas no SANA



Fonte: arquivo pessoal

Performance de grupo de Cosplay (SANA)



Fonte: arquivo pessoal

Grupo de Cosplay pousando para fotos (SANA)



Fonte: arquivo pessoal

Jovens em campeonato de dança de rua (SANA)



Fonte: arquivo pessoal

Grupo garotos expando placa



Fonte: arquivo pessoal

Grupo de Jovens dançarinos de *Free Step* (SANA)



Fonte: arquivo pessoal

Jovem no SANA



Fonte: arquivo pessoal

Gravura em exposição de revista em quadrinhos (SANA)



Fonte: arquivo pessoal